DESTRUIR O QUE APRISIONA VOCÊ
NÃO SIGNIFICA ESTAR LIVRE



LIVRO IV DA SÉRIE A PRISIONEIRA DOURADA

RAVEN KENNEDY

astral cultural


GLOW

GLOW

RAVEN KENNEDY

TRADUÇÃO DÉBORA ISIDORO

astral
cultural

Copyright © 2022 Raven Kennedy
Título original: Glow
Esta edição foi publicada de acordo com The Foreign Office Agèncie Literària, S.L e The Walen Agency, Ltd.
Tradução para Língua Portuguesa © 2025 Débora Isidoro. Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora Natália Ortega
Editora de arte Tâmizi Ribeiro
Coordenação Editorial Brendha Rodrigues
Produção editorial Manu Lima e Thais Taldivo
Preparação de texto Letícia Nakamura
Revisão Alexandre Magalhães e Carlos César da Silva
Capa A.T. Cover Designs
Adaptação de capa Tâmizi Ribeiro
Foto autora Arquivo Pessoal
Livro digital Lucas Camargo

Conteúdo sensível: Este livro contém linguagem adulta, violência e estupro que podem desencadear gatilhos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K43g Kennedy, Raven
Glow [recurso eletrônico] / Raven Kennedy; tradução de Débora Isidoro. –– São Paulo, SP : Astral Cultural, 2025.
1.7 mb; epub

ISBN 978-65-5566-617-5

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica 3. Literatura erótica I. Título II. Isidoro, Débora

25-0457 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

BAURU
Rua Joaquim Anacleto Bueno, 1-42
Jardim Contorno
CEP 17047-281
Telefone: (14) 3879-3877

SÃO PAULO
Rua Augusta, 101
Sala 1812, 18º andar
Consolação
CEP 01305-000
Telefone: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Para aqueles que se mantêm em pé, apesar dos tropeços.



1
Rainha Kaila

O ar vibra com os gritos.

A entrada do Castelo Ranhold é um mar de gente trazida ao pátio frontal. As pessoas vão e vêm, gritos espumantes criando ondas que serpenteiam na multidão rasa.

Atrás de mim, guardas de Ranhold tentam empurrar os súditos para fora dos portões, gritando ordens frenéticas que mal atravessam o caos. Metade das pessoas tenta voltar para dentro a fim de ver o que está acontecendo, e a outra metade foge para salvar a própria vida.

Manu e meus guardas nos levaram para fora dali, mas foi por pouco. Meu coração bate como um martelo, e a respiração está acelerada pela adrenalina que percorre minhas veias. É o tipo de vulnerabilidade que me faz sentir um animal acuado. Um animal congelado na neve, incapaz de se mover. E no entanto, o que ainda me detém, na verdade, são os sons que emanam do castelo. Derramamento. Gotejamento. Colisão de metais. Esmagamento. *Mais gritos.*

Outra explosão de berros irrompe quando ouro líquido de repente irrompe pelas portas principais. Todos recuam, corpos arfantes capturados pela onda de pânico, empurrando a massa atrás deles na tentativa de se afastar mais.

Manu e Keon estão na minha frente, fitando o Castelo Ranhold, e os dois me empurram para trás em uma atitude de proteção, ao passo que outros guardas nos cercam. Nem todos os meus guardas conseguiram sair, mas ainda não quis olhar em volta para ver quantos perdi.

O ouro transborda pela porta e ondula nas paredes, desce pelos degraus frontais. Tal qual mãos estendidas, quase agarra um homem, mas ele é arrancado do caminho no último segundo por alguns guardas.

O metal líquido despenca da tentativa frustrada como uma criança petulante se debatendo no chão em um ataque de birra, espalhando respingos por todos os lados. Faixas douradas riscam os degraus cobertos de neve, manchando a pedra. Mais ouro pinga como sangue dos parapeitos das janelas, deixando nódoas nas vidraças e surgindo por entre os batentes.

Somos cercados pelas muralhas externas iluminadas por tochas, e embora elas devessem nos fazer sentir protegidos, só servem para manter todo mundo preso aqui, todos juntos. Estou prestes a sugerir ao meu irmão que é melhor sairmos, caso o ouro continue a escorrer e acabemos presos no meio da multidão, quando outro estrondo no interior do castelo me interrompe.

Olho aflita para meu irmão e para Keon, imaginando o que mais foi destruído lá dentro, quem mais foi morto. Mas então, como se aquele barulho fosse um sinal para o fim, o ouro que envolve as paredes da frente simplesmente para de brilhar, para de ondular.

Ele enrijece onde está e o castelo fica quieto de repente.

O grito da multidão também é silenciado, todos esperam quase sem respirar para ver se realmente acabou. Não sei por quanto tempo ficamos todos ali, olhando e ouvindo, mas as manchas de ouro ao longo da pedra cinza e congelada não se movem mais, e, apesar das tochas projetando a luz do fogo, tudo parece mais escuro. Mais frio.

O movimento e os sons podem ter cessado, mas ganham vida dentro de mim. Meu corpo começa a tremer, a mente é um turbilhão de pensamentos barulhentos girando sem parar.

Em nome do Divino, o que acabou de acontecer?

Meus sapatos encharcam enquanto fico ali parada na neve, a pele arrepia com o ar gelado da noite. Não estou vestida para ficar ao ar livre. Devia estar no salão de baile. Devia estar celebrando o anúncio do meu noivado e fazendo planos de ampliar meu controle para o Sexto Reino.

No mínimo, devia estar mais agasalhada.

Quando olho para baixo, vejo manchas douradas no vestido azul, um emaranhado de respingos cintilantes. Não me atrevo a tocar as manchas. Não depois do que vi naquele salão de baile.

— Aquilo parou? — pergunto.

A pergunta é simples demais para o que aconteceu ali. *Se aquilo* parou... O ouro frenético que se rebelou com um motivo furioso. Já sei que isso vai ficar gravado nas lembranças desta noite por muito tempo, que vou rever esses momentos muitas e muitas vezes.

Não vou conseguir apagar o jeito como o ouro se moveu com precisão violenta. Como escorreu pelas paredes. Como empoçou no chão. Como respingou, espirrou e *consumiu*.

— Parou? — pergunto de novo, e minha voz é mais aguda do que jamais a ouvi antes.

Nunca estive tão perto do perigo de morte, e meu corpo sabe disso. E é por isso que meu coração está disparado, por isso ouço o eco dos batimentos dentro dos ouvidos.

Por isso não consigo parar de tremer.

— Acho que sim — Manu responde, finalmente, ao se virar.

O marido dele ainda observa o castelo, como se não confiasse o suficiente para desviar os olhos dali. Como se esperasse a violência do metal líquido voltar à vida.

— Maldito Divino — ele murmura.

Talvez a blasfêmia sussurrada tenha encerrado a paralisia da multidão encurralada, porque uma onda de vozes começa a percorrer o pátio. Automaticamente, meu poder se projeta, traz as palavras para mim. Minha magia avança, captura o que eles dizem e forma frases em minha cabeça.

— *O que aconteceu?*

— *Isso é o toque de ouro do Rei Midas.*

— *Onde está o Rei Midas? E o Rei da Podridão?*

— *Nosso príncipe está morto.*

— *Midas fez isso de propósito?*

— *Mas o que* aconteceu*?*

As palavras fluem das bocas para os meus ouvidos, onde se reúnem como fios em uma teia que eu elaboro. Mas logo nem preciso mais do meu poder para ouvi-los, porque a multidão começa a gritar, exigindo respostas em berros frenéticos que todos podem escutar.

— Merda — Manu sussurra, e olha para mim. — Talvez devamos...

Alguém grita de repente:

— Eu sei o que aconteceu!

Todos os olhos se voltam para a mulher, que se dirige à frente do grupo. Ela aponta um dedo trêmulo para as portas, para o ouro que sangra de dentro delas como de uma ferida aberta.

— Isso não foi coisa do Rei Midas! — ela dispara. Uma longa cortina de cabelo escuro cobre suas costas, o vestido parece ter derretido parcialmente. — Foi o seu bichinho de estimação tocado de ouro! Ela roubou a magia do rei!

— Quem é essa? — Manu pergunta, em voz baixa.

Um homem se aproxima dela, empurrando as pessoas.

— O que está dizendo, mulher?

Ela endireita as costas e encara, orgulhosa, a multidão.

— Sou uma das montarias reais do Rei Midas, e posso dizer agora mesmo que tudo isso é culpa de Auren. Ela fez isso! A puta dourada roubou a magia do rei quando ele a tocou de ouro, e descobriu que pode usá-la em proveito próprio. Ela mentiu para o rei, e agora o atacou. Vi com meus próprios olhos quando estava fugindo!

O choque é como um remo cortando uma onda.

— Que porra é essa? — Manu murmura ao olhar para mim.

Quando a mulher leva uma das mãos ao ventre, deduzo quem ela é.

Mist. A montaria que Midas engravidou.

Quando absorvo as palavras da mulher, balanço a cabeça com incredulidade, mas *deve* ser verdade, porque o que vi naquela sala... foi como se o ouro não estivesse sob o controle de Midas, como se outra pessoa estivesse...

Como não descobri esse segredo antes?

— Olhem! — alguém grita. — Timberwings! Alguém está voando em timberwings!

— É ela! A assassina dourada!

Olho para a mulher que falou, e depois para a direção à qual ela aponta. Só tenho uma fração de segundo antes de a imagem ser engolida pela escuridão da noite, um lampejo de penas e garras desaparecendo nas nuvens.

Aquele era o Rei da Podridão com Lady Auren?

— Eu falei! — Mist grita. — Ela é uma enganadora. Uma traidora. Seduziu Midas e roubou seu poder, e agora vai fazer a mesma coisa com o Rei da Podridão!

Um mar de vozes se levanta, e em poucos momentos a comoção é carregada por uma torrente forte demais para ser contida.

Como, em nome do Divino, pude deixar passar uma coisa dessas? Como não descobri?

— Você está tremendo — meu irmão diz, e me arranca da enxurrada de pensamentos. Ele olha por cima do meu ombro. — Sua rainha está com frio. Encontre algo com que ela possa se agasalhar.

Ouço passos atrás de mim e, pouco depois, o peso de um manto envolve meus ombros.

— Aqui está, Rainha Kaila.

Seguro as laterais do manto e o fecho sobre o peito, mas não consigo banir o frio que já penetrou meus ossos. Para sentir algum calor de novo, preciso voltar ao Terceiro e andar pela praia ao meio-dia, depois de ter ficado presa aqui por tanto tempo.

Mas ainda não posso ir para casa. Não quando tudo pelo qual tanto trabalhei escorre por entre meus dedos. Sinto os olhos da multidão em mim, esperando para ver minha próxima ação.

— Manu, mande alguém confirmar se era Ravinger voando com Lady Auren.

Meu irmão assente ante a ordem e desaparece do meu campo de visão, mas escuto quando ele transmite a ordem para outra pessoa. Observo o pátio frontal e noto que só os guardas de Ranhold estão reunidos lá fora. Não tem um só guarda de Midas, nenhum. Não há nenhuma armadura dourada à vista.

— Keon — chamo, e ele se aproxima de mim no mesmo instante. — Envie alguns guardas do Ranhold para dentro quero que confirmem se o perigo acabou. Mande-os encontrar Midas e verificar se precisa de ajuda.

Ele se afasta assentindo com a cabeça e aponta para dois guardas do Quinto brilhando na neve, resultado da luz sobre a armadura prateada. Os dois chutam desconfiados uma poça que está se solidificando.

Continuo a mirar o castelo, e o vento sopra mais forte. A chuva de granizo começa a cair, como se tudo já não fosse horrível o suficiente.

Três guardas do Ranhold se dirigem até a porta quebrada com expressões contrariadas. O primeiro estende as mãos para os outros, e então se ajoelha junto da primeira poça de ouro derramado sobre os degraus.

Toca o ouro com um dedo e, quando a substância não se move, ele se levanta e assente para os outros. Juntos, caminham para a porta com passos barulhentos sobre o ouro endurecido e desaparecem lá dentro.

Esperamos.

A multidão que continua reunida no pátio ficou quieta. Como se a ansiedade da espera fechasse a garganta de todos.

Apesar dos meus pensamentos conflitantes, caminho para a frente do castelo e paro, em busca de encarar o povo, adotando uma atitude calma, mas forte. O príncipe desta gente está morto, Podridão fugiu e Midas não está aqui, então é a mim que eles têm de ouvir, e é importante que eu cultive essa atenção. No momento, preciso ser vista.

— Não temam — anuncio. — O perigo passou, e vou descobrir se o que foi dito é verdade.

O povo murmura, e meu poder captura os sussurros de alívio, admiração e respeito por mim.

— Muito bem, irmã — Manu comenta, em voz baixa.

Quando um dos guardas reaparece, aceno com a cabeça para Keon a fim de ouvir seu relatório. Meu cunhado se aproxima com uma expressão estoica antes de dispensar o homem, mas meus olhos analisam a multidão, enquanto a magia continua a colher seus comentários.

Interrompo a onda de palavras quando Keon para ao meu lado.

— Então? — Manu pergunta, nervoso.

— Todo o ouro parece ter parado de se mover e se solidificou — ele declara em voz baixa.

— E Midas? — questiono.

Ele me encara.

— Foi considerado morto.

Sufoco uma exclamação de choque. Ela fica presa na garganta, enquanto as palavras circulam minha cabeça, envolvendo o crânio em fios paralisantes.

Morto.

Comprimo os lábios e olho para o castelo. Todo o meu esforço... todo esse tempo que passei planejando, e agora isso.

O Rei Midas não serve de *nada* para mim se estiver morto.

Vim até aqui para negociar acordos, exercer minha vontade através de um príncipe impressionável e um rei rico. As coisas mudaram, mas por um bem maior. Eu tinha um *plano*. Seria a primeira monarca na História a unir dois reinos pelo casamento, já com a mão no terceiro.

Porque poder é tudo e, embora eu não tenha um poder mágico físico, como o toque de ouro ou a podridão, tenho palavras, e uma rainha pode fazer muita coisa com uma rede repleta de segredos alheios.

Tenho trabalhado de maneira incansável desde que ascendi ao trono para garantir que meu povo me veja como uma ameaça tão poderosa quanto qualquer outro monarca. Isso teria se cristalizado ainda mais com essas alianças. Agora, tudo está desmoronando.

Tudo por causa de Lady Auren. *Lady*. Como se uma montaria de estimação tivesse direito a um título.

Raiva e medo se unem em minha cabeça, mas não demonstro. Não diante de tantos olhares. Como uma mulher no poder, não posso permitir que as pessoas vejam minhas reações emocionais verdadeiras, porque seriam usadas contra mim.

— Quero ver.

Antes que um deles me impeça, vou até o castelo, sentindo os dedos dos pés congelarem quando mais neve encharca meus sapatos de seda.

— Irmã — Manu me chama, mas não me detenho. Ouço passos apressados quando ele e Keon me alcançam pouco antes da escada.

— Deixe-me entrar primeiro, pelo menos — Keon insiste, e se adianta apressado a fim de andar na minha frente.

— Tenha cuidado — Manu o previne.

Com um breve aceno de cabeça, Keon sobe a escada, e eu o sigo de perto.

— Kaila — Manu insiste ao meu lado. — A estabilidade deste momento não significa que vai permanecer assim. Não sabemos quanto isso é volátil.

— Solidificou-se — respondo, pisando sobre o ouro escorregadio pouco antes de chegarmos ao último degrau. As portas estão penduradas nas dobradiças como dentes moles e tortos.

— Antes *também* era sólido — ele argumenta. — E veja o que aconteceu.

— Ver o que aconteceu é exatamente o que pretendo fazer.

Ouço o suspiro dele quando ultrapasso a porta, mas meus movimentos assumem certa lentidão assim que entro. As chamas das tochas nas paredes tremulam, erráticas, como se também estivessem assustadas, ainda se recuperando do ataque.

O saguão ecoa nossos passos quando Manu e eu seguimos Keon até o salão de baile. Nós três paramos quando atravessamos a soleira.

Olho chocada para a escuridão que dominou o ambiente. Para a escuridão e para o ouro que brilha em um aviso sombrio. Antes, chamas dos lustres e das arandelas nas paredes iluminavam todo o espaço, uma luz quase tão intensa quanto a do dia. Mas agora tudo é envolto por sombras. A única iluminação

vem das caldeiras de ferro ainda acesas nos cantos, uma presença que só é visível no momento porque o salão está vazio. Nem parece o mesmo aposento. É como se todo o espaço fosse feito de cera, e alguém tivesse aproximado dali uma vela acesa.

As paredes parecem meio derretidas, com o ouro escorrido e congelado. O teto também tem pingentes que lembram estalactites, pontas voltadas para baixo com um propósito afiado. Os pilares dourados foram despidos de seu revestimento, cada enfeite dourado derreteu.

O chão é uma confusão de ondas, empelotado em alguns trechos, elevado com forças imóveis que me fazem pensar em recuar. Vejo a mão visível e erguida, congelada no lugar. O relevo dourado de um corpo encolhido ao lado da plataforma alta. Um aceno congelado capturado embaixo do mezanino, como se o balcão derretido tivesse desabado no chão, no qual consigo ver uma perna saliente.

— Deuses.

A declaração sussurrada de Manu me impele de volta ao movimento. Caminho até o outro lado do salão de baile, analiso tudo com cautela, passando de um ponto dourado a outro. Mas, à medida que continuo avançando, um gemido horrível vem das paredes. Do chão. Do teto. É como uma casa velha se acomodando com estalos e rangidos, mas muito pior. Isto aqui é sinistro. Como se o ouro fosse um fantasma se queixando de nossa presença, ameaçando nos assombrar.

Fico imóvel no lugar, sentindo a pulsação acelerar ainda mais que antes. Ao meu lado, Manu segura meu braço.

— Kaila, é melhor sairmos daqui.

O gemido recua como um suspiro, e a sala fica em silêncio e imóvel mais uma vez.

Eu me livro do toque de meu irmão e continuo minha busca.

— Quero ver.

Keon aponta para a frente e diz:

— Ali.

Assim que olho para o que ele está mostrando, meus pés me levam diretamente à frente, até o outro lado. Até o ponto arredondado que agora marca o espaço de uma parede.

— Grande Divino...

É ele.

A coroa desapareceu de sua cabeça. Talvez tenha derretido no ouro que agora o envolve. Ele parece derretido na própria parede, como se ela tentasse sugá-lo e engoli-lo inteiro. O rosto aflito está à mostra. Olhos arregalados e dominados por choque e medo.

O Rei Midas agora não é mais que um cadáver sepultado em uma tumba de ouro.

O ouro geme outra vez, como se fizesse sua reivindicação.

— Não...

Giramos ao ouvir uma voz feminina e vemos Mist se aproximar, cambaleando e fitando Midas, horrorizada.

— Meu rei... — A montaria cai de joelhos, segurando o ventre, e a sala demolida e dourada espalha o eco de seus gritos. — Ela fez isso. Ela fez isso com ele.

— Mas *como*? — Keon murmura enquanto a vemos soluçar. — Como isso é possível?

Penso em cada interação, em tudo que me disseram. Contemplo o rosto de Midas conforme penso. Conforme ouço. Passando por fios de teias antigas que colecionei, por palavras que balançam para a frente e para trás em minha mente.

Monarcas são sigilosos sobre sua magia. É estratégico. Saber quando mostrar as cartas e quando as esconder. Em certos casos, é melhor que as pessoas o subestimem. Em outros, os monarcas exibem poder suficiente para fazer todo mundo se curvar em reverência ou recuar com medo. Às vezes as duas coisas.

Midas dourou a mesa de jantar — foi a primeira vez que vi o ato pessoalmente. Ele também tocou de ouro todo o salão de baile para a celebração desta noite.

Dois espetáculos perfeitos.

Porém, esta noite o ouro se comportou como se Midas não o controlasse. Porque não controlava.

O poder do toque de ouro era real, não havia dúvida sobre isso. E ele nunca tocou de ouro outro ser vivo que não Auren.

Devia ser por isso.

Pensei que o maior segredo dela fosse dormir com o comandante de um exército inimigo. Pensei que a favorita tocada de ouro fosse só isso — uma montaria real favorita para ele trepar.

Errei duas vezes.

Eu *detesto* errar.

Midas a tornou uma coisa para ostentar, um troféu dourado para exibir. Os homens sempre têm suas fixações, especialmente em relação às mulheres. O entusiasmo deles por suas obsessões sempre se divide entre paixão e ódio. Um movimento simples, e o mestre se volta contra a queridinha bonita.

Mas nesse caso, talvez... a queridinha tenha se voltado contra o mestre.

O medo em minha cabeça desce até o estômago. Se ela é realmente capaz de roubar poderes, e se tentasse roubar o meu? E se *conseguisse*?

Ranjo os dentes. Em vez de entrar em pânico, preciso descobrir como usar tudo isso a meu favor. Porque, se Lady Auren tentar roubar o que é meu, eu *acabo* com ela.

Deparar-me com o metal endurecido é o que solidifica meus pensamentos em turbilhão. Midas está envolto em ouro como se tivesse sido moldado nele, pronto para ser tirado de lá e lixado por um ferreiro.

Pensei que ele seria inútil para mim morto, mas talvez não. Talvez eu só tenha de usar aquilo em que ele foi forjado.

Uma arma.

— Quando Midas a tocou de ouro, parte do poder deve ter sido transferido para ela — digo, em voz baixa. — Ele não ia querer que ninguém soubesse disso.

Midas era sigiloso sobre *tudo,* mas isso? Isso é uma camada inteiramente diferente de segredos perigosos. Por isso a manteve por perto? Porque a treinou para pegar poderes alheios e usá-los em favor dele?

— Isso não é bom — Keon opina.

— Kaila — meu irmão diz. — E se não foi uma coisa inesperada? E se essa for a magia *dela*? A capacidade de se apoderar da magia dos outros, se for usada contra ela? Você...?

— Sim — respondo, com um movimento afirmativo de cabeça, invadida por uma nova onda de raiva.

— E se ela roubar o *seu* poder?

Não gosto de ouvir minha preocupação verbalizada em voz alta. Tensa, pressiono a língua contra os dentes. Meu olhar desliza do rosto para o peito de Midas, e encontro meu reflexo na superfície brilhante.

Não era assim que esta noite deveria acabar. Eu não devia estar correndo o risco de alguém tomar meu poder e usá-lo contra mim.

— Como vamos usar isso? — Manu indaga, porque, assim como eu, aprendeu como sempre transformar qualquer acontecimento em vantagem política para nós. Esta noite não é diferente.

Observo em volta, mas ainda estamos sozinhos, com exceção de Mist, que soluça com o rosto escondido entre as mãos.

— Vamos dizer a verdade às pessoas — respondo. — A favorita de Midas se voltou contra ele. E teve um caso com o Rei da Podridão para deixá-lo com ciúme. Ela ficou com ciúme do meu noivado com Midas.

— E assim todos vão saber que ela é a vilã.

Assinto.

— Toda a Orea a odiará.

— Mas e o Sexto Reino? — pergunta Manu. — Agora, é claro que não vai haver casamento.

— Mas anunciamos o noivado — respondo. — Vai ser difícil, mas se eu souber jogar, ainda posso tomar o controle.

— As pessoas por lá continuam protestando — Keon avisa. — Além do mais, essa gente *assassinou* a antiga rainha. Por que acha que aceitariam você̂, com Midas morto e sem a cerimônia de casamento?

Sorrio.

— Porque não sou a Rainha Fria. Sou a quente, carismática e bela Kaila Ioana. Vou fazer esse povo me amar como minha gente no Terceiro ama.

— Sabemos como Kaila é amada por nosso povo. Ela consegue vender essa imagem — meu irmão confirma, sem hesitar.

— Precisamos agir depressa — reforça Keon. — Assim que pudermos, vamos visitar o Sexto, realizar algum tipo de cerimônia em homenagem à vida de Midas, e você̂ se torna a noiva enlutada por quem eles terão compaixão.

Se tem uma coisa que sei fazer é conquistar o amor de um reino.

— Eu consigo.

O choro estridente e ofegante atrás de nós me faz querer ranger os dentes, e olho novamente para Mist.

Vou ter de dar um jeito nela.

Se vou tentar me apoderar do Sexto, é claro que não posso permitir que o herdeiro bastardo nasça de seu útero. Mas isso é um problema para outro dia.

— Muitas coisas vão acontecer amanhã — prossigo, em voz baixa. — Assim que os outros monarcas descobrirem que Lady Auren tem a capacidade de

roubar poderes, vão querer se envolver nessa história. Além do mais, tem a questão do Quinto.

— Na verdade, tenho uma ideia sobre isso — comenta Manu.

Não é à toa que meu irmão é meu conselheiro. Ele é brilhante, sabe como dominar uma plateia, sabe ler as pessoas e, acima de tudo, sempre será leal a mim.

— Como o foco agora precisa ser assegurar o Sexto, além de cuidar de Lady Auren, a última coisa que queremos é perder todo o trabalho que tivemos para nos consolidarmos aqui no Quinto. Proponho que seja iniciada uma busca imediata pelo parente mais próximo de Fulke, porque agora que o príncipe está morto, Ranhold precisa de um herdeiro. Vamos rastrear quem tiver poderes e fazer uma seleção entre os melhores candidatos. Depois, *nós* vamos escolher qual herdeiro fica com o trono. *Nós* vamos determinar quem fica com o poder. E em troca do nosso apoio, o novo herdeiro vai nos apoiar, e somente a nós.

Sorrio.

— Você é perfeito, irmão.

Ele retribui meu sorriso.

— E se alguém tentar se opor a nossa reivindicação do Sexto, ou desafiar nosso direito de nomear um herdeiro para o Quinto? — Keon pergunta, preocupado.

Meu sorriso se torna mais frio, mais retorcido e implacável.

— Quem levantar a voz contra mim não vai ter voz para usar depois disso.

E se Lady Auren acha que pode se apoderar do que trabalhei para conquistar, logo perceberá que não é a única que sabe roubar o que quer.

Posso não ter o toque de ouro, e posso não ter o dom de apodrecer coisa alguma, mas palavras são as armas mais poderosas de todas, e eu as usarei.



2

SLADE

Uma tempestade varre o céu enquanto seguro nos braços um corpo sem vida.

O temporal iminente se aproxima com os dentes gelados à mostra para rasgar o ar com maldade, e seu frio cortante agride meu rosto.

Estou contando os segundos mentalmente. Foram sessenta para meu timberwing chegar, atraído pelo assobio por entre os dentes. Mais quarenta para subir nas costas de Argo e para Lu me prender com o cinto enquanto eu segurava Auren nos braços.

Mais sessenta segundos até chegarmos aqui, nas garras das nuvens que se aproximam. Esta noite o tempo se voltou contra mim, e os sinais da tempestade que se aproxima congestionam o horizonte feito tufos de algodão em um ralo.

O gelo roça em minhas bochechas como unhas afiadas à medida que o timberwing voa. Seguro Auren com mais força, mantendo meu manto em torno dela, apoiando seu rosto em meu peito enquanto a aninho contra o corpo.

Ela está muito fria, muito exposta, muito *imóvel*.

Seu coração não bate, o peito não se move, a pele perdeu a cor. Tudo por minha causa. Por causa do que fiz.

Ao espiar de relance por cima do ombro, vislumbro o Castelo Ranhold lá embaixo, iluminado por tochas. A fachada agora foi coberta por uma camada de ouro sólido cuspido pela boca das portas, manchando a pedra cinza como magma dourado e insípido que ficou inerte antes de poder causar um estrago maior.

Parece que o ouro tentava abrir caminho por todo o castelo. Aspirá-lo por uma boca inclemente e devorá-lo com ira. Como uma represa que cede, isso é o que acontece quando o poder é suprimido por muito tempo e se acumula, se levanta e bate na contenção até abrir rachaduras por onde consegue finalmente *se libertar*.

Olho para a frente e seguro Auren com um pouco mais de força.

Precisei me afastar do castelo — do ouro —, mas agora a questão é *quanto devo me afastar*. Porque cada segundo de espera aumenta o risco a que ela está exposta.

É uma espada de dois gumes, e a vida de Auren está equilibrada na ponta da lâmina. Preciso levá-la para o mais longe que puder, mas não posso correr o risco de deixá-la nessa estase apodrecida por tempo demais. Sem saber qual distância seu poder pode alcançar, este é um jogo de adivinhação para determinar até onde precisamos ir.

Tudo que quero fazer é tirar a podridão dela. Seu corpo não suporta mais esgotamento. E preciso levá-la até o chão, acomodada e segura, porque, quando remover meu poder, existe uma chance de ela ainda invocar o dela, e não posso permitir que isso aconteça no ar.

Sua aura não passa de uma névoa tênue, como neblina que se desfaz sob a luz. Se eu esperar tempo demais, o poder com o qual a infestei vai causar mais dano do que sou capaz de reverter, e também não posso permitir que isso aconteça. Não posso deixar *nenhuma* dessas coisas acontecerem. Então, isso vai se prolongar até o último segundo.

Tempo e distância são meus inimigos *e* meus aliados.

Preocupado e aflito, uso os calcanhares para instigar o timberwing. Ele emite um grito, não sei se para demonstrar desprazer ou dar um sinal ao restante do rebanho. Sei que os outros estão atrás de nós.

— Mais depressa, Argo — incentivo a fera alada, apesar de ter a voz levada pelo vento como bugigangas roubadas por mãos ágeis.

O vento nos castiga, mas Argo avança com uma explosão de energia, e solto um pouco as rédeas para deixá-lo seguir em frente, enquanto suas asas gigantescas se abrem e cortam o céu da noite, iluminado apenas por uma lua encoberta. Sou jogado para trás, e não fosse a tira de couro da sela atrelada ao meu cinto bem preso, provavelmente teria caído.

Não teria sido a primeira vez.

Mas agora não estou voando por prazer ou em uma missão de desbravamento. Isto aqui é vida ou morte. A vida *dela*.

Voamos para longe de Ranhold o mais depressa possível, e os céus do Quinto Reino parecem nos punir por isso. Talvez os falecidos Rei Fulke e Príncipe Niven queiram alguém para culpar por sua morte.

Parte do cabelo de Auren escapa de baixo do capuz do meu manto, mechas douradas que chicoteiam ao vento. Com uma das mãos, fecho mais o manto em torno dela, em busca de impedir que o frio a alcance, mesmo sabendo que ela não pode senti-lo.

Mais trinta segundos se passaram.

O medo cresce dentro de mim como os tijolos pesados de uma muralha intransponível. Tenho a sensação de estar contando os pedaços da alma de Auren que se desprendem pouco a pouco.

Vi o que acontece quando espero demais para reverter a podridão, e sei a extensão do dano que isso pode causar. Sei o perigo a que a exponho.

A culpa me dilacera pelo que fiz, pela magia que a faz refém, mas a determinação de mantê-la segura se fortalece. Olho para trás mais uma vez, porém Ranhold agora está fora do alcance da visão; o reino foi completamente escondido pelas nuvens.

De soslaio, vislumbro uma sombra escura atravessar as nuvens, e não me surpreendo quando um timberwing se aproxima com seu cavaleiro. O tamanho da fera faz até Osrik parecer pequeno. Ele me observa sem se pronunciar, segurando as rédeas com firmeza, e eu aceno com a cabeça.

Espero ter me afastado o suficiente, porque não me atrevo a esperar nem mais um segundo. Puxando as rédeas, faço Argo descer. Meu timberwing dá um grito, e cubro Auren com meu corpo, me preparando para a descida.

Quando nota meu retorno ao chão, Osrik assobia e nos segue. Ouço ao longe mais timberwings respondendo ao chamado.

Para onde eu vou, minha Cólera me segue.

Meus olhos ardem ante a força do vento que me ataca quando continuamos a descer, atravessando nuvens pesadas e carregadas com a tempestade que vai cair.

As linhas de poder em minha mandíbula se retorcem e estalam quando monitoro o elo da minha magia, agora girando dentro de Auren. Podridão. Corrosão. *Morte*. Coisas que não deveriam estar nem perto dela, mas *eu* coloquei essas coisas ali.

Odeio essa merda.

Travo os joelhos quando inclino o corpo para a frente e sou sustentado pelo cinto que me prende ao timberwing.

— Vai... — murmuro.

Talvez Argo sinta meu pânico, porque consegue mergulhar ainda mais depressa. As lágrimas congelam no canto dos meus olhos, e o coração bate tão forte no meu peito que compete com o barulho do vento.

— Quase lá — falo contra o cabelo dela. — Aguente só mais alguns segundos.

Enfim atravessamos as últimas nuvens e a névoa, e somos recebidos pelo solo congelado lá embaixo, cobrindo o mundo como um lençol cinza. Quando parece que vamos nos espatifar, Argo levanta a cabeça no último instante e voa em círculo junto ao timberwing de Osrik, antes de os dois pousarem sobre os pés de garras, levantando um jato de neve que lembra uma onda do mar quebrando no casco de um navio.

Meus dedos congelados já estão soltando o cinto que me prende ao timberwing. Escorrego de cima dele e absorvo o impacto do salto com os joelhos para não sacudir muito Auren. Antes que eu consiga dar um passo à frente, meu amigo Os está lá, tirando o manto e o estendendo no chão, enquanto mais timberwings aterrissam como espectadores sombrios.

— Fiquem afastados — falo por cima do ombro.

Deito Auren sobre o manto, vendo linhas pálidas de podridão distendendo as veias de seu pescoço. O cabelo se espalha, brilhando até mesmo na escuridão. Ela parece muito pequena sob o meu manto, sem vida.

Eu me ajoelho sobre Auren, fecho os olhos e me concentro no mesmo instante. Minha magia está lá, apegada à sua silhueta como um veneno. Decomposição que não é natural corre por suas veias e murcha o coração em seu peito. Sobe pela garganta deteriorada, fechada pelos lábios imóveis.

Sinto a tensão em mim. Por instinto, quero arrancar a magia dela o mais depressa possível, mas descobri que removê-la rápido demais é como puxar a lâmina de uma ferida. Não quero causar mais estrago do que já provoquei.

Com cuidado, chamo o poder de volta centímetro a centímetro a fim de não chocar seu organismo. Atrás de mim, ouço as palavras murmuradas pelo restante de minha Cólera, passos incertos na neve, timberwings farejando uns aos outros, e trovões das nuvens que acabamos de deixar para trás assinalando a chegada de uma frente fria.

Empurro tudo isso para longe e mantenho a consciência na magia que percorre o corpo de Auren. Como as raízes de uma erva daninha, eu a arranco com toda a gentileza de que sou capaz. Dedos cavam o solo, removendo a estase apodrecida que enterrei nela, deixando seu corpo se adaptar à mudança. Sou meticuloso, tiro cada torrão de trechos corrompidos como argila seca, removendo cada pedaço rachado.

Apesar do ar gelado, gotas de suor brotam em minha testa. Meus dentes se chocam quando trago o poder de volta para mim, de volta aos recessos esculpidos em minhas veias para que fervam em meus próprios detritos. Tiro tudo dela, até restar apenas um fragmento. Uma semente permanece enterrada no centro de seu peito.

Todavia, quando a invoco, quando tento desenterrá-la das profundezas, encontro resistência. Em vez de recuar, tal qual o restante, o fragmento se refugia nos próprios espinhos como se tentasse ficar.

Como se tentasse *mantê-la* em suas garras.

Franzo a testa e minhas mãos tremem, ao passo que as raízes podres em minha pele se esticam por todo o comprimento dos braços. Deslizam além da palma das mãos e se contorcem sob os dedos, linhas escuras que me esfolam de dentro para fora, ameaçando perfurar a pele.

Uma guerra de confusão e medo contrai minha mandíbula.

Nunca minha podridão foi tão relutante. Nunca insistiu tanto em *ficar*. Não tenho essa dificuldade de controle há anos, desde que era menino. Tive de aprender muito cedo como lidar com a magia malcheirosa antes que ela destruísse tudo, inclusive a mim mesmo.

Então, que porra está acontecendo?

Examino o restante de Auren de um jeito frenético, mas não tem qualquer outro sinal nela, nenhuma outra parte alterada. O restante da podridão desapareceu, deixando-a como antes, então por que essa última parte não sai?

— Solte. — Minha língua pesa com o gosto de toxinas irredutíveis. — Saia de dentro dela.

A podridão se contorce em resposta, como espinhos se enroscando em seu peito, como se quisesse enraizar dentro dela. O pânico me corta como a lâmina mais afiada.

— *Saia de dentro dela, porra!*

Magia e poder emanam de mim, mais fortes que a torrente de tempestade tentando se desprender do céu. Com um estalo que rasga o ar e me faz bater os

dentes, puxo com toda a força.

A intensidade desse puxão violento me joga para trás, enquanto a coluna de Auren arqueia do chão como uma onda.

— Degola!

Fico deitado, aturdido e sem ar, mirando o contorno das nuvens no céu da noite sobre mim. Lu cai de joelhos ao meu lado, provocando um jato de neve, e seus olhos transbordam preocupação.

— Você está bem?

— Que porra acabou de acontecer? — Osrik pergunta.

Ouço Judd assobiar:

— Sua podridão.

Olho para baixo, vejo as veias das minhas mãos se contorcendo e chicoteando furiosamente. Sinto todos os olhares se dirigirem para minha nuca e meu rosto, mas eles não precisam dizer nada, porque posso *sentir* a podridão sob a pele. Em todos os lugares. Como se não tivesse usado meu poder há meses, como se ele tivesse acumulado dentro de mim e alcançado uma magnitude instável.

Mas não importa, porque acabei de arrancar a última raiz de podridão de dentro de Auren, então tudo vai ficar bem.

Lu tenta me ajudar a sentar, mas empurro suas mãos nervosas para longe, e um gemido de dor brota do meu peito. Eu me debruço sobre Auren outra vez, mas assim que vejo seu rosto entendo que continua desacordada.

E imóvel.

Meu pânico aumenta.

Podridão se projeta para o chão, penetra as profundezas da terra com a mesma rapidez e a mesma violência com que meu estômago se contrai.

O que foi que eu fiz?

Dedos cavam a neve, apodrecem a terra embaixo dela e corrompem o chão com linhas pútridas. Não sinto que isso se espalha apenas pela neve — sinto que envolve meu coração e o aperta, esfarela, atrofia dentro do meu peito.

Fecho os olhos, e minhas raízes se projetam contra a pele no pescoço. Envolvem as veias como serpentes furiosas, comprimindo e mordendo, me fazendo doer em todos os lugares, mas não importa.

Porque a matei. Eu a *matei*, porra...

De repente, seus lábios se abrem. O movimento me faz abrir os olhos justamente quando um suspiro trêmulo escapa de sua boca. Uma névoa preta

flutua por entre os lábios e sai; o ar envenenado evapora entre nós.

O alívio faz minhas têmporas latejarem.

— Auren?

Mas ela não abre os olhos, e o medo invade meu peito outra vez.

Fecho os olhos para me concentrar novamente em seu interior, e meu rosto empalidece de imediato. Porque aquele pedaço — aquele fragmento de podridão que eu devia ter simplesmente arrancado dela quando caí — ainda está lá.

Ainda. Está. Lá.

Atordoado, tento agarrá-lo mentalmente e puxar. Tento várias vezes, mas a raiz não se mexe. Não sai.

Auren respira e exala mais névoa escura.

Meu coração bate como punhos esmurrando as costelas, pronto para brigar. E, mesmo assim, por mais que invoque meu poder, aquele pedaço em seu peito não sai. Está impregnado, como mancha de tinta em tecido dourado. Não consigo removê-lo.

Mas o peito dela se move, sobe e desce. Seu coração voltou a bater. Está *viva*.

Não consigo tirar aquele último fragmento de podridão, mas ela está viva, e é isso que importa.

— Acorde, Auren.

Segundos passam. Cinco, dez, vinte. Conto todos eles.

— Ela está bem?

Minhas costas ficam tensas quando ouço a pergunta direta de Digby, cuja voz é refém de ferimentos e desuso. Não respondo, e não sei se alguém tenta responder. Continuo a observá-la. Torço para que abra os olhos.

— Vamos, Pintassilgo... — murmuro, sentindo a urgência como uma forca apertando minha garganta.

Ouço o som de passos arrastados. Digby se aproxima e se ajoelha ao meu lado.

— Ela está bem? — pergunta de novo.

Quando ainda não respondo, ele agarra a frente da minha camisa e me puxa com uma força surpreendente, se considerarmos seu estado, me obrigando a encará-lo.

— O que você fez? — Digby rosna por entre os lábios inchados e rachados, cobertos de sangue e gelo.

Osrik chega em um instante, levanta Digby e o afasta de mim.

— *O que você fez?* — O grito dele é estrangulado, carregado de acusação, mas se mistura à voz do meu terror. As duas vozes trocam palavras duras, mas o medo pulsa em meus ouvidos, por isso não escuto o que dizem.

O que foi que eu fiz?

O pânico e o medo que me dominam desde o momento em que usei meu poder nela e aparecem na forma de um violento tremor nas mãos.

— Por que ela não acorda? — Lu indaga ao meu lado, mas não sei. Eu não *sei*, porra, então não posso falar nada.

Seguro seu rosto frio entre as mãos e sinto a dor pulsar nos meus dedos. É como se meu poder ainda quisesse rasgar a pele e voltar para ela.

Sua aura é opaca. Apenas fiapos finos de um dourado medonho flutuando em torno de sua silhueta. Devia estar brilhando forte, apesar de ser noite, mas não tem a explosão de força e vida que normalmente emanam dela.

Esperei demais.

Devia tê-la apodrecido antes que ela quase se esgotasse. Devia ter aterrissado mais depressa, arrancado minha magia dela mais cedo.

— Não faça isso — sussurro. Para ela e para os deuses.

Agora não. Não depois de tudo. Não quando enfim a tenho.

— Eu preciso que você acorde— ordeno, mas na verdade é uma súplica tirada do fundo da minha alma. E se ela *nunca* acordar? E se aquele fragmento teimoso de podridão germinou dentro dela e não vai mais sair?

Só usei minha magia nela para impedir que Auren se esgotasse até a morte. Mas o que fiz foi muito pior. Piorei a situação, e agora meu poder me ataca como mil serpentes prontas para morder, e ela foi contaminada por minha magia.

Abaixo a cabeça, encosto a testa na dela e continuo segurando seu rosto frio entre as mãos.

— Não faça isso — suplico, de olhos fechados. — Você é mais forte que isso, Pintassilgo. Você é. Acorde. *Levante.*

Nada.

— Porra! — Ergo a cabeça e dou um soco na neve ao meu lado, abrindo a lateral da mão no gelo duro e afiado. — *Porra, porra, porra!*

Escuto Digby lutando contra os outros com toda a força, me xingando, cuspindo ameaças e palavrões às minhas costas como se fossem chicotes. Castigando-me com a constatação...

— Eu fiz isso. — Três palavras recortadas da culpa mais aguda.

Lu comprime os lábios ante a minha declaração.

— Então *desfaça*.

— Eu tentei! — grito, e levo a mão à cabeça em um gesto de frustração. — *Estou* tentando.

Não consigo pensar direito. A pulsação lateja nas têmporas, o chão treme sob meus pés, alguma coisa ruge nos meus ouvidos. A magia uiva dentro de mim, sangrando até as íris e me fazendo enxergar linhas que não estão ali. Agora estou vertendo podridão, demais, muito depressa, e ela se derrete no chão, enfraquece a terra, contamina sua superfície.

Ouço gritos, ou talvez seja o vento, ou poder estalando em meus ossos.

— Degola, seu poder...

Todo o meu corpo treme, cada centímetro de pele é cutucado e distendido, querendo se projetar, e a podridão começa a inundar o chão, se ampliando, sibilando, querendo se espalhar e *explodir*...

BAM!

Sou jogado para trás com a força do soco em meu rosto, e caio deitado na neve pela segunda vez em um minuto, novamente aturdido.

— Controle-se! — meu irmão ordena, cheio de raiva, se ajoelhando para me levantar de onde caí com a força do golpe. Eu o encaro, furioso. — Está derramando podridão em tudo. Recolha isso *agora*. Você não pode se dar ao luxo de perder o controle.

Confuso, volto ao presente com o impacto das palavras de Ryatt. Um olhar me mostra que a neve aos nossos pés está marrom e doente, cortada por fios venenosos que começam a espalhar suas toxinas. O efeito se amplia em um círculo perfeito, arruinando o solo e sugando a umidade da neve, agora uma espécie de massa farelenta.

Respiro fundo e fecho as mãos.

Consigo trazer o poder de volta antes que se espalhe ainda mais, e o recolho, recolho e *recolho*...

— Conseguiu? — Ryatt pergunta.

— Consegui — rosno para ele.

— Ótimo. — Meu irmão me solta, e quero devolver a porrada na cara dele e, na mesma medida, agradecer por ter me arrancado do domínio desse poder.

Viro e me deparo com Digby e toda a minha Cólera reunidos em torno de Auren. Judd me observa, desconfiado.

— Ela está respirando, é um bom sinal — declara, como se isso pudesse me acalmar.

— Mas não acorda.

— Tirou tudo dela? — Lu questiona, movendo as mãos em torno dos braços de Auren sem tocá-la, por precaução.

— Tem alguma coisa errada. Não consegui tirar o último pedaço.

Lu arregala os olhos, e ouço o choque em sua inspiração brusca.

— Talvez eu tenha esperado tempo demais.

— O que isso significa? — pergunta Digby.

Balanço a cabeça em uma negativa, sem disfarçar a confusão.

— Bom, precisamos de um plano — Lu decide, colocando-se de pé e limpando a poeira de neve das roupas antes de fitar o céu. — A tempestade se aproxima, e ela vem depressa. O que você quer fazer?

Giro os ombros para trás, subjugando a pressão tirana da magia enquanto abro e fecho as mãos, forçando as raízes a interromperem as contorções incessantes. Assim que as controlo, passo por todo mundo e, com cuidado, pego Auren nos braços e a aninho contra o peito, odiando ainda senti-la assim, tão sem vida.

Começo a me afastar, mas Digby aparece na minha frente com uma expressão assassina.

— Falei para você *resolver o problema dela.*

— Ela só precisa descansar — respondo, mas até eu escuto a insegurança em minha voz. — Preciso tirá-la daqui e levá-la para um abrigo.

Percebo o ódio indomável no rosto dele, mas antes que Digby possa dizer mais alguma coisa, olho para Osrik.

— Vocês todos, voem de volta para o exército. Quero nossos soldados retirados de Ranhold hoje à noite. Não confio na Rainha Kaila. Levem os homens de volta para o Quarto o mais depressa que puderem marchar. — Comprimo os lábios, desenhando uma linha contrariada. — Vamos precisar deles.

Osrik assente, mas Judd pergunta:

— E você?

Contemplo o céu.

— Vou voar antes que a tempestade nos alcance e levar Auren para algum lugar seguro.

— Não pode ir sozinho — Lu argumenta. — E não pode voar até o Quarto com ela inconsciente. É muito longe. E se ela acordar e dourar você até a morte?

Argo recolhe as asas marrons e se ajoelha quando me aproximo dele, cravando as garras na neve.

— Não vou para o Quarto — respondo por cima do ombro.

— Para onde vai levá-la, então? — Digby me interroga.

Mas é Ryatt quem responde, enquanto seguro o cinto preso à sela e me puxo com Auren no colo para cima de Argo. Retribuo o olhar furioso do meu irmão assim que ele responde por mim.

— Ele vai levá-la para Poçomorto.



3

SLADE

Aos 8 anos

—Slade!

Meu nome é gritado mais alto que o canto dos pássaros, assustando alguns a ponto de alçarem voo.

Eu me viro e observo a mansão por entre os galhos da árvore, e quando afasto um deles, uma das flores embaixo da minha mão sopra uma nuvem azul. Lá na frente, o edifício de pedra preta exibe linhas brancas deixadas por todas as chuvas, e o telhado é reto, exceto pelas chaminés quadradas que se projetam como pilhas de blocos.

Meus olhos descem para a encosta de grama. Ela sobe por ali, caminhando em minha direção. Suspiro e solto o galho, tomando mais cuidado desta vez para não ser atingido no rosto com outro sopro das flores da árvore. São perfumadas, pelo menos, mas fazem uma sujeira terrível.

Contemplo o passarinho pousado em meu dedo. É apenas um filhote, com tufos de penugem cobrindo seu corpo magro, mas os olhos estão abertos e ele pia baixinho.

— Está tudo bem. Você vai ter penas de verdade em breve — garanto-lhe. Em questão de semanas, terá um monte delas para exibir, cada uma fina como um alfinete, as pontas tão afiadas quanto um também. — Então vai poder voar com os outros.

Meu nome é gritado de novo, e devolvo delicadamente a ave ao ninho, antes de passar uma perna por cima do galho e descer da árvore.

Quando meus pés descalços tocam a grama, olho para minha mãe parada bem ali, com as mãos na cintura. Seu cabelo preto está preso em uma longa trança frouxa, e suas roupas são vermelhas como as minhas, mas ela está de vestido.

— O que estava fazendo em cima dessa árvore?

Dou de ombros.

— Nada.

— Aham — ela diz, e limpa um pouco do pó azul que pousou no meu ombro. — Imagino que não subiu lá para brincar com os pássaros de novo.

Olho para ela, sério.

— Eu não estava brincando. Isso é coisa de bebê. Eu estava monitorando.

Os lábios de minha mãe se esticam.

— É claro — ela concorda, e baixa os olhos verdes. — E seus sapatos?

Dou de ombros mais uma vez.

— É mais difícil subir com eles. Não os calcei porque não queria cair.

Ela balança a cabeça, mas toda a seriedade desaparece de sua expressão quando se ajoelha na minha frente.

— Bem, é claro que não vou querer que caia. E como estão os pássaros hoje?

— Estão bem — garanto, animado de novo, agora que sei que não está brava. — Tem um filhotinho, mas acho que a mãe já foi embora, e vou ajudá-lo a aprender a voar.

Linhas finas surgem em volta dos olhos verdes de minha mãe quando ela sorri.

— Se alguém pode fazer isso, esse alguém é você. Sempre teve jeito com eles.

Ela levanta a mão e ajeita meu cabelo, mas afasto a cabeça e desfaço o que ela fez.

— Já me penteei mais cedo.

Ela ri e arruma meu colarinho virado.

— Venha, está na hora de comer.

Quando ela tenta segurar minha mão, eu a afasto.

— Não posso mais andar de mãos dadas. Tenho oito anos *— aviso.*

— Ah, verdade. É claro — ela responde, embora um canto da boca se eleve. — É que sinto falta de segurar a mão do meu filho.

Não quero que ela fique triste. Não é que eu não queira dar a mão para ela, é que isso é coisa de criança.

— Pode segurar a mão do Ryatt. Ele só tem três, então tudo bem.

Minha mãe toca meu rosto de leve.

— Boa ideia.

Juntos, saímos do pequeno bosque e passamos pelas banheiras de pássaros e pela linha de arbustos de formato pontiagudo. Olho para a mansão lá embaixo, ao pé da colina, mas não quero entrar. Prefiro ficar aqui fora com a relva e as aves.

Não tem nada errado com a casa, na verdade. Temos quarenta e três cômodos, uma infinidade de coisas bonitas e muitos empregados. Nenhuma outra família na cidade tem uma casa tão grande quanto a nossa e com tantos cavalos.

Mas odeio isso. Gostaria mais de morar nas casas menores nas ruas da cidade. Porque, então, eu não viveria aqui. Com ele.

Estamos perto da porta dos fundos, além dos jardins, quando uma silhueta surge na porta, e eu paro, imediatamente. Minha mãe para do meu lado. Meu pai está lá, com a camisa vermelha abotoada até o colarinho, sem nenhuma ruga ou linha fora do lugar. A cabeça careca tem, na parte inferior, o contorno de uma densa barba marrom, e a boca já está contraída em sinal de irritação. Normalmente, é o que acontece sempre que estou por perto.

Seus olhos negros saltam dela para mim, e me contenho para não engolir em seco. Ele perceberia, e devo ser sempre uma coisa que eles chamam de estoico. Acho que significa não sentir.

Minha mãe segura minha mão, e dessa vez não me oponho. Minha palma suada é envolvida pela mão dela, e subimos os poucos degraus da entrada até pararmos diante dele.

— Não sabia que viria para casa esta noite, Stanton.

— Consegui resolver tudo mais depressa com o rei — ele responde.

Sua atenção agora está nos meus pés descalços, e isso me faz querer encolher os dedos e enterrá-los na grama. Meu coração dispara sob aquele olhar humilhante, e ele olha novamente para minha mãe.

— Vejo que esteve negligenciando suas obrigações de mãe em minha ausência, Elore.

Abaixo a cabeça no mesmo instante, encaro meus pés sujos de terra e sinto o peso da vergonha sobre os ombros. Se soubesse que meu pai voltaria para casa, eu nunca teria saído descalço. Nem teria saído. Esta última semana sem ele aqui foi a melhor que tive em muito tempo. Minha mãe me deixou sair todos os dias, e ontem até faltei às aulas de armas e história. A última coisa que quero é meu pai bravo com ela.

— Ele só estava correndo nos jardins — minha mãe responde, com tom calmo e gentil. Ela sempre usa esse tom, mesmo quando Ryatt tem um ataque de birra, e ele tem muitos. *— Ar fresco é bom para um menino em fase de crescimento.*

— Estudar é bom para ele — meu pai dispara. — Agora leve-o para dentro e trate de limpá-lo. Temos convidados, e já dei ordens para o jantar ser servido em até vinte minutos.

Depois que ele vira e se afasta, minha mãe me leva para dentro. Ela vai comigo até o quarto, onde me ajuda a me arrumar. Não reclamo de nada, nem quando ela passa um pente molhado no meu cabelo. Quando estou vestido com roupas limpas e ela pega Ryatt no berçário, os vinte minutos estão quase acabando.

Dentro da sala de jantar, meu pai está sentado na ponta da mesa, e tem outras três pessoas sentadas à esquerda dele. Uma delas é meu tio Iberik. Ele é nosso vizinho, e é mais velho que meu pai. Os dois têm muitos negócios juntos, mas não sei bem de que tipo. Sei que meu pai tem navios no porto, e escuto os dois conversando muito sobre ferreiros, mas é só o que sei. Além disso, ao contrário do meu pai, Iberik vive sozinho e nunca teve herdeiros.

As duas outras pessoas sentadas à mesa são desconhecidas. Um homem e uma mulher, os dois com cabelos tão brilhantes como nunca vi antes. A mulher tem cabelo vermelho e olhos que parecem tijolos, quase da mesma cor da lareira vazia à esquerda da sala. O homem tem uma barba marrom como a do meu pai, mas dentes ligeiramente desalinhados. Os dois usam brincos nas orelhas pontudas, joias que pendem como lágrimas e correntes.

Minha mãe se senta à direita do meu pai, ao passo que eu ajudo Ryatt a se acomodar em sua cadeira, antes de ocupar meu espaço entre eles. Há um arranjo de flores vermelhas no centro de mesa diante de nós, mas ele bloqueia parcialmente as pessoas, e fico feliz por isso. O arranjo me faz sentir um pouco mais escondido.

A conversa à mesa não para quando nos sentamos, e isso também me deixa feliz, porque a última vez que tio Iberik esteve aqui para jantar, tudo que ele fez foi falar sobre como eu já deveria estar saindo em expedições de caça sozinho e como não era bom criar um filho mole.

Tio Iberik olha para mim e para o meu irmão com a cara feia habitual. Quero responder com uma careta, mas sinto um formigamento nas costas que me distrai antes que eu me meta em confusão por ser desrespeitoso.

Assim que nos acomodamos, uma criada se aproxima e põe pratos à nossa frente, e noto quando Ryatt torce o nariz. Ajeito o guardanapo no colo dele para poder chamar sua atenção. Quando ele vê minha expressão, desiste imediatamente do protesto e pega o garfo. Ele é péssimo para comer e, quando meu pai está fora, minha mãe permite que ele escolha os alimentos que prefere. Mas agora não pode ser seletivo.

Ryatt pega a primeira porção de espinafre refogado e não diz nada, e suspiro aliviado antes de pegar meu garfo. Tive tanto medo de que meu irmão arrumasse problemas, que não prestei atenção ao que as pessoas falavam, até perceber que minha mãe fica tensa ao meu lado.

— Entendo, é claro — comenta a voz masculina desconhecida, garfo e faca nas mãos enquanto fala e come ao mesmo tempo. — É um argumento válido.

— É claro que é, Tobir — tio Iberik responde. — É o que os legalistas mantiveram por décadas e o motivo pelo qual, em última análise, ganhamos a guerra. Eu, por exemplo, estou satisfeito por termos interrompido as idas e vindas de oreanos a Annwyn e pela campanha do velho rei pela destruição da ponte. Tinha de ser feito.

Encaro minha mãe para estudar sua reação à conversa. Ela mantém o olhar fixo no prato e segura o garfo com força.

Tive aulas de história sobre a guerra e a destruição da ponte, mas são aulas muito chatas, e meu professor sempre fala sobre como os oreanos são maus. Ele diz que esse povo usava todos os recursos de Annwyn e começava disputas, e que sempre quiseram tomar esta terra aqui para poderem ter vida longa.

Prefiro quando minha mãe fala sobre Orea. Ela é oreana, afinal. Foi uma das últimas a atravessar a ponte. Às vezes, quando coloca Ryatt e eu para dormir, conseguimos convencê-la a contar histórias sobre o assunto. Ela sempre fica diferente quando fala sobre seu mundo. Fica mais suave e mais triste.

Sei que sente saudade de lá.

— Só por garantia — concorda a mulher ruiva. — E os oreanos que ainda estão aqui têm muita sorte, em minha opinião. Tiveram o perdão da lei e permissão para ficar, e assim ganharam vida longa. Sem mencionar que alguns oreanos têm magia porque procriaram conosco por centenas de anos. Deveriam ser gratos.

— É isso mesmo, Netala — Tobir pontua ao lado dela, antes de enfiar um grande pedaço de carne na boca e bater o garfo nos dentes.

Netala inclina a cabeça, olha para o outro lado da mesa, e vejo como esse olhar cruel se demora nas orelhas arredondadas de minha mãe. Ryatt herdou isso dela. Antes eu ficava muito feliz por ter as minhas pontudas, como as de meu pai. Era menos um problema para ele apontar em mim.

— Você tem magia — observa Netala.

Vejo minha mãe olhar para meu pai. Ele não gosta quando ela fala sobre sua magia. Não sei por quê. A magia dela é a melhor.

— Tem, sim — meu pai responde. — Minha Elore é impressionante.

— O que ela é capaz de fazer? — Tobir pergunta e olha para ela, curioso.

Meu pai a encara.

— Mostre-lhes, Elore.

Minha mãe fica tensa.

— Não sei se tenho algo para ser mostrado agora...

O olhar de meu pai faz as palavras dela secarem como orvalho no deserto. Minha mãe olha para Tobir, e meu irmão e eu assistimos fascinados à cena. Minha mãe fecha as pálpebras. Quando as reabre, o verde dos olhos desapareceu, e no lugar dele surgiram íris claras que vibram com algum tipo de escrita antiga, letras tão pequenas que são impossíveis de ler.

Netala não contém uma exclamação de espanto do outro lado da mesa.

— Os olhos dela...

— Elore é uma vidente — meu pai anuncia, vaidoso. — Ela adivinha as palavras dos deuses e das deusas.

Netala e Tobir arregalam os olhos, surpresos. Pessoalmente, só vi minha mãe fazer isso umas vinte vezes ao longo dos anos, mas sei que meu pai a obriga a usar seu dom quando não estamos por perto.

Observo seu rosto e percebo como as letras giram em seus olhos, como sua expressão é calma e relaxada. Ryatt a acompanha com a mesma atenção, e sinto a empolgação vibrar em minha barriga. Adoro ver minha mãe usar sua magia, mas sei que é um processo exaustivo. Logo as palavras param de girar, e seu olhar estranho se volta para Tobir. Ouço o feérico engolir em seco.

— O portador do manto vermelho vai lhe dar duas verdades e uma mentira. Você vai acreditar na errada. — Sua voz é mais profunda, não é a mesma com que ela fala normalmente; e, assim como nas outras vezes que a ouvi fazendo previsões, sinto arrepios nos braços.

Então, minha mãe pisca com rapidez, e as palavras estranhas desaparecem de seus olhos. O verde volta a colorir as íris.

Tobir franze a testa. Ele a encara por um segundo, como se ouvisse o eco das palavras.

— O que isso significa? — pergunta.

— As previsões de Elore nem sempre são claras para nós no momento do discurso — esclarece meu pai.

— Então foi por isso *que se casou com uma oreana, Stanton — Netala comenta. — Ela conseguiu prever o desfecho da guerra?*

Meu pai balança a cabeça, negando.

— A magia de Elore só funciona com pessoas, não com eventos mundiais. Algumas previsões podem ser tão pouco importantes quanto comprar um carregamento de maçãs estragadas, e outras... são mais significativas.

— Ah, estou curiosa sobre o que ela previu a seu respeito — Netala anuncia a meu pai, e a curiosidade ilumina seus olhos.

Minha mãe fica tensa ao meu lado.

A raiva perpassa os traços de meu pai como gosma sob uma lesma, mas ele a apaga depressa.

— Ela ainda não fez nenhuma para mim — responde, tranquilo, mas essa calma não me engana. Meu pai pode tentar parecer calmo, mas tem uma dureza por trás de sua aparência que me deixa inquieto.

Netala assente, come mais um pouco. Depois que engole, ela levanta o olhar.

— É um dom muito impressionante, Elore. Seus ancestrais devem ter procriado com feéricos muito poderosos. Você foi uma das últimas oreanas a vir para Annwyn, não é?

Minha mãe inclina a cabeça.

— Sim, é isso mesmo.

— Parte do acordo para dar meu apoio na guerra foi que eu pudesse trazer um último grupo de oreanos — meu pai explica. — São todos os meus criados domésticos e trabalhadores da propriedade. Muito eficientes. Eles têm vida longa, e eu tenho um corpo de funcionários duradouro.

Tento não torcer o nariz. Odeio quando ele fala sobre minha mãe e os outros desse jeito. Coço o braço, fazendo um esforço para não deixar a raiva transparecer no rosto.

Minha mãe comprime os lábios, e eu toco a perna dela embaixo da mesa e dou uns tapinhas leves, como ela faz comigo de vez em quando, quando meu pai me aborrece. Ela volta a atenção para mim, e seu rosto suaviza por um segundo.

— Stanton, seus filhos são a cara de Elore — declara Netala, e, apesar de sorrir, ela não parece ser uma boa pessoa.

Também não gosto do fato de todos falarem sobre minha mãe, em vez de falarem com ela. Mas isso não é novidade. A maioria dos feéricos que meu pai recebe em casa é sempre rude com minha mãe. Não é culpa dela se meu pai a viu em Orea e a trouxe para cá. Ela não tem culpa de ser oreana, e nem entendo por que isso importa, de qualquer maneira. Assim como não sei qual é a importância de Ryatt e eu sermos apenas meio-feéricos. Ela acabou de provar que é poderosa. Sua magia é melhor que a de muitos feéricos na cidade; eles não deviam ser cruéis com ela.

Ponho um pedaço de carne na boca e o mastigo com raiva, mas faço imediatamente uma careta, como Ryatt costuma fazer quando come alguma coisa que odeia. A comida está morna, como se tivesse passado tempo demais à mesa. Experimento as maçãs cozidas, mas estão moles demais e ácidas, como se começassem a estragar.

Eca.

— É verdade — meu pai concorda. — Mas isso não é ruim. Elore é muito bonita e sua magia é impressionante. Por isso a escolhi.

Minha mãe se mexe. Meu braço coça de novo.

— Espero que não sejam como ela em tudo — tio Iberik comenta, rindo e girando a taça de vinho.

Tobir continua a mastigar.

— Hum, sim. Já vi muitos casais de feéricos e oreanos cujos filhos não desenvolvem magia. Apavorante.

— Meus dois filhos terão magia. — A voz de meu pai é como um chicote pronto para punir quem discordar dele.

— É claro que sim. — Netala sorri. — Tenho certeza de que serão mais feéricos que oreanos. A própria Elore foi abençoada com o poder da adivinhação. E você... você é o Quebrador. O feérico mais poderoso do reino, com exceção do rei.

Olho para Ryatt, que se agita na cadeira, e sinto vontade de me mexer também.

O Quebrador. É como todos chamam meu pai, e com razão. Porque a magia dele faz exatamente isso: ela quebra.

Já o vi quebrar pedras, dedos, quebrar o pescoço de um cavalo lento. Vi meu pai quebrar um telhado, fazer a coisa inteira desabar.

A magia dele é assustadora.

Antes de se aposentar, ele ajudava a quebrar cidades inteiras pelo rei. Por isso tem esta mansão. Por isso temos quarenta e três aposentos e criados oreanos. Por isso ele conseguiu permissão para fazer a última viagem a Orea e trazer pessoas para cá, antes de ele e o rei quebrarem a ponte e encerrarem a ligação entre os mundos. Por isso foi autorizado a escolher minha mãe oreana.

Mas o fato de ela morar aqui, ter dois filhos meio-feéricos e uma magia fabulosa não significa que o restante dos feéricos algum dia olharão para ela como uma igual.

Nós três continuamos jantando, enquanto todo mundo fala, embora a comida esteja horrorosa. Eu como assim mesmo, porque ninguém mais está reclamando, e não quero que meu pai perceba que não estou comendo.

Finalmente, os empregados entram para limpar a mesa, e deixo meu garfo no prato, enjoado, mas feliz por ter conseguido terminar. Todos os criados são oreanos, assim como minha mãe. Acho que ela se sente culpada às vezes, por eles a estarem servindo.

Um deles, um homem chamado Jak, se aproxima para tirar o prato de minha mãe, e ela o observa com um sorriso caloroso. O criado retribui com a mesma simpatia. Todos os empregados amam minha mãe. Não sei se é só por ela ser oreana, como eles, ou se é por ser tão bondosa, mas, quando meu pai não está em casa, eles parecem mais família que serviçais.

Felizmente, os adultos decidem ir para o salão a fim de fumar cachimbo e beber, e meu pai diz à minha mãe que ela pode ir nos colocar na cama. Estamos livres da presença dos convidados, mas ainda me sinto furioso e triste. Minha mãe franze o cenho, e Ryatt está de cara feia.

Mas quando minha mãe nos leva ao quarto e nós nos vestimos para dormir, ela se senta na cadeira entre as camas e, ali, nos conta uma história sobre Orea. Sobre um lugar dividido entre sete reinos. Sobre uma terra onde as pessoas não tinham poderes até os feéricos chegarem. E não importa que Orea não tenha magia própria, porque ouvi-la falar sobre esse lugar faz tudo lá parecer mágico, de qualquer maneira.

Quando meus olhos ficam cansados, eu me ajeito no travesseiro e bocejo.

— Se a ponte de Lemúria não estivesse quebrada, eu levaria você de volta a Orea, mamãe.

Estou sonolento demais para abrir os olhos, mas acho que ela está feliz e triste quando responde:

— Eu sei que me levaria, Slade. Eu sei.



4

SLADE

Já apostei corrida contra uma tempestade.

Muitas vezes, na verdade.

A maioria delas me alcançou. Encharcou-me com uma torrente chocante de água morna que manchou meu humor e atravessou minhas roupas com um calor benigno. Ou me atacou com granizo tão afiado que cortou a pele.

Mas ter de apostar corrida com uma agora é como uma traição dos deuses e deusas. Acrescentar mais isso a uma situação já tão desesperadora é muita crueldade.

Então, desta vez me recuso a deixar a tempestade vencer. Não deixarei que alcance Auren.

Argo é o timberwing mais rápido do Quarto Reino. Provavelmente, é a fera mais veloz de sua espécie, e sua energia e habilidade são suficientes para nos dar uma boa chance. Exijo cada explosão de velocidade que ele pode me dar, o obrigo a correr mais do que jamais obriguei antes, e ele atende às minhas exigências.

Desafiamos a tempestade que carrega as nuvens, uiva e sopra rajadas violentas contra nossas costas, à procura de nos alcançar. Mas Argo não vai deixar a vadia vencer, nem eu. Não vou permitir que outra tempestade toque Auren. Ela foi encharcada e torcida, exposta sem abrigo. Mas enquanto eu estiver aqui, *eu* serei seu abrigo.

Voamos como um relâmpago cruzando o céu, delineando um arco sobre o chão.

Contra meu peito, envolta em dois mantos, Auren respira. Respira, mas não acorda e não se mexe.

Horas de sofrimento passam à medida que voamos. A cada segundo, somos castigados pelo frio e pelo ar carregado com a umidade da tempestade que nos persegue. Meu rosto ficou dormente faz tempo, o traseiro está ensopado em cima da sela, os dedos não sentem a pressão exercida sobre as rédeas de couro. Se meus olhos ainda pudessem lacrimejar, cada lágrima congelaria sobre a pele.

Frio terrível e escuridão sufocante são tudo que tenho, mas confio em Argo para nos guiar para onde precisamos ir. Mantenho Auren tão embrulhada nos mantos que não consigo enxergar nem um centímetro dela, mas sinto a pressão quente de sua respiração no pescoço, e isso é tudo que mantém sob controle minha natureza protetora de feérico.

É o que me impede de apodrecer as nuvens e fazer chover o veneno da minha fúria. Conto os movimentos de sua respiração como se fossem meus batimentos cardíacos, usando o ritmo para sufocar meu poder em ebulição.

Tempo e distância se arrastam.

Então, do nada, uma súbita rajada de vento nos ataca pela esquerda, e Argo desfere um grito furioso quando seu corpo é sacudido pela força. A sela escorregadia se desloca com o movimento, e Auren e eu nos desequilibramos.

Jogo o corpo para a frente, tento manter as mãos duras nas rédeas, mas os membros estão dormentes e perdem o controle. Meu coração vai parar na garganta quando sinto que estamos escorregando.

Usando a força dos joelhos, jogo o peso para o lado ao mesmo tempo que Argo se inclina, abrindo totalmente as asas para apoiar meu joelho. Ele nos endireita com um gesto furioso, e outro rugido indignado lhe escapa da garganta quando me encolho em cima da sela, ofegante. Foi por pouco.

Tudo que nos prende a essa sela é uma correia de couro que envolve nós dois. Se Argo não tivesse corrigido o movimento...

Como se a rajada de vento fosse uma ofensa pessoal, Argo se enfurece.

Ele continua rugindo para o céu e voa com um vigor renovado, como se agora sua missão pessoal fosse combater o vento, rejeitar o próprio cansaço e retribuir o ataque com fúria incontrolável.

Demora uma hora para minhas mãos pararem de tremer, meu coração voltar ao normal e eu relaxar um pouco os dedos, em vez de segurar as rédeas até doer. A descarga de adrenalina me abandona como sangue vertendo de uma ferida.

Preciso levar Auren para um lugar seguro, um lugar quente, e Poçomorto é minha opção mais próxima. Mas a paisagem escura debocha de mim, como se, em vez de se mover quilômetro após quilômetro, o mundo nevado do Quinto nunca ficasse para trás. Pelo contrário, estamos colados em seu éter, e as sombras zombam de nós enquanto a distância infinita aumenta, ameaçando nunca ceder.

Mas a vontade de Argo e sua determinação furiosa são incomparáveis.

A corrida nos leva para mais perto do amanhecer, que pensei que jamais chegaria. O novo dia traz a sugestão de um céu carregado e raivoso. Observo o horizonte mais claro a cada instante e não sei se fico aliviado ou apavorado com a chegada do sol.

Todavia, quando os primeiros raios de luz se chocam contra as nuvens onduladas, Auren não se mexe. Ajeito os mantos para mantê-la aquecida, absolutamente coberta. Não sei nem se ela *poderia* produzir ouro agora, no estado em que está, se alguma coisa tocasse sua pele nua, mas isso me preocupa. Ela não pode usar sua magia e gastar energia com isso, e se ela começar a se derramar sem controle, nem Argo vai conseguir continuar voando.

O peito do timberwing arfa sob minhas coxas. Sua respiração é ofegante e os músculos tremem com o esforço. Sob a luz cinzenta, vejo que tufos de penas foram arrancados das asas de casca de árvore pelas rajadas de vento violentas que o atingiram. Estalactites pendem do focinho espumante como presas extras, mas ele não para de rugir e não diminui a velocidade.

— Continue — eu o incentivo, mesmo sem saber se ele ouve minha voz em meio à ventania.

A culpa me invade quando ele mergulha atrás de outro bolsão de ar, tentando pegar carona. Mesmo com a fúria que o alimenta, Argo está se cansando. Estou exigindo demais e por muito tempo, mas não tenho alternativa.

O amanhecer finalmente expulsa o que resta da noite. Brilha como um farol, iluminando o caminho para a tempestade. Olho para trás, vejo as nuvens que parecem galopar para a frente, prontas para nos esmagar sob cascos congelados.

Auren estremece em meus braços, me fazendo ranger os dentes e mastigar o gelo entre eles. Trovões retumbam precedidos de estalos e acompanhados

por lufadas ameaçadoras, mas Argo responde com um rugido gutural e rouco de cansaço.

Mil cenários desfilam em minha cabeça. Não vamos conseguir. Argo vai ter de pousar. Auren vai ficar ainda mais exposta. A tempestade vai nos atropelar.

Mas de algum jeito, o contorno familiar de montanhas rachadas aparece ao longe.

Poçomorto.

Conseguimos.

A esperança salta em meu peito ante a paisagem.

Do chão, tudo que se vê é neve apodrecida e picos rachados. Do alto, tudo que se vê é um vale sombreado e congelado, espremido entre as montanhas como uma fileira de dentes tortos. É inóspito. Feio. Vazio.

Mas só se não souber para onde olhar.

Por hábito, assobio por entre os dentes para dar o sinal a Argo, embora ele não precise do aviso, mesmo que pudesse me ouvir. Sua visão é aguçada, o senso de direção é muito melhor que o meu. Afinal, ele me transporta há anos. Provavelmente, poderia fazer a viagem de olhos fechados.

Meu peito se expande quando nos aproximamos, e apoio a cabeça de Auren contra o peito.

— Quase lá. Estamos quase chegando — murmuro.

Acompanhando a curva de Argo, sustento meu peso e o de Auren enquanto ele se aproxima dos cumes das montanhas. Os cumes são como uma faca serrilhada, com fendas que desenham linhas irregulares e aumentam o risco de deslizamentos de pedras. A maior montanha no meio da cordilheira é levemente inclinada, como se o vento a tivesse empurrado tanto, e por tanto tempo, que ela enfim começou a se curvar à sua vontade.

Montanhas não deviam se curvar ao vento.

Mas a cordilheira não é o único fator que torna a paisagem feia por ali. A extensão da minha magia é o que realmente contamina a terra.

O que antes era um território vazio e desolado na fronteira do Quinto, agora é um zigue-zague de solo infectado pela podridão. Raízes fétidas se estendem desde a fronteira do Quarto, mergulhando na neve e se enroscando em torno da base das montanhas como trepadeiras rastejantes.

Minha magia responde à imensa quantidade de poder que já injetei nessa terra, minha pele estala com sua presença como se ele me desse as boas-vindas. Eu a sinto encharcando o solo coberto de neve, posso sentir seu chamado

pulsando em minhas veias como uma sede de sangue. Mas meu poder tem que esperar.

Embora as montanhas lá embaixo sejam rachadas e tortas, e apesar de as imensas raízes de podridão terem tornado a terra feia e arruinada, esta ainda é a melhor paisagem para se ver. Eu me preparo quando ultrapassamos a barreira das nuvens em velocidade vertiginosa, sentindo o estômago quase sair pela boca enquanto Argo mergulha.

Durante anos, essa pequena faixa de terra se esquivou do meu controle. Mas agora, enfim me apodero dela. Com o acordo que firmei com Midas, estamos oficialmente fora do Quinto Reino e no meu território.

Argo desenha uma curva aberta, seguindo diretamente para a montanha mais alta, bem onde as linhas apodrecidas de pedras fragmentadas formam a base.

É a combinação de tudo isso, na verdade. As montanhas inclinadas. Os montes de neve e as pilhas de pedras. A podridão contagiosa. Tudo distrai, tudo esconde.

Quem passa por esta parte do mundo não tem motivo para demorar ou desejo de ficar. Argo passa direto pelo pico pontiagudo e rachado e segue em direção à montanha menor. Um de seus lados é como uma cornija, e a prateleira de pedra se projeta o suficiente para oferecer abrigo ao vilarejo escondido lá embaixo. Essa brecha quase invisível na montanha inclinada não desperta suspeitas, mas me chama tanto quanto minha podridão.

Só se vê a cidadezinha se a estiver procurando deliberadamente ou souber para onde ir. Todos os edifícios são feitos da mesma pedra áspera, que se mistura sem esforço à parede da montanha, escondida sob as formações nevadas.

É aqui, envolto pelo frio proibitivo, que se esconde meu maior segredo.

Drollard Village.

Nesse momento a tempestade desaba, nos castigando por termos chegado ao destino. As nuvens se abrem e despejam chuva congelada, ensopando de imediato minha roupa.

Argo segue para o vilarejo. A chuva evapora de suas asas abertas e congela nas penas. Ele sobrevoa a área apenas uma vez, antes de seu corpo exausto encontrar o chão com um impacto tão intenso que meus dentes se chocam. O timberwing balança depois de pousar, mas consegue permanecer em pé,

enterrando as garras na neve em busca de apoio enquanto espuma congelada transborda de sua boca.

— Bom garoto — elogio. Argo vira a cabeça para olhar para mim e, apesar de parecer exausto, o brilho em seus olhos de falcão também é vaidoso. — Sim, você merece todas as fatias de carne seca que quiser.

Olho em volta através do temporal, mas o início da manhã é quieto. A cerca de seis metros, fileiras de casas de pedra despejam fumaça pelas chaminés sob a plataforma da montanha, de onde o gelo acumulado pende como cortinas de bolinhas.

Minha mão congelada toca a correia da sela, mas é uma dificuldade me soltar. Os dedos estão dormentes demais para obedecer aos comandos, e agora, depois da chuva de neve fina, estão escorregadios. Mas não posso correr o risco de usar a outra mão, porque preciso manter Auren seca e segura.

Deixo escapar um grunhido de frustração.

— Solta, porra.

— Senhor?

Viro a cabeça ao ouvir a voz e avisto um dos moradores do vilarejo, subindo do pequeno pavilhão encaixado entre as cavernas rachadas na encosta da montanha. Ele corre, mantendo o capuz na cabeça a fim de tentar se proteger do dilúvio que começa a cair, mas deixa de fora o nariz bulboso.

— Eu ajudo.

Com dedos ágeis, ele desamarra rapidamente a correia, e eu salto com Auren.

— Obrigado, Theo — digo. Ele não tem tanto receio de mim quanto alguns outros, mas ainda evita me encarar.

— Devo alertar a guarda?

— Não é necessário. Providencie apenas os cuidados para Argo no Poleiro. Diga a Selby para dar tudo o que ele quiser e quanto quiser, inclusive cobertores extras. Ele merece.

Theo assente, já se aproximando de Argo para cumprir as ordens. Ele controla a reação chocada ao ver a aparência do timberwing e, com agilidade, o leva ao Poleiro, onde vão poder cuidar dele.

Assim que os dois se afastam, corro com Auren pelo caminho de pedra branca que se confunde com a neve. Minha podridão não se espalha pelo vilarejo propriamente dito, mas permanece estrategicamente em volta da fronteira como uma cerca de arame farpado para impedir a entrada de

inimigos. E, embora ela não se espalhe para cá, o lugar ainda é permeado pela amargura.

Para todos os efeitos, Drollard Village não existe. Talvez por isso seja sempre tão desanimador. Ao mantê-lo em segredo, de alguma forma o tornei ainda mais destituído.

Não é um lugar pitoresco. É inóspito, frio e cinza, com casas solitárias encravadas nas paredes cavadas das montanhas, envoltas em sombras perpétuas. As pessoas que vivem aqui não têm os confortos de morar em uma cidade onde há transporte e comércio abundantes. Não, elas tiram a sobrevivência da terra árida, e contam com a suplementação dos produtos que posso trazer. Mesmo assim, ninguém vai embora.

Não podem ir.

Com exceção da guarda do vilarejo, todos estão dormindo nesse início de dia, as janelas fechadas antecipam a tempestade. Passo rapidamente pelas paredes inclinadas das casas com fachada de ardósia, as portas muito próximas umas das outras. Mas o tamanho das casas engana, porque a profundidade delas se projeta para o interior da montanha. Uma rede de trepadeiras espinhosas se projeta das fendas irregulares no chão de pedra e, como teias de aranha, envolve portas e janelas, com os frutinhos de casca branca ainda pendurados nas ramas dos caules.

A pedra sob meus pés está escorregadia por causa da chuva, e eu ando com cuidado. Não quero escorregar com Auren nos braços, mas ainda tento ir o mais depressa possível, cravando as botas no chão a cada passo.

Árvores perenes se apegam à vida ao longo do caminho, carregando nos galhos congelados o peso do frio interminável e me protegendo da chuva. Sigo levando Auren junto ao peito.

Quando chego à curva no caminho, sigo por ela e acompanho o contorno da montanha onde as casas terminam, deixando a pedra nua sob a neve que a cobre. Lá no alto, as encostas ondulam como uma forte correnteza, criando um toldo protetor e gigantesco. Uma cortina de chuva congelada desce do toldo como uma cachoeira delgada, e hesito, tentando pensar em um jeito de atravessar com Auren sem que ela fique completamente encharcada.

— Eu ajudo.

Aperto Auren contra o peito automaticamente, e me viro com brusquidão ao ouvir a voz do meu irmão.

— O que está fazendo aqui?

Ryatt se aproxima sob a chuva e, sem se pronunciar, remove o manto e o coloca sobre a minha cabeça e a dele para bloquear a queda d'água. Tenho a sensação de que ele faz isso mais por Auren do que por mim. Passamos abaixados sob a cortina de chuva, tão depressa quanto é possível, e, assim que ultrapassamos a formação pétrea, estamos fora da tempestade e no interior da caverna na montanha.

— Obrigado — murmuro.

Ryatt abaixa os braços e recolhe o manto, mas não o coloca sobre os ombros.

Ali, no meio das sombras da caverna, tudo seria completamente escuro, não fosse a suave luminosidade azul projetada pelos veios fluorescentes que correm no interior da montanha. Esses riscos cerúleos se espalham em todas as direções, correm pelas paredes, pelo chão e pelo teto, enquanto besouros incolores aderem à sua superfície para se alimentar de seu sedimento. Estalactites descem do teto, apontando para nós como dedos acusadores.

— Então? Vai me dizer o que está fazendo aqui? — pergunto, sem parar de andar.

— Achou mesmo que eu não viria? — As mãos de Ryatt apertam o manto e o torcem. — Quis vir para cá assim que Midas fez as ameaças, e você sabe disso, portanto pode engolir essa sua atitude arrogante — ele dispara, tenso.

Ranjo os dentes. Provavelmente, não tenho o direito de estar frustrado com ele, porque entendo sua raiva, mas estou frustrado. Assim como muitas vezes Ryatt fica desse jeito comigo.

— Muito bem. — Faço uma concessão. Estou com frio e exausto demais para discutir. — Conversaremos mais amanhã. Mas ela precisa estar aquecida e seca.

Ele espia Auren de soslaio.

— Porra de tempestade, tinha de cair justo esta noite.

Meu irmão e eu atravessamos a caverna em um silêncio tenso. Sem nem tentar, coordenamos os passos, os ombros na mesma altura, as roupas quase idênticas. Quando minha natureza feérica não é aparente, podemos passar por gêmeos, coisa que usei em proveito próprio muitas, muitas vezes.

Apesar de sempre andarmos juntos sem nenhum esforço, também é comum pisarmos no pé um do outro.

Eu morreria por Ryatt, e ele abriu mão de muita coisa para estar ao meu lado; porém, na maior parte dos dias, trocaríamos socos com imensa

satisfação.

Hoje não é diferente.

Percorremos o restante da distância e chegamos à nossa casa na caverna, envolta em sombras azuis e cercada por estalagmites que parecem sentinelas.

A Gruta.

— Lar doce lar — Ryatt resmunga.

Alguma coisa azeda no meu estômago.

— É. Lar doce lar.

5

SLADE

Aos 8 anos

—Slade!

Olho para Ryatt lá embaixo, noto suas pernas roliças sendo arranhadas quando ele tenta subir na árvore atrás de mim e não consegue. Eu sabia que ele tentaria me seguir. Mas cada vez que percebe que não vai conseguir, começa a chorar como um bebê, assustando todos os pássaros até eu descer.

— Slade!

Sei que não posso ignorá-lo, então arregaço as mangas da camisa e arranho os braços.

— Já volto — digo ao filhotinho no ninho.

Ele pia para mim.

Quando ouço Ryatt lá embaixo outra vez, me debruço sobre o galho e afasto algumas folhas marrons, mortas.

— Você não pode subir. É muito pequeno.

Seu rosto se contrai com a raiva quando me encara.

— Não sou.

— É, sim — insisto. — Além do mais, ainda não tem permissão para subir em árvores.

Ele bate os pés no chão, se entregando a um ataque de birra. Suas meias estão caídas, cobertas de manchas de grama. Nossa mãe sempre se aborrece quando

entramos em casa com as meias manchadas de grama, mas diz que é a mesma cor dos nossos olhos, então combina, pelo menos.

Limpo o suor da testa e suspiro, abandonando o galho da árvore e pulando no chão, ao lado dele.

— Feliz?

Ele assente.

— Estou com fome.

— Você sempre está com fome. — Mas agora que ele tocou no assunto, vejo que também estou. — Venha. Aposto que a cozinheira vai nos dar alguma coisa.

— Está calor — Ryatt choraminga.

— É verão, seu idiota — respondo, rindo.

Ryatt olha com fúria para mim.

— Vou te dedurar.

— Não vai, não. — Sorrio para ele, porque Ryatt e eu nunca delatamos um ao outro. É nossa regra.

Ele dá de ombros.

Nós dois andamos em direção à mansão. Agora que não estou mais à sombra da árvore, percebo quanto o calor é intenso. Não é à toa que o rosto de Ryatt está vermelho e seu cabelo preto está molhado de suor. Provavelmente, estou nas mesmas condições.

Terminei as lições mais cedo, e a babá deixou Ryatt sair para tomar um pouco de ar, por isso estamos aqui fora há algum tempo. Não sei quanto. Sempre me distraio quando observo os ninhos de pássaros.

— Vamos até o lago! — Ryatt fala, do nada, quando já estamos quase na linha de arbustos.

Olho para meu irmãozinho.

— Você acabou de dizer que está com fome.

— Lago!

— Tudo bem — concordo, com um gemido. — Mas só um pouquinho. Depois precisamos comer.

Ryatt assente e se põe a correr encosta abaixo. Corro atrás dele e finjo que meu irmão é mais rápido, ele ri e grita. Contornamos a mansão e chegamos à metade do caminho, antes de Ryatt se cansar e parar.

— Estou com sede — ele reclama.

— Vou enfiar sua cabeça no lago, então.

Ele olha para mim, contrariado, mas dou risada e cutuco suas costelas, onde sei que ele sente cócegas. Ryatt tenta resistir por um segundo, mas tem um ataque de riso.

Depois da casa tem o estábulo, e do outro lado dele fica o lago. Passamos pelo cercado onde dois cavalos do meu pai estão pastando.

De início, não estranho o que vejo.

Paft.

É o som que ouvimos sempre que o chefe do estábulo usa o chicote de montaria em um dos animais. Ouço o estalo, o gesto de correção.

Paft.

Ryatt também não percebe nada.

Mas eu paro por alguma razão, estendo a mão e seguro o braço do meu irmão.

— Pare.

— Por quê? — ele choraminga.

Coço meu braço.

— Espera aqui um segundo.

Ele franze a testa, e sei que vai discutir, mas, por sorte, um dos cavalos se aproxima da cerca nesse momento e o distrai. Ele sobe na cerca e começa a afagar o animal, e saio correndo imediatamente. Mas quando passo pelo estábulo, não tem ninguém lá dentro.

Paft.

Viro a cabeça para a direita e continuo andando.

E paro de repente.

Não é o chefe do estábulo. Não é um chicote. Não é um cavalo.

É meu pai debruçado sobre minha mãe, os dois apoiados na parede externa do estábulo. Não entendo o que estou vendo ali, mas continuo olhando.

Meu pai abaixa a mão e dá um tapa na minha mãe, um tapa tão forte que ela cai no chão. Ele move a boca, sussurra palavras raivosas, mas não consigo ouvi-las.

O choque me paralisa.

Ouço um ruído alto dentro da cabeça. Ou é o som do meu sangue, porque posso ouvi-lo e senti-lo ao mesmo tempo. Minhas costas coçam. Tenho a sensação de formigas andando nos meus braços. As veias ficam frias. Até minha cabeça fica estranha.

Por um segundo, fico ali parado como uma estátua, sentindo e ouvindo. Meu sangue, a pele, tudo tão alto que acho que vou desmaiar.

Mas então meu pai levanta a mão de novo. Minha mãe abaixa a cabeça. E eu fico tão furioso que a sensação se mistura ao barulho e tudo simplesmente... explode.

Antes que meu pai abaixe a mão novamente, eu grito:

— Pare!

Meus passos são mais rápidos do que o pensamento, e de repente o estou empurrando com toda a força. Vejo o choque em seu rosto quando o empurro, mas meu olhar é de ódio. O ódio é mais forte que o choque, e talvez por isso eu consigo jogá-lo contra a parede do estábulo.

Mas... não pensei que o ódio fosse forte o bastante para derrubar uma parede.

O estábulo de madeira era sólido e firme, mas a parede de madeira cai assim que ele se choca contra ela.

A parede desaba e meu pai cai junto, e assisto enquanto a madeira se desintegra, farpas pequeninas subindo pelo ar como poeira quando ele chega ao chão. O barulho em mim agora é o barulho de parte do teto desabando, e o restante da parede indo com ele, enterrando meu pai sob as tábuas.

— Slade! — minha mãe chama, arrastando-se para trás em pânico.

Corro na direção dela, mas os punhos fechados de meu pai rompem a barreira, e ele estala os dedos, projetando seu poder, quebrando a madeira em cima de si com um estrondo. Os destroços caem de cima do meu pai quando ele fica em pé, e sua expressão faz todo o sangue escoar do meu rosto.

— Como se atreve?!

Está furioso. Os olhos escuros cercados por veias vermelhas lhe dão um ar ainda mais irado. Sei que vai me atacar, mas não me importo. Não me importo, desde que ele não bata nela de novo.

Meu pai caminha em minha direção, e eu me preparo, sentindo que o frio em minhas veias desce até os pés, e meu pai para. Faz uma pausa, observa o chão à minha volta.

— Mas o q...

Sigo a direção de seu olhar. O chão à minha volta não é mais verde. É da cor pálida e morta do trigo. Há trechos de terra onde encontro linhas de aparência estranha, e essas mesmas linhas pretas se espalharam pelo que restou do estábulo como raízes feias. A madeira parece ter passado anos exposta ao mau tempo, como se um sopro fosse capaz de destruir o que ainda estava em pé.

— Slade...

Ao ouvir a voz de minha mãe, olho para onde ela ainda está abaixada no chão, mas as linhas não a tocam. Ela está no único local do chão onde a grama ainda é viva e verde. Ela me estuda com olhos arregalados, mas não é meu rosto que analisa. Ela observa meu pescoço, os braços, as costas.

E, nesse momento, percebo que sinto dores. Em tudo.

Meu pai se vira para ela, mas dou um pulo na frente dele. Respiro depressa e me sinto pequeno, mas não vou me mover. Não vou permitir que bata nela de novo.

— Não — aviso, e minha voz é o último som alto, porque tudo que eu escutava dentro de mim silenciou, e de repente estou muito cansado.

Atrás de mim, sinto minha mãe segurar minha perna e tentar me puxar, mas a ignoro. Meu pai já me bateu antes, e fiquei bem. Posso aguentar isso de novo, porque não sou um bebê. Quero dizer isso a minha mãe, mas meu pai se aproxima e me segura pelos ombros, com os olhos arregalados.

No início penso que é um truque, mas quando o choque persiste em seus olhos, quando a mão não se levanta para me bater, finalmente viro a cabeça para acompanhar a direção de seu olhar, e finalmente descubro para onde ele está olhando. Vejo o que minha mãe via antes.

Meus braços estão sangrando, e deve ser por isso que sinto tanta dor. Mas não é o sangue que me faz arregalar os olhos. Não, são as coisas pretas que brotam deles, pontas que atravessaram a pele como se tivessem me rasgado.

No começo, penso que as farpas de madeira do estábulo me feriram. Mas quanto mais olho, mais percebo que não é isso. As coisas são idênticas nos dois braços, e elas não me perfuraram.

Elas saíram de dentro de mim.

Estou paralisado pelo choque quando meu pai estende a mão e pressiona uma das coisas pretas. Nós dois gememos de dor. Levanto a cabeça e vejo que o polegar dele sangra, como se o espinho preto fosse afiado o bastante para cortá-lo.

Toda a fúria anterior em seu rosto é substituída por um sorriso estranho, e ele contempla o sangue por mais um segundo antes de me encarar.

— Meu filho.

Com rapidez, meu pai me segura pelos dois ombros novamente e me curva, e então sinto outra onda de dor quando ele aperta um ponto em minhas costas, me fazendo arquear a coluna e levantar o tronco.

— Ai!

Meu pai ri e me solta.

— Olhe para você! — ele declara, com um sorriso largo como jamais vi antes. — Só oito anos, e olhe para isso!

— O que é isso? — pergunto, preocupado, observando as gotas de sangue que pingam das saliências pretas. Veias negras partem da base de cada saliência e descem pelos braços, como se Ryatt tivesse usado uma pena e tinta para riscar minha pele. Tento esfregar as linhas, mas elas não desaparecem.

— Você se transformou — meu pai anuncia, empolgado. — Seu poder despertou.

Eu me sinto gelar da cabeça aos pés.

— O quê?

Sorrindo, ele puxa meu braço e me mostra.

— Veja! Você já manifestou.

Meus olhos acompanham as veias nos braços e descem até os veios no chão, que sobem pelas tábuas apodrecidas da parede do estábulo. São a mesma coisa.

— Eu sabia que meu filho seria poderoso.

Não me sinto poderoso. Estou cansado e com dores em todo o corpo, estou furioso e com medo...

Sei que chorar é um erro, mas não consigo evitar.

O orgulho desaparece do rosto de meu pai, que me encara com desgosto.

— Pare com isso, não tenho filho chorão — repreende, com um tom frio, antes de cravar os olhos escuros em minha mãe. — Limpe-o e mande-o para o jardim. Quero começar a testar o que ele é capaz de fazer — ordena, e acrescenta: — E fique no seu quarto. Não quero ver você pelo restante da noite.

Minha mãe segura minha perna com mais força.

Ele se vira e sai, e são tantas lágrimas lavando meu rosto que nem consigo acompanhar, mas estou feliz por ele não estar aqui para contá-las. Tento parar, de verdade, mas tudo dói e não entendo, e minha mãe...

Nesse momento, seu rosto aparece e ela se ajoelha na minha frente. Os olhos vermelhos combinam com a marca no rosto e o corte no lábio.

— Eu sou... um Quebrador? — pergunto, e isso me faz chorar ainda mais, porque não quero ser como meu pai. Mas quebrei a parede do estábulo, e quebrei o chão, e os espinhos romperam minha pele... e me sinto um monstro.

Ela balança a cabeça em um sinal negativo e levanta meu queixo com delicadeza.

— Não, Slade. Você não é. Você não quebra coisas. Você as protege.

Mas quando olho em volta, o que vejo não sugere proteção. Vejo ruínas. Meu pai também destrói coisas. Olhar para o rosto da minha mãe me faz lembrar disso.

Mover o braço faz a dor aumentar muito, mas levanto a mão e toco o rosto dela de leve.

— Você está bem?

Agora é ela quem começa a chorar. Abaixo a mão e seguro as dela, na tentativa de ignorar todas aquelas linhas pretas que se espalham pela ponta dos meus dedos.

— Não chore, mãe. Eu vou te proteger.

Isso não ajuda, porque ela chora ainda mais. Volto o meu olhar para o chão. Queria ser mais velho, queria fazer alguma coisa. Vejo as manchas de grama na bainha de seu vestido branco, manchas de quando meu pai a agrediu e ela caiu no chão.

— Slade?

Nós dois olhamos para Ryatt atrás de mim, intrigado e segurando um monte de morangos na camisa. Ele deve ter ido até as hortas para fazer um lanche. Esqueci que ele estava lá fora. Estou muito feliz por ele não ter visto.

— Olha, Ryatt — chamo, mantendo sua atenção em mim. Meu irmão está boquiaberto e, quando aponta para mim, ele derruba os morangos.

— O que é isso?

— Minha magia — respondo, tentando parecer feliz, fungando para parar de chorar.

Suas bochechas sujas de vermelho refletem empolgação.

— Posso tocar?

— Pode.

Ele se aproxima, desliza um dedo sujo de vermelho por um espinho preto.

— Dói?

Dou de ombros.

— Um pouco.

Ele sorri e olha para mim, mas o que ia dizer se perde e ele enruga a testa.

— Mãe?

Ela força um sorriso, e já limpou as lágrimas, mas ainda parece abalada.

— Ryatt, esses morangos devem estar muito bons.

Ele não desiste.

— Você está chorando?

— Estou bem, querido. Foi só um tombo. Está vendo? — E aponta para a bainha do vestido.

Ele assente e segura a outra mão de nossa mãe.

— Tudo bem, eu também caí — diz, e mostra as meias sujas. — E sabe de uma coisa?

— O quê?

— As manchas de grama também combinam com seus olhos.

Acho que nunca tinha visto um sorriso tão triste.



6

SLADE

Além das estalagmites que sobem do chão da caverna, também tem estalactites descendo do teto. Elas contornam perfeitamente a porta da frente da gruta como um arco, pilares irregulares e invertidos que terminam em pontas afiadas. São envolvidas por linhas finas de fluorescência e projetam sombras azuis em nosso rosto quando passamos embaixo delas.

Tenho emoções conflitantes em relação a estar aqui. Por um lado, é um conforto. Por outro, é como um castigo. Algumas pessoas podem achar estranho termos uma casa dentro de uma caverna, mas é um lugar privado e escondido, e, apesar das paredes cinzentas e vazias, aqui encontro um pouco de conforto.

Ryatt passa na minha frente e abre a porta, cujas dobradiças rangem por causa da eterna umidade no ar. Atravesso a casa escura sem precisar de luz; sei de memória onde está cada coisa.

Chego rapidamente à sala, onde identifico o contorno dos móveis que conheço de cor. Sinto as botas baterem no tapete de pelo branco que fica no centro da sala, embaixo de uma mesa circular cuja madeira tem muitas marcas redondas, lembranças dos copos de bebida que minha Cólera e eu deixamos em cima dela sem nenhuma preocupação.

Paro ao bater a canela no sofá estofado e, assim que deixo Auren em cima dele, começo a tirar suas roupas molhadas. Ryatt já está atrás de mim, acendendo a lareira.

Usando as almofadas, apoio Auren com todo o cuidado para que ela não fique deitada sobre as costas. Porque suas costas...

Não suporto pensar nisso.

No que ele fez com ela.

A raiva desperta dentro de mim, e queria estar em Ranhold, queria poder voltar no tempo e trazer Midas de volta à vida para poder matá-lo pessoalmente. Seria lento. Eu cortaria membro por membro. Apodreceria seu corpo veia por veia. Esmagaria seu coração com a mão.

Eu o faria sofrer.

Um golpe da pedra provoca faíscas atrás de mim, e acalmo a raiva para me concentrar em minha tarefa. Preciso deixá-la aquecida e seca, ou a podridão dentro de Auren não vai fazer diferença, porque ela vai morrer de hipotermia.

Tiro os mantos molhados de cima de Auren. Jogo os dois no chão e vejo a fina camada de gelo se partir com o impacto e a água formar poças. É um alívio descobrir que o vestido está úmido, mas não encharcado, e apenas pequenos amontoados de neve grudaram na barra. Arranco os cobertores das costas do sofá e os empilho sobre ela, envolvendo seu corpo.

Uma suave luz alaranjada começa a iluminar a casa, e puxo o sofá para a frente. Os pés rangem em protesto quando arrasto o móvel pelo chão e o posiciono na frente da lareira. Ouço Ryatt circulando pela sala, acendendo as arandelas e tentando banir o frio.

Aproximo a mão dos lábios entreabertos dela, sinto sua respiração lenta e constante.

— Auren?

Não espero uma resposta, mas ainda assim sou tomado pela decepção. O único jeito de engolir o medo é me manter em movimento, em ação, e removo suas meias encharcadas. Examino os dedos das mãos e dos pés, segurando-os entre minhas luvas e soprando-os para aumentar o calor. Não me interessa se o poder dela desperta com o amanhecer. Preciso aquecê-la. Quando fico satisfeito com a temperatura dos dedos, cubro suas mãos e pés com os cobertores de novo e, delicadamente, limpo a geada de seus cabelos.

— Por que ela não acorda?

Não tinha ouvido os passos de Ryatt atrás de mim, mas a pergunta me deixa tenso. Olho para o rosto dela e sinto uma coisa fria se movendo em meu âmago.

— Não sei.

Nós dois a observamos, vemos o peito subindo e descendo, a luz das chamas tingindo sua pele de um aspecto alaranjado.

— Auren.

O chamado não provoca reação.

Ouço Ryatt se afastar, e um ruído na cozinha atrai meu olhar. Olho além da porta em arco e o vejo parado na frente do fogão de ferro, quase invisível de onde estou. A grade frontal já está fechada e iluminada pelo fogo, e ele deixa uma chaleira sobre a chama. Do lado de fora, a tempestade se intensifica, os vãos da caverna ecoam os uivos do vento.

Olho para Auren e acesso meu poder novamente. Porém, como antes, avisto dentro dela aquele último grão de podridão que se nega a sair. Não consigo mais nem tentar. Está encravado ali como uma semente germinada. Entretanto, a essência dela é pura como antes, seu corpo continua a funcionar como deve ser. Com exceção desse fragmento, ela ainda parece ser a mesma.

Então, por que não acorda?

Franzo a testa e observo seu rosto sereno, enquanto as preocupações me atacam por todos os lados. As veias apagadas de podridão que antes se estendiam por seu pescoço desapareceram, a pele recuperou a coloração normal. Ela parece dormir profundamente, só isso.

— Auren, você precisa acordar. — É claro que ela não escuta. Ela nunca me escuta. Sempre discute, sempre tem aquele fogo queimando sob a superfície, um fogo que eu amo. — Acorde e brigue comigo, Pintassilgo.

Observo seu rosto tranquilo por mais um momento, antes de me virar e desabar no chão ao lado dela. Com as costas apoiadas no sofá, puxo os joelhos contra o peito para apoiar ali os cotovelos. Passo as mãos no rosto, sentindo a exaustão como cabos puxando meus membros.

Tiro as botas molhadas e as jogo perto da lareira, antes de arrancar as luvas e aproximar as mãos do fogo. Não sinto o calor das chamas.

Acho que estou congelado de medo.

Ainda contemplo as chamas, sem sentir nada, quando a porta da frente se abre de repente com um estrondo. Fico de pé em um segundo, pronto para enfrentar um ataque desconhecido, mas quando vejo as duas criaturas ensopadas entrando e batendo a porta, paro.

Olho incrédulo para Lu e Digby.

— O que vocês dois estão fazendo aqui?

Lu joga o capuz do manto para trás e, ofegante, ampara Digby. O guarda mantém um braço sobre os ombros dela, pingando chuva e gelo no chão.

— Ele insistiu em ficar com a Mechas Douradas. Deu um ataque, só sossegou quando aceitei trazê-lo para cá.

Encaro o homem carrancudo, que esboça uma expressão ainda mais feia ao retribuir meu olhar. Apesar da atitude desafiadora, Digby parece a um segundo de cair no chão.

— Eu fico com ela.

— Tudo bem — concordo, com um suspiro.

Digby pisca, como se estivesse surpreso por eu ceder com tanta facilidade, mas quero o que é melhor para ela, e sei que Auren gostaria mais de tê-lo por perto.

Com a ajuda de Lu, ele se aproxima cambaleando para dar uma olhada em Auren, e uma ruga se forma em sua testa.

— Ela ainda não acordou?

— Não.

É evidente que a fúria de Digby não esfriou com a tempestade de inverno, porque seu olhar queima tanto quanto antes.

— Isso não deveria ter acontecido — ele grunhe. — Você deveria representar alguma coisa para ela? Você se importa com ela?

Cerro os punhos.

— É claro que me importo, porra.

— Então, por que deixou isso acontecer? — A pergunta de Digby não é diferente da que tenho feito a mim mesmo. — Você não é o rei mais poderoso do mundo? Faça alguma coisa.

Se eu pudesse...

— Ela só precisa descansar — repito, ouvindo meu tom de voz esvaziado de toda a raiva.

Ele fica ali pingando e fumegando, com a face ressecada pelo vento e o nariz vermelho de frio.

— Vamos. Você já a viu, e Slade tem razão. Ela precisa descansar. — Lu começa a puxá-lo. Digby resiste por um segundo e contempla Auren mais uma vez. Depois se vira e a deixa conduzi-lo ao corredor que segue até o fundo da casa, onde se divide em vários quartos. — Vamos invadir o quarto de Osrik. Tenho certeza de que lá tem alguma coisa seca para você vestir.

Quando os passos de ambos se afastam, observo Auren novamente, mas ela continua ali deitada como um corpo sem vida. A única coisa que impede meu medo insano de explodir é que consigo ver sua aura dourada pairando em

torno dela. Ainda é fraca. Sem brilho. Mas está lá, e me apego àquela luz fraca como se fosse um fio segurando uma rocha.

Ela só precisa descansar.

É um mantra que se repete em minha cabeça.

Ela usou muito poder. Isso a esgotou, quase a matou. Mas o que me preocupa ainda mais é que ela usou uma faceta inteiramente diferente de seu poder, algo a que nunca tinha recorrido antes. Quem sabe que tipo de efeito isso teve nela?

— Pegue.

Olho para a direita quando Ryatt se aproxima segurando uma caneca fumegante. Eu a aceito, analiso o conteúdo e percebo que é um caldo aguado com pedaços de cebola e raízes de aipo boiando nele.

— Foi tudo que consegui improvisar nesse tempo. — Ele dá de ombros. — Vamos precisar ir ao Porão amanhã.

Bebo o caldo sem sentir seu sabor, exceto pelo calor que queima minha língua e inunda meu estômago vazio.

Ryatt bebe o dele muito mais devagar, e consigo sentir seus olhos verdes em mim.

— O que é? — pergunto.

— Isso nunca aconteceu antes.

Olho para o rosto de Auren.

— Não. Nunca.

— Não quero parecer um idiota, porque acho que você já pensou nisso, mas não tem como... tirar o restante da podridão de dentro dela?

— Infelizmente, você está parecendo um idiota, porque *eu tentei, porra*.

— O que tem de diferente?

Deixo a caneca vazia em cima da cornija de madeira, apoio a mão na madeira escura e abaixo a cabeça, olhando para as chamas.

— Não sei. Talvez tenha sido intenso demais quando usei meu poder nela. Ou o deixei dentro dela por tempo demais.

— Isso é... bem, alguma vez já deixou podridão dentro de alguém?

Eu o encaro.

— É claro que sim. Quando queria *matar* esse alguém.

Ele acena como se me desconsiderasse.

— Estou falando de alguém que não quisesse matar.

— Não. — Eu aperto a cornija com força, fazendo a madeira ranger. — Minha podridão faz o que mando. Nunca perdi o controle desse jeito.

Não entendo. Ainda posso senti-la ali, mas não consigo agarrá-la. Não consigo trazê-la de volta para mim. Ela não me obedece.

— Auren vai acordar?

A fúria me faz encará-lo com uma expressão transtornada.

— É claro que ela vai acordar! — grito, e a pele do meu braço se expande, ameaçando permitir a passagem dos espinhos. — Vá se foder, não devia nem perguntar isso.

— Bom, vá se foder *você*. A pergunta é válida.

Fecho a mão, e estou a um segundo de dar um soco na cara dele quando Lu aparece.

— Os meninos já desistiram de brincar direitinho? — Ela trocou de roupa e está usando pantufas de pelúcia enormes, maiores que patas de urso. É o que ela mais gosta de usar quando está aqui, mesmo que sejam ridículas. Digby não está com ela.

— Ele está descansando. Tenta fingir que não, mas está bem abatido. Eu o deixei na cama de Osrik — Lu explica, sem que eu precise perguntar. Depois vem para perto de nós com as mãos na cintura. — Então? Qual é o problema?

— Estou só tentando conversar — Ryatt resmunga.

— Sobre a Douradinha? — Lu adivinha, depois dá uma risadinha e se aproxima de Auren. — Não é melhor não cutucar a fera podre?

Meu irmão revira os olhos.

— O que está fazendo? — pergunto quando ela remove os cobertores de cima de Auren.

Ela me mostra as roupas secas que trouxe do quarto.

— É seguro tocar nela?

Hesito.

— Não sei. Tecnicamente, é dia, o que significa que o toque de ouro não deve estar adormecido, mas... — Paro no meio da frase.

— Mas ela surtou como um animal raivoso e transformou o castelo em uma gigantesca boca de ouro que passou a noite engolindo tudo, mesmo quando não deveria ter sido capaz disso? — Lu conclui.

— Ela não dourou o sofá nem os cobertores.

— Que pena. Odeio esse tom de verde — ela diz, e confere as almofadas antes de me entregar um par de meias e uma calça apertada forrada de pele. —

São para ela.

— Obrigado.

Lu se aproxima de Ryatt e bate no braço dele.

— Venha, vamos fazer alguma coisa útil. Precisamos conseguir mais lenha para acender as lareiras dos quartos. Essa tempestade não vai passar tão cedo.

Os dois desaparecem pelo corredor. Calço as luvas de novo por precaução e, com cuidado, seguro um pé de Auren de cada vez, subindo a calça macia por suas pernas. Faço movimentos suaves, especialmente quando preciso mudá-la de posição para terminar de subir a perna. Quando termino, deito-a de lado outra vez, para evitar que todo o peso do corpo fique sobre suas costas.

Em seguida, calço as meias em seus pés e a cubro novamente com os cobertores. Uma das mãos dela pende do sofá, e só então vejo os restos desfiados da fita cortada ainda amarrados em seu punho.

Uma emoção quente e pesada inunda minha cabeça, uma tristeza pressurizada e congestionada.

Com o mais leve dos toques, levanto sua mão e toco de leve a ponta cortada. A região permanece imóvel e pesada, um cadáver de seda.

Use as fitas.

Não posso.

Ah, ela não contou para você? Ela perdeu esse privilégio.

Minha mandíbula pulsa com uma contração, e a podridão lateja em meu pescoço como um chicote inclemente.

Com todo o cuidado, desamarro a fita e a guardo no bolso — a única parte minha que permaneceu seca. Depois acomodo a mão dela embaixo do cobertor, antes de me sentar no chão novamente. Não sei quanto tempo passou quando Lu volta à sala. Ela cheira a fumaça e lenha queimada e parece cansada, mas isso não a impede de sentar-se no chão ao meu lado.

Se me perguntar por que não consigo recuperar Auren, vou explodir.

No entanto, ela fica quieta. Nós dois contemplamos as chamas, ouvindo o crepitar do fogo e os uivos da tempestade lá fora.

Quando Lu se manifesta, quase pulo de susto, porque me perdi em pensamentos a ponto de esquecer que ela estava ali.

— Você se lembra de quando me juntei ao seu exército?

Fico parado, fitando-a de soslaio, estudando a ruga na testa que sugere reflexão. Ela nunca fala sobre isso, nunca fala sobre si mesma naquela época. Sempre respeitamos seu silêncio sobre o assunto, porque certamente temos

coisas do passado de que também não gostamos de falar. Nas poucas vezes em que um de nós tentou abordar a questão, ela nos mandou calar a boca, e estou surpreso por ter tomado a iniciativa de falar a respeito agora.

Sinto que estou andando sobre gelo fino que pode rachar a qualquer momento, e assinto com cautela.

— Lembro.

Ela balança a cabeça, os punhos equilibrados sobre os joelhos.

— Eu era um animal furioso que não conseguia participar de nenhuma conversa sem arrumar briga.

Sorrio quando me lembro daquela garota magra e feroz que costumava falar as coisas mais cruéis e francas que já ouvi, e ela só tinha catorze anos.

— Fiquei surpreso por você nunca ter desenvolvido garras.

Ela ri e mexe no piercing de madeira no lábio, e o fogo na lareira faz o rubi incrustado brilhar mais intensamente.

— Eu parei na sua frente, olhei no seu olho e disse que seu capitão era um chorão de bunda magra que não conseguia mover uma gota de cuspe, e que você precisava de soldados com mais bom senso.

A lembrança me faz rir.

— Tudo isso enquanto ele te segurava pelo colarinho, até levar um chute no joelho.

— O filho da mãe não devia ter me acusado de roubar merda nenhuma. Foi injusto.

— Tem razão. Por isso te dei um uniforme e te mandei para o alojamento.

Ela sorri.

— Você disse que, se eu queria substituir um de seus capitães, precisava aprender a manejar uma espada, pelo menos.

— E olha para você agora. Capitã do flanco direito.

Lu passa a mão sobre o cabelo quase raspado, deixando os dedos se demorarem sobre o desenho de uma lâmina gravado de um lado.

— Sejamos honestos. Você viu uma menina feroz e morta de fome nas ruas naquele dia e sentiu pena dela. — Seu tom é uma mistura de nostalgia e alguma emoção agridoce.

— Pelo contrário — respondo, com honestidade. — Vi uma colaboradora ágil e alguém que não tinha medo de lutar, que poderia ser uma grande líder se tivesse a chance de aprender.

Lu me encara e, pela primeira vez em anos, é quase como se eu olhasse outra vez para aquela menina de catorze anos. A menina que tinha uma família de merda que não a merecia, e que acabou enroscada nos fracassos daquela gente. Foi maltratada, abandonada e forçada a cuidar de si mesma. Sua atitude combativa não era uma falha de caráter. Era seu ponto forte.

— Naquele dia eu te odiei, sabe? Por me recrutar para o seu exército e me transformar em um dos seus soldados fodidos. Eu não queria obedecer a você̂. Não queria ter de obedecer a ninguém.

— Ah, eu sei. Você̂ me xingou várias vezes por isso. Acho que ficou na limpeza das latrinas por uns bons nove meses.

— Doze — ela me corrige, quase orgulhosa. — E o odiei ainda mais em segredo por me sentir grata. — Sua sinceridade me surpreende, e a vejo balançar a cabeça e suspirar. — Vamos encarar os fatos. Se não tivesse me tirado daquela rua e me dado uma espada, eu teria morrido, Degola.

Balanço a cabeça em negação.

— Não acredito nisso. Você̂ já era forte.

Seus olhos castanhos estão baixos, cravados na madeira que queima na lareira.

— Não me refiro a morrer no aspecto físico, mas mentalmente. No âmbito emocional. Espiritual. — Lu leva a mão ao peito e bate nele duas vezes. — Ninguém é capaz de pensar, se acomodar ou se desenvolver quando vive daquele jeito. Eu estava morta e correndo, só tentava alcançar a sobrevivência. Só tentava chegar ao fim do dia. As pessoas não entendem isso, sabe? Se nunca viveram desse jeito, não entendem. É *um dia*. Uma sequência infinita de "um dia de cada vez", só passar raspando, passar por pouco. Sempre fugindo, nunca esperando mais nada. Sem nunca ter alguém ou alguma coisa além daquele correr, lutar e morrer no processo.

— Você̂ não é mais aquela menina. Essa não é sua vida.

— É verdade. Assim como Osrik não é mais mercenário, e Judd não é mais ladrão. Porque você̂ nos escolheu para lutar ao seu lado e nos mostrou que não era só um dia. Não era fugir e morrer. — Ela me encara. — Eu sou a mulher que sou hoje porque você̂ me jogou no seu exército e permitiu que eu me tornasse capitã.

Uma emoção inesperada aperta meu peito.

— Você̂ fez por merecer tudo isso, Talula Gallerin.

Ela torce o nariz e se inclina para bater no meu braço, mas não com sua verdadeira força, nem perto disso.

— Não me chame desse jeito.

Faço uma careta e massageio o braço.

— Continua violenta.

— Sempre. — Lu ri e inclina a cabeça na direção de Auren. — Ela vai acordar, você sabe.

Engulo em seco, e a leveza da conversa bem-humorada desaparece.

— Você fala como se tivesse certeza.

— Porque tenho — ela diz, antes de se levantar. — Você aceitou minha beligerância e jogou um uniforme na minha cara. Aceitou o impulso assassino de Osrik e decidiu dar a ele uma espada. Viu cada cela que poderia deter Judd e, em vez de jogá-lo em mais uma, deixou que guardasse as chaves. Dessa vez, você encontrou seu pintassilgo e a viu sair da gaiola. Ela vai abrir os olhos, como você fez todos nós abrirmos.

— Isso é um pouco mais literal. Eu a apodreci.

Lu dá de ombros.

— Todos nós temos alguma coisa podre por dentro, e eu não trocaria isso por nada. É assim que sobrevivemos.

7

SLADE

Aos 8 anos

Estou muito cansado. Meu corpo inteiro dói, mas a dor é pior nos braços e nas costas, onde os espinhos apareceram. Ainda pressionam por baixo da pele, dando a ela uma tonalidade cinza.

— De novo!

A ordem do meu pai me sobressalta, mas levanto a espada, embora seja pesada e meu braço inteiro esteja tremendo.

O professor de esgrima é um feérico chamado Cado, careca como meu pai, com a pele marrom-escura e sem barba — e, quando quer, ele pode projetar lâminas dos dedos. E quando faz isso, nunca é um bom dia.

Eu treinava com Cado três vezes por semana durante uma hora, apenas, mas desde que meu poder se manifestou, semanas atrás, meu pai me obriga a treinar todos os dias, durante horas. Ele afirma que preciso ficar fisicamente mais forte para poder aprender a usar minha nova magia. Por enquanto, todas as outras aulas foram suspensas. Mas, até agora, não consegui comandar os espinhos nem meu poder.

Eu tento. De verdade, eu tento. Estou cansado de ficar nesse campo dia após dia, enquanto o sol me queima, o suor pinga e meu pai me faz treinar com uma espada de verdade, em vez dos modelos de madeira usados nos treinos. Odeio isso. Mas ele diz que me pressionar é o único jeito de fazer minha magia aflorar.

Quase não consigo erguer a espada a tempo de bloquear o ataque de Cado. Estou treinando bloqueios, mas ele bate com tanta força que o impacto do metal sobe em

ondas por meus braços e provoca uma reação estranha nos dentes.

Cambaleio para trás, meus pés afundam na grama e perco o equilíbrio.

— Isso não foi um bloqueio — meu pai grita.

Viro a cabeça e o vejo a alguns metros, ao lado de tio Iberik. Odeio os dois ali me observando, apontando cada erro que cometo.

— Estou cansado — arfo. Preciso limpar o suor da testa, porque está escorrendo e fazendo meus olhos arderem.

— Você continua fraco — ele retruca, cruzando os braços sobre a camisa vermelha igual à minha. A cor me faz pensar em sangue. É a mesma do lábio cortado que ganhei ontem, quando errei um bloqueio e Cado bateu com o cabo da espada em minha boca. A mesma cor que pinga dos meus braços a cada vez que os espinhos perfuram a pele.

— Você tem de se esforçar, Slade. Precisa fazer esforço físico e invocar sua magia.

Rangendo os dentes, descrevo um giro e me esquivo no último instante ao ver Cado atacando. Tento usar a espada, mas não consigo levantá-la antes do segundo ataque. Cado recua no último segundo, e é o braço dele que bate na lateral do meu corpo, em vez da lâmina, mas ainda dói.

Caio esparramado com o rosto no chão. Estou ofegando tanto que as folhas de grama seca se mexem para frente e para trás. O gosto metálico na boca informa que cortei o lábio de novo, provavelmente.

— Levante-se — meu pai ordena.

Eu tento, mas meu corpo inteiro treme, e ainda deixei cair a espada. Não sei onde ela foi parar.

— Levante-se.

— Stanton.

Eu me sento ao ouvir a voz da minha mãe. Ela se aproxima e para ao lado do meu pai, com o rosto contraído. Odeio vê-la preocupada comigo, por isso tento me colocar em pé outra vez. É difícil e estou um pouco zonzo, mas consigo. Só não consigo encontrar minha espada.

— Ele precisa de um descanso. — Eu a escuto dizer.

Tio Iberik balança a cabeça em um sinal negativo.

— Argh, ele está bem.

O cabelo preto da minha mãe dança com uma brisa que não consigo sentir. Queria poder senti-la, porque me sinto um pão assando no forno.

— Vocês estão aqui fora há horas, ele está cansado.

Meu pai nem olha para mim, mas vejo seus olhos escurecerem cravados nela e começo a suar, agora por um motivo inteiramente diferente.

— Ele é um feérico — tio Iberik fala. — Não somos como vocês, oreanos. Somos mais fortes.

Não sei se mais alguém percebe que minha mãe cerra os punhos junto do corpo.

— Sim, mas ele é meio-oreano. E só tem oito anos. Nem os meninos feéricos podem ficar horas sob o sol treinando com uma espada. Ele precisa descansar ou vai ter uma insolação, e amanhã vai estar doente demais para treinar. A maioria dos feéricos nem toma conhecimento do próprio poder antes dos quinze anos. Estão exigindo demais dele — minha mãe afirma tudo isso com a voz firme, fitando diretamente o meu pai.

Mas sei o que vai acontecer. Mais tarde, quando não houver ninguém por perto, meu pai vai ser cruel com ela. Talvez até a machuque. Não quero isso.

Nas últimas semanas, tenho ficado do lado dela que nem cola. Se meu pai se aproxima, eu o distraio. Ele tem estado tão empolgado com a manifestação precoce do meu poder, que até agora tem sido fácil. Não quero que ele volte a prestar atenção nela.

Sonhei com o som dos tapas que ele deu na minha mãe e, quando acordei, meu colchão estava todo rasgado pelos espinhos das minhas costas, e os dos braços deixaram os lençóis em tiras. As linhas na minha pele se espalharam para a cama, apodrecendo a madeira até ela se desfazer. Porque é isso — podridão. Posso não ser um Quebrador, mas vou destruir.

— Estou bem — asseguro, mas minha garganta arranha, e seria muito bom mergulhar a cabeça no lago agora. Também gostaria de jogar essa porcaria de espada lá no meio, para não ter de treinar de novo.

Cado se mantém em silêncio, fitando os adultos, embora não com preocupação. Ele adoraria me treinar até acabar comigo, se fosse essa a vontade de meu pai.

— Viu? — diz meu pai. — O garoto está bem.

— Stanton...

— Volte para dentro, Elore — ele se impacienta. Minha mãe parece tão zangada quanto ele, mas a raiva não combina com seu rosto, não como combina com o de meu pai. Ela está sempre sorrindo comigo e com Ryatt. Rindo com os empregados oreanos, bondosa e calma com os cavalos. Com meu pai, sua expressão é diferente. É acanhada, raivosa, assustada ou triste. Elas não encaixam. Não combinam.

Quero que ela exiba sempre a expressão que mostra para nós.

— Eu vou entrar com meu filho — ela declara, teimosa.

Meu coração dispara quando observo os dois.

Tio Iberik a encara, boquiaberto.

— Como se atreve a tratar com tamanho desrespeito seu senhor e marido! Ele é um feérico. Trouxe você ao nosso mundo, permitiu que vivesse aqui, lhe deu vida longa e filhos e a capacidade de viver em nosso mundo.

Minha mãe nem presta atenção a ele, mas meu pai sim. Ele sempre fica mais bravo quando tio Iberik está aqui. Não quer ninguém respondendo ou se comportando mal, em especial quando há outras pessoas por perto.

A raiva no rosto do meu pai me faz sentir uma onda de emoção. Quando ele dá um passo na direção dela, a grama fica marrom sob meus pés. Linhas negras descem por meus braços. Espinhos perfuram a pele, cada qual de um comprimento diferente.

Meu pai olha para mim quando a podridão se espalha pela grama. Em vez de ficar empolgado, como na primeira vez, ele comprime os lábios em uma linha fina.

— Seu poder aparece agora? — resmunga. — Você devia conseguir manifestá-lo durante o treinamento. Isso é prova de que não está se esforçando o suficiente.

— Juro que estou — declaro. Tento alcançar minha perna e limpar o sangue que pinga das perfurações em meus braços, mas acabo rasgando a calça com a ponta de um espinho.

— Você precisa aprender — ele determina, e se aproxima de mim. Seus olhos notam que alguns dos meus espinhos são mais longos que os outros, que minha pele está toda cortada. — Não pode ser controlado por sua magia ou se tornar vítima de emoções tolas. Você é meu filho, e vai aprender a me deixar orgulhoso.

Ou...

Sim, há uma ameaça implícita.

Abaixo a cabeça.

— Sim, pai.

Ele ergue o queixo.

— Leve-o para dentro.

Minha mãe não perde tempo, e me tira dali. Sua mão macia segura meu braço na parte de cima, onde não há espinhos, e começamos a longa caminhada de volta à mansão.

Caminhamos em silêncio, mas minha cabeça vibra com as últimas palavras de meu pai.

Vai aprender a me deixar orgulhoso.

Porque não sou motivo de orgulho para ele. Só o decepciono, e ele vai me odiar para sempre.

Meus olhos ardem, mas continuo fungando e tentando não chorar. Tenho feito isso com frequência ultimamente. Mas continuo a ouvir as palavras de meu pai em

pensamento. Sempre quis que ele parasse de se decepcionar comigo, e pensava que, assim que começasse a mostrar sinais de magia, isso aconteceria. Mas não é verdade, nem um pouco.

Assim que volto ao meu quarto, tomo banho em silêncio e me visto, ainda mais silencioso, para ir para a cama. Minha mãe volta com comida e produtos para limpar a pele ferida, dolorida, e também não falo nada sobre isso, apesar do ardor provocado pelo líquido que ela despeja nos cortes. Pelo menos os espinhos se retraem, e não preciso dormir com eles.

Quando os últimos resquícios de sangue foram limpos, minha mãe coloca as mãos em meu rosto, me forçando a fitá-la.

— Quero que você me escute, Slade, e quero que se lembre disso, certo?

Assinto lentamente.

Seus olhos são firmes e cheios de amor.

— Você é meu filho e sempre me encheu de orgulho. Todos os dias.

Sinto vontade de chorar como um bebê, mas engulo as lágrimas.

— Mas sou fraco. Minha magia só aparece quando estou sentindo emoções, e meu pai diz que isso é errado.

— Você não é fraco — ela diz com firmeza. Tento argumentar, mas ela continua falando: — Não é preciso ser cruel para ser forte. Não é preciso ser maldoso para ser valente. Não é preciso olhar para os outros de cima para parecer grande. Ter emoções não significa que você é fraco. Significa que é suficientemente inteligente para se permitir sentir.

Quando meus olhos começam a arder com o esforço de segurar as lágrimas, ela desliza os polegares por meu rosto.

— Não quero ser como ele — sussurro, e, apesar de estarmos trancados no meu quarto, olho para a porta, temendo que ele tenha me ouvido, de algum jeito. — Não quero quebrar, apodrecer ou machucar nada. Quero ser bom.

Minha mãe fica triste.

— Você é bom, Slade. Sinto orgulho de você todos os dias. E não é por causa desses espinhos nos seus braços ou da magia em suas veias. Não é por causa do sangue com que nasceu ou pelo status que um dia vai ter. — Ela abaixa uma das mãos e toca meu peito, bem em cima do coração disparado. — Eu me orgulho de você por isso. Não pelo que pode fazer, mas por quem sei que será.

— Quem eu vou ser?

Ela se inclina e beija minha testa, alisa meu cabelo úmido e o afasta do rosto.

— Você vai ser completamente você mesmo. E vai sentir orgulho disso.



8

SLADE

Não sei como ou quando pego no sono. Tudo que sei é que a porta da frente bate, e levanto a cabeça de maneira brusca. Meu pescoço estala ao deixar a posição de repouso no sofá. Ryatt, ao que tudo indica, dormiu também e nem sei quando ele voltou para a sala. Meu irmão se ajeita na cadeira onde estava esparramado quando me levanto com um pulo, assustado com o despertar inclemente.

O vento uiva através da caverna, e percebo que escureceu de novo, ou porque dormi mais do que tinha percebido, ou porque a tempestade encobriu completamente o sol. Faço uma pausa ao ver um tufo de cabelo amarelo.

— Judd?

— Sentiu minha falta? — Ele sacode a cabeça como um cachorro molhado, espalhando gotas d'água pela entrada.

Suspiro e passo a mão no rosto.

— Ninguém ouve minhas ordens?

Ryatt olha para mim de cara feia, depois vai para a cozinha.

— Não quando suas ordens são idiotas — Judd responde, do seu jeito jovial.

Preciso socar alguma coisa. Preciso mesmo.

Mas então ele se afasta para o lado, e um homem magro vestindo um casaco longo com fitas vermelhas em torno dos bíceps entra e fecha a porta.

Hojat.

O alívio me invade, e eu arregalo os olhos para Judd.

— Você foi buscar Hojat no exército e o trouxe até aqui?

— Sim.

Surpresa, gratidão e irritação por eu não ter pensado nisso, todas essas coisas se chocam dentro da minha cabeça.

— Não tem de quê — Judd diz, sorrindo para mim enquanto retira uma bolsa do ombro e a deposita no chão.

— Obrigado. — Ter Hojat aqui para examinar Auren já alivia um pouco do pânico que me contorce por dentro.

Os dois entram na sala, e Judd ajuda nosso reparador do exército a tirar o manto encharcado, enquanto Hojat verifica a própria bolsa, que leva pendurada no ombro. Ouço frascos tilintando lá dentro.

— Que bom, tudo seco aqui dentro.

— Sua outra bolsa não teve a mesma sorte — Judd informa, apontando para a sacola que agora não é muito mais que uma poça ao lado da porta da frente.

— Tudo bem, Capitão Judd — Hojat responde ao sacudir a água do cabelo castanho.

Lu aparece do corredor e estuda a cena com uma expressão cansada.

— Que demora — ela comenta, bocejando.

— Você sabe que odeio voar — Judd retruca, ao mesmo tempo que tira o manto e o pendura no prego ao lado da lareira, onde os outros mantos já estão alocados. — Além do mais, atravessamos a porcaria da tempestade. Aquela chuva virou gelo, e o gelo virou granizo. Já foi apedrejada por granizo enquanto tentava se manter em uma sela congelada com um reparador que odeia altura? — ele pergunta, descalçando as botas.

— Não, recentemente não.

Judd sacode o cabelo de novo.

— Bem, é difícil.

Hojat franze a testa.

— Foi minha primeira vez em um timberwing, Capitão Judd — ele anuncia, e estremece ao tirar as botas molhadas. — E seu domínio das rédeas não é dos melhores.

Lu dá risada. Ryatt volta com duas canecas metálicas fumegantes. Ele as entrega a Judd e Hojat, que as aceitam agradecidos e bebem o caldo.

Minha paciência está no fim, e essa conversa toda ameaça o pouco que resta.

— Alguém pode me explicar por que todos vocês não estão com o exército, como eu ordenei?

Os quatro me encaram como se eu fosse uma criança fazendo birra. Eles olham para mim desse jeito com *muita* frequência.

— Calma — Judd responde, e se aproxima para bater em minhas costas com a mão fria. — O Os está com o exército, e eles já se moveram de acordo com seu comando. Ele tem tudo sob controle. Além do mais, Lu e eu concordamos sobre você precisar de Hojat. Para Digby e para... — Ele para de falar e dirige sua atenção para onde Auren continua deitada no sofá. — Ela ainda não acordou?

Balanço a cabeça em uma negativa.

— Com licença, Capitã Lu — Hojat murmura, antes de passar por ela e parar na frente de Auren. Quando olha para ela, o lado esquerdo de seu rosto se contrai com a preocupação. — Capitão Judd disse que não se pode tocar na pele dela durante o dia, é isso?

— Correto — confirmo. Além da minha Cólera, Hojat é alguém em quem confio. Ele sabe muitos segredos, e agora que está aqui eu me sinto muito aliviado, porque vai poder ajudar Auren em tudo que não consegui. — Mas ela não tocou de ouro as almofadas nem a calça de Lu. Não sei se isso é bom ou ruim. Ela pode estar esgotada.

Hojat murmura, pensativo:

— Hum. É noite agora. Posso?

Assinto e me afasto para o reparador dar início ao exame minucioso. Ele começa tirando a temperatura da testa, aproxima os dedos da boca para contar a respiração, depois verifica as extremidades e pressiona a orelha contra o peito dela para escutar o coração.

— E então?

— Tudo indica que ela está só descansando. Talvez tenha sido um esgotamento de poder, como você diz. Eu me lembro de algumas vezes em que desmaiou por causa disso, Majestade — ele comenta, com um sorriso tranquilizador.

— Deixei um pedaço da minha podridão dentro dela — anuncio. — Não consigo tirá-lo.

Olhos intrigados buscam os meus.

— Tem a impressão de que está havendo algum dano por isso?

Eu a examino de novo, por precaução, depois balanço a cabeça, negando.

— Não que eu possa sentir. Só não quer sair.

Hojat resmunga de novo.

— Fique de olho nisso, está bem?

— Sim.

O reparador olha para Judd, antes de voltar a atenção para mim.

— O Capitão Judd disse que ela pode ter ferimentos nas costas.

Meus ombros ficam tensos.

Judd levanta as mãos.

— Sei que falei demais, mas ele precisa saber para poder ajudá-la.

Balanço a cabeça em um sinal de negação, porque não estou zangado com Judd por ter contado essas coisas a Hojat. Eu também teria falado. Estou furioso por não ter feito mais que deitá-la de lado.

— Não consegui... — Pigarreio, tentando parecer muito mais forte do que me sinto. — Não olhei.

Porque sou um covarde.

Porque não pude suportar.

Hojat não me critica, embora eu mereça. Em vez disso, inclina a cabeça na direção de Auren.

— É melhor eu dar uma olhada. Incline-a para a frente, para eu poder fazer o exame e o tratamento necessário.

Assinto e me dirijo ao outro lado do sofá. Com cuidado, seguro os ombros de Auren e a viro de bruços. Assim que a posiciono, Hojat, que já tirou da bolsa uma tesoura, corta o vestido até conseguir afastar as duas partes de trás.

No momento em que ele expõe suas costas, inspiro profundamente, e é como se o ar cortasse minha garganta. Ouço os membros da minha Cólera reagirem com choque e espanto, e todos se aproximam para observar. Mas eu não me aproximo. Pelo contrário, estou enraizado, paralisado.

As costas dela estão em frangalhos.

As fitas de cetim dourado que brotavam dos dois lados da coluna, como penas de uma asa, foram totalmente destruídas. Aquelas vinte e quatro faixas delicadas, caídas como a cauda de um vestido, acompanhando os movimentos dela como uma extensão de seu corpo, todas foram arrancadas, e agora restam menos de cinco centímetros de cada uma sobre a pele ensanguentada.

As fitas de Auren eram bonitas. Únicas. Feéricas. Eram tão brilhantes e cheias de vida quanto ela. Agora, foram cortadas como os galhos de uma árvore, arrancadas e rasgadas.

Use as fitas.

Não posso.

Meus olhos ficam embaçados quando encaro cada pedaço cortado, o sangue seco acumulado nas extremidades e na pele em respingos de ouro. A ponta das fitas está desfiada e torta, a pele apresenta hematomas ao longo da coluna em consequência do trauma.

Algumas extremidades cortadas ainda vertem gotas douradas de sangue, e me condeno por tê-la sacudido tanto, por não ter cuidado disso de imediato. Por ter sido um covarde.

— *Cacete...* — Judd comenta.

— Aquele monstro de merda — Lu acrescenta, e se vira.

Minha garganta está contraída demais para eu verbalizar alguma coisa.

— Vamos lá. — Hojat endireita o corpo, e é o único na sala que não está horrorizado ou triste e cheio de pena. Não faz qualquer comentário sobre o sangue dourado ou sobre o fato de ela ter as fitas. Em vez disso, cumpre seu papel de reparador de maneira metódica e sem hesitação. — Comandante Ryatt? — ele chama, olhando para meu irmão. Além da Cólera, ele é o único que sabe que tenho um irmão, e que ele ocupa meu lugar quando cumpro as funções de rei, em vez de ser soldado. — Preciso de água limpa e fervida. — Depois ele olha para Lu. — Vou precisar de uma camisa grande para ela, com botões ou fitas para fechar. De preferência, uma do tamanho do Capitão Osrik.

Lu e Ryatt se afastam no mesmo instante e seguem em direções distintas.

— Vocês dois. — Hojat aponta para mim e para Judd. — Ela precisa de uma cama onde eu tenha mais espaço para trabalhar e ela possa ficar mais confortável.

— Já acendi a lareira no seu quarto — Ryatt avisa da cozinha.

Assinto e pego Auren nos braços. Judd segue na minha frente pelo corredor, e passamos pela luz trêmula das tochas presas às arandelas nas paredes. Ele abre a última porta no fim do corredor e corre até a cama para afastar as peles e os cobertores. O quarto está aquecido, o fogo na lareira crepita e projeta calor e uma luminosidade alaranjada, confortável, embora nada consiga amenizar o cheiro de mofo deixado pela falta de uso. Faz tempo que não fico aqui.

Sem perder tempo, Judd acende a lamparina sobre a mesa de cabeceira, depois abre as pesadas cortinas marrons. Não teríamos nos incomodado com a

instalação de janelas na Gruta, uma vez que não temos uma vista do lado externo, mas foi um truque para nos sentirmos menos claustrofóbicos, e porque o brilho da rocha fluorescente na caverna espalha um azul reconfortante que quase lembra estrelas.

— De bruços, por favor, senhor — Hojat me orienta, ao atravessar o quarto.

Eu a deito com todo o cuidado possível, virando sua cabeça de lado e a examinando para ter certeza de que não parece estar mal acomodada.

Assim que termino de deitá-la, Hojat praticamente me empurra para o lado, deixa a bolsa ao pé da cama e começa a tirar ferramentas dela.

Judd e eu ficamos ali parados, e o reparador olha para nós por cima do ombro.

— Não temos tempo a perder. Capitão Judd, você vai ter de tirar essas roupas molhadas, e receio que vou precisar de algumas emprestadas até as minhas secarem.

— Vou cuidar disso.

Judd se vira e sai, e então Hojat olha para mim. Noto quando uma linha se forma entre as sobrancelhas castanhas.

— Senhor, não trocou de roupa depois da tempestade?

Olho para mim mesmo, me perguntando como ele sabe, mas o couro preto enrugou e endureceu, e linhas brancas de geada mancham o material.

— Não.

— É melhor vestir outra coisa.

Hesito por um momento e olho para Auren.

— Hojat, qualquer coisa que tenha a ver com ela...

Ele levanta a mão para me silenciar.

— Você salvou minha vida. O mínimo que posso fazer é proteger seus segredos. Qualquer coisa que aconteça com você ou com os outros estará sempre guardado comigo.

Eu já sei disso. Hojat conquistou minha confiança há muito tempo. Mas com relação a Auren, preciso me tranquilizar, porque minha natureza feérica está em alerta. Preciso me controlar quando alguém se aproxima dela nesse estado vulnerável. Engulo um rosnado e contenho o impulso de me aproximar, como se pretendesse bloquear qualquer outra presença.

Tenho de dizer a mim mesmo que esse é *Hojat*. Confio minha vida *e* a dos outros a ele. Então, embora o instinto protetor que lateja em minhas veias

torne isso incrivelmente difícil, eu me obrigo a assentir e me afastar de Auren.

Sigo para a porta à direita, entro no lavatório com um quarto de vestir anexo e descubro que alguém já acendeu as tochas. Se senti cheiro de mofo no quarto, ali é ainda pior, apesar dos ramos de pinheiro que alguém deixou pendurado nos cabides a fim de afastar o odor característico de armário fechado. Tiro a roupa com agilidade e deixo as peças duras no chão, empilhadas.

Ao vestir uma calça limpa, vejo meu reflexo no espelho. As veias de poder putrefato sob a pele se multiplicaram e se estendem do peito até o abdômen. Descem pelos braços e sobem pelas costas, se contorcendo em sinal de agravamento ao longo da mandíbula. Só se espalham e se agitam dessa maneira quando reprimo a podridão por muito tempo. Mas, dessa vez, não tem nada a ver com a magia que contive e tudo a ver com a mulher deitada na minha cama. A magia está reagindo a ela, minha natureza feérica bombeia poder pelos vasos sanguíneos tal qual um coração bombeia adrenalina.

Como se entendessem meus pensamentos, as raízes nas mãos ficam salientes e se movem, até eu as fechar em punhos. Rangendo os dentes, termino de me vestir e cubro as veias o máximo possível.

Quando termino de me trocar e volto ao quarto, Hojat já vestiu roupas secas e está trabalhando. Ele termina de limpar o sangue nas fitas de Auren. Seu toque é cuidadoso e leve, e o vapor que se desprende da bacia de água fervente com folhas maceradas espalha pelo quarto o aroma de ervas.

Judd entra com uma toalha seca e vários panos, os quais deixa sobre a mesa de cabeceira.

— Obrigado, Capitão Judd — Hojat agradece, sem desviar o foco de Auren. Judd e eu o vemos espalhar algum tipo de pomada ao longo da base das fitas cortadas, e depois começa a espalhar tiras de pano sobre as costas dela, a fim de cobrir as pontas feridas. Não está incomodado ou hesitante diante das diferenças naquele corpo, nem agitado em relação às faixas que agora trata. Hojat já viu muitas coisas durante o tempo que passou comigo.

Quando termina, o reparador lava as mãos na bacia de água limpa e olha para mim.

— Tudo descontaminado. Vou precisar observá-las para ter certeza de que não vão infeccionar. Ela precisa repousar o máximo possível, de bruços ou de lado. — E começa a recolher seus objetos, enrolando porções de ervas secas e tampando frascos, os quais guarda na bolsa.

— Preciso fazer alguma coisa? — pergunto, odiando a sensação de impotência. Não estou acostumado a sentar e esperar.

— Deixe-a descansar. Esgotamento de magia pode ser muito doloroso para o corpo, como você bem sabe. — Ele procura alguma coisa na bolsa, uma peônia seca que põe embaixo do travesseiro dela, antes de pegar a bolsa e as duas bacias. — Vou ver o senhor Digby e começar a tratá-lo, se me der sua licença.

— Pode ir. Obrigado, Hojat.

O reparador faz outra reverência.

— É sempre um prazer ajudá-lo, senhor.

Quando Hojat sai, solto o ar com um sopro prolongado e ponho as mãos nos bolsos.

— Obrigado a você também — digo a Judd, que está apoiado na parede ao lado da lareira. — Por ter trazido Hojat. Eu devia ter pensado nisso.

— Você estava um tanto preocupado — ele responde, antes de abrir um bocejo enorme.

— Vá dormir, Judd. Você está péssimo.

Meu amigo ri, passa a mão no rosto bronzeado e coça o queixo.

— Sabe mesmo como incentivar a confiança de um homem. Mas tem razão. Sou o bonitão do grupo, é importante que eu respeite meu sono da beleza. Se precisar de alguma coisa, grite. Estaremos todos na sala.

— Eu grito.

Judd sai e fecha a porta. Apesar de ter cochilado um pouco mais cedo, ainda me sinto exausto. Alimento o fogo e puxo a cadeira que está perto da mesinha para perto da cama. Eu me acomodo ali e descanso a cabeça em uma das mãos, enquanto observo Auren. Seu rosto está virado para mim, e eu olho para as feições relaxadas, para as curvas da face, para o formato cheio dos lábios. A pele brilha sob a luz do fogo, e estendo a mão para ajeitar uma mecha de cabelo.

— Descanse, Pintassilgo — murmuro. — Descanse, e depois acorde por mim.

Adormeço sentado ao lado dela, ouvindo sua respiração regular. É a única coisa que me tranquiliza. Porque, neste momento, ao ver sua aura se mover muito difusa em torno dela e os olhos ainda fechados, posso sentir a semente de podridão encravada no solo de seu peito, criando raízes.

E, mesmo assim, ela não responde a mim.

9

OSRIK

Assim que pousei em Ranhold, pus o exército em movimento.

Foi uma confusão, uma correria desorganizada, mas não havia tempo a perder. Minha esperança era que os soldados estivessem descansados e inquietos, porque precisávamos sair do Quinto Reino.

Montado, galopo ao longo das linhas ao passo que o restante dos soldados termina de recolher seus pertences. Há gritos e ruídos, itens jogados sem cuidado algum em carroças e barris, tendas desmontadas e enroladas, cavalos sendo selados.

Em dez minutos, eu tinha a linha de frente do meu exército em movimento. Mais dez, e o meio estava a caminho. Agora estou pondo em movimento os soldados do fundo. É claro, o vento que anuncia uma tempestade de inverno começa a soprar bem quando os últimos partem, jogando neve sobre nós como se tentasse provar que é mais forte.

Foda-se.

O exército pode estar um pouco despreparado em sua retirada apressada, mas é forte. Lu, Judd, Ryatt, Degola e eu trabalhamos para isso.

Cavalgo ao longo das fileiras e os incentivo a avançar mais depressa, enquanto também garanto que os retardatários estão todos presentes.

— Tudo certo, Tonel? — grito.

O homem joga uma pilha de neve sobre a fogueira, apagando as chamas em uma confusão de vapor e fumaça, depois joga uma panela na parte traseira de sua carroça de utensílios de cozinha.

— Tudo certo, capitão — o cozinheiro responde. — Mas a ordem me interrompeu bem quando eu estava preparando o café da manhã.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo com o café.

Tonel leva a mão ao peito.

— Ah, está dizendo que sou o melhor e o mais competente cozinheiro do exército, capitão?

Reviro os olhos.

— Fique de olho em tudo aqui atrás, está bem? Assobie se precisar de mim.

— Está bem.

Durante uma hora, cavalgo ao longo das linhas, indo e voltando, gritando incentivos e ordens, encorajando todos a avançarem mais depressa nessa saída do Quinto. Normalmente, eu esperaria a tempestade passar, mas não confio na Rainha Kaila, e, considerando o que aconteceu no salão de baile hoje à noite, não podemos nos dar o luxo de esperar enquanto eles decidem se querem correr o risco de nos atacar ou não.

Degola quer o exército de volta ao Quarto, então voltaremos ao Quarto.

Mas o céu está escuro. O vento gelado esbofeteia nossos rostos, trazendo rajadas de gelo molhado. O chão virou um pesadelo escorregadio, e a ventania continua a gemer e gritar pra caralho.

Odeio este reino amaldiçoado pelo Divino.

Acho que todos os soldados pensam o mesmo conforme marchamos madrugada adentro, mas pelo menos o clima nos incentiva a sair daqui ainda mais depressa.

Quando ordeno uma parada, o amanhecer se aproxima e a tempestade continua, despejando sua carga interminável sobre nós.

E a porra do vento.

O passo da montanha onde ordeno a parada nos confere alguma proteção, pelo menos. Todos montam as tendas, e alguns se apressam em acender fogueiras para não morrermos todos congelados. A encosta da montanha bloqueia a maior parte do vento, e se montarmos as barracas no ângulo certo, impedimos a entrada da maior parte da neve.

Para descontentamento do meu cavalo, não paro de verificar a área até recolher a contagem de cada tenente e a patrulha de vigia ter sido montada. Só interrompo a minha vigília quando a maioria dos soldados já está recolhida nas barracas ou em torno das fogueiras, e então levo meu cavalo para onde os outros estão sendo abrigados.

Assim que desmonto, um soldado chamado Himinn se aproxima correndo.

— Montei sua barraca, capitão — ele fala, em meio ao barulho do vento e com a neve castigando seu rosto esfolado.

— Já falei que não precisa fazer essas merdas por mim — respondo.

O garoto é recruta, chegou ao exército no verão passado e, desde então, demonstra sua gratidão por eu ter aceitado seu alistamento. Certa vez o peguei polindo meus sapatos, quando me esqueci de guardá-los.

O recruta dá de ombros e sorri, mostrando o dente da frente lascado, depois pega as rédeas.

— Vou levar seu cavalo para perto dos outros e cuidar dele.

— Himinn — começo, mas paro de falar ao ouvir um assobio agudo.

O soldado aproveita a oportunidade para se afastar com meu cavalo, e quando me viro, vejo Tonel caminhando em minha direção com os ramos presos no cabelo comprido.

— Lembra quando disse para eu assobiar se precisasse de ajuda?

— Sim.

— Bem, foi uma sugestão de merda, capitão, porque ninguém ouve um assobio em meio a esta tempestade.

Olho em volta, mas barracas e pessoas estão tão aglomeradas na passagem estreita que, se tem algum problema, não consigo vê-lo.

— O que aconteceu?

— É melhor ver com seus próprios olhos.

Ótimo.

Sigo seu caminho em zigue-zague pela neve espessa do acampamento. Paramos junto à fogueira do cozinheiro, onde uma fila de soldados se serve de uma panela enorme pendurada em varetas de ferro sobre as chamas.

— Você me trouxe até aqui só para me fazer comer? — pergunto.

Tonel dá risada.

— Não, mas vou providenciar uma tigela, sabe disso.

Para demonstrar, ele passa pela fila, serve o caldo grosso em duas tigelas de lata e as entrega para mim.

Arqueio as sobrancelhas.

— Duas?

— Você vai ver — ele diz, com ar misterioso, antes de me chamar com um aceno.

Suspiro e o sigo, mas o caldo fervente respinga nos meus dedos, queima a pele através das luvas e me faz resmungar.

— Precisava encher até a borda?

— Devia treinar para ter passos mais leves — ele responde, animado. — Esse caldo é o melhor jantar no acampamento. Os outros cozinheiros do exército estão com inveja, como sempre.

Com uma risada que mais parece um grunhido, continuo andando até Tonel parar na frente de uma tenda. Ele segura a aba da entrada e eu inclino a cabeça, parado diante da abertura.

— Se está pensando em me pedir em casamento, essa tática é horrível.

Tonel joga a cabeça para trás e gargalha alto.

— Capitão, agora me magoou. Sou romântico demais. Se estivesse fazendo um pedido de casamento, eu o faria tremer nas meias.

— Para sua informação, minhas meias fedem.

Ele acena com a cabeça na direção da tenda.

— Entra logo, esse caldo vai esfriar.

Reviro os olhos, abaixo a cabeça e passo pela abertura. Assim que entro, ele solta a aba da tenda e se afasta, dizendo:

— Divirta-se.

Intrigado, endireito as costas, e então meus olhos se adaptam à penumbra e ao ar mais quente, e vejo a mulher com um vestido sofisticado que não combina em nada com as condições e o lugar. O casaquinho que ela veste também não faz muita diferença.

A loira se levanta para me encarar e cruza os braços, indignada.

— Quem é você? — ela pergunta.

Eu a encaro por um segundo, e então percebo a *segunda* mulher deitada no pallet ao lado dela, pálida como uma folha de papel, dormindo.

— Neste momento, sou o capitão do exército inteiro. E você é *quem*? — devolvo a pergunta, embora ela pareça familiar.

Os lábios carnudos se comprimem, formando uma linha fina.

— Rissa. Quando eu saía de Ranhold, encontrei uma mulher chamada Lu. Ela me disse que, se eu procurasse o exército, você me levaria para longe do Quinto Reino. Disse que Auren tinha conversado com você sobre isso... e que eu poderia ir com você.

Eu me lembro da noite em que Auren falou sobre Rissa. Sobre como a vadia praticamente a estava chantageando. Sugeri que a matássemos.

Eu sugiro matar muita gente.

— É, ela falou. A Douradinha é generosa demais — resmungo.

— Como é que é? — ela reage, petulante.

— Você ouviu — respondo, olhando para ela com desgosto. — Você a ameaçou, a obrigou a comprar seu silêncio, e ela só queria ajudar você. Falei que a gente devia era te matar. Porque se tem uma coisa que odeio é deslealdade.

Um brilho ultrajado passa por seus olhos azuis.

— *Deslealdade?* — Ela percorre a distância entre nós, me surpreendendo ao cutucar meu peito com o dedo de unha pintada. — Escute aqui, seu gigante selvagem e cabeludo. Sou uma profissional do sexo e uma mulher. Acha que tenho o privilégio de viver com base em elevados padrões morais? Pois eu lhe digo: *não* tenho. Montarias dão ao mundo o prazer que ele quer, e o que recebemos em troca? Somos controladas e julgadas, e esse é o melhor dos cenários. Portanto, pode me odiar o quanto quiser, pode até querer me matar, mas faço o necessário para sobreviver nesse mundo, e se isso significa usar informações em proveito próprio, então é exatamente o que vou fazer.

Ela está arfante, com um rubor indignado no rosto; por alguma razão minha muralha irritada desaba, e percebo que a mulher é muito bonita.

Maldito Divino.

Como eu passei da sugestão de assassinato para *isso*?

Seu discurso é atrevido o suficiente para eu ter certeza de que é sincero. Até a respeito por isso. Sei como é ter de fazer o que for necessário para sobreviver no mundo. Durante muito tempo, minha vida foi matar ou morrer, e eu escolhi ficar vivo. Acho que ela também.

Mas sobrevivência também tem a ver com escolher suas lealdades com sabedoria. E quando *eu* sou leal a alguém, minha lealdade é feroz.

Passo a língua no piercing de madeira torcida em meu lábio inferior.

— Auren é leal a você, mas você não é leal a ela. É simples assim. Não permito que gente desleal marche com meu exército.

A loira fica tensa.

— Muito bem. — Ela dá meia-volta e começa a enfiar objetos em uma bolsa, e metade de seu corpo é iluminado pelo brilho de carvão em brasa no centro da tenda. — Nós vamos embora. Espero que durma melhor à noite sabendo que jogou duas mulheres indefesas nas Estéreis e preservou sua preciosa consciência defendendo sua elevada e poderosa *lealdade*.

Olho para cima e suspiro, um suspiro de sofrimento.

— Pode parar com a encenação da mártir — digo, irritado. — Não vai funcionar comigo. Você pode ficar porque dissemos a Auren que poderia, e eu sempre cumpro o que prometo.

Rissa para o que está fazendo, estreita os olhos, e eu continuo ali como um idiota, ainda com as duas tigelas de caldo fumegante. Ofereço-lhe uma.

— Pegue.

Ela hesita por um momento, mas acho que a fome é mais forte que sua antipatia por mim, porque a mulher se aproxima e aceita o caldo rapidamente. Quando vejo como seus lábios tocam a tigela de lata, como ela bebe de modo educado, muitas imagens imundas escapam pelas frestas dos meus pensamentos.

Isso não é bom.

Desviando o foco, bebo meu caldo fazendo muito barulho e arroto alto no final. Com o antebraço, enxugo as gotas que escorreram pela barba, e, quando olho para ela, vejo que me observa com cara de repulsa.

— Você não recebeu educação? — ela pergunta.

Sorrio mostrando os dentes.

— Você vai aprender bem depressa que esses golinhos delicados vão servir de nada quando estiver faminta e congelando. Aqui não tem reis e nobres para impressionar. Só eu.

— Como se eu tivesse alguma intenção de tentar te impressionar — ela dispara depois de mais um golinho contido. — Você não estaria nem no fim da minha lista de reservas de quarto. Só aceito ricos e limpos.

Dessa vez, sou eu quem percorre a distância entre nós. Paro diante dela, e o jeito como seu pescoço delicado se alonga com o esforço de olhar para mim é estranhamente atraente. Nunca pensei que ficaria excitado com o pescoço de alguém.

Passei tempo demais no Quinto Reino. Dor no saco por falta de uso é um problema real.

— A notícia é boa para nós dois, Narciso Amarelo.

Ela franze a testa.

— Narciso Amarelo?

Dou de ombros.

— Combina. A flor é amarela, como o seu cabelo, e engana muita gente, porque pode ser bonita por fora, mas é puro veneno.

Os olhos dela escurecem.

— Meu cabelo é *loiro*, não amarelo, seu bruto incompetente.

— E não vai negar a parte do veneno? Interessante.

Ela me devolve a tigela.

— Pode ir agora.

— Já que sou o capitão do exército, eu vou dar as ordens por aqui.

— Ótimo — Rissa resmunga, antes de me dar as costas e ir se sentar ao lado da outra mulher.

Tenho de admitir: são poucas as mulheres que se atrevem a me dar as costas. O fato de essa mulher ter a ousadia de fazê-lo me deixa excitado.

É. Definitivamente, passei tempo demais no Quinto Reino.

— Quem é a mulher?

— O nome dela é Polly — ela responde, com tom seco, ao mesmo tempo que pega um pano para secar a testa da garota.

— Está doente?

— Por que quer saber?

Dou de ombros.

— Acho que não quero. Mas preciso saber se ela vai usar os recursos do exército com um dos reparadores.

O olhar dela para mim é mais frio que a tempestade lá fora.

— Ela não tem nada contagioso, e não preciso de nada seu ou do seu exército.

— Nada além de abrigo, comida, proteção...

Posso praticamente ouvir o rangido de dentes. Não sei por que irritá-la me deixa tão excitado, mas é o que acontece. Ela tem fibra, e eu não sabia que gostava disso em uma mulher, até agora.

Ela me encara com uma centelha feroz queimando no fundo dos olhos azuis.

Sem desviar o olhar do meu e com uma atitude obstinada, começa a despir o casaco, depois as botas. Mas, quando segura a manga do vestido e a puxa para baixo, eu reajo.

— Que porra está fazendo?

— Ora — ela responde, com uma indiferença tranquila. — É o que você quer, não é? Quer que eu pague por seus *serviços,* capitão? Sou só uma montaria desleal, então preciso recompensar sua generosidade.

Fico ali parado como um idiota enquanto ela termina de puxar a manga, revelando um par de seios perfeitos dentro de um espartilho delicado que os aperta e levanta, desenhando curvas arredondadas que imploram por liberdade e carícias.

Minha ereção é dura como uma pedra. Tanto que, de fato, todo o sangue necessário para fazer meu cérebro funcionar flui na direção errada, por isso demoro vários segundos para entender suas palavras.

E quando as entendo, fico furioso.

— Pode se vestir — retruco.

— Por quê? Isso é o que os homens querem em troca de qualquer coisa. Só estou fazendo o que faço.

Ela continua ali, parada e indignada, e eu jogo as vasilhas no chão e me aproximo com passos furiosos. Mas, quando tiro o casaco, ela se encolhe.

Ela *se encolhe*.

Como se eu fosse bater nela, ou alguma coisa assim.

E isso me deixa ainda *mais* furioso, porque encolher-se é uma resposta que se aprende, e agora sei que ela já foi agredida. Provavelmente, por um daqueles merdinhas que gostam de brincar com montarias e maltratar mulheres. Talvez até o próprio Midas.

Tiro o casaco mais devagar e o coloco sobre os ombros dela. A mulher me encara sem se mover, quase sem respirar.

— Sou um babaca, mas nunca tiraria vantagem de uma mulher — aviso.

Apesar de ela ter feito o possível para me chocar, parece que agora eu a choquei. É como se não entendesse que a estou *vestindo*, em vez de despi-la.

Dedos graciosos seguram o casaco.

— Está... me dando seu casaco? — ela pergunta, com um tom completamente diferente. Mais quieto. Confuso. Com uma nota de vulnerabilidade por trás da aparência espinhosa.

— Estou — confirmo, e olho para aquela boca. Linda. — Vou providenciar mais roupas para vocês duas. Não podem atravessar o Quinto Reino de vestido e espartilho.

Rissa olha para mim, desconfiada.

— Vai me dar tudo isso?

— Acabei de dizer que sim, não foi?

— E... não quer me foder? — ela pergunta, atordoada, como se não conseguisse acreditar.

Minha risada é rouca.

— Eu não disse isso. Disse que não vou tirar vantagem de você — respondo, aprofundando a ruga em sua testa. Cedo à tentação por um segundo e me inclino para ela e, como suspeitava, sinto um leve aroma de flores. — Quando a gente trepar, vai ser porque você quer.

Vejo uma centelha em seus olhos antes de ela apagar esse brilho e trocá-lo por aquela expressão petulante de antes.

— E o que te faz pensar que algum dia vou querer?

Sorrio para ela antes de me virar e recolher as tigelas.

— Você pode ser venenosa, Narciso Amarelo, mas não é imune. Tem alguma coisa rolando aqui.

— Tem, é ódio.

Disfarçando um sorriso, caminho para a saída da tenda e paro a fim de olhar para trás uma última vez, antes de afastar a aba que serve de porta.

— Que graça tem isso, se não tiver um pouquinho de ódio dos dois lados?

Saio e a deixo balbuciando palavras desconexas, mas noto o rubor em seu rosto.

A longa jornada de volta ao Quarto Reino acabou de ficar *muito* mais instigante.



10

SLADE

Faz quatro dias.

Quatro dias, e Auren ainda não se mexeu. Está deitada na minha cama em silêncio, só muda de posição quando Hojat troca os curativos e a ajeita para evitar que fique dolorida. E apesar de o sol ter nascido e se posto várias vezes, nem uma linha foi dourada por seu toque. Nem o tecido da fronha embaixo de seu rosto, nem as luvas novas ou a calça em contato com seu corpo. Nem uma fagulha de poder saiu dela, e não sei o que pensar.

A tempestade seguiu furiosa, como se tentasse se vingar por termos escapado de sua ira e chegado aqui ilesos. Para nos castigar, ela então decidiu não ir embora.

Minha atenção se volta para a porta quando Ryatt entra sem aviso e com uma expressão contrariada, os olhos verdes brilhando.

— Já ouviu falar em bater à porta? — pergunto, embora não haja energia alguma por trás das minhas palavras.

Ele para na frente da minha cadeira, abrindo caminho com a ponta do pé entre as dezenas de livros no chão ao meu lado, esquecidos e abandonados, já que minha mente não me permite ler nada. Não consigo — não enquanto Auren está ali imóvel.

— Você precisa sair deste quarto.

Rio baixinho.

— Agora está me dando ordens, irmão?

— Não, *irmão*. Eu não me atreveria a dar ordens ao grande Rei da Podridão — ele retruca, no mesmo tom. — Mas não está se alimentando, quase não tem

dormido e está com um cheiro horrível.

Reviro os olhos, pronto para expulsá-lo do quarto. Meu humor piora a cada dia que Auren não acorda. Não saí do lado dela nem por um segundo, dominado por preocupação e medo tão grandes que não sobra espaço para sentir, ouvir e pensar em mais nada.

— Saia daqui, Ryatt.

Ele suspira, desapontado.

— Você precisa se controlar.

Olho para ele, indignado.

— *Me controlar?* — E me levanto para ficar frente a frente com ele. — Acha que não mantenho um controle rígido sobre mim a cada segundo do dia? Não posso ter o luxo de perder o controle. — Meu corpo todo fica tenso, o tom de voz é duro. — Desde o momento em que tive que usar minha magia nela, estou a *um passo* de explodir. Entende? Tenho de segurar as rédeas do meu poder constantemente, não posso relaxar nem por um segundo. Então, não, não preciso me controlar. Porque não pude afrouxar esse controle desde que cheguei aqui e me dei conta de que ela não acorda.

Ryatt estuda minha expressão irada, mas já nos enfrentamos desse jeito várias vezes, e embora muita gente recue ao se ver diante da minha fúria, ele não é uma dessas pessoas.

— É exatamente por isso que precisa sair deste quarto.

Balanço a cabeça em uma negativa, sinto os espinhos tentando atravessar a barreira das mangas da camisa. Mesmo agora, os menores já pressionam a linha curva sobre as sobrancelhas.

— Olha pra você — ele insiste, com desgosto. — Quero ver a situação real.

Eu me viro e paro na frente da lareira.

— Quem mandou você aqui? Lu? Diga a ela que não precisa se preocupar comigo.

— Ninguém me mandou aqui, mas estamos todos cansados dessa merda. Vamos, me deixe ver isso.

— Saia.

— Acha que quero ser sua babá? Tenho coisa melhor para fazer. Vai logo, levante as mangas e me deixe ver isso. Não vou sair daqui antes de ver como está.

Furioso, giro sobre os calcanhares e levanto as duas mangas, só para me livrar dele. Assim que meus braços são expostos, Ryatt pressiona os lábios em

uma linha fina.

— Cacete.

Abaixo as mangas de novo.

— Está tudo bem.

— Não está — ele protesta. — Você precisa sair e extravasar um pouco de poder, antes que ele o devore vivo.

— E os batedores?

— Não tente mudar de assunto. Estou cuidando dos batedores de Midas, não se preocupe. Você precisa lidar com as *suas* merdas.

— Não vou deixar Auren sozinha.

Ryatt se dirige à cadeira em que eu estava sentado e se acomoda nela diante do meu olhar incrédulo. Ele até cruza as pernas, apoia um tornozelo sobre o joelho oposto e pega um dos *meus* livros do chão para começar a ler.

— Que porra você está fazendo?

Meu irmão dá de ombros.

— Vou ficar com a garota dourada, ela não está sozinha. Agora saia e vá apodrecer alguma coisa, antes que exploda e destrua todo Poçomorto.

Cerro os punhos, e as raízes ao longo dos meus dedos se contorcem e estalam contra a pele, na tentativa de sair como os espinhos.

— Não posso. — Olhar para Auren deitada de lado é a única coisa que me impede de perder a cabeça por completo. Porque ela ainda não acordou. Ainda não está bem.

Ryatt me encara e, pela primeira vez desde que entrou aqui, fica sério.

— Quanto mais cedo for cuidar de sua magia, mais depressa vai poder voltar para cá e para perto dela — ele declara, e seu tom não é mais cortante. — Vá logo. Eu fico aqui com ela. Prometo. — Começo a balançar a cabeça, mas meu irmão me interrompe: — Slade. Você está a um segundo de perder o controle. Ficar aqui sentado olhando para ela não vai ajudar, porque, mesmo quando ela acordar, você vai ter de sair imediatamente para resolver o problema da sua magia. Vá agora, antes que imploda.

A indecisão é uma agonia, mas agora que Ryatt pontuou com tanta franqueza o quanto estou pressionado, não consigo mais ignorar a pressão. O poder se contorce sob minha pele, formiga nas costas e no peito, vibra nos braços e faz meus dedos pulsarem com a persistência dessa força sob as unhas.

— Tudo bem — cedo, por fim, percebendo que não consigo nem respirar direito. — Volto assim que puder.

— Não tenha pressa. Descarregue o suficiente para eu não precisar te empurrar de novo para a tempestade duas horas depois.

— Está muito frio lá fora?

— Está nevando há quatro dias sem parar, sem sinal de melhora, e o vento gelado é capaz de rachar sua bunda em um segundo.

— Perfeito pra caralho — resmungo. Vou até o closet, pego o primeiro casaco e par de luvas que vejo e me visto, antes de calçar as botas. — Fique de olho nela — digo. — E mande alguém me avisar ao menor sinal de movimento.

Ryatt faz uma reverência debochada sem se levantar da cadeira.

— Sim, senhor.

— Cale a boca.

Ouvindo a risada dele atrás de mim, saio do quarto pela primeira vez em três dias e encontro Lu e Judd encostados na parede do corredor. Paro por um segundo ao vê-los, mas reviro os olhos e continuo andando.

— Qual seria a ordem?

Lu me segue com passos leves.

— Judd seria o próximo, se Ryatt não conseguisse te convencer com seu amor fraternal — ela responde, com uma risadinha. — Normalmente, Judd consegue animar você o suficiente para ser ouvido. Mas se isso também não funcionasse, eu entraria por último e recorreria à boa e velha ameaça.

Apesar do mau humor, sinto meus lábios se esticarem.

— Que tipo de ameaça?

— Como se eu fosse estragar a surpresa. Posso precisar disso lá na frente.

Paro diante da porta principal e me viro para olhar para os dois.

— Querem dar uma volta?

— Nessa tempestade? — Lu levanta o pé e mostra a pantufa de pelúcia. — Não quero estragar meu chinelinho.

— É claro. Judd?

Meu amigo faz uma careta e aponta com o polegar por cima do ombro.

— Preciso ver como está o estoque de lenha.

— Quanta lealdade — comento, com tom seco.

Lu acena e vai para a sala.

— Tenha uma boa e podre viagem — ela diz.

Dou risada antes de sair e fechar a porta. Meus olhos se adaptam rapidamente à escuridão da caverna, onde o ar é tão gelado que a fluorescência azul parece tremer.

Quanto mais me aproximo da saída, mais barulhenta se torna a tempestade. Paro antes de sair, observando como ela ruge diante de mim em uma espiral de branco e vento. Aos meus pés, a neve soprada se acumula acima dos joelhos como cascalho congelado, me prevenindo sobre a batalha do lado de fora. É fim de tarde, mas não se percebe porque nuvens densas encobrem o sol.

— É claro que eu precisava resolver isso neste tempo — resmungo para mim mesmo, enquanto cubro a cabeça com o capuz do casaco. Ponho as mãos nos bolsos e saio.

De imediato, o vento me empurra, e eu abaixo a cabeça e sigo em frente, viro à direita para acompanhar a curva, em vez de ir para a esquerda e voltar em direção ao centro do vilarejo.

Os flocos descem em jatos constantes, mas alguém andou cuidando da manutenção da trilha e removeu a neve antes que o acúmulo bloqueasse a passagem. Mantenho a cabeça baixa contra o vento, que ameaça arrancar meu capuz a cada passo, e durante todo o tempo amaldiçoo o ataque de birra de minha magia.

O Poleiro fica no topo da encosta, o que não é ideal quando neva, uma ocorrência constante por aqui. Demoro mais que o habitual para chegar lá, mas finalmente chego à entrada de uma caverna menor, de abertura irregular. Parece uma boca aberta e cheia de presas, pronta para morder quem entra, mas as verdadeiras feras agressivas estão lá dentro.

Assim que passo pela entrada, o peso do vento desaparece, mas o peso do poder pressionando minha pele parece ter duplicado. Bato com as botas na pedra antes de seguir para os tufos de palha que cobrem o chão. Meus sapatos rangem sobre a forração, e eu olho em volta, analisando a caverna abobadada, tão alta que é difícil enxergar as feras empoleiradas lá em cima.

Rios de fluorescência azul brilham profundos e estáveis, enquanto uma dezena de timberwings dorme em poleiros de madeira construídos como balcões fechados nas paredes da caverna. Eles escondem a cabeça sob as asas cor de casca de árvore.

Atravesso a caverna, e algumas criaturas bufam irritadas quando passo por elas. Argo gosta de ficar no ninho a uns dez metros de altura, e paro bem embaixo dele, com os braços cruzados sobre o peito e esperando que se mexa, o que não acontece.

— Sei que você sabe que estou aqui — falo. — Precisamos sair.

A fera não se mexe.

A podridão começa a se derramar dos meus pés, criando uma trilha escura na palha.

— *Argo.* — Ele enterra a cabeça ainda mais fundo embaixo da asa. — Olha só, você está dormindo há dias. Já teve o descanso mais que merecido e ganhou muita comida.

Finalmente, ele mostra o focinho e os olhos cintilantes, me encara e emite um ruído metálico por entre os dentes afiados como lâminas.

— Sim, sim, vai ganhar mais comida depois desse voo. Agora vamos, antes que eu apodreça o Poleiro inteiro.

Argo se levanta com o entusiasmo preguiçoso de um gato que teve seu banho de sol interrompido. Finalmente, ele desce, pousa com agilidade e sacode as asas em um alongamento gigantesco.

— Gostou do cochilo? — pergunto.

Ele lambe os bigodes.

Dou risada e vou buscar a sela e as rédeas no lugar de sempre, à direita da caverna. Em seguida eu o preparo. Quando termino, monto e afivelo a correia que me prende à sela. Mal tenho tempo de me ajeitar antes de Argo correr para a abertura da caverna a uma velocidade vertiginosa. Assim que temos apenas o céu sobre nós, ele abre as asas e inicia o voo.

Seguro a correia e me equilibro antes de escorregar para trás na sela, enquanto Argo sobe diretamente para a tempestade. Meu capuz cai e a neve castiga meu rosto, tão fria que é como se todo o calor tivesse abandonado minha pele, que fica congelada sob as roupas. Tudo que posso fazer é me segurar de olhos fechados, rangendo os dentes, ensopado e congelando sob o vento que uiva suas queixas contra mim.

Quando finalmente atravessamos as nuvens e Argo se estabiliza, consigo recuperar o fôlego e olhar para a parte de trás de sua cabeça emplumada.

— Está orgulhoso do que fez, não é?

Ele bufa, mas sei que seus olhos brilham.

Agora que o pior da tempestade ficou lá embaixo, puxo as rédeas e o conduzo para onde quero ir, mas a podridão que tenta perfurar meus dedos e as mãos me faz gemer de dor e quase perder a direção.

Argo corta o céu enquanto arfo em um esforço inútil para respirar. É como se as raízes envolvessem meu peito como uma jiboia, me impedindo de

inspirar completamente. As linhas cortam meu pescoço, comprimem o maxilar e estalam na altura dos ombros.

Com a testa coberta de suor, chamo a atenção de Argo com os calcanhares e o levo para a terra. Não quero ir muito longe, mas também não posso estar muito perto quando der vazão à minha magia. Preciso estar suficientemente afastado do povoado e acabar com isso o mais depressa possível a fim de voltar para Auren.

Argo aterrissa no meio do nada, sob a tempestade igualmente violenta. Desmonto e dou um tapinha em seu flanco. Sabendo exatamente o que fazer, ele volta ao céu e fica voando em círculos abaixo das nuvens.

Olho em volta para a paisagem branca e remota, mas a visibilidade não vai além de dez metros, mais ou menos. Giro os ombros para trás e tiro as luvas com agilidade, guardo-as no bolso, balanço os braços e fecho os olhos, me concentrando em meu poder. Ele está acumulado e impaciente, me pressionando com sua irritação.

Fazendo um esforço para inspirar e expirar, garanto foco suficiente para manter o controle sobre essa força monumental que pulsa em minhas veias.

E então eu solto.

A podridão explode de mim como um vulcão em erupção.

Meus joelhos encontram o chão, enquanto torrentes violentas se projetam pela neve como raízes demoníacas que envenenam a terra. E é exatamente isso que fazem.

O poder flui de mim em ondas, e sinto cada porção dele vertendo de onde o mantive represado.

Agora livre, ele se esparrama a partir dos pés e das mãos, penetrando cada centímetro de terra que pode alcançar, apodrecendo, decompondo.

Destruindo.

Em questão de segundos, não tem um centímetro de terra nevada intocada. Torrentes de toxinas se espalham em todas as direções, e permaneço no centro do meu relógio perverso, contando os segundos até o poder parar de pressionar, parar de punir.

Meu corpo treme com a quantidade de magia que se derrama de mim, e quando o tormento interminável finalmente acaba e sinto que posso respirar de novo, interrompo a correnteza. Como um punho apertando um canudinho, estrangulo o fluxo até a podridão pingar sua última gota.

A exaustão envolve meus membros e desce pelas costas, me deixando em carne viva e pesado. Olho atordoado à minha volta enquanto as raízes no chão se aquietam e enrijecem, até ficarem finalmente imóveis.

Com as mãos trêmulas, tento fechar os dedos, notando que as raízes de poder na minha pele se recolheram e que não as sinto mais rastejando por minha nuca e pelas costas. Um preço alto, considerando a terra fétida e impura em que estou, agora morta e profanada com um odor horrível.

Depois de respirar fundo algumas vezes com ampla dificuldade, recupero força suficiente para elevar a cabeça e assobiar. Argo desce em segundos com as penas congeladas e o focinho coberto de placas de neve. Abaixa-se mais que o habitual para eu poder me acomodar sobre suas costas. Assim que estou preso, ele decola, e não reclama da minha posição inclinada. Argo já me carregou em situações e posturas bem piores.

Está escurecendo, e do alto contemplo a terra, vislumbrando o trecho de linhas apodrecidas poluindo o chão como veneno espalhado pela terra. Ele nos leva acima das nuvens, bloqueando a visão e, embora eu esteja cansado, o alívio de extravasar todo aquele poder é imenso. Posso enfim respirar bem agora, e toda a minha podridão se recolheu às linhas finas e indolores que consigo sentir no peito.

Mal sinto o vento ou a neve à medida que Argo retorna ao povoado, mas quando o timberwing pousa e entra no Poleiro, estou congelado. Quando escorrego da sela e paro ao lado dele, afago seu focinho, e ele empurra meu braço com a cabeça, pedindo mais.

— Bom garoto — murmuro.

Não me sinto mais prestes a explodir, todavia derramar tanto poder de uma vez só é debilitante. Faço o possível para não parecer tão esgotado quanto me sinto conforme removo a sela das costas de Argo. Quando estou soltando a primeira presilha, o cuidador, Selby, se aproxima apressado, embora eu nem tenha notado sua presença ali.

— Eu cuido disso, senhor. E já trouxe comida fresca para ele. Hoje à noite ele vai comer bem.

Com um aceno de cabeça agradecido, ando para a saída da caverna, mas a voz dele me faz parar.

— Capitã Lu ou Capitão Judd o encontraram, então?

— Como assim, me encontraram? — Viro para trás lentamente.

Vejo a confusão em seu rosto.

— Ah, me perdoe, senhor. Eles selaram dois timberwings há mais ou menos um minuto. Pensei que tivessem ido encontrá-lo.

O medo inunda meu estômago, e nem respondo antes de me virar e sair correndo da caverna. Não teriam ido atrás de mim nesta tempestade, a menos que tivesse acontecido alguma coisa. Escorrego na descida da encosta, mas não paro até chegar à Gruta, levado pelo medo e pela preocupação.

Hojat quase colide comigo quando entro, e percebo seus olhos castanhos arregalados, o rosto cheio de cicatrizes muito pálido.

— Graças ao Divino, está de volta.

Uma descarga de adrenalina me invade, e os espinhos se preparam para brotar em minhas costas.

— O que aconteceu?

— É Lady Auren.

O pânico chega ao meu coração.

Eu sabia que não devia ter saído.

— Ela acordou? — pergunto, já a caminho do corredor.

— Ela especificamente, não — o reparador responde, e eu paro e me viro com um olhar penetrante. — Seu ouro, sim.

11
Rainha Kaila

No centro da cidade de Ranhold existe um edifício branco e cintilante com um pórtico de dois andares de altura. As colunas têm a largura de uma árvore, são sólidas e imponentes, embora a construção propriamente dita não seja impressionante. É aqui que acontecem as procissões fúnebres de todos os monarcas do Quinto Reino, e por isso estou aqui com meu irmão, no segundo andar, assistindo à reunião lá embaixo.

De onde estou, na varanda cheia de colunas, tenho uma vista espetacular da cidade, e também das torres do castelo além das muralhas. No chão, os conselheiros do Quinto Reino realizam os ritos de passagem para o finado Príncipe Niven.

Cidadãos de todas as áreas da cidade se reuniram ali para acompanhar a cerimônia, embora a maioria não consiga ver nada de onde estão, muito afastados. Mesmo assim vieram, silhuetas enterradas sob montanhas de tapeçarias roxas bordadas com o selo do Quinto — estalactites de gelo pontiagudas — e erguidas como toldos pelas ruas.

Não acredito que sequer percebam o simbolismo dos brasões reais os mantendo nas sombras.

Ao meu lado, sinto Manu, meu irmão, estremecer.

— Em nome do Divino, por que o povo do Quinto precisa fazer seus ritos de passagem ao *ar livre*? — ele sussurra por entre os dentes, tentando conter o tremor de frio.

— Acho que só estamos menos acostumados com o clima daqui.

Ele olha para mim de soslaio.

— E mesmo assim você está aí sentada, sem um arrepio sequer.

Pelo contrário, minha pele está toda arrepiada de frio, mesmo embaixo das grossas camadas do vestido e do manto, mas eu jamais estremeceria em público. Até um gesto tão sutil e inocente pode ser interpretado como sinal de fraqueza quando se trata de uma rainha viúva.

Olho para a esquerda e atraio o olhar de alguns nobres do Quinto, uma delas fingindo enxugar uma lágrima com o lenço a cada vez que ouve o sino ritual repicar lá embaixo. Há seis fileiras de bancos, todos cheios, ocupados por nobres de costas eretas que tentam enxergar alguma coisa na calçada onde o corpo do Príncipe Niven repousa, sobre um sarcófago.

Mas na fileira da frente, junto a nós, Hagan Fulke ocupa um lugar a alguns passos. Aos vinte anos, com um rosto rechonchudo e cabelo loiro desbotado, o rapaz insiste em puxar a frente da gola alta, evidentemente desacostumado a usar trajes tão formais. Pode não parecer, mas é o parente mais próximo do rei morto e herdeiro do trono.

Bem, *agora* ele é.

Tivemos de nos livrar do pai dele primeiro — primo do rei —, mas não foi muito difícil. De acordo com os relatórios de Manu, ele era um velho chato e muito apegado às suas maneiras antiquadas. Não era um bom candidato para nós.

O filho dele, por outro lado, é impressionável. Tímido. Sem muito dinheiro ou amplas perspectivas, já estava pronto para cair de joelhos e fazer o que sugerimos se o apoiássemos a se tornar rei. É o herdeiro perfeito para ser moldado e orientado a agir em defesa dos interesses do Quinto *e* do Terceiro, e tem magia suficiente para justificar uma coroa sobre a própria cabeça.

Sua magia de pele impenetrável vai ser muito útil, porque, sem dúvida, parece ser fácil livrar-se dele, portanto essa magia vai salvar sua vida uma ou duas vezes quando ele for rei.

O rosto pálido de Hagan fica meio verde e, por mais que odeie fazer isso, sigo seu olhar até o Príncipe Niven. A imagem do príncipe morto faz meu estômago protestar. Faz cinco dias que ele caiu sem vida no próprio salão de baile, sufocado com veneno. O corpo não tinha boa aparência àquela altura, e está ainda pior agora.

— Se puser meu corpo em exibição desse jeito depois que eu morrer, volto para te assombrar — murmuro.

Manu continua olhando para a frente como se eu não tivesse dito nada, e mantém a mesma aparência compungida que todos veem no meu rosto e no dele, ambos serenos.

— Querida irmã, devia saber que eu nunca permitiria que tivesse aparência tão abatida. Eu a exibiria bem-vestida e com uma beleza ofuscante, para que ganhasse ainda mais admiradores e amor depois de morta.

Um canto da minha boca ameaça se elevar, porque sei que ele fala sério.

— Por isso você é a pessoa em quem mais confio no mundo.

Somos os únicos no pórtico que não usam nenhum bordado roxo. Em vez disso, nós dois e Keon usamos o tradicional traje formal do Terceiro Reino, bege e azul. Meu cabelo preto está preso em cachos brilhantes, enquanto o do meu irmão desce pelas costas como um rio à meia-noite, tão brilhante e cheio quanto o meu.

— Pobre Príncipe Niven — comento, em voz alta para ser ouvida pelas pessoas atrás de nós. Várias assentem e murmuram palavras de concordância.

É impressionante como as mesmas pessoas que cochichavam e debochavam do príncipe infantil e mimado agora fingem chorar por ele. Por outro lado, a morte sempre cria adoração e lealdade indevidas. Mas assassinato? Isso eleva a situação toda a um nível diferente de fanatismo.

Tem duas coisas que aprendi durante meu tempo aqui no Quinto. Primeira: está sempre frio. E segunda: não há nada que as pessoas de Ranhold amem mais do que se aquecer espalhando as chamas da fofoca. É um jeito eficiente de manter os espíritos inflamados.

Para mim, a rainha dos cochichos, nada poderia ser mais conveniente.

Boatos sobre aquela noite fatídica correram pelo reino. O bichinho de estimação, a garotinha dourada, trapaceou para conquistar o coração de Midas e roubar seu poder. Quando anunciamos o noivado dele comigo, a jovem enlouqueceu, teve um surto de fúria e usou a magia do rei contra ele, antes de convencer o Rei da Podridão a ajudá-la a fugir.

Infelizmente para o pobre Niven, sua morte foi ofuscada por notícias mais suculentas e melhores. Por exemplo, a morte do rei do Sexto Reino, cujo cadáver dourado ficou colado à parede do salão de baile no Castelo Ranhold.

Tenho de admitir, é tudo um grande escândalo.

E, é claro, tem a fofoca sobre Hagan Fulke. O parente obscuro que nunca imaginou que se sentaria em um trono. Ele passou de solteirão nobre por quem ninguém se interessava a um homem prestes a ser coroado rei. Ainda está

encantado com isso, tanto que nem parece abalado com a morte do pai ou do príncipe.

Não quando vai ser o novo rei, graças a mim.

Mas essas pessoas não são as únicas sobre quem o povo fala. Meu nome também é submetido às pás do moinho de fofocas.

Para essas pessoas, sou a rainha sofredora que perdeu o noivo e agora vai agir para ajudar a reconstruir Sinoalto, dilacerado pela rebelião, levando assim a estabilidade de volta ao Sexto Reino.

A fofoca fez a cidade pegar fogo. Não duvido de que milhares de falcões mensageiros tenham partido daqui para todos os cantos de Orea a esta altura. Manu e eu confirmamos a narrativa, e agora, assim que os ritos de passagem forem concluídos, posso continuar criando incêndios onde quero que queimem. Enquanto continuarem me vendo sob uma luz favorável, posso conseguir o que quero no Sexto Reino e solidificar minha aliança aqui.

Uma voz melódica se ergue da calçada e chega aos meus ouvidos como uma onda indesejada. Keon muda de posição, certamente odiando a necessidade de ficar sentado aqui tanto quanto Manu e eu.

Finalmente, o sino badala pela última vez, e conselheiros do Quinto envolvem o corpo do príncipe na mesma tapeçaria roxa pendurada pelas ruas. Levam-no sob um coro daquela canção horrorosa, até que os ritos enfim são encerrados e o corpo do príncipe é levado para ser devidamente sepultado no túmulo ao lado de seu pai.

As pessoas nas ruas ainda não se dispersaram. Querem assistir à parada macabra, provavelmente porque nenhuma delas jamais viu os próprios reis e rainhas, muito menos os dos reinos vizinhos. Veem quando sou levada do pórtico e através da praça. Gritam meu nome quando passo pelo sarcófago vazio a caminho da minha carruagem, cuja flâmula azul é a única interrupção no interminável mar roxo do Quinto.

Manu e Keon entram no veículo atrás de mim, e o trajeto de volta ao castelo é dolorosamente lento e acidentado. Mantenho a expressão tranquila quando olho pela janela, a mão erguida em um aceno para o povo que grita meu nome. Todos querem me ver. A maioria fala sobre meu falecido marido, morto de repente, o que é engraçado, porque eu mesma não pensei mais nele desde o momento em que vi seu corpo ser levado pelo mar.

Prefiro assim.

Por fim, quando passamos pelas muralhas do castelo, abandono a expressão pálida e solto a cortina da janela da carruagem, antes de cair contra o encosto com um suspiro.

— Que jeito horrível de fazer uma homenagem. Não sei onde as pessoas do Quinto estavam com a cabeça quando criaram uma coisa tão chata e grotesca. As tradições deles são muito inferiores às nossas.

— Foi a situação mais tediosa que tive de suportar em toda a minha vida — Manu comenta, esticando as pernas tanto quanto consegue na carruagem apertada. — Dá para imaginar? Uma morte horrível e pública, e depois o reino ainda espreme o coitado em um palco fúnebre para todos verem o corpo em decomposição? Todo mundo tentando dar uma espiada na carcaça, morrendo de tédio enquanto ouve um bando de velhos tocar sinos e cantar melodias sem letra por três horas seguidas. — Ele se arrepia. — As vozes cantando eram a verdadeira tragédia ali.

Keon olha de lado para ele, mas eu dou risada.

— Então, irmã. Ouviu alguma coisa interessante?

Ele se refere ao meu poder, é claro. Sabe muito bem que sempre que estou em uma ocasião pública, ou mesmo privada, uso minha magia. Deixo que circule como uma abelha à procura de pólen. Vozes vibram constantemente em minha cabeça, e eu filtro as que quero ouvir, coletando informações para usar quando quiser.

— Nada que já não saibamos — admito. — Niven era amado apenas por ser um príncipe e ainda jovem. Mas agora, isso tudo mudou. Comportam-se como se ele fosse seu amado príncipe menino, e aceitaram prontamente que Lady Auren deve ter enganado Ravinger para convencê-lo a matar o príncipe, ou ela mesma o envenenou.

— Ótimo — Keon avalia, cuja voz é sempre uma oitava mais baixa que a de meu irmão. — Mas agora suspeito de que nunca saberemos se ele foi envenenado ou apodrecido. O estado daquele corpo...

Torço o nariz, lembrando mais uma vez as veias grotescas salientes sob a pele, os olhos saltados, a boca espumando...

— É, o cadáver não era uma imagem bonita — Manu concorda, brincando com os botões prateados do colete. O tecido cor de creme é bordado com ondas sutis, e o único toque de cor é a gravata azul drapeada em seu pescoço.

Queria poder pôr as mãos no caderno secreto de Midas. Procuramos em todos os cantos de seus aposentos, enquanto meu decifrador pessoal ficava de

plantão, mas não o encontramos. Devia estar escondido embaixo da camisa, e agora virou ouro com o restante dele.

Que inútil.

Seguimos em silêncio por um momento, mas mesmo quando ninguém está falando, sempre ouço os sussurros que meu poder arquiva em minha cabeça.

— Preparou Hagan? — pergunto a Manu.

— É claro. Ensaiamos a coroação muitas vezes. Ele sabe o que fazer.

— Perfeito.

Tudo está se encaixando.

Todos os nossos planos vão funcionar sem tropeços. Plantamos a informação, eu monitoro os boatos, escolhemos o herdeiro a dedo, e em breve o Quinto Reino será pacificado, e então vou poder me concentrar no Sexto. Ele tem estado à deriva sem nenhum monarca para governá-lo. A cidade de Sinoalto foi saqueada, todos os nobres fugiram. Preciso chegar lá depressa, antes que as pessoas com magia tentem se apoderar do trono. Estou surpresa por ninguém ter tentado.

Quando a carruagem para, ajeito as saias um segundo antes de o lacaio abrir a porta para descermos. Assim que paro na frente do castelo, vejo os pontos onde os respingos de ouro solidificado ainda são visíveis. Os carpinteiros tiveram de trabalhar noite e dia para instalar portas novas na entrada e remover a antiga, incrivelmente pesada, que precisou ser partida a machadadas. A porta nova parece leve e deslocada em meio às pedras cinzentas e antigas, mais ainda com o ouro que transbordou e se espalhou pelas paredes do castelo e pelos degraus da entrada.

Uma vez lá dentro, vou ao meu quarto para trocar de roupa, e minhas criadas me ajudam a vestir rapidamente um vestido de seda com decote quadrado e baixo, cristais bordados nas mangas. Quando estou pronta para o jantar formal, encontro Manu e Keon no corredor, também vestidos com roupas novas.

— Pronta? — Manu pergunta, em voz baixa.

— Sim.

Começo a caminhar com os ombros abertos e um sorriso agradável no rosto. Passo pelas bandeiras roxas penduradas nas vigas e pela estrela de dez pontas cintilando no teto da entrada. Quando chego à sala de jantar, sou recebida pelo aroma de comidas doces e o som de vozes nasaladas.

Quando nós três entramos, as conversas cessam, e todos se curvam em reverência quando passo. Como agora sou a pessoa de mais alta posição em Ranhold até a coroação de Hagan, ocupo meu lugar à cabeceira da mesa, com Manu e Keon sentados à minha esquerda e Hagan à minha direita.

Durante uma hora, assinto para incentivar o futuro rei, ouço os conselheiros relatando os ritos de passagem realizados hoje para o príncipe e escuto infinitas histórias sobre Niven, que costumava ter ataques de birra no estábulo quando era bem pequeno. Submeto-me a cada conversa, bebo o vinho melado e provo as comidas doces demais, sempre sorrindo e dizendo coisas agradáveis.

Finalmente, quando os pratos estão sendo retirados, eu me levanto.

Um a um, os conselheiros percebem, e a sala fica em silêncio outra vez. Até os criados que limpam a mesa ficam quietos e interrompem as atividades. Com as mãos unidas diante do corpo, olho para cada homem sentado à mesa. Não tem nenhuma mulher no quadro de conselheiros do Quinto.

— Gostaria de aproveitar o momento para expressar minha gratidão por poder estar presente nos ritos de passagem do falecido príncipe. Acredito que seu espírito foi justamente homenageado por todos vocês.

Os homens assentem, orgulhosos.

— Agora que ele foi posto em seu descanso de maneira tão respeitosa, podemos coroar o novo herdeiro, Hagan Fulke amanhã — anuncio, apontando para ele e notando que suas bochechas ficam muito vermelhas. — Sei que você vai trazer de volta a estabilidade para o Quinto Reino, e terá sempre um aliado no Terceiro enquanto eu reinar.

Um aplauso contido se espalha pela mesa, pessoas me apoiando e já adulando Hagan.

— Bem aqui nesta sala onde o príncipe se sentou, o Rei Midas tocou esta mesa de ouro. — Deixo meus dedos deslizarem pela superfície de vidro, lembrando como o ouro se espalhou por ela como um líquido, até cintilar e se solidificar. Mas esse ouro, assim como todo o restante no castelo, descascou naquele dia, e derreteu no salão de baile para se vingar nas paredes.

Levanto o olhar com uma expressão triste.

— Dois monarcas foram brutalmente assassinados — continuo, sentindo prazer em notar que alguns se encolhem com o impacto de minhas palavras. — Ambos mortos por alguém em quem acreditavam poder confiar. O amado

príncipe e o Rei Midas, traído pela própria favorita. Por causa daquela noite, perdi meu noivo.

Permito que o lábio trema. Deixo os olhos brilharem. Tenho total atenção de cada pessoa na sala, e o silêncio é tão absoluto que eu poderia ouvir um alfinete cair.

— Agora, mais do que nunca, é importante estarmos unidos. Apoiarmos a ascensão de Hagan e enfrentar a traidora dourada com toda a força de Orea. — Vejo Hagan assentir com empatia, na tentativa de parecer majestoso, apesar da atitude muito tensa para parecer natural. — Lady Auren fugiu do reino e busca enganar o Rei da Podridão, assim como enganou o Rei Midas. E é por isso que vou convocar uma Assembleia real.

Minha declaração provoca ondas de choque que percorrem a sala.

Apoio as mãos na mesa e olho para cada um dos presentes.

— É hora de Lady Auren responder por seus crimes.

12

SLADE

Às vezes, quando a adrenalina invade o corpo, você age sem pensar. É uma força dominadora, e não há chance de fazer qualquer outra coisa além de *agir*. Por isso não sei se respondi quando Hojat me informa que o ouro de Auren acordou. Não me lembro nem de ter atravessado o corredor e me apressado até o quarto.

Mas meu corpo sofre o choque assim que passo pela porta e fico frente a frente com o que acontece lá dentro.

Os cobertores não são mais pretos, as peles deixaram de ser marrons. Na verdade, nem consigo vê-las. A cama agora está coberta por uma poça de líquido dourado e lustroso, e o corpo inerte de Auren está no meio dela, flutuando como uma vitória-régia em um lago. Seu poder escorre da pele como pequenos rios de água que se movimenta com lentidão. Forma gotas e a cobre com pequeninos pingos dourados. Expele suor por todos os poros, ensopa a calça e a camisa emprestadas, se acumula na cama como uma poça.

Ryatt dá um passo para o lado e levanta as mãos assim que ouve o rosnado brotar do meu peito.

— *O que aconteceu?* — pergunto.

— Não tenho ideia. Estava só de olho nela, como você mandou, e então ela começou a vazar ouro por todo lado, e nem assim consegui acordá-la.

Eu me aproximo da cama em um segundo e analiso sua silhueta.

— Auren. — O tom da minha voz soa como um chicote, mas, mesmo assim, não é o suficiente para acordá-la. — Auren, você está me ouvindo? — O ouro continua vertendo por todo o seu corpo, tão calmo quanto sua expressão.

A cama está perdendo a luta contra sua elevação lenta, mas constante, e o líquido metálico começa a escorrer para o chão. Não transforma nada em ouro, só forma poças como água de uma goteira no telhado. Minhas mãos pairam sobre ela enquanto repito seu nome várias vezes.

— Não pode tocá-la, senhor — Hojat avisa da porta, sem se atrever a chegar mais perto. Parece que até o inabalável reparador do meu exército sabe que é sensato temer a magia dela.

— Porra.

Não poder tocá-la faz a frustração aumentar.

Eu me viro e corro para a porta, e Hojat sai rapidamente do caminho. No corredor, entro no aposento ao lado do meu — o quarto de Ryatt —, arranco todas as cobertas da cama e corro de volta para perto de Auren.

— O que está fazendo? — Ryatt pergunta.

— Tenho de levá-la para fora, tirá-la daqui, caso ela comece a dourar a porra do povoado inteiro — explico, enquanto jogo os cobertores no chão e enrolo os dois mais grossos nos braços. Mesmo de luvas, isso é arriscado, mas o ouro não faz nada além de permanecer na poça. Não está solidificando nada, não está dourando os tecidos na cama. Em vez disso, só transborda dela e a mantém boiando.

Mas isso pode mudar a qualquer momento. Ele pode começar a se mover, escorrer, *atacar*.

— Ryatt — chamo, e ele aparece ao meu lado em um instante.

— Entendi — confirma, com um aceno de cabeça, como se lesse meus pensamentos, e pega um cobertor para envolver os braços, tal como eu fiz. — Pronto? — pergunta em seguida.

Assim que confirmo com um movimento de cabeça, ele vai para perto de Auren.

— Mesmo de luvas e mangas compridas, você precisa tomar cuidado — aviso. — Não sei se o ouro vai fazer alguma coisa.

Com total confiança, ele rola o corpo de Auren com cuidado, mantendo o cobertor como uma camada entre eles. Assim que a move, o líquido empoçado começa a escorrer pela lateral da cama.

— Cuidado! — Digby fala da porta, aproximando-se com mais um cobertor para jogar sobre o líquido que se espalha.

Ryatt não para. Não se detém nem quando a substância viscosa respinga em suas botas. Ele consegue virá-la e tirá-la das partes mais profundas do ouro

empoçado, e eu entro em ação. Usando o anteparo das camadas de cobertores, pego Auren nos braços, embora parte do ouro tente colar em seu corpo inerte como mel em um palito, relutando em se separar dela.

— Senhor... — A voz preocupada de Hojat silencia quando Digby começa a envolver o corpo de Auren com mais um cobertor por precaução, até que a única parte visível seja seu rosto coberto de suor dourado.

Sem esperar para ver como o ouro que verte de sua pele vai reagir enquanto eu a carrego, corro para fora do quarto e pelo corredor, enquanto Digby tenta me seguir mancando.

— Aonde vai?

— O mais longe que puder. — Quando chego à porta da frente, Hojat já está lá e a abre para mim.

— O que quer que a gente faça? — Ryatt grita atrás de mim.

— Fique de olho naquele ouro. Se começar a espalhar, saiam da Gruta e evacuem o vilarejo — oriento. — Se ela não pode chamá-lo de volta, não é seguro.

— Também não é seguro para você — ele responde, mas não tenho tempo para argumentar. Saio correndo e ouço a porta se fechar atrás de mim.

Ainda correndo, saio para a tempestade e paro por uma fração de segundo, em busca de decidir em qual direção devo ir. Viro para a direita. Mas, desta vez, não vou ao Poleiro. Com o ouro já começando a penetrar os cobertores, não posso correr o risco de levá-la para cima de Argo. O ouro pode explodir dela de repente, e o pior lugar para estar, caso isso aconteça, é no céu, de onde uma queda pode ser fatal.

— Auren, acorde — digo.

A escuridão envolve o céu com a mesma firmeza com que a seguro. Tento mantê-la segura e apoiada em meu peito, recebendo a maior parte do vento e da neve enquanto a carrego. Uma nova linha de suor dourado surge em sua testa, e o pânico aperta minha garganta.

— Escute a minha voz. Você precisa me ouvir e acordar.

Talvez seja o uivo do vento, mas juro que ouço um gemido.

— Auren?

Desta vez, sei que não estou ouvindo coisas, porque *sinto* o gemido vibrar em seu peito. É um som dolorido e exausto, e sua testa se contrai em uma careta muito sutil.

Meu coração dispara, a garganta fecha, e tenho dificuldade para respirar. Desde que sofreu o colapso, ela não havia emitido um som sequer nem tinha mudado de expressão.

Corro montanha acima e passo pelo Poleiro dos timberwings. Sigo por um pequeno bosque de árvores secas onde o caminho de pedras termina e, com ele, a manutenção que remove a neve acumulada. Com passos difíceis, as pernas afundando em um metro de neve a cada avanço, acompanho a inclinação da base da montanha.

— Continue tentando acordar, Auren.

Cada metro de distância que coloco entre nós e o vilarejo pode ser questão de vida ou morte. Não tenho ideia do que vai acontecer se o ouro acordar por completo, mas tenho a sensação de que esse gotejamento constante é só o começo.

Meu peito arfa com o esforço de tentar correr pela neve acumulada, e quase caio várias vezes. Tenho de fazer um esforço enorme para não a derrubar enquanto subo. A cada segundo, os cobertores ficam mais pesados, e sinto a densidade melosa de mais e mais ouro encharcando o tecido. É *pesado*.

O vento uivante congela minhas orelhas, e a neve punitiva quase me impede de enxergar qualquer coisa, mas finalmente chego à curva do caminho, bem no momento em que o ouro começa a pingar no chão, ultrapassando a barreira dos cobertores saturados.

Riachos escapam dos cobertores, aterrissando na neve em gotas pesadas. Auren começa a tremer. Seus gemidos de dor agora são constantes, como os arrepios que percorrem seu corpo, mas tenho a sensação de que não são uma resposta ao frio.

Quando a ajeito em meus braços, minhas mãos ficam escorregadias. O ouro não escorre mais como óleo, mas encharca o tecido, colorindo cada fibra à medida que brota de sua pele. Não sei quanto falta para o anoitecer, mas o céu está escurecendo, embora não com a velocidade necessária.

— Porra.

Quando chego à fenda aberta na encosta da montanha, praticamente mergulho ali. Assim que nos escondemos em suas profundezas fluorescentes e fora da tempestade, me ajoelho no solo rochoso e deito Auren nele.

Com as luvas sujas de ouro, afasto as camadas de cobertores e, no mesmo instante, seu corpo treme. Ouro denso e pegajoso continua a transbordar, se acumulando no chão da caverna. Isso não é mais um gotejamento lento e

constante. Ele agora jorra dela em torrentes, estalando e tateando pelo espaço como se procurasse alguém para mutilar.

Ensopa os joelhos da minha calça em contato com o chão, enquanto parte dele escorre para a entrada da caverna. Estendo a mão a fim de contê-la quando seu corpo começa a se debater, sentindo o medo latejar no peito e ecoar nos ouvidos. Se Auren não acordar, se a noite não interromper esse fluxo, se o ouro alcançar o vilarejo...

Minha luva gruda em seu rosto quando o toco.

— Acorde, Pintassilgo. Você *precisa* acordar!

Seu poder chicoteia, a aura é errática, e meu pânico é tão grande que talvez eu também esteja tremendo.

— Não vou te apodrecer de novo, está ouvindo? Não posso. *Acorde!*

Seus lábios se abrem e ela solta um grito que ecoa na fenda. O ouro parece responder subindo pelas paredes, encobrindo a fluorescência pálida que acompanha os veios azuis gravados na rocha.

Mas a força do grito e a inundação de poder fazem sua aura explodir para a vida de repente, mais brilhante do que a vi nos últimos dias. Preciso fechar um pouco os olhos diante da luminosidade, mas em seguida ela recua, volta a ser quase nada, e meu coração para no peito, bloqueando todo o ar que poderia ter passado por entre meus lábios.

O ouro se debate e corre de volta para ela como se fosse envolvê-la em um casulo.

— Auren! — chamo, e começo a sacudi-la pelos ombros. — *Acorde!*

E então, tão de repente que eu recuo, os olhos dela se abrem.

Minha voz é puro choque preso na rede de um sopro de ar.

— *Auren.*

Vejo as pupilas dilatadas. Enxergo o brilho no fundo da íris dourada. Em volta dela, todo o ouro para. Para de gotejar. Para de escorrer. Talvez tenha anoitecido, e agora o ouro me observa tão atentamente quanto ela.

Minha cabeça lateja, ecoando a pulsação, mas não ouso me mexer. Uma intuição profunda me mantém enraizado onde estou.

— Pintassilgo? — chamo.

Mas já sei. Consigo ver no fundo dos olhos dela.

Não é Auren que olha para mim.

Só tenho tempo para encher os pulmões de ar. Porque, no segundo seguinte, ela ataca.



13

SLADE

Imensos fios de ouro líquido se projetam, me envolvem como cordas e me jogam longe. Eles me jogam contra a parede irregular da caverna com tanta força que vejo estrelas. Caio de lado, sem ar por um momento, e só consigo me levantar por causa das horas intermináveis de treinamento.

Tenho um déjà-vu, porque a cinco ou seis metros de mim Auren fica em pé, e uma onda dourada se levanta atrás dela como uma colina. Seu peito arfa com a respiração rápida, as mãos gotejantes se fecham junto do corpo e os olhos brilham focados.

— Auren.

Tento dar um passo à frente, mas ela rosna. Olho para cada centímetro dela, avaliando. Quando dou mais um passo, ela estende a mão e joga uma corda de ouro pegajoso que se projeta como um chicote. Mas não toca em mim. Foi só um aviso.

Minha boca se distende em uma ameaça de sorriso, enquanto os olhos dela são tomados pela desconfiança.

Ah, Pintassilgo, estou te vendo.

— Então, você finalmente acordou — comento, casualmente, quase sem olhar para o chicote de ouro que paira no ar, pronto para atacar a qualquer momento. — Não é uma pessoa muito matinal?

Outro rosnado escapa por entre os dentes.

— É, imaginei. Tudo bem, Ryatt é pior. Mas... — Olho para a entrada escura da caverna. — Agora já escureceu.

Com passos lentos, comedidos, me movo para a esquerda e começo a delinear um círculo em torno dela. Mantenho a mesma distância de antes, mas isso a obriga a se mover comigo e se acostumar ao movimento. Ela não está mais vertendo ouro novo, mas todo ouro que derramou se acumula em torno dela, recolhido com perfeita sincronia.

O ouro reproduz seus movimentos, se estende atrás dela, ondulando como ondas do mar. Mas minha atenção está nela e na aura que tremula em torno de seu corpo.

— Sabia que passou dias dormindo? — pergunto, com tom tranquilo, como se essa fosse uma conversa normal. — Deitada na cama sem acordar e sem comer. Aposto que está se sentindo um pouco fraca.

Assim que digo a palavra "fraca", sua raiva explode através do ouro, que ela envia em minha direção. Mas dessa vez estou preparado, e me esquivo do chicote viscoso antes que ela consiga me atingir. Atrás de mim, ele bate na rocha e deixa respingos.

— Isso não foi muito legal — reprovo.

Seu rosto se contrai em uma máscara irada.

— Ah, entendo. — Tiro o casaco manchado e o deixo cair no chão, antes de enrolar lentamente as mangas da camisa. — Você̂ não quer ser legal. Você̂ quer *brigar*.

Meu corpo se transforma com um pensamento, os espinhos pretos pressionam o antebraço e se curvam ao longo da coluna. Acompanham o contorno das sobrancelhas, e encosto a língua nas presas que agora tocam meus lábios. Auren acompanha a transformação, fascinada e atenta, como uma fera tentando avaliar o poder de outro predador no ambiente. Com as orelhas pontudas e escamas cinzentas sobre a região dos ossos faciais, o sorriso com que olho para ela é totalmente feérico.

Seu peito arfa, o corpo fica tenso como se ela fosse uma corda esticada demais. Auren não vai ouvir palavras doces que a tragam de volta. Não, ela precisa *estourar*.

Por isso levanto a mão e aceno, chamando-a para perto.

— Você̂ quer brigar, então brigue *comigo*.

É o único convite de que ela precisa.

Auren abre os braços, e a onda de ouro atrás dela se divide. Depois ela bate palmas uma vez, e o ouro se move espelhando seus movimentos, mas me ajoelho e rolo antes que me alcance. O foco é bom. Ela não está se esgotando

como fez no Castelo Ranhold, e sua aura se mantém firme, embora ela não seja inteiramente ela.

Mas sei algumas coisas sobre naturezas duplas.

— É só isso que tem? — provoco ao me levantar com um pulo.

Ela gira para me encarar, e seus olhos ardem. O ouro se move com ela, sopra seu cabelo para trás, se comprime em uma onda inclinada para adotar uma postura predadora ao lado dela. Com um giro do punho, Auren joga a onda contra mim, tentando me esmagar. Salto para o lado, mas não sem receber respingos, resultado da força de impacto da onda. Vejo seus olhos brilharem, o maxilar se contrair, e sorrio.

Ela começa a mandar as ondas contra mim repetidamente. Mas não sou apenas mais rápido, eu a *conheço*. Consigo ler cada movimento antes que o execute, o que me dá tempo para antecipar exatamente o que ela vai fazer e me esquivar do ouro antes que me atinja.

A cada vez que ela tenta me encurralar, escapo de seu controle de ouro, rindo enquanto me movo à sua volta. O ouro me acompanha, ondulando sobre o chão e se contorcendo a cada movimento meu. A irritação dela é evidente nas sobrancelhas baixas, em como os olhos quase nem piscam. Mas ela está muito sintonizada, e é linda desse jeito, dominando seu poder sem nenhum esforço.

Quando escapo de mais uma onda, limpo os respingos do rosto e sorrio.

— Vai ter de ser mais rápida que isso, se quiser acertar um ataque — desafio.

Ela grita de frustração e abandona a tática. Dessa vez, divide sua onda cintilante em uma centena de cordas diferentes se contorcendo e as joga sobre mim como uma muralha de chicotes. Quando mudo de posição, Auren consegue desviar uma corda a tempo de acertar minha barriga, me jogando contra o rochedo.

O impacto me faz grunhir, e levanto o olhar para ver sua reação. A linha da boca sugere satisfação, mas quando ela me vê em pé novamente e sorrindo, o esboço de contentamento desaparece.

— Essa foi melhor, Pintassilgo. Mas por que não deixa o ouro de lado e me bate como se quisesse bater de verdade? — sugiro.

Ela é pega de surpresa, mas reage depressa. Um estalar de dedos, e o ouro perde a forma imediatamente, caindo no chão com um barulho líquido e encharcando a sola dos meus sapatos. O ouro endurece no mesmo instante, e,

apesar de ter menos de três centímetros de espessura em volta dos meus pés, é o suficiente para me prender no lugar.

Garota esperta.

Agora que estou preso, ela caminha em minha direção, ondulando os quadris com uma atitude satisfeita. Quando para na minha frente, seus olhos brilham. Qualquer um no meu lugar estaria molhando a calça, provavelmente. No mínimo, tentaria tirar as botas e fugir. Mas eu? Eu só estou excitado. E fico exatamente onde estou.

— Você é linda quando surta — comento.

E colo a boca na dela.

Sua boca é morna e macia, com gotas de ouro realçando o contorno, e não consigo me segurar, deslizo a língua em torno dela para sentir esse sabor. Tenho um segundo para senti-la colada em mim, antes de Auren me empurrar para trás. O ouro sólido se liquefez.

Cambaleio para trás com a força do empurrão, sentindo o líquido respingar nas canelas.

Ela arfa, parece ainda mais furiosa que antes, e seus olhos dourados se iluminam quando leva os dedos aos lábios. Por um momento, só me encara, exasperada, à medida que o ouro ondula em torno dos nossos pés.

Vamos, Pintassilgo.

Mantenho o corpo relaxado, mas pronto, preparado para outro ataque. Quando ela abaixa a mão, olho para o ouro, certo de que vou precisar me defender.

Por isso fico completamente surpreso quando *ela* pula em cima de mim. Tenso, sou forçado a recuar um passo quando o corpo dela se choca contra o meu.

Levo um instante para perceber que esse ataque é inteiramente diferente. Ela não está mais tentando me agredir. Está tentando me *devorar*.

Meus lábios se abrem sob o ataque daquela boca, e minhas mãos agarram as coxas que me enlaçam a cintura. Agora, em vez de me empurrar para longe, ela agarra meu cabelo e me puxa para perto, exigindo mais. Quando minha língua desliza na dela, Auren geme, e dessa vez não é de dor ou revolta, mas de puro prazer.

Sexy pra caralho.

Quando ela morde meu lábio inferior com força suficiente para cortá-lo, recuo e a encaro com um olhar desafiador. Ela tenta retomar o beijo, mas

agarro seu cabelo com uma das mãos e puxo com firmeza para manter sua cabeça onde está, mas não a ponto de machucá-la. Sua resposta é um gemido, e eu sorrio.

— Venha brincar, Pintassilgo, e eu te beijo de todos os jeitos que você quiser.

Seus olhos emitem um alerta, e um momento depois ela está em pé e eu estou preso à parede da caverna pelo ouro. Não é líquido o bastante para penetrar as roupas, mas é firme o suficiente para me manter no lugar. Ela para na minha frente com uma expressão vitoriosa. Sou como um inseto preso nos fios de uma teia de aranha.

— Muito bom — elogio.

Ela sorri, satisfeita, e desliza a mão por meu pescoço, deixando rastros de ouro em todos os lugares onde me toca — como se me marcasse, o que minha natureza feérica adora.

Depois de traçar o contorno dos espinhos sobre minhas sobrancelhas, ela se inclina e desliza a boca por meu pescoço. Tenho de engolir um gemido.

— Venha, Pintassilgo.

A mão delicada e morna toca meu rosto, e ela vira minha cabeça para olhar nos meus olhos.

— Volte, amor — falo, baixinho, antes de segurar seu queixo e deixar o polegar passear por seu rosto. — Volte para mim.

Alguma coisa brilha nos olhos dela. Como centelhas de uma luz fraca. Ela pisca, e sua expressão se transforma de repente.

O alívio é como um soco no meu peito.

— Você voltou.

Ela respira, ofegante. A boca se abre, e vejo os olhos recuperarem o foco, antes de Auren sussurrar:

— *Slade*.

— Estou aqui. Você está aqui.

Ela respira por um momento, depois beija minha boca. Seu controle sobre a magia desaparece, e o ouro cai no chão, respingando em nós dois.

Mas é como se ela nem percebesse. Está ocupada demais tentando escalar meu corpo, como se não suportasse nenhuma distância entre nós. Recolho os espinhos dos braços, mas todo o resto em mim incendeia. Preocupação e medo são abandonados no ouro empoçado aos nossos pés, dando lugar ao desejo carnal.

Porque ela está acordada. Está viva. Está quente e se contorcendo colada ao meu corpo.

Ainda bem, porra.

A boca se afasta da minha, só o suficiente para ela respirar.

— Preciso...

— Do que você precisa, Auren? — pergunto, e deixo a presa arranhar de leve um lado de seu pescoço. As mãos dela agarram o meu, as pernas me enlaçam enquanto a seguro pela bunda, apertando e acariciando.

— De você. Por favor. *Agora*.

As mãos dela baixam até o cordão da minha calça, começam a soltar os laços. Muito diferente da nossa primeira vez, quando ela era tímida e insegura. Mas todos os pensamentos desaparecem da minha cabeça quando a mão dela invade minha calça e agarra meu membro.

— *Caralho.*

Ela me afaga com desespero, depressa, como se estivesse desesperada por mim, desesperada por uma fuga.

— Preciso de você para me fazer sentir.

Seu toque faz minhas bolas contraírem, e só consigo pensar em entrar em seu corpo e suprir essa necessidade.

Eu a ponho em pé no chão, fazendo o ouro espirrar à nossa volta.

— O que está fazendo? — ela protesta.

Seguro seu queixo, levanto seu rosto para fitá-la. Sem dizer nada, abaixo a outra mão e desço sua calça. A camisa emprestada quase não a esconde de mim.

Ela arfa, mas quando toco a região entre suas pernas, o som se transforma em um gemido.

— Por favor...

— Você está implorando, meu amor.

— Eu sei! — ela grita, e joga a cabeça para trás quando giro o polegar sobre seu clitóris.

Inclino o corpo para a frente e dou uma lambida em seu pescoço, fazendo seu corpo estremecer.

— Gosto disso.

Aperto sua bunda e a levanto de novo, e a sensação de seu calor nu contra meu pênis me faz ranger os dentes de prazer.

— Se esfregue em mim — ordeno. — Passe essa boceta molhada no meu pau inteiro.

Sinto a umidade quando ela obedece, quando balança o quadril e me cobre com sua excitação.

— Isso — ronrono. — Assim mesmo.

— Slade...

Seu tom de voz parece falar diretamente com meu pau, e não consigo esperar nem mais um segundo para penetrar seu calor. Ajeito a posição do quadril e ela encaixa uma das mãos entre nós, me guiando para sua entrada.

Imóvel, olho dentro de seus olhos enquanto ela treme em cima de mim.

— Depressa — Auren pede.

Projeto o quadril para a frente e a penetro, vou até o fundo.

O corpo dela me aprisiona, as mãos apertam meu pescoço, as paredes internas me apertam.

Segurando sua bunda com força, eu a levanto e abaixo com movimentos firmes, arrancando um grito de prazer de sua garganta.

— Era disso que precisava, Auren? — pergunto enquanto a penetro de novo. Meus braços se contraem a cada movimento, meus espinhos querem perfurar a pele.

— Mais forte.

Seu apelo ofegante desafia minha resistência, e não há nada que eu queira mais do que atender ao pedido. Começo a entrar e sair de seu corpo com tanta força, que todo o corpo dela se contrai, se coloca à minha mercê.

— Mais forte — ela grita, e deixa a cabeça cair sobre meu ombro. Os dentes mordem minha pele e fazem meu pau ficar ainda mais duro.

Penetro mais forte, mais depressa, com um fervor carnal.

— Mais forte — ela repete. E de novo. E de novo.

E *de novo*.

Inclino a cabeça para trás e a vejo com o rosto coberto de suor, os lábios entreabertos, gemendo e arfando.

Mas também vejo algo a mais nas profundezas de seus olhos selvagens. Algo que me faz parar.

— Não! Continue — ela pede, e crava as unhas no meu pescoço, puxa meu cabelo. — Mais forte. Forte para doer. Preciso da dor.

Meus quadris param, as mãos também. Levanto uma das mãos e seguro seu cabelo, puxando seu rosto para o lado. Ela suspira, e o suspiro se transforma

em gemido.

— Você precisa disso? — pergunto, colando o corpo ao dela e imobilizando sua cabeça, puxando o cabelo para forçá-la a olhar para mim. — Precisa ser castigada?

Sua garganta se move, e vejo um lampejo no fundo dos olhos dourados.

— Sim...

Entro nela bem devagar, e ela revira os olhos.

— Hum, sabe de uma coisa? — murmuro, puxando sua boca para perto da minha, tão perto que consigo absorver sua respiração. — Você não merece punição, Auren.

Ela fica tensa em meus braços e estreita os olhos.

— Eu vejo você. — Começo a me mexer devagar e em um ritmo constante, enquanto solto seu cabelo lentamente e abaixo a mão para acariciar o clitóris. — Precisa de uma válvula de escape? Precisa se sentir bem? Estou aqui para isso.

Marco cada palavra com um movimento do dedo, e ela treme e morde o lábio.

— Escute — ordeno, e seus olhos lacrimejantes encontram os meus. — Você não merece castigo por *nada*. Merece *recompensa*. — Um soluço brota de seu peito, e ela não precisa dizer nada, porque vejo tudo em seus olhos. — Vou entrar tão fundo, que você só vai sentir prazer por ser essa coisa linda queimando por mim. Mas não vai ter punição.

Uma lágrima dourada cai em meu peito e penetra o tecido da camisa.

Antes que ela possa protestar, eu me sento no chão e a levo comigo. Deito embaixo de seu corpo, mantendo o membro tão fundo dentro dela que Auren choraminga. Mas olhando deste ângulo, ela pode estar no controle.

— Vou esfregar seu clitóris com o dedo e te fazer gritar, vou provar que você é uma deusa que busca prazer, porque é *isso* que merece — murmuro. — Agora cavalga.

Ela apoia as mãos abertas em meu peito e, com um olhar furioso, começa a subir e descer depressa, com um ritmo incansável, a expressão determinada. Mas, o tempo todo, eu só acaricio seu clitóris com movimentos lentos e suaves do polegar, provocando as terminações nervosas e esperando.

Esperando.

Outra lágrima frustrada desce por seu rosto, e ela olha para mim com raiva.

— Me fode — diz.

— Eu vou — respondo. — Assim que for para o seu prazer, não como punição.

Ela bate as mãos com força no meu peito.

— Preciso ser castigada! — rosna, com o peito arfando, a aura iluminada.

— Por quê?

— Porque eu... eu...

Sento-me tão depressa que ela engole um grito chocado, e meu pau muda de ângulo, penetra mais fundo.

— Vou dizer o que você fez. Finalmente se libertou e *venceu*.

Ela me encara como se eu fosse sua tábua de salvação. Como se eu fosse sua única esperança de não ser dilacerada. Mas eu sempre a trarei de volta ao chão. Sempre a farei lembrar quem realmente é.

Porque a vejo. Sempre vi.

Envolvo sua garganta com uma das mãos, enquanto a outra continua acariciando o clitóris, deslizando no desejo líquido que seu corpo verte. Seguro com força suficiente para causar *apenas* uma pequena restrição à respiração. No momento em que isso acontece, seu peito arfa mais depressa, mais umidade escorre entre suas pernas, as pupilas dilatam.

— A única coisa pela qual vou te castigar é por ter tentado desistir de mim.

A pulsação lateja em suas veias, e ela faz um barulhinho trêmulo. Seguro com mais força e projeto o quadril, e Auren estremece e geme.

— Nunca mais vai desistir, vai, amor? Nunca mais vai deixar seu poder te dominar. — Penetro novamente, e ela arfa meu nome. — Vai se lembrar de quem é e de quanto é poderosa, e nunca, nunca mais desistir. — Cada palavra é uma penetração, cada letra é um afago mais rápido sobre o clitóris. — Fala — ordeno, e minha voz vibra em seu ouvido. Quero consumi-la. Enterrar-me tão fundo em seu corpo que ela me sinta para sempre, que minhas palavras fiquem gravadas em seus pensamentos.

— Nunca mais vou desistir — ela grita. — Slade, *por favor*.

Música para os meus ouvidos.

Meus dedos esfregam seu clitóris, e acelero os movimentos. Penetro mais fundo, mais depressa, de novo e de novo, e a boca dela se abre em um grito que ecoa pela caverna.

— Vai, amor. Sente meu pau te dando prazer e me molha *todinho*.

O orgasmo dela parece implodir.

Sinto seu corpo se contrair em volta do meu membro, e as penetrações ficam mais truncadas. Ela repete meu nome, treme, e o calor líquido que escorre por meu pênis me faz explodir com ela.

— *Boa menina, porra.*

Gozo tão forte que me surpreende não ter apagado, despejo jatos quentes de esperma dentro dela e faço com que seja minha. Mas não removo a mão do clitóris até sentir a última onda de prazer deixando seu corpo, até ela cair exausta sobre meu peito, ainda trêmula com os ecos do prazer.

Só então mudo a posição da mão e começo a afagar seu braço. Devagar, suave, uma carícia leve que sobe e desce. Ficamos ali sentados por vários minutos, e não a apresso. Não a pressiono. Meu pau não reclama nem eu. Queria poder ficar nesta caverna, queria poder mantê-la segura no meu colo. Mas apesar dos meus desejos, a realidade se impõe aos poucos.

Seu calor maleável enrijece, a mente acelera tanto que quase consigo ouvir as engrenagens. Percebo quando ela levanta a cabeça do meu ombro, olha em volta, estuda a caverna escura, vê o fio de ouro ainda empoçado no chão a trinta centímetros de nós.

— Slade... — ela diz, e dessa vez não é um pedido sensual. É a voz do *medo*.

— Está tudo bem, Auren — asseguro, mas ela já está saindo de cima de mim, recolhendo a calça do chão.

Fico em pé e ergo a minha calça, tentando amarrar o cordão enquanto a observo circular por ali, analisando tudo com espanto, enterrando os dedos entre os fios de cabelo e balançando a cabeça. Não sei se é o choque de se descobrir em um lugar desconhecido, mas a dor em seus olhos diante da realidade me faz querer urrar e *protegê-la*.

Auren cambaleia, leva a mão à garganta, toca a marca sutil de uma cicatriz. Ela encara o ouro no chão como se fosse a morte diante de si. Quando o ouro começa a se mover e se aproximar dela, ela recua com um grito.

— *Não, não, não, não, não!*

— Auren.

O pânico se instala, e ela balança a cabeça sem parar. Pela primeira vez desde que acordou, sinto a preocupação contrair minha nuca. Antes, quando ela estava me atacando, eu tinha total confiança de que Auren sairia daquele estado e voltaria para mim, de que estava no controle de sua magia.

Mas agora...

Sua respiração é mais rápida e curta, como se, por mais que tentasse, não conseguisse levar ar suficiente aos pulmões.

— Auren, olha para mim.

Ela gira no mesmo lugar e olha em volta, transtornada.

— Eu não... Onde estou? Não consigo me desligar do ouro. Ele tem de ficar longe de mim! Precisa *parar*!

Caminho na direção dela, mas o som dos meus passos no ouro derretido a faz se retrair.

— Tudo bem — digo, mas ela não me ouve.

— O que foi que eu *fiz*, Slade? — Seu braço raspa na parede da caverna, e o ouro respingado ali gruda como calda de açúcar na manga de sua blusa. Ela se afasta, apavorada, e se encolhe com um tremor. — Ai, deusa — sussurra, e cobre a boca com a mão. — O que foi que eu fiz? — A pergunta é um murmúrio abalado. Um reconhecimento encurralado contra uma parede.

Paro na frente de Auren e a seguro pelos braços.

— Olhe para mim. — Ela tenta se soltar, mas a seguro com firmeza. — Auren, *olhe* para mim.

Ela me encara com as pupilas dilatadas de medo, a veia no pescoço pulsando depressa.

— O que foi que eu fiz...

— Respire comigo.

Inspiro profundamente, depois expiro devagar. Repito o processo algumas vezes, até ela começar a me imitar. No começo, sua respiração ainda é muito rápida, os olhos permanecem muito abertos, mas aos poucos ela deixa de hiperventilar.

Quando o pânico cede, o ouro não pinga mais a cada movimento. Percebo o momento em que ela retoma o controle, porque o ouro não parece mais vivo. É só líquido secando no chão.

— Muito bem — murmuro, afagando seus braços lentamente. — Você está indo bem. Continue respirando.

Auren suspira e olha nos meus olhos como se me visse pela primeira vez.

— Slade.

— Estou aqui, amor.

Meu peito fica apertado. Estou feliz demais por ela ter acordado, por ter voltado a ser ela mesma, mas não quero que sinta medo e desespero.

Auren contempla o ouro respingado nas paredes da caverna e a poça que se solidifica no chão.

— Grande Divino.

Observo tudo: as lembranças, à medida que vão se encaixando pouco a pouco. Uma imensa variedade de expressões desfila por seu rosto, mas continuo me preparando, à espera da explosão. De vergonha. De ódio. De culpa.

Acho que isso é o que vai me cortar mais fundo. Não vai ser Auren me culpando ou até me odiando por tê-la apodrecido — isso eu mereço.

Mas a culpa? Ela se sentir culpada por ter matado Midas, *isso* vai acabar comigo.

Não sei quantos segundos se passam enquanto ela recorda o que aconteceu, mas enfim os olhos dela voltam aos meus, e meu coração se parte quando vejo as lágrimas.

— Como? — ela sussurra. — Senti meu poder me deixar depois do pôr do sol. Isso não devia ser possível, mas eu... — As palavras são sufocadas. — Alguma coisa dentro de mim se partiu, estourou.

— E foi *glorioso*.

Auren fica intrigada.

— Como pode dizer isso? Eu me tornei um *monstro*.

Balanço a cabeça, negando, e deslizo o polegar por sua face molhada de lágrimas.

— Não, amor. Um monstro, não. Uma *feérica*.



14

AUREN

Feérica.

No momento em que ele diz a palavra, sei que é verdade. Sei que a fera dentro do meu peito, a que neste momento ainda espera ali, segurando as barras das minhas costelas com as garras, é justamente isso.

Analiso o espaço sombrio da caverna desconhecida, e esse contato fica mais forte. Tem ouro salpicado por toda parte em manchas variadas, a maioria congelada em poças no chão. Olho para isso e só consigo pensar em como a feérica em mim assumiu o comando. Como se libertou dentro de mim e tomou as rédeas das minhas mãos.

E com isso...

Grande Divino, os *barulhos*.

Cada lampejo de ouro na caverna é um lampejo do castelo se espalhando e vibrando. Cada reflexo reluzente sou eu vendo essa versão de mim mesma que atropela as pessoas, matando-as com movimentos impiedosos.

Havia muito barulho de líquido e muitos estrondos, mas o que ecoa em meus ouvidos são os gritos.

Só houve outra ocasião em que meu ouro se comportou desse jeito. Só uma, e jurei para mim mesma que nunca mais se repetiria.

Mas aconteceu.

Quando recuo um passo, meu calcanhar mergulha no líquido pegajoso, e me afasto com um sobressalto. O ouro tenta subir por minha perna, tenta ganhar vida outra vez e reage às minhas emoções e movimentos, mas o chuto para longe. Com as mãos fechadas e tremendo, ergo minhas muralhas e isolo o

ouro. Prendo a fera feérica. Recupero o controle para que essas contingências não me dominem de novo.

Não vou permitir isso.

Sinto um arrepio e, de repente, fico incrivelmente pesada, como se as paredes que acabei de erguer dentro do peito me empurrassem para baixo, pressionassem os ossos e cimentassem meus pés.

— Auren?

Olho para ele com todo esse peso estampado no rosto.

— Onde estão minhas luvas? — pergunto. — Preciso cobrir as mãos.

Slade hesita, mas tira as próprias luvas e me entrega. Faço uma careta ao ver como estão manchadas e ouvir o ruído de suas botas sobre uma poça endurecida.

— Obrigada — murmuro.

Não consigo encará-lo. Estou constrangida demais por ter pulado em cima dele e admitido que queria ser castigada por minhas ações. Basicamente, acabei de usá-lo para não ter de pensar, para sentir dor por causa do sofrimento a que submeti outras pessoas.

— Auren — ele me chama, com firmeza, e eu ergo os olhos, apesar do peso das pálpebras. — Nada do que você acabou de fazer é motivo de vergonha. Não precisa se sentir constrangida.

Rio baixinho, balanço a cabeça e calço as luvas, me sentindo um pouco melhor depois de cobrir as mãos.

— É verdade — ele repete, firme, me prendendo com o olhar. — Você é *feérica*, assim como eu, o que significa que vamos ter impulsos selvagens, incontroláveis. Tipo brigar e foder. Esses dois andam de mãos dadas.

Meu rosto esquenta com a franqueza dele, e depois todo o corpo fica quente quando ele toca minha nuca. Seu cabelo está despenteado depois de como enterrei os dedos nele, mechas ficaram manchadas de dourado, e há mais manchas no rosto e na boca. Alguma coisa em mim quer ronronar por notar todas as minhas marcas nele.

— É completamente natural — ele continua, e sua voz reverbera no meu calor exuberante. — Eu, por exemplo, adoro ver sua natureza feérica se manifestando.

Sorrio, hesitante.

— Não devo ser *tão* feérica assim, considerando isto aqui. — Toco minhas orelhas arredondadas.

— As minhas também são assim — Slade revela. Seu corpo fica tenso e, como se quisesse provar sua afirmação, ele recolhe os espinhos sob a pele, esconde a aura e apaga o brilho das escamas no rosto. Quando seus olhos ficam verdes de novo e suas orelhas deixam de ser pontudas, ele as toca. — As minhas têm este formato, porque sou só meio-feérico.

— Você? — pergunto surpresa. — Talvez eu também seja. Não me lembro dos meus pais o suficiente para saber.

— Pode ser.

É um alívio falar sobre outro assunto, mas agora que a realidade se impõe, tem uns cem *outros* assuntos passando por minha cabeça. Coisas sobre as quais ainda não quero pensar. Envolvo o corpo com os braços e, de repente, me sinto muito cansada.

No segundo em que me vê estremecer, Slade segura minha mão.

— Vamos voltar para a Gruta, você precisa descansar.

Não tenho energia nem para perguntar o que é a Gruta. Só me deixo envolver em cobertores manchados de ouro. Slade me carrega caverna afora, e no lado externo somos recebidos por uma nevasca.

Fico um pouco desanimada com o frio que cai do céu cinzento. Sem o abrigo da caverna, o vento uivante que subestimei nos ataca com tanta ferocidade que me surpreendo por Slade não ser derrubado.

A noite caiu, e flocos de neve giram à nossa volta. Não é uma neve macia e silenciosa, de jeito nenhum. Felizmente, ele me agasalhou bem, deixando só parte do meu rosto descoberto. Mesmo assim, eu me sinto congelar no instante em que saímos.

Mas mesmo nessas condições menos que ideais, eu me sinto sonolenta. Com os braços de Slade à minha volta e seu caminhar constante, me aconchego contra seu corpo, suspiro e fecho os olhos, desligando todos os pensamentos e todas as lembranças.

Porque não quero pensar neles. Não quero encará-los.

Ainda não.

Por ora, só quero sentir os braços dele me envolvendo e ignorar todo o restante.

Devo ter cochilado mais do que pretendia, porque acordo com o som de vozes. Instantaneamente, percebo que não estou mais ao ar livre, exposta ao frio, porque um calor me cerca e o som do vento desapareceu.

— ... deixe-a dormir. Está tarde. — É a voz de Slade. Estamos em um lugar fechado e ele não me carrega mais na tempestade, mas ainda me segura. Como se não quisesse me soltar.

Meu coração se parte.

Ouço alguém responder:

— Não me interessa se está tarde, ela precisa comer. Passou quatro dias dormindo. Chega. Mechas Douradas, chega. Acorde!

Abro os olhos com esforço ao reconhecer a voz de Lu, e me deparo com um teto de madeira lisa antes de voltar a atenção para Slade. Ele suspira ao me ver acordada.

— Funcionou? — Lu pergunta, e um segundo depois o rosto dela aparece sobre mim.

— É claro que sim, você̂ não é exatamente silenciosa — ele responde.

Lu sorri quando olho para ela.

— Aí está você̂. Pare de ser preguiçosa.

Slade faz um ruído ameaçador, um alerta, mas sinto meus lábios se estendendo.

— Estou em uma casa com cinco homens, e eles estão tentando me enlouquecer — Lu me conta. — Preciso de alguém que entenda meu sofrimento.

— A Douradinha devia entender o *meu* sofrimento — Judd fala, de algum lugar na sala. — Você̂ tem sido cruel.

Lu se vira.

— Ganhar de você̂ no jogo de cartas toda noite não é crueldade. É superioridade.

— Sim, mas roubar o vinho é crueldade.

Ela bufa.

— Não sei do que está falando.

Com a ajuda de Slade, eu me sento, mas continuo no colo dele na poltrona enorme.

Observo ao redor, curiosa, notando os detalhes do lugar desconhecido. Está escuro, com exceção de uma lareira de tijolos que espalha o brilho do fogo. Com exceção da chaminé exposta, todas as paredes são revestidas de madeira de uma cor intensa e polida. Além da poltrona verde onde estamos no momento, há um sofá da mesma cor à direita e outra poltrona à nossa frente.

No centro de tudo tem uma mesinha de madeira sobre um tapete branco e peludo.

No geral, é um espaço aconchegante. Noto pequenos toques, como os casacos pendurados em cabides perto da lareira e os cinco pares de botas alinhados ao lado dela. Um aroma delicioso atravessa uma porta aberta que leva a uma cozinha, e quando viro a cabeça para o outro lado, vejo o que parece ser a porta principal. O clima é de um lar, e relaxo automaticamente quando noto que só Judd e Lu estão na sala comigo e com Slade.

Quando olho para Lu outra vez, noto a única janela na minha frente. Curiosa, estico o pescoço ao olhar para fora. De início, deduzo que a luminosidade azulada é das estrelas — embora nunca as tenha visto cintilar desse jeito. Todavia, quanto mais estudo aquela luz, mais tenho certeza de que não é isso. Avisto sombras próximas, como se houvesse uma casa vizinha com aquela iluminação estranha, mas isso também não combina com o que vejo.

— Onde estamos? — Minha voz sai meio áspera. Ao meu lado, Slade mantém a mão sobre o meu quadril, acariciando de leve o tecido das minhas roupas, enquanto permaneço apoiada em seu peito.

— Bem-vinda à Gruta — Judd anuncia, movendo um braço de seu lugar no sofá à minha direita. Lu vai se sentar ao lado dele e recolhe os pés sob o corpo, e não entendo como ela consegue essa façanha usando aquelas pantufas enormes.

— O que é a Gruta?

Lu e Judd se voltam para Slade como se não soubessem como responder. Pensei que fosse uma pergunta simples, porém, considerando a hesitação que toma conta da sala, acho que me enganei. Sinto o primeiro sinal de ansiedade no estômago, e essa é a última coisa que desejo. Viro a cabeça e olho para Slade.

Enfim tenho a chance de olhá-lo de verdade, e sua imagem me deixa ainda mais preocupada. Ele tem olheiras escuras, e o que era uma sombra de barba se desenvolveu em uma barba crescida. A linha de tensão permanece em sua testa, e ele ainda usa aquelas roupas amarrotadas e manchadas de dourado.

Os olhos ficam mais suaves quando ele se volta para mim.

— A Gruta é nossa casa em Drollard Village.

— Certo... e onde fica Drollard Village? Ainda estamos no Quinto Reino?

Judd sorri, une as mãos atrás da cabeça e estica as pernas.

— Esta é uma pergunta interessante. Sim, porque *era* o Quinto Reino, mas agora não é mais. E, tecnicamente, Drollard Village não existe. Nem as pessoas que moram aqui.

Minha cabeça parece rodar.

— Hum... como assim?

Slade lança um olhar impaciente na direção de Judd antes de me encarar.

— A gente explica isso mais tarde. Como se sente?

Não é sobre isso que quero falar. Não mesmo.

Ignoro a pergunta e empurro os cobertores que ainda me envolvem. Agora que estou acordada, faz calor embaixo de tantos agasalhos. Quando Slade afrouxa o abraço o suficiente para eu me descobrir, aproveito a oportunidade para me levantar. Meus pés descalços afundam no tapete peludo quando caminho em direção à janela. Observo lá fora, analisando as espirais de luminosidade azul.

— O que é aquilo? Parece que estamos...

— Em uma casa construída dentro de uma caverna? Sim, estamos — Lu confirma.

— E ela brilha — Judd fala.

Minhas sobrancelhas se erguem com a surpresa.

— Nossa. É bonito.

— Auren? — Slade me chama, hesitante, mas o tom me deixa tensa.

Em vez de responder, olho para Judd. Acho que ele é uma opção segura.

— Que tipo de jogo de cartas vocês têm jogado?

Percebo que ele entende minha situação, especialmente quando olha para Slade por uma fração de segundo antes de responder. Ainda assim, ele coopera comigo.

— Ah, você não quer saber, Douradinha. A Lu rouba.

— Eu, não! — ela reage, indignada. — Não é minha culpa se você não sabe beber e jogar ao mesmo tempo, além de fazer apostas horríveis.

Judd revira os olhos.

— Viu? Malvada.

Dou risada, mas paro rapidamente quando ouço:

— Auren.

Colo um sorriso no rosto e me viro para encarar Slade, mas meu estômago revira quando ele se levanta lentamente.

— Sim?

— Perguntei como você está se sentindo — ele fala, com cuidado, os olhos da cor dos prados de verão.

Sinto Judd e Lu olhando para mim, e meu rosto esquenta.

— Estou bem.

Segundos se passam. O pêndulo do tempo balança como um espectador, olhos que alternam de Slade para mim enquanto nos encaramos.

Ele quer falar. Vejo as palavras aflitas presas em sua boca. Vejo as emoções que ele está pronto para enfrentar. Mas quando voltei à consciência, naquela outra caverna, essas mesmas emoções eram desgastantes demais. As lembranças eram muito cruas. Não levantei muralhas apenas para conter meu ouro e minha natureza feérica. Isolei todo o restante também.

— Não estou pronta para isso.

Meus lábios protegem essa verdade, se fecham na defensiva assim que a declaro. Não estou pronta. Não posso seguir por aí. Se tentar, vou ter de pensar, processar e sentir. E não quero sentir ainda. O relógio pode contar o tempo quanto quiser, mas não vou ceder, ainda não.

É evidente que Slade também não quer ceder, mas sou salva de qualquer resposta que ele pretendesse dar quando um homem entra pela porta da frente. Um homem que se parece com Slade.

O Falso Degola.

15

AUREN

É só a segunda vez que o vejo sem a armadura e o capacete que ele sempre usava quando fingia ser Degola. É um pouco enervante. Ele é tão parecido com Slade que não consigo desviar o olhar, tentando encontrar as pequenas diferenças.

O sósia entra carregando um engradado de madeira que parece transbordar sacas, garrafas e vegetais com raízes. Para assim que passa pela porta, percebendo o silêncio antes de seus olhos pousarem em mim.

— É bom te ver sem ser em cima de uma poça.

Pisco, confusa.

Ele acabou de dizer que fiz xixi no chão?

Olho em volta para ver se Judd está dando risada. Ele riria, se eu me molhasse. Mas não vejo nenhum sorriso. E espero que seja um bom sinal.

— Como é que é? — pergunto.

— Seu ouro — responde ele, com lentidão. — Quando você começou a acordar, ele ficou vazando de você por todos os lugares.

Ah.

Fico constrangida, porque tenho de abandonar a ideia de possivelmente ter feito xixi no chão e passar a lidar com ele falando de maneira tão aberta sobre o meu poder. Ouvi-lo dizer casualmente que viu o ouro sair de mim é bem desconcertante, e não consigo entender esse novo normal. Esconder meu poder tornou-se uma segunda natureza para mim, então isso parece quase... errado.

— Desculpe — peço sem jeito. E alterno o peso do corpo sobre os pés. — Hum, já que tocamos no assunto, onde fica o banheiro?

Ele franze a testa.

— Tocamos nesse assunto?

Sinto o calor arder nas bochechas.

— Ah, não. Não, não tocamos — respondo, e olho para Lu, torcendo para ela ter pena de mim. — O banheiro?

— Venha, Douradinha — ela chama, e se levanta para me levar sala afora. Seus calçados são mesmo muito grandes e peludos. Estou surpresa por Lu ainda ter passos tão leves com eles.

Eu a sigo até uma porta no final do corredor.

— Este é o meu quarto, e o banheiro fica bem ali. Pegue roupas limpas do meu armário também, deixei uma pilha separada para você̂.

Agradeço com um aceno de cabeça e entro rapidamente, faço o que preciso fazer ali e tento me limpar o melhor possível. Tiro as roupas arruinadas e manchadas de ouro, sentindo como se estivessem cobertas de tinta seca. Assim que puxo a camisa para cima nas costas, congelo com uma pontada aguda de dor que desce pela coluna.

Paro. Respiro fundo.

E ergo as muralhas tão depressa que faço minha mente girar.

Não vou por aí. *Não* vou.

Com determinação de aço, pego uma camisa bem grande e a visto, depois visto uma calça limpa. Tudo isso conforme respiro fundo, fortalecendo as muralhas mentais.

Com um último suspiro, me obrigo a relaxar o maxilar e os braços junto do corpo. Quando me controlo, volto à sala principal. Assim que entro, todos param de conversar em voz baixa e olham para mim.

— Melhorou? — Lu pergunta, de seu lugar no sofá, ao lado de Judd.

— Muito — respondo, parada perto da porta. Todos na sala permanecem em silêncio, e percebo os olhares que lançam para Slade, como se esperassem uma orientação.

— Tudo bem... — o irmão dele fala devagar, antes de olhar para os outros. — Como eu estava dizendo, fui ao porão buscar suprimentos porque sei que nenhum de vocês jantou. Mas não é minha vez de cozinhar, então um de vocês pode cuidar disso hoje.

Judd se levanta do sofá para se encarregar da tarefa, mas me apresso e sou mais rápida que ele.

— Eu cozinho!

Todo mundo me encara, mas finjo não perceber e me dirijo à porta aberta.

— Eu não estava falando de você — o Falso Degola avisa.

— Estou com fome e quero ajudar — respondo por cima do ombro.

— Auren... — Slade começa, mas escapo antes que ele possa concluir.

Assim que entro na cozinha, ouço murmúrios atrás de mim, mas os ignoro e observo ao redor. O ambiente é tão aconchegante quanto a sala de estar, mas em vez de painéis de madeira, as paredes são brancas e lisas em três lados, e a quarta parede é feita do mesmo tipo de tijolo que a lareira. É ali, na parede de tijolos, que fica um forno de ferro cuja grelha brilha levemente sobre as brasas, com um fogão logo acima dela. Há uma mesa preta redonda com bancos curvos à direita, e o restante das paredes tem prateleiras suspensas cheias de utensílios de cozinha, com bancadas de madeira embaixo delas.

Depois de mais alguns segundos, ouço passos e me viro quando o irmão de Slade entra.

Ele se dirige a uma pequena porta logo depois da mesa de jantar, onde acho que fica a despensa, e põe a caixa lá dentro. Ouço ruídos antes de ele reaparecer, segundos depois.

Ficamos frente a frente e meio sem jeito, antes de ele declarar:

— Acho que nunca tive a chance de me apresentar da maneira adequada. Meu nome é Ryatt. É um prazer te conhecer formalmente. — Ele levanta a mão para coçar a parte de trás da cabeça coberta de cabelo preto. Igual ao de Slade.

— Vocês dois realmente se parecem — comento.

Ryatt ri.

— Sim, ouvi isso uma ou duas vezes.

Acho que pode haver uma ponta de amargura em sua resposta, mas não o conheço bem o suficiente para ter certeza.

— Vou começar o jantar — aviso, antes de me dirigir à despensa. É maior do que eu esperava, com armários na parte inferior e prateleiras forradas acima deles. Há todos os tipos de ingredientes dentro de garrafas e sacos, e o que parecem ser tiras de carne-seca penduradas em um varal.

Circulo pelo espaço, tentando ter uma ideia de receita para preparar. E só então me lembro de que, na verdade, não sei fazer nada.

— Droga — resmungo. Estava tão aflita para escapar da conversa que não pensei no que estava fazendo. Mas que dificuldade pode haver nisso?

Examino o rótulo dos diferentes recipientes, e por fim encontro arroz, ervilhas secas e ovos. Essa é uma boa refeição, certo?

Certo.

Pego os ingredientes e saio, mas vejo uma garrafa de vinho no armário, bem na frente da porta, e a pego também.

Vou precisar disso.

Quando volto à cozinha, Ryatt se foi e eu suspiro aliviada por conseguir um momento sozinha. Um momento em que não tenha de fingir ou falar.

Deposito tudo em cima do balcão e analiso os temperos nas prateleiras sobre ele, mas não estão etiquetados e não reconheço nenhum deles.

— Quer ajuda?

Eu me encolho ao ouvir a voz de Judd, mas forço um sorriso antes de me virar.

— Não, obrigada. Está tudo certo.

Seus olhos castanhos me observam por um momento, antes de ele assentir com a cabeça e sair. Mais murmúrios se misturam na sala de estar, e identifico o tom estrondoso de Slade imediatamente antes da voz mais suave de Lu:

— Dê um tempo a ela.

Sim. Tempo. É exatamente disso que preciso. Quanto mais tempo eu tiver, melhor.

Passo a próxima hora andando pela cozinha, à procura de preparar alguma coisa comestível.

Não estou indo bem.

O lado positivo, porém, é que o vinho é fantástico. Não só tem um sabor ótimo, mas me ajuda a relaxar. E agora que não sou nada além de bordas e pontas afiadas, quando um pensamento perdido é suficiente para me fazer esbarrar em uma dessas pontas e estourar, preciso de alguma coisa que me entorpeça.

No momento em que coloco as tigelas na mesa, a cozinha está cheia de vapor e fumaça, e estou meio bêbada.

É adorável.

— O jantar está pronto! — grito.

Todo mundo entra. Rápido. Como se estivessem todos esperando do lado externo da porta. Todos se sentam, exceto Slade, que puxa um dos bancos para

dois e espera que eu me sente.

Sorrio e me sento, e ele se acomoda ao meu lado. Nossas coxas se tocam, o que parece uma coisa bem boba em que me concentrar, considerando que fizemos coisas muito mais íntimas do que encostar as coxas, mas meu estômago vibra mesmo assim.

— Então... — Judd começa, esfregando as mãos —... Qual é o cardápio?

Estendo a mão e levanto a tampa da tigela com um sorriso.

— Arroz!

Todos os quatro pares de olhos examinam o conteúdo. Depois de um momento de silêncio, Lu pergunta:

— Por que está verde?

— Ah, são as ervilhas. Meio que derreteram.

Mexo o conteúdo da tigela com uma colher e sinto que é mais pegajoso que mel. Começo a servir uma colherada em cada prato, mas quando tento dar a Ryatt uma terceira colherada, ele levanta a mão.

— É o suficiente.

Com um aceno de cabeça, removo a tampa que cobre meia dúzia de ovos, mas o cheiro é estranho.

Judd torce o nariz.

— Quais temperos você colocou nisso?

— Não faço ideia — respondo, com honestidade, antes de servir um ovo em seu prato.

Depois de servir a todos, inclusive a mim mesma, levanto o garfo, mas percebo que ninguém mais se mexe. Assim que percebem que observo em volta e espero, Slade pigarreia com firmeza. Todo mundo pega os garfos muito rapidamente depois disso. Então, seguindo Slade, que se serve primeiro, cada um pega um pouco de arroz e experimenta.

Sorrindo, sigo o exemplo de todos.

Arrependimento. Instantâneo, imediato, firme — *não, pegajoso* —, arrependimento pegajoso.

— Ai, deusa — resmungo, com a boca bem cheia daquela pasta pegajosa, porque é ruim. Muito ruim.

De fato, não se parece com arroz. É mais um mingau que cozinhou demais. Os temperos que escolhi não combinam e, de alguma forma, tem partes que estão fervendo e outras que estão frias como pedra, com pequenos grãos duros que parecem não ter cozinhado. De alguma forma, consigo engolir a porção.

Para ser sincera, a cor verde era o menor dos nossos problemas.

O constrangimento esquenta minhas bochechas, ao passo que todos os outros fazem caretas.

— Está ruim — admito.

— É *realmente*... — Ryatt sacode no meio da frase e olha para Slade por cima da mesa, com a testa franzida. — É bom — ele conclui, antes de olhar para mim. — É muito bom.

— Sério?

Judd e Lu assentem ao mesmo tempo, mas percebo que ainda estão mastigando.

Ao meu lado, Slade engole em seco. É uma prova de quanto a gororoba é grudenta, porque posso ouvir o esforço de sua garganta para empurrar tudo para baixo.

— Experimente os ovos — sugiro.

— Aham — ele responde, e todos o veem pegar uma colherada gigante e enfiá-la na boca, abrindo um pouco os olhos como se realizasse algum feito incrível.

Suspiro e deixo o garfo sobre o prato.

— Legal, podem parar de fingir por minha causa.

— Porra, obrigado — Judd agradece, e cospe sua porção no guardanapo de pano ao lado do prato. — Minha língua está muito confusa.

Lu sorri.

— Ouvi mulheres fazerem a mesma crítica sobre você.

Judd joga o guardanapo nela, que se defende com o garfo antes de ser atingida.

Pigarreio.

— Acho que devia ter avisado que não sei cozinhar...

Ryatt ri.

— Acha mesmo?

— Certo. Quem quer vinho?

Todos aceitam de imediato, e corro para pegar a garrafa de vinho em cima do balcão da cozinha, quando sinto uma fisgada dolorosa nas costas.

Congelo.

Minha respiração trava.

E a agonia, brilhante e quente, despeja meus pensamentos em sua descida escaldante por minhas costas.

Isso dói muito mais em mim do que em você.

Você provocou isso.

Você fez isso consigo mesma.

Não posso, não posso, não posso.

Ah, deusa, por favor...

Fecho os olhos e me esforço para respirar em meio à dor. Não vou pensar nisso. Não vou. Ergo mais uma muralha. Uma barricada alta que bloqueia cada pedacinho de sofrimento encravado em minhas costas.

— Auren? — Slade chama, baixinho.

Abro os olhos e percebo que parei com apenas uma das pernas do outro lado do banco, então colo aquele sorriso horrível no rosto outra vez.

— Bati o dedão do pé — improviso, antes de passar a outra perna sobre o banco, desta vez com cuidado, e andar em direção ao balcão.

De costas para a mesa, solto um suspiro trêmulo, grata por ninguém poder ver meu rosto. A dor é uma mistura de pressão e fisgadas, como se tentasse pescar nas minhas profundezas, mas esse é exatamente o último lugar que quero sentir.

Respiro fundo mais uma vez, tensa, antes de me virar com a garrafa na mão. De alguma forma, Lu já levou canecas para a mesa e posiciona as duas últimas na frente dela e de Judd, enquanto removo a rolha e começo a servir. Não é o suficiente para todos nós, em especial porque me servi antes, mas é alguma coisa.

No entanto, mesmo com a distração da comida, meu humor cuidadoso ameaça mudar. Estou no fio da navalha, tentando não cair e me despedaçar, mas sei que não posso ficar reta e firme para sempre, não importa quanto me sente à mesa com as costas rígidas.

Ao meu lado, Slade também está tenso, e os outros me observam, embora tentem não ser óbvios. Pego minha caneca, a seguro com força e contemplo a cor vermelha profunda.

— Auren.

— Esta noite, não — respondo, sem olhar para ele, e bebo.

Não estou pronta. Preciso de mais tempo. Esta noite, não.

Aperto essas palavras contra o peito como moedas de um mendigo, agarrando-as porque sei que vão me oferecer um mínimo de alívio por um tempo, até eu estar de novo de mãos vazias.

— Hoje só quero isto aqui.

Desta vez, quando fito a mesa silenciosa, ninguém finge desviar o olhar de mim, e prendo a respiração, tomada pela ansiedade, até Judd me socorrer.

— Bem, tudo bem, então — ele diz, com um aceno de cabeça. — Vamos precisar de mais vinho.

Ele vai até a despensa e volta com mais duas garrafas, além de um pouco de pão e geleia que encontrou.

— Algo um pouco mais comestível — comenta, com uma piscadela enquanto põe tudo na mesa.

Solto uma risada trêmula e relaxo quando todos começam a beber, conversar e comer, e relaxo ainda mais quando me junto ao grupo.

Por um tempo, isso é tudo que existe. Tudo que importa. Agarrada às minhas palavras, me equilibro sobre o fio da navalha e, por ora, funciona. Por ora, não preciso pensar, processar ou falar. Não tenho de enfrentar nada real.

Por ora.



16

AUREN

Não é que *acordo,* é mais como um martelo que bate no meu crânio com tanta força que me empurra para a consciência contra a minha vontade.

Meus seios estão esmagados contra o colchão, por ter ficado deitada de bruços, e sinto pelos fazendo cócegas em minha bochecha. Abrir um olho não é tão doloroso quanto eu esperava, porque felizmente o lugar está escuro. Suponho que haja vantagens em ter uma casa dentro de uma caverna.

Eu me viro, mas a fisgada nas costas me faz gemer com uma careta. Aquele barulhinho no aposento se amplifica e, quando olho para cima, meu coração fica apertado.

Slade está sentado em uma cadeira ao lado da cama, me observando.

Tem um livro aberto em seu colo, mas ele não parece ler realmente. Suas pernas estão afastadas, um cotovelo dobrado repousa no apoio de braço, dedo e polegar sustentam a mandíbula.

Termino de me sentar e tiro a careta do rosto, notando no mesmo instante que nada foi dourado. Nem os cobertores, nem o travesseiro, nem minhas roupas. *Ainda é noite?*

— Por quanto tempo dormi?

— Não tenho certeza — ele responde. — Mas você precisava descansar e superar todo aquele vinho. Além disso, seu corpo ainda está se recuperando do consumo de energia, entre outras coisas.

Resmungo qualquer coisa sem me comprometer, porque o "esgotamento de energia" e "outras coisas" fazem parte da categoria *ainda não estou falando sobre isso.*

— Esperava que você pudesse me mostrar a caverna hoje — digo-lhe, e me levanto para olhar o quarto. A única luz vem do fogo baixo e do brilho azulado do lado externo da janela. — Tem algum sapato que eu possa pegar emprestado? Acha que Lu tem alguma coisa?

Slade não responde, e arrisco um olhar em sua direção. Descubro que ainda me observa, muito sério, o verde de seus olhos intensificado por alguma coisa inebriante e atenta. O silêncio faz minha pele arrepiar. Porque, de alguma forma, apesar de não o conhecer há muito tempo, ele sempre foi capaz de penetrar além da minha superfície e encontrar verdades que eu considerava enterradas há muito tempo.

— Isso é um "não" sobre os sapatos?

Ele deixa o livro no chão com cuidado e se levanta, me pego recuando um passo. É uma reação instintiva, porque não quero que ele se aproxime. Não quero que comece a cavar minhas profundezas.

No segundo em que me vê me afastar, Slade para, e alguma coisa perturbada passa por sua expressão, antes de ser apagada.

Odeio estar aqui colocando distância entre nós. Mas distância é o caminho que tenho de seguir para chegar à minha sanidade.

Porque, se ele se aproximar, vai ver a verdade. Verá como o chão embaixo dos meus pés está cheio de buracos e saliências. Verá o medo em meu lábio trêmulo e a culpa nos meus olhos. Verá a realidade da destruição que me rodeia, à medida que tento, desesperadamente, não tropeçar. A distância é tudo que tenho entre mim e a necessidade de me conformar com a carnificina que se acumula até a altura dos joelhos.

Mas deixo isso com Slade, porque juro, ele pode ver isso também.

— Precisamos conversar.

Apenas duas palavras, e o calor pressiona o fundo dos meus olhos e faz meu nariz queimar. Sufoco essas sensações, balanço a cabeça negativamente para ele, tento endireitar os ombros. Mas não consigo. Não consigo porque dói, porque...

— Não.

A palavra sai de uma garganta apertada e é transportada por uma língua que chicoteia.

Seus lábios comprimidos desenham uma linha fina, e vejo os primeiros movimentos das raízes sob a gola de sua camisa.

— Quero ir ver a caverna — insisto, desta vez com a voz mais forte. Mas qual é o valor da força quando ela é apenas uma fachada?

Depois de um longo momento, Slade inclina a cabeça.

— Tudo bem, Pintassilgo. Vou te mostrar a caverna.

O alívio saqueia parte da minha ansiedade, guardando um pouco para mais tarde.

— Tenho um par de botas para você no meu armário, então vamos ter de passar no meu quarto primeiro.

Olho em volta, surpresa.

— Este não é o seu quarto?

Slade balança a cabeça em um sinal negativo.

— Seu ouro está morando lá por enquanto. Nós vamos ficar aqui.

Meu ouro... o quê? Mas a outra parte da resposta prende minha atenção. *Nós vamos ficar aqui. Nós.*

— Você dormiu aqui comigo?

Dizer que estou surpresa é pouco. Pensar que ele ficou comigo me faz sentir estranhamente vulnerável.

Ele inclina a cabeça.

— Onde mais eu estaria, se não com você?

Minha respiração trava e o coração se comprime.

— Mas o dia...

— Acordei antes de amanhecer — ele me garante, e as sombras projetadas no quarto tornam mais agudos os ângulos do queixo barbudo. — Isso te incomoda?

Abaixo a cabeça, olho para os fios ásperos das meias grossas que tenho nos pés. Elas também não estão douradas, e alguma coisa se agita no meu peito.

— Não. Sim. Não sei.

Meus ouvidos capturam o som de um passo. Meu corpo quer se inclinar para ele, ir ao encontro de sua aproximação, porque essa proximidade *sempre* foi uma força em si mesma. Uma força que sempre teve poder sobre mim.

Sinto o calor de seu corpo na minha frente, vejo suas sombras se misturando às minhas.

— Tomei você para mim naquela noite em Ranhold — Slade diz, e o tom quente e inabalável me obriga a levantar a cabeça. O calor queima meu rosto como se realmente estivesse em chamas, suas palavras tocam meu espírito. — E

você me tomou de volta, no meio de um salão de baile para que todos ouvissem. Ou não se lembra?

Flashes.

Uma multidão de rostos.

Fileiras de guardas vestidos com armaduras.

Olhos cruéis e raivosos sob uma coroa dourada.

O calor de um corpo atrás de mim.

E então minha voz clara e inabalável. *Ele é meu.*

Não foi apenas uma reivindicação, foi um *desafio*. Como se eu estivesse pronta para destruir qualquer um que tentasse refutá-la ou tirá-lo de mim.

Eu me lembro? Claro que sim. Lembro-me de cada encontro com ele. Saí de um navio pirata e caí a seus pés na neve, e desde então é como se continuasse caindo.

— Quero ir ver a caverna.

— Você quer continuar evitando tudo — Slade retruca.

Uma risada amarga escapa de minha boca.

— E se for isso? Tenho esse direito. Fui controlada e possuída por mais de vinte anos da minha vida — rebato, com os olhos brilhando. — Se eu quiser evitar alguma coisa e ver uma porcaria de caverna, é isso que vou fazer.

O músculo em seu maxilar se contrai, mas ele não discute, não tenta me convencer a fazer mais nada, e sou grata por isso, porque minha cabeça está latejando, minhas costas estão se contraindo, e eu só preciso sair.

Eu me viro e caminho para a porta, entretanto, assim que alcanço a maçaneta, paro de repente, afasto a mão e hesito.

Depois de uma pausa breve, Slade diz:

— É noite.

Porque ele sabe, sem eu dizer nada. De alguma forma, ele entendeu minha ansiedade repentina, o medo de dourar a porta inteira.

Hesito.

— Então, só dormi algumas horas, ou...? — Minha pergunta sugere uma pausa, outra pergunta que ainda não estou formulando.

— Não, você dormiu o dia todo.

Meus olhos baixam para as roupas pretas e marrons que visto, e então assinto com a cabeça uma vez, um movimento curto.

Engulo em seco, giro a maçaneta e saio. O corredor está tão escuro quanto o quarto, e as paredes revestidas de madeira são interrompidas por arandelas.

Elas são feitas de cristais ásperos e transparentes que parecem ter sido arrancados de uma mina e pendurados aqui, e têm recipientes cheios de óleo para alimentar as chamas trêmulas.

Minha sombra se projeta nas paredes enquanto ando, mas a voz de Slade me faz parar.

— Você vai precisar dos sapatos, Auren.

Eu me viro e o observo ir na direção oposta. Ele desaparece na última porta do corredor, de onde sai depois com um par de botas e um casaco de couro. Quando me alcança, espero que me entregue os dois. Mas não.

Arregalo os olhos quando ele se ajoelha na minha frente. Eu o vejo pegar meu pé esquerdo e colocar na bota, depois amarrar o cadarço. Cada movimento hábil de seus dedos me deixa em transe, e meu coração bate tão forte no peito que receio que ele sinta a pulsação em toda a minha perna.

Slade devolve meu pé ao chão e pega o outro para fazer a mesma coisa, segurando a panturrilha com firmeza. O calor explode onde ele toca, e minha pele formiga, apesar da camada de roupa entre nós.

Quando termina, ele se levanta, e está tão perto que posso enxergar cada mancha em seus olhos, desde o verde exuberante de um pasto no verão até o ônix das sombras à espreita logo atrás dele.

Sem dizer uma palavra, ele se move ao meu redor e, com uma gentileza torturante, me ajuda a vestir o casaco. É grande demais para mim, mas fica pendurado sobre os ombros me mantendo aquecida sem me oprimir.

Sinto sua respiração na lateral do meu pescoço, as mãos tocando de leve o colarinho para garantir que minha pele fique protegida do frio. Slade se move com reverência, e são esses momentos de intimidade surpreendente que incendeiam meu coração.

Sempre fui tratada *como* um tesouro, porém, com Slade, eu sou o tesouro.

Aproximo mais o nariz do casaco a fim de sentir o cheiro dele. O aroma de terra úmida e casca de árvore ao sol, da doçura do chocolate queimado pelo amargor intenso.

Quase relutante, ele abaixa as mãos, e sinto mais do que ouço seu passo para trás.

— Pronta?

Assinto e o sigo para a porta da frente. A sala está vazia, então não passamos por mais ninguém, e Slade abre a porta e se afasta para me deixar sair primeiro.

Olho para cima ao dar o primeiro passo, e meu queixo cai quando vejo as estalactites gigantes no teto. A caverna é enorme, muito maior do que eu poderia imaginar, com tantos bolsões, fendas e rachaduras que levaria anos para mapear tudo. Mas o que mais me encanta são os veios azuis que cortam a rocha como ondas congeladas em um mar brilhante.

Passo por baixo de um arco de estalactites de pontas molhadas, vendo o chão escorregadio refletir a fluorescência azul. É difícil até piscar em um lugar como este, porque não quero perder nada. Minha cabeça gira, meu corpo dá uma volta, e eu me mantenho o mais quieta que posso, porque a caverna parece muito antiga e remota — uma maravilha sagrada no meio de uma vila que não deveria existir.

— É lindo — sussurro.

Sem fazer barulho, Slade se aproxima para ficar ao meu lado, embora eu continue olhando para cima.

— O que falta à Gruta em luz do dia é compensado dez vezes por isto aqui.

Concordo com um movimento de cabeça, deixando os pulmões serem limpos pelo ar que ao mesmo tempo parece fresco e desgastado pelo tempo.

— É um lugar de paz.

Não tenho certeza de quanto tempo Slade anda comigo por ali, mas absorvo cada momento. Tudo me faz lembrar dele, desde a escuridão da caverna até os veios que a atravessam, desde o mistério das fendas intermináveis até a revelação gritante de cada ponto suspenso. Existe neste lugar uma profundidade que parece insondável e intocável, e tudo que quero fazer é ficar aqui sob essa luminosidade sombreada.

Então Slade para sob uma das fissuras fluorescentes mais brilhantes da caverna, e o ventre da montanha brilha com tamanha intensidade que ilumina seu rosto e os seus olhos.

— Precisamos conversar, Pintassilgo.

Meu peito fica instantaneamente apertado.

— Não.

Começo a me virar, mas ele estende a mão e segura a minha, me fazendo parar.

— Temos de falar sobre isso.

Puxo minha mão.

— Quero voltar para dentro.

Ele balança a cabeça, frustrado.

— Você quer preparar o jantar, quer ver a caverna, quer voltar para dentro... Não pode continuar fugindo disso, Auren.

— Não estou fugindo.

— Está, e você é mais forte do que isso — Slade diz, com firmeza, o verde-escuro de seus olhos apagado sob o tom luminoso de azul.

— Ah, então agora acha que estou sendo fraca?

Ele passa a mão no rosto.

— Não, não é isso que estou dizendo, mas eu...

— Ainda não quero falar sobre isso.

O músculo de seu maxilar se contrai.

— Sim, nós vamos falar sobre isso.

Minha raiva é tão densa que posso senti-la queimar a parte de trás da língua.

— Vá em frente e fale, então, mas eu vou entrar. — Dou-lhe as costas e começo a me afastar, jogando as palavras seguintes por cima do ombro: — Pode pensar que sou covarde o quanto quiser, mas não vou ficar aqui e falar sobre como estraguei tudo completamente.

Não posso. Ainda não.

Meu corpo já treme, mas não é de raiva. É medo. Medo de enfrentar minhas ações, medo de como perdi o controle de maneira espetacular. É como ficar bêbada e não lembrar do que você fez, exceto por fragmentos indesejados que aparecem, nenhuma lembrança boa.

— Você não estragou tudo — Slade fala atrás de mim. — Eu estraguei.

Paro embaixo da extremidade do veio azul da montanha e dou meia-volta.

— Se vai tentar fazer alguma afirmação machista sobre tudo que fiz ter sido, de algum jeito, *obra sua*, não perca seu tempo, porque fui eu. Não me interessa se está tentando ser nobre ou se acha que isso vai ajudar a amenizar minha culpa, mas...

Slade me encara com uma expressão torturada e dispara:

— Porra, eu *apodreci você*, ok?

Suas palavras não apenas me interrompem, elas me cortam ao meio e me fazem balançar. Abro e fecho a boca conforme tento assimilar o que ele acabou de dizer.

— O quê?

Ele avança, os passos pesados ecoando na rocha, à medida que o ar frio pressiona minhas costas como um espectador frígido. Quando para bem na

minha frente de novo, um lado de seu rosto é iluminado pelo azul, o outro está coberto pelas sombras.

— Eu apodreci você — ele repete, mas ouvir de novo não ajuda. — O que você lembra?

Franzo a testa e balanço a cabeça, negando, depois desvio o olhar e estudo as fendas da caverna.

— Eu...

O que *eu* lembro? É difícil dizer, já que tenho lutado ativamente contra isso.

Lembro que surtei. Lembro que essa profundidade de *poder puro e absoluto* de repente se moveu por todo o meu corpo. Eu me lembro de matar. Foi muito fácil — acho que é isso que mais me incomoda. Isso, e essa sensação de que eu não era totalmente *eu*. Havia uma fera faminta e furiosa dentro de mim, pronta para devorar o mundo.

Mas antes que eu pudesse entrar naquele tumulto, alguém parou na minha frente.

Percebo agora, flashes de fragmentos como pedaços de papel rasgado flutuando brevemente diante da luz de velas. A maneira como ele me implorou para interromper o poder, como o terror me estrangulava.

Não consegui fazer o que ele pedia. Não consegui porque, sem a fera para controlar a magia, eu era incapaz. Não sabia como fazer aquilo parar. Tudo que podia fazer era segurar as rédeas, torcer para Slade sair antes que elas arrebentassem. Mas é claro que ele não saiu. Claro que se recusou a me deixar.

O beijo pálido que depositou nos meus lábios dourados foi tudo que senti antes de uma brisa invasiva descer pela minha garganta. E depois um sussurro ecoando em meu ouvido: *Me perdoe.*

Volto a atenção para Slade, e ele deve sentir que estou me lembrando, porque assente.

— Você me apodreceu?

Imagens surgem em minha cabeça, nenhuma delas agradável. Cadáveres podres dos soldados deixados na fronteira do Sexto Reino, corpos inchados e fedorentos na neve. Depois, os guardas de Midas me impedindo de sair do quarto, Slade chegando e os apodrecendo onde estavam, até seus rostos desmancharem e os corações se deteriorarem. E outra imagem dele caminhando em direção a Ranhold, deixando raízes de podridão a cada passo, envenenando o solo nevado.

Eu era como um daqueles cadáveres decompostos? Lábios descarnandos, órgãos se desmanchando em camadas? Observo minha pele como se fosse encontrar evidências disso, mas tudo parece normal.

— A podridão não era visível assim — ele anuncia, mais uma vez em sintonia com meus pensamentos, como se pudesse antecipar meu raciocínio. Sua expressão é de angustia. — Você estava... morrendo. — As palavras o sufocam, os ombros se curvam sob a culpa. — Eu não sabia o que fazer, mas não podia simplesmente ficar ali parado e deixar você se esgotar. Então, usei meu poder contra você.

Absorvo as palavras, balançando lentamente a cabeça.

— Não. Você usou seu poder *em* mim, não contra mim. Porque tinha razão, eu estava morrendo.

Ele se retrai, mas é tão sutil que quase não percebo.

— Eu... Você não está com raiva?

Franzo a testa.

— Por que estaria?

Agora ele parece efetivamente perplexo.

— Eu *apodreci* você, Auren. Entrei furtivamente em seu corpo e o desliguei, o coloquei em uma estase de decadência corrompida.

Torço o nariz.

— Bom, eu não precisava dessa imagem mental da *estase de decadência corrompida* — murmuro.

— Coloquei sua vida em risco — ele continua, e percebo que essas são as palavras que perpassam sua cabeça desde o momento em que usou sua magia em mim, que está se atormentando com a culpa autoproclamada. — Usei meu poder contra você e depois a mantive naquele estado enquanto a afastava o máximo que podia do seu ouro, arriscando sua vida *novamente* a cada minuto de espera. — Ele puxa o cabelo em um gesto frustrado, olhando em volta como se analisasse as fendas da própria culpa. — E se eu tivesse esperado demais? E se não tivesse sido capaz de reverter a situação?

— Você tem se odiado esse tempo todo. — Não é uma pergunta. Posso enxergar a verdade com nitidez, posso ouvi-la na maneira como ele fala. Com cuidado, seguro a mão dele e aperto seus dedos. — Você me salvou — reconheço, baixinho, e ele olha para mim como se estivesse desesperado para me ver, como se não suportasse desviar o olhar ou seria engolido por aquelas sombras de culpa.

Slade abaixa a cabeça, curva os ombros e deixa escapar um suspiro.

— Tem outra coisa.

Meu estômago se contrai.

— Que coisa?

Ele olha para mim.

— Quando reverti os efeitos da podridão e removi meu poder do seu corpo... um pedaço dele ficou para trás.

Um pedaço dele ficou para trás.

Arregalo os olhos e sinto uma náusea repentina.

— Como assim "ficou para trás"? — Levo a mão ao peito como se tentasse senti-lo. — Tem certeza?

Slade confirma com um breve movimento de cabeça.

— Absoluta. Posso sentir agora mesmo, mas está enraizado em você. Por mais que eu tente, não sai.

A inquietação desce por minhas costas como um arrepio, e engulo em seco.

— Devo me preocupar?

— Não — ele responde, com uma confiança tão firme que não tenho certeza se é realmente verdade, ou se ele só quer que seja assim. — Examinei você várias vezes, às vezes por horas seguidas, mas a podridão não está causando nenhum dano. Só... está lá.

— Isso já aconteceu antes?

— Nunca.

Ainda estou com a mão no peito, então a deixo pender.

— Você vai continuar acompanhando? — pergunto, incapaz de disfarçar a preocupação. — Vai me contar se alguma coisa mudar?

— Prometo que sim.

Assinto devagar, tentando me acostumar com esse novo fato, embora tenha a sensação de que vou demorar a conseguir.

— Quero entrar agora.

Slade parece querer dizer mais alguma coisa, mas se contém.

— Ok, Pintassilgo.

Com passos quase silenciosos, eu o sigo de volta pela caverna até a Gruta, passando pelas paredes de pedra ainda mais grata pelo refúgio sombrio. Por todas as suas divisões e seus recantos secretos, porque sinto que tenho tantos recantos escondidos em mim quanto os que vejo aqui.

Mas mesmo um refúgio deixa de sê-lo em dado momento.

Então, quando voltamos para dentro e a porta se fecha atrás de mim, eu não deveria me surpreender tanto com o calafrio repentino que se espalha por minha pele. É um aviso de que o primeiro nó no cordão que eu estava tentando ignorar foi desfeito, e agora tudo em mim parece mais solto. Instável.

E tenho a sensação de que, por mais que eu tente reagrupar as coisas, tudo em mim de qualquer maneira, vai se desfazer.



17

AUREN

A premonição trazida pelo calafrio não demora a se realizar.

Mal tenho tempo de tirar as botas ao lado da lareira quando ouço alguém se aproximando atrás de mim, e fico instantaneamente tensa.

— Lady Auren.

Eu me viro, e a surpresa me faz levantar as sobrancelhas.

— *Hojat?*

O reparador do exército usa roupas emprestadas que são um pouco grandes para ele, e o cabelo castanho está mais comprido do que da última vez que o vi. A cicatriz que desce a partir do olho parece mais pronunciada à luz do fogo, e a pele apresenta manchas vermelhas e brancas.

— É bom vê-la acordada — o reparador declara, com um sorriso suave e torto. — Como está se sentindo?

A resposta é espontânea:

— Estou bem.

Hojat passa por mim e acena com a cabeça para Slade ao passar.

— Venha para o quarto, por favor, para que eu possa examiná-la.

Todos os meus músculos ficam tensos.

— Não, obrigada, sério.

Sua boca queimada se contrai.

— Milady, entendo que isso é delicado, mas é por sua saúde, e eu devo...

— Eu disse que estou *bem*. — Minhas mãos seguram o casaco que me envolve e o fecham com mais força, transformando-o em escudo. "Estou bem" soa mentiroso até para mim mesma.

Os olhos de Hojat se voltam para Slade, e os dois parecem trocar uma comunicação silenciosa. Uma hesitação pesada invade a sala e me pressiona como uma onda turbulenta que chega para derrubar.

— É imperativo, Lady Auren — Hojat insiste, com cautela, e odeio a piedade em seus olhos, porque decerto não é um bom presságio para mim. — Não vai querer ter uma infecção. — Ele fala com um sotaque forte, puxando as letras "T" como se a língua quisesse arrastá-las para baixo, mas a única coisa que me arrasta para baixo é esse pânico.

Não posso deixar que ele me examine.

Simplesmente *não posso*.

Porque, se me examinar, não vou poder continuar ignorando... *aquilo*.

Como se soubesse que meus pensamentos giram em torno do tema, minhas costas de repente formigam com uma dor aguda e intensa. Respiro fundo, e essa inspiração é contida pelas pontadas em meu peito.

— Auren, Hojat será cuidadoso — Slade me garante, mas ele não entende. Não há nada de *cuidadoso* nisso. O que ele me pede para enfrentar é ódio bruto e violência mutiladora. O que ele me pede é para assumir um trauma profundo da alma que quero continuar ignorando.

Ele quer arrancar a rolha que contém a angústia, ao passo que continuo tentando desesperadamente segurá-la com os dedos.

Acabei de ser informada de que há podridão em meu interior, mas talvez não seja culpa dele. Talvez seja *minha* culpa. Talvez as coisas que aconteceram comigo — as coisas que fiz — sejam a razão pela qual a podridão permaneceu enraizada aqui dentro.

— Não me interessa se ele vai ter cuidado — retruco, e me viro para calçar novamente as botas. Nem me preocupo com os cadarços, porque só preciso *fugir*. Ir lá fora, rumo às profundezas da caverna, onde seus segredos ficam escondidos e as profundezas permanecem intocadas. — Vou sair de novo.

— Auren...

— Ele não vai me examinar, e vou voltar para a *porra* da caverna! — grito, com o peito arfando e as bochechas queimando com um calor raivoso e defensivo, um calor ao qual me agarro, porque não suporto mergulhar na realidade gelada da perda.

Por que não podem simplesmente me deixar em paz? Por que estão sendo tão horríveis e invasivos? Só preciso ficar naquela caverna. Porque não posso, *não posso...*

— Milady...

É pouco mais que um sussurro.

Mas aquela voz rouca e calma faz tudo em mim parar de repente de um jeito chocante e pesado.

Devagar, eu me viro, e todo meu mundo se reduz à pessoa parada na porta.

— *Digby*.

Ele não se move. Não fala.

Por um segundo, apenas olhamos um para o outro.

Ele tem sido um aperto constante em meu peito, um vazamento no coração, onde todo o restante foi trancado. Não consigo nem assimilar sua presença aqui. Nas fendas da caverna da minha mente, Digby estava lá, enterrado em sombras escuras o suficiente para que eu não tivesse de enfrentar a dor da perda. Mas ele está *aqui*. De alguma forma, libertou-se dos cantos e saiu de lá são e salvo.

O borrão úmido que enche meus olhos o distorce, e pisco furiosamente, me forçando a não chorar, porque preciso vê-lo de modo correto, preciso ter certeza de que está bem.

Mas ele não está.

Digby pode estar são e salvo e *aqui*, mas não está inteiro.

Seu rosto é uma confusão de manchas. Hematomas de cores diferentes, tons que anunciam a gravidade do inchaço embaixo deles. Os olhos castanhos têm uma expressão assombrada antes inexistente, a barba e o cabelo grisalhos estão tão desgrenhados que nem se parecem com o padrão do meu guarda estoico e elegante. Noto como está encostado na porta, com o braço envolvendo a cintura, o volume de curativos por baixo da camisa.

— Você está aqui — comento, e minha voz soa como se o chão tremesse sob os pés. — Pensei que eu... naquela sala. Você estava lá, e eu... quer dizer, tive muito medo de... Fui *eu*...? — A pergunta entrecortada paira no ar e se equilibra em uma beirada por cima da qual tenho pavor de olhar.

Eu o machuquei?

Machuquei mais alguém de quem gosto?

O aperto se espalha pelo peito, envolve as costelas, comprime tanto que nem consigo respirar.

Digby franze a testa ante a pergunta, como se não entendesse o que quero dizer, mas é Slade quem responde:

— Não, Auren. Você não o machucou, nem qualquer um de nós.

O alívio me invade como um sopro, mas noto o jeito como ele disse que não machuquei nenhum de *nós*. Ele não disse que não machuquei *ninguém,* porque isso seria mentira.

— Milady — Digby chama, atraindo minha atenção no mesmo instante. — Deixe o reparador cuidar de seus ferimentos.

Fico tensa e balanço a cabeça.

Quando ele manca um passo à frente, seu rosto se contorce em uma careta. Hojat corre para ajudá-lo.

— Você realmente deveria estar na cama, Sir Digby...

Meu guarda levanta a mão para afastá-lo e, com passos cuidadosos, manca até mim. Quando para na minha frente, quando nos fitamos nos olhos, ele fica ali me observando.

Nenhuma palavra. Nenhum argumento ou raciocínio. Digby não precisa disso. Tem muito mais ali em seu olhar lacrimejante.

Encará-lo é suficiente para fazer meu coração apertar e meus ouvidos gritarem com a lembrança.

Srta. Auren.

Vou salvá-lo.

Segurem-na.

Você mesma provocou isso, Auren.

Depois, os gritos.

Está tudo lá. Nas brechas mais profundas. No abismo mais assustador e profundo. O som de uma espada cortando o ar. A explosão de dor. O aposento girando. Braços ásperos e fortes me segurando. Pontos escuros no campo de visão. Uivos rasgando minha garganta. Aquela lâmina assobiando, descendo de novo e de novo e *de novo*.

E esse homem parado na minha frente assiste à reprise junto a mim. Aquela sombra atormentada em seus olhos é projetada pela mesma escuridão, porque ele estava lá. Viu cada segundo disso. Nós dois éramos os únicos que estavam naquela sala, e a verdade é que não tenho certeza de que algum de nós será realmente capaz de sair dela.

Essa é a questão do trauma físico: ele aparece de imediato. Em fraturas e contusões, em queimaduras e sangue. Mas o trauma *interno*, esse é mais difícil de ver. Ele se esconde em sua mente e o envenena com a inquietação. Pode aparecer do nada, debilitante e destruidor. Não deixa marcas visíveis. Nenhuma, exceto as sombras nos olhos.

Por fim, dentro dos recessos dessas sombras compartilhadas, Digby fala:

— Você precisa deixá-lo dar uma olhada, milady.

Ninguém, exceto ele, teria sido capaz disso. Quebrar esta parede que construí em torno de um pedaço tão doloroso. Ela deve ter mantido minha coluna ereta, porque assim que desmorona, meus ombros também caem. Sofro quando os tijolos da recusa caem aos meus pés, me mostrando exatamente o tipo de ruína destroçada que sou. E esta é só uma das muralhas.

Quando não me pronuncio, Digby me encara com firmeza.

— É necessário.

Com os escombros inúteis espalhados, não resta nada para manter minha determinação. Não diante desse olhar. Então engulo em seco e digo:

— Tudo bem.

Porque não posso negar-lhe isso. Não posso encará-lo e dizer "estou bem". Com os outros eu consegui, mas não com ele, não quando estávamos ambos naquela sala.

Digby se afasta e dá lugar a Hojat.

— Por aqui, milady — o reparador convida.

O torpor me envolve em camadas à medida que ando pelo corredor. Tenho a sensação de pele morta descamando, deixando um rastro atrás de mim.

Quando chego ao quarto emprestado em que acordei, já estou em carne viva. Quando Hojat me cobre com um lençol para eu tirar a camisa, meu corpo começa a tremer. Quando me faz deitar de bruços na cama, minha pele começa a suar frio.

Slade permanece ao meu lado segurando minha mão, e eu a aperto mais e mais, porque seu toque é a única firmeza em meio à minha ruptura convulsiva, mas também não suporto que ele veja.

— Não olhe para elas — falo, baixinho, em tom de súplica.

Não sei se Slade já as viu, mas não suporto que se depare com elas agora. Não suporto que olhe para o que não está mais lá. Para as feridas deixadas para trás.

Seu maxilar se contrai, mas ele assente e me encara nos olhos. Não interrompe o contato visual nem por um segundo.

Viro a cabeça no travesseiro e encontro Digby montando guarda na porta, como fez durante toda a minha vida. Rosto sério, boca imóvel.

Um desses homens cuida de mim e o outro enxerga dentro de mim, independentemente de para onde eu o mande olhar.

— Muito bem, Lady Auren, estou começando agora — Hojat avisa, em voz baixa.

Eu me preparo, mas nunca poderia estar pronta de verdade. A dor é quente e raivosa, quase ressentida com o modo como tentei ignorá-la, pronta para me punir.

O primeiro contato das mãos gentis de Hojat quando ele começa a limpar as feridas faz minha coluna arquear com a dor chocante, e inspiro com uma intensidade ruidosa.

Cada contato do pano, cada gota d'água e o cheiro de ervas que invade meu nariz, sinto tudo com uma consciência aguçada. Mas também sinto as dores fantasmas do que aconteceu naquela sala. Os raios de agonia que cortaram aqueles pedaços de mim, me deixando sangrar no chão em farrapos dourados.

O cheiro de ervas é maculado pela recordação de sangue metálico.

A imersão da mistura de água na tigela se transforma no som de sangue pingando em uma poça.

O movimento das mãos se confunde com os movimentos da espada.

Digby me observa agora, assim como na ocasião.

Mas é a janela que acaba comigo. O vidro escuro poderia muito bem ser um espelho, porque seu reflexo é nítido. E com meu rosto voltado para ela, não tenho como ignorar a imagem das minhas costas expostas.

Minhas costas *vazias*. Destituídas. Quando a vejo assim, a verdadeira realidade da perda me atinge com força total de um modo como nunca senti antes. Porque não me permitia pensar nisso. Mas agora, não posso ignorá-la. Porque está lá, como bordas recortadas que se projetam das minhas costas, bordas a que não consigo mais me agarrar.

Elas se foram.

Não tenho o abraço reconfortante em minha cintura ou as voltas graciosas no chão. Não tenho os toques acetinados contra a pele ou o peso constante nas costas. Elas foram tiradas de mim, cortadas como um pedaço de cabelo, e fiquei com a dor da perda. Tudo que resta são duas fileiras de tocos irregulares e latejantes que sangram e desfiam no rastro do que já foram.

E é bem aqui, neste exato momento, que o soluço reprimido finalmente atravessa meus lábios. A rolha é arrancada, e não há negações, não há "estou bem". Não há uma caverna no mundo que seja profunda o suficiente para eu me esconder disso.

Porque agora ultrapassei o último retorno, e não é só que não tem mais volta, é que minhas costas nem *existem* mais.

A emoção explode de dentro de mim, tão alta que sinto que vai irromper da casa e ecoar pela caverna. Como se chorasse comigo.

E tudo, *tudo* transborda. Como uma garrafa quebrada cujo conteúdo escapa pelas rachaduras.

A verdade é que não sei se algum dia vou me sentir completa novamente.

Soluço e sofro, e não é sutil ou silencioso, mas uma violenta explosão de luto que sai de mim e desaba em uma pilha confusa e dolorosa. Mas durante todo o tempo, Slade afaga minha mão e Digby fica de vigia.

Posso estar vazia, mas não estou sozinha.

E isso, pelo menos, é alguma coisa.



18

AUREN

Você sente quando atinge o fundo do poço.

Você quebra e paredes desmoronam até você estar em queda livre. Os sentimentos dos quais tentou fugir, de repente, correm à sua volta com uma força imparável, a gravidade de seus pensamentos agora é só um mergulho punitivo.

Quando você chega ao fundo, a aterrissagem o sacode até a alma. Você bate forte, e isso racha a própria fundação do mundo. O chão se fragmenta embaixo de você e rachaduras se espalham por toda parte.

E você é deixado como uma pilha de escombros.

Mas percebo alguma coisa enquanto estou ali deitada, cercada pela destruição do meu tombo. Essas rachaduras que se espalharam do meu pouso cáustico não são evidências da minha ruína.

Elas são caminhos.

Cada linha irregular sai de mim e segue um caminho distinto, me mostrando todos os diferentes caminhos que eu poderia seguir a partir daqui.

Fico deitada na cama com as mãos de Hojat cuidando das minhas costas destruídas, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e até respirar dói. Mas também estou em minha cabeça, olhando para as fissuras ao meu redor, vendo para onde cada uma me levaria. Porque agora que sou forçada a sentir o que não queria, tenho uma decisão a tomar.

Posso escolher ficar aqui estagnada, no fundo do penhasco, quebrada e imóvel. Posso me enfurecer, chafurdar, culpar, me esconder. Posso deixar as partes decepadas de mim cortarem todo o restante.

Ou posso me levantar, sacudir a poeira e olhar para cima. Posso encontrar um caminho que garanta que nunca mais vou cair, que não vou mais perder partes de mim mesma. Tudo que tenho a fazer é seguir meus pés, um passo de cada vez.

Então é isso que vou fazer.

Choro até todas as lágrimas secarem. Não é mais um choro irregular ou turbulento. Em vez disso, é silencioso. Lento. Lágrimas que caem sem alarde. Não há respiração sufocada ou nariz enrugado. Nem lábios repuxados ou testa franzida. Este sofrimento é silencioso. Uma dor tão profunda que não se mostra no rosto. As lágrimas caem por minha expressão imutável, transbordam de olhos que piscam lentamente enquanto olho para o meu reflexo na janela. Enquanto sofro por vinte e quatro fitas que foram arrancadas de mim como pétalas de uma flor.

Quando termina, Hojat tratou as feridas, e meu nariz se acostumou há muito tempo com o odor pungente das ervas. Não sei se ele fez alguma coisa para amenizar a dor ou se simplesmente fiquei entorpecida, mas agora quase não sinto nada.

Ele também me deu uma nova camisa bem grande que me fez vestir ao contrário, com os botões para trás, o que facilita o cuidado com os ferimentos.

— Muito bem, Lady Auren — ele fala, baixinho. — Agora está tudo feito.

Agora está tudo feito, repito para mim mesma. Depois enxugo as últimas lágrimas e respiro fundo.

— Obrigada, Hojat. — Minha voz sai um pouco rouca, mas o reparador a ouve, porque dá um tapinha de leve no meu ombro.

— Vou precisar examiná-las todos os dias por um tempo, até o processo de cicatrização acelerar.

Assinto, esgotada, sentindo a letargia nos ossos.

— Sir Digby? — Hojat chama. — Que tal se eu der uma olhada em você agora?

Digby não responde, e viro a cabeça para encará-lo. Ainda está de sentinela na porta, e acho que não desviou o olhar de mim nem por um segundo. Percebo quanto se apoia na parede, como aperta o braço contra as costelas e parece ter dificuldade com uma das pernas. Não vai sair dali sem minha permissão, da mesma forma que nunca saiu mais cedo de um turno no período em que me protegia.

Aceno para ele com a cabeça.

— É sua vez, Dig.

Ele hesita por um momento, depois olha para Slade. Não sei bem que tipo de mensagem silenciosa os dois trocam, mas Digby se volta para mim, inclina a cabeça, sai com Hojat e fecha a porta.

Assim que ambos saem, eu me sento, e Slade se aproxima no mesmo instante para me ajudar. Apesar de quanto tenho dormido, meu corpo está exausto de novo, mas a mente está muito acelerada para dormir.

Seguro a camisa emprestada contra o peito, com as costas ainda abertas.

— Posso me limpar?

— É claro. — Slade me ajuda a levantar e me leva ao banheiro anexo. É pequeno, mas limpo, com uma banheira redonda, um lavatório, vaso sanitário e uma penteadeira de madeira.

— Eu poderia encher a banheira para você, mas precisaríamos deixar a água bem baixa para não molhar os curativos.

— Não, tudo bem. Por ora, vou me limpar o melhor que puder, e tomo banho amanhã, antes de ele trocar os curativos.

Com um aceno de cabeça, Slade caminha até a penteadeira e puxa um banquinho. Entendo a sugestão e me sento com cuidado. Eu o observo se mover pelo banheiro com determinação silenciosa, e conjecturo sobre o que está pensando. Mas nunca fui capaz de ler seus pensamentos tão bem quanto ele lê os meus.

Slade pega um frasco de vidro de cima da penteadeira e se dirige ao lavatório. A bacia é azul, e a madeira em torno dela é da cor do assoalho. Ele despeja um pouco da mistura na bacia e estende a mão, bombeando água de uma torneira prateada instalada na parede. A água espirra na bacia, que se enche de bolhinhas, e ele pega um pano limpo de uma prateleira suspensa. O pano é mergulhado na água.

Ele o espreme bem, e observo os antebraços visíveis além das mangas arregaçadas da camisa. O movimento de torção executado pelas mãos dele me fascina, especialmente à luz baixa da lamparina. De onde estou, consigo estudar o perfil de seu rosto, e algo em mim dói só de fitá-lo.

Quando Slade se vira e caminha até mim, estendo a mão para pegar o pano, mas ele pergunta:

— Posso?

Surpresa, eu hesito. Lavar alguém e cuidar dessa maneira é algo íntimo, uma intimidade completamente diferente do sexo. Aperto a camisa contra o

peito e tento decidir o que quero fazer, e ele não me apressa. Apenas espera, e sei que, se eu disser não, vai me entregar o paninho e encerrar o assunto.

Mas não quero que ele me entregue o pano.

Engulo em seco, me levanto e levo as mãos à nuca, abrindo os dois botões superiores em meus ombros. Como a camisa é muito grande, consigo tirar as mangas uma de cada vez e a deixo cair no chão. Mesmo com as faixas de bandagem enroladas em torno do corpo, ainda me sinto exposta. Eu me movo, pronta para levantar os braços e me cobrir, mas Slade está sempre um passo à frente. Sua mão calejada segura meu punho, e ele me incentiva a sentar com toda a delicadeza. Assim que me acomodo, ele começa a passar o pano em meu braço com movimentos muito suaves. Respiro fundo e me assusto um pouco com a água fria.

Slade ri.

— Desculpa, eu devia ter te avisado.

No entanto, minha pele não permanece fria por muito tempo depois de cada contato. Como poderia, se ele está me tocando?

Slade trabalha em silêncio, com toda a atenção, limpando meu braço com água e sabão enquanto a mão livre encontra a minha, entrelaça os dedos nos meus e dobra suavemente meu punho para trás e para a frente. Em seguida é a vez dos dedos, e ele os movimenta para liberar a tensão em cada um, antes de começar a esfregar devagar o outro braço.

Quando termina, todo o meu corpo está relaxado e leve. Ele transfere a atenção para os ombros, massageando os músculos tensos com cuidado para não se aproximar da coluna, meticuloso em sua gentileza para não me machucar.

Não é nada sexual, embora meus mamilos endureçam e a respiração acelere de vez em quando. Slade continua a cuidar de mim, aliviando o estresse e a tensão do meu corpo, músculo a músculo.

Quando o ajudo a tirar minha calça, ele se ajoelha aos meus pés, e os movimentos lentos do paninho me deixam tão lânguida quanto antes. Mas quando crava os dedos nos arcos dos meus pés, quase reviro os olhos.

Sua massagem silenciosa acalmou o barulho da minha mente, me ajudando a enxergar tudo com muito mais clareza, enquanto ele controla meu corpo de modo completo.

Como sempre faz.

Quando o pano desliza para cima a fim de limpar minha testa e as bochechas, eu o contemplo. Nossos olhos se encontram, e ele desliza o polegar ao longo do meu queixo. Deixa o pano cair na bacia e, ainda me observando, põe a mão no bolso e a estende para mim.

Ali, no meio da palma, encontro um pedaço desfiado da minha fita. O mesmo pedaço que Midas amarrou no meu braço.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando estendo a mão e pego a fita com um gesto hesitante. No momento em que sinto o tecido acetinado, um soluço escapa do meu peito e lágrimas escorrem pelo rosto.

Uma fisgada lateja em um único ponto ao lado da minha coluna, como se meu corpo soubesse onde esteve aquela fita. Como se a quisesse de volta.

Passo um bom tempo ali sentada. Ligeiramente curvada, olhando para o ouro opaco da fita imóvel, deslizando o dedo sobre a ponta desfiada ainda manchada de sangue.

Depois levanto a cabeça e procuro Slade, encostado na parede.

— Não quero mais ser fraca.

A confissão está em uma linha de tensão entre onde estou e aonde quero ir. O equilíbrio é precário, mas fico em pé, ouvindo o eco das palavras de Slade.

Não caia.

Voe.

Fomos transportados de volta àquele momento na biblioteca novamente. Mas agora faltam partes de mim. Foram arrancadas. Os ferimentos em minhas costas doem, mas isso só serve para me fazer sentir mais decidida. Torço a fita em minha mão.

— Não quero ser fraca nunca mais.

Atento e silencioso, Slade ouve minha declaração determinada. Vejo seus olhos verdes e brilhantes se moverem para um lado do meu rosto, como se observasse minha aura. A dele está recolhida, os vapores escuros que envolvem sua silhueta foram escondidos junto aos espinhos e às escamas.

— Quero dominar minha força no nível físico e no da magia — anuncio a ele, minhas palavras soando ofegantes com o esforço do que está por vir. E embora não sinta mais, não se mova mais e não tenha vida, a fita ainda me oferece sua força.

Eu aguardo. Minha respiração é irregular, e sinto os batimentos cardíacos nos ossos. Não sei bem o que estou esperando que ele diga. Talvez que não preciso me preocupar. Que agora tenho a ele e os outros do meu lado.

Mas nada disso muda minha determinação.

Preciso ser forte por *mim mesma*. Porque nunca vou me esquecer daquela sensação de ser imobilizada contra a parede enquanto era mutilada. Nunca vou me esquecer daquele sentimento de total desamparo.

Talvez as coisas nasçam do trauma. Uma raiva. Uma clareza.

Uma fera.

Isso me assusta. O que fiz naquela noite me aterroriza. Porque não conheço meu próprio poder. Mas o problema sempre foi esse, não é?

Talvez nenhum de nós realmente conheça a própria força. Não até ser atacado pelo mundo. Mas o ponto é que não somos fortes *por causa* do nosso trauma. Sempre fomos fortes. Só precisávamos descobrir por conta própria.

É por isso que olho nos olhos de Slade e, sem hesitar, afirmo:

— Quero ser tão forte que nunca mais precise ter medo de alguém neste mundo. Se for preciso, quero fazer todos eles terem medo de *mim*. E quero que me ensine.

O silêncio reina como um monarca rígido.

Por um momento, me pergunto se ultrapassei um limite. Se o choquei.

A preocupação me faz querer morder a boca.

Mas, então, Slade *sorri*.

E posso perceber bem ali em seu rosto: o orgulho. A *empolgação*. É totalmente feérico, tem alguma coisa quase animalesca nisso. Como se sua própria fera vingativa estivesse pronta para se levantar e rugir ao lado da minha. É contagioso, talvez um pouco insano, e sinto meus lábios se esticando também.

Ele se aproxima, estende a mão para segurar meu queixo e se inclina até roçar os lábios nos meus, e posso *sentir* suas palavras quando ele murmura:

— Ah, Pintassilgo. Pensei que nunca fosse pedir.



19
Rissa

Na primeira vez que viajei pelo Quinto Reino com o exército, eu era uma prisioneira.

As montarias reais eram mantidas juntas como porcos em um chiqueiro, guardadas dia e noite. Nossa barraca ficava lotada com todas nós ali dentro, o que não é uma boa mistura nem nas melhores circunstâncias, e era muito pior com todas nós com frio, estressadas e com medo.

Achei que uma das montarias arrancaria o cabelo de alguém ou daria uns tapas na cara de uma meia dúzia quando finalmente chegássemos a Ranhold. Tive de interferir, constantemente, entre elas, na tentativa de controlar temperamentos explosivos e ajudar a resolver problemas para que ninguém arrancasse os olhos de ninguém.

Desta vez, a experiência de viagem é diferente. Não sou uma prisioneira, e sim uma hóspede relutante, e não estou compartilhando uma barraca com uma dúzia de montarias, só com Polly. Mas ainda estou lidando com explosões de temperamento e, se houver olhos arrancados, serão os meus.

Já se passaram semanas desde que saímos de Ranhold, e é muito difícil acompanhar um ritmo tão intenso. Mesmo que Polly e eu passemos o dia todo na carruagem, estou exausta quando montamos acampamento todas as noites.

Mas minha exaustão não tem a ver só com a viagem.

Observo Polly sentada em sua cama de pallets, encurvada, tremendo sobre as brasas que queimam em um caldeirão no meio da barraca. Dou dez minutos, e ela vai me dizer que está tendo ondas de calor de novo e vai começar a suar, exigindo compressas de gelo.

Todo esse tempo, e ela ainda enfrenta crises de abstinência.

Nos primeiros dias, vivia furiosa. Gritou comigo por tirá-la de Ranhold, chorou com a notícia de que Midas estava morto, ameaçou voltar sozinha. As explosões de energia duravam muito pouco, e só por isso conseguia arrastá-la de volta à barraca antes que ela pudesse ir longe demais.

Polly me odeia.

Eu odeio que ela me odeie. No entanto, ainda cuido dela, porque é a amiga mais próxima que já tive. Ou a que durou mais tempo, pelo menos.

Polly e eu recebemos juntas o contrato para nos tornarmos montarias reais do Rei Midas. Começamos ao mesmo tempo, provavelmente aceitamos por sermos muito parecidas. Bem depressa, decidimos nos aliar para solidificar nosso lugar no Castelo Sinoalto. Passamos a ser desejáveis como dupla, superiores ao restante das montarias da coleção de Midas. Jogávamos com os pontos fortes uma da outra, fofocávamos, protegíamos uma à outra. Nossa amizade era forte enquanto estávamos em Sinoalto.

Até não estarmos mais.

Parece que, assim que saímos de lá, as coisas começaram a mudar.

Talvez tenham mudado naquela noite no navio dos Invasores Rubros. Talvez *eu* tenha mudado naquela noite no navio dos Invasores Rubros.

A questão sobre ser montaria é que escolhi a profissão. Escolhi me tornar profissional do sexo por ser bonita, mas não ter família nobre ou dinheiro para me proteger. Já tinha sido assediada por homens, então por que não transformar algo que me fazia sentir indefesa em alguma coisa que me tornasse poderosa? Ao fazer disso minha carreira, submeti o sexo ao *meu* controle.

E era boa nisso.

Tornar-se montaria real é o sonho de muitas trabalhadoras dos bordéis. Os contratos sempre pagam muito bem, os clientes são ricos e poderosos, e muitas mulheres nessa posição podem simplesmente se aposentar quando o contrato termina e elas são dispensadas com uma bolsa de moedas.

O problema é que, em algum lugar ao longo do caminho, não quis mais fazer isso.

A sedução, o flerte, a maquiagem, o cabelo e os vestidos apertados. Cansei de ter de sorrir e piscar, chupar pau e abrir as pernas quando não estava com vontade.

Eu queria algo diferente. Então comecei a economizar o dinheiro que ganhava quando nobres e visitantes passavam pelo castelo. Comecei a

trabalhar ainda mais para agradar, para ser a favorita, para encher minha bolsa secreta em vez de gastar com futilidades.

Quando saímos de Sinoalto, pensei que Ranhold seria um recomeço. Mas então, os Invasores Rubros apareceram.

O Capitão Fane apareceu. Auren apareceu.

Todas as noites, enquanto cuido dos ataques febris de Polly, minha mente reprisa os acontecimentos desde o momento em que saímos de Sinoalto até o salão de baile, quando agarrei Polly e comecei a correr. Quase não consegui sair. Fomos paradas no hall de entrada por alguns guardas, mas uma mulher de pele lisa e marrom-escura, vestida com os couros do exército e com desenhos de adagas raspadas no cabelo curto me viu, disse que Auren havia mencionado meu nome e que eu precisava ir para o exército do Quarto. Então, de alguma forma, ela distraiu os guardas, e Polly e eu conseguimos escapar.

Parece que tenho uma dívida com Auren, quando minha última certeza era que ela me devia. Mas agora, não sei se ela vai me ajudar novamente. Ou se vai poder fazê-lo. Porque, ao que parece, ela roubou a magia de Midas na frente de *todos* e o matou ali mesmo, naquele salão de baile de onde fugi.

Homens. Por que os eventos da minha vida sempre parecem girar em torno da morte de homens? Primeiro foi a morte do meu pai, cuja perda só me deixou dívidas e vulnerabilidade. Agora Midas, marcando a hora da minha fuga.

Mas posso afirmar, com certeza absoluta, que a morte do Capitão Fane marcou um ponto nítido em minha vida. Porque foi naquele momento, no navio dos Invasores Rubros, que percebi que não queria mais aquela vida.

Já fui agredida, machucada antes. Essas coisas acontecem com uma montaria, embora não seja desculpa. Precisei encontrar maneiras de lidar com reações ao longo dos anos, manipular os homens para que se comportassem de um jeito que eu *pudesse* administrar. E com o Capitão Fane, não consegui fazer isso.

Foi quando decidi que não queria mais *mesmo*.

Não queria mais ser montaria. Não queria mais administrar homens. Estava farta de tentar andar nessa linha tênue entre impotência e poder quando se trata de sexo.

Ele assombra meus sonhos? Não. Exceto nas noites em que cuidei de Polly, não penso nele ou em nenhum outro encontro violento no qual já estive. Porque me recuso a lhes dar mais de mim do que já dei ou do que tomaram.

Conseguiram meu corpo, mas e daí? Centenas podem dizer a mesma coisa. Mas não terão minha mente. Não vou dar isso a eles.

Incluindo o Capitão Fane, cujo pau dourado provavelmente está soterrado em trinta metros de neve em algum lugar das Estéreis.

Tenho de admitir, esse pensamento me faz sorrir.

— Estou com calor!

Na hora prevista, Polly se afasta das brasas e começa a abanar o rosto. Meus olhos ardem de exaustão quando me levanto do pallet para me arrastar até a abertura da barraca.

Não me dou ao trabalho de sair, não com meus pés pisando só de meias a pele de animal estendida no chão. Em vez disso, apenas pego o balde e o pano e recolho um pouco de neve do lado de fora. Nunca falta neve no chão, embora eu perceba que todas as noites alguém vem limpar o espaço na frente da entrada da barraca.

Não preciso me perguntar quem é.

Só um homem neste exército é grande o suficiente para caber na sombra produzida pela silhueta com que me deparo enquanto ele cumpre a tarefa. O capitão empurra a ferramenta sob enormes pilhas de neve e as joga contra as laterais da barraca a fim de contribuir com seu isolamento e estabilidade.

Ele faz isso toda noite. Assim como traz nossa comida e garante que tenhamos muita lenha para queimar. E nunca, nem uma vez, me propôs alguma coisa. Nunca me pediu nada em troca.

Não sei bem o que fazer a respeito disso.

Fecho de novo a entrada da barraca e volto para perto de Polly, amarrando as pontas do pano à medida que me movimento. Ajoelho-me na frente dela e pressiono o pano delicadamente contra sua testa corada.

Ela geme, aperta a barriga e lambe os lábios.

— Você está me matando — diz, em tom de acusação.

Faço uma pausa nas compressas. A verdade é que Polly não falou muito. Não depois daqueles primeiros dias, quando gritou e se enfureceu comigo. Além de comentar quanto se sente terrível, ela fica calada. Algo entre nós se esgarçou e rompeu, mas sei que assim que seu corpo se recuperar, assim que ela não desejar nem precisar mais do orvalho, vai se sentir melhor. Vai voltar a ser quem era antes. E *nós* vamos poder retomar a velha amizade.

No entanto, não sei por que esse processo está demorando tanto. Não esperava que Polly fosse ficar tão doente por tanto tempo. Ela vomita quase

toda vez que tento alimentá-la, só retém os pedaços de pão menores e água, junto às ervas que o reparador do exército trouxe. Perdeu peso, sua coloração é cinza e pálida, e os círculos escuros sob seus olhos parecem se aprofundar a cada dia, embora ela passe quase todo o tempo imersa em um sono agitado.

Quero muito que ela melhore, que perceba que a levei para longe de Ranhold a fim de *ajudá-la*. Essa tensão entre nós é apenas a droga falando. Quando voltar ao normal, Polly vai perceber que estou fazendo tudo isso para salvá-la.

— Você está deixando a neve escorrer pelo meu vestido — ela murmura.

— Desculpe. — Começo a aplicar a neve na parte de trás de seu pescoço, mas ela se afasta, e eu paro. Pego a panelinha que me deram e está pendurada sobre as brasas e despejo um pouco de seu conteúdo no copinho de lata. — O que acha de tentar sentar-se novamente e tomar um pouco de caldo?

— Não quero isso — ela diz, de olhos fechados, mordendo a boca sem parar. Agora faz isso com frequência, é como um tique nervoso da fissura por orvalho. A ação é tão frequente que ela arrancou a pele e deixou a boca inchada e em carne viva. As cutículas sofrem do mesmo jeito. O reparador do exército trouxe um creme para eu aplicar nessas áreas, mas, a menos que esteja dormindo, ela não permite.

— Vamos, só um pouco...

Polly vira o rosto novamente e se deita na cama.

— Vá embora.

Sinto uma pontada de dor, mas me esforço para ignorá-la. Isso não é culpa dela.

— Tudo bem, vou esvaziar o penico. Não demoro.

Ela não responde; porém, quando começa a tremer de novo, puxo uma pele para cobri-la e a vejo fechar os olhos. Visto a camisa enorme que me deram, calço as botas, ponho o casaco do capitão e as luvas e pego o penico para esvaziar.

Assim que saio da tenda, uma montanha gigantesca surge no meu caminho, e quase me choco contra ela.

— Cuidado! — disparo, tentando segurar o penico com firmeza para não respingar em mim. Só tenho mais um conjunto de roupas, e gosto de usar essa camisa. Eu me recuso a perguntar se é dele. Já sei a resposta.

Impeço o líquido de derramar e olho para cima, para o intruso.

— O que você quer?

O capitão Osrik arqueia uma sobrancelha marrom e grossa. Honestamente, não tem uma parte dele que não precise ser aparada. A barba é tão longa que eu poderia trançá-la, o cabelo é sempre soprado pelo vento em torno de seus ombros, e, pelo que posso ver dos punhos sob as mangas, ele é peludo nos braços também. *Sei* que é um daqueles homens com peito peludo. As montarias masculinas tinham que usar cera de açúcar para remover os pelos. Eu pagaria um bom dinheiro para alguém amarrar o capitão e fazer uma depilação completa nele, faixa dolorosa por faixa dolorosa.

— Você está me encarando de novo, Narciso Amarelo.

Desvio o olhar das mãos dele e o encaro. Perturbada, mudo a posição dos pés.

— Não estou encarando nada, só estou espantada. Você é um gigante peludo — comento, e faço uma careta de repulsa.

— Se estiver interessada em ver os pelos do meu corpo, é só pedir.

Por que de repente imagino os pelos na virilha dele é algo que não entendo. Não quero pensar nisso. Não estou interessada em nada que tenha a ver com sua virilha. De modo algum.

Reviro os olhos e começo a me afastar dele, mas o irritante me segue.

— O que você quer?

— Trouxe mais comida para você — ele diz, e tenta me entregar alguma coisa embrulhada em um pedaço de pano.

— Você já deixou a sopa mais cedo, e minhas mãos estão um pouco ocupadas no momento.

— O que é isso?

Sinto um leve rubor de constrangimento subir pelo meu pescoço.

— O que acha que é? É nosso... — Paro. Não quero falar isso em voz alta. O grosseirão realmente *se inclina* e olha dentro do penico, para meu horror.

— Ah, por que não falou de uma vez? — Ele olha para trás. — Himinn — grita, e um soldado alto e magro aparece do nada.

— Sim, capitão?

O capitão Osrik arranca o penico das minhas mãos antes que eu possa impedir e o entrega ao rapaz.

— Pegue isso e limpe. Depois leve de volta à tenda de Lady Rissa.

O soldado fica radiante, como se fazê-lo fosse uma honra.

— Imediatamente, capitão!

Assim que ele se afasta, olho para o capitão.

— Não *faça* isso! Agora um soldado desconhecido está lidando com nossos... dejetos.

O capitão ri e tenta me entregar a comida novamente.

— Mijo e merda não são nada de que precise se envergonhar, e acredite em mim, Himinn vai ficar empolgado com esse trabalho pelo restante da noite. Agora pegue a comida, mulher.

— Meu nome é *Rissa* — retruco, azeda, mas depois arranco as luvas, guardo-as no bolso e pego a comida, porque ainda não comi esta noite e estou morrendo de fome. Quando abro o pequeno pedaço de pano, encontro um pacotinho de pão recheado com carne.

— Vamos, Rissa — ele chama, gesticulando. — Venha sentar-se perto do fogo, comer seu sanduíche e beber um pouco de vinho.

Balanço a cabeça em um sinal negativo.

— Vou comer na minha tenda. Preciso ficar de olho em Polly.

— Ela não está dormindo?

Hesito por um momento além do que deveria, porque ele sorri.

— Eu sabia. Venha tomar um pouco de ar fresco e sentar-se comigo, mulher. Você pode ouvir o ataque de Polly quando voltar.

Na maior parte do tempo, me mantenho longe do capitão e o ignoro a todo custo, porém, de alguma forma, parece que ele está sempre por perto. Eu o encontro andando a cavalo do lado de fora de nossa carruagem, sendo castigado pelo vento e pela neve sem nunca se importar. Eu o vejo na fogueira do cozinheiro ou conversando com soldados ou andando pelo acampamento toda vez que me aventuro a sair. Eu o vejo atendendo às nossas necessidades sem ser invasivo. E mesmo que eu tente evitá-lo, eu ainda... o observo.

Nem sei por quê. É bobo, na verdade. Ele é um gigante grosseiro, rústico e incivilizado. Definitivamente, não é o meu tipo. Além do mais, é um homem, e jurei ficar longe deles por enquanto. Talvez até para sempre. Nunca encontrei um só que valesse muita coisa.

Então, não sei por que me pego seguindo-o até o fogo. Talvez eu precise mesmo de uma pausa do ar estagnado e carregado de animosidade dentro da tenda.

Quando o capitão me leva para a barraca montada bem na frente da minha, paro e olho para ele.

— Você... Por que sua barraca está tão perto da minha?

Ele entra, pega uma pele e dois baldes. Vira os dois e os coloca na frente do pequeno fogo que tem aceso, depois cobre um deles com a pele.

— Aqui, sente-se.

Aceito o convite e ponho a culpa no fogo por isso. Não tem nada a ver com a maneira como meu estômago se contrai com a ordem grosseira. Nada a ver com a maneira como os couros abraçam suas coxas que parecem tronco de árvore. Nada mesmo.

No entanto, assim que me sento, quase me inclino para o calor das chamas e deixo escapar um suspiro. Começo a mordiscar o sanduíche e, embora esteja frio e tenha uma crosta muito dura, o sabor é tão bom que eu poderia comer um prato inteiro deles agora.

Estou terminando e lambendo os dedos antes mesmo de perceber o que faço. Mas, claro, *ele* percebe. Nada parece passar despercebido por ele.

— É bom ver você comendo de verdade, Narciso Amarelo.

— Quando vai parar de usar esse apelido ridículo?

O capitão me entrega um recipiente com água.

— Ah, você vai ter de conviver com isso.

Bufo e bebo um grande gole, mas cuspo tudo, começo a tossir e quase derrubo a bebida.

— O que... é... isso?

— Vinho quente — ele responde, dando de ombros. — Vai esquentar um pouco seus ossos.

— Pensei que fosse água.

— É melhor do que água. — Ele pega o recipiente da minha mão para tomar um gole, e não sei por que vê-lo beber depois de mim me deixa inquieta, mas me contorço. Tenho a mesma reação ao testemunhar sua língua mover o piercing de madeira no lábio inferior.

— Então — ele começa, esticando as pernas até as botas ficarem quase dentro do fogo. Fico feliz por não estar nevando hoje à noite. É a primeira vez. Assim que deixarmos o Quinto Reino, nunca mais voltarei ao frio. — Como está sua amiga?

— Está bem — respondo sem pensar, como fiz nas outras três vezes que ele perguntou. Mas desconfio de que é essa a razão para o reparador continuar nos visitando a cada dois dias, então minha resposta provavelmente não significa muito. — Vai ficar bem — me corrijo.

O capitão assente.

— Vi muitos soldados passarem por essa fase. Não é fácil cuidar de alguém nesse estágio.

— Ela é minha amiga.

— Ela é?

Fico tensa.

— O que quer dizer?

O capitão sacode um ombro volumoso, e tento não olhar quando ele cruza os braços sobre o peito, flexionando os músculos. Eu não devia ter aceitado seu casaco. Assim, seu físico não seria tão visível.

— Foi só uma pergunta.

— Isso tem a ver com aquela conversa sobre ser *desleal* com Auren? — pergunto, na defensiva. — Quer me julgar um pouco mais?

Ele levanta as sobrancelhas.

— Segure o veneno, Narciso Amarelo, não estou julgando nada. Só acho que essa sua amiga não está sendo muito amigável com você̂.

— Como você̂ sabe?

Ele me encara, sério.

— As paredes das tendas são finas.

O constrangimento esquenta meu rosto.

— Ela não está se sentindo bem, só isso.

— Aham.

Começo a me levantar.

— Se vai ser um...

Ele encosta o pé na minha canela, fazendo-me parar.

— Sente-se, Rissa.

Minha bunda bate no balde. Ouvir meu nome em sua voz grave me traz uma sensação estranha, que percorre minhas costas.

Que diabos está acontecendo comigo? Eu me recuso a me sentir atraída por este homem. Eu *me recuso*. Estive com inúmeros homens bonitos, homens que pareciam esculturas de tão lindos. Homens que... tomavam banho regularmente. Então por que, toda vez que saio da tenda, meus olhos procuram *por ele*?

Não faz sentido.

Ele é irritante e grosseiro, e eu não deveria pensar nele. No entanto, eu penso. Naquela primeira noite, ele disse que um pouco de ódio torna tudo melhor, e não consegui parar de pensar a respeito desde então.

Não posso negar que tem *algo* no ar, uma eletricidade carregada como um relâmpago preso na barriga de uma nuvem. E estou... curiosa. Curiosa sobre o que aconteceria se nos chocássemos.

Talvez pudesse ser uma tempestade perfeita e furiosa.

Com toda essa raiva e preocupação se agitando dentro de mim, é sublime pensar que eu poderia descontar nele. Poderíamos nos unir em um surto violento no qual eu não me conteria. Eu não precisaria ser a sedutora perfeita e mais bonita. Poderia tomar em vez de dar, fazê-lo trabalhar para *me* dar prazer. Acho que ele é o único homem que poderia lidar com esse meu eu verdadeiro, e é por *isso* que não consigo parar de pensar nele. O capitão não é um cliente.

— Qual é o seu plano? — ele pergunta, me arrancando dos pensamentos devassos. — Quando chegarmos ao Quarto Reino.

— Partir — digo, sem demora, porque preciso manter tal objetivo em mente. Não posso deixar que ele ou qualquer outra pessoa me impeça de seguir meus planos. — Vou pegar o ouro que Auren me prometeu, e então partirei no primeiro navio que puder pagar para a cidade mais distante possível. Talvez para os desertos do Segundo Reino, já que isso é o extremo oposto do Quinto.

Ele assente.

— E o que vai fazer depois?

— O que eu quiser. Nada.

— Não quer mais ser montaria?

— Não.

Há uma pausa entre nós por um segundo, e tudo que ouço é o crepitar do fogo cuspido e o gole de vinho que ele sorve.

— Você poderia ficar.

Franzo a testa.

— O quê?

— No Quarto Reino. Você poderia ficar.

— Por que eu ficaria lá?

— Só neva perto da fronteira, nas montanhas, você não ia precisar enfrentar o frio na capital. Além disso, eu vou estar lá. A Douradinha também.

— E acha que isso é um incentivo? — pergunto bruscamente.

Ele dá de ombros.

— Pode ser. Se você permitir que seja.

Abro a boca para dar uma resposta rude, mas, por algum motivo, paro e balanço a cabeça.

— Você mesmo disse que chantageei e usei Auren. Por que está sugerindo que eu fique?

— Tenho a impressão de que está se matando por uma mulher que não está nem aí com você... e tem outra que não fez nada além de tentar te ajudar, em quem você sente prazer de pisar. Só pensei que poderia considerar outros caminhos.

A raiva é minha resposta natural e instintiva, mas desta vez ela ferve sob uma superfície de tristeza. Esse sentimento melancólico é como um tapa na cara, me assusta tanto que fico horrorizada quando sinto os olhos ardendo, e não é de exaustão, mas de *emoção*.

Tento reprimir, tento engolir, porque detesto chorar.

— Ei.

Viro o rosto e me recuso a fitá-lo, odiando o quanto me sinto vulnerável de repente. Mas é claro que o bárbaro não pode me deixar em paz. Eu o sinto intensamente diante de mim, e de repente indicador e polegar seguram meu queixo, me obrigando a encará-lo. Sua expressão é séria, e seus olhos castanhos reluzem com intensidade.

— O que foi?

— Nada.

— Mentira. O que aconteceu?

Eu deveria interromper o contato. Deveria me levantar e empurrá-lo para longe. Mas, em vez disso, me percebo inclinada para o toque, sinto uma lágrima escorrendo por meu rosto e o dedo que a afasta. O toque deixa um rastro de arrepios como se eu fosse uma donzela inocente. Ridículo.

— Não vai fazer diferença se eu for embora — confesso, e minha voz soa frágil demais para o meu gosto. O que esse homem tem que me deixa tão virada do avesso?

De alguma forma, o olhar sério ganha suavidade. Eu nem sabia que ele era capaz desse olhar, e não imagino por que olha para *mim* desse jeito.

— Para mim faria, Narciso Amarelo.

Engulo em seco.

— Por quê?

Por que se importaria? Por que continuo te seguindo com os olhos? Por que está tentando me ajudar? Por que meu coração acelera toda vez que você está por perto?

— Gosto da sua atitude ardida — ele responde, com um sorriso malicioso. — Sempre gostei daquilo que é picante.

A imagem dele *me* mordendo e espalhando mordidinhas por minha carne de repente passa por minha cabeça com uma nitidez realista.

— Tenho um plano, e você não está nele — declaro, e enfim encontro forças para me afastar e ficar de pé. Claro, ele não recua, não me dá espaço. Agora, com nós dois em pé, o capitão está tão perto que seu corpo roça o meu, e tenho de inclinar a cabeça para trás pelo fato de ele ser assim, ridiculamente alto. Apesar do meu casaco grosso, posso sentir o calor passando dele para mim.

— Mude seu plano — ele murmura, e contempla minha boca.

Minha respiração falha, mas solto o ar e forço um sorriso de escárnio.

— Os homens só querem conquistar. Não estou me fazendo de difícil para te obrigar a se esforçar mais. Não quero você, capitão.

Em vez de ficar chateado, ele olha para mim com um sorriso torto que quase me faz suspirar.

— Você não me quer?

Respiro fundo e levanto o queixo.

— Isso mesmo.

— Então... você *não* fica acordada na sua cama à noite, pensando em brigar comigo só o suficiente para esquentar nosso sangue, depois enroscar essas suas pernas compridas na minha cintura e foder comigo até ver estrelas?

Minha pulsação acelera. Tudo o que ele diz se torna uma imagem vívida na minha cabeça, e sinto meu centro pulsar.

Não posso negar. Não posso, porque estou respirando com muita dificuldade e sei que estou corando, e percebo que, de repente, não *quero* negar.

Como foi que desmoronei tão depressa?

Então, faço a coisa mais estúpida que já fiz. Eu me inclino e *o beijo*.

Mergulho em sua boca como se sugasse o néctar do Divino. Ele fica tão chocado que, de início, não faz nada, mas depois suas mãos enormes tocam minha cintura e a fazem parecer menor do que é. Sua barba peluda arranha minhas bochechas, mas, em vez de ser irritante ou nojento, é primitivo, o que me faz gostar ainda mais.

Mordo seu piercing, lambo sua língua, beijo-o de uma maneira como nunca beijei ninguém antes.

Porque isso *não faz parte* do meu trabalho. Isso *não* rende moedas. Não estou tentando seduzir ou dar um show. Só o estou beijando porque queria saber... queria ver.

Eu me afasto, ofegante, com os olhos arregalados, me perguntando como diabos pude ser tão estúpida.

— Isto foi um erro — disparo.

Ele ri. Não solta minha cintura. Continua a me segurar com um toque muito mais suave do que eu jamais teria esperado dele. Isso me faz pensar que tipo de amante ele de fato é. Se é rude ou gentil.

— Foi um erro muito bom. Vamos repetir um dia desses.

Quando me afasto, apressada, tropeço no balde, mas ele me segura pelo braço com facilidade antes que eu possa cair.

— Vai desistir do fogo tão cedo? — ele provoca, com voz rouca.

— Já me esquentei o suficiente.

Ele ri. Fico ainda mais vermelha.

Enquanto corro pela neve, me chutando por dentro, ele comenta:

— Quando estiver pronta para errar de novo, sabe onde fica minha barraca. Bem ao lado da sua.

Sujeitinho idiota.

Eu sou uma idiota.

Quando volto correndo para minha barraca e me jogo na cama, pressiono as mãos contra as bochechas e sinto os lábios ainda formigando. Meu coração continua acelerado. O centro entre minhas pernas lateja.

Isso foi um erro estúpido, horrível e ridículo.

E no entanto, tudo o que consigo pensar é que *vamos repetir um dia desses.*



20

AUREN

A caverna da Gruta guarda mais fendas secretas do que eu imaginava.

Porque aqui estamos, dentro de uma delas, que Judd chama carinhosamente de *os Dentes*. Judd e eu passamos por uma fissura serrilhada nas paredes da caverna principal e, depois de um trecho curto e muito claustrofóbico, o caminho se abre para uma nova sala, o lugar onde a Cólera vem treinar. Não é muito grande, mas tem bastante espaço, e os veios de fluorescência que atravessam as paredes e o teto são tão abundantes que toda a área brilha. O chão foi coberto com grossas camadas de feno meio congelado que range sob meus sapatos, e de um lado há três baús de madeira empilhados, nos quais, segundo Judd, são guardadas as armas de treino.

Ainda não tenho permissão para usá-las.

Quando chegamos aqui, ele sorriu, girou em círculo com os braços abertos e levantados, e o cabelo normalmente amarelo tornou-se azul luminoso, assim como a pele bronzeada e os couros do exército que envolvem seu corpo magro.

— Bem-vinda aos Dentes, a boca da montanha onde você vai ser mastigada e cuspida.

Judd parecia animado com isso.

No teto, estalactites formam uma fileira perfeita, que se parecem mesmo com dentes afiados prontos para fazer exatamente o que ele descreveu.

Eu esperava que fosse exagero. Não era.

Realmente *sinto* que estou sendo mastigada aqui, embora não seja culpa dele.

Na primeira meia hora, Judd só me mostrou algumas posições. Explicou como sustentar o peso do corpo, como proteger minha postura, como ficar de pé e por quê.

Lições simples.

Conhecimento fácil, básico e essencial para eu poder aprender do zero.

A primeira vez que percebi que havia um problema foi quando ele apontou com insistência que eu me inclinava para um ou outro lado e tinha de corrigir a postura. No começo, não dei importância. Pensei que ainda estava um pouco fraca e fora de forma, depois de tantos dias na cama. Só precisava me aquecer.

Mas agora, depois de continuar me inclinando para a esquerda de novo e *de novo*, a realidade cai sobre mim, dura e pesada, como tijolos afundando nas entranhas. Encaro Judd com os olhos arregalados, e parece que minha temperatura interna despenca, como se minhas veias fossem inundadas por gelo.

— Douradinha?

Seus lábios se movem, mas não consigo me concentrar o suficiente no que ele diz. Não conseguiria ouvir as palavras, de qualquer forma, porque meu coração bate muito forte e muito alto.

Judd dá um passo à frente e une as sobrancelhas loiras.

— Água — murmuro, antes de cambalear em direção às caixas. Pego um dos cantis que ele trouxe, aproximo o gargalo dos lábios e bebo um gole generoso, como se o líquido gelado pudesse lavar a constatação.

Não é o que acontece.

Engulo e sinto o líquido pousar no estômago como se eu tivesse mergulhado em um lago e água demais entrasse na minha boca.

Judd se aproxima e toma um gole do próprio cantil.

— Sei que essas coisas parecem rudimentares, mas são importantes de verdade. Uma base forte e estável é o começo para todo o restante.

Olho para ele de soslaio. Judd acha que todas as minhas dificuldades e todos os tropeços são consequências de distração, como se eu não considerasse isso importante?

— Acredito em você — admito com honestidade. — Sei que tudo que você e os outros vão me ensinar é o que preciso saber.

Ele assente, mas então inclina a cabeça como se reconsiderasse.

— Exceto Ryatt, talvez. Ele pode te ensinar alguma *coisa* só para te ferrar.

Sinto que meus lábios se esticam.

— É bom saber.

— Então, por que quer fazer isso?

— Treinar? — pergunto, séria.

— Sim. Degola me informou que você queria treinar, mas eu quero que me diga por quê.

Por quê.

O *porquê* tem me impulsionado desde o momento em que acordei. Antes disso, até. Talvez o *porquê* tenha começado a se solidificar quando conheci Judd e os outros, quando estava naquele círculo de luta com eles e percebi a possibilidade de ser capaz de *mais*.

Eu o observo e me deparo com uma expressão firme.

— Durante toda a vida, fui uma coisa para as outras pessoas. Uma coisa para terem e usarem. — A honestidade absoluta torna meu tom mais neutro, sem qualquer inclinação ou modulação para esconder a verdade nua e crua. — Mas não sou uma coisa.

Sua expressão normalmente divertida agora é sóbria.

— Não, não é.

— Da próxima vez que alguém tentar me usar e me controlar, quero estar pronta. Quero esmagar as pessoas que me manteriam sob os calcanhares.

Seus olhos castanhos brilham com orgulho, eu acho.

— Gosto disso, Douradinha.

Também gosto.

Judd sorve outro gole educado de água, e sei que só está bebendo porque eu estou. Não é como se estivesse gastando muita energia, quando não passei nem das posições.

— Vamos voltar?

Assinto e coloco a água no chão, ponho a mão no bolso e o sigo de volta para o meio do espaço. Por um momento, deixo os dedos tocarem o pedaço de cetim que guardo no bolso, antes de tirar a mão de lá.

— Tudo bem, postura defensiva básica. Pé esquerdo para a frente. Projeta esse ombro um pouco para trás. Quero aquele cotovelo na frente, protegendo a barriga.

Tento seguir todas as orientações que Judd grita para as diferentes posições e, por um tempo, fico bem, como se nossa conversa e minha determinação já ajudassem a me estabilizar. Mas quando é hora de mover o corpo mais rápido, vacilo outra vez.

O calor do constrangimento percorre meu pescoço, mas continuo fingindo que não tem nada errado.

— Pé esquerdo para a frente, pé direito para trás — Judd instrui enquanto anda à minha volta, estudando minha postura. — Bom. Agora vire-se, como se alguém se aproximasse por trás.

Eu tento. De verdade, eu tento.

Assim que começo a me virar, meu peso tomba, a coluna estremece e os pés tentam corrigir o movimento e me manter ereta.

— Desculpa — peço, frustrada. — Vou tentar de novo.

Judd não hesita, nem ri de mim.

— Sua postura continua errada — informa, e se aproxima para tocar o meu ombro direito. — Endireite aqui e abaixe o calcanhar.

Bato o calcanhar no chão, quebrando pequenos pedaços de feno. Empurro os ombros para trás pela enésima vez, gritando silenciosamente com meu corpo.

— Relaxe as mãos — Judd avisa quando percebe que se fecharam em punhos.

Relutante, relaxo os dedos e balanço as mãos levemente. Judd inclina a cabeça.

— Você está pronta para isso? Se os ferimentos...

— Não tem mais nada sangrando, e Hojat me enfaixou e disse que eu poderia treinar — interrompo. — Só preciso me acostumar com essas botas. Acho que são grandes demais.

Não sei se ele percebe que estou inventando desculpas, mas assente.

— Tudo bem, plante os pés no chão. Bom. Desta vez, quero que se mova para a esquerda e levante o braço em um bloco defensivo. Pronta? Três, dois, vai.

Não importa quanto eu tente manter os pés plantados. Assim que tento fazer até a manobra de controle mais simples, percebo que não tenho controle algum. Assim como todas as vezes antes, perco o equilíbrio, um dos meus pés levanta antes que eu possa pará-lo, me fazendo vacilar.

Judd franze a testa e olha para os meus pés.

— Quer tentar sem as botas?

A frustração borbulha e ferve dentro de mim, e esse calor espirra em meus olhos.

— Não. Vamos tentar de novo.

Ele hesita.

— Tem alguma coisa errada?

— De jeito nenhum — respondo, com falsa animação. — Devo ser sua pior aluna, porque nunca fui treinada antes.

— Você já era ruim no círculo de luta, mas não era ruim como *agora*.

Meu olhar para Judd é penetrante.

— Muito obrigada.

— Sabe o que quero dizer — ele retruca, e acena com a mão. — Quer encerrar por hoje?

— Continue descrevendo os movimentos.

A teimosia me domina e assume as rédeas. Dirige meus movimentos, me fazendo tentar de novo e de novo, mas nem mesmo essa determinação obstinada ajuda. Não consigo me equilibrar melhor.

A instabilidade só piora, e nem adianta tentar esconder ou inventar mentiras estúpidas..

Estou fracassando.

Primeiro dia, e já estou *fracassando*.

No entanto, tenho de fazer isso. *Preciso* aprender a ser forte. Mas não consigo nem me *virar* sem balançar e...

Presa na frustração crescente, tento girar depressa demais. Saio do eixo, como um pião incapaz de se apoiar na ponta e, desta vez, meus pés não conseguem me sustentar.

De lado, despenco no chão com muita força, e o feno gelado se estilhaça no casaco e cutuca minha pele. Espeta minha confiança até que se esvazie.

Eu me apoio sobre mãos e joelhos, mas depois fico lá. Olhos ligeiramente turvos, contemplando o feno partido e sujo, sentindo seu cheiro denso e vendo a fluorescência inundar tudo de azul.

— Merda — meu sussurro é agudo e irritado, e a mente se enfurece com as incapacidades do corpo.

— Está tudo bem, Douradinha. Todos nós caímos — Judd apazigua e, de alguma forma, seu otimismo amigável só piora as coisas.

— Não está tudo bem — retruco. — Não posso estar *pronta* se não consigo nem fazer a *porra de uma postura*.

— Auren.

Ergo a cabeça ao ouvir a voz de Slade, e o encontro parado na entrada da fissura. A vergonha me domina e sou tomada pelo desânimo quando o avisto.

Desvio o olhar, me levanto, e até isso me faz cambalear um pouco para a direita. Estou desorientada. Desequilibrada. Sentindo-me fraca e hesitante como um potro recém-nascido.

Odeio isso.

Os passos de Slade trituram o feno quando ele se aproxima até estar bem na minha frente.

— Pensei que ia pegar leve até Hojat dar o sinal verde para atividades mais intensas? — ele pergunta, e está fitando Judd.

— Nós só... — As palavras de Judd cessam.

— Ele não está me pedindo nada difícil — admito, e a frustração me faz contrair o queixo. — Sou eu que não consigo.

A confissão sai da minha boca acompanhada de desgosto. Passo a mão no cabelo, e os dedos se enroscam nos fios de ouro que escaparam da trança.

— Esta é minha primeira aula, e já estou fracassando. Não é patético?

— Não é patético.

Solto uma risada feia, que brota do centro do meu peito.

— Não consigo nem *ficar em pé* — reclamo, mas não dele ou de Judd, e sim de *mim*. — Porque continuo perdendo o equilíbrio. Porque o deixei... Deixei...

Minhas palavras enroscam. Sinto como se dedos em volta da minha garganta me estrangulassem. Eu permiti.

Durante dez anos amaldiçoados pelo Divino, eu *permiti*.

Permiti que ele me silenciasse. Permiti que me guiasse. Permiti que me enganasse. Permiti que me prendesse em uma gaiola. Permiti que me machucasse.

Permiti que me drogasse e me empurrasse contra aquela parede fria, e permiti que ele tomasse *outra* parte de mim que nunca vou recuperar.

A compreensão surge nos olhos de Slade como névoa sobre um campo sombreado.

— Suas fitas.

Os dois se entreolham, e sei o que é aquilo que vejo na expressão deles, porque está na minha também.

O exato reconhecimento do que perdi.

Nunca tinha percebido quanto meu corpo dependia das fitas.

Tenho de reaprender tudo sem o conforto da presença delas.

Mas não é só isso.

O peso delas se foi, sim, mas eram mais do que apenas faixas acetinadas penduradas nas minhas costas. Sinto falta de como deslizavam no chão atrás de mim. Sinto falta de poder levantá-las para me ajudar a pentear o cabelo, ou de como se enrolavam na cintura como parte de uma armadura. Sinto falta de como serpenteavam em volta das pernas de Slade.

Elas me seguravam. Me defendiam. Eram meus instintos. Meu impulso e sentimento inconscientes. Faziam-me mais do que sou. E, sem elas, sou menos. Menos estável, menos segura, menos livre.

Nunca dá para perceber o que mantém nosso equilíbrio até nos darmos conta de que não conseguimos mais ficar em pé.

Eu não dei o devido valor às minhas fitas. Durante anos, eu as odiei e escondi, tentei fingir que não faziam parte de quem eu era. Só quando estava com o exército do Quarto as deixei respirar de verdade, *me* deixei respirar. Inspirei assim uma única vez, mas aquilo levou a uma cacofonia de bocados de ar.

Eu me pergunto se é assim que se sente um pássaro cujas asas foram cortadas.

Não compreendi quanto eram importantes para mim, até que as perdi. Elas eram uma extensão de mim mesma, eram meu coração do lado de fora. E agora, foram arrancadas. Estou tentando lidar com a perda, mas *nunca* previ esse outro aspecto.

Não é só o meu equilíbrio que perdi.

— Deixei que ele me transformasse nisto, e não percebi até que fosse tarde demais — declaro, enquanto a fúria enche meus olhos e o calor se espalha por meu rosto como ácido. A fita em meu bolso parece ter adquirido o peso de um tijolo. — Como posso treinar para me tornar forte se não consigo nem ficar em pé?

Slade cerra os punhos junto do corpo, como se imaginasse as mãos torcendo o pescoço de Midas.

— Você esteve com suas fitas durante uma década, Auren. Faz sentido que precise se ajustar a ficar sem elas.

Eu o encaro.

— Não.

— Não o quê?

— Não me conforte. Não fique aí todo confiante me incentivando.

— Prefere que eu seja hesitante e depreciativo?

A raiva sobe como uma onda, mas a atravesso e começo a me afastar. Dou só uns passos antes de Judd aparecer na minha frente.

— Está achando que vai desistir, Douradinha?

— Não vou desistir — respondo por entre os dentes. — Só vou fazer uma pausa, antes que eu tente dar um soco no seu comandante do exército real.

Ele ri.

— Eu adoraria ver isso, mas Hojat me deu ordens estritas: você não deve bater em nada ainda, então vamos guardar esse momento para outro dia. Nesse meio-tempo, você me disse que queria treinar, então estou treinando você. Lamento, mas está presa nos Dentes até que eu decida o contrário.

— Você *acabou* de me perguntar se eu queria parar.

— Sim, e você recusou.

Um suspiro frustrado escapa de minha boca.

— Não consigo nem me virar sem perder o equilíbrio, Judd. Como vai me treinar?

Ele me analisa com atenção.

— Bem, se você tivesse me contado o que estava acontecendo, eu teria sido capaz de explicar e repensar minha estratégia — pontua. — Agora que sei que precisa se ajustar à perda das fitas, vamos começar o treinamento de maneira diferente.

— Acha que isso vai ajudar? — pergunto, cética.

— Douradinha, não fira meu orgulho — ele responde, e põe a mão sobre o coração. — Sou um excelente treinador.

— Quem te disse isso?

Judd franze a testa.

— Tenho certeza de que alguém disse isso.

Dou risada. Com poucas palavras, a raiva é substituída por frustração.

— Por que não me avisou? — Judd me pergunta, não em tom de julgamento, mas de curiosidade.

Dou de ombros.

— Não se deve admitir fraqueza, certo? Até eu sei disso.

— Isso não é fraqueza, Douradinha — ele rebate, balançando a cabeça. — E não minta para o seu treinador. Quando eu perguntar o que está acontecendo, espero que me fale a verdade.

Olho para trás, à espera de encontrar Slade no mesmo lugar, mas agora ele está ao lado das caixas de madeira, com o quadril apoiado sobre uma delas

conforme nos observa. Sua simples presença aqui me deixa com o peito apertado de tensão. Ficou muito orgulhoso quando eu disse que queria treinar. A última coisa que eu queria era que testemunhasse o meu fracasso.

— Tudo bem, sente-se.

Olho para Judd.

— O quê?

— Você ouviu — ele diz, antes de se acomodar no chão à minha frente.

Sigo o exemplo e me ajeito no mesmo instante, quando sinto fibras afiadas de feno me cutucando através da calça.

— Vamos começar de novo, com alongamentos. Você vai devagar e vai me dizer quando certos movimentos forem dolorosos, ou se começar a se sentir fora do eixo. Depois tentamos algumas posições a partir daí.

— Sentada?

— Sim. Você vai ter de reaprender a se equilibrar e se mover sem a ajuda das fitas. Então, por enquanto, vou te manter plantada em cima da bunda para parar de se desgastar e cair. Além disso, Degola vai ficar todo nervoso se você estiver coberta de hematomas. Agora cale a boca, pare de pensar que é um fracasso e vamos entender essa merda um passo de cada vez.

Sorrio. E assim, do nada, sinto o restante da tensão acumulada escorregar dos meus ombros.

— Tem certeza de que as pessoas afirmam que você é um bom treinador?

Ele dá de ombros.

— Estou parafraseando.

Rindo, balanço a cabeça.

— Tudo bem. Vamos entender essa merda.

Judd sorri para mim.

— É isso aí, garota.



21

AUREN

Há um lampejo de lâmina dourada. Uma lâmina que dourei com as próprias mãos. Todo o restante ficou sem graça em cinza e branco — até o Rei Fulke, que me segura contra o peito e aperta justamente essa lâmina contra o meu pescoço.

Grito e luto, mas a borda afiada penetra um pouco mais, me cortando e fazendo o sangue escorrer por meu peito. No entanto, quando o rei se inclina e aproxima a boca do meu ouvido, não é a voz de Fulke. Não é seu corpo rechonchudo nas minhas costas.

É um rosto barbeado, braços em mangas douradas e olhos de alfarroba. É engano, abuso e rédeas douradas enroladas nas mãos. Rédeas com que amarra meu punho para me imobilizar. Para me manter onde quer.

— *Se não posso tê-la, ninguém pode. Não é mesmo, Preciosa?* — Sua voz cruel pressiona minha orelha com um ronronar ofensivo, na tentativa de me envolver como a maioria de suas palavras sempre fez.

Estamos em Ranhold de novo, com tanto ouro na sala que chega a ser ofuscante. Como se olhasse para mim — e para *ele*. Estamos bem aqui, presos no meio do salão de baile, revivendo tudo.

Slade está na minha frente com sua Cólera, enquanto a *minha* queima profundamente nas entranhas. Agita-se como magma pronto para transbordar.

Auren, use as fitas.

Ah, ela não contou para você? Ela perdeu esse privilégio.

A adaga muda, e não estou mais presa contra as costas de Midas, mas contra uma parede. Não são rédeas douradas amarradas em meu punho, é

minha fita.

E então surge o som que a espada faz quando desce. Não é um corte no ar, não é um assobio baixo. Ela *estilhaça.* Como um corpo jogado para fora de uma janela fechada ou um punho batendo em um espelho.

Ou uma alma se quebrando. Depois, vem a dor.

Dor e dor e dor novamente. Dor enquanto me quebro em um milhão de pedaços. Pedaços que parecem faixas de cetim caindo desfiadas e ensanguentadas no chão.

Isso dói muito mais em mim do que em você.

Não consigo ouvir meus gritos. Não consigo me ouvir chorar, implorar ou lamentar. É só uma quebra interminável de vidro cristalino.

Então, de repente, acabou. Estou em choque, no silêncio retumbante, cercada de adagas e fitas e estilhaços sob meus pés.

Quebrada. Eu me sinto muito *quebrada*.

Você fez isso consigo mesma.

Limito-me a observar os cacos do espelho, vendo meu rosto em mil pedaços diferentes. Vendo minhas fitas em outros mil.

Eu o vejo.

Eu o ouço.

De novo e de novo.

Não me desobedeça mais, Preciosa.

Se não posso tê-la, ninguém pode.

Isso dói muito mais em mim do que em você.

Você fez isso consigo mesma.

Meu reflexo nesses espelhos mostra toda a gama de emoções me encarando. Julgamento, decepção, pena, raiva, torpor, angústia. Meu rosto quebrado me cerca quando caio no chão e me ponho a vasculhar os cacos com um desespero frenético.

Pego as fitas, mas os espelhos me confundem e, quando tento agarrar as faixas, minhas mãos encontram o vidro. Corto as palmas, os dedos, os joelhos.

Ainda assim, vasculho de maneira desesperada, lágrimas e sangue escorrendo ao mesmo tempo, enquanto as fitas amputadas me escapam a cada tentativa. Mas não posso desistir. Preciso delas de volta.

Preciso delas de volta, preciso delas de volta, preciso delas de volta.

Minhas mãos sangram, mutiladas, e não há nem um único pedaço de fita nelas. Então, começo a afundar. Amarrada pelos tornozelos e puxada para

baixo, de forma que o vidro corta a barriga, os braços, o peito.

Por mais que eu tente voltar, sou puxada mais para baixo, arrastada por um milhão de fragmentos de mim mesma, emaranhada nos pedaços de fita que nunca mais terei de volta.

E uma adaga dourada, mais afiada do que todo o resto, corta minha garganta.

Você fez isso consigo mesma.

Meus olhos se abrem, as pálpebras cobertas pela umidade das lágrimas. Minha mão já está na garganta, se movendo frenética em busca de vestígio de sangue que não está lá. Respiro várias vezes, ofegante, e me sento na cama vazia. Estou tremendo, coberta de suor, e jogo para longe as cobertas da cama, porque parece que as paredes se fecham à minha volta.

Ando pelo quarto.

Para frente e para trás, as meias acumulam estática a cada passo ágil. Minhas costas parecem maltratadas e doloridas, como se o sonho despertasse a dor fantasma. Com outra pontada particularmente desagradável, pego a lamparina de cima da mesa de cabeceira e passo pelo banheiro antes de me dirigir ao quarto de vestir. Penduro a lamparina na maçaneta da porta e levanto a camisa, parada na frente do espelho de corpo inteiro.

Quando outro ponto de dor aparece na parte inferior das minhas costas, eu me viro e levanto cuidadosamente a faixa que Hojat mantém sobre a área.

Minha respiração é irregular, quase provocando ruídos em veemente protesto. E quando espio o meu reflexo por cima do ombro, o olhar se concentra no ponto da dor, e desta vez o barulho *passa* pelos lábios.

A dupla de fitas na parte inferior das costas está pendurada por um fio. Como a pele que começou a descamar, mas continua ligada à área e resseca, endurece. Meus dedos mal deslizam sobre elas, mas até esse toque mais delicado faz as duas caírem.

Simples assim.

Como folhas marrons em um caule, mortas e quebradiças, elas caem. Flutuam até o chão, quase sem peso, e pousam no tapete, dois pedaços tristes de fitas atrofiadas e emaciadas que perderam o brilho.

Meus olhos ardem quando me deparo com elas, e se enchem de lágrimas quando toco as reentrâncias nas costas. Não tem nada lá além de um par de arranhões finos dos dois lados da coluna.

Como se as fitas nunca tivessem estado lá.

O soluço que sai de mim é interrompido quando cubro a boca com a mão. É ainda mais abafado quando me encosto na parede, escondendo o rosto no casaco pendurado.

Minhas fitas vão descamar assim, uma a uma, até minhas costas ficarem vazias e não haver mais nada.

Acho que parte de mim acreditava que iam se curar. Voltar a crescer. Mas toda a esperança se desfez, murchou e atrofiou com os pedaços aos meus pés.

Então é isso. Agora é isso.

As fitas se foram, não vou recuperá-las e tenho de lidar com isso.

Respiro com o rosto no casaco, tentando exalar o luto esculpido, embora esteja instalado muito profundamente para eu tirá-lo dali. Então, quando me reestabilizo, enxugo as lágrimas que escorreram pelo rosto e, em seguida, recoloco as bandagens com todo o capricho e puxo a camisa para baixo.

Recolho as pontas secas, que se desintegram. Eu as seguro cuidadosamente. O luto se funde à raiva, realimentada com fisgadas e faíscas.

Com um suspiro pesado, pego a lamparina e saio do quarto de vestir, volto para o quarto e deixo as pontas e a lamparina sobre a mesa de cabeceira. Não existe a menor chance de voltar a dormir agora.

Passo pela lareira, saio do quarto e ando pelo corredor escuro, meus pés se movendo com rapidez como se quisessem sair correndo. Quando chego à sala de estar, as chamas da lareira ardem um pouco mais intensas, e quando consulto o relógio sobre a cornija, descubro que é início da noite, embora a casa esteja quieta.

O movimento na cozinha chama minha atenção, e meu olhar se fixa na silhueta solitária sentada à mesa com uma caneca nas mãos e uma garrafa diante de si. Paro por um breve momento antes de me aproximar e me sentar bem na frente dele.

Digby eleva a cabeça e crava em mim os olhos firmes de cor de casca de árvore. Por um momento, só nos fitamos. Sem grades entre nós. Sem um rei que não tinha o direito de usar a coroa. Sem regras ou expectativas. Olhamos um para o outro como duas pessoas que continuam a lidar com o choque em seu organismo.

Não sei o que Digby consegue perceber nos meus olhos, mas sei o que encontro nos dele. Vejo incontáveis horas de tortura. De prisão. Punição. Noto uma culpa torturante, ferimentos profundos e arrependimento total. Acho que

é isso que mais me dói. Poder ver, apesar de tudo o que aconteceu com ele, que ele sofre por *mim*. Pelo que suportei e ele foi forçado a assistir.

— Sempre foi você que tinha o poder.

As palavras provocam em mim um sorriso trêmulo.

— Imagino que tenha sido um grande choque me ver em Ranhold. Deve ter parecido absurdo para você, depois que soube o que eu podia fazer e como deixei que ele pisasse em mim durante todos esses anos. Deve me achar muito estúpida e fraca.

Ele balança a cabeça, negando com veemência.

— Até as pessoas mais poderosas podem ser levadas a se sentir impotentes. Encontrar sua força, mesmo quando acredita que não tem nenhuma, é o que faz de você realmente forte. Ninguém fez de você o que é, milady. Você *sempre* foi forte. Só precisava prová-lo para si mesma.

Engulo em seco, ainda remoendo aquele sonho horrível, ainda sentindo as pontas caírem das minhas costas como pétalas se desprendendo de uma flor.

— Gostaria de não ter esperado tanto tempo.

— E eu gostaria de nunca ter deixado o filho da mãe te machucar. Eu devia ter te defendido. Devia ter te protegido do que aconteceu.

Estendo a mão trêmula sobre a mesa e seguro seus dedos ainda levemente flexionados em torno da xícara.

— Não é culpa sua, Dig. — Minhas palavras são um sussurro rouco que transmite nada mais que uma verdade cristalina.

E seu rosto apenas... se contrai.

Exaustão assombrosa e feridas incapacitantes são como dedos envolvendo o pergaminho de suas expressões, amassando-as como um punho cerrado.

E então, meu guarda estoico, firme e enigmático *chora*.

Bem ali na mesa, sua dor transborda em ondas indesejadas. Ele cobre o rosto com a outra mão, como se quisesse sufocar a dor. Os dedos estão machucados, o dedo mindinho manchado permanentemente de preto e enrijecido em um ângulo estranho, derrotado na batalha contra o congelamento, da mesma forma que ele foi vencido na batalha contra sua disposição inabalável.

A demonstração de sentimento me choca e arranca lágrimas dos meus olhos, porque ver alguém tão indomável desmoronar de repente é chocante por si só. E evidencia muito mais todas as minhas emoções.

Quando ele abaixa a mão, seu rosto está inchado e manchado, os lábios rachados e o corpo mais encurvado do que jamais o vi.

— Desculpe — ele pede, respirando fundo uma vez para tentar se recuperar. — Desculpe.

— Olhe para mim, Digby. — Seus olhos úmidos se erguem. — *Não* foi sua culpa. Nada disso.

— Eu devia ter te protegido.

Meus dedos apertam os dele.

— Você protegeu. Sempre me protegeu.

Ele respira fundo de novo. Enxuga os olhos.

— Estou orgulhoso de você. Pelo que fez. — É uma declaração sincera.

Solto a mão dele.

— Você foi guarda em Sinoalto por muito tempo.

Digby assente com desdém.

— Eu poderia ter me aposentado anos atrás — ele revela, o que me surpreende. — Fiquei por você.

Choques se acumulam em meu peito, formando ondas quentes que quebram no coração.

— É mesmo?

Digby assente e passa a mão pela espessa barba grisalha.

— Alguém precisava cuidar de você. Eu não confiava em mais ninguém para isso. — Os lábios dele se contorcem em uma expressão de desgosto. — Eu devia ter deixado você sair daquela porra de gaiola. Pensei no assunto. Muitas vezes. Era o que devia ter feito, porra.

— Se tivesse me deixado fugir, teria sido torturado e morto. Uma cabeça em uma estaca que eu teria sido forçada a dourar.

— Ou eu teria tirado você de lá — ele insiste. — Libertado você. Isso é o que importa.

O fato de ele ter considerado a possibilidade diz muito.

Ele levanta a caneca, bebe um longo gole e continua:

— Midas queria levar você junto na caravana para o Quinto Reino, sabe?

Franzo a testa.

— Sério?

Digby confirma com um movimento lento de cabeça e olha para a caneca.

— Fui eu quem sugeriu que seria mais inteligente você viajar em outro grupo, caso algo acontecesse com o enviado real. Eu o convenci de que ele

precisava avaliar as coisas em Ranhold antes de mandar buscá-la. Para ter certeza de que estaria segura lá. Prometi que a protegeria na viagem para o Quinto. Que estaria segura com as outras montarias.

Seu rosto está contraído de novo, a testa enrugada, e eu só me recosto na cadeira e absorvo as informações.

— Mas a verdade é que eu sabia, depois do que havia acontecido com o Rei Fulke, que você só precisava de um tempo longe do filho da mãe. Ele sempre a manteve sob controle rígido. — E fecha a mão, como se imaginasse Midas me mantendo entre os dedos. — Mas quase deixei os piratas da neve te sequestrarem.

Minha cabeça roda com a informação. Eu não tinha ideia de que a culpa que Digby sente é tão profunda.

— Se não fosse por você, talvez eu nunca tivesse saído da gaiola. Essa viagem foi o catalisador de tudo — intervenho. — E tem razão: eu precisava de um tempo longe dele. Aquela foi a primeira vez que senti o gosto de liberdade em muito tempo, e se não tivesse acontecido, eu não teria conhecido Degola naquela noite. Não teria começado a questionar... *tudo*. — Balanço a cabeça e sinto o peito apertado. — Você não pode continuar se culpando, Digby. Porque todas as coisas horríveis que aconteceram comigo me trouxeram até aqui.

Digby me observa com firmeza, e eu lhe permito enxergar a verdade em meu rosto. Mostro que falo sério.

— E estou feliz por estar aqui, Dig — acrescento, com um murmúrio. — Apesar de tudo, estou feliz por estar aqui com você.

Eu o vejo engolir em seco, e seus olhos ficam mais brilhantes pouco antes de ele fungar. Nós dois entendemos o avanço, testemunhamos a jornada até aqui ao longo de todos esses anos. Por isso respiro fundo e tento banir a dor que me persegue. Porque não estamos mais lá. Estamos aqui.

E quero aproveitar ao máximo.

Pego a garrafa e sirvo mais vinho em sua caneca.

— E aí, o que acha de finalmente jogarmos aquele joguinho da bebida?

Digby me encara, dá uma risadinha e puxa a caneca para perto de si.

— Tudo bem, Lady Auren. Pode começar com o jogo.

Sorrio e levanto a garrafa para um brinde.

— Nada de viva o rei.

O guarda também sorri, um sorriso raro que nem sei se já tinha visto.

— Nada de viva a porra do rei. E que você arrebente qualquer um que tente te machucar de novo.

Acho que é a maneira perfeita de começar nosso jogo.

Brindo, batendo de leve a garrafa contra a caneca dele.

— É exatamente o que pretendo fazer.

22
Rainha Malina

O homem sentado à minha frente é educado e equilibrado, como se tivesse passado a vida toda na corte real. Na verdade, ele tem sido um nômade sem raízes. Viajou por toda a Orea fazendo serviços aleatórios, ajudando os pobres, afugentando ladrões e invasores.

Não sei por que decidiu vir para este canto gelado do mundo. Mas apareceu para visitar Sinoalto e, quando chegou à corte pela primeira vez, nossos olhares se encontraram. Desde então, ele ainda está aqui, e não consigo entender. É como se tivesse caído do céu.

— Você é muito bonita.

Sorrio ante o elogio.

— Eu sei.

Tenho certeza de que minha resposta o surpreendeu, porque seus olhos castanhos se abrem um pouco mais antes de ele deixar escapar uma risadinha.

Mas é verdade. Sei que sou bonita. Uma pessoa bonita que finge não reconhecer a própria beleza está mentindo. Às vezes, é para ouvir elogios. Mas, principalmente, é porque foram ensinadas pela sociedade — pelos homens, em particular — que as mulheres têm de desconsiderar a própria beleza e deixar que apenas eles a determinem. Assim, as mulheres parecem humildes. Mas não preciso ser humilde.

Sou uma princesa.

Claro, ser princesa também tem suas desvantagens. Agora mesmo, por exemplo. Em vez de ter esta conversa em particular, tenho uma plateia. Três damas de companhia bordam perto da janela, e até eu posso perceber que estão mais interessadas em escutar do que no artesanato. Eu deveria jogar seus aros nas chamas da lareira no

canto da sala de chá, e elas que reclamassem. Mas minha mãe me ensinou a nunca me deixar dominar pelo temperamento. Imprudência, acessos de raiva e explosões nunca são bem-vistos.

Vingança é um prato que se serve frio.

— Você me disse que frequentou teatros em suas viagens pelos outros reinos — respondo, olhando rapidamente para ele. — Tenho certeza de que conheceu muitas mulheres lindas.

Ele inclina a cabeça como se estivesse pensando e passa a mão pelo acabamento dourado do colarinho.

— Ninguém como você.

Também sei disso. Não existe outra linhagem cujos herdeiros nasçam com cabelo branco como a neve — essa é uma característica dos Colier. Já ouvi sonetos cantados para mim, artistas pintaram minha imagem como uma rosa branca crescendo na neve de Sinoalto. Sou elogiada desde pequena por minha beleza única.

Também recebi muitos pedidos de casamento, mas desta vez é diferente.

Desta vez, o homem sentado à minha frente encantou meu pai. E só existem duas coisas capazes de encantar meu pai: poder e riqueza.

Acontece que Tyndall Midas tem os dois.

Pego o bule da mesa à nossa frente e sirvo mais chá, depois bebo um gole. Ainda está quente, apesar de estarmos aqui há uma hora, conversando.

— Essa é uma das coisas que gosta de fazer aqui? Ir ao teatro da cidade? — Tyndall pergunta.

Bebo mais um gole e deixo a xícara sobre a mesa de vidro. Posso ver nossas pernas embaixo dela, as minhas cobertas pelas saias do vestido branco, as dele envoltas pela calça marrom. Vejo as fivelas de ouro maciço nas botas.

— Talvez eu não aprecie o teatro tanto quanto deveria — admito.

Ele inclina a cabeça, e as chamas da lareira lançam sobre seu cabelo dourado uma sombra alaranjada.

— Por quê? Pensei que a maioria das jovens adorasse assistir às peças.

— Mas é só isso, não é? — respondo, alisando com a mão o cabelo que desce sobre meus ombros. — É uma representação. E já estou farta de gente representando em cima de um palco quando estou na corte.

— Nesse caso, acho melhor não a convidar para me acompanhar a uma apresentação. — Um sorriso largo e brilhante surge no rosto de Tyndall. Tenho de admitir: a visão faz meu estômago vibrar. Não sou do tipo que fica encantada com tanta facilidade. Outro efeito colateral da adulação da corte. No entanto, isso é

diferente. Sua atenção não me desagrada. Para começar, ele não é deste reino e, portanto, é uma novidade. E depois, quando me olha, parece que está de fato interessado em mim.

Diferente dos outros possíveis pretendentes, ele não mantém encontros frequentes com meu pai. Em vez disso, dedica toda a sua atenção a mim.

— Pelo contrário — respondo. — Tenho a sensação de que não ficaria tão irritada como normalmente fico quando saio com minhas damas.

Quando o pretendente sorri de novo, meus lábios também se curvam. O movimento faz as bochechas doerem. Não sorrio com frequência. Não costumo distribuir sorrisos falsos ou verdadeiros. Só sorrio quando a pessoa ou o momento realmente justificam o gesto.

É essa a sensação de se apaixonar?

O sorriso, o estômago vibrando? Não tenho ninguém a quem perguntar. Minha mãe está morta e enterrada, e meu pai só fala comigo do outro lado de uma mesa de jantar formal ou em eventos na corte. Prefiro arrancar meus dentes com uma colher serrilhada a perguntar às minhas damas sorridentes.

Acho que o teatro vai ser bom para alguma coisa, afinal. As histórias de amor encenadas no palco são os únicos exemplos pelos quais posso me orientar.

— Você daria um ótimo protagonista — digo, estudando sua aparência.

— Pelo que disse há pouco, a corte vai me oferecer muitas oportunidades para eu tentar representar.

Dou risada.

— Estou ansiosa para assistir à sua performance. Na verdade, se entendi bem, você vai mesmo se apresentar, não?

— De fato. Se tudo correr bem, vou apresentar um show de magia para sua corte.

— Devo admitir, estou especialmente animada para ver isso. Pelo que meu pai mencionou, sua magia é fascinante.

— Vou dourar alguma coisa só para você — ele diz, com uma piscada.

Meu coração para por uma fração de segundo.

— Eu adoraria.

O homem sorri e, quando estendo a mão a fim de pegar minha xícara de chá novamente, ele a segura. Deixo escapar um suspiro provocado pelo movimento tão ousado e espio para o lado outra vez, em busca de determinar se minhas damas notaram, mas, felizmente, estão entretidas com o bordado pela primeira vez.

— Sua mão está bem fria — ele comenta, baixinho, enquanto acaricia a pele com o polegar.

— É sempre assim. — Fico envergonhada com o tremor na minha voz. — Tudo neste reino é frio. Inclusive a princesa.

Ele responde com um murmúrio abafado, mantendo o olhar fixo na minha pele pálida, e aproveito o momento para analisar seu rosto. Ele é lindo, não há dúvida disso. Tem o rosto bem barbeado, sobrancelhas arqueadas e muito charme reunido em cada expressão. Não é de admirar que minha respiração falhe de novo quando ele me encara.

Por um momento, me perco nas profundezas de seus olhos e pondero se ele se perde nos meus. Já ouvi homens comentarem que ficam nervosos com o azul-claro dos meus olhos. Mas quando ele olha para mim desse jeito... não acho que esteja nervoso.

Não, ele me encara como se estivesse pensando em fazer coisas muito impróprias para um chá da tarde.

— Posso fazer uma pergunta, princesa? — ele murmura, provocando um arrepio que desce por minhas costas.

— Sim.

— Se eu pedisse sua mão em casamento, você teria vontade de aceitar?

Meus olhos se arregalam. Claro, sei que ele e meu pai têm discutido a possibilidade. No entanto, é uma decisão que sempre cabe aos homens — em especial quando se trata da realeza, e ainda mais quando se trata de uma princesa sem poder algum.

— Está pedindo minha opinião? — A ideia é ridícula. Nenhum outro pretendente jamais me perguntou se eu queria ou não me casar com ele. A pergunta me deixa um pouco desconcertada.

— Estou — ele responde.

— A opinião do meu pai é a que importa. — Um toque de amargura se mistura às palavras. — Você tem um poder e uma riqueza que poderiam restaurar a glória e a estabilidade do Sexto Reino.

— Sim. Mas não estou perguntando sobre seu pai ou seu reino. Estou perguntando sobre você.

Assustada, eu o observo e me recosto na cadeira.

— Se não quer, me diga agora mesmo — ele insiste, fitando meus olhos e segurando minha mão com um calor constante que é muito estranho para mim. — Jamais desejaria dar prosseguimento a uma coisa que você não quisesse. Isso a deixaria feliz, princesa?

A sinceridade escorre de seu tom como mel de uma colher. Lento e doce, me fazendo querer me inclinar para a frente e aceitar com empolgação.

Deve ser assim. Deve ser disso que falam todas aquelas peças românticas e bobas.

— Eu ficaria feliz — respondo por fim, com calma, embora essa palavra... não sei se de fato entendo o que significa ser feliz. Não sou feliz desde antes da morte de minha mãe, anos atrás. Mas gostaria de ser feliz novamente.

Gostaria de ter um marido de quem realmente gostasse. Que gostasse de mim de verdade. Gostaria de ter o controle da minha vida e não ser sempre excluída por meu pai, punida para sempre por ter nascido menina e sem magia. Não fosse pelo meu cabelo branco dos Colier, suspeito que ele teria tentado me deserdar anos atrás.

Nem percebo que uma lágrima escorre por meu rosto, até Tyndall soltar minha mão para enxugá-la.

Nunca um homem havia tocado meu rosto. Meu próprio pai nunca beijou minha face quando eu era pequena. Talvez seja por isso que o gesto parece tão íntimo. Talvez eu esteja tão carente e emocionada com o toque dele que, por isso, congelo.

— Nada disso — ele pontua, baixinho, e não sei se quero chorar ou sorrir, mas de alguma forma ele me fez fazer as duas coisas juntas, depois de ter vivido sem qualquer uma delas por tanto tempo.

Fico fascinada com a sensação de sua mão em meu rosto. Fascinada com o modo como, pela primeira vez na vida, realmente quero.

Mas o momento é interrompido pelo som alto de um pigarro. De repente, lembro que não estamos sozinhos, me afasto dele e olho para minhas damas. Todas estão olhando para mim agora, desaprovando e franzindo a testa. No entanto, não parece uma reprovação verdadeira. Não com o brilho empolgado que vislumbro nos olhos delas, agora que têm uma fofoca para espalhar por todo o castelo.

Como odeio todas elas.

Pigarreio, paro durante um momento a fim de recuperar a compostura e passo as mãos pela saia. Mas não é o tecido que sinto, é o toque da mão dele, a maneira como seus dedos envolveram a palma da minha mão. O calor transferido de sua pele para a minha. A lágrima que ele enxugou com a ponta do dedo.

— Princesa... — Tyndall começa, mas sua fala também é interrompida.

A porta da sala de chá se abre, e meu guarda principal entra e se curva em reverência.

— Perdão, Alteza, mas seu pai pediu para ver o cavalheiro.

Tento não demonstrar a decepção quando nos levantamos.

— É claro — respondo, a caminho da porta. — Vou com vocês.

Mas o guarda balança a cabeça, negando.

— O Rei Colier foi específico. Ele quer se encontrar apenas com o cavalheiro.

Minhas costas ficam tensas, e comprimo os lábios para conter a raiva. Ao passar por mim, Tyndall toca minhas costas de leve, mas é reconfortante.

— Tudo bem, princesa. Vou falar com seu pai e depois podemos retomar a conversa sobre aquela ida ao teatro, certo?

Assinto de um jeito meio rígido.

— Eu gostaria muito.

Ele se curva em uma reverência elegante, depois se vira e sai da sala. O guarda se retira, e volto à mesa e bebo um gole do chá que já esfriou, embora eu não perceba.

Aos olhos do meu pai, ainda sou um acessório — e um acessório inadequado. No entanto, a cada vez que tenta me casar, tudo fracassa, porque ele não se contenta com menos que um dote exorbitante por minha mão.

Afinal, ele sabe que, ao me casar, também está entregando seu reino. E o reino está em dificuldades, tão emaranhado em dívidas que será necessária uma tesoura robusta para cortar essa teia. Para sua sorte, Tyndall aparentemente tem uma tesoura de ouro maciço.

Os cochichos das minhas damas me fazem voltar a atenção novamente para elas, e os pelos na minha nuca se arrepiam como os de um gato em alerta.

Saiam. Vão embora. Parem com essa conversa estúpida e sem sentido.

Isso é o que quero dizer. Isso é o que faria, se fosse rainha.

Se esse contrato de casamento for de fato acertado, posso ter um marido que me ame. Na verdade, posso ter algum poder aqui, no meu próprio reino, mesmo que eu não tenha magia.

Posso ter algum controle. Posso ser feliz. Posso ter um filho e criar outro herdeiro Colier digno do trono, com magia suficiente para mantê-lo.

Tyndall Midas parece ser a resposta à minha esperança silenciosa. Então fecho os olhos, decidida a dar voz a ela.

Grande Divino, ouça minhas preces...



Acordo assustada.

Meus olhos se abrem por completo, os ouvidos pulsam com o som da minha súplica sussurrada em pensamento, como um eco imortal. Até meu rosto parece queimar com o toque de Tyndall, como se tivesse acontecido meros momentos atrás, não há anos.

Boba.

Fui uma boba ingênua e ignorante.

A amargura surge em minha língua como pedaços de gelo que tento engolir. O sonho foi uma réplica exata, como se aquela recordação tivesse sido arrancada da minha consciência e exibida atrás dos meus olhos cansados.

Não sei por que minha mente decidiu me atormentar com isso agora.

É provável que seja por eu estar presa na parte de trás de uma carroça de madeira, usando meu casaco como cobertor e tendo como único abrigo uma encosta curva. Por que quando se está fisicamente vulnerável, a mente decide ficar vulnerável também?

Eu me sento, e a irritação enrijece meus movimentos. O abrigo oferecido pela colina de cume nevado é insignificante e ridículo, mas bloqueia parte do vento. O que esse abrigo não bloqueia são as lembranças que continuam a saltar na minha cabeça como molas quebradas, atravessando o colchão e me alcançando sem aviso prévio.

Os momentos com Tyndall se repetem quando durmo. Mas quando estou acordada, vejo Jeo. Vejo minha montaria sardenta sendo esfaqueada na neve, o sangue tão vermelho quanto seu cabelo. Vejo o homem sombrio distorcendo escuridão e luz, olhando para mim de baixo de um capuz e apontando para mim como a morte encarnada vindo me caçar.

Meu corpo estremece, mas não é de frio. O frio nem parece me tocar.

— Minha rainha?

Mudo de posição e levanto uma muralha entre mim e essas lembranças, me debruçando sobre a lateral da carroça. Me deparo com Sir Pruinn deitado no chão com os cavalos, e as mantas das selas entre eles servem como uma camada frágil contra a neve.

Apesar da viagem, ele não parece amarrotado. As roupas ainda estão livres de amassados, as botas mantêm o brilho, e o queixo continua barbeado, embora eu não entenda quando ele teve tempo de fazer a barba. Sua pele nem parece rachada pelo ar gelado que castiga o rosto o tempo todo.

— Desejo começar o dia, Sir Pruinn.

Ele se senta sem sair do lugar, apoiado no animal para compartilhar o calor, e olha para cima como se precisasse confirmar que ainda está escuro.

— Ainda não amanheceu.

— Falta pouco — respondo, antes de me virar e pegar meu casaco para vesti-lo. O cantil que Pruinn me deu cai sobre as tábuas de madeira da carroça

com um baque surdo. — A água congelou.

Ouço seu suspiro, mas ele se levanta e se espreguiça um pouco antes de vir pegar o cantil. Quando o recolhe, toca de leve meus dedos e levanta as sobrancelhas escuras e muito arqueadas.

— Minha rainha, deveria repensar a decisão de dormir na carroça. Os cavalos fornecem calor...

— E também fornecem mau cheiro — eu o interrompo.

— Sim, mas...

— Estou satisfeita com a carroça, Sir Pruinn — declaro, com altivez. — O que não me satisfaz é perder tempo.

Sem esperar resposta, desço da carroça e caminho pela neve para fazer minhas necessidades matinais. É completamente incivilizado ser exposta e forçada a agachar-me como um animal, tendo a neve como lavatório.

Quando termino, volto para onde Pruinn já atrelou e alimentou os cavalos. Felizmente para nós, a carroça estava carregada com fardos de feno e comida. Mesmo com o racionamento, já usamos metade do nosso suprimento.

Não discutimos o que vai acontecer se os cavalos ficarem sem feno e não puderem mais nos carregar. Ou o que vai acontecer quando nossas reservas se esgotarem. Não tenho certeza de que quero saber.

Eu me aproximo enquanto ele ainda está terminando de cuidar dos animais. O céu não clareou. Um véu fosco encobre todas as coisas, como se as nuvens se sentissem subjugadas esta manhã.

— Quantas noites ainda vou ter de passar ao relento, exposta às intempéries do Sexto Reino desse jeito?

Ele enfia a mão na bolsa a tiracolo, de onde pesca uma bolsinha conhecida.

Dali ele tira uma barra de aveia, e me entrega. Isso, mais carne-seca e frutas desidratadas constituem a alimentação que temos, junto à neve derretida que fornece água.

— Como estamos saindo bem cedo, devemos estar fora daqui amanhã.

Abaixo a mão e esqueço a barra de aveia e a sede.

— Estaremos fora das intempéries amanhã? — indago, elevando o tom com a esperança repentina. Não há cidades ou vilarejos por aqui, disso tenho certeza, mas talvez um mercador viajante como ele, conheça uma propriedade isolada? Algum lugar onde possamos dormir *abrigados* e comer algo além de rações de viagem?

Mas Sir Pruinn balança a cabeça em um sinal negativo, puxa o capuz do casaco sobre o cabelo loiro e curto, e nesse momento começa a cair uma neve suave.

— Não das intempéries. Estaremos fora do Sexto Reino.

Isso me surpreende.

— Já?

— Lembra-se do mapa? — ele pergunta, com um sorriso, os olhos cinzentos quase brilhando. Sinto um arrepio, porque ele se refere ao mapa que aparentemente me mostra como alcançar o maior desejo do meu coração. — Ele me mostrou um atalho.

Minhas costas enrijecem.

— É claro que mostrou.

— Achei que isso a deixaria feliz, minha rainha.

Isso a deixaria feliz, princesa?

Ranjo os dentes alto o suficiente para silenciar a lembrança das palavras de Tyndall em minha cabeça, depois me viro para voltar à carroça e me acomodo nela para mais um longo dia de viagem interminável. Em direção a quê? Não faço ideia. Talvez seja tudo mentira, e Sir Loth Pruinn, o estranho e magnético caixeiro-viajante, não passe de uma fraude. Talvez esteja me levando às ruínas do Sétimo Reino, onde vai me jogar da beirada do mundo.

Eu ficaria feliz.

Boba.

Boba, ingênua e ignorante.



23

AUREN

Já se passou uma semana inteira. Sete dias de treinamento. Durmo até o anoitecer, quando Slade já desapareceu para onde quer que vá, e então me visto e venho treinar com Judd até querer desmaiar. Depois me lavo como posso sem molhar os curativos e me junto a todos para jantar.

Eu não cozinho. Acho que todos nós concordamos que é melhor assim.

Depois do jantar, normalmente vou jogar cartas com os outros, enquanto Hojat lê ou mistura algum novo extrato para experimentar em Digby ou em mim. A tempestade ainda não passou. Eu a escuto uivando na entrada da caverna o tempo todo, furiosa contra o abrigo da Gruta.

E eu fico acordada por muito tempo depois que todo mundo vai para a cama, não durmo até que amanhece. Não confio em mim mesma acordada enquanto o sol brilha. Mas... não dourei nada. Nem uma única vez. Nem mesmo enquanto dormia na cama. Minhas roupas emprestadas continuam marrons e pretas como antes, os cobertores e peles na cama não foram tocados por meu poder.

Não sei o que isso significa, mas estou me remoendo em uma preocupação silenciosa, evitando o assunto a todo custo.

Quando acordei naquela caverna e senti o poder correndo através de mim, só precisava que *parasse*. Que fosse silenciado. Porque meu ouro não é confiável. Especialmente aquela parte da qual eu nem sabia que era capaz.

Agora... agora parece que ele se quebrou completamente. É como se tudo que eu fiz em Ranhold naquela noite tivesse mudado meu toque de ouro de maneira irreparável. Mas vou me concentrar em ficar fisicamente mais forte,

por enquanto. Então, durmo durante o dia, em vez de me preocupar com o motivo de o meu toque de ouro ter secado.

— Você está olhando para os pés novamente.

A voz de Judd me faz virar a cabeça.

— Desculpe.

— Não pode manter os olhos cravados no chão — ele continua. — Ou na viga. Agora dê três passos à frente. Sem olhar.

Mordo o lábio, lutando contra todos os instintos de olhar para baixo. A viga de madeira sob meus pés deve ter pelo menos três metros de comprimento. Quando entrei nos Dentes ontem, ela esperava por mim bem no meio da sala. Não consigo nem imaginar o peso disto aqui. Quando perguntei a Judd, ele disse que Slade e Ryatt a haviam levado mais cedo para mim. Estou um pouco desapontada por ter perdido a cena dos dois carregando a viga.

Nos últimos dois dias, não tenho feito nada além desses exercícios de trave. Isso está me forçando a reaprender como me equilibrar. Caí mais vezes do que consigo contar. Minhas pernas doem, os arcos dos pés parecem ter sofrido entorses, e até os dedos estão doloridos. Mas não desisto.

— Um — Judd conta quando coloco um pé na frente do outro. — Dois, três... Muito bom.

Ele percorre o comprimento da viga, andando no chão ao meu lado e com a luz azul dos Dentes projetando uma longa sombra às suas costas.

— Agora quero que você se vire e dê três passos para o outro lado.

Eu gemo.

— É necessário?

Judd ri.

— Vai, Douradinha.

Ele me fez repetir esse movimento muitas vezes, mas sempre perco o equilíbrio. Meu corpo ainda quer se apoiar nas fitas que não estão mais lá. Ainda assim, me forço a girar o pé de trás e virar... só para despencar da viga e cair sentada no feno cheio de pontas no chão.

As pontas me cutucam. Não é gostoso.

Solto um grunhido de frustração, dou um tapa na viga e fico ainda mais irritada quando pequenas lascas se quebram e penetram minha mão. Arranco a luva e a jogo no chão.

— De novo.

Olho para Judd.

— Eu te odeio.

— Precisa andar antes de correr, Douradinha. Ou, no seu caso, precisa se equilibrar antes de parar de cair com a bunda no chão.

— Obrigada por compartilhar tanta sabedoria.

Ele tira o pó do ombro do casaco preto.

— Disponha.

Subo de novo na viga, tento ignorar os pés latejantes e os tornozelos doloridos e levanto os braços para tentar manter o equilíbrio. Os músculos das pernas se contraem para me dar mais firmeza.

— Caminhe até o fim.

Assinto e vou devagar, mas olho para baixo em busca de identificar se não estou prestes a pisar fora da viga.

— Eu vi. Sem espiar.

Juro que esse homem tem uma habilidade incrível de saber para onde estou olhando. Levanto o olhar e mantenho uma linha de visão até o outro lado da caverna.

— Não pense demais. Isso... Agora pare e se vire.

Faço isso sem pensar, girando sobre a ponta do pé... e realmente não caio. Em vez disso, meu outro pé se planta perfeitamente na frente do que acabei de girar e, antes que eu perceba, estou de frente para o outro lado.

Arregalo os olhos, e um enorme sorriso surge em meu rosto.

— Consegui.

— Muito bem — ele elogia, aplaudindo. — Agora vamos fazer mais dez vezes.

Meu sorriso desaparece.

— Não seria melhor encerrarmos com essa energia vitoriosa?

— Boa tentativa — ele diz, caminhando para me acompanhar. — Agora que sabemos que você consegue, vai dominar essa habilidade.

Judd não está brincando sobre repetir aquilo dez vezes. Acho que faço o percurso mais umas quarenta vezes, na verdade, porque ele não conta se eu cair, balançar ou tropeçar.

Que canalha.

No momento em que consigo completar a décima volta, desabo no chão, com os joelhos flexionados à frente do corpo, os cotovelos apoiados neles e a cabeça baixa. Estou ofegante, coberta de suor e lascas, e meus pés estão me *matando*.

— Meus tornozelos parecem querer rasgar a pele.

— Você foi bem — Judd diz, e se aproxima de mim com um pouco de água.

Bebo com vontade, sem me importar nem quando um pouco escorre pelos cantos da boca e desce pelo queixo. Ao lhe devolver o cantil, falo:

— Obrigada por me pressionar, Judd.

— Disponha. Agora, não se esqueça de pegar um pouco de neve e usar para fazer compressas geladas nos pés e nas pernas. Porque amanhã vamos trabalhar mais com a viga.

Gemo e massageio a panturrilha contraída.

— Odeio compressa gelada.

— Mas isso ajuda.

— Sim — reconheço. Hojat não só ajuda a esfriar meus músculos doloridos, como também coloca compressas de neve em minhas costas. Por mais que eu odeie enquanto está acontecendo, realmente ajuda muito.

— Pronta para ir?

Assinto, e quando seguro a mão de Judd para que me ajude a levantar, nem hesito.

Já estou me acostumando mais com o toque. É estranho quanto isso mudou em tão pouco tempo.

Juntos, passamos pela fenda da entrada dos Dentes e voltamos à caverna principal da Gruta. Assim que pisamos ali, vejo uma silhueta caminhando em nossa direção e, embora meus olhos não se ajustem de imediato, meu corpo sabe exatamente quem é.

Quando Slade se aproxima o suficiente para eu distinguir as linhas sombreadas de seu rosto, sua atenção firme espalha meus batimentos em todas as direções.

— Você está mancando — ele observa, sem me cumprimentar, parando na nossa frente.

— Estou bem, meus pés só estão doloridos.

— Pedi para ela fazer compressas geladas — Judd comenta. — Mas Auren se saiu bem hoje. O equilíbrio já melhorou. Está pronta para seguir em frente assim que as costas estiverem um pouco mais cicatrizadas.

Slade balança a cabeça em uma resposta afirmativa, e posso ver a aprovação em seu rosto.

— Queria te levar a um lugar, se estiver disposta.

A surpresa me faz levantar as sobrancelhas, e minha pulsação acelera. Parece que Slade está me evitando. Jantamos com os outros, mas ele sempre sai para fazer suas atividades enquanto adormeço sozinha, e depois acordo do mesmo jeito. A única indicação de que esteve lá comigo é o fogo sempre aceso, o travesseiro do lado dele sempre fundo, marcado por sua cabeça. Mas não posso culpá-lo, na verdade. Sou eu quem passa o dia dormindo.

— Vai ser relaxante, prometo — ele garante, obviamente percebendo a hesitação.

— Ok — respondo, com um aceno de cabeça, embora me sinta culpada por dar a impressão de que ele precisa me convencer. Ele ainda se sente muito culpado por toda aquela coisa da podridão. — Vou gostar.

O alívio ilumina seus olhos pouco antes de Judd dar tapinhas nos nossos ombros.

— Divirtam-se relaxando, vocês dois. Vou convencer Lu a jogar cartas comigo. Ela pegou todo o meu dinheiro de novo ontem à noite. — Ele vira e se afasta, desaparecendo a caminho da casa.

Observo Slade, muito consciente de que estamos sozinhos. Não temos ficado sozinhos de verdade. Não desde que acordei naquela caverna e praticamente pulei nele.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Você vai ver.

Então ele se vira e se ajoelha na minha frente.

— Suba.

Não entendo.

— O quê?

— Vi sua careta a cada vez que dá um passo. Quero te carregar, mas não quero machucar suas costas. Então suba.

Tento mover os pés, e até isso provoca um choque de dor nos arcos.

— Tem certeza?

Slade me espia por cima do ombro.

— Se tenho certeza de que quero seu corpo colado ao meu enquanto te carrego para você não sentir dor? Sim.

Sinto um arrepio ao notar como ele me encara.

— Tudo bem — falo, baixinho.

Hesitante, enlaço seu pescoço com os braços, e ele me levanta no mesmo instante. Minhas pernas envolvem seus quadris. Isso me faz pensar

imediatamente na *outra* vez que minhas pernas o envolveram, mas eu estava na frente dele, o agarrando e me esfregando em seu corpo, desesperada para não pensar em nada, para não ter de pensar, para ser punida e satisfeita enquanto meu mundo desabava ao redor.

Slade me ajeita sobre as costas enquanto se coloca em pé, e suas mãos fortes descem para agarrar minhas coxas. A calça grossa não serve de barreira contra o toque, porque posso senti-lo queimando a pele das minhas pernas e me fazendo formigar.

— Tem certeza de que está tudo bem? — pergunto, já que meu corpo em forma de ampulheta comprova que não sou nenhum graveto.

Seus dedos apertam minhas coxas, e uma risada sombria vibra contra o meu peito.

— Mais do que bem, e acho que provei isso outro dia, não é?

Não preciso de um espelho para saber que minhas bochechas se acendem com um rubor dourado.

Slade se movimenta na direção oposta à de Judd, afastando-se da casa. Seus passos são firmes, o toque é forte, mas não posso evitar o nervosismo.

— Relaxe, Auren.

É como se meu corpo esperasse essa ordem, porque, assim que ele fala, consigo me libertar da pressão esmagadora do nervosismo. Lentamente, deixo o corpo relaxar, pressiono os seios contra suas costas musculosas e descanso o rosto em seu ombro. Desfruto disso em silêncio. Esse sentimento ainda é muito novo.

Nunca me senti tão *segura* quanto me sinto quando ele me abraça. Quando meu corpo está contra o dele. Não é segurança com amarras, não é conforto com condições. Ele me abraça como se não quisesse nada em troca, e é tão estranho que ainda me surpreendo com a forma como isso pode ser para *mim*.

— Seus pensamentos estão fazendo um barulhão aí atrás — Slade comenta.

Eu olho para as linhas finas e azuis no teto.

— Vou tentar pensar mais baixo.

— Pelo contrário, quero que você os verbalize.

— Eu estava pensando... que isso ainda é muito novo. Que tem muita coisa que não sabemos um sobre o outro.

Ele não responde de pronto. Em vez disso, deixa os pensamentos fermentando no ar.

— É verdade — concorda finalmente. — Acho que nós dois aprendemos a guardar segredos muito bem.

Dou uma risadinha.

— Nem me fale!

— Mas acho que é sobre isso que mais tenho expectativa — ele acrescenta, em voz baixa e sensual. — Revelar você camada por camada. Aprender você por dentro e por fora. — Suas mãos apertam minhas coxas, e mesmo que ele não esteja falando sobre nada sexual, meu corpo ainda responde como se estivesse, minha mente o imagina removendo as camadas da minha roupa e me desnudando de maneira completamente diferente. — Estou ansioso por cada pedacinho de você que vai se revelar para mim.

Engulo em seco, tentando sem sucesso evitar que o calor se acumule em meu ventre.

— Estou ansiosa por isso com você também.

Slade vira a cabeça para o lado e me fita por cima do ombro.

— Que bom.

O pensamento de me despir para ele, em mais de um sentido, sempre faz minha pulsação acelerar. É revigorante e vulnerável, muito assustador e, ainda assim, muito excitante.

Não sei se o tenho evitado ou se ele tem me evitado desde que acordei, ou talvez seja uma combinação de ambos, mas tudo isso parece muito complicado, comparado a este momento de silêncio no escuro.

— Para onde vamos? — pergunto de novo.

— Quanta impaciência.

Reviro os olhos.

— Você nunca me deixaria levá-lo a algum lugar sem dizer onde.

— Ah, Pintassilgo, eu te seguiria até o fim do mundo e pularia da beirada, se me chamasse.

Meu estômago dá uma cambalhota.

— Ah.

— "Ah" mesmo.

Ele segue ao longo da caverna e faz uma curva fechada à esquerda.

— Quase chegando. — Então vejo o que parece ser um beco sem saída, mas na verdade é um enclave bloqueado por uma parede diminuta de pedra. Assim que Slade contorna a área, sinto um... *cheiro*.

Torço o nariz.

— Você acabou de...

— Acabei o quê?

Grande Divino. É *forte*.

Tenho de me controlar para não tampar o nariz.

Pigarreio.

— Não dá para ignorar esse cheiro. É horrível, e começou do nada.

Slade solta uma gargalhada surpresa.

— Esse cheiro não está saindo de mim, garanto. Mas me preocupa que você pense que sou capaz de produzir algo tão... pungente.

— Também fiquei preocupada, pode acreditar. — O odor consome o ar, mas então percebo que o ar também está *molhado*, e tem um constante som borbulhante que fica cada vez mais alto.

— Aqui está o culpado — Slade explica, assim que faz outra curva, e a pequena caverna se abre para uma sala cheia de vapor. A umidade gruda instantaneamente na pele e nas roupas, e o ruído suave de borbulhas chama minha atenção para a piscina logo ali na frente. — Escolhi esta caverna para construir a Gruta porque era grande o suficiente para ter uma casa e uma área de treinamento, mas esta fonte termal particular foi uma vantagem com toda certeza.

— É a única?

— Aqui, sim. Mas existem outras. Os moradores aqui têm duas além do pavilhão, lá dentro da montanha. É muito maior, e tem algumas menores separadas para garantir mais privacidade.

— Incrível — confesso, porque embora a piscina seja provavelmente do comprimento da cama de Slade, tudo neste enclave é aconchegante e íntimo. Eu me acostumei tanto com o ar frio constante que praticamente derreto nesse vapor quente.

Assim que Slade me põe no chão, contemplo o espaço de iluminação suave.

— É muito bonito. — Os veios fluorescentes que percorrem as paredes e o teto ligeiramente abobadado se refletem na água, um azul que gruda no ar nebuloso.

Eu me aproximo, ando pela rocha escorregadia sob as botas, resultado da umidade empoçada. A fonte termal fica no meio da sala, e tem uma pequena área de rocha elevada que forma uma espécie de prateleira ao seu redor. A água está em constante movimento devido às bolhas suaves que sobem no centro.

Eu me ajoelho, mergulho um dedo nela e praticamente ronrono ao sentir o calor.

Ouço um barulho atrás de mim e me viro. Vejo Slade tirando o casaco e o deixando sobre uma rocha que se projeta do chão.

Quando o vejo tirar a camisa em seguida, arregalo os olhos. Seu corpo sempre faz uma onda de calor invadir o meu. Todos aqueles músculos perfeitamente definidos, as raízes formando teias sob a pele pálida e envolvendo o peitoral, espalhando-se pelas clavículas e descendo pelos ombros. Ele é incrível e lindamente feérico.

— Achei que você merecia uma recompensa, depois de um treino tão difícil — ele diz, e tenho de me esforçar para olhar novamente para o rosto sorridente.

Observo a fonte termal, e a empolgação borbulha em mim tanto quanto o calor na água.

— Vamos entrar?

Seu sorriso é uma luz na sala escura.

— Eu não traria você até aqui só por provocação. Sei que suas costas não estão mais enfaixadas, mas Hojat disse que ainda não está liberada para um banho. Mesmo assim, achei que poderíamos molhar os pés e as pernas.

— Grande Divino, *sim*. — Acho que posso chorar de alegria por meus pobres pés doloridos. — Mas... por que tirou a camisa, se vamos molhar os pés?

— Não se preocupe, você não vai mergulhar, não até que suas costas estejam totalmente curadas. Mas precisamos nos despir mesmo assim, ou nossas roupas vão ficar encharcadas perto da fonte termal. O vapor é muito denso.

Contemplo a piscina borbulhante, e ele está certo, dá para ver quanto o vapor é denso, mas isso não me impede de entrar em pânico.

— Prometo: a sensação do vapor vai ser boa.

Meu coração bate contra minhas costelas.

— Estou dolorida — confesso.

Os lábios de Slade se estendem.

— Serei um perfeito cavalheiro — ele garante. — Só quero cuidar de você e ajudar seu corpo a relaxar. Nada mais. E já vi você nua antes. Não tem um centímetro de você que eu não tenha tocado.

Um calor que não tem nada a ver com a fonte termal borbulha dentro de mim. Mas é temperado com uma pitada de angústia.

Não tenho mais curativos enrolados em volta de mim. Se eu tirar a camisa, ele verá. Slade vai ver os hematomas feios que restam. Os tocos enrugados e atrofiados. Vai ver a ruína das minhas costas.

E ainda não consigo suportar isso.

Não sei quando ele se move atrás de mim, mas me assusto com sua voz suave.

— Deixe que eu ajudo.

Os dedos roçam minha nuca, exatamente onde está o primeiro botão, e posso sentir o calor de sua respiração, muito mais intenso que o vapor no ar.

Congelo, meus dedos seguram a gola da blusa, enquanto minhas emoções ficam confusas e emaranhadas como peças misturadas de um quebra-cabeça.

— Não — respondo, e recuo um passo. — Vou deixar só essa peça.

Ele volta a se posicionar na minha frente, mas não o encaro.

O silêncio entre nós é como lodo, como águas turvas revoltas e confusas. Mas mesmo no silêncio, sei que ele ouve. Sei que está ouvindo o que não estou dizendo.

Não olhe. Não quero que você veja.

— Tudo bem — Slade finalmente diz, tranquilo.

Ouço seus passos em direção à fonte termal, e então um farfalhar de roupas me informa o momento em que ele abaixa a calça. Sinto o rosto, já quente, ser dominado por um rubor.

Levanto a cabeça e me deparo com seu corpo completamente nu, de costas para mim. Nunca o tinha visto deste ângulo antes. Eu o vejo caminhar para a fonte termal, quase completamente envolvido pelo vapor. Mas isso não esconde como os músculos da bunda se contraem conforme ele avança, até sua metade inferior desaparecer sob a superfície da água.

Ele se mantém perto da borda, evitando o centro borbulhante, e desaparece por completo durante um segundo ao submergir o corpo todo. Quando emerge, ele empurra o cabelo preto e molhado para trás, e o movimento é tão incrivelmente sexy que, apesar da umidade do ar, minha boca fica seca. Slade é feito de músculos rígidos e esculpidos, um plano infinito de força e beleza masculina.

No momento, eu me sinto inferior. Suada do treino, com o cabelo emaranhado, a pele provavelmente manchada pelo calor, e as costas...

Mais do que qualquer outra pessoa, Slade adorava minhas fitas. E agora elas se foram, e me sinto muito... incompleta. Inadequada. Não sei se algum dia

não sentirei isso.

— Vai entrar? — ele pergunta.

Assinto, tiro as botas, as meias e a calça, e as deixo sobre uma pedra mais alta. A camisa cobre parte das coxas, e me aproximo envolta em vapor, olhando para a água e para a pele dele, que começa a ficar rosada.

— Como é que não está fervendo vivo?

— As bolhas são da água quente que sobe o tempo todo para circular, mas o fluxo é bem lento. Não está muito quente, garanto.

Deve haver algum tipo de plataforma de rocha dentro da fonte, porque Slade se senta de frente para mim. Estende os braços para os lados, as mãos apoiadas na beirada do chão da caverna. Isso deixa os músculos totalmente à mostra, as linhas de poder visíveis, mas apagadas, reunidas em torno dos ombros.

— Venha aqui — ele chama, batendo de leve na pedra sob sua mão. — Você pode se sentar e deixar as pernas na água.

Assinto e piso no chão escorregadio de pedra lisa e quente. Paro ao seu lado e, em seguida, eu me sento com cuidado na beirada da fonte termal. O vapor nos envolve tão completamente que faz o restante da caverna parecer quase inexistente, nos cercando com um brilho azul de tom leitoso. Mergulho um pé na água e deixo escapar um gemido ao sentir o calor delicioso. Sem perder mais tempo, deslizo o outro pé, deixando as pernas descerem até a água quente bater nas panturrilhas.

— Grande Divino — suspiro, saboreando o calor. — Isso é bom.

— Achei que você poderia gostar.

Apoio as mãos atrás de mim.

— Isso compensa o mau cheiro.

Ele ri, e o barulho faz minha pele arrepiar. Começo a relaxar lentamente, puxando com suavidade a bainha da camisa que cobre a parte superior das coxas. O material já está úmido, o tecido gruda nos seios revestidos pelo vapor denso, me deixando com uma sensação de estar completamente úmida e quente.

— Tem certeza de que o vapor não vai fazer mal? — indago, nervosa, sentindo uma leve coceira nas costas.

Slade assente.

— Hojat disse que não faria mal, se não demorar muito.

Suspiro e aprecio a sensação da água borbulhando sob meus pés doloridos, enquanto os olhos deslizam pelas partes visíveis dele.

— Suas linhas... elas geralmente se espalham para mais partes do seu corpo.

Slade olha para o peito como se quisesse ver o que estou vendo.

— Não ficam muito pronunciadas depois que gasto um pouco de magia.

Com os braços livres e nus, as linhas de poder dele são como folhas negras de grama se movendo levemente com a brisa.

— Você precisa fazer isso com muita frequência?

— Aprendi a conter o poder por longos períodos.

Franzo a testa.

— Deve ser doloroso.

— Pode ser — ele admite. — Mas aprendi a controlar essa força há muito tempo, e parte disso tem a ver com saber quando se conter... e quando extravasar.

Ele me encara, e sei que tenta me conduzir para a conversa, para me colocar no centro do assunto. Mas não quero isso agora. Ainda não.

— Slade.

— Precisamos conversar sobre isso — ele declara, com firmeza.

Lembranças daquela noite em Ranhold começam a me cercar tanto quanto o vapor sufocante. A quantidade de poder que senti foi indescritível. E esse poder alimentou algo sombrio em mim, se multiplicou e cresceu. Deparar-se com sua magia de repente tão incontrolável e estranha pode ser aterrorizante por si só, mas não era apenas a magia. Fui eu. *Eu* perdi o controle.

Assim como aconteceu em Carnith.

Jurei a mim mesma que manteria a magia bem guardada, mas falhei de novo. Parece que tenho quinze anos e uma nova magia que pinga dos meus dedos trêmulos, e nem imagino como lidar com ela.

— Então é isso? — pergunto, e minha voz fica mais aguda. Fito os olhos dele. — Você só me trouxe aqui para me forçar a falar?

Os ombros de Slade ficam tensos, e ele abaixa lentamente os braços na água.

— Eu nunca te forçaria a fazer nada — diz, com um tom mais sombrio, como as bordas ressecadas de uma folha, atrofiando e escurecendo com a queimadura. — E você devia saber disso.

— Bem, não é exatamente o que aconteceu, não é? — retruco, antes de conseguir me conter. — Não me lembro de ter pedido para você me apodrecer.

Algo tenso e áspero irradia entre nós. Minha pulsação lateja nas têmporas. Tenho de sufocar o desejo de colocar a mão sobre o peito, como se tivesse medo de que a podridão fosse ganhar vida porque a mencionei.

Slade se inclina ligeiramente para a frente, o vapor ondula entre nós como espectros sinuosos, e me arrependo de ter trazido o assunto à tona. Gostaria de poder trazer as palavras de volta para a minha boca e as engolir. Porque não o culpo. Não me ressinto contra isso. Se sinto alguma coisa, é gratidão, então nem sei por que mencionei a situação, exceto pela necessidade de atacar para não ter de enfrentar meu próprio chicote.

— Você está certa — ele responde e, apesar do calor da sala, um calafrio desce por minhas costas. — Mas vou dizer uma coisa, Pintassilgo, e você vai me ouvir. Quando tiver a ver com sua *vida*, quando a escolha for entre você viver ou morrer, sempre vou interferir. *Sempre* vou escolher fazer o necessário para garantir que você *viva*.

O ar que inspiro fica preso entre as costelas, circulando inutilmente no vazio.

— Odeio ter precisado usar meu poder contra você, mas não confunda minha culpa com arrependimento, porque estará enganada. Eu faria tudo de novo em um piscar de olhos.

Seu olhar é muito intenso, as palavras são muito contundentes. Baixo os olhos, e minha culpa borbulha tanto quanto a água aquecida.

— Sinto muito. Não sei por que eu disse isso — confesso. — Não estou brava com você por isso. No seu lugar, eu teria feito a mesma coisa. Sou grata por você ter conseguido me conter. Eu não estaria aqui agora se você não tivesse interferido. Vou ter uma dívida de gratidão eterna com você.

Slade não diz nada de imediato, e fico preocupada com a possibilidade de o ter aborrecido de verdade, mas de repente sinto sua mão levantar minha perna. Eu me assusto, porque não o ouvi nem o vi se movendo, mas agora ele está bem na minha frente, massageando o arco dolorido do meu pé com dedos firmes enquanto permanece na água.

Nossos olhos se encontram enquanto ele pressiona cada centímetro dolorido, gira os polegares e move as mãos para cima e para baixo nos meus pés.

— Você não tem dívida com ninguém, Pintassilgo, muito menos comigo — ele murmura, e continua a liberar tensão e dor, como se a verdadeira magia

estivesse em seu toque. — Você não tem preço. Você vale mais que ouro. E o mundo te deve muito mais do que te foi dado.

Acho que uma lágrima pode cair dos meus olhos, mas finjo que é o vapor acumulado.

Slade e eu ficamos quietos depois disso. Ele massageia meus dois pés até que eu não consiga evitar os gemidos, até que meus arcos não estejam mais enrijecidos e doloridos. Então suas mãos magistrais sobem até minhas panturrilhas, o toque firme pressionando os nós, esfregando cada parte sensível. Porque é isso que ele sempre faz por mim. Encontra todas as partes doloridas e me ajuda a lidar com elas.

Mesmo quando não quero.

24

SLADE

Enfim a tempestade passou.

O céu está manchado, com nuvens pretas e azuis coladas no horizonte à medida que a noite começa a se despedir.

Com isso, o vento finalmente parou de soprar, e tudo que resta da nevasca dos últimos dias é o que ela deixou no chão. Agora, quase dois metros cercam todo o perímetro de Drollard, apesar da dedicação com que os moradores limparam constantemente os caminhos e a frente das casas, e da geografia das montanhas que ajudou a evitar que parte da neve se acumulasse no pavilhão. Com a neve acumulada em todos os outros lugares, Drollard passa a sensação de ser ainda mais protegido do mundo exterior.

Circulo pelo povoado com as mãos nos bolsos, e só não escorrego nos caminhos gelados por causa dos grãos de sal e areia espalhados como alpiste.

Passo pelas casas de telhado inclinado, embora tudo esteja silencioso e parado, já que o dia ainda não amanheceu. A fumaça sobe das chaminés e suspira contra o teto de uma projeção de rocha no alto da montanha, dissipando-se no céu.

O pavilhão está vazio, exceto pelos carrinhos estacionados que os moradores do povoado usam para recolher suprimentos sempre que recebem uma remessa. Árvores artríticas se agarram ao chão, e os galhos nodosos e dobrados retêm tufos de espinhos e neve.

Logo adiante, o pavilhão é coberto pela borda da saliência da montanha, e é ali, além de pilhas de lenha, além do buraco de pedra para a fogueira, que fica a porta do Porão. Dou uma olhada lá primeiro, mas, com exceção de uma

grande sala cheia de suprimentos e um único guarda cansado e com frio, não tem ninguém. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça quando passo, e desapareço em uma fenda na montanha logo adiante, onde as paredes foram alisadas e lixadas apenas o suficiente para permitir a passagem de uma pessoa.

O caminho da fenda é longo e irregular, e durante um tempo ando completamente às cegas, sem nenhuma luz penetrando na pequena fenda. Quando enfim termino o percurso e saio me espremendo pela passagem, a montanha é um pouco mais generosa. Existem linhas azuis espalhadas pelas paredes anêmicas da caverna, projetando uma luminosidade muito pálida.

Apesar de ser um lugar fechado, aqui dentro é mais frio. O tipo de frio que está estagnado e inerte, do tipo que nunca vai embora. Mas, apesar disso, me sinto mais quente à medida que me aproximo da porta de ferro instalada na rocha. No momento em que meus passos me levam à janela gradeada de onde posso olhar para dentro, o frio é reconhecido apenas pela fumaça que sai da minha boca quando respiro.

— Há quanto tempo você voltou? — Não me viro para fazer a pergunta, não é necessário. Eu o senti aqui assim que entrei.

Ryatt estica as pernas onde está sentado. Sua silhueta sombreada bloqueia a luz da lamparina de aquecimento pendurada ao lado dele, uma chama alaranjada alimentada pelo óleo de nossas minas.

— Há cerca de duas horas — ele diz, com voz áspera, e finalmente me viro.

— Só tem um. — Meu tom tem uma nota sutil de pergunta.

Ele coça a parte de trás da cabeça, fazendo o cabelo preto ficar em pé em alguns lugares. Normalmente, ele o mantém mais comprido que o meu, e sempre reclama quando tem de cortá-lo para se passar por Degola.

— Você disse que precisava de um para interrogar.

— Eu disse que precisava de *pelo menos* um para interrogar — corrijo.

Ele não parece nem um pouco arrependido.

— Se queria todos vivos, deveria ter mandado o Judd. Você sabia que eu não ia deixar todos os ratos do Midas voltarem para cá. Você conseguiu o que queria — rebate, inclinando a cabeça em direção à cela. — E eu consegui o que queria com os outros. Especialmente depois de terem complicado tanto a tarefa de encontrar todos eles.

— Quantos eram?

— Quatro. A sorte foi meu timberwing ter avistado o deles. Foi assim que finalmente os encontrei escondidos junto de uma colina não muito longe

daqui. Assim que souberam que você havia chegado, decolaram e correram como os ratos que são, mas a tempestade os levou de volta ao chão.

Pelo menos a tempestade foi boa para alguma coisa. Ryatt e eu os estávamos procurando há dias, e eu já começava a pensar que talvez não os encontraríamos.

— Você se sentiu satisfeito matando os outros três, suponho?

O sorriso malicioso de Ryatt aparece de relance.

— Viraram enfeite das terras geladas, um adorno muito melhor depois de mortos.

Assinto e olho mais uma vez pelo visor com grades. Lá dentro, avisto um homem caído no chão, tremendo dentro do casaco dourado. Conjecturo quantos dias Auren passou dourando aquelas merdas. Quanta energia, quanto tempo e quanta força gastou para alimentar a reputação e o ego de Midas. Só de pensar a respeito, sinto a raiva queimar em minhas costas.

— Você acordou cedo — Ryatt pontua, e o rosto voltado para mim é metade azul, metade sombras.

Não digo nada quando me sento no barril à sua frente. A verdade é que ainda tenho dificuldades para dormir. Auren não dorme à noite, e fico umas poucas horas me revirando até desistir antes do amanhecer, quando ela adormece.

Meu irmão faz um barulho no fundo da garganta.

— Ela ainda não está se levantando durante o dia?

Viro-me para ele.

— Ela está se adaptando.

— Está?

— Que porra quer dizer com isso?

Ryatt dá de ombros.

— Vejo a cara dela sempre que alguém menciona o ouro. Está apavorada com isso.

— Não está — retruco, e a raiva me faz cerrar os dentes.

— Se você diz...

— Por que está tão preocupado?

— Por que *você* não está? — Ryatt rebate. — Todos a vimos naquela noite. Ela pode parecer uma montanha por fora, mas é um vulcão pronto para entrar em erupção. E quando isso acontece, o resultado não é pequeno.

— Auren está bem.

No entanto, Ryatt não desiste. Não que eu esperasse sua desistência. Metade da personalidade dele é discutir comigo.

— Ela está com medo do próprio poder, e com razão. Mas medo é uma coisa perigosa quando se trata de magia. Você deveria saber disso melhor que ninguém.

Nós nos encaramos através do caminho estreito, em lados opostos do corredor na fenda. Listras azuis se espalham atrás dele, manchando-o com sua luz, enquanto as lâmpadas bruxuleantes equilibram o brilho.

— Isso vai demorar.

— E quanto tempo você tem?

Passo a mão no cabelo e puxo as pontas.

— Quanto for necessário para ela, porra.

Meu irmão balança a cabeça, descontente e contrariado.

— Você pode ser rei, mas nem assim vai conseguir sustentar a situação. Além do mais, você odeia isto aqui.

— Não odeio isto aqui.

Ryatt revira os olhos.

— Claro que não. É por isso que só aparece quando é absolutamente necessário.

Meus dentes de trás podem acabar rachando se eu continuar a rangê- -los com tanta força.

— Tenho um reino para administrar.

Ryatt debocha.

— Sei. Mas antes dele, você tinha este povoado para proteger.

Eu me inclino para a frente, apoio os cotovelos nos joelhos.

— Eu protejo este povoado. Você não sabe nem a *metade* do que faço para protegê-lo. O que sacrifiquei.

Ryatt me encara com uma intensidade que deve competir com a minha.

— Você realmente quer falar de sacrifícios, irmão? Porque desisti de toda a minha *identidade* para servir à sua.

Às vezes, o abismo entre nós parece intransponível. Como agora, quando discordamos tão intensamente, a distância do lado dele para o meu não pode ser percorrida.

— Pelo menos foi fazer uma visita? — ele pergunta.

Minha coluna enrijece.

— Não faça perguntas cujas respostas já sabe. O som da sua voz não é tão relaxante assim.

Ele ignora o ataque.

— Eu devia saber.

— Tenho estado um pouco ocupado, Ryatt.

— É claro. — O desdém transborda enquanto meu irmão se levanta. — Bem, talvez tente encaixá-lo em sua agenda, Vossa Majestade. — Ele se inclina em uma reverência sarcástica antes de partir.

Com um sentimento feio no fundo do peito, eu o vejo se afastar com as costas eretas, os passos carregando o peso da raiva.

É difícil relacionar a cena atual a uma imagem mais antiga dele — de quando Ryatt era trinta centímetros mais baixo que eu, uma coisinha magricela com cabelo preto e desgrenhado, a boca suja de geleia.

Nessa época não havia como ir embora. Ryatt sempre me seguia ou tentava se pendurar no meu braço, nos prendendo com um sorriso travesso. Não havia olhares raivosos para mim. Procurávamos brincadeiras e aventura, em vez de evitarmos um ao outro, como fazemos agora.

Minha raiva sai com o ar em um suspiro, dissipando-se no ar frio.

Eu me inclino para trás contra a parede da caverna, sentindo a ameaça dos meus espinhos pressionando a parte interna dos braços.

Como se as recordações estivessem muito próximas da superfície, uma velha voz condenatória soa clara em minha cabeça. *Controle-se, Slade. Por acaso você é um feérico comum para ficar perdendo a cabeça com tanta facilidade? Ou vai ser digno do sangue em suas veias podres? Agora recolha esses espinhos, ou vou prendê-los na parede da mansão e deixar você lá pendurado até aprender.*

Talvez seja a memória muscular dos incontáveis dias que passei sob comandos como esse, mas os espinhos se retraem, e a pele dos meus braços não exibe mais a saliência ameaçadora de sua presença.

Controle.

Foi a primeira coisa martelada em minha cabeça desde o momento em que comecei a mudar. A maioria dos feéricos tem cerca de quinze ou dezesseis anos quando sua magia chega.

Eu não tive todo esse tempo.

Ainda me lembro da coceira. A maneira como passava as unhas na parte de trás dos antebraços ou tentava alcançar a coluna. Eu me sentia como um urso

na floresta, usando uma árvore para me coçar. Toda vez que os espinhos saíam, rasgavam a pele em tiras, desenhando cortes ensanguentados.

Durante um ano, provocaram sangramento toda vez que saíam — até o vermelho encharcar todas as mangas e as costas de cada camisa ter o desenho de uma fileira pontilhada perfeita, enquanto mais gotas de sangue escorriam para as sobrancelhas.

Pior ainda era o olhar que eu recebia e aquela voz lacerante. Aprendi a suprimir os espinhos, aprendi a projetá-los apenas quando queria que aparecessem. Parei até de me encolher quando perfuravam a pele. E logo parei de sangrar. Como se até meu sangue tivesse medo de se mostrar ao meu pai.

— Aí está você.

Observo Lu entrar, e ela não está sozinha. Tem um falcão mensageiro empoleirado em seu ombro, e nenhum deles parece muito satisfeito com isso.

— Este idiota acabou de aparecer. Voou direto para a porta da frente e começou a bater nela como se o bico fosse uma aldrava. — Lu inclina a cabeça para a ave, leva uma bicada e reage com um tapa. — Ela não deixa ninguém pegar a mensagem. Não quis trocar nem por isto aqui. — Lu estende a mão aberta, mostrando um punhado de carne-seca. O falcão faz um ruído de desprezo, e o som rouco é acompanhado pelo movimento das garras apertando o ombro de Lu.

Ela faz uma careta e fita a ave.

— Está vendo?

Eu me levanto e vou até lá, e o pássaro pula imediatamente de seu ombro para o meu braço, estendendo uma das pernas.

— Boa menina — murmuro, deslizando o dedo por um lado de seu pescoço. Ela abre e fecha o bico, pisca para mim quando pego o recipiente de prata preso à sua perna e removo dele o pergaminho enrolado.

Passo os olhos pelas palavras, e estou apenas na metade da mensagem quando meus dedos começam a apertar o papel. Quando chego ao fim, estou amassando o bilhete, e meu corpo inteiro fica tenso.

— O que aconteceu?

Em vez de responder, entrego o papel amassado para Lu e a vejo analisar o que está escrito e depois exibir no rosto as mesmas emoções que senti.

— Filha da puta. — Lu abaixa a mão, sem soltar o papel amassado, e olha para mim. — A Rainha Kaila não perdeu tempo.

— Não mesmo.

Lu me encara em silêncio por um momento.

— O que vamos fazer?

Não é exatamente uma surpresa, mas esperava ter um pouco mais de tempo. Porque é disso que Auren precisa. Tempo.

Tempo para se manter em pé. Para se acostumar com a perda das fitas. Para ganhar confiança. Para se preparar a fim de enfrentar o mundo *e* sua própria magia. Ela acabou de matar o manipulador que a mantinha prisioneira, descobriu uma nova faceta de seu poder, quase morreu no processo e abandonou tudo que conhecia. Auren precisa de um tempo.

— Nada — respondo, por fim.

Lu arqueia as sobrancelhas negras.

— Nada?

Balanço a cabeça.

— Isso é uma tática de intimidação para nos pressionar. E não vai funcionar.

— Mas e se eles vierem para o Quarto?

— A Rainha Kaila tem dois reinos vazios para enfrentar e as Estéreis congeladas entre ela e nós.

— Mas os outros monarcas...

— Podem chupar meu pau.

Lu revira os olhos.

— Tenho certeza de que eles gostariam da sugestão, mas ainda são um problema.

— A um oceano de distância — argumento. — Temos tempo.

— Se você diz...

Minha pele formiga, e não é por causa das garras do falcão que ainda apertam meu braço.

— Tenho isso sob controle.

Sempre tenho.

— Tudo bem. — Ela acena com a cabeça antes de olhar por cima do meu ombro para a porta da cela. — Ryatt enfim os encontrou?

— Sim. — Estendo a mão, pego a carne-seca de Lu e alimento a ave. O falcão encosta a cabeça no meu pescoço em sinal de gratidão antes de se virar e voar, sair da caverna e soltar um grito distante ao ganhar altitude.

Lu balança a cabeça.

— Você tem todos os pássaros e timberwings na palma da mão.

— O que posso dizer? Sou simpático, só isso.

Ela sufoca uma risadinha, e nós dois olhamos para a cela ao ouvirmos alguém tossir.

— Parece que ele está acordado — Lu comenta, e a antecipação começa a percorrer meus membros como cordões de seda. — Você quer que eu fique?

Nego com a cabeça, tiro o casaco e arregaço as mangas.

— Não. Vou ter uma conversinha boa com o espião de Midas.

Lu assente e me deixa sozinho. Assim que ela sai, eu me aproximo da porta e olho ali dentro, para o homem sentado no chão. Ele arregala os olhos de medo ao se deparar com meu rosto.

Uso a chave de ferro deixada na fechadura e entro; o barulho da porta se fechando atrás de mim é tão alto que o homem se encolhe.

Tudo, o cansaço, a disputa com Ryatt, a preocupação com Auren, as notícias da carta, tudo se soma em coagulação e acidez, pronto para borbulhar e queimar. Para minha sorte, tenho o candidato perfeito para servir de alvo.

Sorrio para o homem com uma expressão perversa, sentindo como a podridão se contorce em meu peito e desce pelos braços. Ele treme, o rosto dominado pelo pânico e os olhos refletem o pavor.

— Acho que não fomos apresentados de maneira adequada. Sou o Rei da Podridão, e você está no meu território.

A urina que despeja na calça não vai ser a fonte do pior cheiro quando eu terminar com ele.

Chego mais perto, deixando a podridão se espalhar a partir dos meus passos e subir pelas paredes como cordas que ameaçam virar uma forca.

— Agora, quero saber tudo que você relatou a Midas e tudo que ele ordenou que fizesse.

O homem engole em seco, e vejo o pomo de adão subindo e descendo.

— E... se eu contar, vai me d-deixar ir embora?

Dou risada. O barulho o faz estremecer, e o espião abre a boca com o choque da chicotada de minha magia, que apodrece a fileira inferior de seus dentes na gengiva. Deixo o esmalte escurecer e esfarelar até escorrer e se desintegrar no chão.

— Ah, não. Você não vai sair vivo desta cela. Mas pode decidir como vou deixar minha podridão brincar com você.

É engraçado como ele canta depressa. Ou melhor, murmura.

Ele não diz nada que eu já não tenha descoberto, mas distribuir punição ajuda a melhorar meu humor. Só um pouco. Mas ajuda.

Horas depois, quando saio da cela, com o sol no céu e o gosto de podridão doce e cinzas frias no fundo da garganta, devia estar aliviado por termos conseguido pegar todos os espiões de Midas e mandá-los para uma sepultura congelada.

Mas alívio é a última coisa que posso sentir, e o povo de Midas não importa mais.

É com o resto de Orea que tenho de me preocupar agora.

25

SLADE

Aos 15 anos

Hoje tem um festival na cidade — uma celebração do solstício de inverno. Sei disso porque passamos pelo evento a caminho das colinas.

Já havia dança nas ruas, luzes azuis pairando no ar com magia. Hoje à noite, depois do pôr do sol, eles oferecerão sacrifícios às estrelas frias e tocarão música para a lua.

Passei por tudo isso montado em meu cavalo, e foi o mais próximo que já estive de um dos festivais da cidade. Meu pai passou a vida repetindo o discurso sobre a importância de ficarmos separados dos outros, de nos mantermos acima deles.

— Tire a cabeça das nuvens — meu pai resmunga, e olho na direção dele.

— Não estava nas nuvens — respondo. Estava bem firme no chão... lá na cidade.

Ele ergue uma sobrancelha marrom e grossa, e a careca reluz tanto que pode se tornar ofuscante quando o sol a ilumina em determinados ângulos.

— Você está hesitando. Recolha a podridão onde eu disse que deve mantê-la.

Encaro o chão e faço uma careta quando percebo que ele está certo: a podridão se espalhou além do círculo que ele desenhou no chão ao meu redor.

Quando começamos a fazer esta aula, não havia círculo. Ele simplesmente me trazia para cá e minha podridão explodia, matava tudo que a vista alcançava. Era incontrolável. Destrutivo.

Devagar, aprendi a trazê-la de volta. A apodrecer somente o solo, desviar de uma árvore, evitar um lago.

Levou muito tempo e horas intermináveis de prática, mas agora tenho um pequeno círculo desenhado ao meu redor, e a linha superior bate no bico do meu sapato. É preciso ter muita força de vontade para manter a podridão contida em uma área tão pequena.

Certos feéricos precisam trabalhar para expandir seu poder. Eu, não. Meu poder sempre quis transbordar de mim. Contenção e controle é que exigiram anos de prática.

Quando ficou claro o que minha magia realmente fazia, aquilo me assustou. Eu era um perigo para tudo e todos, e tinha muito medo do meu poder. Quando meu pai percebeu o medo, me arrastou para fora de casa. Levou-me para a cidade cheia de feéricos. Disse que eu deveria controlar aquilo ou teria todas aquelas mortes na consciência. Vomitei duas vezes durante o exercício e apodreci uma rua inteira, mas não matei ninguém. Não naquela ocasião.

Ele adora me obrigar a treinar com consequências. Diz que, de outro jeito, não é real. Então tive de aprender muito depressa, mas houve consequências.

As pessoas que celebravam na cidade não iam me querer lá, mesmo se eu pudesse ir. É o que acontece quando você apodrece alguém diante delas. Mesmo que eu tenha conseguido recolher meu poder para garantir que os feéricos vivessem, a cidade nunca esqueceu.

Meu pai pode ser conhecido como o Quebrador, mas eu sou o Podridão.

Para piorar, nunca posso esconder quem sou. Posso até esconder os espinhos, mas as linhas podres que descem por meus braços e sobem pelo meu pescoço são um lembrete constante.

— Concentre-se — meu pai se irrita, mantendo os braços para trás conforme caminha por fora do círculo.

— Estou concentrado. — Ranjo os dentes, à medida que linhas de podridão se contorcem sob meus pés. A grama está morta, o solo ressecou e endureceu, como se qualquer coisa viva tivesse murchado e morrido.

O restante da paisagem está mudando gradualmente para o inverno, mas, mesmo assim, as colinas ainda têm trechos de grama, as árvores retêm as últimas folhas. Se minha podridão se espalhasse, não haveria nada de gradual nisso. Não haveria progressão natural da vida para a morte ou o ciclo de renascimento da natureza.

Haveria apenas uma praga.

Com o pé, meu pai desenha outro círculo, concêntrico ao menor, em volta do meu corpo.

— Coloque a podridão entre os dois.

Assinto, me concentro, encaro os meus pés e projeto a podridão para longe de mim. Eu a empurro para o outro lado da linha, e sinto o suor escorrendo na testa com o esforço que faço para mantê-la contida naquele espaço.

Meu pai balança a cabeça em sinal de aprovação. Houve um momento da minha vida em que eu teria ficado em êxtase com isso. Mas já passei muito desse ponto.

Eu o odeio.

Mesmo que nunca mais o tenha visto bater na minha mãe desde aquele dia, sete anos atrás, eu me lembro.

Observo.

Minha mãe tão linda, gentil e forte, arrancada de seu mundo e desprezada por todos os feéricos, tem de suportar um tirano, e ainda assim consegue amar seus filhos. Encontrar momentos para sorrir.

Aprendo isso por ela. Não por ele.

Aprendo para um dia poder ser forte o suficiente para tirá-la de perto dele. Para poder levá-la para algum lugar em Annwyn onde ninguém ouviu falar do Quebrador. Onde ninguém odeia oreanos. Onde podemos ser felizes e livres. Mas, para isso, preciso aprender a ser forte. E quem melhor para me ensinar do que a pessoa que eu quero derrotar?

— Mais força na parte de trás, Slade.

Espio por cima do ombro para identificar de onde o poder está escapando, mas ele estala os dedos.

— Olhe para a frente. Você não precisa olhar para saber onde ele está.

Meus dentes se encontram novamente. Mas em vez de abrir a boca e dizer alguma coisa que vai aborrecê-lo, fecho os olhos e sinto o poder. Mesmo que a magia seja externa, aprendi que posso senti-la dentro de mim. As veias podres sob minha pele são as mesmas que as linhas podres que projeto no chão. No entanto, mesmo que eu consiga sentir, isso não significa que o poder sempre queira me ouvir.

Meu pai desenha outro círculo, e depois outro, e depois outro. Ordena que eu faça muitas coisas novas que nunca tentei antes, como dirigir metade da podridão para um trecho e a outra metade para outro, espalhando-a em direções opostas. Deixo seca e morta a grama antes exuberante, e rachaduras aparecem na terra. Apesar do ar frio, começo a pingar suor, e meu corpo treme com o esforço físico e mental.

— Você está relaxando — ele avisa, com um suspiro. — Controle-se, Slade. Por acaso você é um feérico comum para ficar perdendo a cabeça com tanta facilidade? Ou vai ser digno do sangue em suas veias podres?

— Estamos fazendo isso há horas — respondo, mas tomo cuidado para manter o tom neutro. O sol está se pondo, e algo sobre estar aqui sem sua luz faz tudo parecer mais difícil. — Estou cansado.

Meu pai rosna ao ouvir essa palavra. Mesmo que ele tenha centenas de anos e seja ainda mais velho que minha mãe, as únicas rugas em seu rosto são as linhas cavadas entre as sobrancelhas e dos dois lados da boca virada para baixo.

— Você está cansado — ele debocha, praticamente cuspindo.

Sinto o desânimo, porque sei o que está por vir. Mal tenho tempo para piscar, ele estala um dedo na minha frente e o chão treme, se divide, quebra.

Cambaleio e quase caio quando o tremor cede. O chão se quebra em círculos perfeitos, exatamente onde ele desenhou as linhas para mim. Fendas na terra me cercam, criando a impressão de que poderiam descer até o centro do mundo e esfarelar sob meus pés.

Mas ele não terminou a exibição.

Com outro estalar de dedos, faz a árvore atrás de nós se partir ao meio, um tronco enorme que se quebra como um galho e cai com um estrondo.

O chão mal havia parado de tremer quando ele ergue a mão de novo.

Estalo.

Há um som muito alto, mas não processo que ele não brota apenas do meu pai, e sim de mim. Simples assim, ele quebrou o osso do meu dedo exatamente como fez com a árvore.

Eu grito, e meus joelhos se chocam contra o chão, levantando uma nuvem de poeira enquanto seguro minha mão, que queima de dor. Meu pai me fita sem mudar de expressão, ao passo que tento não vomitar.

Todos os espinhos brotaram em meu corpo e rasgaram a camisa, embora, pelo menos, não me façam sangrar mais. Eu o encaro do chão e tremo com o choque da dor, mas não verbalizo nada. Nada. Porque não vou pedir. Não vou implorar.

Ele me deixa ficar naquele limbo agonizante por vários e longos segundos. Depois estala o dedo novamente, me fazendo estremecer. E tão rápido quanto o som, a fratura no osso desaparece. Assim como a quebra na árvore. E as rachaduras no chão.

Meu peito arfa quando olho para ele, e meu pai inclina a cabeça e examina meu rosto com uma expressão indecifrável. Depois abaixa o olhar, segura meu queixo, e seus dedos são ainda mais frios do que o poder que corre em minhas veias. Ele vira minha cabeça para o lado de um jeito brusco. Toca um lado da minha bochecha.

— Interessante — ele murmura, antes de me soltar. E me fita com grande satisfação. Não gosto nada disso.

— O quê? — pergunto, e levanto a mão para coçar o ponto que parece estranhamente irritado. Mas não é um toque suave. O osso não está mais quebrado, mas os nervos ainda gritam e espalham ondas confusas de dor.

Em vez de responder, ele diz:

— Controle. Meu pai me ensinou, e eu vou te ensinar, e você vai aprender.

Engulo em seco, mas toda a podridão se esgotou em minhas veias, todas as linhas no chão atrofiaram.

— Agora recolha esses espinhos ou vou prendê-los na parede da mansão e deixar você lá pendurado até aprender.

Ranjo os dentes.

Cerro a mão dolorida.

Sinto uma linha fina de sangue escorrer da sobrancelha.

Olho para o Quebrador e sinto ódio.

Um dia, *penso.* Um dia isso vai se inverter, eu vou te quebrar.

Mas até lá, vou aprender a me controlar.

26

AUREN

Estou sendo cutucada.

Cutucada no braço enquanto tento dormir. Não *quero* ser cutucada enquanto tento dormir. Digo exatamente isso, mas as palavras saem abafadas, porque meu rosto está escondido no travesseiro.

A resposta é uma risada, e isso me faz abrir os olhos. Slade está parado ao lado da cama, mas afastou a mão que me cutucava. Sujeito esperto.

— Já é noite? — pergunto, grogue, esticando as pernas para me sentar.

— Não. É mais ou menos meio-dia.

Olho para ele assim que coloco os pés no chão.

— Que bom, ainda tenho tempo. — Volto a me deitar.

A porcaria da mão cutucando meu braço me impede.

— Na verdade, queria que você se levantasse agora.

Eu o encaro.

— Para quê?

— Treinamento.

Franzo a testa.

— Eu treino com Judd à noite.

Sua expressão é indecifrável.

— Você não vai treinar com o Judd.

Agora Slade prendeu minha atenção, e nossos olhares se encontram.

— Eu vou treinar com você.— Não é uma pergunta, mas ele assente, eu balanço a cabeça. — Ainda não posso.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Por que não?

Desculpas se acumulam no fundo da minha garganta como se ali houvesse uma barragem recém-construída, até que eu me sinto secar. Resisto de maneira automática, e a ansiedade forma ondas que se chocam contra essa barreira interna. Mas então minhas palavras determinadas passam por pequenas rachaduras e chegam aos meus ouvidos.

Da próxima vez que alguém tentar me usar e me controlar, quero estar pronta.

Foi isso que eu disse a Judd.

Quero dominar minha força no nível físico e no da magia.

Foi o que eu disse a Slade.

Não posso fazer essas coisas se não aprender a controlar minha magia. Por isso engulo em seco, tentando represar o medo que me inunda.

— Tudo bem.

O orgulho ilumina seu rosto.

— Então se apronte e vamos.



Cada passo que me distancia da Gruta é marcado por nervosismo intenso. É uma tensão que envolve os ossos, atravessa o peito e entrelaça tão completamente todo o meu corpo, que cada passo é rígido de apreensão.

Esta é a primeira vez que saio da Gruta. Meus olhos ardem quando saímos da caverna e encontramos a luz velada do dia, e uso a mão como um escudo acima dos olhos enquanto aprecio a paisagem invernal. A boca da caverna foi limpa, há uma trilha estreita de pedra visível sob uma camada de areia e sal.

— Por aqui.

Sigo Slade para fora e para a direita, onde percorremos outro caminho limpo. Embora a tempestade tenha passado, o céu permanece encoberto, e um vento leve irrita minhas bochechas. Esta faixa de Poçomorto apresenta uma margem de neve plana e uma elevação progressiva de montanhas à direita. Uma delas se inclina ligeiramente como uma onda, e uma formação rochosa que se projeta do meio dela nos mantém em uma sombra perpétua.

Colo os braços ao corpo e enfio as mãos nos bolsos à medida que subimos uma leve inclinação ao redor da base da montanha.

— Estamos quase chegando — ele me diz quando percebe que respiro com mais dificuldade. — Aqui é longe o suficiente de tudo.

Isso me dá um pouco de paz de espírito, mas, mesmo assim, estou muito nervosa com o treinamento para sentir conforto de verdade. Poderíamos caminhar até o pico desta montanha, e não tenho certeza de que seria longe o suficiente.

Slade cutuca meu braço.

— Vai ficar tudo bem, Auren.

Agradeço pela garantia, mas não tenho a mesma certeza.

— Você me viu no salão de baile. — Eu o lembro, com um tom mais duro do que pretendo.

— Vi — ele responde. — E isso me mostrou o quanto você é incrivelmente poderosa e forte. O que significa que você pode dominar o seu poder.

Fecho a boca, encaro o chão e sinto a ansiedade crescer.

— Preste atenção. O caminho fica um pouco mais íngreme a partir daqui.

Ali a neve acumulada é mais alta e não há uma trilha discernível, mas não é tão alta quanto à esquerda. Damos só mais uns passos, quando alguém chama atrás de nós.

— Majestade!

Paramos e viramos para trás ao mesmo tempo. Um homem se aproxima, apressado. Ele veste um casaco grosso com uma gola de pele que protege todo o pescoço, e em seu braço tem um grande falcão mensageiro cujo peito é pontilhado de manchas marrons e brancas.

— Creio que a mensagem é para Vossa Majestade.

O homem olha em minha direção e se espanta ao se deparar comigo. Tento sorrir, mas ele desvia o rosto com agilidade.

Assim que Slade se aproxima, o pássaro emite um ruído estridente e estende uma das patas. Slade acaricia seu pescoço, pega o recipiente preso ao animal, desenrola o pergaminho e lê a mensagem. Está um pouco mais longe de mim, de perfil, mas vejo a ruga lhe surgir na testa. Aproximo-me com uma sensação de desconforto cada vez maior.

— O que aconteceu? — indago ao parar atrás dele.

Seus ombros ficam tensos, mas só por um momento.

— Nada — Slade responde, e guarda a mensagem no bolso. Depois olha para o homem conforme afaga a ave mais uma vez.

— Obrigado, Selby.

— Por nada, Majestade. O que devo fazer com ele?

— Deixe-o descansar no Poleiro. Não preciso dele agora.

O homem assente e se afasta com o pássaro, desaparecendo encosta abaixo.

— Tudo bem? — questiono ao fitar Slade.

— Claro — ele responde com tranquilidade. — Vamos?

E retoma a caminhada antes que eu continue a falar. Hesito por um momento e quase pergunto diretamente o conteúdo da mensagem, o que acalmaria minha curiosidade, mas me contenho quando um pensamento me ocorre.

Tenho o direito de perguntar a ele esse tipo de coisa?

Sem dúvida, ele teria dado as informações espontaneamente, se quisesse. Eu não deveria ficar magoada por ele não o ter feito.

Slade provavelmente recebe e envia muitas cartas todos os dias, faz parte da rotina de um rei. Eu não deveria me incomodar tanto com isso. Como já dissemos, ainda temos de trabalhar muito para descobrir todas as camadas um do outro.

Caminho atrás dele com a atenção fixa em suas costas, à procura de ignorar esses sentimentos bobos. Afinal, ele é um rei, e isso é algo que continuo a esquecer. Ele é um rei, e eu...

Estou prestes a fracassar terrivelmente no uso de magia.

Aí está a origem dos meus pensamentos perturbados. Eu não disse nada a ninguém, não me permiti nem pensar nisso de verdade. Mas a questão é que meu ouro não está funcionando direito. Não só isso, mas eu matei pessoas com ele a torto e a direito, sem instante algum de hesitação.

E se eu fizer isso de novo?

Quando Slade enfim me conduz para fora do caminho em direção a uma caverna, estou tão imersa nos pensamentos que nem sequer me dou conta do espaço até quase pisar no chão manchado de ouro.

Respiro fundo e analiso de uma ponta à outra da caverna. Eu a reconheço no mesmo momento. É onde acordei pela primeira vez. Onde pisquei e já estava em movimento, com o poder correndo nas veias.

Tarde demais, percebo que estou de frente para o ouro endurecido que salpica as paredes e o chão, perdido nas próprias camadas finas, enquanto Slade me observa.

Pisco algumas vezes e me controlo, forço uma expressão indiferente.

— Vamos treinar aqui? — pergunto e, embora tente mantê-la firme, minha voz expressa o peso do que me aguarda.

Slade me estuda por um momento antes de abaixar a cabeça.

— Vamos — ele responde, e seu tom insinua algo que não consigo captar.

O nervosismo e a ansiedade, aqueles cordões retorcidos que me prendem, se tencionam ainda mais, apertam minha garganta e me impedem de engolir.

Slade se afasta alguns metros, ajoelha-se exatamente onde uma onda de ouro congelou e desliza um dedo sobre a crista endurecida.

Não sei por quê, mas sinto um arrepio. Ele arqueia uma sobrancelha.

— Está com frio?

— Não.

Ele se levanta novamente e tira o casaco, mas antes que eu possa repetir que não estou com frio, Slade o coloca no chão.

— Venha se sentar.

Hesito por um momento, mas meus pés me levam até ele e eu me sento sobre seu casaco, em cima das pernas.

Ele também se senta e, embora estejamos a meio metro um do outro, a distância parece irrelevante. A presença de Slade, a atenção dele em mim, isso sempre consumiu o espaço entre nós.

— É dia — ele comenta, apontando para a abertura da caverna e para a luz natural. — Seu poder sempre foi incontrolável durante o dia, certo?

— Certo. Normalmente, assim que algo toca minha pele durante o dia, o ouro começa a fluir. — Olho para a calça e as luvas pretas que me cobrem. — Mas desde que acordei, é diferente. Nada foi tocado de ouro.

— O que você sente?

A preocupação me toma de assalto, e elevo a mão como se pudesse ver o que se esconde ali dentro, enquanto flashes de memória daquela noite em Ranhold desfilam atrás dos meus olhos, cena após cena como em um filme.

Escondo rapidamente as mãos sob as pernas.

— Nada. Não sinto nada.

— Tente dourar a rocha.

Com movimentos cautelosos, tiro a luva e pressiono a palma da mão contra a pedra saliente à esquerda. Deveria ser instantâneo. O ouro devia verter de mim de imediato.

Mas não é o que acontece.

Slade inclina a cabeça.

— Você está tentando?

Olho para ele.

— Como assim? Estou tentando, sim.

— Tem certeza? Porque você diz que seu toque de ouro sempre foi incontrolável durante o dia, mas podia controlá-lo, até certo ponto.

— Do que está falando? Claro que não podia.

— Mas controlou — ele argumenta. — Você podia dourar as coisas para que fossem apenas banhadas a ouro. Ou podia torná-las maciças. Lembra do casaco que usou? Você conseguiu controlar sua magia e dourar apenas o forro interno, sem que o ouro se espalhasse. Você exerceu o controle.

O comentário me surpreende.

— Eu... nunca pensei no assunto dessa maneira.

— Você sempre teve controle. Só precisa aprender a usá-lo. Acho que está com medo. Acho que está se segurando, e é por isso que o ouro não aparece: porque você o está bloqueando.

A raiva corre em minhas veias, fazendo a mente tropeçar.

— Não estou.

— Auren... — Não me interessa quanto ele ainda persista na atitude calma. Esse tom me sacode até os ossos. — Eu te conheço.

— Talvez não — retruco com muito mais eloquência do que pretendia. Fico tão dura e fria quanto o ouro maciço, presa em meu próprio impulso. Eu me preparo para a reação e para o confronto.

Todavia, nem isso ele me concede.

Em vez disso, Slade me observa com aquele olhar verde e firme, com uma expressão que não revela nada.

— Talvez esteja errado — continuo, querendo ultrapassar aquela expressão fechada, quebrar a visão frágil que ele tem de mim e lhe mostrar a podridão interior. Provar que ele não a colocou lá. — O que temos são fragmentos e perguntas não respondidas. Portanto, não fique aí sentado se fazendo de superior e agindo como se soubesse de tudo, porque você *não sabe*.

Nem *eu* sei tudo de mim.

Essa é a farpa presa no meu peito e que não pode ser arrancada.

Minha magia mudou tão completamente que estou aterrorizada com isso. Minhas fitas sumiram. Como folhas arrancadas de uma videira. E eu...

— Não sou a mesma pessoa que era quando entrei em Ranhold.

— É verdade — ele admite. — Mas ainda te conheço.

Minha risada soa frustrada e seca.

— Você perdeu o juí...

— Vamos falar sobre aquela noite.

Minhas palavras são interrompidas. Meu coração também para. Eu o sinto preso na garganta.

— Não precisamos falar sobre aquela noite. Nós dois estávamos lá.

Uma expressão de tristeza frustrada surge em seu rosto.

— Converse comigo, Auren.

— O que você quer que eu diga? — pergunto. Estou de pé antes de perceber que me levantei. — Isso aqui... — Gesticulo e mostro a caverna, bem como todo o ouro que não sinto ser meu. — Isso não faz sentido. Aquela noite em Ranhold não faz sentido. Meu ouro não está funcionando direito, e o que fiz naquela noite... Eu nunca deveria ter sido capaz de fazer aquilo.

— E o que você fez? — ele insiste, e cerro os punhos porque eu...

— Eu *matei*. — Isso é o que ninguém está dizendo. O que não fui capaz de enfrentar. — Como fiz aquilo? Senti meu poder me deixar quando o sol se pôs — continuo, e me ponho a circular pela caverna, contornando as manchas solidificadas. — Eu não deveria ter conseguido usar nenhuma porção do meu poder, mas isso... — Paro e observo o chão. — Alguma coisa dentro de mim simplesmente se abriu.

— Precisava acontecer.

Minha cabeça treme, a voz falha e minha raiva vibra.

Porque não estou com raiva dele. Estou com raiva de *mim*. E é mais fácil preservar essa raiva do que sentir qualquer outra coisa, porque não sei como navegar em outras paisagens emocionais. Elas são escuras, aterrorizantes e rochosas, e me sinto perdida ao tentar atravessá-las.

Odeio meu tom ressentido. Odeio como a primeira coisa que faço é tentar afastá-lo por causa de algum sentimento, como se fosse perdê-lo de qualquer maneira.

— Sinto muito — digo. Meu tom é sincero. Eu baixo a guarda, abandono a rispidez que ele não merece, e revelo a verdade. — Eu me tornei uma fera. Matei muitas pessoas naquela noite, e posso fazer isso de novo. E se eu me tornar completamente feérica aqui? — pergunto. — E se eu perder o controle e dourar todo o Poçomorto, e você não puder me impedir? Eu me lembro do que fiz naquela noite, e também me lembro do que aconteceu antes daquilo. Como

eu estava naquele mezanino. Confusa e desamparada. Eu me sentia com raiva e sozinha, e finalmente te encontrei...

Os olhos de Slade são uma noite vazia e sem estrelas.

— Quero que você me pergunte, Auren.

Franzo a testa.

— Perguntar o quê?

— Quero que faça as perguntas que estão na sua cabeça desde que acordou. Eu mereço ouvi-las. Você tem esse direito. Uma em particular. Então *me pergunte*. — Seu olhar é sombrio e o tom é duro. Mas não com a hostilidade que eu tentava provocar. Não é raiva. É *angústia*.

Respiro fundo. Porque sei no mesmo instante a que ele se refere.

Tem uma pergunta queimando no fundo da minha mente. Sinto o gosto de cinzas na língua, o chamuscado de sua presença descendo pela garganta.

Tudo entre nós se torna muito *pesado*. Tenso. Um ponto perigoso onde não há lado macio no qual cair. Quanto mais tempo permaneço em silêncio, mais o sofrimento se estampa no rosto de Slade. Mas a questão continua a queimar. Ela fumega em minha cabeça, espalhando chamas em minha alma.

— Pergunte.

Uma lágrima. Uma lágrima escapa, tão quente que eu não me surpreenderia se deixasse em meu rosto um rastro de fumaça.

Mas eu pergunto.

Eu o encaro nos olhos, sinto uma angústia equivalente à dele e, faço a pergunta que não queria fazer:

— Onde você estava?

Quando fui drogada.

Quando fui empurrada para dentro daquele quarto com Digby.

Quando minhas fitas foram cortadas junto à minha alma.

Quando fui mantida naquele mezanino, confusa e perdida.

— Pensei que fosse me encontrar. Mas não foi. — Minha voz é sufocada, trêmula, e cada palavra proferida o faz contrair mais o rosto. — Então, onde estava?



27

SLADE

Onde você estava?

É assim que ela fala. Com um leve tremor na garganta, tão sutil que qualquer outra pessoa não o teria notado. Mas não eu. Faço questão de notar tudo em Auren. Por isso a escuto — a dor dela. E sei que, quando comecei a pressioná-la para que fizesse a pergunta, coloquei-a no caminho para aquela noite. Uma noite em que ela não quer pensar, tenho certeza, e quer muito menos discuti-la. Mas precisamos falar sobre o assusto.

Auren me encara com firmeza. Com os olhos dourados brilhando quase tanto quanto os veios azuis espalhados pela caverna.

— Pensei que fosse me encontrar — diz, e a confissão sangra de sua língua como uma ferida. — Mas não foi.

Fui espancado. Esfaqueado. Mantido submerso até meus pulmões queimarem. Fui rasgado pela fúria de meu poder, a ponto de sentir que a pele era arrancada do meu corpo.

Mas nada disso doeu tanto quanto ouvir essas palavras da boca de Auren.

A culpa é uma coisa física. Culpa nem é uma palavra forte o bastante para descrever o que sinto, o que carrego.

Como se não fosse o suficiente tê-la *apodrecido*, eu a decepcionei. De alguma forma, isso é muito pior.

Durante toda a sua vida, pessoas a decepcionaram. Muitas e muitas vezes, Auren depositou confiança em pessoas que a desapontaram. E naquela noite, quando precisou de mim, foi exatamente o que fiz.

Eu a desapontei.

Minha mente volta àquela noite. A noite antes de toda aquela merda. Ela saiu da minha tenda com um sorriso discreto nos lábios carnudos, e tudo que eu queria era puxá-la de volta e devorá-la de novo.

Era o que eu devia ter feito.

Se tivesse segurado sua mão e lhe pedido que ficasse... Se não tivesse deixado Auren voltar para aquele castelo...

Quando Hojat cuidou dela, vi o estado de suas costas...

Meu peito fica apertado. As fitas. Suas fitas lindas, feéricas, sem precedentes. Sumiram. Foram arrancadas. Abandonadas em ruínas desfiadas e ensanguentadas.

Acho que nunca vou tirar essa imagem da cabeça.

Não é à toa que ela não suporta me deixar olhar.

— E aí, onde você estava? — ela repete. Apesar de eu ter buscado a pergunta, ainda me sinto atingido.

— Estraguei tudo. De todas as maneiras possíveis.

Os cenários continuam desfilando na minha cabeça. Se eu tivesse feito *uma* coisa diferente, talvez pudesse ter impedido aquilo.

— Lu me contou que a Rainha Kaila tinha ouvido a conversa entre vocês duas quando ela te acompanhou na volta do acampamento. Depois que a rainha foi embora, precisou passar por muitos guardas e dar uma volta enorme para tentar chegar ao seu quarto. Quando conseguiu, você estava dormindo. Ela ficou esperando nos corredores até o amanhecer, e então viu que você desceu para dourar por Midas. Esperou até ter certeza de que estava tudo bem, e então voltou ao acampamento para me contar o que havia acontecido. Ordenei que ela dormisse um pouco, porque parecia estar prestes a cair. Eu sabia que ela precisava descansar antes de sair para procurar Digby. Mandei Judd no lugar de Lu, mas ele voltou de mãos vazias.

Auren ouve com atenção, e é como se eu pudesse ver sua cabeça misturando minha linha do tempo e a dela.

— Tentei avisar Mist... a montaria que está grávida de um filho de Midas — ela me conta. — Tentei preveni-la contra a Rainha Kaila, mas ela não quis me ouvir. E depois disso, eu ia sair escondida para te contar o que tinha acontecido, mas Midas chegou querendo que eu usasse minha magia. Propus um acordo.

Adivinho imediatamente.

— Digby.

Ela assente.

— Fui uma idiota.

— Não, Midas era um monstro.

Auren abaixa a cabeça.

— Usei magia o dia todo. Pensei que ele de fato me deixaria ter Digby de volta. Não é a definição perfeita de idiotice?

Odeio ouvir a amargura em seu tom de voz, porque é dirigida a *si* mesma.

— Auren...

— Continue — ela me interrompe.

Engulo o que ia dizer e assinto. Se Auren quer que eu continue, é o que vou fazer.

— Na noite em que você e eu deveríamos ter nos encontrado na biblioteca, entrei pelo portão de Ranhold. Lu estava comigo, pronta para procurar Digby.

Eu me obrigo a ir direto ao ponto, sem rodeios e sem pausa. Porque, embora não tenha verbalizado isso em voz alta, na minha cabeça já revi, mais vezes do que consigo contar, os acontecimentos que antecederam o momento em que encontrei Auren.

— Ryatt deveria estar lá esperando por nós, mas não apareceu. Não demos muita importância, porque não é incomum que se atrase. Entramos, mas em vez de seguirmos cada um seu caminho, fomos abordados por Midas na entrada.

— O que ele queria?

Contraio o maxilar e ranjo os dentes.

— Ele me levou para uma porra de *reunião*. Estava tentando ganhar tempo. Na hora, eu não sabia que era isso. O que eu também não sabia era que havia problemas com os moradores do povoado perto do acampamento do nosso exército, e Judd e Osrik estavam cuidando disso. Lu não conseguiu encontrar Digby, e depois descobri que Midas tinha detido Ryatt.

Auren arqueia as sobrancelhas em uma reação surpresa.

— Ele o prendeu?

— Só descobri mais tarde.

Percebo quando a compreensão ilumina seus olhos.

— Ryatt foi detido por minha causa. Midas pensou que ele e eu...

— Ele disse que Ryatt tinha tocado algo que não pertencia a ele — confirmo, e sinto a tensão aumentar em meu rosto. — Quando saímos da reunião inútil sobre a aliança falsa e a porra dos acordos comerciais

mentirosos, já era muito tarde, e como o baile aconteceria no dia seguinte, o castelo estava movimentado. Havia criados e guardas por todos os lados. Demorou um tempo, e tivemos de subir ao meu quarto primeiro, mas depois Lu enfim conseguiu sair para procurar Digby, enquanto eu ia à biblioteca. Sabia que você não estaria lá, porque já era muito tarde, mas quis ver se havia um bilhete ou alguma indicação de que tinha estado lá.

Ouço o ruído de deglutição quando ela engole em seco.

— Não encontrei nada — concluo, e espero, sentindo que estou perto do limite. Porque havia deduzido os acontecimentos da melhor maneira possível com os outros, mas agora finalmente ouviria essa história de seus lábios.

— Não fui à biblioteca — ela revela, em voz baixa e, quando levanta a cabeça, seu olhar é distante, como se rememorasse os eventos em Ranhold.

— Tentei ir ao seu quarto, mas havia muitos guardas. Não quis que Midas acabasse descobrindo. Já sabia que a situação era precária com a Rainha Kaila — acrescento.

— Eu nem estava lá — Auren conta. — Ou talvez já estivesse de volta, não sei. Se estou traçando a linha do tempo corretamente, Midas já tinha... — Ela engasga com a emoção e precisa limpar a garganta antes de continuar. — Já tinha acontecido. Talvez eu já estivesse no meu quarto de novo, não sei. Estava muito atordoada.

Minhas costelas parecem ter sido acorrentadas. Não existe nenhum elo frouxo que me deixe respirar.

— Não ouvi a porra do instinto — confesso, demonstrando toda a raiva que sinto de mim mesmo. — Tentei te ver de novo. *Senti* que tinha algo errado, mas Midas me distraiu. Antes que eu chegasse ao seu quarto, ele chamou todos nós para mais reuniões antes do baile. Fiquei tão preso à situação que nem percebi a merda toda acontecendo ao redor. Só quando Lu apareceu e fez um sinal, percebi que o tinha encontrado.

— Digby? — Auren pergunta.

— Não. Ryatt. Lu estava procurando Digby, mas encontrou meu irmão em uma cela. Ryatt contou para ela que tinha visto Digby ser entregue a outra equipe de guardas. Tivemos de esperar o baile começar para tirar Ryatt de lá, e aí, enquanto ela distraía os guardas e os levava de volta ao baile, Ryatt resgatou Digby.

Auren processa tudo com um aceno lento de cabeça.

— Vai me contar o que aconteceu? — pergunto, apesar de odiar a dor que isso provoca nela.

— Ele me drogou.

A declaração me incendeia por dentro. Meu peito parece prestes a se rasgar ao meio, apesar das correntes.

— *Ele fez o quê?*

Auren faz uma pausa ao registrar o horror no meu tom, olha para os espinhos que rasgaram minha camisa e se exibem como as presas de uma fera furiosa, rosnando.

— Como eu disse, fui uma idiota — ela continua, e dá de ombros. — Deixei que ele me levasse lá embaixo, e Midas *realmente* me levou para ver Digby. Essa foi a única coisa honesta que ele fez. — Lágrimas começam a descer por seu rosto. — Digby tinha sido espancado. Quando o vi, pensei que estivesse morto. E fiquei *furiosa*. Quis machucar Midas. Despertar nele a mesma dor que Digby sentia. Mas ele me segurou contra a parede e... e...

Meu peito arfa.

— Auren...

— Ele cortou minhas fitas. Uma a uma. Eu senti *tudo*. — Ela tenta não chorar, mas o soluço se espreme pela garganta, e meu peito fica tão apertado que não consigo respirar. — Doeu. Doeu *muito*.

Onde você estava?

Não apenas a desapontei. Permiti que ela fosse completamente destruída.

— Depois disso eu apaguei... de dor, por causa do orvalho, ou as duas coisas. Acordava, mas só por alguns instantes, e quando acordei de fato, me deram mais orvalho. Depois disso não me lembro de mais nada. Só fragmentos.

Meus dentes doem em razão dos caninos afiados que se projetaram, a face coça com as escamas que sei que agora me enfeitam. Durante todo aquele dia antes do baile, tive a sensação de que garras rasgavam meu estômago. Mas naquela noite, enfim, como se um ímã me atraísse, eu a vi. Lá em cima, naquele mezanino. E embora ainda não soubesse de nada disso, embora houvesse centenas de pessoas entre nós, pude *sentir*. Vi sua aura errática e agitada.

Pensei que fosse me encontrar. Mas não foi.

Eu devia ter apodrecido a porra do salão de baile inteiro ali mesmo, naquele momento.

O ódio que sinto de mim é tão intenso que os espinhos latejam contra a coluna como se quisessem me rasgar ao meio.

Auren inspira profundamente e, por um segundo, presumo que está apenas recuperando o fôlego, mas quando noto que abaixou a cabeça, acompanho a direção de seu olhar até meu braço. Meu braço, onde os espinhos pulsam e fios de sangue brotam na pele rasgada.

Acho que isso explica por que minhas costas parecem arder em chamas, embora a sensação não seja nada se comparada à dor devastadora em meu peito.

— Nunca vi isso acontecer.

Balanço a cabeça, distraído.

— Não acontecia há muito tempo.

Quando a encaro de novo, linhas cintilantes desenhadas pelas lágrimas secam em seu rosto. Lágrimas que jamais deviam ter sido derramadas. Não se eu tivesse cumprido meu dever e a protegido, como prometi.

O desgosto me consome, e cerro os punhos.

— Onde eu estava? — Suspiro, e os olhos dela encontram os meus. — *Eu não estava lá, porra.*

Não estava lá.

Enquanto Auren esgotava sua magia.

Enquanto era *drogada*.

Enquanto ficava frente a frente com Digby, surrado e ensanguentado.

Enquanto era empurrada contra a parede e mutilada.

Mesmo assim, ela desceu daquele mezanino, abriu caminho em meio a uma multidão e se colocou na *minha* frente à procura de enfrentar Midas, me assumiu diante de todo mundo e agiu como se estivesse pronta para enfrentar o mundo a fim de me proteger.

E eu...

Eu não estava lá, porra.



28

AUREN

Estou aqui sentada sobre o casaco grosso, com a luz acinzentada do dia às minhas costas, e tudo que posso fazer é encarar o homem à minha frente.

Se a aflição fosse uma pessoa, seria ele. Com uma expressão atormentada, Slade passa a mão na cabeça e puxa de leve o cabelo.

Eu não estava lá, porra.

O jeito como ele disse isso me fez perceber que a declaração era como punhos cerrados castigando sua cabeça, reverberando nela como um eco maldoso.

Observo os espinhos em seus braços e o sangue que verte da pele rasgada. Nunca vi nada parecido nas outras vezes em que ele se transformou. Mas também percebo que não se trata de uma transformação normal. Quando ele me ouvia relatar o que aconteceu, seus espinhos emergiram em uma explosão violenta. A magia associada à metamorfose normalmente inofensiva não conseguiu acompanhar as emoções furiosas.

Mas me deparar com esse lado dele — ver Degola — é suficiente para me causar arrepio. Porque, embora ainda seja ele em qualquer forma, de algum modo *senti falta* dele. Esta é a versão que conheci primeiro. A versão em que confiei e por quem suspirei.

Olhos negros e torturados buscam os meus, e sinto um tremor ao notar sua aura pulsando em torno do corpo. Ela se move como uma sombra ofendida, a projeção de um tormento denso. Mas não é falsidade. Não é uma tática ou manobra. Ele não faz isso de propósito para me manipular e comandar minhas emoções. Na verdade, está se esforçando muito para *não* demonstrar emoção.

Vê-lo dessa maneira me faz questionar como algum dia olhei para Midas e acreditei em uma palavra sua. Se Midas demonstrava alguma emoção além de raiva, era sempre parte de um plano.

— Um pedido de desculpas seria raso e ofensivo — Slade diz, com esforço. — Odeio ter só palavras baratas para te oferecer. *Desculpe* é inadequado. — Ele balança a cabeça e enrijece os ombros, mas duvido que tenha a ver com os espinhos que brotam em suas costas. — Eu te decepcionei, completamente. Devia me odiar por isso. E eu não devia esperar seu perdão. Mas sou um merda egoísta, porque vou tentar merecê-lo mesmo assim.

Merecer. Não pedir.

Isso é muito inusitado e surpreendente.

— Degola...

— Se eu tivesse feito *qualquer coisa* diferente, algumas coisas poderiam ter sido evitadas. Eu devia ter percebido que havia algo errado quando Midas me abordou. Depois daquele encontro, devia ter ido diretamente ao seu quarto para confirmar se estava tudo bem. Antes disso, nunca devia tê-la deixado sair do acampamento. Devia ter te encontrado naquela cela de contenção e te salvado antes que ele pudesse te machucar.

— Mas Degola...

— Devia ter apodrecido aquele salão de baile desgraçado inteiro bem ali, sem pensar nas consequências, porque deixei o filho da mãe te *machucar*. Fiquei ali parado. Só fiquei ali, enquanto ele ameaçava te matar. Você devia me odiar para sempre, me culpar, porque falhei...

— Degola! — Minha voz estala como um chicote, interrompendo seu discurso. Slade se assusta e olha para mim. Quando tenho toda sua atenção, declaro: — Não quero nada disso.

Ele balança a cabeça em um sinal negativo e contrai o maxilar.

— Sei que não queria que eu apodrecesse ninguém. Mesmo depois de tudo que passou, você ainda desceu para *me* proteger. — Ele ri com amargura e desgosto, como se não merecesse o gesto.

— Não é isso que quero dizer. Estou *feliz* por você não ter interferido.

Slade recua como se eu o tivesse empurrado.

— O quê?

Noto a confusão em seu rosto.

— Como pode *não* ter desejado que eu interferisse? Eu te decepcionei...

— Não. Você̂ não entende? O problema era que eu estava decepcionando a mim mesma. Falhando comigo mesma.

Slade comprime os lábios, e um silêncio pesado recai sobre nós. Deslizo um dedo pelo chão da caverna.

— Não vou mentir e afirmar que não quis que você̂ aparecesse e me resgatasse naquele momento — admito. — Mas agora que tudo passou e eu enxergo os fatos de uma perspectiva melhor, fico feliz por você̂ não ter interferido. — Slade respira fundo, como se não esperasse ouvir isso. — Você̂ não falhou comigo. Eu falhei comigo. Por muitos anos. Teria sido mais fácil e menos doloroso para mim se você̂ tivesse aparecido? Sim. Mas a verdade é que eu precisava daquela última gota. Não lamento, porque eu precisava *perder a cabeça*. Precisava encontrar meu limite.

Passei a vida toda evitando esse limite, e ele foi doloroso, escorregadio e acidentado, mas o encontrei.

— Mas eu devia...

— Não — eu o interrompo. — Eu precisava fazer aquilo por mim. Sem ninguém para me resgatar. Sem ninguém lutando minhas batalhas. *Precisava* ser eu. Entende?

Há uma guerra de emoções em seu rosto. Percebo que ainda pensa que falhou, ainda odeia não ter estado lá. E entendo isso. Entendo mesmo. Mas...

Encontro seus olhos com os meus, para que ele enxergue a verdade.

— Eu precisava me salvar. Precisava ser eu por mim mesma.

Uma centelha gira em seu olhar, como se ele ruminasse pensamentos.

— E você̂ se salvou. Você̂ *conseguiu, caralho* — ele diz, e o orgulho se mistura a cada palavra. — Mas *odeio* que se sinta culpada. Midas teve o que mereceu. Ele foi o verdadeiro monstro. Não você̂. Se quer culpar alguém pela morte dele, pode me culpar, porque eu deveria ter matado o filho da mãe antes de ele te machucar. Mas não suporto que se arrependa...

— Espere aí — eu o interrompo outra vez, e levanto a mão.

Slade para de falar e continua me encarando.

De repente percebo essa última dificuldade que ele está enfrentando, o que ele esteve pensando durante todo esse tempo. Essa é a narrativa que foi recitada em seus ouvidos. Naquela noite eu lutava contra as lembranças, lutava contra a verdade sobre minhas fitas, sobre minha magia descontrolada, e o deixei processar isso sozinho.

Capturo diretamente seus olhos com os meus.

— Quero que me escute com muita atenção.

Ele se prepara, como um homem sem abrigo diante de uma tempestade torrencial.

— Foda-se o Midas.

Sua reação é de surpresa.

— O quê?

Grande Divino, como é bom dizer isso.

Ele balança a cabeça como se tentasse tornar as ideias mais nítidas, como se não acreditasse no que ouviu.

— Minha culpa tem a ver com os inocentes que acabaram sendo arrastados pela enxurrada. A insegurança tem a ver com a magia. Mas Midas? Não. Estou feliz por ter matado aquele desgraçado. — Meu tom é firme. — A única coisa que lamento é não tê-lo feito antes.

Slade continua ali parado, me encarando como se esperasse encontrar uma rachadura na mentira. Mas não vai encontrar nenhuma, porque cada palavra do que falei é verdade.

— Você está realmente feliz? — ele pergunta, hesitante.

Assinto.

— E aliviada. Nunca senti tamanho alívio antes. Só... acabou.

— O quê?

— A gaiola.

Slade não me pede para explicar, porque percebo em sua expressão que ele sabe exatamente a que me refiro.

— Ainda estou digerindo tudo isso.

— A morte dele? — ele pergunta.

Balanço a cabeça, em negativa.

— Não. A profundidade do controle que ele mantinha sobre meus pensamentos. Minhas decisões. Minha vida. Ainda me pego evitando pessoas, não só por causa do meu poder, mas porque ele nunca quis que tocassem em mim. Eu via as coisas de um jeito; Midas me dizia que esse jeito era errado. Eu sentia alguma coisa; ele me convencia de que eu era louca ou que estava exagerando na reação. — Tudo volta de repente. Muitos momentos sutis. Circunstâncias em que eu era cega demais para ver. Acuada demais por palavras persuasivas em um castelo suntuoso. — É *tudo* — explico. — As pequenas coisas. Como me tornei submissa. *Pisada*. Eu era só uma estrada para ele. Um meio para que chegasse onde quisesse ir, e pavimentei esse caminho

com ouro. Ainda tenho receio de nunca conseguir me livrar dele. E se eu nunca me curar de verdade das manipulações? E se o estrago que ele causou em mim nunca for desfeito?

Slade pensa em silêncio por longos instantes, antes de comentar:

— O trauma emocional que você sofreu vai levar tempo para ser superado, e você precisa saber quando é hora de ser generosa consigo mesma e quando tem de endurecer. Mas, se em algum momento duvidar, pare e ouça a voz na sua cabeça. Enquanto a voz for sua, não *dele*, você vai saber que está vencendo o filho da mãe.

Vencendo o filho da mãe.

Gosto do som disso.

— Para ser honesta, eu estava me preparando para sentir culpa, para me arrepender. Midas manipulou minhas emoções por tanto tempo que eu tinha certeza de que o estrago desse condicionamento acabaria se impondo. Mas o que ele fez comigo...

Pigarreio e desvio o olhar, levo uma das mãos ao bolso do casaco. Os dedos tocam o pedaço de fita, e o tecido acetinado é fonte de força para mim.

— Não sinto remorso, nem culpa — reconheço. — Só *raiva*. Raiva por ter permitido que aquilo se prolongasse por tanto tempo, por tê-lo deixado tirar tanto de mim. Sinto raiva de todo mundo que já me enganou ou me usou. E sinto raiva por não ter pensado antes em como me salvar. Não sei o que vou fazer com tudo isso dentro de mim, mas não tenho mais medo. Não sou esmagada por culpa ou arrependimento. Tudo que sinto é *raiva*.

Degola sorri.

— Ótimo. Use essa fúria para complementar a coragem.

Respiro fundo, e a fera feérica dentro de mim praticamente ronrona ao ouvir a sugestão.

— A raiva pode fazer muitas coisas — ele continua, tocando a ponta afiada dos espinhos. — Pode te afundar e te deixar amarga. Mas se você a virar do avesso, pode usá-la como degrau, como impulso para sua determinação.

— Está falando por experiência pessoal?

— Estou. Aprendi a usar a raiva a meu favor.

Fico intrigada pela ideia de que essa raiva intensa, guardada no fundo do peito, pode ter alguma utilidade.

— Então, não vai me dizer para superar e seguir em frente? Para trabalhar a raiva e me livrar dela?

— Nem fodendo. Vou te ensinar a *usá-la*.



29

AUREN

Não quero ser controlada pela raiva, afogada por ela, transformada em uma pessoa amarga e infeliz. Mas usar essa raiva de um jeito diferente? De um modo que me fortaleça? É, isso... isso eu posso tentar.

Sempre fui mais passiva na vida. Acho que passividade é confundida com fraqueza. Na verdade, é só mais um jeito de lidar com as coisas. Sobreviver. A reação mais segura que aprendi foi suportar. Deixar as coisas passarem. Agradar. Manter a paz. Regular constantemente as reações, os pensamentos e as emoções a fim de aplacar o tirano e convencê-lo a adorar uma forma mais branda de abuso.

Desde muito cedo, aprendi que minha raiva não era segura. Depois aprendi que era irracional. Depois, que era simplesmente errada. Eu sempre estava errada.

Foda-se tudo isso.

Minha maldita *mente* foi deformada, distorcida pelo molde dos propósitos de outra pessoa.

O abuso acontecia em tons de cinza. Alguns eram mais escuros e mais notáveis que outros. Alguns eu ainda nem notei, provavelmente. Não vou me curar disso da noite para o dia.

Mas... agora estou livre. Realmente livre. Pela primeira vez em vinte anos, tenho a chance de decidir quem vou ser e *como* vou ser. E não quero desperdiçar isso com *ele*. Quero amputar seus efeitos tão completa e meticulosamente quanto ele *me* amputou.

Então, se posso aprender a usar a raiva de um jeito que me leve adiante, em vez de me manter aqui, presa a um passado doloroso, é o que vou fazer.

Quando encaro Slade, vislumbro o reflexo de minha determinação.

— Quero que me ensine a usar a raiva — declaro. — Mas a realidade continua sendo que meu ouro não tem funcionado direito. — Contemplo minhas mãos. — Eu conseguia me ver usando o ouro como essa fera, esse meu lado feérico, mas não consigo invocá-lo desse jeito. Não tenho controle sobre ele nessa forma. E agora, não funciona de jeito nenhum.

Meu toque de ouro nunca exigiu muito esforço de mim. Na verdade, foi sempre o contrário. Eu precisava ser mais cuidadosa, me esforçar mais para ele *não* se manifestar.

Quando o deixei livre naquele salão de baile, poderia ter sido catastrófico. Por sorte, Slade me parou naquele momento, porque meu lado racional não tinha nenhum controle. Eu poderia ter matado Slade, a Cólera ou Digby. Meu ouro poderia ter escorrido para o restante do castelo e descido para a cidade, matando inocentes.

— Meu ouro não é digno de confiança. *Eu* não sou digna de confiança — anuncio, finalmente em voz alta, as mesmas palavras que fermentavam dentro de mim e que tive de engolir tantas vezes.

Slade franze a testa.

— Ter soltado as rédeas daquele jeito e se defendido, à medida que sua magia se expandia de uma forma que você nunca tinha sido capaz de utilizar antes, isso não é ruim, Auren.

Não sei como ele pode dizer isso. Por outro lado, ele apodrece pessoas. Provavelmente, não é o melhor juiz entre bem e mal.

— Apesar disso, não tenho dourado nada — respondo, e belisco a calça. — Nadinha, desde que acordei. Meu toque de ouro sempre foi involuntário. *Sempre*. Se tem sol, ele se manifesta, mesmo que eu não queira. Mas desde que acordei... nada.

Ele olha para mim por um momento, contemplativo, depois os olhos se movem em torno do meu corpo.

— Sua aura está forte. Mas magia física como a nossa é complicada. Por isso treinar é tão importante.

— Acho que minha magia está quebrada — confesso, com voz rouca. — Quando chamei o ouro para mim naquela noite, quando surtei e dei vazão à natureza feérica, fiz uma coisa com a magia que eu não deveria ser capaz de

fazer. Não sem me tornar totalmente feérica, pelo menos, e não posso ficar pirando daquele jeito o tempo todo. Porque o que fiz...

Minha voz fica presa na garganta. A língua áspera pelas lembranças que me atormentam.

Vejo flashes passando por minha cabeça, fragmentos. A torrente de poder que invoquei. As coisas que destruí.

As pessoas que matei.

Também ouço os gritos.

Por causa do que fiz. Porque perdi o controle.

Olhe o que você fez.

A voz repentina ecoa em minha cabeça como um assobio penetrante produzido por dedos combativos entre os dentes, um sopro que se choca contra meus ouvidos como uma bofetada.

Olhe o que você fez.

Recuo como se a pessoa falasse na minha frente, não dentro da minha cabeça.

— Auren?

Volto-me para Slade e percebo a linha de preocupação entre suas sobrancelhas.

— O que aconteceu? Para onde você foi?

— Nada. Lugar nenhum.

Ele me encara. E me analisa. Observa como se não olhasse apenas para os meus olhos, mas através deles. Como se enxergasse dentro da minha cabeça e visse aquelas lembranças rodopiando.

— Sei.

Meus ombros ficam tensos.

— Sabe o quê?

Degola se inclina para a frente.

— Sabe o que eu acho? — pergunta, em vez de me dar uma resposta. — Acho que você já explicou por que seu ouro não está funcionando.

— Do que está falando?

— Acabou de dizer que você *e* seu ouro não são dignos de confiança.

— É verdade.

Ele levanta um dedo e aponta para mim.

— E essa é a explicação. Porque suas emoções estão ligadas ao seu poder, Auren. E isso inclui medo da própria magia.

Meu coração bate mais depressa. Talvez seja imaginação, mas juro que seu olhar desce até a veia em meu pescoço, como se *até isso* ele observasse.

— Você tem medo do que fez em Ranhold — diz, e agora meu coração bate contra as costelas e meus olhos não piscam.

— É claro que tenho.

Ele se aproxima um pouco mais, e quero recuar, quero pôr a mão na frente do rosto para ele não poder me ler com tanta facilidade.

A necessidade de me defender surge dentro de mim como uma onda repentina.

— Eu não devia ser capaz de controlar o ouro daquele jeito, mas controlei, e por isso matei pessoas. Perdi o controle.

— Você não tem medo apenas do que fez naquela noite. Tem medo do seu ouro, não é?

A pergunta me atinge bem no meio do peito. Slade nem precisa da resposta.

— Não pode ter medo do seu poder, Auren. Sei que precisou tentar esconde-lo e suprimi-lo durante toda a vida, mas...

— Eu mal tinha controle antes, e agora tenho de me preocupar com a chance de me tornar uma fera feérica? Não tenho nem uma noite de descanso entre um e outro? — Suspiro, debochada. — Eu *preciso* ter medo disso, Degola. Porque quando perco o controle como perdi em Ranhold e em...

Fecho a boca e arregalo os olhos.

Slade inclina a cabeça.

— *Onde* perdeu o controle?

Não.

Não quero pensar nisso.

Nunca me permiti pensar nisso.

— Já perdeu o controle antes, Auren? — ele pergunta, em voz baixa.

Ranjo os dentes. Um calor incontrolável se espalha atrás dos meus olhos.

— Não quero falar sobre isso — respondo, e me levanto. — Aquilo não tem nada a ver com isso.

Slade me alcança antes que eu dê o terceiro passo. Segura meu braço e me obriga a virar. Odeio ver a preocupação em seu rosto, porque só me faz sentir pior.

— Minha magia não funciona. É só isso — insisto, determinada.

A adrenalina corre nas veias, meus membros formigam, a respiração fica mais rápida como se o instinto de fuga me induzisse a continuar. Mas Slade não solta meu braço. Estou presa aqui, incapaz de fugir dessa conversa.

— Não. Sua magia não parou de funcionar, Auren. Você tem mais habilidade que nunca, só a está bloqueando.

Sinto meus ombros tensos.

— Aconteceu alguma coisa com você, não foi? — ele pergunta, com tom suave. — Perdeu o controle da sua magia antes, e algo ruim aconteceu. E toda essa coisa em Ranhold está trazendo de volta algo do passado.

Meu peito sobe e desce depressa, mas tenho a impressão de que não existe ar em mim.

— Respire, amor — Slade murmura, usando as duas mãos para massagear meus braços com delicadeza. — E me conte o que aconteceu.

Balanço a cabeça, e sinto as lágrimas rolando por meu rosto.

— Não.

Não é uma resposta teimosa. É um apelo para ele não insistir no assunto. Vejo a compaixão em seu rosto, mas ele não cede. O filho da mãe *nunca* cede.

— Conte.

Estou desesperada, ainda ouço aqueles gritos e ainda me visualizo perdendo o controle. Antes e agora, aqui e lá.

Olhe o que você fez.

Fecho os olhos com força. Mas aquela única palavra que tentei enterrar muito fundo emerge. Como um pedaço de teto rachado que por fim desaba, caindo com um estrondo existencial.

— Carnith.

A palavra ecoa com a força de uma bofetada. Insubmissa, se libertando sem meu consentimento. Queria poder empurrá-la de volta para o recanto escondido, calar o som que reverbera entre nós. Eu não devia ter deixado escapar. Devia ter pego o que aconteceu em Ranhold e enterrado os dois acontecimentos bem fundo.

— O que aconteceu em Carnith, Auren?

Fico imóvel. Como as cordas de uma harpa dedilhadas de repente, emitindo um som sufocado.

— Não quero falar sobre Carnith.

— Acho que devemos falar — ele insiste. — O que aconteceu em Ranhold trouxe à tona o trauma da sua experiência em Carnith, e acho que essas duas

coisas estão reprimindo sua magia agora.

— Minha magia não é digna de confiança.

— Isso foi uma nova faceta do seu poder, um lado que você não tinha usado antes. Exige prática. Vai dominar tudo isso.

— Ou vou matar todo mundo. Como quase matei em Ranhold. Como em...

— Carnith — Slade conclui por mim.

Meu coração bate tão forte que me surpreende o fato de não arrebentar alguns vasos sanguíneos.

— Fale — ele me incentiva, com tranquilidade e um olhar suave e acolhedor. Como se não pudesse me julgar pelo que vou dizer, o que quer que seja.

Ele *deveria* me julgar por isso.

— Nunca toquei no assunto — admito, com um sussurro rouco.

Ele desliza um polegar por meu rosto.

— Quero seu passado, lembra? Lembranças e pensamentos. Conte, Auren. Quero ajudar.

Como posso recusar? Ele está aqui. Não está indo embora, por mais que eu o tenha afastado. Por mais que não o mereça. Desde o início, ele sempre viu cada parte minha.

Acho que chegou a hora de mostrar uma parte que ele não viu.



30

AUREN

Tive sorte.

Fico pensando só nisso. Penso muitas e muitas vezes. Escapei de Derfort Harbor. De Zakir. De Barden Leste. De ser a garota pintada, a montaria mais cara do porto.

Escapei, agi por impulso e entrei em um barco desconhecido capitaneado por uma mulher muito prática. A Capitã Mara foi leal à sua palavra. Ela me aceitou a bordo, e paguei minha passagem dia a dia limpando as tábuas manchadas de sal, enrolando cordas, esvaziando penicos e descascando vegetais.

Mas nada disso me incomodava. Porque significava liberdade. Significava fuga. Tive sorte.

Então, embora dormisse em uma rede com as mãos cheias de bolhas e o estômago revirando, estava mais feliz do que jamais estive em todo o meu tempo em Derfort Harbor. E depois de semanas de navegação, quando as bolhas se tornaram calos e meu estômago tinha aprendido a se manter firme a cada onda mais alta e vento de tempestade, o navio chegou ao Segundo Reino.

A Capitã Mara me pôs em um bote e remou até as docas, e até me deu uma moeda para eu guardar com as outras que levava na bolsinha costurada ao vestido. Ela ficou na minha frente na doca, onde os pios das gaivotas competiam com os gritos dos marinheiros, e guardou a moeda no bolso da blusa que me dera, dizendo:

— Você é péssima no mar. Melhor ficar em terra firme, entendeu, menina dourada?

E partiu com um cachimbo na boca, já gritando para a tripulação em meio ao movimento intenso.

E eu... eu estava no Segundo Reino, onde a areia era branca e o sol era ardente, onde não havia sequer uma nuvem no céu para despejar um dilúvio sobre a cidade. Era muito diferente de Derfort, mas ainda era um porto, e eu não queria ficar nem perto deles.

Encontrei a primeira passagem aparentemente segura na carroça de uma família, e tive sorte, porque aceitaram me levar para terem uma moeda a mais no bolso. Tinham dois bebês com quem eu poderia ajudar na viagem, e eu não precisaria me preocupar quando fechasse os olhos à noite.

Quando me despedi deles, segui viagem com três irmãs, e foi assim que continuei, com a sorte ao meu lado de cidade em cidade, sempre encontrando mulheres com quem viajar. As pessoas me olhavam com espanto, cochichavam, algumas se aproximavam e perguntavam porque eu tinha pintado a pele, mas era só isso, ninguém me incomodava, e, na primeira chance que tive, comprei um manto com um capuz bem grande.

Quanto mais penetrávamos o deserto, mais a paisagem secava, e praias e palmeiras davam lugar a serpentes e cactos na areia. Mas continuei avançando, na tentativa de me afastar do mar o máximo possível. Enquanto estivesse perto do oceano, teria a sensação de ainda estar muito perto de Zakir Oeste e Barden Leste.

Minha sorte começou a minguar com as moedas. Quanto mais me afastava do porto, mais as pessoas olhavam torto para uma estranha garota dourada viajando com elas. Tinha de pagar mais para que aceitassem me dar carona, e isso quando eu conseguia convencer as pessoas a falarem comigo. Quanto mais eu viajava, mais a paisagem do deserto e o calor se tornavam brutais.

Eu achava quente antes, mas ao menos sentia a brisa fresca do mar. Ali o sol era implacável e o vento era quente. Apesar da aparência delicada das dunas mansas e sedosas, a areia parecia capaz de queimar os pés através da sola dos sapatos. A água era tão cara que uma única flor arrancada de uma tuna acabava com minhas reservas para água *e* comida.

Apesar de tudo isso, eu *gostava* do sol. Poder levantar a cabeça e sentir seu calor invadindo os poros, me limpando de cada ano úmido e entupido que passei em Derfort.

Mas no deserto, embora o sol brilhasse durante o dia, à noite as temperaturas despencavam. Eu vestia todas as roupas que tinha, e não fazia

diferença. Minhas roupas não estavam à altura do frio que chegava cada vez que o sol se punha.

Nesse ambiente tão inóspito, não havia nada ali para reter o calor, nada para bloquear o vento cortante, e o lugar ficava inteiramente diferente quando o sol se punha. Acordei mais de uma vez com escorpiões rastejando por meu corpo ou serpentes da areia se enroscando no meu cabelo. Acordava com coiotes latindo no frenesi da caça, ou com outros viajantes gritando de um jeito que me fazia querer ficar longe.

E minhas costas passaram a ser um problema.

No começo pensei que fosse algum tipo de queimadura de sol, que os raios poderosos tinham atravessado a camisa e queimado toda a extensão da minha coluna. Coçava, e minha pele descamava camada após camada, me deixando com a sensação de estar em carne viva.

Depois da coceira veio a dor. As costas latejavam desde a região entre as omoplatas até embaixo. Primeiro era gradual, depois se tornou constante. Tão forte que eu não conseguia nem me deitar de costas à noite para dormir ou caminhar sem fazer caretas. E embora continuasse descamando, coçando e doendo, eu tinha de seguir em frente. Precisava ignorar a dor tanto quanto possível, embora caísse encolhida no final do dia, quando parávamos para descansar.

Quando o sol se punha, eu tinha alívio para a queimação. O céu da noite era muito limpo, salpicado de estrelas. Nessas noites eu conseguia esquecer a dor e me lembrar de que estava livre.

Livre de Derfort Harbor. Livre de Zakir. Do que acontecia no The Solitude.

Mas não tinha ideia do que ia fazer. A única coisa em que pensei foi fugir. Ir para o mais longe possível. Tinha atravessado o mar e deixado a praia para trás, só para andar por dunas cinzentas, sentindo minha pele descascar sob o calor brutal do sol.

Sabia que precisava encontrar um lugar onde parar, mas, em cada povoado a que eu chegava, as pessoas eram desconfiadas e eu não era bem-vinda. Por isso seguia em frente. Entendi a gravidade da situação quando dormi com as costas apoiadas nos fundos de uma loja, tremendo de frio, com o estômago roncando, a boca seca e uma camada de areia grudada na pele e no cabelo.

Não conhecia ninguém, não tinha nada. Gastei até a última moeda para encher meu cantil de água e comprar um saco de castanhas e tâmaras. Estava

cansada. Com medo. Sozinha. Nunca tinha me sentido tão sozinha.

E foi então que encontrei Milly. Ou melhor, quando Milly me encontrou.

Ela me acordou com a ponta da bengala. Fitando-me com um olho fosco, me disse para ir com ela.

Eu ia fugir. Sabia que não podia confiar em ninguém, especialmente quando não tinha dinheiro ou objetos para trocar por segurança. Mas mesmo incapaz de enxergar com um dos olhos, Milly deve ter lido a intenção em meu rosto, pois disse:

— Pode fugir, se quiser, mas tenho coelho na cozinha e água no poço. Não tenho uma edificação onde você possa se encostar para dormir, mas acho que uma cama serve.

Fiquei ali, perplexa, contemplando o brilho prateado de seu cabelo, os ombros curvos que davam ao corpo o formato de um bule de chá, o cotovelo dobrado e apoiado na bengala.

— O quê? — perguntei, afastando do rosto o cabelo emaranhado e fitando-a. Com os joelhos dobrados, eu mantinha os pés calçados com botas escondidos embaixo do vestido.

— Quantos anos você tem, menina?

— Quinze.

— Hum. — Ela se inclinou mais sobre a bengala, e notei que as linhas no rosto enrugado formavam um "C" de cada lado. — Cometeu algum crime? Roubou algo?

Sob aquele olhar penetrante, balancei a cabeça, negando.

— Então, muito bem. Vamos.

Continuei a observá-la, pensando em todas as possibilidades de isso ser uma armadilha. Antes que eu conseguisse chegar a uma conclusão, Milly se virou e começou a se afastar, mancando e balançando a saia na altura das panturrilhas. Vi que o cabelo prateado estava preso em uma trança apertada.

Quando não me movi, ela olhou para mim por cima do ombro.

— Então? Vai ficar sentada aí a noite toda para ser bicada por urubus? Ou vem comigo? Tenho um quadril ruim e uma paciência pior ainda.

Gostaria de dizer que o instinto me indicava que eu podia confiar em Milly, e que por isso a segui, mas a verdade era que só queria o coelho e a água.

Milly me levou a um burro atrelado a uma carroça na rua escura, e eu já estava sentada a seu lado quando ela segurou as rédeas e nos levou dali. No fim

da rua, quando a aglomeração de casas do povoado ficou para trás, ela continuou em frente pela areia, sob a lua crescente que iluminava o caminho.

Trinta minutos depois, quando eu já estava quase caindo de exaustão, com as costas inteiras doendo e coçando muito, vi os primeiros sinais de Carnith.

A maioria dos povoados e cidades por onde passei tinham oásis ou rios, mesmo que rasos, e Carnith não era diferente. O vilarejo singular cercava um pequeno oásis, com tamareiras espalhadas em torno da água.

A casa de Milly ficava bem no meio de um grupo de construções aninhadas entre dunas de areia, com uma montanha distante na paisagem sombreada. As casas eram curvas e baixas, e pareciam ter sido moldadas em argila e deixadas ao sol para secar. A dela ficava um pouco mais recuada que as outras e tinha uma cerca baixa de argila em torno de si. O telhado de zinco ligeiramente inclinado brilhava em tom prateado quando ela conduziu o burro pelo portão e para um pequeno estábulo forrado de palha. Dava para distinguir um comedouro e uma baia além da entrada em arco.

Ainda desconfiada, esperei na frente do galpão, atenta à mulher que descia os degraus da carroça com dificuldade.

— Não fique aí parada, menina. Venha cá. Você vai aprender a tirar os arreios do Sal, dar água e comida para ele e escová-lo. Amanhã, quando eu for fazer as entregas, você vai aprender a recolocar os arreios. — Milly olhou para mim com uma sobrancelha levantada. — E vai aprender a montar também.

Fiquei olhando perplexa para aquela mulher estranha até ter a impressão de que ela e o burro me reprovavam.

Aprendi a tirar os arreios do Sal. E escová-lo. E dar água e comida para ele.

Quando terminei, Milly me deu água limpa e fria do poço, uma água com sabor terroso e fresco.

Eu poderia beber para sempre, mas ela me bateu com a bengala de novo e disse que era o suficiente, porque não queria que vomitasse no quintal inteiro.

Depois dividi com ela o coelho que tinha ficado secando sobre o fogão, e minha boca ficou cheia d'água durante todo o tempo da refeição. Enquanto eu comia, ela me fitava por cima do fogo. Milly disse:

— Hum. Você é cintilante.

E foi isso. Milly não quis saber se era ouro nem pareceu surpresa com isso, como se já tivesse visto coisas demais naquela idade para se abalar com o que quer que fosse.

Depois que terminamos a refeição, ela afastou uma cortina pendurada em uma porta e me mostrou um quarto com uma caminha de palha e uma janela pequena e quadrada, e me mandou descansar.

Naquela noite não dormi nada, porque estava muito desconfiada e nervosa. Ainda me perguntava o que a mulher ia fazer, porque minha experiência atestava que as pessoas não ajudavam ninguém e não davam nada de graça.

Mas Milly era diferente.

E fiquei naquela noite, e na outra, e na outra, até começar a dormir de verdade e a desconfiança se transformar em gratidão.

Apesar de sua idade avançada e de não enxergar com um olho, logo percebi que não era fácil acompanhar Milly. Ela trabalhava do raiar do dia ao anoitecer, às vezes até mais tarde, quando tinha entregas para fazer ou mercados para visitar.

O terreno atrás da casa era cultivado com flores do deserto e tinha pallets de madeira repletos de colmeias. Ela me ensinou a tirar os favos delas. E fazer geleia de tunas. Costurar roupas, fazer armadilhas para caças de pequeno porte, acender uma fogueira e montar Sal.

Com o tempo, a gratidão se transformou em afeto. Milly era dura como pregos e tinha a língua afiada, mas era bondosa. Ela me ensinou a ser autossuficiente, me deu um teto, comida e água, e, em troca, eu a ajudava o máximo que podia.

Por um tempo, tudo foi ótimo. Morávamos juntas naquele pequeno bangalô de argila, e eu estava contente. Milly foi a primeira pessoa que amei em Orea. Ela era como a avó que nunca conheci. Firme, experiente e exigente quando se tratava de fazer as coisas e fazê-las do jeito certo.

Mas ela também tinha um lado mole. Como quando, naquela primeira manhã, ao notar as olheiras profundas sob meus olhos, ela disse que teríamos um *dia de folga*. Ou quando escovou meu cabelo molhado e embaraçado com as mãos artríticas e os dedos nodosos. Ou quando, ao escovar meu cabelo, percebeu que eu me encolhia e perguntou se eu tinha algum problema nas costas.

Ela me encontrou dormindo na rua e me levou para casa. Viu minha pele dourada e não deu importância. E depois, ao cuidar das minhas costas em carne viva e descascando, ela descobriu as fitas brotando e nem se abalou.

— Tem fitas crescendo no seu corpo — declarou. Tão naturalmente que nem mudou o tom de voz.

Entrei em pânico.

Milly foi prática.

— Melhor não arrancar. Acho que o lugar delas é aí mesmo.

Prática como sempre, ela cuidou da pele dolorida todas as noites e me mandou não mexer nas fitas, disse para não me preocupar com elas, porque as pessoas tinham pelos crescendo no corpo todo, então não era estranho que outras coisas crescessem. E contou que tinha pelos no queixo mais compridos do que as fitas nas minhas costas, embora a afirmação não tenha se sustentado por muito tempo.

Foi sua atitude calma e inabalável que me impediu de entrar em colapso. Foi o carinho com que cuidou das fitas todas as noites que me ensinou a aceitá-las.

Então, continuei a trabalhar com ela no jardim, esfregando os tijolos do poço, cuidando de Sal, ajudando a costurar, lavar ou cozinhar, e estava contente, sim, mas também estava *segura*. Sentia que, ao morar ali com Milly, na periferia de um pequeno vilarejo no meio do deserto, enfim, estava segura.

Até que, uma noite, tudo mudou.

Adormeci como sempre. Deitada de lado, vendo a cortina da porta dançar embalada pela brisa que entrava pela janela aberta. O luar tinha a mesma tonalidade leitosa do olho de Milly, e eu ouvia sua voz grave e rouca enquanto ela costurava e cantava.

Ouvi-la cantar trouxe a lembrança de minha mãe.

Só que, horas mais tarde, quando o amanhecer mal se anunciava, acordei de repente. Acho que foi o som da porta da frente, ou só um ruído qualquer no ar. Sentei-me na cama, sobressaltada, com o coração disparado antes de a mente poder identificar o perigo para o qual o corpo me alertava.

Mas então ouvi. Passos. Passos pesados e firmes demais para serem de Milly, que mancava. Ouvi o som de alguma coisa caindo no chão, um gemido alto, barulho de coisa arrastada, uma tosse. E foi quando paralisei na cama. Porque era um homem. Um homem que devia ter invadido a casa, um homem que ia machucar Milly, me machucar, roubar e abusar de nós, porque podia.

Porque era isso que os homens faziam. Pegavam, feriam, e ninguém nunca os impedia.

Minhas costas coçavam. A ponta dos meus dedos doía. Meu coração continuava batendo forte.

Eu não podia deixar nada acontecer com Milly. Ela era muito idosa, muito frágil, e aquela língua ferina só tornaria tudo ainda pior.

Tinha de ser eu. Ela me protegeu, e eu precisava protegê-la. A necessidade premente de garantir sua segurança era mais forte que tudo. Olhei em volta, procurando no quarto quase vazio algo que pudesse usar como arma, e peguei minha bota no chão.

Quando me encolhi junto da parede e cravei os olhos na cortina da porta, a adrenalina me inundou. Eu não ia permitir que ninguém machucasse Milly. Não deixaria ninguém me machucar.

Mas quando os passos pesados começaram a se aproximar, senti uma coisa estranha na ponta dos dedos. Como se agulhas pequeninas ameaçassem perfurar a pele.

Assim que a cortina foi afastada com um movimento brusco, pulei para a frente e bati com a bota na cara dele. O homem gritou um palavrão, se virou para mim, e vi sua expressão envelhecida e furiosa iluminada pelo luar. Ele me empurrou com tanta força que minhas costas bateram na parede, e ouvi um estalo alto. Estrelas explodiram diante dos meus olhos, e dessa vez fui eu quem gritou, um som amplificado na iluminação fraca.

— Quer tentar me atacar? — o homem gritou, enfurecido, e senti as gotas de saliva no meu rosto. Seu hálito cheirava a álcool. — Vou te mostrar o que acontece, garota.

Ele nem me bateu com as mãos. Em vez disso, puxou o saco pesado que levava pendurado nas costas e o arremessou contra mim. Com força. Não sei o que tinha lá dentro, mas foi como se uma bigorna acertasse minha cabeça. Meu ombro. As costelas. Encostada na parede como se pudesse afundar nela, tentei levantar os braços para proteger a cabeça, e o homem rosnou e atacou.

Foi quando ouvi Milly.

Ela era lenta na maior parte do tempo, mas depois de algumas horas deitada na cama, as articulações doloridas endureciam e pioravam muito isso. Mesmo assim, ouvi seus passos apressados, a bengala batendo no chão.

O pânico me invadiu. Uma coisa era eu aguentar esse tipo de agressão, mas Milly não resistiria. Seus ossos frágeis poderiam se estilhaçar. Ouvi sua voz rouca chamando meu nome. Ouvi o medo nela.

Seu medo alimentou a descarga de adrenalina. Aumentou muito. Transformou-a em enxurrada. Fez meus dedos doerem, queimarem e *sangrarem*.

Senti o líquido escorrendo pelas palmas, mas nem prestei muita atenção ao sangue vermelho que vertia dos meus dedos. Porque Milly se aproximava, e o homem levantava a perna para me esmagar com um chute violento. Foi quando me lancei contra ele.

Como um animal. Rosnei quando pulei em cima dele. Arranhei. Enfiei os dedos ensanguentados em seu rosto. Milly, não. Ele não ia machucar Milly. Eu não permitiria que o homem entrasse na casa dela, roubasse o dinheiro que ela ganhava com tanto esforço e nos machucasse.

O homem cambaleou quando o ataquei, tentou me empurrar, mas bati as mãos com força em sua cabeça e a *empurrei*. E o sangue nas minhas palmas jorrava e manchava, e eu estava acelerada e agitada demais para me importar com isso.

E então, os rosnados se transformaram em gorgolejos. Ele me soltou e levou as mãos ao rosto.

O sangue pegajoso que vertia das minhas mãos me fez escorregar, e caí no chão de novo, mas meus pés também estavam molhados, como se de repente eu pisasse em uma poça do meu sangue, ou talvez fosse o dele. Mas isso não fazia sentido, porque só bati e arranhei, e ele me bateu, então por que havia tanto sangue? Estava chovendo? O telhado tinha goteiras? Mas por que estava tão quente? E tão denso?

Minha mente atordoada não conseguia encontrar uma explicação, mas o ar tinha o cheiro metálico de sangue, e o líquido era quente. Muito quente.

Milly passou pela porta. De olhos arregalados, segurava a bengala como se fosse uma arma, mas sua mão tremia. Pronta para atacar, Milly parou no lugar e observou o homem com o olho bom.

— *Felton?*

— Você o conhece? — perguntei, mas minha voz estava estranha. *Eu* me sentia estranha.

— É meu irmão. Ele aparece de vez em quando, uma vez a cada vários meses. O qu...

O homem fez um ruído estrangulado, e seus joelhos encontraram o chão. O impacto provocou um som molhado e respingos. Recuei ao sentir os pingos no rosto.

— Felton! — Milly gritou, e eu soube. Soube que havia cometido um erro. Soube disso por causa do modo como ela se virou e saiu apressada com seus

passos trôpegos, depois voltou com uma lamparina para ajudar o amanhecer pálido a iluminar o quarto.

Quando a luz invadiu o cômodo, não entendi nada.

O brilho âmbar encharcava tudo. O brilho iluminado pela lamparina. O homem de joelhos, segurando o pescoço, fazendo ruídos perturbadores. Mas não havia manchas vermelhas nele. E não havia poças de água da chuva no chão. Meus dedos não sangravam. Não era o cheiro metálico de sangue que eu sentia.

Era... *ouro*.

Milly cobriu a boca com a mão. A bengala que ela segurava caiu no chão, provocando outro barulho molhado. Sua expressão era horrorizada.

— Felton!

O grito brotou da garganta dela ao mesmo tempo que outro gorgolejo emergiu dele, e arregalei os olhos quando a idosa aproximou a lamparina do rosto do homem. Em seu rosto, o ouro líquido marcava os locais em que eu o tinha agredido, e também envolvia a boca. Ele tentava tossir conforme o ouro escorria por sua garganta, na tentativa de afastar o líquido viscoso do pescoço onde ele o estrangulava e sufocava.

— O que você fez? — Milly gritou, olhando de mim para ele. — *Olhe o que você fez!*

Ele ainda se debateu por mais um momento, e depois sua silhueta ajoelhada caiu no chão com um *splash*.

Milly *uivou*.

Tentou se aproximar, mas o chão escorregadio a derrubou. Corri para ampará-la.

Não devia ter feito isso.

Não devia porque, assim que segurei seus braços, o ouro se espalhou *nela*. Como uma coisa consciente, intencional, se moveu e envolveu, encharcou-lhe as roupas, cobriu a pele e inundou a boca.

Ela não conseguiu nem mesmo lutar, como o homem tinha feito. E entrei em choque. Um choque completo, horrorizado, enquanto via aquele ouro aterrorizante atacar com tanta violência a única pessoa que eu amava.

Tentei removê-lo. Tentei arrancá-lo de sua boca e conter o que escorria pelo pescoço, mas isso só piorou a situação. Mais ouro choveu das minhas palmas, cercando-a em um temporal hostil e me obrigando a afastar as mãos

dela. Eu as fitei, percebi que mais e mais ouro vertia, e não consegui fazer parar.

O que você fez?

A negação tentava atravessar meu peito, mas, quando me ajoelhei sobre Milly, vi o olho fosco dela muito aberto, vi como o ouro espremia Milly e seu irmão contra o chão...

E então tudo era só pânico.

Eu me levantei e corri, escorregando no piso molhado. Gritei. Pedi ajuda, pedi socorro, implorei para alguém no povoado socorrê-la, para tudo isso ser só um pesadelo, apesar do sol quente espiando por cima do horizonte.

Mas, enquanto gritava, saí da casa e corri para o quintal, e o ouro foi comigo. Seguiu meus pés, tentando morder meus calcanhares como um cão feroz.

A primeira pessoa que saiu de casa ao ouvir meus gritos olhou para mim e parou onde estava. Eu me aproximei, cambaleante, agarrei seus braços e implorei que me ajudasse, enquanto lágrimas transbordavam dos meus olhos. Lágrimas que não eram mais transparentes, mas do mesmo ouro que vertia de minhas mãos.

Não devia ter tocado o homem. Não devia ter agarrado seus braços. Porque o ouro avançou sobre ele também. Ele caiu, assim como os outros. Desabou aos meus pés com um grito violento de pânico e morreu bem ali, diante dos meus olhos arregalados, tudo por causa de um toque.

Berros começaram a ecoar pelo povoado. Mais pessoas saíam das casas. Eu tremia, gritava, chorava, e aquela maldição continuava a transbordar de mim em ondas, jorrando dos meus pés, escorrendo das mãos, mais, mais e mais.

— *Ela é amaldiçoada! Veio nos amaldiçoar!*

— *Precisamos queimá-la!*

Não não não não

Eu já queimava com essa cascata ininterrupta, e Milly...

Quando um grupo de homens correu em minha direção com tochas, eu soube que iam me atacar. Sabia que merecia. Mas precisava deles, precisava que fossem ver Milly e ajudá-la.

— Por favor, por favor.

Eles corriam para mim com os olhos iluminados, as chamas refletindo no ouro acumulado à minha volta. Dominada pelo medo, tentei me virar e fugir.

Mas meu ouro não me acompanhou.

Ele escorria de mim, da porta da casa de Milly, descia pela rua tal qual uma inundação e engolia o vilarejo.

Não demorou muito para o ouro engolir o aglomerado de casas. Para entrar por cada porta e janela e pingar dos telhados. Para os gritos ecoarem. E depois gorgolejos engasgados e passos apressados que paravam de repente.

Devia ter demorado mais para assassinar um vilarejo inteiro.

Eu estava paralisada pelo choque, com os joelhos nus na rua derretida, os olhos registrando toda a destruição que provoquei. Só restava uma poça aos meus pés; o vilarejo inteiro estava coberto, manchado e *pingando*.

A chama das tochas espalhadas pelo chão debochava de mim. O sol do amanhecer reluzia, acusador.

O que você fez?

O ouro não secou enquanto minhas lágrimas não secaram.

E àquela altura, todos estavam mortos. Homens, mulheres, crianças.

Milly.

Nem o pobre Sal foi poupado.

Minhas palmas eram uma meleca de ouro pegajoso e congelado que tive de esfregar, e os pés estavam nas mesmas condições. Eu sentia os rastros secos no rosto conforme corria pelo povoado. Havia manchas de ouro por todos os lados, espalhadas em rostos, oprimindo peitos, pintando portas e janelas como respingos de sangue.

Matei *todo mundo* em Carnith.

Não sei bem quando caí, porém, quando acordei, a noite havia chegado. As sombras dos mortos dourados me cercavam. Casas quietas demais, nenhuma lareira acesa. Corri de volta à casa de Milly, soluçando e exausta, andando sobre faixas douradas no chão que pareciam tão pegajosas quanto o mel que Milly recolhia.

Eu sabia que não podia ficar. Sabia que precisava ir embora. Por isso, me despi das roupas encharcadas e me lavei, vesti uma camisa e calça limpas e me cobri com o manto. Encontrei a mochila de Milly e a enchi com toda comida e água que poderia carregar, depois fugi.

Não suportaria ficar naquela casa. No vilarejo. Corri ao povoado vizinho. Foi o mais longe que meus pés exaustos puderam me levar. Fiquei em um beco escondida, incapaz de dormir, porque tudo que enxergava era o brilho de ouro na boca de Milly, em seu rosto e no olho bom, enquanto o olho fosco

permanecia intocado, mirando para a frente e sem enxergar, mas de um jeito completamente diferente.

Na noite seguinte, o vilarejo em que eu estava foi atacado. Homens chegaram com tochas e ameaças. Pensei que tivessem descoberto sobre Carnith e o que fiz lá. Pensei que haviam me seguido a fim de me matar, que puniriam aquele povoado por abrigar, sem saber, uma menina amaldiçoada.

É claro, naquele momento eu não sabia que era *ele*. Não sabia que ele havia atravessado o oceano atrás de mim e descoberto Carnith, e que lá seu plano tinha sido modificado. Ele não precisava do prestígio e da riqueza conferidos ao chefe do crime da região leste de Derfort Harbor. Não mais. Então, se livrou do nome falso e ordenou que seus homens queimassem Carnith e enterrassem o ouro, ocultando todas as evidências.

Depois me rastreou, mandou metade de seus homens atacar o vilarejo para criar a impressão de um saque, ao passo que a outra metade chegava para salvar o dia. Pouco depois, providenciou para que seus homens fossem mortos. Ninguém podia saber quem ele era ou de onde veio.

Ninguém podia saber sobre mim.

E eu o segui. Com a magia recém-concebida e o coração aterrorizado e miserável, eu o segui, vi nele meu salvador. Meu protetor. Com seu incentivo, aprendi a usar a magia quando ele dizia que estávamos sem dinheiro. Por ele, aprendi a usá-la e, mais importante, como escondê-la.

Quando cheguei ao Segundo Reino pela primeira vez, pensei que fosse uma garota de sorte.

Mas os moradores do vilarejo estavam certos.

Eu era amaldiçoada.



31
Rainha Malina

Talvez o frio devesse me incomodar mais, mas acho que só fiquei entorpecida.

Perdi a sensibilidade quando tive de fugir do meu próprio castelo.

Quando tive de fugir da minha casa segura.

Quando fugi do meu reino.

Pode ser essa a razão para eu não sentir de fato a nevasca que fervilha ao redor como bolhas congeladas, uma nuvem agitada e bulbosa espalhando uma neblina de neve.

Ou pode ser o choque.

Perdi a noção dos dias desde que atravessamos a fronteira do Sexto — desde que entramos na terra amaldiçoada onde antes era o Sétimo Reino.

Ninguém vem aqui. Para começar, é proibido, e para completar, é impossível sustentar a vida aqui. Não há árvores e não há pássaros voando, é como se houvesse alguma coisa corrompida aqui, tanto no solo quanto no ar.

Ou talvez seja muito frio, só isso.

Quando eu era menina, tive aulas de História sobre os monarcas que um dia reinaram aqui. Sobre os grandes avanços conquistados em sua busca pelo desconhecido. O reino propriamente dito também já foi intrigante. Como os grandes lagos glaciais que costumavam atrair muita gente interessada na paisagem. Icebergs brotando da água congelada como os dentes de uma gigantesca serpente marinha mordendo o gelo.

Era um reino formidável e, apesar do clima severo, também já houve ali uma cidade próspera. O coração da união entre Orea e Annwyn, o portal entre mundos irmãos por onde feéricos e oreanos podiam ir e vir.

Agora, este lugar está destruído.

Não fosse por Sir Pruinn, eu teria voltado no momento em que notei a paisagem dividida e devastada. Agora posso atestar, com total certeza, que as aulas que tive sobre a destruição do Sétimo Reino não foram exagero. Os feéricos destruíram este lugar tão completamente que ninguém sobreviveu. Nem um único centímetro de *terra* sobreviveu, e ela ainda não se recuperou. Depois de trezentos anos, nada neste lugar dá sinais de recuperação. Não é só um cenário de demolição, é... *antinatural*. Às vezes, acho que posso sentir parte da magia pulsante e maligna pairando na névoa cinzenta que se agarra às fissuras.

Por toda parte, há faixas de terreno cujo relevo lembra facas serrilhadas, onde parte da terra simplesmente esfarelou. Como se algum grande tremor tivesse sacudido o reino, estilhaçando-o em pedaços. Tudo que sobrou foram faixas recortadas de terreno achatado, um vácuo cinza e branco que se estende estéril e vazio.

Miro o horizonte enquanto Pruinn conduz a carroça em frente. Certa vez cometi o erro de olhar para baixo, para aquelas fendas vazias na terra, rachaduras tomadas por espirais de névoa, e a imagem me deixou zonza. Porque naquelas fendas imensas não há nada — nenhuma escuridão de sombra que revele que o centro da terra está lá embaixo. Em vez disso, resta apenas o vazio cinzento que se estende para sempre. Como se fosse possível cair ali e nunca mais parar de cair, porque tudo que acontece aqui nasce da magia e não da natureza, e essas rachaduras no chão são anomalias de poder destrutivo.

E não cessa. Toda a paisagem é assim, não importa a duração da viagem. De algum modo, Pruinn usou o mapa para nos guiar, sabia quando virar depois de saliências diferentes e quando enfrentar as faixas de terra mais acidentadas. Até agora, não encontramos obstáculos intransponíveis, apesar de eu quase desejar o contrário. Queria que não houvesse opção além de voltar.

Mas voltar para o quê?

É a questão que me atormenta. Por mais que não tenha nenhuma fé na magia charlatã de Pruinn e em sua afirmação de que o mapa pode me levar ao meu mais caro desejo, que outro lugar tenho para ir?

Meu marido mandou um assassino para me matar. Meu povo se rebelou contra mim. Não resta mais nada para mim no Sexto Reino.

Talvez por isso eu esteja entorpecida.

Quem sou, se não Malina Colier, Rainha do Sexto Reino?

Então, continuamos a viagem.

Não sei nem como os cavalos ainda estão vivos. Não estamos em um lugar onde Pruinn possa encontrar comida, e não acredito que ainda tenha fardos de feno para os animais. Este lugar não é só inóspito, como determinadas partes do Sexto. É estéril e vazio. É sinistro.

No entanto, quanto mais avançamos, mais Pruinn se mostra perspicaz.

— Não vamos encontrar nada — disse a ele várias vezes.

E o mercador sempre responde:

— Confie no mapa.

Tolo.

Cochilo encolhida sob o capuz do meu casaco, embalada pelo movimento da carroça. Faz tempo que deixei de me preocupar com a possibilidade de um dos cavalos escorregar na beirada do penhasco e nos lançar no abismo cinzento. A esta altura, não tenho mais energia para isso.

Talvez esteja aí o maior desejo do meu coração — um fim infinito.

Sou despertada quando a carroça para de repente, e ouço a voz de Pruinn mais alta que o vento. Tento entender por que o caixeiro-viajante parou antes do anoitecer, mas paraliso quando vislumbro a silhueta diante de nós.

Primeiro penso que deve ser um dos velhos icebergs sobre os quais li, só que muito maior do que jamais imaginei. Está imobilizado em um mar parado de neve branca. Pontas irregulares tão afiadas quanto caninos ameaçam o céu. É assimétrico, como se três quartos dele tivessem quebrado e caído no chão, deixando apenas a última porção em pé.

Porém, à medida que continuo a analisá-lo além da névoa cinzenta, reconheço, pela forma, que não é o iceberg estacionado que imaginei que fosse.

É... um castelo.

Ou o que sobrou dele, pelo menos.

— Aquilo é o que estou pensando que é? — murmuro, ainda olhando para a silhueta.

Sentado na carroça com as rédeas nas mãos relaxadas, o cabelo loiro apagado em meio à luz fosca do dia, Pruinn responde:

— É.

Balanço a cabeça, sentindo a incredulidade girar dentro dela.

— Como isso é possível? Pensei que o castelo estivesse completamente destruído.

— Parece que não.

Durante todo esse tempo, me ensinaram que a cidade e o castelo haviam sido engolidos pelo vácuo mágico, mas olho para a forma decrépita ainda em pé e constato que não era verdade. O Sétimo Reino foi atacado e destruído, mas ainda está *aqui*. Como um esqueleto parcialmente preservado.

Pruinn segue adiante, em direção aos ossos monolíticos do que um dia foi um lindo palácio. Quando estamos perto o suficiente para eu ver os entalhes na pedra e as partes quebradas e lascadas nas laterais do que resta, também noto o que há além do castelo.

Antes meus olhos me enganaram, porque não é só terreno plano e congelado se estendendo até onde a vista pode alcançar.

Pensei ter visto fissuras gigantes a caminho daqui, mas todas elas juntas não eram *nada* se comparadas a isso. Não é apenas uma fenda rachando a terra. Não, a terra logo além do castelo *desapareceu*.

É como se um imenso pedaço de terreno plano tivesse sido arrancado, rasgado como um pedaço de papel e jogado fora. Nuvens de névoa incolor rastejam sobre a beirada irregular da terra e, para além disso, existe o nada. Lá embaixo, nada.

Os pelos na minha nuca ficam em pé, e sou acometida por uma sensação intensa e repentina de ser observada. Olho em volta, mas não encontro nada, nem um cisco na neve branca. Talvez seja a magia me perseguindo, como se soubesse que a vida ousou invadir o vácuo.

Ainda não consegui me livrar da sensação sinistra quando Pruinn para bem na frente das ruínas. A estrutura foi fossilizada na pedra desgastada e congelada. Não consigo decidir onde ficavam janelas ou varandas, mas o contorno geral de uma cobertura arrancada e das paredes muito altas ainda permanece.

Pruinn salta do assento do condutor, contorna o veículo e estende a mão para me ajudar a descer.

— É aqui que seu mapa termina, Majestade — fala o mercador, e um sorriso transforma seu rosto. — Portanto, vamos descobrir seu maior desejo.



De algum jeito, Pruinn encontrou uma abertura por onde conseguimos realmente *entrar* nos restos do castelo. Agora aquilo não é mais que uma

caverna sombria, desmoronada em dados lugares e cheia de destroços congelados e rígidos.

É horrível, como andar dentro do peito de uma fera gigante que morreu há muito tempo. A névoa se move em espirais aqui também, e a única diferença real entre o exterior e o interior é o modo como nossos passos ecoam como um presságio. À medida que circulo por ali, a sensação vibrante retorna — aquela que me faz pensar que somos observados. Como se o próprio castelo me observasse e me julgasse insuficiente.

Bem, penso a mesma coisa sobre ele.

— Odeio desapontá-lo, Sir Pruinn, mas este certamente *não* é meu maior e mais verdadeiro desejo.

Paramos bem no meio do que suponho que tenha sido um grande vestíbulo, com um teto de quase dez metros de altura, no mínimo, agora coberto de gelo cinza.

Eu me viro para fitá-lo e uno as mãos diante do corpo. Estou cansada da viagem, mais suja do que jamais estive em toda a vida, e agora tudo que me resta é esperar... a viagem de volta.

— Não sei onde estava com a cabeça quando permiti que me trouxesse aqui — declaro, e meu tom é tão duro quanto o gelo sob meus pés. — Espero que esteja satisfeito. Acabou de provar que é uma fraude, e agora estamos no fim do mundo por motivo nenhum. — Minha raiva se torna fria. — Este não é meu maior desejo — repito, girando para mostrar as ruínas. — Por que me trouxe aqui? Esta é uma terra destroçada e isolada que não tem a menor esperança de um dia voltar a ser o que era.

Assim como não tenho esperança de um dia voltar a ser o que fui.

Um pigarro atrás de mim me faz enrijecer todos os músculos.

— Na verdade, Majestade, está enganada.

Eu me viro na direção da nova voz e arregalo os olhos ao me encontrar diante de dois homens.

A primeira coisa que penso é como se destacam em meio aos detritos e escombros, porque ambos estão vestidos de maneira impecável. Como se não estivessem em meio a ruínas, mas prontos para participar de algum tipo de celebração real.

A segunda coisa que percebo é que os homens são quase idênticos. Com cabelos abundantes e compridos na altura dos ombros, mesma altura, até a

mesma postura. A única diferença que identifico entre eles é uma pinta bem no meio da bochecha, mas em lados opostos do rosto.

— Quem são vocês? — questiono, e recuo um passo. A sensação de ser observada retorna com força total, fazendo a névoa no ar parecer mais densa quando se aglutina perto de mim, ao meu lado.

— Eu sou Friano, e este é Fassa, meu irmão gêmeo — diz o homem à esquerda, o que tem a pinta na bochecha esquerda. — É um prazer conhecê-la, Rainha Malina Colier.

Olho desconfiada para Pruinn, mas ele se limita a me encarar com uma expressão animadora que eu adoraria arrancar de seu rosto com uma bofetada.

— Como sabe quem eu sou, e o que fazem aqui?

Friano sorri, exibindo uma fileira de dentes perfeitamente alinhados.

— Você é a rainha do Sexto Reino. É claro que sabemos quem é. As histórias sobre a beleza da Rainha Fria chegaram até aqui.

A surpresa me faz arquear as sobrancelhas.

— Está dizendo que vocês *moram* aqui?

Os dois assentem ao mesmo tempo, e desta vez Fassa responde:

— Moramos, Majestade.

— Como é possível? Ninguém pode morar aqui. Este lugar está completamente arrasado.

— Ah, sim — Fassa concorda, animado. — Irmão, será que pode...?

— É claro. — Friano assente, ergue um dedo e o gira, apontando ao seu redor, e como se uma onda varresse o ambiente, o castelo se *transforma*.

Em momentos, as ruínas desaparecem, e no lugar delas surge o castelo do Sétimo Reino, restaurado. Paredes de pedra cinza e lisa, janelas azuis, e mármore preto inteiro e polido sob nossos pés. O que antes eram as pedras cruas de uma caverna agora compõem um renovado e elegante hall de entrada.

É como se o tempo voltasse atrás e revertesse todo o estrago feito, devolvendo ao lugar a glória a que tem direito.

Contemplo tudo, boquiaberta e incapaz de acreditar no que vejo.

— Como...?

— Nós a estávamos esperando, Majestade.

Chocada, encaro os dois antes de me voltar para Pruinn.

— Sabia que eles estavam aqui? Que isso aconteceria?

— Sabia que encontraríamos *alguma coisa* — o mercador responde, e bate de leve no bolso, onde percebo o contorno do mapa amassado. — Sempre

confio em minha magia.

Ainda dominada pelo espanto, olho para os gêmeos. Inconscientemente, passo as mãos pelo vestido sujo e amarrotado. Eles estão ali, impecáveis, enquanto eu me apresento imunda, descabelada e exausta.

— Por que estavam me esperando?

Eles se olham, e sorrisos idênticos surgem nos dois rostos.

— Porque pedimos aos deuses um herdeiro legítimo de Orea para nos ajudar a restaurar a glória do Sétimo Reino, e eles a enviaram.

Minha mente absorve as palavras, e uma onda de esperança me invade.

— Do que estão falando?

Fassa dá um passo à frente e segura minha mão com delicadeza, tal qual um nobre faria antes de beijá-la. Mas ele não a leva aos lábios, apenas a segura, e sinto suas mãos quentes demais.

Ou talvez eu é que esteja com muito frio.

— Sua chegada é a resposta para nossas preces, Majestade. Você é a rainha de que esta terra precisa. Sua presença é prova disso.

— Prova *do quê*?

— Não é óbvio? — ele pergunta, os olhos escuros iluminados pela esperança. — Você será a rainha que vai salvar o Sétimo Reino.

32

AUREN

— Parecem muito bem, milady.

Hojat bate de leve em meu ombro, um sinal de que posso me sentar, pois ele já abotoou a camisa emprestada que visto ao contrário, com a abertura nas costas.

— Por quanto tempo ainda vou precisar dos emplastros? — pergunto ao me sentar, sentindo só um leve desconforto repuxando as costas.

— Não muito, acho. Está cicatrizando bem depressa.

— Por fora, talvez — murmuro. — Obrigada, Hojat.

Ele olha para mim de soslaio, e percebo uma hesitação momentânea antes de me encarar, já com a bolsa de couro pendurada no ombro.

— Milady, não a conheço há muito tempo, mas a conheço por suas feridas, acho. — Não sei como interpretar o comentário até ele tocar a própria pele do lado esquerdo do rosto, uma área que lembra cera derretida e resfriada enquanto escorria. — Nós, que temos cicatrizes, nos conhecemos. Vemos. Entendemos. — Em seguida, o reparador toca o olho atrofiado. — Existe dor por trás disso, não é?

Sinto a boca seca.

— Sim.

Hojat assente e abaixa a mão.

— Posso curar seu corpo, milady. Mas meus tônicos e emplastros não vão curar a mente. Isso fica por sua conta.

— E *você* conseguiu? Curou sua mente?

Um sorriso triste estica a boca torta.

— Gosto de pensar que sim, e gosto de acreditar que você também vai conseguir. — Ele oferece uma flor de lótus seca, pétalas roxas em volta de um miolo de fios amarelos. — Ponha embaixo do travesseiro.

Aceito a flor e olho para ele. Hojat tem deixado peônias embaixo do meu travesseiro, como fazia quando cuidou de mim no exército. Na época, eu me lembro de ele ter dito que, no lugar de onde veio, o ato de deixar peônias sob o travesseiro de alguém doente traz boa sorte.

E me lembrei de outra coisa semelhante.

Peônia para a saúde. Um ramo de salgueiro para sorte. Caules de algodão para prosperidade. A folha suculenta de jade para trazer harmonia.

E uma flor de lótus para resiliência.

Não acredito que não dei mais atenção a essa coincidência antes.

— Onde aprendeu essa tradição, mesmo? — pergunto.

— Ah — ele responde, e algo indecifrável cintila em seus olhos. — Isso foi passado para mim. Aprendi meu ofício com um curador muito bom.

Curador. Não reparador.

Reparador é a palavra oreana para isso. Mas *curador*...

— Você é... quer dizer, não pode ser, mas... — Hesito, e examino Hojat como se nunca o tivesse visto antes. O jeito como nunca se assustou com minhas fitas, com meu poder, com qualquer coisa relacionada a Slade... — De onde você é, exatamente?

— O sotaque não revelou? — ele brinca, e toca o nariz com um dedo. — Nasci no sul de Orea. Mas vivo aqui há algum tempo. Fui treinado aqui.

Levanto as sobrancelhas.

— Aqui? Tipo, em...

— Drollard Village, sim. É um pouco mais frio do que onde fui criado — ele comenta, com um sorriso que enruga as cicatrizes.

Até agora, Slade me falou muito pouco sobre este lugar. Só sei que existe sem realmente existir. A faixa de território desolado foi tudo que ele recebeu quando decidiu não declarar guerra.

Mas por quê?

Por que este lugar?

O que tem de importante aqui, que o fez querer fazer desta terra parte do Quarto Reino, mesmo quando ela fica fora de seu território?

Talvez seja só por causa da podridão. Ouvi falar sobre como seu poder extrapolou o território dele e invadiu o Quinto. Mas sinto que é mais do que

isso. Por que manter um vilarejo inteiro escondido?

Minha cabeça está cheia de perguntas, mas, antes que eu formule qualquer uma, Hojat já saiu do quarto e fechou a porta. Olho para a flor de lótus enquanto lembranças frágeis tentam se manter em minha cabeça. Não passam de um pedaço de linha presa por nada além de estática.

Um galho de salgueiro pendurado na cabeceira de uma cama. Peônias amarradas com fita e guardadas embaixo do meu travesseiro. Acordar com os restos amassados, os dedos tocando os fragmentos secos, sentindo o perfume no tecido do travesseiro.

Com delicadeza, deixo o presente sobre a cama, me sentindo invadida por uma onda de nostalgia e dominada pela curiosidade.

Depois de me obrigar a me levantar, limpo as mãos no lavatório e escovo o cabelo, que prendo em uma trança simples bem adequada para treinar. Mas então percebo que não tenho outra calça limpa no armário. Slade disse que traria mais, mas deve ter esquecido.

Titubeio por um momento, pensando se devo ou não ir encontrar Judd assim mesmo, mas preciso da calça mais grossa para me proteger do feno quebrado. Então, ergo os ombros, deixo o quarto e sigo pelo corredor até a última porta.

Seguro a maçaneta, mas vários segundos se passam antes que eu reúna a coragem necessária para girá-la. E, quando abro a porta, paro na soleira e encaro a cama.

O ouro cobre todo o colchão, todo mesmo, da cabeceira aos pés, e deve haver entre dois e três centímetros acumulado no centro, onde o líquido empoçado endureceu. Eu me aproximo lentamente e observo o meu reflexo dourado.

Desde que Slade me levou à caverna, dias atrás, e confessei tudo que aconteceu em Carnith, ele me deu um tempo. Conversar foi bom para nós dois, porém, no que diz respeito à minha magia, não estou preparada. Quero me concentrar primeiro em me fortalecer fisicamente, e depois vou me sentir capaz de controlar essa coisa do ouro.

Talvez ele esteja certo. Talvez eu *esteja* bloqueando o poder. Entretanto, de certa forma, é um alívio. Passei muitos anos com ele pingando de mim sem controle. Se eu tivesse surtado mais cedo e me apoderado desse tipo de contenção, minha vida teria sido muito diferente. Talvez seja egoísmo, mas

não estou pronta para o fim desse intervalo. Não estou preparada para desbloquear o poder.

Agora mesmo, ao contemplar esse lago congelado na cama, não quero tocá-lo e me conectar com ele. Quero continuar sem o toque de ouro por mais um tempo.

Observo o meu reflexo por mais um longo instante, me viro e vou procurar uma calça no armário de Slade. Felizmente, eu a encontro e a visto. Não olho para a cama novamente quando saio. Só volto a respirar de verdade quando estou no corredor e fecho a porta.

— Ah, você está aí — Lu diz, enquanto se aproxima. — Estava te procurando.

— Para quê?

A capitã para na minha frente. Está vestida com os habituais couros do exército e, pela primeira vez aqui na gruta, não vejo as pantufas em seus pés.

— A noite está agradável, achei que gostaria de sair e dar uma volta. A esta altura, deve estar sofrendo com a síndrome da cabana.

Dou risada.

— Morei em uma gaiola por dez anos.

— Ah. É verdade. — Lu dá de ombros. — Bom, mesmo assim, o que acha de irmos ao pavilhão? Vai poder conhecer os moradores do vilarejo.

Hesito. Até agora, só saí da Gruta quando Slade me levou à outra caverna, onde conversamos. Com a casa e o treinamento com Judd, não tive muitos motivos para sair da caverna, e me sinto protegida aqui. Como se o resto do mundo não pudesse me tocar. Pelo tempo em que eu estiver aqui, não preciso encarar nada nem ninguém.

— Não posso. Judd está me esperando para treinar.

— Você tem se esforçado muito, pode tirar a noite de folga.

Forço um sorriso.

— Não, é melhor não. Não quero desapontar Judd.

— Bom, vai ganhar pontos extras por ser uma aluna comprometida. — Ouço o comentário de Judd antes dele aparecer na ponta do corredor e sorrir. — Acho que vai te fazer bem sair e caminhar um pouco com a Lu. Ênfase no *caminhar*. Seria bom praticar um pouco, porque ainda está péssima nisso.

— Ha-ha — respondo, de um jeito seco.

Judd pisca, debochado.

— Quer ir também? — Lu convida quando ele se aproxima.

— Não, vão vocês.

Ela o encara, desconfiada.

— Nem *pense* nisso.

— Pensar no quê? — ele pergunta, e o tom excessivamente inocente o trai.

— Se entrar no meu quarto enquanto eu estiver fora, vou perceber.

— Vai? — ele a desafia, com os olhos brilhantes.

— Droga, Judd, não roubei o maldito vinho!

— Aham — ele resmunga, mas não está convencido.

Quando passa por Lu a caminho de seu quarto, Judd cutuca o braço dela.

— Divirta-se com a Mechas Douradas. Beba um pouco de vinho por mim, já que não posso, porque nosso barril *sumiu*.

Lu revira os olhos, e Judd desaparece no interior do quarto antes que eu tenha tempo para tentar convencê-lo a treinar, porque é o que prefiro fazer.

— E aí? — sussurro, olhando para Lu. — Você roubou o vinho?

Ela ri baixinho.

— É claro que sim. Vamos?

— Hum...

— Você não mora mais em uma gaiola, Douradinha. Precisa sair de vez em quando.

Lu tem razão. Sei que tem. Não posso me esconder aqui dentro para sempre. Mas e se eu surtar de novo? E se a fera feérica em mim sair e eu inundar o vilarejo de ouro, matando mais pessoas inocentes?

— Meu poder...

— Você controla. E se não controlar, tenho certeza de que posso te distrair com a minha magia.

Inclino a cabeça para o lado.

— Sua magia funciona desse jeito?

— Não faço ideia. Vamos.

Não consigo banir a hesitação da voz.

— Vamos.

Ela acena com a cabeça, me chamando para irmos adiante, então a sigo até a sala de estar.

— Pegue o casaco — Lu fala, e vou buscar o agasalho no prego preso à parede. O calor do fogo está impregnado no tecido, e me sinto envolvida e deliciosamente aquecida. — Não é tarde, ainda tem gente circulando no pavilhão.

Assinto enquanto fecho o último botão, depois calço as botas.

Lu puxa o capuz sobre a cabeça raspada.

— Pronta?

— É tarde demais para ir treinar?

Ela revira os olhos e me puxa pelo braço.

— Venha, Douradinha.

Juntas, saímos da casa e atravessamos a caverna da Gruta, e meu coração bate forte a cada passo. Só consigo pensar em quando Slade apareceu na minha frente, quando finalmente saí do êxtase do poder que me conduzia e percebi que tinha matado pessoas e inundado o salão.

Do lado de fora, a luz é radiante, a lua cheia brilha na neve e faz tudo parecer cintilar. Mas não encontro conforto nisso. A noite antes me dava descanso. Era *segura*, o período em que não tinha de me preocupar com a magia e com cada contato da minha pele. Mas agora não posso confiar nela.

— Você tem o controle — Lu garante, e eu a sigo quando ela vira à esquerda. Nossos passos rangem no caminho coberto de neve.

Ponho as mãos nos bolsos, sinto a fita e a enrosco no dedo, como se segurasse a mão de um amigo.

O ar é parado e gelado, não tem nem sinal de brisa e, a cada vez que expiro, uma nuvem se forma na minha frente. Puxo o capuz na tentativa de impedir que o frio envolva meu rosto e as orelhas, mas ele entra assim mesmo. No entanto, apesar de estar congelando, tem algo de terapêutico em respirar ar fresco. Só quando o levamos aos pulmões é que percebemos quanto esteve estagnado.

Olho em volta e levanto a cabeça rumo às montanhas. No escuro, parecem tortas e irregulares, com rachaduras antigas que suscitam a ideia de que um gigante usou seu machado nelas há muito tempo, castigando a rocha com a lâmina muitas vezes.

Estamos na base da montanha menor, cujo formato sugere alguém com as costas encurvadas para se proteger do frio. Acima de nós, a formação rochosa natural perto da base da montanha continua, mantendo o caminho escondido e coberto por sombras, enquanto grupos mais minguados de árvores salpicam a encosta.

— Olhe para você — Lu diz ao meu lado. — Não está pingando ouro pelo rabo nem mandando uma ave derretida e furiosa atrás dos seus inimigos. Acho que vai ficar tudo bem.

— Obrigada — digo, inexpressiva.

Ela sorri e bate de leve no meu ombro.

— Relaxa, Douradinha. Olhe para o céu e relaxe.

Ergo os olhos.

— Está quase todo encoberto, e a geografia da montanha se encarrega de esconder onde não tem nuvens.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Bom... e agora?

— Agora eu te mostro tudo por aqui — a capitã responde, e se vira para o outro lado, em direção à montanha maior. — Daquele lado fica o Poleiro, que é o abrigo dos timberwings. Está vendo como aquele caminho faz curvas? É só seguir por ele. Você passou por lá quando foi treinar com Degola há alguns dias.

— Tem muitos timberwings aqui? — pergunto, evitando mencionar o treinamento. As criaturas são bem raras e não vivem mais na natureza. Em Orea, até onde sei, só os monarcas as têm, e as usam para transporte pessoal e na guerra.

— Três sempre ficam aqui. Mas neste momento tem mais, porque os nossos também estão no ninho.

Levanto as sobrancelhas.

— Vocês têm timberwings?

— Todos os membros da Cólera têm. Por quê, está com inveja? — Lu ri.

Estremeço ao lembrar como o timberwing da Rainha Kaila me ameaçou, como as presas afiadas se aproximaram de mim pingando saliva, expostas no meio de uma bocarra aberta e de penas molhadas.

— Não. Definitivamente, não.

— Ei, não são tão maus. Muita gente tem medo deles, mas se você os treinar bem, eles são muito mansos.

— Acredito.

Ela ri e aponta para cima.

— Além do Poleiro tem a Verruga. É um dos nossos observatórios secretos de onde os guardas vigiam tudo.

— Por que se chama Verruga?

— Porque parece uma saliência na lateral da montanha. E é muito difícil chegar lá. São cerca de cem degraus instáveis e escorregadios, e aí você fica

espremida em um posto minúsculo, acompanhada apenas por uma pequena lamparina de aquecimento e binóculos.

— Deve ser aconchegante.

— Venha. Seguindo por aqui, chegamos ao local onde o povo do vilarejo mora. Todas as casas ficam enfileiradas embaixo da plataforma da montanha. Tudo foi construído embaixo dela para impedir que os timberwings vejam alguma coisa do alto — ela explica.

No mesmo instante, as casas aparecem, cada uma só ligeiramente diferente da casa vizinha. Todas parecem entalhadas diretamente na montanha, com telhados de pedra inclinados e portas de madeira revestidas de gelo. Cada porta fica a poucos metros da outra, e a maioria tem de enfrentar as trepadeiras que rastejam pedra acima, algumas carregadas de frutinhas de aparência dura.

— As casas são pequenas.

— Parecem, mas não são.

Passamos pelas primeiras, e vejo chaminés pequeninas brotando do teto e cuspindo fumaça. Depois de mais alguns momentos, o caminho paralelo às casas se torna uma descida pouco acentuada, e vislumbro um amplo espaço aberto lá na frente, onde a base da montanha encontra o chão.

— Aquilo é o pavilhão — Lu explica. — É onde todo mundo se reúne quando cansa de ficar em casa, e é lá que todos estão agora, porque essa tempestade durou muito tempo.

O pavilhão é parcialmente exposto, metade dele está escondida no ventre da montanha. A plataforma se projeta um pouco mais aqui, mas tem um brilho alaranjado de uma grande fogueira acesa embaixo dela. Sinto cheiro de carne assando antes de vê-la, mas meus olhos são atraídos por todos os moradores reunidos em torno do fogo. Alguns estão em pé, outros ocupam as mesas sob a plataforma na caverna, muitos com um copo na mão ou comida na boca. A cena me faz lembrar da primeira vez que vi o acampamento do exército do Quarto.

— Não é muito, mas é basicamente tudo que tem em Drollard — Lu concluiu quando paramos embaixo de um trio de árvores no limite da área circular de pedra demarcada para o pavilhão.

— Beleza, vamos comer alguma coisa.

Faço uma careta.

— Preciso ir?

— Sim. Você só vai ficar ali, pegar um pedaço de carne, beber um pouco de vinho e conhecer algumas pessoas.

Hesito, e meu estômago parece ferver.

— Conhecer pessoas nunca é gratificante.

Ela ri.

— Agora falou como uma verdadeira Cólera. Exceto Judd, talvez. Ele é simpático a ponto de ser irritante. — O rubi do piercing sobre seu lábio brilha quando ela me encara e me analisa. Provavelmente vê o medo em meu rosto, porque indaga: — O que foi que eu falei, Douradinha?

Suspiro.

— Eu tenho o controle.

— É isso aí. Agora vamos.



33

AUREN

Faz uma hora.

Uma hora na caverna onde me transformei em um objeto decorativo, sem sair do lugar. A vários metros, o fogo ainda arde radiante, mas a carne assada sobre ele acabou, só restaram os ossos e a gordura que pinga sobre as chamas e provoca centelhas e chiados.

Minhas mãos enluvadas ainda seguram a caneca de vinho que Lu me deu, mas só bebi poucos goles. Quero me manter lúcida para garantir que minha magia não vai me pegar desprevenida. Mas não senti nada.

Pouco a pouco, consegui relaxar. E foi então que notei que as pessoas em Drollard são... estranhas.

Não é o jeito como me encaram. Já me acostumei com isso. Além do mais, acho que, em um vilarejo tão pequeno, *qualquer* cara nova causaria esse tipo de interesse, dourada ou não.

Assim que entrei com Lu, toda a atenção se voltou para mim. As pessoas nas mesas, as que conversavam em volta do fogo, as que estavam sobre a formação rochosa da montanha, todo mundo olhou para mim. Houve até um grito sufocado de alguém que tocava um pequeno instrumento de cordas.

Mas depois que Lu me apresentou, todos relaxaram, e os olhares diretos e descarados se tornaram espiadas discretas. Então, não é o jeito como me fitam ou o desconforto causado pela presença de uma desconhecida. É outra coisa. Algo que não consigo identificar.

Lu e eu dividimos um assento junto da parede, uma projeção rochosa que forma um banco perfeito. Eu estava satisfeita ali sentada, olhando tudo,

enquanto Lu revelava com mais detalhes informações sobre o vilarejo, provavelmente só para preencher o silêncio e tornar a situação menos incômoda.

— E aí, ainda não sentiu o impulso assassino do ouro? — ela pergunta. — Nenhuma vontade de fazer as paredes começarem a mijar ouro?

— Hum... não.

— Viu? Está indo muito bem.

Rio baixinho e mudo de posição, tentando me ajeitar melhor, mas uma saliência afiada encontra uma das minhas pontas cortadas. Eu me encolho e sufoco um gemido, sentindo a dor subir pelas costas.

— Tudo bem?

Deixo o ar sair lentamente pela boca.

— Sim — sussurro.

Sei que ela continua a me observar, mas não com piedade ou preocupação.

— Dói?

Meu olhar para ela é de incredulidade, porque *é claro* que dói.

— Sim.

Lu aponta para o meu rosto, e o gesto me pega desprevenida.

— Mas isso significa que você sente. Significa que está *viva*. — Esta não é a Lu relaxada e amigável. Essa é a Lu, capitã do exército do Quarto, dirigindo-se a um soldado.

Sinto um nó na garganta.

— Só uma parte de mim — admito.

Vinte e quatro fitas não sobreviveram.

— Tudo bem — ela diz, sem hesitação alguma, com um brilho duro nos olhos. — É só fazer dessa a parte mais forte.

Meus lábios se esticam, e as palavras dela estabilizam minha coluna e fazem a dor diminuir um pouco.

— Esse é o plano.

Ela bate com a caneca na minha de novo.

— Um plano bom da porra, Douradinha. Acho que é o melhor que já teve.

Também acho.

— Obrigada, Lu.

Ela não pergunta por quê. Ela sabe.

Lu desliza um pé mais para a frente, apoia um braço no joelho, e eu olho novamente para o povo de Drollard.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Vá em frente — ela incentiva.

Felizmente, estamos longe o suficiente das pessoas. Acho que ninguém vai ouvir a conversa.

— É que... alguma coisa... não se encaixa.

Lu me espia pelo canto do olho.

— Isso foi uma pergunta?

Suspiro, frustrada.

— Não consigo explicar, mas sinto alguma coisa estranha nas pessoas daqui.

Estou esperando Lu revirar os olhos, fazer uma piada ou me acusar de ser paranoica e imprecisa na minha descrição, mas não é o que acontece. Em vez disso, uma expressão ilegível passa por seu rosto, antes de ela se virar e apoiar a cabeça na parede entre nós.

— Hum.

Franzo a testa.

— Por que tenho a impressão de que há alguma coisa que não me contou?

— Provavelmente porque tem alguma coisa que não te contei.

Antes que eu possa exigir respostas, Lu balança a cabeça.

— Não tenho esse direito.

Comprimo os lábios, formando uma linha fina.

— Slade — declaro, sem precisar perguntar.

— Tem um motivo para ele ter sentido necessidade de anexar Poçomorto ao seu território. Tem uma razão para o posto avançado do Quarto ficar bem na fronteira, não muito longe daqui. Tem um motivo para as pessoas parecerem... estranhas para você.

A resposta só enche minha cabeça com mais perguntas. Mas se tem uma coisa que sei sobre Lu é que ela é incrivelmente leal a Slade. Se está dizendo que não tem o direito de revelar a história, não vou conseguir tirar nada dela, de jeito nenhum.

— Parece que Slade e eu ainda temos uma lista de assuntos sobre os quais conversar.

— É, ele gosta de ser dramático sobre essa questão de ser o tipo silencioso e carrancudo. Acabou se tornando a personalidade dele.

Dou risada, balanço a cabeça e olho em volta de novo. Alguns ali cumprimentaram Lu quando chegamos, serviram comida para nós, porém, de

maneira geral, nos deixam à vontade. No começo achei isso bom, mas agora me pergunto por quê.

— Com que frequência você vem aqui?

Ela dá de ombros.

— Não muita. Só quando precisamos parar para conversar com Ryatt ou ajudar no transporte dos suprimentos, e às vezes venho com Degola para ele... fazer o que precisa fazer.

Percebo a breve hesitação e a declaração vaga.

— E quantas pessoas moram aqui? Não vi muitas casas.

— São trinta e duas, sem contar a Gruta. E dentro dessas casas moram cinquenta e sete pessoas.

— *Cinquenta e sete?* Estive em festas de montarias com mais participantes. — A capitã sufoca uma risadinha. — Com um ambiente tão inóspito e isolado quanto este lugar, não me surpreende que seja uma população em crescimento — comento. — Mas Hojat me contou que veio morar aqui. Como isso aconteceu? Como cada uma dessas pessoas veio parar em um lugar que não existe?

Lu olha para mim por um longo instante e bebe um gole de vinho em vez de responder.

Suspiro.

— Sei, sei. Não tem o direito de falar.

— Você aprende depressa.

— Então, praticamente todo mundo está aqui hoje — resumo, observando em volta outra vez.

— É o que parece.

— Não vejo crianças.

— Tem uma... Ele deve ter uns dois anos. A esta hora, provavelmente está dormindo com a mãe.

— Só uma criança, em meio a todas essas pessoas? — pergunto, curiosa, estudando o ambiente mais uma vez. Não ficaria surpresa com essa informação se os moradores fossem velhos, mas não é o que parece. Tudo que vejo são homens e mulheres no auge da vida.

— Teve outra — Lu conta, e bebe um longo gole, limpando com a língua uma gota que escorre pelo lábios. — Você o conheceu, na verdade.

— Conheci?

— Sim. Graveto.

Lembro-me imediatamente do garotinho no acampamento do exército. Ele levou minha refeição quando conheci Degola e Osrik.

— Ele nasceu em Drollard?

Lu assente.

— Todas as crianças que nasceram aqui, e não foram muitas, ingressaram no exército.

— Por quê?

Lu me olha de lado.

Deixo escapar outro suspiro, frustrado. A lista de coisas que preciso perguntar a Slade cresce a cada minuto.

Neste momento, uma loira bonita se aproxima para falar com Lu e a cumprimenta com um sorriso caloroso. Mais uma vez, sou acometida pela sensação de estranheza. A mulher é agradável, não tem nada de incomum em sua expressão ou na aparência como um todo, e mesmo assim...

Mesmo assim.

Miro o pavilhão em que as pessoas circulam, movimentando-se pela pedra áspera, tijolos que desenham no chão uma espiral rumo ao centro. Dois homens jogam mais lenha na fogueira, espalhando centelhas no ar, ao passo que outro grupo se reúne em torno de um barril de vinho, enchendo canecas e fumando cachimbos em um formato que nunca vi antes.

É tudo muito... agradável.

Então, por que os pelos na minha nuca estão em pé?

Neste momento, capto o som de vozes alteradas. De imediato, penso que são só mais moradores do vilarejo se divertindo, mas depois de um segundo fica evidente que os tons não são de animação, e sim de *raiva*.

Aguço os ouvidos, à procura de identificar a origem da conversa enquanto estudo o ambiente. Então, viro a cabeça e descubro que vem do interior da caverna do pavilhão.

Não tinha prestado atenção a nada além das mesas em que as pessoas comiam. Mas agora vejo dois túneis no fundo. Bem, um deles é um túnel, e o outro parece uma fenda na montanha, criando um caminho bem estreito. É quase impossível enxergar daqui o interior escuro, mesmo com as lamparinas penduradas perto das entradas.

Quando as vozes se alteram de novo, algumas pessoas nas mesas se viram para observar. Sinto um arrepio quando os tons de barítono cortam o ar, embora não sejam suficientemente nítidos para eu entender as frases.

Mas não preciso de palavras, porque conheço aquela voz.

Fico em pé no mesmo instante, deixo a caneca de vinho no banco e caminho para o interior do pavilhão. Contorno as mesas e acompanho a parede oposta da caverna, tentando não chamar atenção. O primeiro túnel que alcanço é o mais largo, e tem caixotes ali dentro, todos transbordando mantimentos.

A caminho da entrada, escuto as vozes se elevarem mais uma vez, e percebo que vêm da fissura aninhada no canto e protegida pelas sombras.

— Mais um? Quantos são agora?

Reconheço a voz de Ryatt instantaneamente, embora seja sussurrada por entre os dentes em uma evidente expressão de raiva.

— Seis — Slade responde.

— *Seis?* Mas que porra! Até quando vai ignorar isso?

Paro e arregalo os olhos.

— Ainda temos tempo.

A risada de Ryatt é amarga.

— Continue repetindo isso para si mesmo.

— O que espera que eu faça? — De repente, Slade está quase rosnando.

— Espero que proteja Drollard. Espero que não atraia uma ameaça para cá. E que seja um rei, cacete.

— Pare de insinuar que não protejo Drollard. Faço tudo que posso para garantir a segurança deste lugar.

De repente me sinto constrangida, ali parada, ouvindo a conversa. Olho para Lu e percebo que ela ainda interage com a mulher, apesar dos olhares curiosos que dispara em minha direção. Estou me virando para voltar para lá, quando ouço Ryatt dizer:

— Se isso fosse verdade, não a teria trazido para cá.

Paro onde estou. Eles estão falando *de mim*?

— Auren não é uma ameaça — Slade praticamente grunhe.

Meu coração começa a bater mais forte.

— Todos nós a vimos no salão de baile. Se aquilo não é uma ameaça...

— Ela não vai fazer aquilo aqui. — Slade parece muito seguro, mas começo a suar de nervosismo.

— Você não sabe. — Slade começa a retrucar, mas Ryatt continua: — *Não sabe*. E quero ela fora daqui.

Uma dor aguda explode em meu estômago, e eu me viro, mas desta vez olho para os moradores do vilarejo, não para Lu. Observo todos a quem poderia ferir, se perdesse o controle.

De repente, cinquenta e sete não parece um número tão pequeno.

A vergonha sobe por minha garganta e aperta meu pescoço.

— Não cabe a você decidir, Ryatt. — Agora Slade fala baixo, com o tipo de raiva que sugere uma panela fechada fervendo em fogo baixo. — E ela está progredindo.

— Ah, é? Se ela está progredindo tanto aqui, por que não contou a verdade a Auren? Por que não contou a Auren sobre ela? Está com vergonha?

A pausa é longa, pesada.

O peso se transfere para mim e cai no estômago como uma pedra em um poço, e os estalos ecoam em meus ouvidos a cada vez que ela se choca contra os nervos.

Por que não contou a Auren sobre ela.

Contou a Auren sobre ela.

Sobre ela.

A pedra chega ao fundo e se choca contra os destroços do medo.

Ela.



34

AUREN

A frase de Ryatt ainda reverbera em mim quando a mão em meu cotovelo me causa um sobressalto. Viro e encontro Lu parada ao meu lado com uma expressão tensa.

— O que...

— Vou contar quando ela estiver forte o bastante. Não posso sobrecarregá-la com isso — ouço Slade dizer.

As sobrancelhas pretas de Lu se arqueiam quando percebe que eu estava ouvindo a conversa.

— Ela...

Lu pigarreia. Alto.

Olho para ela com ar de reprovação, todavia, para ser honesta, não quero ouvir mais nada.

Por que não contou a Auren sobre ela? Está com vergonha?

Há uma pausa, depois passos, e então o sinto atrás de mim.

Não me viro. Meus ombros estão tensos, as emoções são como águas turbulentas sob uma cachoeira, castigadas por sedimentos revoltos, girando com pensamentos que escapam ao meu controle.

— Vocês sabem que as vozes viajam com mais facilidade dentro de um túnel, não sabem? — Lu pergunta.

Um movimento ao meu lado me faz olhar de soslaio para o rosto de Ryatt. A raiva que ele despejou lá dentro parece tê-lo esvaziado, porque em vez de ódio, o que vejo em seu rosto é remorso. Ele abre a boca como se fosse me dizer alguma coisa, mas balança a cabeça e se afasta.

Lu olha por cima do meu ombro.

— Quem mijou no mingau dele?

Levanto o olhar e o encaro.

— Você não avisou que ia trazer Auren hoje — ele diz para Lu.

— Ela precisava sair da Gruta.

Nós três contemplamos a fogueira, onde Ryatt agora se encontra cercado por moradores. Olhando para ele, ninguém diria que momentos atrás estava praticamente cuspindo raiva. Agora parece relaxado. Feliz. Não há nenhuma indicação da emoção que ainda deve ferver em sua cabeça. Em vez disso, parece completamente à vontade com as pessoas ao seu redor, que demonstram simpatia, riem e conversam.

Até que seus olhos encontram os meus através do espaço, fazendo meu estômago embrulhar quando me viro.

Quero ela fora daqui.

Todos nós a vimos no salão de baile.

Cinquenta e sete pessoas.

Abro a boca para dizer... alguma coisa, mas todo pensamento turbulento é interrompido quando vislumbro algo no rosto de Slade.

— Isso é sangue?

Ele leva a mão ao rosto e tenta limpá-lo, mas só consegue espalhar a mancha.

— É seu? Você está machucado? — Talvez ele e Ryatt realmente tenham trocado socos, antes de eu chegar?

Mas Slade balança a cabeça, em um sinal negativo.

— Não é meu.

— De quem é, então? — Ryatt não parecia ter sido atingido, não havia nenhum outro sinal visível de sangue.

Os olhos de Slade se voltam para a direita. Para o túnel, e sinto um arrepio nas costas.

— De quem é esse sangue? — repito a pergunta.

Seus olhos verdes se voltam para Lu, e eles trocam um olhar carregado.

— Douradinha — ela diz, aproximando-se de mim. — Que tal você e eu irmos terminar nosso vinho...

Eu me afasto antes que qualquer um deles me impeça, entro na abertura onde Slade e Ryatt estavam. Ouço quando ele me chama, mas o ignoro, assim

como ignoro a escuridão em que mergulhei de repente e até o jeito como as paredes claustrofóbicas parecem me pressionar à medida que avanço.

Algo me empurra para a frente enquanto ouço o eco das batidas fortes do meu coração, e então alcanço o fim da fresta e chego a uma caverna mal iluminada. A primeira coisa que vejo é uma porta grossa de ferro. Há também um barril e uma cadeira encostados nas paredes irregulares. Lamparinas penduradas em um gancho. De alguma forma, a fluorescência aqui parece mais sinistra, como se os veios da montanha tivessem se tingido de um tom doentio de verde em certos trechos.

Ouço passos atrás de mim e avanço, ainda ouvindo a pulsação acelerada em meus ouvidos. Eu me aproximo da porta e espio pelas ripas no topo. No início, não consigo nem discernir exatamente a cena com que me deparo.

Mas o cheiro...

— Auren.

A mão de Slade toca meu braço e tenta me afastar com delicadeza, mas me esquivo do contato. Meus olhos se adaptam à escuridão, a mente me revela o que estou vendo ao mesmo tempo que se revolta contra isso. Mas não há como negar aquele amontoado do tamanho de uma pessoa.

O cheiro oriundo daquele espaço se intensifica com o passar do tempo, e fecho a boca tentando prender a respiração. No entanto, o cheiro pútrido parece penetrar nos meus poros, obstruindo a pele com sua imundície, fazendo o estômago revirar. E tem um som, um zumbido incessante que parece vibrar em todos os meus ossos.

Estou prestes a me virar, prestes a perguntar a Slade quem é, quando um par de olhos inchados se abre e os vejo refletir a luz fraca da lamparina.

Sufoco um grito e cambaleio para trás.

Como ele pode estar *vivo*?

Este homem — se é que ainda pode ser considerado um homem — olha diretamente para mim, deitado de lado no chão de terra. Mesmo com pouca iluminação, percebo que seu corpo está inchado sob as pernas da calça e mangas da camisa rasgada. A pele escurecida descasca, o cabelo não passa de tufos de fios podres presos a um couro cabeludo embolorado. Tem sangue coagulado nos lábios, e os dentes...

— Grande Divino...

O braço de Slade me envolve e me puxa, e desta vez deixo que ele me afaste e me leve pelo túnel, amparando meus passos instáveis. Quando sinto

uma brisa de ar, viro a cabeça naquela direção, respirando profundamente.

— Eu não queria que você visse aquilo — ele admite, enquanto apoio a mão na parede da caverna.

Eu o encaro.

— Quem é?

— Não reconheceu a roupa?

— Eu estava muito ocupada notando os dedos caindo da mão podre.

Slade comprime os lábios e desvia o olhar, e vejo o perfil de seu queixo pronunciado ser banhado pelas sombras.

Solto o ar, paro um segundo para pensar além das partes mais chocantes, lembrando-me das roupas amarrotadas, e arregalo os olhos.

— O casaco era dourado.

Ele se vira, me encara e assente com o rosto sombrio.

— Sim. Era um espião de Midas. Foi mandado para obter informações depois que fechamos o acordo referente a Poçomorto — explica. — Tentaram fugir quando cheguei, mas Ryatt localizou todos eles.

Engulo em seco.

— Eles encontraram Drollard.

— Sim — ele confirma. — Ryatt cuidou dos outros, mas deixou aquele para ser interrogado.

Tudo o que Slade está dizendo faz sentido. Sei que este é o mundo real, onde as pessoas têm de ser implacáveis para proteger os seus. Mas testemunhar isso...

— Você conseguiu tirar dele a informação de que precisava? — Minha voz não soa exatamente como de costume.

Ele abaixa a cabeça.

— Sim.

— E a aldeia está protegida?

— Está.

— Então... está encerrado.

Slade franze a testa.

— Como assim?

Aponto na direção da porta da cela.

— O interrogatório. Acabou. E você pode acabar com o sofrimento daquele homem.

Há uma pausa. Uma pausa muito longa.

Seguro seu braço.

— *Slade*. Você não pode mantê-lo assim.

— Por que não? — ele questiona, enrijecendo os ombros. — É um espião. Ele ia contar tudo para Midas. Todos os meus segredos cuidadosamente guardados teriam sido *destruídos*.

Noto a raiva em seu rosto, a forma como a pele ao redor dos olhos se contrai.

— Eu sei. Mas você e Ryatt impediram tudo isso. E agora é hora de encerrar essa história. É evidente que ele não consegue mais falar. O que você está fazendo é cruel.

Ele me encara.

— Já fiz coisas muito mais cruéis.

Instantaneamente, todas as lembranças de cadáveres pútridos e terra podre voltam à minha mente, e a náusea sobe pela garganta.

— Sei disso.

— É mesmo? — ele desafia, e um brilho feroz ilumina seus olhos. — Não tenho tanta certeza de que sabe.

Minha mão cai, como se as palavras pesassem em meus braços.

— Eu gostaria de voltar para a Gruta agora.

Slade me observa, mas continuo a encarar aquela porta, a origem do zumbido que ainda posso ouvir. O barulho de moscas infestando a carne de um homem em decomposição.

— Eu te acompanho — Slade murmura.

Ele coloca a mão nas minhas costas, e saímos da fenda na montanha. Sinto a fissura arranhar meus braços quando passamos pelo corredor estreito. Parece que leva ainda mais tempo para sair do que demorei para entrar.

Por fim, ouço o ruído dos aldeões e, um momento depois, estamos de volta ao pavilhão. Tudo continua como antes. As pessoas bebem e socializam, o homem do outro lado toca seu instrumento musical. Parece que adentrei um mundo diferente. Eu me pergunto o que os aldeões pensariam se soubessem que dentro desta montanha existe uma pessoa cuja língua está se desintegrando dentro da boca.

O trajeto de volta é silencioso e, por mais que eu respire fundo várias vezes, juro que ainda posso sentir o odor.

Quando chegamos à caverna, Slade me segura pelo braço.

— Fale o que está pensando.

São muitos pensamentos ao mesmo tempo.

Slade está mergulhado em luz azul, mas é impossível não enxergar a apreensão em seus olhos.

— Tem um motivo para eu ser o Rei da Podridão, Auren.

— Eu sei — respondo. E entendo. Sei que ele conquistou essa reputação por um motivo, assim como sei que faz coisas para proteger seu povo e seus segredos.

Mas Slade está certo — é diferente testemunhar tudo isso com os próprios olhos. Exatamente como quando saí do Sexto e vi os corpos presos como carne no espeto. Como quando vi aqueles guardas em Ranhold caindo no chão, enquanto os órgãos apodreciam. É diferente ver isso, e é diferente saber que um homem foi deixado lá sofrendo só para apaziguar o que existe dentro de Slade e o leva a fazer isso.

Porque ele é o Rei da Podridão. E eu...

Tenho um pedaço dessa podridão dentro de mim.

35

AUREN

Quando Slade e eu chegamos à Gruta, paro de repente. Porque não vou fazer isso. Não vou entrar e ficar ruminando questionamentos. A velha Auren o teria feito, teria ficado nervosa demais para tocar no assunto. Mas não sou mais assim, e Slade não é Midas.

Ele para ao meu lado.

— Que foi?

— Não vamos entrar — anuncio, com o queixo levantado e o peito apertado.

— Não?

— Não. Pode dar meia-volta e indicar o caminho — ordeno, apontando para fora.

— Caminho... para onde?

— Para *ela*.

— Auren, o que você ouviu... — Suas palavras se desmancham em pedaços de frustração.

— Sei o que ouvi. E você e eu... Ainda há muitos segredos. Muitas coisas que não sabemos. Mas não vou simplesmente entrar e deixar isso fermentando, esperar até que você me considere pronta para ouvir o que tem a me dizer. Então, me leve até ela. Você disse "passado, presente e futuro", certo?

Slade respira fundo, mas continuo a encará-lo nos olhos sem hesitar. Porque a única maneira de percorrer um novo caminho é parar de seguir a mesma trilha esburacada.

Mesmo que o presente dele seja tão chocante quanto um cadáver vivo.

Mesmo que o passado dele parta o meu coração.

Mesmo que seu futuro não esteja garantido.

A emoção escorre pela minha garganta e se acumula no fundo da língua.

— Nunca mais vou me entregar a alguém que não corresponde com a mesma entrega. Então, se tem mais alguém aqui... preciso saber.

Vejo sua garganta se mover e os olhos brilharem mais forte. Isso é uma bifurcação. Ele sabe disso, eu sei disso. Se fosse Midas, ele escolheria um caminho.

Mas Slade...

Slade escolhe outro.

— Tudo bem, Pintassilgo. Vamos lá.



Em vez de voltar às casas do povoado por onde passei mais cedo, a caminho do pavilhão, Slade sai da Gruta e vira à direita, em direção ao Poleiro e à caverna de treinamento salpicada de ouro. Eu o observo, desconfiada, mas ando ao seu lado pela encosta nevada, deixando para trás o cerne da aldeia.

Passamos pelo Poleiro que Lu mencionou e, então, quando praticamente tropeço nelas, me deparo com um conjunto de escadas curtas e frágeis feitas de degraus rasos de madeira branca. Levanto a cabeça e percebo que os degraus sobem até a Verruga, bem lá no alto, presa na encosta da montanha como um mirante saliente.

Sua estrutura é camuflada por neve e pedras, uma espécie de lona coberta de neve pesada que parece cobrir tudo e esconder o local de quem olha de cima. Tudo que consigo enxergar daqui é o brilho suave da luz do fogo, que sugere que, provavelmente, tem alguém lá em cima agora, vigiando.

Eu me viro e continuo seguindo Slade, sem nenhum de nós romper o silêncio. Estou tão nervosa que meu estômago se contrai, fazendo a náusea ácida subir pela garganta. Nesse meio-tempo, Slade parece tenso o suficiente para se quebrar no meio, com os braços tão rígidos junto do corpo que endurecem seus passos.

Seu desconforto só aumenta o meu.

As nuvens encobriram o luar, e a paisagem não é mais tão clara quanto antes. Agora, à medida que contornamos a base da montanha, as sombras

parecem espectros, enquanto uma luz sombria se projeta sobre a neve. Quanto mais caminhamos, mais minhas pernas se cansam, e parece que a temperatura despenca em questão de minutos. Mesmo com as mãos escondidas no casaco, o ladrão gélido que chega com o ar rouba qualquer medida de calor que tento reter.

Então, a caverna de treinamento aparece na nossa frente, mas em vez de seguir adiante, Slade faz uma curva fechada e desaparece em uma abertura menor, quase escondida por completo na encosta acentuada de uma rocha íngreme que se mistura com o restante da montanha. Eu nunca teria notado a fenda ali, se não o tivesse visto entrar nela.

Hesitante, eu o sigo, passo por trás da rocha e viro imediatamente à esquerda para desaparecer dentro da montanha.

Meu queixo cai quando vejo quanto aquilo é grande. Ainda maior que a Gruta, este sistema de cavernas é tão alto que não consigo determinar onde está o teto.

— Por que estamos aqui? — pergunto, e me encolho assim que falo. Porque, apesar de ter falado baixo, minha voz ecoa no espaço vazio e amplo. — Por que não voltamos para a aldeia onde ficam as casas?

Slade se vira para mim, envolto em uma luz em tom de safira.

— Ela não mora com os aldeões.

O ar fica preso em meus pulmões, os cordões de apreensão presos em minhas costelas não me deixam respirar fundo.

— E... quem é ela? — A pergunta feita em voz alta soa muito silenciosa, em comparação com o jeito como grita em minha cabeça.

Seu olhar preocupado desvia e os olhos buscam as profundezas da caverna. A ansiedade em sua expressão não faz nada para aliviar a minha.

— Ela... — Slade para e olha para mim. — Queria ter preparado você melhor, mas só... fique calma, ok? É importante.

Ficar calma?

— Como posso ficar calma, se nem sei em que situação estou me metendo?

— Eu sei — ele responde, com alguma empatia. — Mas agora que estamos aqui, é melhor eu te mostrar.

Isso não me faz sentir melhor.

Mesmo assim, Slade se vira e eu o sigo, entrando mais fundo na caverna que parece nunca ter fim.

No entanto, conforme avançamos, continuo a refletir sobre as palavras de Ryatt. E aquele homem na cela, uma lembrança tão fresca em minha cabeça que consigo ouvir de novo o zumbido das moscas.

Mas então, a caverna faz uma curva, e, bem ali, no meio do espaço, tem uma casa. É uma versão em miniatura da Gruta, mas essa praticamente brilha. Existem faixas grossas de fluorescência que se curvam e ondulam, como ondas no mar. Elas brilham contra as partes escuras da caverna, uma galáxia rodopiante em um céu sem lua.

A casa propriamente dita é uma estrutura simples, com uma porta bem no meio, um telhado inclinado com manchas de cálcio e uma poça no chão que parece ter borrado o piso de pedra bem abaixo do beiral. Não sei bem de que cor são os tijolos de pedra que compõem a estrutura, mas não ficaria surpresa se absorvessem o brilho e começassem a emitir luz própria.

Slade me dá um momento para absorver tudo, e então seguimos em frente, andamos diretamente para a casa. Mas...

Aquele zumbido continua em meus ouvidos.

Ou o tempo que passei na porta da cela me traumatizou mais do que eu imaginava, ou...

Não. Não é o zumbido de moscas à procura de uma refeição pútrida. É um zumbido incessante e baixo, e é muito real.

— Que barulho é esse? — pergunto, mas mudei de direção sem parar de andar, dando a volta na casa em vez de ir na direção dela. O barulho vem de algum lugar lá atrás, de algum lugar além da curva da caverna, onde não consigo enxergar. Está mais alto agora, um som tão grave que posso senti-lo desde os ossos dos pés até o crânio.

Mais perto. Preciso me aproximar. Preciso chegar ao...

Uma mão me detém e me tira do transe.

— Por aqui, Auren.

A voz de Slade faz o zumbido se transformar em quase nada.

Balanço a cabeça para mim mesma e me deixo levar de volta para a casa. No entanto, uma estranha atração me faz olhar por cima do ombro e, quando olho, o zumbido aumenta ligeiramente.

Viro para a frente de novo, e meu coração dispara.

— O que é isso? — indago, levantando as mãos para suprimir um arrepio que se espalha por todo o meu corpo.

— Uma coisa de cada vez. — Slade olha para mim assim que chegamos à porta da casa. — Pronta?

— Como posso estar? — pergunto, com franqueza.

— Justo — ele concorda, mas segura minha mão. Meu estômago reage sobressaltado ao gesto, e olho para nossos dedos entrelaçados, como se precisasse me certificar de que ele fez mesmo isso. Se estivéssemos prestes a entrar na casa de uma amante, de uma esposa secreta ou montaria favorita, ele não seguraria minha mão...

Certo?

Antes que meu estômago suba até a garganta, Slade abre a porta.

Sem bater. Sem chamar. Apenas gira a maçaneta que range e entra. A sola dos meus sapatos parece pesar com o medo quando entro, e tento me preparar. Tento conter as emoções e erguer muros para me manter em pé, aconteça o que acontecer.

As primeiras coisas que noto são o calor e a luz reconfortante do fogo. Ela permeia toda a casa em plano aberto, de forma que posso ver tudo, de uma ponta a outra. E isso não é surpreendente, considerando a enorme lareira que domina a parede à frente e o fato de toda a casa ser um grande espaço quadrado.

Há uma cama no canto mais afastado, atrás de uma divisória entalhada que deixa apenas o pé visível, e um cobertor amarelo de tricô protege o colchão. Bem na frente da cama encontram-se duas cadeiras estofadas sobre um tapete diante do fogo, e entre elas vejo uma mesinha redonda com uma xícara de chá.

À esquerda fica a cozinha aberta, com uma bancada estreita e um fogão de ferro que esfriou, e ao lado dele fica a pia. Logo depois da mesinha redonda de jantar avisto um conjunto de prateleiras que não ultrapassa a altura dos meus ombros, e cada centímetro delas é ocupado por livros.

Por um momento, fico tão concentrada em analisar cada pequeno detalhe da casa que nem me dou conta da pessoa sentada em uma das cadeiras diante do fogo, até perceber um movimento. A princípio, tudo que consigo ver é a parte de trás de uma cabeça, e meus dedos apertam a mão de Slade.

Ele pigarreia, e a cabeça se inclina em sinal de reconhecimento, mas não de espanto.

— Me desculpe por não ter vindo te ver antes.

A pessoa na cadeira se vira, e aperto a mão de Slade com mais força ainda quando ela se levanta e nos encara.

Arregalo os olhos. Ela é linda.

É jovem, deve ter mais ou menos a minha idade, mas pequena, como se cada osso fosse delicado. A pele é clara e os olhos são grandes, o cabelo é preto e está preso em um rabo de cavalo frouxo na altura da nuca. Ela olha para Slade, e seu rosto se transforma com um sorriso que crava uma faca em meu peito, porque é dolorosamente *alegre*, de partir o coração.

A mulher atravessa a sala e o abraça, e só tenho uma fração de segundo para soltar a mão dele.

Assisto ao abraço me sentindo completamente deslocada, como se invadisse algo muito privado.

Ela se afasta sorrindo para ele, e enquanto segura sua mão frágil, Slade se vira para mim.

— Auren — ele começa, e meu coração parece que vai explodir ou quebrar, não sei bem qual dos dois. — Quero que conheça minha mãe.

36

AUREN

Tudo o que sei é que não tem como eu ter ouvido direito.

Então continuo esperando que os ouvidos corrijam a mente, que Slade se corrija ou que a mulher ria e balance a cabeça.

Mas nada disso acontece.

Quero que conheça minha mãe.

Quando percebo que Slade não se corrige, olho dela para Slade.

— Sua... mãe.

Ele assente devagar.

Olho para a mulher, porque não quero ser grosseira e falar sobre ela como se não estivesse ali. E a estudo novamente, desta vez mais de perto. Há rugas muito tênues perto dos olhos, uma faixa de fios prateados bem na frente das orelhas, mas essas são as únicas coisas que poderiam envelhecê-la, e, mesmo assim, não é o que acontece. Ela parece tão jovem quanto eu.

A mulher sorri abertamente para mim, e fico impressionada com o tom verde de seus olhos e o formato da boca. Agora que não estou mais preocupada com uma amante, consigo reconhecer uma grande semelhança familiar. Mas parece irmã dele, não mãe.

Limpo a garganta e sorrio para ela.

— É um prazer conhecê-la, senhora...

— O nome dela é Elore — Slade diz, pronunciando *Eh-lore*.

— Lady Elore — continuo. — Eu sou Auren.

A mulher sorri para mim, e seus olhos verdes investigam meu rosto, me analisando abertamente. Depois de um segundo, ela sorri para Slade e toca seu

rosto de leve, depois se aproxima de mim e toca o meu da mesma maneira.

Fico um pouco assustada com o gesto, mas ela não parece notar. Só continua a tocar minha bochecha como se não tivesse restrições, nenhuma hesitação a meu respeito. Como se um olhar fosse suficiente para saber exatamente quem sou para o filho dela.

Quando Elore abaixa a mão e olha para Slade de novo, os dois compartilham algo por um momento, e é tão pessoal que tenho de desviar o olhar quando percebo o brilho nos olhos dela.

Em seguida, Elore faz a coisa mais maternal possível: estende a mão para tentar alisar uma parte do cabelo dele que está em pé, antes de fazer uma careta e arrumar a ponta de seu colarinho. Esses gestos são suficientes para dar ainda mais credibilidade à declaração de Slade.

Minha mente acelera, e olho para minha calça larga e para o casaco emprestado. Passo a mão pelo cabelo bagunçado e trançado e tento não entrar em pânico por estar conhecendo a *mãe* de Slade com uma aparência tão desleixada.

Antes que eu pense em alguma coisa educada para dizer, Elore se afasta e vai para a cozinha. Vejo que acende o fogão e se põe a cantarolar baixinho.

— Como ela pode ser sua mãe? — cochicho para Slade. — Ela parece ter a mesma idade...

Slade me dá um sorriso meio triste.

— Venha, vamos nos sentar.

Juntos, caminhamos até a mesinha de jantar e nos sentamos nas cadeiras de madeira. Elore põe uma chaleira sobre a chama do fogão, depois pega os pratos dos armários suspensos à sua frente.

— Deixe-me ajudar — ofereço, e me levanto de novo, mas ela não responde nem se vira. Em vez disso, continua juntando biscoitos e depois fatia o queijo, enquanto eu fico de lado, meio constrangida. Ela não para de cantarolar.

Juro, a melodia é familiar.

Quando olho para Slade, ele diz:

— Está tudo bem. Venha cá.

Hesito por mais um momento, mas volto para a mesa e me sento. Continuo observando a mulher com interesse, cada vez mais intrigada. Porque, assim como no pavilhão com os outros aldeões, eu sinto.

Aquela sensação de alguma coisa *estranha*. Fora do lugar.

Olho para Slade.

— Não entendo.

— Minha mãe não fala mais. Só muito raramente — ele me diz.

Quase pergunto por que não, mas engulo as palavras, porque não quero ser insensível na frente dela só para saciar minha curiosidade instantânea.

Elore se aproxima para colocar os pratos na mesa, seu perfil fica diretamente na minha frente, e não consigo disfarçar o choque. Com os olhos fixos nela, percebo algo que devia ter notado desde o início. Suas orelhas são arredondadas.

— Ela... não é feérica. — Lembro-me instantaneamente de Slade me dizendo que ele é apenas meio-feérico.

No entanto, quando falo a palavra "feérica", ela fica tensa de repente. Para de cantarolar e parece estremecer, como se sentisse um arrepio. Slade fica em pé e contorna a mesa. Segura suas mãos trêmulas e se abaixa para que ela olhe em seus olhos.

— Está tudo bem — ele a acalma, acariciando com os polegares o dorso das mãos frágeis. — Tudo certo.

Elore assente e solta um suspiro trêmulo, mas a chaleira começa a apitar, estridente, e ela dá um pulinho.

— É só o chá — ele murmura. — Quer que eu prepare?

Devagar, Elore concorda, e Slade a senta na cadeira vazia como se ela fosse a coisa mais frágil do mundo. Observo seus dedos trêmulos e o rosto ainda mais pálido do que antes. Sinto que estou paralisada, sem saber o que fazer ou dizer para ajudar.

Mesmo assim, Slade mantém a calma e se dirige com passos seguros à chaleira gritante. Ele pega as xícaras dos ganchos na parede e, quando começa a servir o chá, cantarola. O mesmo tom suave e calmante.

No momento em que ele traz as xícaras para nós e se senta novamente, Elore já se acalmou, os olhos não expressam mais tensão, a boca não está mais virada para baixo. Ela sorri para Slade, um sorrisinho triste.

Mordisco os biscoitos, bebo meu chá e, durante meia hora, só os observo.

É fascinante. Slade fala baixinho, conta sobre o aspecto da neve e sobre como o vento soprava forte durante a nevasca. Ele fala de seu timberwing e promete lhe trazer uma pena na próxima visita. Conta à mãe sobre o vinho quente que encontrou no Porão e diz que vai lhe trazer mais vinho também.

Fique calma, Slade me disse antes de chegarmos. Apenas... *fique calma.*

Mas ele não disse isso porque ia me mostrar algo perturbador; disse isso porque a mãe *precisa* de calma, é evidente. Não é só não falar. Tem mais alguma coisa presa nas profundezas de seu silêncio. Não sei onde está sua mente ou o que ela poderia estar pensando, mas ver sua reação à palavra "feérica" foi assustador.

Pela maneira paciente e segura como Slade age com ela, fica nítido que ele faz tudo que pode, desde o tom de voz até os assuntos corriqueiros sobre os quais fala, para manter o ambiente o mais tranquilo e simples possível.

Durante a meia hora seguinte, é assim que o tempo passa. Ele fala em um tom reconfortante, enquanto a mãe o observa com um sorriso no rosto. Não importa que ela não fale, porque o carinho é tão real quanto as xícaras de cristal em que tomamos o chá.

Apesar de estar cheia de perguntas, deixo-as em segundo plano, porque parece que Slade ergueu um véu e me permitiu ver uma parte dele que muitas pessoas não veem. Estou vivenciando parte de seu passado e presente, algo vulnerável, privado e *precioso*. Porque o tratamento que dispensa a ela deixa claro que a mãe lhe é preciosa.

Isso faz meu coração doer pela perda de minha mãe.

Quando o chá acaba e os pratos não têm mais nada além de migalhas, Elore limpa tudo com um sorriso no rosto. Tento oferecer ajuda outra vez, mas Slade balança a cabeça em um gesto negativo e me leva até as cadeiras perto do fogo.

— Ela gosta da rotina — explica. — Ficaria perturbada se você fizesse alguma dessas coisas. Ela gosta das coisas de um jeito específico.

Eu me acomodo na cadeira e tento reunir todas as perguntas que se empilham como tijolos formando uma parede. Espio por cima do ombro, confirmo que ela está ocupada com a tarefa e só então olho de novo para Slade. Está inclinado para a frente, com um cotovelo apoiado no braço da poltrona e o queixo sobre a mão, como se esperasse.

— Nem sei por onde começar — admito, e suspiro.

— Sei que isso foi demais.

Minha risada é sarcástica.

— Isso nem começa a descrever a situação. Para ser sincera, eu esperava entrar aqui e dar de cara com sua amante.

Slade franze a testa.

— Acha que eu te trataria com todo esse desrespeito?

Eu me ajeito na poltrona.

— Não sei o que pensar. Nós não...

— Nos conhecemos — ele termina por mim, devolvendo minhas palavras. Quando assinto, ele passa a mão no cabelo preto, e a frustração aparece na maneira como puxa os fios. — Admito que não costumo ser muito aberto, mas vou tentar ser. Por você̂.

— Sua Cólera sabe.

— Minha Cólera sabe tudo porque estou com eles há anos. Essas camadas foram retiradas depois de mais de uma década de convivência. Com você̂... a linha do tempo é diferente. Não quero te sobrecarregar.

— Que nem com o... prisioneiro.

Ele confirma com um movimento lento de cabeça e um olhar penetrante.

— Estou do seu lado. É só que, vendo isso...

— Meu poder não é fácil de ver.

A lembrança do meu ouro engolindo pessoas inteiras tal qual uma ave feroz surge em minha mente.

— Você̂ viu as piores partes do meu poder e nem piscou.

— Não há vergonha na sua reação ao meu poder — ele replica.

Sinto vergonha, porque a última coisa que quero é julgá-lo por sua magia. Ele certamente não me julgou.

— Por que o manteve vivo?

— Porque eu quero — ele responde, e alguma coisa raspa minhas entranhas. Slade me fita como se quisesse me fazer visualizar cada palavra sua, imaginar todas as suas intenções. — Quero que entenda uma coisa, Pintassilgo. Não sou bom. Se precisar, vou apodrecer todas as pessoas no caminho e levar uma praga a todos os cantos do mundo.

Faço que não com a cabeça.

— Não, você̂ não faria isso. Você̂ é bom. Você̂ é...

— Não, Pintassilgo — ele me interrompe. — Eu sou bom para *você̂*. Mas sou o vilão que avisei que era. — Suas palavras anteriores ressoam em meus ouvidos.

Serei o vilão por *você̂. Não para você̂.*

Posso ver em seu rosto que ele fala sério, e considerando o homem que mantém cativo... Mas também percebo o esforço. Como se ele se preparasse e esperasse minha repulsa iminente. Esperando a rejeição, o argumento contra a sua natureza.

Mas eu me aproximei de Slade com os olhos bem abertos. Disse-lhe que queria tudo, e quando você pede *tudo* a uma pessoa, não pode escolher. Você a aceita como ela é. Até o Rei da Podridão.

É por isso que nem hesito em estender a mão e segurar a dele. É por isso que consigo sustentar seu olhar sem hesitar. É por isso que digo:

— Se você é um vilão... então serei uma vilã com você.

Um sorriso lento e sexy surge em seus lábios.

— Mas... — continuo. — Ainda quero que acabe com o sofrimento daquele homem. Tem de haver um limite para sua maldade.

Ele ri e afaga minha mão com o polegar.

— Tudo bem, Pintassilgo. — Um barulho vindo de trás interrompe bruscamente o momento, e Slade e eu nos viramos para a porta. Ryatt está entrando, e ele entra do mesmo jeito que Slade. Sem bater, sem chamar, só chegando.

— Ei, trouxe para você algumas tortas da Jelma, que ela... — O discurso é interrompido no instante em que ele se depara conosco do outro lado da sala. Ryatt hesita por um momento antes de fechar a porta.

Slade se levanta e eu o imito, enquanto Ryatt domina a casa com a pausa significativa.

Todos nós a vimos no salão de baile.

Está com vergonha?

Quero ela fora daqui.

Desvio o olhar. Não me admira que ele não me quisesse aqui. A *mãe* deles está aqui.

Ryatt limpa a garganta com um pigarro, e observo de soslaio quando ele se aproxima de Elore.

— Para você — ele diz, com uma voz suave.

Levanto a cabeça quando ela pega a torta embrulhada em um pano. Um sorriso se espalha por seu rosto quando a descobre, depois fica na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha dele. Ryatt cora.

A mãe pega uma colher no balcão e se senta com a torta, comendo direto da forma com alegria evidente. Ryatt a observa por um momento, antes de enfim se aproximar de nós.

Ao meu lado, Slade fica tenso, e as veias enegrecidas em seu pescoço pulsam e ficam salientes logo acima da gola do casaco, as extremidades afiadas parecendo a boca de uma cobra irritada.

Há uma hesitação nos passos de Ryatt quando ele para na nossa frente.

— Então... você a trouxe.

— Sim. — A voz de Slade é dura, e pondero quais outras palavras foram trocadas antes de eu ouvir o final da discussão entre eles. Estou extremamente curiosa sobre essa dinâmica. A linha entre amor e ódio parece ter ficado confusa entre os dois, e não tenho certeza se entendi isso direito. Não tenho certeza nem de que *eles* entendem isso.

Enquanto estou ocupada tentando adivinhar o relacionamento entre os dois irmãos, os olhos de Ryatt se voltam para mim.

— Peço desculpas pelas coisas que você ouviu lá no pavilhão — ele declara, e me surpreende. — Não queria que tivesse escutado. É evidente que está controlada o bastante para não destruir Drollard — continua ao circular pela casa da mãe.

— Não precisa se desculpar — respondo. — Você tinha motivos para se preocupar.

Slade me encara com um olhar intenso, e sei que está prestes a interferir para me defender, mas não permito.

— Não, Slade — continuo. — É verdade. Minha magia praticamente explodiu de maneira incontrolável, e agora não funciona de jeito nenhum. Você e eu sabemos que não tenho controle sobre ela, então entendo por que Ryatt não me quer aqui.

Encontro no rosto de Ryatt uma expressão contrita.

— Estou feliz por ter ouvido a conversa de vocês.

Os dois olham para mim como se não acreditassem nisso, mas cada palavra que digo é verdadeira.

— Não vou fazer mal a esse vilarejo. — Olho para Elore sentada à mesa. — Especialmente sabendo o quanto ela é importante.

Nem que eu tenha que manter minha magia bloqueada para sempre.

Ryatt me estuda por um momento, depois acena com a cabeça em sinal de reconhecimento antes de fitar Slade.

— Como a mamãe estava quando você chegou?

— Bem. Feliz — ele responde, ainda um pouco carrancudo.

Ryatt olha por cima do ombro.

— Ela sente sua falta quando você passa muito tempo fora.

Slade não responde, mas também olha para a mãe, e vejo a dor em seus olhos. Depois de um segundo, ele percebe que o estou observando, e a

expressão muda de repente.

— Por que sua mãe mora afastada de todas as outras pessoas? E como ela está... aqui?

Um suspiro pesado e breve escapa de sua boca e parece pesar sobre os ombros.

— Acho que agora é hora de mostrar o restante. Lamento não poder espaçar o tempo entre todas essas revelações, mas não quero que pense que estou escondendo alguma coisa de você.

Ryatt arregala os olhos de um jeito cômico.

— Vai mostrar para ela... *aquilo*? Agora?

O tom de voz desperta tensão e insegurança em mim.

— O que exatamente você vai me mostrar? — pergunto, desconfiada da expressão resignada em seu rosto. Não sei como é possível, mas estou ainda mais nervosa do que quando supus a existência de uma amante.

Slade segura a minha mão com um ar conformado.

— Finalmente vou contar o verdadeiro motivo para me chamarem de Degola.



Saio da casa da mãe de Slade com a sensação de estar andando entre os fios de uma teia de aranha. A sensação incômoda e pegajosa me envolve por inteiro, não tenho como escapar de suas fibras perturbadoras.

— Precisava ter tantos segredos? — resmungo no escuro.

Slade ri.

— Desculpe. Vou me esforçar para te contar todos eles.

— Então, só para ficar claro, não tem mesmo nenhuma montaria favorita que você mantenha trancada em uma gaiola em algum lugar, ou uma ex-amante morando neste vilarejo?

Ele me encara, sério.

— Não.

— Ótimo. Ótimo.

Tento preencher o silêncio com conversas ansiosas, porque não tenho ideia do que esperar. Cada segredo de Slade sempre foi inovador, e não acho que este vá ser diferente.

Agora que estamos novamente no coração da caverna, o barulho do zumbido voltou. Mesmo muito baixo, ele me deixa nervosa. Slade me conduz em torno da casa de Elore e depois mais para o fundo da caverna. A luz azul, brilhante e alegre, logo diminui; os enormes rios de fluorescência se separam e se transformam em pequenos riachos na pedra. Sem iluminação suficiente para compensar o tamanho do espaço, parece que as sombras se aproximam de nós, e tenho a impressão de que a enorme área é menor.

Ainda assim, tem um zumbido constante que sinto vibrar na pele.

— Você também ouve isso?

— Ouço.

Slade não parece preocupado, não elabora, e tenho de acreditar que o zumbido não é perigoso, seja qual for sua origem. E deve estar relacionado ao que ele quer me mostrar.

Volto a falar por puro nervosismo.

— Na minha cabeça, eu meio que reduzi os motivos do seu apelido à força física. Ou a despertar nas mulheres o desejo de rasgarem as roupas para você. Alguma coisa assim.

Ele ri ao meu lado, e o som neutraliza o zumbido horrível e aplaca um pouco minha ansiedade.

— É muito bom saber que tipo de coisa tem ocupado sua cabeça. Mas, para ser *bem* claro, não quero provocar reações tão intensas em ninguém, exceto em você.

— Clareza é muito bom — concordo, sem hesitar. — Deveríamos continuar sempre assim.

— Deveríamos continuar sempre assim — ele repete com um sorriso malicioso. Tenho a sensação de que está falando sobre algo diferente.

Apesar da tentativa de dar um pouco de leveza à conversa, meu coração começa a bater forte e acelerado. Tento olhar para a frente, mas está ficando mais escuro, e não consigo ver nada além das formações rochosas e das estalagmites.

O zumbido fica mais alto e me induz a seguir em frente, como uma mariposa atraída pela chama. O som penetra meus ouvidos e me convida. Sinto arrepios nos braços porque sei que a reação é estranha, mas estou enfeitiçada demais para fazer qualquer coisa a respeito dela.

— O som sugere que estamos nos aproximando... — murmuro.

A caverna se divide, e Slade me leva pelo túnel menor, cujas paredes são salpicadas de condensação. Vejo besouros brancos pendurados nas linhas de brilho azul no alto, e quanto mais avançamos pelo túnel, mais fortes se tornam as vibrações. No início, o som é tão baixo e constante quanto o zumbido, mas ambos parecem aumentar mil vezes em questão de segundos, até que o barulho é tão intenso que tenho vontade de tapar os ouvidos com as mãos.

O que poderia provocar esse som?

Mas então, saímos do túnel estreito, e eu paro de repente.

A luz atinge nosso rosto quando paramos na enorme caverna que faz todas as outras parecerem pequenas. É como se toda a montanha tivesse sido escavada, comida por dentro.

E percebo por quê.

Bem no meio, estendendo-se na vertical até uma altura equivalente a dez pessoas em pé uma sobre a outra, tem um... corte no ar.

Não sei de que outra maneira descrever aquilo, e meus olhos tentam desesperadamente absorver tudo para que eu entenda a imagem diante de mim. Mas não consigo.

Isso não é uma fenda no chão, na parede ou no teto da caverna. Não é uma fissura irregular iluminada pela fluorescência natural que se espalha pelo restante da montanha. Não, isso é algo completamente diferente.

Essa clivagem no ar não deveria existir.

Quando olho para ela por muito tempo, sinto uma vertigem, como quando se está em um precipício tão alto que os olhos não conseguem entender a distância até o solo.

Parece que um gigante cortou o ar com um machado cego. As bordas são irregulares e descascadas, abrindo-se em um abismo sem fundo sobre o qual ficam penduradas. E o zumbido vem de dentro desse abismo, uma força desconhecida vibrando com poder.

Dentro dessa divisão no ar tem uma luz estranha e salpicada que parece espiar o lado externo. Mas a luz é irregular, como se estivéssemos embaixo de uma árvore ao meio-dia, com o vento soprando as folhas e mudando a sombra de lugar.

Os pelos na minha nuca estão em pé. Minha pulsação foi completamente abafada. E, por alguma estranha razão, quero chegar mais perto.

Nem percebo que estou andando até Slade segurar minha mão e me puxar para trás. Desvio o olhar da fenda.

— O que... o que é *isso*? — pergunto, sem fôlego.
Ele respira profundamente.
— Isso é o lugar onde rasguei a garganta do mundo.

37

SLADE

Aos 15 anos

Acordei assustado na cama e me sentei com as orelhas pontudas em pé. Não sei se foi algo que sonhei ou se foi um som real que me acordou, até que ouço alguém gritando e passos apressados no corredor.

Afasto as cobertas e saio da cama, pego rapidamente a camisa do chão, onde a deixei amontoada. Enfio os pés nas botas ao lado da porta e saio correndo, amarrando o cordão da calça enquanto percorro o corredor e subo a escada.

Os gritos ficam mais altos e, quando ouço algo se estilhaçar, me ponho a correr. Minhas botas derrapam no tapete quando me deparo com um grupo de criados reunido ao pé da escada, ocupando o hall de entrada logo à frente.

Todos estão ali paralisados, sem se mover ou falar, e sinto os braços começarem a formigar.

Sigo em frente, embora nem note os rostos pelos quais passo, porque estou focado lá adiante. Tenho de passar por mais pessoas para chegar ao hall de entrada, todas vestidas com roupas de dormir ou com as do dia anterior, amarrotadas, como se tivessem se vestido às pressas para ver o que estava acontecendo.

Assim que abro caminho até a frente, paraliso no mesmo lugar.

Uma luz cinzenta e mórbida atravessa o hall de entrada.

Como este cômodo é o centro da propriedade, há várias portas abertas que levam a diferentes partes da casa, e cada uma delas é ocupada por mais criados. Como se meu pai tivesse chamado todos aqui, como faz quando organiza castigos públicos.

Pelas janelas à esquerda entram os raios do amanhecer que riscam o chão de mármore, fazendo com que o tom vermelho do papel de parede pareça mais profundo, como a cor de uma gota de sangue na ponta do dedo.

Bem ali, diante daqueles sombrios raios de luz, está meu pai. Ele nem deveria estar em casa ainda, pelo menos por mais alguns dias, porque foi chamado pelo rei para tratar de negócios, mas aqui está ele. Camisa vermelha impecável, botas pretas amarradas e olhos dominados pela fúria, mesmo àquela hora da manhã.

Ele segura minha mãe pelo punho e mantém o braço dela em um ângulo estranho. Tem um grupo de criados logo atrás dela. É como se a sala inteira se equilibrasse em cacos de vidro e ninguém se atrevesse a se mover, ou seriam cortados.

Porque a expressão no rosto do meu pai...

Não é apenas a raiva que enruga sua testa e escurece os olhos. Não é só uma ligeira curvatura da boca. É algo a mais. Seu rosto inteiro está vermelho, e posso ver as manchas que salpicam seu pescoço mesmo do outro lado da sala e sob a luz fraca. Os músculos do braço com que ele segura minha mãe estão tensos, e ele a segura com tanta força que os dedos perderam a cor. E os olhos... não é só um olhar raivoso, irritado ou desapontado.

Não, é um olhar transtornado.

Como todo mundo, minha mãe está de camisola, com o cabelo solto sobre as costas. Sei que algo está errado só por como está vestida. Ela nunca sairia do quarto sem vestir pelo menos o robe e calçar os chinelos.

— Quero saber quem tinha ciência disso! — meu pai grita, deixando o olhar percorrer toda a área.

Os criados assistem a tudo de olhos arregalados e rosto tenso, amedrontados o suficiente para tremerem. Mas nenhum deles fala.

— Eu quero saber — ele ruge.

Quando minha mãe se encolhe, enfim entro em ação e me aproximo, as botas desamarradas batendo no chão de ladrilhos.

— O que está fazendo?

Meu pai vira a cabeça em minha direção, e algo cruel surge em seus olhos. Minha mãe está pálida como um fantasma.

— O que eu estou fazendo? — ele repete, e a última palavra é seguida por uma gargalhada que não tem nada a ver com felicidade. — Ah, não, estamos aqui por causa do que sua mãe fez.

Eu a encaro no momento em que uma lágrima escorre por seu rosto.

— Conte para ele.

Ela se encolhe novamente ao ouvir a ordem de meu pai, mas mantém a boca fechada e o olhar fixo em mim.

— Conte para ele! — ele grita, sacudindo o braço dela com tanta força que todo o corpo estremece em resposta.

Sou imediatamente transportado de volta aos oito anos de idade, quando meu corpo paralisou e o grito ficou só na minha cabeça. Mas desta vez as palavras saem da minha garganta.

— Pare! Você a está machucando.

Meu pai a solta, mas não me deixo enganar que ele o faz para me apaziguar. Ele a empurra para os servos atrás dela, e Jak a ampara antes que minha mãe caia.

Meu pai olha para mim.

— Já que ela não vai te contar, eu conto — cospe, como uma cobra esguichando veneno das presas. Em resposta, meus caninos parecem latejar na gengiva. — O que sua mãe fez quando achou que eu não passaria a noite em casa? Ela convidou alguém para visitar sua cama. Abriu as pernas como uma prostituta oreana.

O choque faz minhas costas endurecerem e a coluna arrepiar. Leva apenas uma fração de segundo. Só preciso fitá-la por um breve instante, e já sei. Não acredito que não percebi isso antes. Todas as vezes que ele trazia flores frescas para ela ou fazia questão de servi-la primeiro. Os sorrisinhos trocados entre eles.

Jak ainda a segura nos braços, mantendo-a contra o peito como se ele, um criado oreano sem magia, pudesse protegê-la contra meu pai. Ele é o contrário do meu pai em todos os sentidos. Jak é quieto. Bondoso. Tem uma cabeça cheia de cabelo e rugas no rosto deixadas pelos sorrisos constantes, em vez de viver carrancudo.

Minha mãe me observa como se temesse minha reação.

— Pronto, você vê? — meu pai continua, apontando para o meu rosto. — Slade não sabia. A verdade está bem ali, no desgosto estampado em seus olhos.

Odeio como minha mãe estremece ao inspirar.

— Você tem razão, eu não sabia — respondo, e dou um passo à frente. — Mas se está vendo algum desgosto em minha expressão, não é por ela. É por você.

Meu pai fica imóvel.

— O que foi que você disse?

— Por que ela não deveria buscar o carinho de outra pessoa? — disparo. — Você a trata como se fosse lixo.

A surpresa que encontro em seus olhos não é nada em comparação com a minha surpresa por ter conseguido dizer isso na cara dele. As palavras são verdade, e se ele acha que eu ficaria do lado dele, em vez do dela, então não me conhece.

Meu pai se vira e encara o grupo ali reunido.

— Quero saber qual de vocês sabia desse caso e não me contou! Quero saber há quanto tempo isso está acontecendo!

Nenhum deles diz nada, nem uma palavra.

Ele bate com o punho no peito com uma fúria trêmula, deixando escapar parte de seu poder. Uma rachadura aparece no meio do chão. O estalo do mármore reverbera por toda a sala e vibra sob meus pés.

— Controle-se, pai — debocho, jogando na cara dele sua ordem constante.

Ele estala o dedo tão rápido que nem vejo, só sinto meu dedo indicador se partir ao meio, exatamente onde ele o quebrou da última vez. Deixo escapar um grunhido, e a dor explode e se espalha por toda a minha mão.

— Pare, Stanton — minha mãe chora. — Slade não tem nada a ver com isso.

Meu pai não desvia o olhar de mim e não percebe de imediato a intervenção dela. Só me observa em retaliação sádica ao passo que eu suprimo o vômito. Depois de vários longos segundos, ele estala os dedos novamente e meus ossos se juntam com um clique nauseante.

Preciso cerrar os dentes com tanta força que meu maxilar estala, mas me seguro e mantenho tudo sob controle. Afinal, foi isso que ele me ensinou todos esses anos. Manter o controle. Dominar meu poder.

— Você está certa, Elore. — Ouço-o dizer enquanto respiro para superar a dor remanescente. — Isso tem a ver com você... e com ele.

Quando respiro de novo, meu pai empurrou minha mãe para longe e agarrou Jak pelo pescoço. Jak tenta resistir, mas é inútil. Ele não é um guerreiro rico e aposentado. Ele é um criado oreano cuja pele é bronzeada por causa de todo o tempo passado ao ar livre, seu corpo é magro, em vez de ter a massa muscular que meu pai desenvolveu em todos os anos de exército. Jak pode ser um oreano forte, mas não é páreo para a força do meu pai.

A voz de meu pai fica perigosamente baixa.

— Trouxe você para minha casa, permiti que morasse em Annwyn e tivesse uma vida longa. No entanto, você se atreve a buscar o que não lhe pertence?

As mãos desgastadas de Jak agarram as dele, mas não conseguem mover nem um dedo da garganta. Seu rosto começa a ficar vermelho, os lábios tentam absorver o ar que ele não consegue respirar.

— Stanton, pare com isso! — Minha mãe tenta puxar o braço do meu pai, mas ele a empurra. Ela teria caído, mas eu a seguro antes.

— Quero saber há quanto tempo isso está acontecendo — ele repete, soltando a garganta de Jak apenas o suficiente para deixá-lo respirar fundo e murmurar palavras roucas. — Esta foi a primeira vez?

Jak olha para minha mãe, mas isso só enfurece ainda mais meu pai. Ele o sacode como se fosse uma boneca de pano.

— Esta foi a primeira vez?

A sala inteira parece inchar. Como o ar antes de um temporal, inflado por uma tempestade pronta para desabar e arrastar todos nós.

O estrondo do trovão é a resposta rouca de Jak.

— Não.

Meu pai o arremessa com muita força e muito longe, do outro lado da sala, contra uma das janelas. O vidro se estilhaça e a torrente começa a cair.

Jak cai, minha mãe grita e tenta correr para ele, mas meu pai a segura.

— Há quanto tempo, Elore?

Ela tenta e não consegue escapar de suas mãos. A expressão dele pode ser de fúria, mas a dela também é diferente de tudo que já vi antes. É um ódio puro e franco. E esse ódio é como o vento que sopra a tempestade à nossa volta e a agita de um jeito frenético.

Seu queixo se eleva e os olhos verdes permanecem firmes, inabaláveis.

— Há onze anos.

— Onze anos? — O choque consome meu pai. Até eu deixo escapar uma exclamação de surpresa. Como ela guardou esse segredo por tanto tempo?

Mas então percebo que nenhum criado reagiu, nenhum deles parecia chocado, e aí está minha resposta.

Eles os ajudaram.

Os olhos negros do meu pai reluzem com uma centelha implacável.

— Você vai se arrepender disso, Elore — ele avisa, e sua voz é como o estrondo de uma nuvem furiosa.

Não sei se quero agradecer aos criados por terem ajudado a dar um pouco de felicidade à minha mãe ou repreendê-los por não a terem aconselhado a ser mais cuidadosa. Neste momento, ela parece ter passado do ponto em que se preocupava com ser cuidadosa.

— Eu o amo há muito mais tempo. A única coisa de que me arrependo é não ter me permitido viver esse amor muito antes.

Meu pai explode.

No momento seguinte, ele está do outro lado da sala, esmagando o vidro quebrado sob as botas. Jak já se levantou, mas antes que possa tomar qualquer atitude, meu pai estala os dedos e quebra uma perna dele.

O estalo me faz estremecer, e um grito agonizante brota da garganta de Jak. Minha mãe corre, mas com outro estalo de dedos, meu pai quebra a sala inteira.

Todas as pessoas, em ambos os lados do cômodo, são sacudidas pelo tremor, e eu caio de joelhos no piso de mármore enquanto a casa se inclina.

O barulho é ensurdecedor.

A mansão se parte ao meio. Todos gritam e caem, enquanto destroços lhes despencam sobre a cabeça. Quando as paredes se dividem, o teto entorta e a terra brota da fenda no chão. Tenho de recuar quando a rachadura se espalha tanto que quase caio ali dentro.

Quando o tremor cessa, consigo me levantar e levo minha mãe comigo. Todos os criados também se levantam, evitando o chão quebrado. Minha mãe fita a enorme fenda agora existente entre ela e Jak, uma distância muito grande para ser vencida com um pulo.

Os dois se olham, e a expressão deles faz meu peito doer.

— Jak... — minha mãe diz, com a voz embargada e os olhos úmidos.

O oreano engole em seco, caído no chão, agora com o rosto coberto de suor e transformado pela dor.

— Está tudo bem, Elore.

— Não pronuncie o nome dela! — meu pai grita, e usa seu poder para quebrar o braço de Jak, uma fratura tão violenta que o osso rasga a pele.

— Não! — O grito de minha mãe ecoa no ar e ela tenta pular, mas eu a seguro no último segundo.

— Você não vai conseguir! Você vai cair — repito várias vezes enquanto ela tenta escapar.

— Isso é o que você merece por escolher esse lixo oreano — meu pai sibila. — Quero que se lembre disso, Elore. Lembre-se de que isso é o que você recebe por me trair.

Minha mãe enrijece em meus braços. A sala inteira parece respirar fundo. Então, meu pai levanta a mão e estala os dedos.

E quebra o pescoço de Jak.

Minha mãe não tem tempo para gritar. Eu não tenho tempo para piscar. O pescoço de Jak estala e se dobra em um ângulo não natural, e seus olhos arregalados agonizam e se apagam bem na nossa frente.

Quando a parte superior do corpo dele atinge o chão, o corpo de minha mãe também cai.

Já li sobre uivar de dor *antes. Já ouvi falar disso muitas vezes. Mas nunca tinha ouvido alguém uivar como minha mãe.*

O som arrancado de seu peito é tão forte que me provoca arrepios nas costas. É tão alto que nem consigo ouvir as batidas do meu coração.

É um som assustador. Irreconhecível.

Estou tão chocado que fico ali parado sem reação, me perguntando como diabos tudo isso aconteceu tão rápido.

Meu pai mobiliza seu poder sem esforço, fechando uma única parte da fissura no chão para poder atravessar a distância até estar bem na minha frente.

— É por isso que não se pode confiar nas mulheres, Slade.

Cerro os punhos e sinto os espinhos sobre as sobrancelhas perfurando a pele. Uma única gota de sangue escorre por meu olho. Ele me encara com frieza, sem se impressionar.

— Falta de controle. Agora sabemos de onde você herdou isso — anuncia, com desgosto.

A raiva jorra do meu peito como uma inundação, e sinto os espinhos nas minhas costas se distendendo, prontos para...

— Mãe?

Viro a cabeça para a esquerda e vejo os criados se afastando, e então meu irmão aparece. Está pálido e assustado, muito pequeno em seu pijama e arrastando um cobertor.

— Ryatt... — minha mãe chora.

Ele hesita e olha do buraco no meio da casa para o rosto contraído de minha mãe. Em seguida, seus olhos pousam no corpo imóvel de Jak.

— Pai! — ele exclama, com sua vozinha, enquanto avança, empurrando os criados que tentam protegê-lo. Meu coração dá um salto e para na garganta, mas Ryatt derrapa e para bem na frente da fenda quando minha mãe consegue agarrar sua camisa, impedindo-o de tentar pular. Ele cai sobre o ombro dela e começa a chorar e soluçar.

E meu pai... vejo seus pensamentos revoltos. Vejo quando coagulam e ficam mais densos.

— Não pode ser.

Se minha mãe estava com raiva antes, agora parece apavorada. Especialmente quando meu pai dá um passo à frente com ar ameaçador.

— Não — ela murmura. — Você não vai tocar nele — declara, segurando Ryatt com ainda mais força.

Fico ali em estado de choque, olhando para Jak, depois para meu irmão mais novo, tomado pela incredulidade.

No entanto... os feéricos têm dificuldade para conceber. Todos sabem. É por isso que nossa vida longa é tão importante para a espécie. E meu pai teve não apenas um herdeiro, mas dois, e de idades bem próximas. Ele sempre atribuiu os herdeiros ao fato de minha mãe ser oreana, mas não é isso.

Onze anos, minha mãe disse. Ela tem esse relacionamento há onze anos. Meu irmão tem dez.

Ryatt não é herdeiro do meu pai.

Minha mãe fica transtornada. Seu cabelo preto está desgrenhado, com fragmentos do teto presos nos fios empoeirados, e um arranhão profundo se estende por um lado do rosto.

Quando ele quebrou o pescoço de Jak, quebrou também o coração de minha mãe, mas ela não vai permitir que ele também machuque Ryatt. Dá para notar isso em seus olhos vermelhos.

Meu pai cambaleia, um calcanhar encosta no limite da fenda atrás dele quando percebe que Ryatt não é seu filho.

Meus batimentos parecem querer romper as veias e explodir pelos ouvidos. Ryatt ainda chora, agarrado à camisola de nossa mãe, enquanto ela tenta empurrá-lo para trás.

— Você se atreveu a gerar o filhotinho daquele desgraçado? — O tom sombrio da voz de meu pai parece sugar da sala a luz do amanhecer.

Os lábios de minha mãe tremem quando ela tenta bloquear Ryatt com o corpo. Os outros criados parecem querer intervir, mas têm muito medo de enfrentar meu pai, e esse medo é justificado.

— Eu devia saber que não podia confiar em uma oreana.

Com outro estalar de dedos, ele faz o chão tremer de novo e provoca um estalo violento. Percebo que meu pai prendeu todos nós nesta sala, cercados por uma rachadura circular que se alastra, mantendo todos nós no hall.

No momento em que recupero o equilíbrio, meu pai está atrás de mim, e estremeço quando sua mão toca minha nuca e a aperta de leve.

— Você me deu um herdeiro poderoso — ele pontua para minha mãe, com a voz ainda retumbante e marcada por uma raiva impossível. — Portanto, não preciso mais de você ou do falso sobressalente.

O terror frio se cristaliza em minhas entranhas.

Conheço meu pai. Treino com ele há sete anos. Vi exatamente quanto ele pode ser implacável. Eu o vi quebrar casas e ruas. Montanhas e árvores. Tendões e ossos.

Mas não vou permitir que ele quebre minha mãe e meu irmão.

Ele pode ser barulhento como o trovão, mas sou rápido como o raio.

Mais rápido que um piscar de olhos, meus espinhos explodem da pele e a podridão transborda das minhas veias.

Eu me viro e o empurro para trás com toda a força. Ele bate na parede em que alguns criados se dispersam, à medida que outro grupo deles cerca minha mãe e meu irmão, tentando tirá-los dali.

Bom.

Porque agora que ataquei meu pai abertamente, tracei uma linha na areia. Ou vou ter de matá-lo... ou verei todos que amo serem mortos.

Permiti que ele fosse a autoridade sobre nós por quinze anos. Permiti que sua crueldade ditasse como seria nossa vida. Vi minha mãe afundar ainda mais dentro de si mesma, vi os olhos desconfiados de Ryatt perderem o brilho toda vez que meu pai o tratava tão mal quanto me tratava.

Mas não aguentei seu treinamento e sua crueldade à toa. Aturei tudo porque acho que sabia que um dia estaríamos aqui. Dos dois lados da linha. Eu sabia que seria ele ou nós.

E eu escolho nós.

Então, quando a podridão explode de dentro de mim, são sete anos de retaliação acumulada.

O piso de cerâmica racha; a terra entre nós desmorona, decomposta. Linhas de veneno vertem da minha pele e se espalham pelo chão, deslizando na direção dele como cobras prontas para atacar.

Meu pai está se recuperando do impacto e mantém os olhos cruéis fixos em mim como se o choque contra a parede não o tivesse perturbado nem um pouco.

— Acha que pode lutar comigo? — ele grita. — Eu criei você!

Meu pai levanta as mãos e lança uma explosão de poder em minha direção. Eu a sinto como o deslocamento de ar de um soco. Por puro instinto, projeto minha magia contra ele, e é como se o ar se detonasse.

Meu pai e eu somos arremessados para trás pela força, e bato a cabeça no piso quebrado enquanto a podridão continua a verter de meus poros. Ouço estrondos e gritos, mas isso tudo é secundário. Meu único foco é ele. Não sei como fui capaz de bloquear sua magia daquela maneira, ou como exatamente projetei a minha desse

jeito, mas agora que sei que posso, sinto uma determinação carregada de esperança me fortalecer.

— Você não vai quebrar mais nada — declaro, com o peito arfando e linhas se contorcendo para cima e para baixo em minha pele. De soslaio, percebo alguns criados encolhidos, não só por causa do meu pai, mas também por minha causa. Sei como devem me ver: um feérico cheio de espinhos e podridão, e é como me sinto, um feérico perverso em cada centímetro, desde as bochechas cobertas de escamas até os caninos à mostra.

Mas não me importo. Serei um monstro, se isso significar que posso destruir outro.

Meu pai estala os dedos, mas em vez de tentar me quebrar, ele quebra o chão embaixo de mim. Ouço minha mãe gritar meu nome assim que começo a cair, mas pulo quando o chão desmorona, mal conseguindo me equilibrar e rolar. E nem sequer fico de pé antes de enviar a podridão em direção a ele, decompondo o chão em uma corrupção pútrida que se enrosca em suas pernas. Vejo-o cerrar os dentes e sei que estou embolorando seus músculos, contaminando seu sangue, deteriorando seus ossos.

E percebo com nitidez assustadora que sou capaz de matá-lo. Aqui mesmo, agora mesmo, posso apodrecê-lo. Mas por alguma razão estúpida pela qual me odeio, hesito.

Tal hesitação é tudo de que ele precisa para interromper o processo de apodrecimento e recuar. Com velocidade impressionante, estala os dedos e, embora eu esteja preparado para bloqueá-la, sua magia não vem para mim.

Ouço minha mãe gritar.

Eu me viro e a vejo quase desfalecida, caindo para trás, com o braço quebrado exatamente no mesmo lugar em que o de Jak foi fraturado. Ryatt chora, e o som dos dois lateja em meus ouvidos.

Sinto um arrepio na nuca, e mal consigo me virar antes que um punho atinja meu rosto com violência. Despenco, e a pele da palma das mãos se abre quando aterrisso nos cacos do piso. Rolo e me deparo com meu pai em pé, debruçado sobre mim. Os espinhos pulsam de maneira irregular nos meus braços. Eu me levanto, me recuso a demonstrar medo, me recuso a recuar, por mais que minha mãe grite meu nome.

— Você é uma decepção, Slade. — Ele faz uma careta.

— Pode acreditar — ofego. — O sentimento é recíproco.

Alguma coisa brilha em seus olhos, e eu sei. Sei que é o fim.

É agora.

Invoco tudo que tenho. Cada fragmento de magia dentro de mim. Lembro-me de cada momento em que meu pai me empurrou, me degradou, me machucou. Penso em todas as vezes em que minha mãe enrijeceu as costas, quando seus olhos se encheram

de lágrimas, quando Ryatt se encolheu. Deixo toda essa raiva inundar a mente e deixo que me alimente.

O poder ferve em minhas veias. Meu pai levanta a mão.

O tempo passa mais devagar.

A tempestade ruge na sala. Ou talvez esse seja o som que sai da minha garganta — e da dele também.

Em um instante, meu pai projeta contra mim uma magia forte o bastante para fazer minha pele arrepiar. Mas estou pronto.

Se antes tive a impressão de que o ar explodiu, nada se compara a isso. Nosso poder se choca.

E aquela magia crua, brutal e assassina rasga o ar entre nós.

A magia não devia reagir dessa maneira. Nunca ouvi falar disso antes, mas talvez por carregar o sangue de meu pai nas veias, isso permita que nosso poder reaja ao do outro.

A mansão estala, uma fissura aparece entre nós. Mas esta não é uma rachadura física ou podridão palpável. Isso é outra coisa.

Um rasgo metafísico surge no ar. O espaço se rompe com uma escuridão irregular e linhas podres. Estala como uma tempestade de raios, retumba com uma saraivada de explosões ensurdecedoras. O vento sopra como um ciclone, arrancando pedaços de papel de parede e criando um funil, sugando-o para o corte como se fosse sangue, fazendo-o desaparecer.

Meu pai está pálido, com os olhos arregalados, e o fato de ele mostrar qualquer sinal de pânico deveria me preocupar, mas estou muito concentrado. Muito envolvido.

Despejo mais e mais do meu poder nisso. Deixo que minha força se choque contra a dele, abrindo ainda mais a brecha no ar, misturando ao vento forte o fedor da decomposição e do ódio. Minhas mãos tremem, meu pai sua. Cerramos os dentes.

A dor se espalha por meus ossos e, durante um segundo, penso que talvez ele tenha quebrado alguma coisa, mas não. Minha magia está me drenando muito depressa e com muita intensidade. Os espinhos sobem e descem em explosões voláteis, e meu coração parece prestes a explodir.

— Slade! — Distante, sinto a mão de minha mãe em mim, tentando me afastar, sinto Ryatt agarrando minha perna. Mas não paro.

Não posso.

E é então que meu pai percebe em meu rosto. Percebe que não vou desistir. O grito estrondoso que brota de seus lábios retraídos arranca de mim um grito feroz.

Porque prefiro morrer a deixá-lo vencer.

O vento rasga minhas roupas, joga terra nos olhos, o cheiro de podridão entope minha garganta e, o poder dele empurra, empurra, e empurra o meu com tanta força que todo o meu corpo treme.

Controle-se, Slade.

Todas aquelas aulas. Todos os castigos, sermões e horas de exaustão e dor. Aguentei tudo aquilo porque sabia que precisava aprender, precisava me esforçar para ter tanto poder e controle quanto ele.

Aprendi a me controlar para acabar com o controle dele.

Projeto tudo que tenho. Tudo que sou. Faço um esforço tão grande que me sinto rasgado ao meio. E é aí que a lacuna sobrenatural no ar finalmente emerge.

Sinto no segundo que a magia explode — sinto porque explode através de mim.

O poder enfim chega ao auge, me separando de meu pai com uma explosão ensurdecedora.

Por um segundo, é como se eu não tivesse peso. Como se estivesse entorpecido. Parado no ar ao lado da minha mãe e do meu irmão.

Mas então, aquele tempo mais lento e relaxado volta ao lugar. A fenda no ar de repente é como a boca enorme de uma fera sem corpo, uma boca escura e tempestuosa que se abre. Fica suspensa no ar, de frente para minha metade da sala, pronta para devorar todos nós.

Mal tenho tempo de retornar ao chão antes que aqueles dentes de raio abocanhem por completo a nossa metade da sala. Depois eles devoram todos nós em uma tempestade de escuridão, e tudo que percebo é agonia, queda e gritos de dezenas de pessoas.

Aquela boca rasgada nos engole e leva cada vez mais fundo para a escuridão do nada, através do tempo, da magia e do ar sagrado.

E então pousamos na barriga da fera, e meu corpo dilacerado e meu poder envenenado sucumbem à inconsciência.

Eu não saberia que havia rasgado a garganta do mundo até que acordasse, quatro dias depois. Eu não saberia que me havia rasgado ao meio nesse processo ou que também rasgara comigo outras pessoas em Orea, que agora dependeriam de mim para sempre. Eu não saberia que tudo estava prestes a mudar.

A inconsciência era meu único e breve descanso, mas eu não saberia.

38

AUREN

—Degola.

Essa é a primeira palavra que sai da minha boca quando ele termina de falar. Porque agora sei o que isso significa. Agora, sei o quanto isso significa. Durante todo esse tempo, seus maiores segredos permaneceram contidos no apelido mais comum.

Não tenho certeza de quando me sentei, mas acho que minhas pernas cederam em algum momento enquanto Slade me contava a história de como seu poder se manifestou pela primeira vez quando ainda era menino, e fiquei plantada aqui até o fim do relato, até aquela luta fatídica entre ele e o pai. A luta que o trouxe até aqui.

Não falei nem uma vez. Suas palavras me fazem pensar em uma escavação, como se ele trouxesse à tona algo enterrado há anos, algo que é doloroso demais de lembrar. Mas ele *me* contou. Desenterrou todos aqueles momentos de seu passado e os revelou. Agora tenho respostas para perguntas que nem tinha pensado em fazer.

Quando Slade termina, o silêncio preenche o ar vazio. Por vários e longos segundos, minha mente processa tudo em espiral, e mudo a posição das pernas sobre a rocha em que estou sentada. São muitos detalhes para absorver, acho que nem vou *conseguir* processar tudo agora. Tem muitas outras camadas no túmulo de onde essas recordações foram desenterradas, e acho que só o tempo me ajudará a compreender de verdade a magnitude disso.

Pigarreio, olhando para o corte gigantesco no ar antes de fitá-lo.

— Então foi assim que você chegou a Orea.

Slade assente devagar, olhando para o rasgo tempestuoso.

— Sim.

— Acha... acha que foi assim que cheguei aqui? Alguém mais cortou a garganta do mundo? — pergunto.

Olhos pesados encontram os meus.

— Não sei. Pensei muito nisso desde que você me disse que foi traficada para cá. Isso me faz pensar se algum outro feérico tem vivido em Orea durante todo esse tempo, escondido à vista de todos.

— Mas você acha que eu... — Paro, aceno com a cabeça em direção ao rasgo.

Slade balança a cabeça, negando.

— Não. Quando não estou aqui, esta abertura é sempre vigiada, e ninguém passou por ela desde aquele dia. Se alguém tivesse passado, eu teria sentido, porque a força do meu poder está ligada a isso.

Todas essas informações levantam milhares de outras questões, como poeira se elevando no ar depois que algo enorme cai. Mas um vislumbre do rosto de Slade faz minhas perguntas retrocederem. Seu rosto está tenso, e os olhos carregam mais sombras do que se pode atribuir à caverna.

Parece exausto, mais vulnerável do que jamais o vi, como as bordas ásperas de uma rocha esculpida deixam exposta uma superfície que ele não está acostumado a mostrar.

— Sei que o que você passou foi horrível, mas, só para constar, fico feliz por você estar aqui neste mundo comigo — digo, baixinho.

Seus olhos ficam mais suaves.

— Ah, Pintassilgo. Eu teria encontrado você em qualquer mundo onde estivesse. Em qualquer vida.

Meus lábios se curvam em um sorriso suave, porque acredito nele.

— Você teria me encontrado em todos eles.

Quando Slade assente, fico em pé lentamente e me aproximo dele com passos cuidadosos. Em vez de dizer qualquer coisa, toco sua mão fechada. Ele relaxa os dedos de imediato, me permitindo deslizar a palma da mão sobre a sua e entrelaçar nossos dedos. Um suspiro trêmulo sai de seu peito.

Puxo sua mão com delicadeza, e ele hesita só por um momento antes de me deixar levá-lo dali. Voltamos pela caverna escura, passamos pela casa de sua mãe, atravessamos a fenda estreita na montanha e retornamos à neve.

Nossos dedos permanecem entrelaçados enquanto o conduzo encosta abaixo, rumo à luminosidade reconfortante da Gruta. Porém, em vez de ir para casa, continuo andando. Ele olha para mim com uma expressão confusa, mas assim que passamos pela entrada dos Dentes, compreende com exatidão para onde o estou levando.

Solto sua mão apenas quando o cheiro de enxofre invade meu nariz e o ar frio é substituído por vapor e calor.

Slade me encara com a testa franzida.

— O que estamos...

Ele para de falar quando tiro as botas e a calça. Vejo a saliência em sua garganta subindo e descendo quando tiro o casaco e deixo as roupas sobre uma pedra ao lado.

Vestindo apenas a camisa emprestada que roça minhas coxas nuas, eu me aproximo dele por trás e tiro seu casaco devagar, colocando-o junto ao meu. Quando o encaro novamente, a confusão foi substituída por um olhar atento e penetrante.

Meu coração está acelerado, mas deixo de lado o nervosismo e o encaro.

— Você se desnudou para mim. É hora de eu fazer a mesma coisa.

Slade respira fundo quando me viro de costas e o espio por cima do ombro. Depois de um breve momento de hesitação, ele se aproxima, até o calor de seu corpo envolver o meu.

Sinto suas mãos na parte superior da camisa, os dedos deslizando pela gola. Ele faz uma pausa, como se me desse uma chance de mudar de ideia, mas não vou mudar.

Quando abre os dois primeiros botões, me arrepio com antecipação e preocupação.

Um por um, ele expõe minhas costas até abrir o último botão. Então empurra a camisa para baixo com suavidade, tirando-a pelos meus braços e colocando-a na pedra junto aos casacos. E agora estou exposta por completo. Com as costas totalmente visíveis, mostrando para ele minha vulnerabilidade e a lembrança dolorosa.

Meu corpo treme. O estômago se contrai. E meus olhos... meus olhos ardem com a lembrança de ter sido empurrada contra uma parede e amputada duas dúzias de vezes.

Mas então, os lábios de Slade encostam em minha nuca. Uma pressão suave da boca antes de começar a espalhar beijos leves por minhas costas em

intervalos meticulosos de centímetros. Percebo, com lágrimas nos olhos, que ele posiciona os lábios entre cada par de fitas cortadas. Ainda há algumas pontas penduradas, como unhas que me recusei a arrancar. O hematoma desapareceu, e sei que quando esses últimos pedaços caírem, minhas costas estarão lisas e vazias, sem nenhum sinal do que havia lá antes.

Os beijos vão descendo, descendo, descendo.

Tremo ainda mais, e a emoção inunda meus olhos a ponto de a caverna perder a nitidez na minha frente. Suas mãos entram em ação em seguida, o leve toque da ponta dos dedos acalmando os pedaços desfiados que não consigo mais sentir em mim.

Seu dedo desliza ao longo da minha coluna, deixando rastros de arrepios. E à medida que ele continua tocando minha pele com adoração, toda a vergonha derrete em mim como neve ao sol.

Sem dizer uma palavra, ele está me confortando. *Curando*. E então está de joelhos, dando o último beijo nas fitas arruinadas na base das minhas costas, segurando meus quadris para me manter firme enquanto me toca. Quando se levanta e me vira, ele eleva as mãos para enxugar as lágrimas em meu rosto.

— Eu vejo você̂, Pintassilgo — murmura, e há tanta ternura em seus olhos que ainda não consigo acreditar que sou eu o alvo dessa emoção.

— Também vejo você̂, Degola — sussurro.

Minhas mãos descem até o cordão de sua calça e, diferentemente de quando acordei na caverna, meus movimentos são suaves e lentos. Porque quero aproveitar este momento. Quero aproveitar o meu tempo.

O mundo exterior — qualquer coisa fora da caverna da Gruta — não existe.

Quando afrouxo o cordão o suficiente, Slade tira as botas e me ajuda a abaixar a calça, e então fica tão nu quanto eu, mas nós dois revelamos muito mais do que apenas o corpo.

Deixo o olhar descer até suas coxas grossas e musculosas, até o pau que já começou a endurecer, engrossar mais e pesar. Com os olhos ainda cravados nele, me ajoelho devagar como ele fez comigo.

Slade respira fundo quando seguro a extensão de seu membro. Fecho a mão, as pontas dos dedos deslizando sobre a pele suave, e sinto a rigidez aumentar sob meu toque. Então me inclino, traço com a língua uma linha até o topo da cabeça, e todo seu corpo fica tenso.

— Auren...

Qualquer outra coisa que ele pretendesse verbalizar é interrompida quando o coloco na boca. No mesmo instante, suas mãos tocam minha cabeça, os dedos se enroscam em meu cabelo. Continuo a explorar seu membro com a boca por mais alguns segundos, engolindo, lambendo o comprimento, apreciando seu sabor e como ocupa toda a minha boca.

— Você está me provocando — ele murmura, e tento sorrir com os lábios ao seu redor, erguendo os olhos. — Chupa, amor. Quero ver essas bochechas trabalhando.

Sinto um frio na barriga e faço exatamente o que ele quer. Eu o chupo, movo a cabeça para cima e para baixo, e o gemido que ele deixa escapar espalha o calor entre minhas coxas.

— Porra, Auren — ele grunhe. — Essa *boca*.

A excitação provocada por como ele se desmancha me deixa mais atrevida, e começo a engoli-lo até sentir sua extremidade no fundo da garganta. Engasgo, mas as mãos de Slade puxam minha cabeça ligeiramente para trás. Olho para cima, e seu olhar faminto me queima. Como fez quando desabotoava minha blusa, ele espera, me observando com atenção, me estuda para ter certeza de que estou bem. A pura *confiança* transmitida nisso me deixa ainda mais ansiosa para fazê-lo perder o controle.

Com a pessoa certa, ajoelhar-se é um ato de poder. Submeter-se é pura adoração. Controle é equilíbrio.

É por isso que olho para ele e digo:

— Fode minha boca, Slade.

Seus olhos brilham com ainda mais fome.

— Põe as mãos nas minhas coxas — ele ordena. — Isso. Se eu ficar muito violento, ou se precisar de um tempo, é só bater na minha perna.

Assinto para deixar claro que entendi, e ele começa a direcionar meus movimentos, movendo minha cabeça para a frente e para trás em seu pau. Dá as ordens por algum tempo, me deixando acostumar com o volume em minha boca, depois começa a se mover mais rápido, com mais força, fodendo minha boca com um desejo insano, com movimentos ousados e rudes e deliciosamente eróticos enquanto mexe os quadris.

— *Isso* — ele rosna. — Essa sua boca safada e suja engole meu pau perfeitamente. — Ele segura meu cabelo para cima com uma das mãos, usando-o como ferramenta para manter minha cabeça firme, mas sem me machucar. — Sabe o que você é? *Perfeita*, porra.

O membro duro toca o fundo da minha garganta repetidas vezes, e eu engasgo, deixo a saliva escorrer pelos cantos dos lábios.

— Isso mesmo, molha meu pau todinho, amor. Deixa ele bem molhado e escorregadio, porque vou te foder com ele e quero você *pingando*.

Ele disse que *minha* boca é suja, mas a dele é definitivamente *imunda*, e eu não me canso disso.

Slade me puxa para trás, e respiro fundo. Meus olhos lacrimejam.

— Você é linda, e quero muito ver minha porra inundando sua boca, mas quero ainda mais me afundar nessa sua boceta.

Sorrindo, limpo o queixo e me levanto, e começo a andar de costas em direção à fonte termal. Ele me observa sem se mover, e vejo as linhas em sua pele se retorcendo e enrolando em torno do peitoral, como se quisessem me alcançar.

Quando sinto a beirada da fonte de água quente nos calcanhares e continuo andando de costas, mergulhando gradualmente as pernas no calor, levanto a mão e flexiono um dedo olhando para ele.

— Então vem, Rei Ravinger. Porque é exatamente isso que eu quero, e estou curada o suficiente para um longo e agradável *mergulho*.

Ele me alcança antes que minha metade inferior desapareça sob a superfície, e os dedos apertam quando me levanta. Slade vai mais para o fundo, e a água fica *mais gostosa* à medida que afundamos nela — e *um no outro*.

Slade para na beira da piscina e me coloca no chão, e percebo que a inclinação aqui é acentuada, me deixando vários centímetros acima dele.

— Vira, amor — ele pede. — Apoie as mãos na borda da piscina.

Engolindo em seco, eu me viro e seguro a rocha lisa com os dedos.

— Boa menina — ele ronrona enquanto suas mãos me tocam, uma possessiva entre as pernas, a outra sobre um seio.

— Ai, Deusa... — Suspiro quando ele acaricia meu clitóris, descrevendo círculos com dois dedos, me tocando como um musicista genial dedilha as cordas com perfeição. Meu corpo canta para ele com todas as notas certas.

Quando ele afunda um dedo em mim, ainda usando outro para acariciar meu clitóris, nós dois gememos. Sua boca morde de leve a lateral do meu pescoço, enquanto a outra mão aperta e acaricia meus seios, torcendo os mamilos e os fazendo enrijecer.

— Slade, eu quero você — gemo, e inclino a cabeça para trás contra ele.

— E vai me ter — ele responde, e beija minha nuca. — Tem um degrauzinho bem na sua frente. Apoia um joelho nele.

Sem pensar e dominada por uma necessidade latejante, levanto rapidamente o joelho e encontro o degrau de rocha lisa exatamente onde ele disse que estaria.

— Perfeito — ele diz, e abaixa a mão com que tocava meus seios. O dedo sai da minha boceta e é substituído pela cabeça de seu pau, que toma o seu lugar.

Eu me sinto alargada instantaneamente, e paro de respirar quando ele avança com uma lentidão agonizante. Centímetro por centímetro, ele penetra em mim e, de alguma forma, a lentidão só me satisfaz *ainda mais*. A água quente que nos envolve torna tudo mais escorregadio.

Quando sua pélvis encosta na minha bunda, ele a aperta e solta um gemido.

— Que delícia. Toda apertada e pronta.

Sinto seus lábios nas minhas costas novamente e percebo que a posição em que ele me colocou foi inteiramente proposital. Mas tudo que Slade faz tem um propósito, então não deveria me surpreender. Ele não nos deixa frente a frente, me mantém assim com as costas ainda nuas voltadas para ele, e quando espalha beijos nelas de novo, é como se substituísse a violência e me marcasse com ternura. Lembrando-me de que não estou destruída. Apesar de tudo, estamos aqui juntos e, às vezes, nossos mundos têm de ser destruídos para que possamos chegar onde deveríamos estar.

— Slade, você precisa se mexer — digo, enquanto ele me acaricia, massageia, faz meu corpo derreter e todas as minhas reservas se desmancharem em riachos.

Sua mão volta ao meu clitóris com uma rapidez quase punitiva, e o ar fica preso em minha garganta quando os dedos começam a desenhar círculos rápidos e determinados.

Ao mesmo tempo, ele recua e depois me penetra de novo. De novo. E novamente. E *outra vez*. Seu ritmo é constante e forte, e quando ele usa a outra mão para agarrar minha coxa e me levantar um pouco mais, uma onda de calor me atinge com violência.

Arqueio as costas e deixo escapar um miado constrangedor, embora o som borbulhante da água abafe parte do ruído.

— Isso, isso — repito, sentindo o toque em meu clitóris como mil raios diferentes percorrendo meus membros, subindo pela barriga, aquecendo até a sola dos pés. Sinto que ele alcança aquele ponto dentro de mim que me faz querer explodir. — Mais rápido, Slade. Eu quero gozar. Eu quero gozar com você̂.

— Vou dar o que você̂ quer — ele responde, com a voz quente e faminta, dominante e protetor. — Segura.

Estico os braços, me preparo, e Slade começa a me foder mais depressa e com força, fazendo a água ondular ao nosso redor. O barulho da água é o complemento perfeito para os sons eróticos que acompanham seus gemidos e os meus.

— Sua boceta está apertando meu pau como se quisesse me ordenhar até secar — ele sussurra em meu ouvido, depois desliza os dentes afiados sobre a orelha. — Você̂ está quase gozando, não está?

— Sim! Por favor!

Seus dedos dedilham meu clitóris cada vez mais depressa, mais forte e...

Eu entro em combustão. No calor da água, com as ondas batendo nos meus braços e no peito, incendeio dos pés até o peito, dominada por espasmos de alívio.

Slade solta o gemido mais sexy perto do meu ouvido e estremece, seu pau jorra porra em meu corpo, e derreto junto dele enquanto minhas ondas diminuem lentamente.

Estamos ofegantes e colados. Slade me dá um último beijo nas costas antes de me virar e me sentar de lado em seu colo. Ele me segura ali com a cabeça em seu peito, com o vapor flutuando ao redor como uma cortina destinada a nos manter escondidos de tudo.

Depois de um tempo, depois que o silêncio se tornou um conforto e a água borbulhante é só um ruído de fundo, olho para ele, o que o obriga a abaixar a cabeça e me encarar.

— É isto, não é? — indago, baixinho, me sentindo relaxada e segura em seus braços. — Isto é amor verdadeiro. — Essas palavras. Essas palavras enormes, importantes e significativas simplesmente saem de mim, criando ondas na água entre nós, mas sei que é verdade.

Antes, quando eu achava que tinha isso, não era nem parecido. Não era parecido com *ele*. Depois desta noite, enxergo com muita clareza. Enxergo o que está bem na minha frente.

Os braços de Slade me envolvem, e ele beija minha testa.
— Sim, Auren. Isto é amor.



39

AUREN

Slade e eu passamos o restante da noite na cama. Ele faz amor comigo mais duas vezes antes de eu adormecer, e acordo com sua boca entre minhas coxas e sua língua fazendo coisas muito, muito safadas.

Não sei que horas são quando ambos adormecemos de novo, mas quando acordo outra vez, estou sozinha na cama. Não é nada incomum, já que tenho trocado o dia pela noite por medo de dourar algo de repente. Ainda assim, não consigo evitar a pontada de decepção por ele não estar aqui.

Espio o relógio em cima da lareira e vejo que não dormi tanto quanto de costume. É fim de tarde, o que significa que ainda é dia. Normalmente, eu me viraria de lado e me ajeitaria embaixo dos cobertores, contente em me esconder até a noite. Mas meu estômago decide roncar nesse momento, porque já faz muito tempo desde que comi no pavilhão. Ainda mais se considerarmos o quanto Slade e eu estivemos... *ativos* na noite passada.

Foi bom termos caído nos braços um do outro, em vez de ficar ruminando todas aquelas revelações. Mas agora que estou sozinha e tenho tempo para processar as informações, só consigo pensar nesta aldeia. Em todos os oreanos de vida longa aqui dentro.

Principalmente, penso na mãe dele.

Consigo me identificar com ela. Elore foi tirada de seu mundo, capturada por um homem cruel. Cobiçada por sua magia, escondida como um bibelô para lhe dar um herdeiro. Eu me pergunto o que aconteceu quando ela atravessou aquele corte, por que ela não fala mais.

Talvez sua voz tenha desaparecido naquele dia, quebrada junto ao pescoço do amante.

Agora faz sentido a sensação de estranheza que eu tinha em relação aos aldeões e Elore. Devo ter sentido a conexão deles com Annwyn, por mais sutil que seja.

Mas, principalmente, a pergunta que continua a martelar em minha cabeça é como cheguei aqui. Se Slade e o pai dele usaram sua magia e degolaram o mundo... será que outra pessoa fez a mesma coisa? Fui traficada através de alguma fenda que ainda pode existir em algum lugar de Orea? A ideia de que outro feérico possa ter sido vendido para o mercado de corpos, tratado como eu fui, faz meu coração doer. Ainda assim, se existem outros feéricos em Orea... onde estão?

Os pensamentos vão e vêm em uma maré constante, até que meu estômago começa a reclamar de verdade e eu me forço a sair da cama.

— Vai ficar tudo bem — murmuro ao deixar o calor das cobertas e atravessar o quarto. Não vou dourar nada durante o dia.

Tenho de começar com passos pequenos, e o primeiro deles é me levantar enquanto ainda há sol. A última coisa que desejo é perder o controle e prejudicar esta aldeia. Eu nunca me perdoaria.

Depois de usar o banheiro, entro no quarto de vestir. Agora que as costas estão quase curadas, decido trocar as camisas de Osrik por outras que sejam mais do meu tamanho. Visto roupas limpas e retorno ao quarto, mas paro com a mão enluvada sobre a maçaneta da porta. Respiro fundo, abro a porta e saio, e sigo pelo longo corredor em direção à cozinha.

Quando me aproximo da porta da sala, paro ao ouvir o som de vozes através das paredes.

— Degola, não podemos continuar ignorando isso.

É a voz de Lu, e seu tom é... preocupado.

— Eu sei — responde Slade, e identifico em suas palavras uma resignação pesada.

Depois de uma pausa, ouço Digby dizer:

— Eles são idiotas, se realmente pensam isso dela. Se quer saber minha opinião, é só gritaria.

— Não importa — Judd responde. — Sentiram-se ameaçados. São arrogantes demais para aceitar que Midas era o mentiroso. E, de qualquer forma, é uma questão política. Se tem uma coisa de que sempre se pode ter

certeza quando se trata de governantes, é que sempre vão tentar tirar vantagem da situação.

Franzo a testa.

A porta da frente se abre de repente, e eu pulo assustada, colando as costas na parede menos iluminada e vejo Ryatt entrar. Se estivesse realmente olhando, ele me veria, mas entra e contorna a porta, e sua sombra se projeta no corredor.

— É verdade? — ele rosna, e todos ficam em silêncio. — É?

— Sim, é verdade. — Ouço Slade dizer.

Ryatt resmunga um comentário frustrado, e vejo sua sombra se mover.

— Porra.

Sinto um desconforto latente no estômago, contaminando a fome de antes e a substituindo por náusea. Sei que está acontecendo alguma coisa, algo que Slade ainda não me contou. Isso ficou claro quando o ouvi falando com Ryatt no pavilhão, e tive a mesma sensação quando Slade recebeu o falcão mensageiro e não deu qualquer explicação. Claro, pode ter sido uma notícia pouco importante, mas duvido.

Por um segundo, cogito recuar. Voltar para o quarto e me esconder de tudo isso. Mas não posso continuar me escondendo. É hora de dar mais um passo. Então, apesar de me sentir mais ansiosa a cada instante, como se o nível da água estivesse chegando aos ouvidos, me forço a sair de perto da parede e entro na sala.

Encontro todos reunidos em torno da mesa da cozinha. Os olhos de Slade se voltam imediatamente para mim quando chego, e noto o estresse em seu rosto um segundo antes de escondê-lo.

— Auren.

Todos os outros olham para mim, inclusive Ryatt, que estava parado na porta da cozinha, de costas para mim.

Nenhum deles disfarça como Slade. Todavia, mesmo que tentassem, eu ainda seria capaz de sentir algo errado no silêncio pesado. Até Hojat, cuja presença é sempre tão calma, tem o rosto marcado por linhas tensas de preocupação.

Percebo o pergaminho desenrolado sobre a mesa. Parece que foi passado de mão em mão, e há dobras confundindo as palavras rabiscadas.

— O que está acontecendo? — questiono ao erguer a cabeça.

Lu e Judd fitam Slade, e até Digby levanta uma sobrancelha para ele, como se esperasse um esclarecimento.

Quando Slade hesita, Judd se intromete com um sorriso descontraído:

— Oi, Douradinha. Fiquei sabendo que você descobriu por que o chamamos de Degola. Degolar o mundo foi meio exibicionista, não acha? Particularmente, prefiro todos os boatos que *nós* inventamos para explicar o apelido — ele me conta. — Foi divertido espalhar aquelas fofocas.

Lu sorri.

— Como se ele tivesse ganhado esse codinome por arrancar a cabeça das pessoas em batalhas.

Judd assente.

— Ou por ser tão forte e gostar de dar uma "apertada" em pescoços. As mulheres gostavam dessa.

— Andar de camisa "de gola".

— Ter uma receita secreta de frango e degolar pessoalmente a galinha.

— Virar a cabeça da mulherada.

— Degolar vidas.

Os olhos de Judd se iluminam.

— Ou rasgar algum traseiro nojento até o...

— Chega — Slade interfere, com um suspiro.

Judd dá uma risadinha.

— Obrigada por isso — digo. — E, sim, foi uma grande surpresa. Mas na verdade, só quero saber o que está acontecendo agora. — Meus olhos percorrem a sala. — Tem alguma coisa acontecendo desde que chegamos aqui, não é?

Para minha surpresa, é Ryatt quem responde:

— Tem, sim.

— Ryatt — Slade rosna.

— O quê? — ele retruca. — Ela acordou. Está curada. E agora está fazendo *perguntas*. Você está perdendo tempo, um tempo que não é só seu. Nem *dela*.

— O que isso quer dizer? — pergunto, sentindo o estômago revirar com o desconforto. — Tem a ver com... Midas?

Hojat se mexe na cadeira. Judd fita Slade outra vez. Lu passa a língua pelo piercing de madeira no lábio.

— O que diz a carta? — pergunto, desconfiada.

É a expressão no rosto de Slade que faz meu peito ficar apertado e o pavor inundar minhas veias.

— Desembuche, Slade.

Em vez de responder, ele se levanta, enfia a mão no bolso e pega um punhado de pergaminhos. Arregalo os olhos quando ele os joga sobre a mesa.

— Os monarcas exigem que você responda pela morte de Midas... e seja julgada em uma Assembleia real. Eles alegam...

Meu coração dispara.

— Alegam o quê?

Ele deixa escapar um suspiro cansado.

— Eles estão alegando que você roubou o toque de ouro de Midas. Que ficou com ciúme quando ele anunciou o noivado com a Rainha Kaila e o matou num acesso de raiva. E... que você me seduziu.

O choque me deixa boquiaberta, e tenho medo de acabar com algumas costelas quebradas pela força dos batimentos cardíacos.

— E isso... isso é o que essas cartas anunciam? É uma espécie de convocação?

— Algumas, sim.

Engulo em seco.

— E as outras?

Ele hesita.

— *Slade*.

— Acabamos de ser informados de que nossa remessa de suprimentos nunca chegou. Deveria ter sido entregue no posto avançado, e seria suficiente para garantir a passagem do exército e reabastecer Drollard, mas isso não aconteceu. Pesquisei, e parece que os navios nunca chegaram ao porto.

A ruga em minha testa se aprofunda à medida que tento entender o que isso tem a ver com os eventos de Ranhold.

— Que navios?

Ryatt o interrompe antes que Slade possa responder. Ele se vira de frente para mim.

— O que meu irmão está tentando dizer, mas sem muitos resultados, é que os outros reinos agora estão nos sabotando por abrigar você.

Arregalo os olhos.

Slade olha para o irmão com uma expressão furiosa, antes de tentar explicar.

— O Quarto Reino é composto principalmente por zonas úmidas, pântanos e montanhas de minérios. Fora isso... tem a podridão — explica. — Em parte, é uma ferramenta de intimidação para impedir aproximações, mas também é uma via de escape, porque preciso expelir o poder. Isso significa que meu reino não tem terras agrícolas muito boas. Além do peixe, temos de importar a maior parte dos alimentos por meio de acordos comerciais com os outros reinos.

Ele faz uma pausa.

— Então a remessa...

— Não vai acontecer, Douradinha — Judd responde de seu lugar à mesa. — Os reinos estão chateados porque Slade ignorou as orientações e não te mandou em resposta à convocação. Esta é a maneira de nos alertarem.

Olho para Slade.

— Mas e Drollard?

— Temos reservas.

— Sim, mas não são infinitas — Ryatt intervém.

— Sem falar no exército — Judd acrescenta, passando a mão pelo cabelo amarelo-mostarda. — Estão em marcha há meses. Os suprimentos deles vão ser perigosamente reduzidos quando entrarem no Quarto. Não é um cenário propício para o moral.

— Um comandante ausente e um rei que não está em seu reino também não são — Ryatt acrescenta, incisivo.

— Você precisa voltar — concluo, em voz alta.

Slade olha para mim, corajoso, como se não carregasse o peso de um reino nos ombros.

— Iremos quando você estiver pronta.

Ele ainda não voltou por *minha* causa. Porque tenho me arrastado, hesitando em assumir o controle da minha vida, lidar com as mudanças em meu poder e enfrentar as consequências dos meus atos em Ranhold.

— Estou te atrasando, Slade — declaro, com honestidade. — Você precisa voltar para o Quarto Reino.

A raiva passa como um raio por seu rosto.

— Acha que eu te deixaria para trás? Não tem a menor chance de isso acontecer.

— Não quero ficar para trás, mas os outros monarcas sabem que estou com você. Talvez seja melhor eu ficar aqui.

— Não.

Deixo escapar um suspiro.

— Slade...

Ele apoia a mão na mesa.

— Isso não vai acontecer. Não vamos nos separar. Além do mais, posso te proteger melhor no meu reino. Também seria melhor se eu estivesse lá, caso os outros monarcas decidam retaliar com argumentos mais convincentes do que reter um carregamento do posto avançado. Mas antes de podermos ir...

Concluo por ele:

— Preciso entender minha magia.

Ele assente.

— Certo, para ela poder matar todos em Drollard — Ryatt murmura.

Slade abre a boca para responder, mas Digby é mais rápido:

— Não fale de milady nesse tom — ele retruca.

Surpreendentemente, Ryatt parece um pouco constrangido, antes de encobrir a reação com deboche.

— Você não deveria estar na cama se recuperando?

— Cuidado com a boca — Slade avisa. — Você vai tratar o guarda de Auren com respeito.

Digby olha para ele.

— Não preciso da sua defesa, rapaz — ele anuncia para Slade antes de se voltar a Ryatt. — Minha perna e as costelas estão melhores. Estou recuperado o suficiente para te arrebentar.

Judd dá uma risadinha.

— Qual é a graça? — Ryatt se irrita. — Desculpe se nem todo mundo pode rir de tudo e fingir que está tudo bem, como você faz, mas Drollard corre sério risco de morrer de fome se o seu rei não levantar a bunda da cadeira e *fizer alguma coisa*, porra!

Apavorada, meus olhos vão de um a outro enquanto todos parecem rosnar e se atacar como um bando de cães famintos.

Do outro lado da mesa, Lu revira os olhos.

— É isso que aguento o tempo todo — ela me diz antes de se colocar de pé. Depois pula em cima da mesa e, rápida como um chicote, saca uma adaga da... não sei nem de onde, e a arremessa contra a madeira, prendendo os pergaminhos.

Todos param de falar ao mesmo tempo e a encaram.

— Agora que tenho a porra da atenção de todos... — Ela apoia os punhos na cintura, fitando-os como a capitã que é. — Preciso que se recomponham por um segundo e tentem pensar de maneira racional. Como uma mulher.

Apesar da gravidade da situação, não posso evitar um sorriso.

— O que temos de fazer é claro — ela continua, e aponta para Ryatt. — Deixe de ser idiota. Slade se preocupa com Drollard e todos os envolvidos, e você sabe disso. Assim como nós também sabemos que você está estressado demais, porque este lugar é sua casa. Mas, como eu disse, pare de ser idiota.

Ryatt parece resistir, mas mantém a boca fechada.

Lu aponta para Judd.

— Pare de ser um bobo provocador. E você. — Ela aponta para Slade. — Está fora do seu reino há muito tempo e sabe disso. Já você... — É a vez de Digby, que a encara, desconfiado. — Continue com o bom trabalho. E você também, Hojatinho — ela acrescenta, e o reparador sorri, meio tímido. — E, Douradinha... — Olho cautelosa para o dedo dela, me preparando para suas palavras. — Precisa se comportar como uma menina crescida e entender sua magia. Porque todos sabemos que Degola não vai sair daqui sem você e, francamente, precisa resolver isso antes que a gente te deixe chegar perto de outro salão de baile. Está na hora.

Sei que ela está certa. Já protelei demais. Preciso fortalecer meu corpo *e* minha magia. Então, mesmo que isso me encha de pavor, assinto.

— Eu sei.

— Sei que sabe — ela responde. E, quando abaixa a mão, todos parecem relaxar um pouco. Eu acharia engraçado, se não estivesse tão ansiosa. — Não vamos mais discutir e perder tempo. O Os já está levando o último terço do exército de volta ao nosso território. E isso significa que vamos ter de cuidar de milhares de soldados cansados e responder às cartas. Precisamos pensar em um plano. Juntos.

Todos concordam.

Lu desce da mesa e fita Slade, e percebo que ele muda de atitude. Agora age como quando assume a forma de Degola — o cruel comandante do exército mais temido do mundo.

Ele apoia as mãos na mesa e analisa os pergaminhos enrolados sob seus dedos.

— Os outros reinos acham que podem me forçar a entregar Auren, mas não vão conseguir — declara, e enfim escuto a raiva que manteve escondida, a

necessidade de agir que tem suprimido. Depois de um momento, ele levanta a cabeça e sorri, e noto a perversidade se espalhar por seu rosto. — Talvez eu precise ajudá-los a lembrar do porquê ninguém mexe com o Rei da Podridão.



40

AUREN

Ontem, enquanto todos me informavam sobre a quantidade de movimentos políticos que têm acontecido desde Ranhold, percebi como tenho estado *protegida*. Quanto tentaram me blindar. Mas agora que esses escudos caíram, sou incluída nas conversas. Várias vezes, um deles olha para mim e pergunta minha opinião sobre o assunto. Eu me assustei nas primeiras vezes, fiquei confusa em outras.

Fui uma testemunha silenciosa de centenas de reuniões políticas ao longo dos anos, mas a palavra-chave é *silenciosa*. Nunca fui convidada a expressar opinião, nunca tive permissão para fazer perguntas. Era só o animal de estimação enjaulado que servia para ser exibido.

Todos nós conversamos por horas e, admito, era uma situação nova para mim. Não estou acostumada a receber convites para opinar sobre esse tipo de assunto. Mas é só mais um aspecto em que Slade e sua Cólera são diferentes. Todos eles trabalham juntos. Mesmo quando discutem, Slade não usa a hierarquia para aplicar punições. Ele abre as discussões e ouve a opinião de todos sobre o assunto, desde os membros da Cólera até o reparador — até mesmo meu *guarda*. Ele ouve as pessoas e leva suas opiniões em consideração.

Midas nunca teria agido assim.

Apesar de serem tópicos bem difíceis, Slade pareceu *aliviado* depois da discussão. Como se fosse um peso que ele carregava há muito tempo, assumindo a responsabilidade em sigilo. Mas agora que tudo foi colocado em pratos limpos, parece mais seguro de si e preparado.

Quanto a mim? Minha mente derreteu, virou um mingau ao qual alguém misturou aveia demais. É uma pasta pegajosa com muitos grãos de pensamento agrupados.

Naquela noite, meu sono foi irregular. Não sei bem quando enfim fomos para a cama, porém, depois que nos recolhemos para dormir, acordei em intervalos irregulares, com fragmentos de sonhos atravessando a consciência. Estou sobrecarregada com as novas informações que chegam de todos os lados.

Sonho com o prisioneiro apodrecido. Com Ryatt gritando na minha cara para sair de sua casa. Com Elore, mas a vejo como no relato de Slade sobre quando ele degolou o mundo, e ela grita até não ter mais voz. Sonho com a Rainha Kaila me mantendo refém com cordas de sussurros coletados. Sonho com meu ouro saindo de mim e envolvendo Drollard por inteiro.

Quando meus olhos se abrem depois do último sonho, decido não voltar a fechá-los.

Estou farta.

Não de dormir, mas de mim. Dessa correnteza pesada em que tento avançar, mas sou arrastada para trás. E não estou apenas procrastinando, também estou impedindo um rei de proteger seu reino.

Sei o que tenho que fazer.

Então, saio da cama com cuidado, embora só tenhamos nos deitado há algumas horas. Visto-me em silêncio e caminho até a porta, de onde contemplo a silhueta adormecida de Slade antes de sair. Pego meu casaco do gancho ao lado do fogo na sala de estar e o visto antes de calçar as botas. A casa está silenciosa, quieta e *fria*, mas sinto um calor nervoso.

A porta da frente da Gruta, que normalmente range, não faz barulho quando a abro e saio. Adiante, a caverna se abre com uma sutil insinuação do amanhecer se elevando sobre a paisagem. Ando em direção à luz fraca, cruzando as mãos sob os braços quando deixo a proteção da caverna.

O ar é calmo mas cortante, o tipo de frio que se integra à respiração e faz os pulmões parecerem gelo. Viro as costas para a aldeia silenciosa e sigo rumo à encosta com passos seguros e a mente determinada.

Porque vou dominar meu poder.

Se Slade aprendeu a fazer isso aos *oito* anos, posso aprender agora. Tenho de aprender.

Subo a encosta sob a sombra da montanha à direita. Passo pelo Poleiro, pela Verruga, xingo baixinho quando as botas afundam na neve e as pernas

queimam. Esqueci quanto tempo demorou a caminhada para chegar até aqui. Mas, por fim, entro na caverna manchada pelos respingos de ouro que deixei para trás.

Meus olhos se ajustam à penumbra, ao ouro solidificado que se acumula no chão rochoso. Porém, quando me aproximo, uma sombra que confundi com formação rochosa se move. Pulo para trás surpresa e deixo escapar um grito.

Olho apavorada para o timberwing que abre as asas e levanta a cabeça para me fitar.

— Grande Divino, você me assustou — falo, trêmula, levando a mão ao peito e sentindo o coração acelerado.

A fera gigante levanta o focinho como se me farejasse.

Eu me arrisco a dizer que isso não é um bom sinal.

Ele me observa com muita atenção de seu lugar no chão dourado, enquanto tento decidir que diabos vou fazer.

— Na última vez que estive consciente perto de um timberwing, ele quis comer minha cara, então você vai ter de ir embora.

Um par de olhos brilhantes pisca.

A coisa é maior que um cavalo, com asas enormes presas ao corpo malhado, que esconde os pés de garras. Se ele ficou surpreso com a minha chegada, certamente não demonstra nem parece se sentir ameaçado por mim. E por que se sentiria? Com aquela boca cheia de dentes afiados?

Tiro a mão do peito por tempo suficiente para acenar ao bicho.

— Vá embora. Xô.

Para ser sincera, eu não esperava que o gesto desse resultado, então não me surpreendo quando ele simplesmente continua parado. Suspiro e cruzo os braços.

— Olha só, precisei andar muito para chegar aqui. Andar na neve. Na subida. Então, não vou embora. Preciso deste espaço para treinar minha magia, porque não posso permanecer em um reino povoado sem antes controlar meu poder e ter certeza de que não vou dourar um castelo inteiro. De novo.

A fera boceja.

— Ah, você está entediado? — falo, lentamente, colocando as mãos na cintura. — Tudo bem, então. Se ficar dourado enquanto eu estiver treinando, não venha se queixar. A culpa vai ser toda sua.

Ele lambe os lábios e enfia a cabeça embaixo da asa, como se estivesse entediado comigo e quisesse voltar a dormir.

— Besta teimosa — resmungo.

Ele faz um ruído que sai do fundo do peito, e eu dou um pulinho. Porque sim, ainda estou com muito medo dele, mas tenho ainda mais medo de ter subido aquela encosta por nada. Pelo menos enquanto essa coisa não começa a me atacar com os dentes. Aí vou preferir a colina.

— Ok, vou começar então — aviso ao me locomover até o outro lado da caverna.

O timberwing não se mexe.

Suspiro e continuo andando sem perder a fera de vista, tomando cuidado para manter bastante distância entre nós. Chego a um ponto onde há uma poça de ouro maciço no chão e, logo depois dela, uma parede com mais um pouco de ouro espalhado.

Acho que foi *ali*. A parede onde basicamente me joguei em cima de Slade. Meu rosto esquenta quando me lembro da maneira animalesca como nos pegamos.

O lado positivo? Pelo menos o timberwing não estava lá para ver *aquilo*.

Eu me sento no chão com cuidado, cruzo as pernas embaixo do corpo. Observo o ouro congelado, sua cor desbotada à luz nebulosa do amanhecer, e vejo meu reflexo ligeiramente distorcido. No ouro solidificado, meu rosto parece mais nítido, os olhos reluzem quase tanto quanto os do timberwing, e minha expressão é mais... *feérica*.

Por um segundo, fico um pouco surpresa, porque é como se olhasse para esse *outro* lado de mim mesma. Para a Auren que era mais fera que pessoa, para a feérica que se libertou em busca de vingança e sangue.

Ou talvez seja apenas ilusão de ótica.

Olho para o reflexo com a palma das mãos nos joelhos, à procura de um brilho nos olhos, uma faísca malévola, qualquer coisa que me faça reconhecer aquela parte de mim que foi libertada.

— Minha magia não está funcionando direito — reconheço, em voz alta, mirando meus olhos. — Não funciona desde que acordei. E tenho quase certeza de que é por causa daquela noite em Ranhold.

Meu reflexo me observa, e provavelmente estou apenas viajando nessa ideia, mas juro que me vejo sorrir.

— Mas este poder é *meu* — continuo, adotando um tom mais firme. — Eu tenho controle sobre ele.

Acho que meu reflexo pode estar me desafiando a provar que isso é verdade.

Tiro a luva de couro e a deixo cair no chão ao meu lado. Viro a mão na frente do rosto, analiso a palma, o formato dos dedos, as linhas nas pontas.

Atrás de mim, a aurora clareia de modo muito suave, dando origem a um novo dia, e espero que desperte minha magia. No entanto, quando pressiono a mão contra o chão da caverna, nada acontece. Não há gotas de ouro na ponta dos dedos, nenhum metal líquido revestindo a palma.

— Vamos — murmuro, mantendo a pele em contato com o chão frio de pedra. É engraçado como eu teria dado *qualquer coisa* pela liberdade de tocar coisas durante o dia sem dourar nada. Mas agora preciso fazer tudo que posso para recuperar meu toque de ouro.

É hora de parar de bloquear meu poder.

Pressiono a palma da mão com mais força contra a rocha, cravando a ponta dos dedos nela como se quisesse abrir caminho, mas nada acontece. Um suspiro frustrado escapa de minha boca e corta o silêncio. Pelo canto do olho, vejo o timberwing levantar a cabeça, e congelo onde estou.

Quando ele não salta nem decide me comer, estudo-o cautelosa. Ele retribui minha atenção sem piscar, e sinto um arrepio nas costas. Meus olhos buscam novamente o reflexo dourado, depois o timberwing, e um reconhecimento chocante explode em minha cabeça. De repente ele me lembra a fera, aquela que abriu caminho através das minhas barreiras e se libertou.

Slade disse que não sou um monstro. Ele disse que a fera é o meu lado feérico. Bem, não sei muito sobre ser uma feérica e não sei quase nada sobre feras, mas uma coisa eu sei.

Feras podem ser domesticadas.

— É isso — digo, e o timberwing inclina a cabeça para mim. A feérica em mim não tem dificuldade alguma para controlar a magia, porque ela é inerente. Meu problema é que sempre combati ou escondi minha magia *e* minha natureza feérica.

Nunca a entendi. Nunca *me* aceitei.

Talvez sempre tenha tido essa capacidade de controlar o ouro, de invocá-lo mesmo depois do pôr do sol. Talvez eu nunca tenha encontrado voz para invocá-lo antes.

Mas agora a tenho.

Olho para baixo, pressiono a mão contra a rocha e sinto o frio cortante na pele.

— Este é o *meu* poder — murmuro. — Ele não desapareceu. Não foi corrompido. Simplesmente mudou. *Eu* mudei.

Fecho os olhos e solto um suspiro profundo. Afasto todos os outros pensamentos, concentro-me inteiramente em procurar aquele meu lado que queimava e arranhava, a parte que fervia e inflamava. Mergulho fundo, sem esperar que funcione de imediato, mas é como se essa parte de mim estivesse lá o tempo todo.

Apenas *esperando*.

Como um predador selvagem a postos nas sombras da alma, ela permanece ansiosa e alerta. Olhos brilhantes pousam em mim, asas de ouro incandescente recolhidas contra o corpo tal como chamas. Ela me encara e eu retribuo, mas é como passar por um túnel. Não sei bem onde sua visão começa e a minha termina, quanto tempo dura o encontro com as pupilas cintilantes ou se nós duas estamos separadas.

Sinto meus lábios se levantarem em uma curva, o alívio me invade. Porque a fera, a *feérica* em mim não é algo para ser temido. Sou *eu*. Sempre foi. Sinto isso agora.

E meu poder não é uma força incontrolável, nem secou. Está ali, é como um fogo eterno de chamas douradas queimando no centro da minha alma. Sinto a magia como sinto as batidas do coração. Está em minhas veias, percorrendo meus membros, fervendo sob a pele. Tudo o que preciso fazer é estender a mão e assumir o controle disso.

Quando reabro os olhos, uma sensação de calma tomou conta de mim, porque desta vez sei o que fazer. É instintivo.

Alimento as chamas nas asas da fera, e o ouro escorre através de mim. Não tento parar e não entro em pânico, não tento forçá-lo nem me inundo com dúvidas.

Simplesmente o chamo com minha voz recém-descoberta, e ele responde.

O sorriso se alarga em meu rosto quando sinto o calor familiar sob a pele. Um segundo depois, minha palma fica escorregadia. Solto um grito quando o ouro escorre da minha mão e começa a dourar o chão, fundindo-se com a poça solidificada diante de mim.

Olho para o timberwing com um sorriso triunfante.

— Consegui!

A fera pisca para mim, e nem me importo se ela não parece impressionada, porque estou muito empolgada por, enfim, ter conseguido usar minha magia de maneira totalmente consciente e controlada.

Comemoro imediatamente arrancando a outra luva. Repouso a palma das mãos contra a calça, a camisa, as meias e as botas, estou exultante, em êxtase, sentindo que, pela primeira vez, posso *celebrar* minha magia.

Quando estou dourando as luvas, ouço palmas atrás de mim e me viro, surpresa. Slade está lá, encostado na parede da caverna, sendo ofensivamente sexy. Ninguém deveria ser tão lindo à luz do alvorecer.

Mas estou feliz por ele ser.

Ele usa as botas desamarradas sobre calça de cintura baixa e uma camisa amassada com as mangas levantadas, exibindo os antebraços. Não vestiu nem o casaco, como se tivesse saído correndo antes de terminar de se vestir.

Ele para de bater palmas, põe as mãos nos bolsos, e o sorriso em seu rosto e o brilho nos olhos fazem meu estômago dar uma cambalhota.

— Muito bem, Pintassilgo. Eu sabia que você era capaz disso.

41

AUREN

— Tente recolhê-lo — Slade sugere.

Suas costas estão apoiadas na parede da caverna, parede que agora tem ondas douradas que imitam as veias de fluorescência ao nosso redor.

Argo, o timberwing de Slade, também está aqui, como tem estado nos últimos quatro dias. Não se aproxima nem rosna, só fica de olho em mim e no meu ouro, ou age como se estivesse completamente entediado com a minha presença. Eu me concentro ali, sentada diante da formação rochosa no fundo da caverna, vendo meu ouro descer em cascata pela pedra escura como uma camada de tinta escorrendo do alto. Tento puxá-lo de volta para a mão que usa como apoio a ponta afiada da rocha, contudo, por mais que me esforce, o ouro continua se espalhando.

— Não consigo — respondo, frustrada, com os dedos esticados sobre a pedra e ouro pegajoso pingando de mim.

Minha mão treme, o restante do corpo está cansado pelo esforço do controle que venho praticando sem parar há várias horas. Desde que Slade me seguiu pela primeira vez e enfim me viu fazer um avanço com a magia, há alguns dias, eu o tenho arrastado até aqui desde o amanhecer até o anoitecer para me ajudar nos treinos.

Aprendi muito em pouco tempo. Como o fato de não poder produzir ouro *novo* durante a noite. Esse poder ainda está diretamente ligado ao dia. No entanto, *consigo* controlar qualquer ouro ao meu redor durante a noite, assim como fiz em Ranhold.

— Tudo bem, faça uma pausa. Respire.

— Não quero fazer uma pausa — rebato, determinada, comprimindo os lábios e fitando o meu ouro teimoso. — Quero dominar esse negócio.

Slade arrasta um pé para apoiar o braço sobre o joelho, casualmente sendo sexy ali, sentado à minha frente.

— Sei que quer. E vai dominar. Você já fez um trabalho incrível desenvolvendo o controle. Respire fundo e tente novamente.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, relaxo os dedos tensos e os chacoalho de leve enquanto respiro fundo para recuperar o foco. Todos os dias, Slade tem me ajudado a dominar as novas facetas da minha magia. Percebi depressa que o aumento da autoconfiança ao reinvocar o toque de ouro era apenas o primeiro passo. Tenho muito mais a aprender e experimentar, e uma vida inteira de velhos hábitos e processos de pensamento para desfazer.

Em vez de suprimir o poder, tento *reforçá-lo*. Descobrir exatamente o que sou capaz de fazer. Mas ainda sou *in*capaz de trazer o ouro gotejante de volta para mim e desfazer o que dourei.

Mas estou determinada a aprender.

Slade tem me conduzido de maneira a fazer as coisas passo a passo. Nos primeiros dias, só treinei para invocar a magia e tocar certas coisas de ouro de maneira controlada, e depois desligá-la como se fechasse uma torneira, para não dourar nada que não quisesse.

Não é fácil. Tenho dificuldade nas duas frentes. Mas suponho que seja esperado, depois de tantos anos dourando incontrolavelmente qualquer coisa que entrasse em contato com minha pele nua. Ainda tenho o cuidado de me manter coberta durante o dia, só para garantir.

Mas... existe no fundo da minha cabeça um lampejo de luz dourada alimentado por essa incrível possibilidade: um dia, vou poder ter o controle total.

Isso me incentiva.

A ideia de um dia poder andar descalça na grama ensolarada sem correr o risco de espalhar a morte metálica com meus passos. De um dia poder desnudar meus braços e pernas para a luz do sol, sem temer pelo que pode esbarrar em mim. Ser capaz de comer e beber desde o amanhecer até o anoitecer e de fato saborear a comida, sem o gosto amargo do metal descendo pela garganta. Ter a possibilidade de andar sem luvas, tocar, sentir e segurar o que quiser sem me preocupar, não importa a hora.

Desejo desesperadamente chegar a esse *um dia*.

Depois de soltar o ar e me acalmar, estico os dedos sobre a ponta dourada da pequena pedra à minha frente. Assim que a toco, peço ao ouro para escoar da ponta dos meus dedos, e ele passa a escorrer em gotas lentas e constantes.

— Boa.

Os elogios murmurados por Slade me fortalecem.

Procuro dentro de mim aquele controle fácil que exerci em Ranhold. Se consegui dominar *todo* o ouro do castelo inteiro, posso controlar esta pedra dourada.

Este poder é meu. Eu o controlo. Ele responde a mim e somente a mim.

O conceito de recolher o ouro é completamente antinatural, e é algo que estou me esforçando para descobrir. No entanto, por causa de Ranhold, sei que sou capaz de muito mais do que imaginava, seja porque minha magia evoluiu, instigada pelas correntes que me envolviam, ou porque isso sempre foi algo que eu poderia ter feito com treino — jamais saberei qual da opções. Só sei que vou entender tudo isso, porque não quero continuar vivendo com medo do meu poder. Quero assumir o *controle* disso.

Penso em um líquido escorrendo de uma garrafa de vidro e me imagino encaixando uma tampa no gargalo, de modo a interromper o fluxo. A imagem mental me ajuda a definir o que tento fazer com a magia, e sinto meu poder respondendo. O ouro cessa de escorrer sobre a rocha. Minha mão treme com o esforço, mas aguento firme, lutando para manter a concentração. Agora que aprendi a *parar* de dourar, só preciso dar o próximo passo.

Continuo a criar imagens mentais e imagino alguém abrindo e virando a garrafa, despejando o ouro na palma da minha mão.

— Boa, Auren.

Ouço ao longe o incentivo de Slade, mas a concentração quase é substituída por uma vertigem quando sinto o ouro voltar até minha mão. Sufoco a empolgação, continuo chamando mais ouro de volta e, quando tenho uma boa quantidade acumulada na palma da mão, começo a imaginar que o despejo de volta na minha garrafa aberta, deixando-o pingar pelo gargalo estreito.

A ação é acompanhada pela sensação mais estranha. O ouro acumulado na minha mão simplesmente... penetra de volta em mim. É como deixar cair um pedaço de tecido em uma poça. A poça é meu ouro em movimento e eu sou o tecido.

Demora muito, mas aos poucos consigo absorver tudo. Quando sinto a última gota desaparecer, abro os olhos e descubro que a rocha agora não tem mais uma partícula de ouro sequer.

Com um sorriso enorme se espalhando por meu rosto, olho para Slade e aponto, triunfante.

— Você viu?

Ele sorri, e linhas surgem nos cantos de seus olhos.

— Muito bem, porra.

Com uma risada eufórica, corro e pulo em seu colo, mantendo as mãos nuas apoiadas na parede atrás dele, os braços apoiados em seus ombros.

Nossos rostos estão a meros centímetros de distância, os peitos colados, e a onda de confiança interior é como bolhas me inflando, me deixando efervescente.

— Sabe o que isso significa? — pergunto.

Suas mãos seguram minha cintura, os dedos se movendo lentamente em carícias idênticas.

— O quê?

— Isso vai mudar *tudo* — murmuro. — Se consigo dominar esse poder, posso tocar qualquer coisa, a qualquer hora do dia. Posso ser casual e irrestrita. Não tenho mais que viver no escuro.

Em mais de um sentido.

— Porque, mesmo que eu doure alguma coisa, posso *des*dourá-la.

Um zumbido baixo escapa de sua garganta, e ele levanta a mão como se fosse tocar meu rosto, mas eu recuo, afasto sua mão com meu cotovelo.

— O que você está fazendo?

— Vou segurar seu rosto e te beijar.

Meu estômago se contrai, porque parece uma recompensa *muito* boa, mas olho assustada para o lado externo da caverna.

— Ainda é dia.

— Mas você acabou de provar que pode *des*dourar qualquer coisa, se for preciso.

Ele tenta se mover novamente, e eu pulo de seu colo.

— Não vamos nos precipitar. Esta foi só a primeira vez.

Slade se levanta, e seu olhar faz meu corpo todo esquentar.

— Você sabe como despertar seu toque dourado, e agora também sabe como desfazê-lo — ele declara ao caminhar até mim com um olhar faminto.

Levanto as mãos diante do corpo a fim de afastá-lo.

— Faz só três segundos que aprendi como fazer isso!

Slade não responde, só continua avançando em minha direção, e, grande Divino, a *expressão* no rosto dele. Seus olhos verdes percorrem meu corpo como se ele estivesse pensando em coisas muito indecentes.

— Ainda posso errar. Agora não é hora de testar esse controle, e definitivamente, não deveria testar em você̂.

— Você̂ não dourou nada sem querer desde que acordou — ele ressalta, ainda se movimentando rumo a mim.

Recuo, balançando a cabeça em negação.

— Vamos deixar o beijo para quando o sol se pôr. Vai ser como nos velhos tempos. É muito cedo para fazer isso agora.

Minhas costas batem na parede da caverna, e ele está *ali*, me imobilizando sem sequer me tocar.

— Pelo contrário. Este momento já demorou demais.

Seu peito largo bloqueia a luz da caverna, a cabeça inclinada permite que olhe nos meus olhos, e não consigo respirar. Minha mente grita com dúvidas e medos, enquanto o corpo sussurra de desejo, a coluna se curva levemente para me aproximar dele.

— Slade.

— Auren. — Ele se aproxima, e sinto seu hálito quente em meu rosto. — Você̂ já me tocou durante o dia.

— Mas...

— Não vai me tocar de ouro de repente.

Observá-lo a poucos metros de distância é uma coisa. Mas é difícil pensar quando ele está tão perto, quando a respiração faz nossos peitos se tocarem e posso distinguir cada faceta de seus olhos salpicados de verde. É difícil duvidar. É difícil temer. Ele é tão envolvente que minha mente simplesmente para.

— Me beije — ele pede.

Sinto o ar preso na garganta.

— Não deveríamos.

— Ah, deveríamos, sim. — Ele se aproxima de novo, chega tão perto que posso sentir o ar passando entre meu rosto e o dele.

Minha boca seca, todo o meu corpo queima com um desejo que não consigo reprimir. Estou praticamente agarrando a parede atrás de mim, como

se isso fosse me impedir de derreter junto dele, mas não tenho certeza de quanta resistência posso realmente oferecer.

Atrás de mim, ouro derretido verte das minhas mãos e molha a parede de pedra.

— Meu poder está escapando — sussurro, trêmula, enquanto ele sopra suavemente a curva do meu pescoço. O ar morno provoca arrepios, minha pele fica fria e quente ao mesmo tempo.

— Me beije — ele repete a ordem.

Eu quero beijar.

— Você quer — ele diz, como se o canalha lesse minha mente.

Balanço a cabeça de imediato.

— Não, eu nem gosto de te beijar. É horrível.

O canto de sua boca se eleva.

— É mesmo?

— Sim — respondo, sarcástica. — Você tem um desempenho ruim. Eu devia ter avisado antes.

Slade deixa escapar uma risada e desliza um dedo pela minha clavícula. Mesmo coberta com a camisa e o casaco, esse simples toque me faz pensar em pele com pele, e tenho certeza de que é exatamente esse o objetivo.

— Desempenho ruim? Isso parece lamentável.

— É... é, sim.

— Aham. — Slade desliza o dedo para baixo até roçar na minha barriga e encontrar a cintura da calça. — Já te falei o quanto gosto de ver sua bunda nessa calça?

— É recíproco.

Ele ri de novo, e meu estômago revira.

Slade se inclina para trás e me observa. O calor de seu corpo é como um cobertor quente sob o qual quero mergulhar.

— Me beije.

Meus dedos pressionam a pedra, e ouço o suave gotejar do ouro que começa a pingar no chão.

— Minha magia...

— Você tem o controle — ele diz, confiante.

— Posso perder...

— Não vai.

— Seu timberwing está nos observando.

— Ele está dormindo.

— E se eu...

— Auren — ele me interrompe. — Pare de duvidar de si mesma e *me beije, porra*.

Encosto os lábios nos dele tão rápido que Slade ainda está concluindo a última palavra quando faço isso. Meus lábios se inclinam e o procuram, urgentes e *desesperados*.

Slade me segura pelos quadris e me puxa contra as linhas duras de seu corpo. O movimento me deixa ofegante e, quando a língua dele mergulha em minha boca e transmite o desejo, gemo com ela ali para que Slade possa engolir o som.

Depois de alguns momentos, me afasto sem fôlego e agarrada a seus braços tensos.

— Eu não dourei você — comento, ofegante. — Eu te beijei... te toquei, aqui à luz do dia, e estou controlando minha magia.

O orgulho brilha tão intensamente em seus olhos que eu poderia mergulhar nele.

Com ternura, ele ajeita uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. E então, como se o homem não tivesse nenhum medo, como se tivesse total confiança nesse novo controle instável sobre minha magia, desliza o dedo nu por meus lábios inchados.

— Você é incrível, sabia?

Suas palavras provocam uma onda de timidez.

— Enfrentou tudo que foi proposto em tão pouco tempo. Veja aonde chegou, Auren.

— Quero ir muito mais longe.

Quero chegar o mais longe que puder.

— E vai — garante-me ele.

Desta vez, quando o beijo, mergulho nele com facilidade. Aprecio o beijo. Reverencio o momento. Sou capturada pelo êxtase do instante e simplesmente me *entrego*. Porque estou aqui, em um lugar que não existe, com um rei feérico com quem não deveria estar, beijando em plena luz do dia, quando sempre tive de me isolar dela.

Depois de tantos anos sendo acorrentada à presença do sol, estou aqui, no meio do dia, beijando. Tocando. *Sentindo*.

O momento avassalador faz com que uma lágrima escorra por meu rosto e se misture entre nossos lábios, até eu temperar o beijo com a salmoura das minhas emoções.

Slade se afasta e franze a testa, e respondo sua pergunta silenciosa.

— Eu só... nunca pensei que teria isso. Nunca pensei que algum dia poderia realmente *viver* durante o dia.

— Você pode — ele me diz. — Você vai.

A ideia é tão incrível que nem parece real. Fungando, enxugo os olhos, e um sorriso se espalha por meu rosto.

— O que esse sorriso significa? — ele pergunta, percebendo o brilho em meu rosto.

— Só estou pensando em todas as *outras* coisas que podemos fazer agora. A qualquer hora do dia. Sem nenhuma roupa cobrindo minha pele.

Slade se aproxima de mim e aperta minha bunda.

— *Excelente* argumento.

Ele se move para me beijar outra vez, o que provavelmente levará a outras coisas *excelentes*, mas um ruído resfolegante ao nosso lado nos separa outra vez. Nós dois olhamos para Argo, cujos olhos brilhantes nos julgam.

— Avisei que ele estava olhando.

Slade resmunga alguma coisa.

— Chega de treino por hoje — anuncia, e segura minha mão a fim de me levar em direção à saída. Pega minhas luvas do chão e as coloca no bolso.

Depois me leva caverna afora e rumo à neve, andando rápido o suficiente para me fazer rir.

— As coisas que vou fazer com você...

A euforia invade meu peito, porque tenho certeza de que quero realizar cada ideia em sua cabeça. Estou sem fôlego quando descemos a encosta e voltamos à Gruta. Quando ele abre a porta e entramos na casa, estou rindo.

Mas meu riso se cala, e Slade e eu paramos diante da cena na sala de estar.

Todos estão ali reunidos e sérios, todos *em pé*. Isso não é bom sinal.

Toda a empolgação desaparece em um instante junto ao meu sorriso quando entramos na sala.

— Qual é o problema? — Slade pergunta, olhando para sua Cólera.

Ryatt lhe entrega um pergaminho enrolado.

— Parece que a Rainha Kaila se cansou de esperar por uma resposta por escrito e enviou seu conselheiro ao Quarto Reino — Ryatt responde, com uma

expressão sombria. — O irmão dela, Manu, chegará em dois dias.



42

AUREN

O tempo acabou.

Eu sei disso e todos nesta sala também.

Atrasei tudo. A única razão para termos ficado aqui por tanto tempo é a paciência deles com relação a mim. Slade tem me apoiado, me deixa resolver as coisas no meu ritmo, mesmo prejudicando o próprio reino.

— Se Manu chegar ao Quarto e descobrir que você não está lá, isso vai levantar questões, eles podem começar a procurar, e corremos o risco de alguém encontrar Drollard — Ryatt afirma.

— Podemos atrasá-lo por alguns dias no máximo, mas, se demorar mais, ele vai desconfiar do seu paradeiro — Lu intervém.

Sinto a atenção de todos se voltando para mim e olho para Slade.

— Precisamos ir.

Não é uma pergunta, mas ele concorda mesmo assim.

— Está pronta para isso?

Essa faceta de controle sobre minha magia pode ser nova, mas sou capaz disso. Desde que enfrentei esse meu lado feérico, não tenho medo. Não vou explodir em um acesso de raiva dourada.

A menos que eu queira.

Tudo que preciso fazer é continuar treinando o controle, e serei capaz de dominar a magia. E *vou* dominá-la. Porque acabei de sentir o primeiro toque de verdade durante o dia e não vou desistir disso.

Portanto, não há outra resposta além de:

— Sim. Estou pronta.

Há uma vibração coletiva de apoio que ressoa em meus ouvidos, e então o grupo entra em ação.

— Certo. Hojat, Digby está liberado para viajar?

— Vou aonde ela for — Digby declara, determinado, e meus lábios se esticam.

— Suas costelas ainda estão em recuperação... — Hojat começa, hesitante.

— Vou aonde ela for — Digby repete, com um grunhido rouco. — As costelas estão bem.

Hojat suspira e assente, relutante.

— Vou precisar te enfaixar, e vai ter de ficar preso ao cinto de segurança. Assim que chegar ao Quarto, você vai precisar descansar.

Digby concorda com um movimento de cabeça.

— Está bem.

Slade anda até o centro da sala, e eu me sento no braço da cadeira enquanto ele traça planos com os outros.

— Se voarmos alto e depressa, e fizermos poucas pausas, chegaremos ao Quarto em quatro dias.

Judd balança a cabeça.

— Os timberwings vão estar espumando a essa altura.

— Vamos exigir muito deles, mas dentro do limite. E se demorarmos mais de quatro dias... — Slade para.

Lu cruza os braços e fica pensativa.

— Vou escrever uma resposta, avisar que estamos a caminho, mas que vão ter de segurar o irmão de Kaila.

Slade assente.

— Precisaremos de pacotes de ração, e temos de garantir que os quatro timberwings façam uma caçada rápida antes de partirmos. Também temos de atualizar o Os para que saiba que estaremos no castelo quando ele chegar.

— Quatro timberwings? — Ryatt pergunta. — Pensei que viajariam em duplas.

— E vamos. O quarto timberwing é para você — Slade responde.

Ryatt empalidece.

— Não vou com vocês. Preciso ficar aqui, garantir a segurança de Drollard e ajudar na caçada para manter nossas reservas.

— Preciso de você comigo.

A raiva surge no rosto de Ryatt, fazendo as bochechas pálidas ficarem vermelhas.

— Sou a porra do *substituto*! — ele responde, com um grunhido. — Na verdade, eu devia voltar para o exército. Mas todos sabemos que você é o verdadeiro comandante. Só preciso assumir o comando quando você está brincando de ser rei.

Acompanho a interação entre os irmãos, observando o músculo que pulsa no maxilar de Slade. Será que ele já percebeu que acontece exatamente a mesma coisa com Ryatt?

— E vou *brincar de rei* quando voltarmos. Isso significa que vou precisar de você ao meu lado e da sua presença entre os soldados quando eles retornarem. Posso cuidar disso sempre que for possível, mas vou precisar tomar cuidado, com Manu farejando. Ele pode não ter a magia que a irmã tem, mas não podemos subestimá-lo.

Ryatt debocha e passa a mão no rosto não barbeado.

— Muito bem. Eu saio de Drollard. Mas vou voltar para o exército, não para o reino, e vou levar Hojat comigo. Os soldados estão sem nosso melhor reparador *e* sem seu comandante substituto há muito tempo. Além disso, posso enviar alguns soldados para cá para protegerem a aldeia.

Slade respira fundo.

— Ryatt...

— Não vou para o reino com você — ele retruca em resposta, antes de se virar e começar a andar pelo corredor. — Se preciso me ausentar daqui, então estarei com o exército, cujo moral provavelmente está bem baixo nesse momento, já que dois de seus três capitães os abandonaram, *assim como* seu rei e comandante. Vou encontrá-los, e estarei pronto para partir dentro de uma hora, e não brigue comigo por causa disso. Volto a ser seu dublê no castelo assim que chegar lá com o restante dos nossos soldados.

O maxilar de Slade pulsa.

— Está bem.

Ryatt assente e olha por cima do ombro.

— E, por favor, não ouse ir embora sem se despedir dela.

Ryatt bate a porta depois de sair, furioso. Por um segundo, ninguém se pronuncia.

Observo em volta e pigarreio.

— Então... presumo que Ryatt não goste de ser o Falso Degola?

— Ele está cansado disso — Slade responde.

Lu sufoca uma risadinha.

— Essa é uma interpretação possível. — Seus olhos escuros se voltam para mim. — Isso nunca o incomodou antes. Ele gostava, no começo. Foi bom para ele também. Ensinou-lhe algumas coisas boas.

— O que mudou?

— Ryatt começou a se ressentir por não ser *ele mesmo*. — Lu dá de ombros. — Mas, também, não dá para culpá-lo.

Olho para Slade.

— Por que decidiu ser comandante do seu exército? Não deve ser fácil manter essa farsa.

— Eu me tornei soldado para aprender como proteger Drollard melhor e descobrir mais sobre Orea. O bônus do salário também foi um grande incentivo. Precisávamos do dinheiro, e o Quarto estava recrutando. Não se importavam com a idade. Mas logo percebi que era *bom* como soldado. Mais ainda, percebi que *gostava* daquilo. Progredi logo, mais rápido do que qualquer outra pessoa, usando apenas a força física. Lutar sempre acionava meus espinhos, então deixei isso fazer parte da minha personalidade de soldado. É o que me diferencia.

— Aposto que sim.

— Nunca usei a magia da podridão. Nunca quis — Slade continua. — Mas o rei do Quarto era um tirano e, quando eu estava com vinte anos, percebi quanta dissidência havia no reino. O rei também fazia coisas na fronteira que poderiam ter comprometido o sigilo de Drollard. Então, decidi assumir minha outra forma e desafiá-lo pela coroa usando a magia da podridão. Venci e Ravinger tornou-se rei, enquanto Degola tornou-se comandante. Fiz questão de reprimir qualquer resistência usando as duas formas e mantendo as identidades separadas.

— E ainda queria liderar seu exército depois disso?

— O exército é implacável com Degola — Judd interrompe. — Ele é mais forte, mais rápido e mais alerta. Seus instintos feéricos nos ajudaram a vencer mais batalhas do que consigo contar. E seus espinhos assustavam as pessoas. Ficou famoso por méritos próprios. Só os boatos sobre os dois eram suficientes para manter as pessoas na linha.

— Comandante *e* rei. Parece muito trabalho.

Slade inclina a cabeça.

— Tive de vencer muitas batalhas quando assumi a posição, porque outros reinos tentavam testar os pontos fracos do novo rei. Mas não era como se eu pudesse simplesmente apodrecer o mundo, então, em vez disso, os enfrentei no campo de batalha. Fortaleci a reputação do Comandante Degola. Assim que isso foi estabelecido e a força do exército foi constatada, os desafios pararam.

Assinto, absorvendo as informações.

— E seu irmão substitui você como Degola quando precisa dele?

— Sim.

— Mas o que Ryatt quer fazer?

Os três olham para mim, sem expressão.

Olho pra eles, chocada.

— Vocês nunca *perguntaram*?

Agora parecem um pouco envergonhados.

— Tudo bem. Vamos... adiar isso por ora. Mas talvez algum dia você possa... aposentar o Degola? — sugiro. — E Ryatt pode liderar *de verdade* o exército, como ele mesmo, ou fazer o que quiser fazer, algo que você vai descobrir quando *perguntar* a ele — falo diretamente para Slade.

Ele sorri para mim.

— Anotado.

— Tudo bem, vou ao Poleiro para despachar essa mensagem e informar o tratador de que precisamos dos nossos timberwings prontos assim que terminarem de caçar — Lu informa enquanto se dirige à porta da frente. Faz uma pausa na saída para o hall e espia por cima do ombro. — Não exagere desta vez, Degola.

Slade fica tenso, mas não responde. Ela suspira, sai e fecha a porta.

Judd entra em ação.

— Vou pegar o maldito vinho enquanto ela está fora. Sei que escondeu em algum lugar. Assobiem se ela voltar.

Não consigo evitar um sorriso.

Judd olha para Slade pouco antes de desaparecer no corredor.

— Vou preparar os pacotes de comida e água e começar a fechar a casa. Vá resolver suas coisas, mas como disse Lu, não *exagere*.

Quando ele se afasta, olho para Slade, intrigada.

— Do que eles estão falando?

Ele retribui meu olhar com firmeza.

— Bem... tem mais coisas que não expliquei sobre a degola.

Slade e eu entramos na caverna, e a sombra azul nos cerca com sua luz subterrânea. Levanto um pouco a cabeça e observo as depressões e curvas sombreadas do teto. Os dedos das estalactites descem, parando antes de tocar qualquer coisa, ao passo que os pequenos besouros brancos se aglomeram contra a fluorescência, criando um grupo de corpos brilhantes.

Não estou em Drollard há muito tempo, mas vou sentir falta dessas cavernas. Vou sentir falta de como me protegeram do mundo nas últimas semanas. Como o casulo de uma lagarta, elas me guardaram em suas cavidades, me envolveram em suas conchas protetoras. Mas agora estou pronta para deixar essa proteção e enfrentar o mundo lá fora.

Ainda não sou uma borboleta, mas sinto como se tivesse renascido. Minha metamorfose tem sido preparada há vinte anos, e estou pronta para ser o que devo ser. Minha vida anterior teve de acabar, ser cortada, reduzida a cinzas douradas. E posso permanecer estagnada nessas cinzas ou me enraizar nelas e brotar de novo.

Posso *crescer*.

Mas essas cavernas protetoras... vou sentir falta delas.

— É tranquilo aqui — murmuro.

Slade assente, mas percebo que ele não tem a mesma estima pelo lugar.

— Você não gosta daqui, não é?

Ele deixa escapar uma risadinha.

— Fui responsável por arrancar todas essas pessoas de Annwyn comigo. A magia bruta da degola matou algumas delas e feriu gravemente outras, inclusive minha mãe. Ficamos presos nessas cavernas por *semanas*. Não tínhamos nada. Nem comida, nem casas, só as roupas do corpo. Um dos oreanos tentou pular de volta para *dentro* da fenda, mas isso quase o matou.

Tento imaginá-lo saindo daquela luta horrível pela vida, uma luta pela vida da mãe e do irmão, e de repente sendo puxado para um buraco no mundo e empurrado para cá, para o meio do nada.

— Você sabia que estava em Orea quando caiu aqui?

— No princípio, não. Mas logo descobri que não estávamos mais em Annwyn. Eu senti.

Uma lembrança antiga surge em minha mente, como uma primeira gota mais suave antes da chuva.

— Sim. Eu me lembro disso, lembro como achava Orea estranha. Na verdade, não me lembro muito de Annwyn, mas lembro que, quando cheguei aqui, senti que... faltava alguma coisa.

Slade balança a cabeça para cima e para baixo, e sei que ele entende exatamente o que quero dizer.

A casa de Elore surge, com aquele telhado praticamente brilhando.

— Como vocês sobreviveram? — pergunto. — Este não é exatamente o melhor lugar para o qual ser empurrado de repente.

— Foi bom, na medida que não havia ninguém aqui para nos ver chegar, ninguém para ver a degola. Mas também significava que estávamos presos neste deserto congelado, sem ter para onde ir. E eu fui o responsável por isso.

— Você não sabia que isso ia acontecer. A degola também foi culpa do seu pai, em parte. E quem sabe o que ele teria feito com todos se você não os tivesse tirado de lá.

— Nem todos caíram no vão, mas para nós que caímos... Aqueles primeiros dias ainda me assombram.

Meu coração dói com a agonia em sua voz, com a forma como o tom se arrasta feito areia sobre uma ferida aberta.

— Todos os oreanos ficaram doentes quando caímos aqui. Ninguém conseguia fazer muito mais do que se virar de lado e vomitar. Cabia a mim cuidar de todos, garantir que ninguém mais morresse, inclusive sair em busca de comida. — Meu coração se contorce dolorosamente no peito. — Ficamos nesta caverna, perto da degola, mas a adaptação foi angustiante para eles. Seus corpos não estavam mais acostumados com Orea ou com a perda da conexão feérica com Annwyn. Por um tempo, não acreditei que sobreviveriam.

— Grande Divino — comento, engolindo em seco. — O que você fez?

— Felizmente, a doença passou para a maioria, e então descobri o ninho de timberwings aqui, exatamente onde o Poleiro está agora. O rebanho era completamente selvagem e quase perdi a mão uma ou duas vezes, mas enfim domei um deles. Acho que podem ter sido os últimos timberwings selvagens de Orea.

Levanto as sobrancelhas em uma reação de surpresa.

— Argo?

Slade balança a cabeça em um sinal negativo.

— Não, a mãe de Argo. Sem ela, eu não teria sido capaz de caçar animais grandes para comermos. Não teria chegado à costa, onde consegui roubar suprimentos. Sobrevivemos com o mínimo durante os primeiros meses, mas lentamente construímos uma vida aqui. Alguns aldeões também tinham magia, o que ajudou. Um deles era capaz de dar forma às rochas e ajudou a construir as casas e a esconder a existência de Drollard.

— Não acredito que você foi capaz de fazer tudo isso — declaro, com admiração. — Ainda mais em um mundo completamente novo, onde nunca tinha estado antes, e durante um período em que estava, em essência, dividido em dois.

— Cometi muitos erros no começo. Queria ter entendido as coisas antes. Poderíamos não ter perdido alguns dos outros. Mas, no fim, viajar pela fenda foi muito cansativo para eles, e as condições aqui eram terríveis. Muitos me culparam por isso.

— Você tinha *quinze* anos — pontuo.

— E era muito feérico — ele diz. — Com uma mãe que não conseguia mais falar e um irmão de dez anos que estava morrendo de medo. Os oreanos não ficaram ressentidos comigo de imediato, mas com o passar do tempo, principalmente quando perceberam que eu poderia ir embora e eles não.

Faço uma pausa.

— Como assim?

Ele para e olha para mim.

— Lu me contou o que você disse no pavilhão, que sentia algo... estranho neles.

— Sim... — confirmo.

— O que você percebeu foi a força vital deles conectada a Annwyn.

Arregalo os olhos.

— O quê?

— Todos aqui em Drollard foram levados de Orea por meu pai há centenas de anos, quando a ponte de Lemúria ainda existia. Viver em Annwyn os abençoou com uma vida longa. Mas, quando viemos para cá... A degola é a última ligação deles com Annwyn. Se eles se afastarem muito, morrem instantaneamente.

Cubro a boca com a mão.

— Então nenhum deles *jamais* vai poder sair daqui.

— Somente Ryatt, eu e as poucas crianças que nasceram.

— Como Graveto.

Ele assente.

— Como Graveto. Tememos que deixar uma criança aqui por muito tempo também a torne dependente da degola, por isso as levo para o Quarto Reino quando atingem idade suficiente para ficar longe da família.

— Mas e Ryatt? — pergunto. — Tecnicamente, ele não é um feérico como você̂, então como consegue sair daqui?

— A única tese que construí é que nossa mãe deve ter uma linhagem feérica muito forte, muito mais forte que a oreana, o que faria sentido, considerando quanto sua magia era poderosa. Imagino que isso fez sua força vital não depender muito do rasgo.

Passo a mão no cabelo e contemplo as fendas da caverna, embora não as enxergue de fato.

— Sei que é muita coisa para absorver.

Suspiro e aceno.

— Sim, mas estou feliz por estar me contando.

Desta vez é Slade quem segura minha mão.

— Como eu disse antes, vou te contar tudo. Só não quero te sobrecarregar.

Sorrio para ele.

— Sinto orgulho de você̂. Por salvar todos eles. Por protegê̂-los. Por entender tudo quando tinha apenas quinze anos, quando teria sido fácil desistir.

Slade estende a mão e desliza um dedo pelo meu rosto.

— Desistir não faz parte da minha natureza.

— Você̂ é mesmo muito teimoso quando decide alguma coisa.

— Meus olhos raramente me conduzem para o lado errado — ele responde, e voltamos a caminhar.

Quando nos aproximamos da casa de Elore, pergunto:

— Por que sua mãe não mora perto dos outros?

— Cair na fenda a afetou mais do que a qualquer outra pessoa — ele explica, com tranquilidade. Vejo em seu perfil o peso que invade seu olhar e parece cair sobre os ombros. — Sua magia, suas palavras, sua *luz*, foi como se tudo se extinguisse. Ela só falou algumas palavras desde que caímos aqui. Às vezes, não tenho certeza nem de que me reconhece.

— Não acho que isso seja verdade — retruco, com o coração apertado. — Notei o jeito como ela olha para você̂. Com adoração.

— Queria que ela falasse — ele confessa, com voz rouca.

Sinto um nó na garganta.

— Deve ter sido muito difícil para você e Ryatt, quando chegaram aqui.

— Havia uma curandeira que veio conosco, ela era meio-feérica. Tentou ajudar minha mãe, mas o que aconteceu foi irreversível. Então, sim, é difícil estar aqui e vê-la assim. Saber que sou responsável por todos aqui. Sei que isso é egoísta...

— Não é — protesto, com firmeza. — Eu entendo.

— Ryatt com certeza não entende — ele conclui, com uma ponta de amargura.

Opino, pensativa:

— Ryatt ama a mãe de vocês, e dá para ver que se preocupa com as pessoas daqui. Ele não tem a mesma culpa que você, por isso não entende por que você a evita. Talvez para ele você esteja abandonando isso aqui.

— Eu nunca abandonaria este lugar — Slade rebate quando paramos na frente da casa da mãe dele. — Ou ela.

— Eu sei. E tenho certeza de que, no fundo, Ryatt também sabe disso.

Slade mira a porta escura como se pudesse lixar as saliências com o olhar.

Alguma coisa oprime meu peito.

— Você vai sentir falta dela — digo, baixinho, notando os sinais sutis de tristeza em seus olhos.

— Aí é que está — ele responde. — Sinto ainda mais falta dela quando estou *aqui*. Porque minha mãe foi arrancada de mim quando degolei o mundo, e ela nunca mais foi a mesma.

Meu coração absorve a tristeza de suas palavras até que estou repleta dela, como uma nuvem absorvendo o vapor e o condensando dentro de si.

Slade pigarreia, balança a cabeça para si mesmo.

— Aqui estou eu, reclamando de sentir falta de alguém que está a uma porta de distância, enquanto você foi roubada de seus pais tão jovem. Desculpe.

— Por que está se desculpando? A dor de uma pessoa não anula a de outra. Nossos corações não são uma competição, e sim a ponte para a empatia. Para podermos olhar uns para os outros e saber que, em algum nível, entendemos. Isso é o que tem de mais bonito no sofrimento, acho. Que às vezes podemos encontrar alguém no mundo para quem olhar do outro lado da ponte dos nossos tormentos e saber que não estamos sozinhos.

Slade olha para mim de um jeito tão estranho que nem consigo identificar o que é. Depois se inclina e dá um beijo na minha testa, um gesto tão terno que meu coração quase dói.

— Você é incrível.

A pele formiga onde seus lábios tocaram.

— Você também.

Ele balança a cabeça de novo, como se não conseguisse acreditar, e então abre a porta. Entramos, e Elore ergue a cabeça da costura a que se dedica, sentada na cadeira perto da lareira. Assim que vê Slade, seu rosto se ilumina, como aconteceu da outra vez.

Elore se levanta rapidamente, põe a costura na cadeira e vem ao nosso encontro. Observa-o da cabeça aos pés e, mesmo sorrindo, a preocupação enruga sua testa como se pudesse sentir que o filho está preocupado, apesar de ele tentar disfarçar.

Elore toca o rosto de Slade e fita seus olhos, e decido dar um momento de privacidade aos dois. Enquanto Slade murmura palavras para tentar tranquilizá-la, eu me aproximo da estante e deslizo a ponta do dedo pelas lombadas dos livros. Sem a barreira da luva, sinto a textura das capas e aprecio essa sensação simples. Meu ouro não se derrama involuntariamente.

Durante o tempo em que permaneço ali, contemplo os títulos, distraída, e penso em Elore, no que aconteceu com ela quando passou pela abertura. Para mim, é óbvio que ela sabe quem são Slade e Ryatt, mas talvez nem sempre tenha sido assim. Talvez, ao passar pela fenda, a magia caótica a tenha afetado demais, e como seu poder divinatório está ligado à fala, sobrecarregou sua magia e a capacidade de falar.

Eu os ouço atrás de mim e me viro. Deparo-me com Elore cuidando de Slade, praticamente o empurrando para uma cadeira junto da mesa.

— Tudo bem, tudo bem — ele diz, sorrindo.

Elore olha para mim e aponta para a cadeira ao lado dele. Entendo o convite, me aproximo rapidamente e me sento. Ela dá um tapinha na minha cabeça e vai pegar utensílios nos armários, coisas que coloca em um quadrado de tecido xadrez.

— O que ela está fazendo?

— Embalando comida para mim — Slade explica, sorrindo. — E como a conheço bem, sei que vai pôr o suficiente para você também.

— Ah, ela não precisa fazer isso — digo, acanhada. — Agora que a remessa não chegou...

— Ela tem um estoque de comida muito farto, garanto — Slade me conta, em voz baixa. — E insiste em fazer isso toda vez que saio, por mais que eu tente convencê-la do contrário.

Olho para ela e a vejo cantarolar baixinho enquanto dobra o tecido e amarra as pontas, guardando tudo dentro do pacote.

— Ela é sua mãe. Quer cuidar de você.

Elore se aproxima e coloca a comida na minha frente, sorrindo para mim com ternura.

— E de você também, pelo jeito — Slade completa, com carinho.

— Obrigada — digo a ela.

Estendo a mão a fim de pegar o embrulho, mas a mão dela é mais rápida e segura a minha. Elore se senta no banco à minha direita. Seu olhar mergulha no meu, e nós duas apenas nos fitamos. No início, fico tímida com a maneira como ela me estuda tão abertamente, mas, depois de um momento, relaxo. Reconheço muitas semelhanças entre o rosto dela e o de Slade. Seu olhar verde-grama passa por mim, e cogito sobre o que ela vê. Em quê ela *pensa*.

Elore não se pronuncia, é claro, porém, quando olha para mim, quase consigo ouvir centenas de palavras de seus olhos efusivos. Isso me faz pensar em como eram esses olhos quando ela usava seu poder de adivinhação; o que continham aqueles rabiscos secretos.

Quando a mão dela se aproxima do meu rosto, fico imóvel. Elore me dá o sorriso mais suave e gentil que já vi. Apesar do rosto jovem, ela é muito *maternal*. Como se, de alguma forma, visse a garotinha dentro de mim e viesse confortá-la. Isso me faz querer chorar bem ali, na cozinha dela.

Sua palma macia afaga minha bochecha, depois ela abaixa a mão e olha para o filho. Acena com a cabeça para ele, que acena de volta como se estivessem se comunicando em uma linguagem própria e silenciosa. Depois Slade murmura:

— Eu sei.

Observo os dois e, dessa vez, meus olhos se enchem de lágrimas, porque acho que acabei de receber a aprovação da mãe de Slade. Nem tinha percebido quanto precisava disso até este momento.

Quando vamos embora, saio primeiro para que Slade e Elore se despeçam com privacidade. Momentos mais tarde, quando ele sai, seguro sua mão e ele

aperta a minha.

E então, de mãos dadas, caminhamos para a degola do mundo.

43

AUREN

A fenda parece me atrair como antes.

Luz e escuridão se aglutinam no centro, e uma imitação de estrelas brilha nas profundezas nebulosas. Paramos diante da abertura e, apesar do frio da caverna, sinto um leve fluxo de calor trazido por uma brisa imperceptível.

Eu me aproximo da fenda e só paro quando a mão de Slade toca meu braço.

— A atração é muito forte — comento.

— É Annwyn. Nós dois sempre sentiremos esse chamado de casa. Mas ninguém passou por aí desde que chegamos aqui, o que deve significar que só tem um ponto de entrada do lado de cá, ou que a magia é muito instável. É perigoso. Por isso tive de dissuadir algumas pessoas de tentarem voltar.

— Você disse que alguém quase morreu tentando voltar.

Ele assente.

— A abertura era ainda mais instável nessa época, mas também pode ter a ver com o fato de eles serem oreanos. Dissuadi qualquer outra pessoa de tentar.

— Por que iriam *querer* voltar? — pergunto, curiosa. — Pensei que eles odiassem aquele lugar.

— Odiavam, até certo ponto. Mas estiveram em Annwyn por centenas de anos. O lugar se tornou conhecido para eles. Ajustar-se a Orea não foi fácil, especialmente porque sabiam que nunca poderiam sair deste lugar remoto e difícil. Sabiam que todos os seus entes queridos já haviam falecido há muito tempo. Para alguns, os entes queridos ficaram para trás com meu pai.

Ouço a culpa em sua voz, e a tristeza me corrói como os dentes fracos de uma criatura infectada, abrindo um buraco no meu peito.

— Por que estamos aqui?

Em vez de responder diretamente, ele diz:

— Estávamos aqui em Orea havia várias semanas, quando a abertura começou a falhar.

Eu o encaro.

— O barulho... era como uma tempestade agitando um mar revolto, e também havia o vento. Aquilo acordou todo mundo. Percebi imediatamente que a magia estava entrando em colapso.

Penso na mesma hora em todos os aldeões e no que teria acontecido se a ruptura *de fato* desabasse.

— O que você fez?

— Usei tanta magia que desmaiei — ele admite,com uma risada seca.

— Grande Divino.

Slade passa a mão na nuca.

— Sim. No início, nada acontecia. Eu estava apodrecendo tudo. Milhares de besouros caíram do teto, uma chuva de couraças desabava sobre nós. A fluorescência azul piscava, tive medo de que toda a montanha desabasse. Ainda assim, nada fazia efeito. Mas então descobri que não era de energia podre que precisava. Era daquele poder bruto e indefinido que meu pai e eu, de alguma forma, construímos juntos quando entramos em conflito. Consegui canalizar a mesma força e dirigi-la para a fenda. Isso me drenou quase até a morte, mas funcionou e estabilizou a abertura. É algo que tenho tido de fazer desde então.

Minha mente vibra.

— Está dizendo que teve de alimentar essa abertura com força bruta durante todo esse tempo para que ela não fechasse?

Slade assente, e fico ali, completamente estupefata.

— Eu nem sabia que feéricos tinham essa capacidade.

— Nem eu — ele responde, com uma risada sem humor. — E não posso usar esse poder para mais nada. Tenho força de podridão suficiente para destruir toda a Orea e *preciso* manifestá-la. Seria bom se fosse essa a necessidade da fenda, mas não é. Minha magia de podridão não faz o menor efeito. Que pena, porque manifestar a podridão é revigorante, ao passo que expulsar a energia bruta é sempre exaustivo.

— Então... você tem de vir até Poçomorto a fim de manifestar sua magia de podridão, mas também tem de alimentar a fenda com magia *pura*?

Ele inclina a cabeça.

— Sim.

— Com que frequência precisa fazer isso?

— Dependendo de quanta energia consigo fornecer, o intervalo máximo que posso permitir é cerca de oito semanas.

Olho para ele com admiração. Este homem não só é incomparável com seu poder de podridão e sua capacidade de controle, mas também precisa se deixar drenar a energia a cada dois meses para sustentar uma degola entre os *mundos*.

— Uau. Você é... muito, *muito* poderoso.

Desta vez, quando ele ri, o som é autêntico, e Slade me encara quando abre aquele sorriso encantador que parece guardar só para mim.

— Eu a encantei, milady?

Arrasto minha bota no chão.

— É, talvez um pouco.

— Espere até eu te mostrar meu reino.

A empolgação borbulha dentro de mim, porque eu ainda não tinha processado a informação de que estou realmente indo para o Quarto Reino.

— Muito bem. — Ele esfrega as mãos. — Quero que recue e fique ali perto daquela pedra, onde é mais seguro — avisa, inclinando a cabeça para a direita.

Sem discutir, me viro e ando vários passos até me sentar sobre a pedra indicada. Junto as mãos no colo e balanço os joelhos para cima e para baixo com a ansiedade.

Slade encara a degola e se aproxima tanto dela que o vento varre seus cabelos e faz o casaco tremular.

Seus pés estão plantados no chão, as mãos estão estendidas e, embora eu não consiga ver seu rosto, sinto o momento em que o poder aumenta, porque todos os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiam com ele. Seu corpo fica tenso e, quando a força da magia bruta transborda, minhas costas se chocam contra a rocha atrás de mim.

Apesar de estarem praticamente curadas, a força do impacto me faz soltar um gemido de dor. Mas esqueço isso de imediato quando vejo o deslocamento de ar que flui das mãos de Slade. A adrenalina percorre meu corpo, como se todos os meus sentidos estivessem em alerta máximo com a presença desse poder.

O vento sopra da abertura e abre caminho à força. Tudo na abertura parece estremecer. A escuridão e a luz que se agitam ali dentro começam a vibrar. As estrelas giram em tamanha velocidade que é como assistir a um milhão de vaga-lumes capturados pelo redemoinho de um tornado.

Slade libera cada vez mais poder, tanto que me sinto presa no lugar, incapaz de me mover. Espinhos brotam de suas costas, o primeiro no alto, entre as omoplatas, antes de os outros cinco também se projetarem um após o outro, até o mais curto aparecer logo acima dos quadris. Também surgem em seus braços, e é então que percebo que suas mãos tremem.

Mas, ainda assim, ele extrai mais poder de si mesmo.

Meus olhos se movimentam entre Slade e a fenda, meu coração bate forte, acelerando como se fosse me ultrapassar e me deixar aqui sem fôlego.

Suas orelhas ficam pontudas, a aura se projeta da silhueta como um vapor negro e espesso. Não é uma sombra calma e aderente, mas uma vibração errática e instável, como ondas rolando. Quando todo o seu corpo treme com o esforço da magia que flui através dele, minha boca seca e a preocupação me invade.

— Slade...

Sei que ele não pode me ouvir, mas seu nome sai da minha boca mesmo assim, os olhos nem piscam à medida que o observo. A magnitude da magia que ele projeta pressiona minha pele com uma força invisível, como estática presa aos braços e subindo pelos dentes.

Sua aura continua vibrando errática até que a habitual profundeza escura começa a empalidecer e ficar rasa.

Eu me levanto com um salto e resisto à pressão que quer me empurrar para trás. Com os dentes cerrados, me aproximo dele. Cada passo é um desafio. O vento sacode meu cabelo, cola as roupas ao corpo, conforme a abertura parece tentar me repelir.

— Slade, pare — grito, quando estou a poucos metros. Ou ele não me ouve ou está muito focado em sua magia, porque não reage. Mas sua aura ficou lenta e pesada como água parada, enquanto ele continua gastando energia.

Sigo em frente e não paro até estar ao seu lado.

— Slade, você precisa parar — insisto, e estendo a mão para segurar seu punho.

Ele estremece com a surpresa do meu toque, e um dos espinhos de seu braço corta minha pele. Eu o solto com um grito de dor e espanto, fitando o

sangue dourado que verte do corte.

Slade pisca várias vezes para mim, na tentativa de superar o estado de intensa concentração. No instante seguinte, percebe que estou sangrando, e essa constatação surge em seu rosto como marcas deixadas por unhas afiadas e destrutivas.

— *Porra*.

Com um grande esforço que faz todo o seu corpo tremer, rangendo os dentes e contraindo os músculos, Slade cerra os punhos, e o fluxo de energia é interrompido em um piscar de olhos.

A perda repentina de magnetismo o faz cambalear e se inclinar para a direita. Quase cai, mas empurro meu ombro contra seu corpo, o mantenho em pé e passo um braço em volta de sua cintura, tomando cuidado para não tocar nos espinhos em suas costas.

— Estou aqui — declaro, embora me esforce para permanecer em pé enquanto sustento seu peso. Ele ofega como se tivesse atravessado as Estéreis correndo sem parar. Sinto sua exaustão quando se apoia em mim.

— Quer sentar?

Slade balança a cabeça.

— Só... preciso... de... um... segundo.

Eu o ajudo a se aproximar da parede da caverna, e ele se encosta nela ainda ofegante.

A palidez ganhou um tom cinza, a aura está colada nele como seiva vertendo de uma árvore.

A preocupação me invade. Fico ao lado dele por precaução, e meus batimentos só se acalmam quando ele finalmente recupera o fôlego e olha para mim.

— Você está bem? — pergunto, com um tom alterado pela angústia.

Ele ignora a pergunta, segura meu braço e levanta a manga da minha blusa para revelar o corte.

— Merda — diz. — Desculpa.

Olho para o corte na minha pele.

— Está tudo bem. Não é muito fundo, e a culpa é minha por ter te segurado.

Com a testa franzida, ele enfia a mão no bolso e pega um lenço limpo para limpar o sangue com delicadeza, depois o amarra em meu braço. Os dedos

acariciam minha pele logo abaixo do tecido, e quando me encara, seus olhos negros e atormentados com aqueles rabiscos secretos voltam a ficar verdes.

— Eu te machuquei.

— Não. É só um arranhão — protesto, abaixando a manga da blusa. — Fiquei preocupada.

Ele respira fundo e se desencosta da parede.

— Eu sei, desculpe. — Slade passa a mão no cabelo bagunçado. — Eu queria transferir energia suficiente para o caso de não poder voltar por alguns meses. É sempre um esforço difícil, e acabo perdendo o controle. A fenda não gosta quando interrompo meu poder.

Observo a abertura no ar, vejo que agora voltou a ser o redemoinho calmo com estrelas brilhantes piscando, e relâmpagos muito fracos cintilando no interior de nuvens agitadas.

Slade segura minha mão e atrai minha atenção de volta.

— Está pronta de verdade? — ele pergunta, me encarando atento. — Para sair de Drollard e ir para o Quarto Reino?

Para deixar o casulo.

Slade mergulha em meus pensamentos com o olhar, como sempre foi capaz de fazer.

— Porque foda-se o restante do mundo, Auren. Se você precisar ficar aqui, nós vamos ficar aqui.

Sorrio, apesar da emoção que aperta meu peito.

— Estou pronta.

44
Rainha Malina

O tempo parece passar de forma diferente no limite do mundo no Sétimo Reino.

Os dias se fundiram e, de alguma forma, o Castelo Cauval tem sido o descanso de que eu não sabia que precisava, um bálsamo para acalmar os erros que invadiram minha alma e tentaram sangrar meu propósito.

Pensei que este lugar estivesse em ruínas, mas Fassa e Friano me mostraram a verdade. Foram chamados aqui, assim como eu, para preservar o castelo e esperar que uma rainha legítima assumisse seu trono.

Estavam esperando por mim.

Embora os gêmeos sejam os únicos aqui além de mim e Pruinn, eles fazem tudo parecer muito *cheio*, de alguma forma. As paredes de mármore cinza e branco cintilam, os pisos são azuis como geleiras, e uma luz suave sempre parece aderir às lanternas e espalhar um brilho exuberante.

O castelo também deve ter uma equipe excelente, embora eu nunca tenha visto ninguém. No entanto, a mesa de jantar está sempre posta com comida quente e perfeitamente temperada para cada refeição, minha cama está arrumada toda vez que volto para o quarto e minha banheira está cheia sempre que desejo tomar banho.

Também sempre há música tocando, a qual posso ouvir mesmo quando durmo no colchão de penas no topo da torre. Suave e lírica, como se fosse transportada pela névoa que gruda nas janelas. O ar também possui odor agradável, perfumado pelas flores congeladas que gotejam pétalas cristalinas, os buquês dispostos em vasos por todo o castelo.

Saio da cama me espreguiçando, levanto os braços acima da cabeça e fico na ponta dos pés antes de entrar no banheiro a fim de me lavar, depois vou ao quarto de vestir. Tudo é do meu tamanho, cada vestido é a combinação perfeita do branco Colier com o azul glacial do Sétimo Reino. Escolho um vestido com cauda longa e esvoaçante, que tilinta como os sinos mais delicados quando ando, com cristais de contas ocas na bainha que se arrasta pelo piso de azulejos e aumenta o zumbido suave no ar.

Prendo meu cabelo branco em duas tranças, e as enrolo para formar uma coroa sobre a cabeça; na frente do espelho, abaixo as mãos e estudo meu reflexo. A face e o nariz não estão mais rachados pelo vento gelado da viagem, os lábios pararam de descascar. Minha pele pálida e fantasmagórica é tão macia que pareço quase etérea, e os sabonetes que tenho usado deixaram meu cabelo mais exuberante e brilhoso.

No entanto, por uma fração de segundo, quando fito dentro dos meus olhos azuis e gelados, vejo um lampejo de azul mais escuro e, em vez do meu rosto, encontro um punhado de sardas salpicadas como canela, cabelo vermelho como sangue, um sorriso repuxando os lábios.

Jeo.

Prendo a respiração, mas não preciso me preparar para nenhuma emoção. Em vez de sentir algo por ele ou por como morreu, experimento uma sensação de contentamento. Ele morreu em sacrifício para que eu pudesse estar aqui.

Agora, até quando penso em Sinoalto, sei que foi bom meu povo ter me traído, porque foi isso que me conduziu por este caminho. A traição de Tyndall não tem mais importância. O medo gelado, o ódio e a amargura simplesmente... desapareceram. Derreteram entre estas paredes reparadoras.

É assim que sei que estar aqui é o *certo*. Pela primeira vez em muito, muito tempo, estou à vontade.

Quando fico pronta, desço a escada e entro na sala de café da manhã. Os três homens já estão lá e a comida quente me espera, como tem acontecido todas as manhãs.

— Bom dia, Majestade. — Os gêmeos falam e se movem ao mesmo tempo com tanta frequência que já me acostumei.

— Bom dia.

Eles se sentam novamente quando ocupo meu lugar na cabeceira da mesa pintada de azul, enfeitada por uma peça de centro com lâmpadas de cristal

onde a luz suave de velas forma prismas. Cantarolo durante a refeição, acalmada pela bela música, aproveitando o sol que entra pelas janelas azuis.

Eu deveria ter vindo para cá há muito tempo.

— Minha rainha, como se sente hoje? — Friano pergunta, e noto a pinta no centro da covinha em sua bochecha esquerda.

— Estou me sentindo muito bem. Minha estadia aqui é exatamente do que eu precisava.

— Não menos do que você merece.

Fassa assente e puxa a manga cinza e brilhante da camisa. O irmão veste roupas iguais, e o cabelo de ambos caem como cortinas pretas que emolduram-lhes o rosto.

— É verdade — Fassa concorda. — Temos muita sorte, o destino nos avisou que viria. Só queríamos confortá-la depois de uma jornada tão perigosa.

— *E* depois de tantas traições — Friano acrescenta, com um *tsc*. — Do marido e do seu próprio povo, nada menos.

— Mas não importa — Fassa continua. — Agora está aqui, e aqui é o seu lugar.

— Exatamente — Pruinn concorda, e seus olhos magnéticos me atraem. O sorriso no rosto informa que eu deveria ter confiado nele o tempo todo. — Vai alcançar seu maior desejo, Majestade.

— Sim, e achamos que está pronta — Fassa e Friano anunciam em uníssono.

Eu me endireito, ansiosa, sentindo o coração bater acelerado. Desde o dia em que cheguei, os gêmeos não falaram mais sobre meu papel no Sétimo Reino. Disseram que tudo em que precisava me concentrar, por enquanto, era em me recuperar depois de todas as dificuldades enfrentadas. Ser servida, como a rainha que sou.

— Estou pronta — declaro, confiante.

Os gêmeos sorriem.

— Vamos caminhar um pouco.

Eles me levam para um átrio.

Por um momento, tudo que posso fazer é olhar em volta enquanto uma enxurrada de lembranças me invade.

— Isto... isto me lembra o átrio de Sinoalto. Antes de tudo ser tocado de ouro.

Não estou embargada com a emoção, minha felicidade é grande demais para isso, mas caminhar neste espaço me causa admiração e prazer. Destas plantas saem os buquês espalhados por todo o castelo. As paredes são pintadas de um azul suave e sobem até um teto de vidro que faz as flores brilharem, e os caules prateados combinam com a névoa que gruda nas janelas.

À medida que contemplo tudo ali, percebo que uma nuvem de névoa também apareceu *dentro* do átrio. Ela gira perto de uma das vidraças, se aglutinando em uma massa grande e densa, como se houvesse uma rachadura no vidro que a deixa passar. Minha pele arrepia de leve antes de eu desviar os olhos.

— Achamos que poderia gostar, Majestade.

Assinto e sigo andando pelo corredor, ouvindo o ruído dos saltos no chão de azulejos azuis e tocando com suavidade as pétalas dos botões ao meu lado. O delicado aroma floral parece penetrar em meus pulmões e me invadir pelos poros.

— É lindo — elogio, e dou as costas para as flores a fim de encarar os gêmeos, enquanto Pruinn fica um pouco afastado, olhando de passagem para as fileiras de plantas como se quisesse cortar algumas e enfiá-las na bolsa de comerciante que está sempre pendurada em seu ombro.

— Venha, sente-se — Fassa convida, e os gêmeos se separam para revelar um delicado banco de pedra cinza posicionado em um semicírculo de flores.

Meu coração se alegra de imediato, e o nariz absorve o aroma tão próximo. Eu poderia me banhar nesta fragrância, mandar trazer minha cama para cá para dormir envolta por esse doce perfume. É muito relaxante. Eu me sento, e os gêmeos se acomodam em outro banco idêntico que, de alguma forma, eu não tinha visto.

— Vossa Majestade — Friano diz, atraindo minha atenção de volta para ele. Os gêmeos estão ligeiramente inclinados para a frente, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e as mãos unidas na frente de si, os olhos castanhos cravados em mim e o cabelo tocando seus ombros. — O Sétimo Reino foi do poder à ruína. Assim como você.

— Mas, juntos, podemos consertar essas duas coisas — Fassa continua, cujos olhos escuros brilham. — Podemos devolver este reino e você aos seus devidos lugares. Podemos ajudá-la a se tornar a rainha mais *poderosa* de Orea.

A ansiedade viaja por minhas costas. Pelo canto do olho, vejo Pruinn sorrir.

Porque esse... esse é meu maior desejo. Fui uma herdeira indesejada, uma esposa indesejada, uma rainha indesejada. No entanto, se fosse poderosa, nada disso se repetiria comigo. Eu tomaria providências para isso.

— Sim — murmuro. — É isso que eu quero.

Friano sorri.

— Então, é o que faremos — ele declara, com simplicidade.

— Como?

Os gêmeos se entreolham, e minha ansiedade aumenta.

— Meu irmão e eu temos uma magia muito única, minha rainha. Ela só funciona em conjunto. Eu posso criar algo novo.

— E eu posso restaurar algo antigo — Friano acrescenta.

Levanto as sobrancelhas.

— Restaurar... como este castelo?

— Exatamente. Mas nossa magia sempre tem um preço — ele explica. — Não só precisam agir ao mesmo tempo, como também exigem um sacrifício.

— Sim — Fassa continua. — Não vamos mentir, essa magia será a maior que já realizamos, mas acreditamos nesse propósito, acreditamos que por isso os deuses nos deram o poder que temos.

Seu irmão o interrompe:

— Então, para restaurar um reino e conceder um presente a uma rainha, precisamos de duas coisas. A primeira é esperar a lua nova, quando os deuses abençoarão novos começos e nossos poderes estarão no auge.

— E, em segundo lugar, que o sangue de um membro da pura realeza oreana seja oferecido de boa vontade para restaurar este reino oreano — Fassa conclui.

— Eu.

Ambos assentem.

— Você.

Engulo em seco.

— Exatamente quanto sangue...?

— Não tema, Majestade — Friano fala, com tranquilidade. — Apenas algumas gotas bastarão. E, quando fizer essa oferenda a nós, acredito que a magia do meu irmão vá injetar-se em *você*, dando-lhe exatamente aquilo de que precisa para governar.

Olho de um para o outro enquanto processo todas as informações. O perfume das flores se torna quase inebriante quando minha respiração acelera.

De repente me lembro de uma coisa. Meu aniversário de dezessete anos, quando meu pai me chamou ao escritório e falou sobre o quanto se envergonhava de mim. Quanto eu era uma decepção.

A maioria dos oreanos que herdava a magia manifestavam algum sinal dela por volta dos quinze anos. Eu esperava havia mais de dois anos, e não houve uma única manhã em que eu não acordasse e fizesse uma prece para que algo, qualquer coisa, se manifestasse. Só precisava de um pouquinho de magia, e meu pai não me odiaria tanto, meu povo não cochicharia a meu respeito, os criados não teriam pena de mim.

Esperei, esperei e *esperei*. No entanto, nada aconteceu. Ainda me lembro da expressão no rosto do meu pai, de seu ódio debochado. Sem magia, eu era inútil para ele e para Sinoalto. Uma herdeira sem valor que não conseguiria ocupar o trono sozinha. Uma decepção na linha Colier. Durante toda a vida, esse foi o meu valor — a minha própria falta.

Então essa... essa oportunidade fantástica que estão me oferecendo faz minha respiração acelerar e aguça meus olhos. O coração bate mais forte com a possibilidade.

Ter poder é tudo que sempre quis.

— Minha magia funciona de maneiras misteriosas, minha rainha — Fassa continua. — Acredito que os deuses verão todos aqueles que lhe fizeram mal, todas as traições e dificuldades, e permitirão que minha magia lhe conceda algo glorioso. Algo... *poderoso*.

— Magia — suspiro. — Você acha que pode me dar magia.

— Não é esse o maior desejo do seu coração, Majestade? — Pruinn interrompe, tranquilo de onde está, encostado em um pilar cinza. — Minha magia nunca erra. Ela a trouxe até aqui por isso.

Minha mente gira como a névoa que cobre o teto de vidro do átrio. Deixo escapar uma risadinha.

— Parece bom demais para ser verdade.

— Você merece — ele diz, com um sorriso suave.

— Exatamente — Fassa o interrompe. — Os deuses sabiam que você é a rainha de que esta terra precisa, que a linhagem Colier é pura e correta. No momento em que chegou, pudemos sentir que era perfeita. Você é a rainha que levará o Sétimo Reino à glória. *Você*. Ninguém mais.

Eu.

Meu sangue parece cantar, a sensação de que tenho direito a isso invade as veias.

— O que preciso fazer?

Os gêmeos sorriem, e ambos se levantam para caminhar até mim com passos sincronizados. Cada um deles estende a mão.

— Tudo que você precisa fazer é dizer que concorda.

Nunca estive tão pronta para alguma coisa em minha vida.

Seguro suas mãos e me deixo levantar.

— Eu concordo.

Atrás deles, Pruinn murmura:

— E assim está feito o acordo.



Sinto como se deslizasse nas nuvens quando saio do átrio. Os outros ficam para trás, e sigo pelo corredor com a adorável fragrância das flores ainda no nariz. Ando distraída, mas assim que passo por uma janela, paro bruscamente e me viro.

A névoa.

Também chegou aqui, se mistura tanto com a luz da janela quanto com as sombras do corredor. É tão densa que não consigo enxergar através dela, e aquele arrepio na nuca retorna.

É bobagem recuar, porém, mesmo assim, percebo que é o que meus pés estão fazendo, embora tente me convencer de que é apenas neblina.

Torço o tornozelo quando dou outro passo em falso para trás, e assim que respiro fundo de dor, a névoa se agita e ferve na minha frente, fazendo meus olhos se arregalarem quando a luz ao redor dela se curva.

Paralisada, vejo um homem encapuzado sair do ar sombrio e rodopiante.

— *Você*.

Um dilúvio de medo me envolve como uma chuva torrencial, embora não lave minha tranquilidade.

Sei quem ele é, embora só o tenha visto uma vez naqueles breves segundos. Memorizei o rosto sombrio escondido sob a capa.

— Você matou Jeo. Tentou me matar.

O homem ergue a mão enluvada, empurra o capuz e revela o rosto, e respiro fundo. Assim como ele manipulou a luz e a sombra à sua volta, a pele marrom fica marmorizada, com manchas claras ao redor do nariz, da boca e do queixo, e outra no pescoço. Os olhos são de ébano profundo, sem diferenciação entre a íris e a pupila.

— Você me seguiu até aqui para me matar?

No fundo da minha cabeça, reconheço que deveria sentir uma pontada mais aguda de medo, mas não sinto. Não posso.

O homem abaixa a cabeça, e a névoa ondula em torno dele.

— Sim — ele diz, e o som repentino de sua voz faz uma onda de choque percorrer minha coluna. É áspera. Forçada. Como se ele não falasse há muito tempo. Sua expressão também é neutra, sem contrações das faces ou linhas nos lábios. Talvez sempre pareça impassível e inexpressivo. — Foi a ordem que recebi.

Minhas costas se enrijecem.

— E acha que vai fazer isso agora?

Estou a um segundo de chamar os outros, quando ele balança a cabeça.

— Isso não importa agora. Tenho observado, Rainha Malina, e não gosto do que tenho visto.

Sinto que franzo a testa com a ofensa.

— O que foi que disse?

— Você não sente? A magia no ar?

— Se não vai me matar, pode sair — respondo. — Eu deveria mandar arrastá-lo e esquartejá-lo pelo que fez com minha montaria e meus guardas.

— Você poderia tentar — ele responde. — Mas não teria sucesso.

A raiva me domina.

— Você está arruinando meu dia, e ele estava indo muito bem.

— É isso — ele comenta, dando um passo à frente, e se aproxima mais do que é apropriado. Está tão perto, na verdade, que posso sentir o calor de seu corpo enquanto as sombras nebulosas ao redor acompanham seus movimentos, quase acariciando minha pele e me fazendo arrepiar, fazendo meu pulso

acelerar. — Você tem tido dias bons todos os dias desde que chegou aqui. Não questionou absolutamente nada.

— O que eu questionaria? — retruco, com desprezo. — Sou uma rainha, isto é um castelo. Estão me tratando como devem, especialmente depois das provações que sofri.

O homem emite um barulho que penso ser uma risada, embora pareça cascalho em atrito com vidro.

— Achei que tivesse pelo menos um pouco de inteligência, com toda aquela palhaçada da vadia fria e calculista.

— Como *ousa*...

— Olhe em volta — ele me interrompe. — *Veja*. *Observe*. Não pode confiar nas pessoas daqui.

Adoto um tom sarcástico.

— Diz o assassino que está aqui para me matar.

Seus olhos escuros ficam vazios.

— Talvez eu devesse acabar com você aqui e agora, já que não está disposta a ouvir.

Abro a boca como se fosse responder, mas, em vez disso, grito por socorro o mais alto que posso.

O homem não se move. Nem se abala. O assassino simplesmente me observa com olhos escuros que acho que podem ser feitos inteiramente de sombras. Meu coração bate forte no peito quando ouço passos apressados em minha direção, mas não consigo desviar o olhar dele.

— Acorde e pare de cheirar as flores, Rainha Fria, antes que seja tarde demais. Você tem de encontrar um modo de romper qualquer acordo que tenha feito, porque, neste momento, acho que sua morte não vai resolver isso.

O homem puxa o capuz e desaparece em um redemoinho de fumaça insondável, e quando os três homens me alcançam, não há nada aqui além de uma luz cinza entrando pela janela.

— O que foi? Qual é o problema? — os gêmeos perguntam, com expressões igualmente preocupadas.

Não sei por que minto.

— Nada — respondo, balançando a cabeça e exibindo um sorriso comum. Já me sinto muito melhor com eles aqui. — Torci o tornozelo e pensei que precisaria de ajuda para voltar à minha torre, mas estou bem.

Eles olham para mim, preocupados.

— Tem certeza, minha rainha?

— Sim. Podem mandar o almoço para os meus aposentos mais tarde? Acho que vou ficar lá em cima o restante do dia.

Ambos se curvam em reverência.

— Claro, Vossa Majestade.

Aceno com a cabeça em sinal de gratidão e começo a me virar, mas percebo Pruinn me observando com a testa franzida. Concluo o movimento e me afasto mancando um pouco, fitando com cautela a névoa do lado externo de cada janela.

No entanto, ao voltar aos meus aposentos, quando estou tomando banho logo depois, o choque do encontro com o assassino desapareceu. Ao respirar o vapor perfumado, suspiro de contentamento e todas as minhas preocupações se desfazem em borbulhas com a espuma do sabonete.

Estava tentando me assustar, tentando me impedir de obter o poder, porque aposto que não pode me matar enquanto eu estiver neste castelo. Fassa e Friano são muito poderosos. Aposto que o assassino simplesmente esperava me atrair para poder terminar o trabalho. Queria me enganar para eu não me tornar mais poderosa que Tyndall.

Ele disse que está observando? Muito bem. Quando chegar a lua nova, ele poderá me ver ascender à glória e ser recompensada com o poder.

E então, realmente não vai gostar do que verá.



45

AUREN

Três timberwings voam pelo céu, cortando linhas nas nuvens e deixando rastros de vapor.

Temos voado em alta velocidade, dia e noite, parando apenas por algumas horas para que todos possamos dormir e os timberwings descansem e cacem. Estar perto de Argo enquanto treinava meu toque de ouro me ajudou a não ter tanto medo dele, mas ainda é um pouco assustador estar amarrada às suas costas a centenas de metros de altura.

Embora para mim esteja bem mais fácil. Slade me mantém encostada em seu peito, envolta em casacos e cobertores, e seu corpo forte é o pilar perfeito para eu dormir e descansar enquanto ele segura as rédeas.

Ele esteve exausto durante toda a viagem, desde que projetou tamanho poder na degola. Mesmo que ele nunca reclame, percebo o cansaço que o domina a cada vez que desmontamos. Eu me ofereço para assumir as rédeas para ele poder descansar, mas ele sempre recusa.

Homem teimoso.

Os outros timberwings sempre voam perto o suficiente para serem vistos. Digby está sentado atrás de Judd, e Lu vem logo atrás deles, em um timberwing com mais penas nevadas do que o restante. Acho que podem estar de olho em Slade, só para garantir.

Hoje de manhã, quando arrumamos o acampamento no topo de uma montanha de rocha e neve, Slade me contou que, se tudo corresse bem, chegaríamos ao Quarto Reino à noite.

Senti, várias horas atrás, a mudança permanente no ar. De forma constante, mas segura, ao longo dos últimos dias, o ar tornou-se menos cortante, o vento forte já não é tão gelado. Agora, com a chegada do anoitecer, a temperatura é quase... *quente*. Continuo tentando olhar para baixo, desesperada para ver a paisagem do Quarto Reino, mas estamos acima das nuvens, e a camada é densa demais para enxergar através delas.

Então, a noite cai.

É exatamente essa a sensação. Uma escuridão carrancuda parece cair do céu, desabar sobre o crepúsculo prolongado e quebrá-lo em penumbra. Mas esta noite é diferente. Não é fria. Não traz o desconforto da geada nem as rajadas de vento congelante que açoitam nossas costas.

Em vez disso, há um calor sob o manto da noite, um calor que eu não sentia há muito tempo. Dez anos vivendo e respirando o frio entorpecente que nunca acaba. Dez anos de passos esmagando a neve, de olhos que nunca viram o sol sem barreiras. De pele sempre coberta contra os elementos árticos.

Na minha parte do mundo, em Sinoalto e até no Quinto Reino, o sol nunca conseguia romper as nuvens congeladas. Nunca podia competir com as nevascas e o granizo. Agora, enquanto voamos através da noite, eu me delicio com o ar quente e sinto como se uma camada de gelo perpétuo derretesse lentamente de mim.

Quando estou quase adormecendo com o embalo desse conforto morno, sinto Slade se inclinar sobre o lado esquerdo do meu rosto.

— Chegamos.

A respiração fica presa na garganta, e me viro para perguntar como ele sabe, mas Argo de repente solta um grito alto que me joga para trás. O braço de Slade aperta minha cintura, a mão aberta segura minha barriga.

— Fique firme.

Posso ter me acostumado a voar nas costas de Argo, mas os mergulhos do pouso são outra história.

Minhas mãos seguram a alça da sela a minha frente, as coxas apertam a fera no momento em que ela aponta o focinho para o chão e inicia a descida. Um grito quase escapa da minha boca, mas consigo prendê-lo na garganta.

O mergulho faz minha trança balançar para trás e o ar bater em meu rosto, quase me impossibilitando de manter os olhos abertos. Slade me segura contra o peito, e atravessamos as nuvens.

Meu estômago se revira, parece que o restante do corpo cai sem ele, à medida que Argo desce, desce, desce, e uma camada de condensação escorre de suas penas como chuva invertida.

Então, justamente quando penso que vou vomitar com a velocidade dessa queda livre, Argo eleva o corpo e abre as asas enormes. Uma onda de ar entra em meus pulmões quando a descida passa de vertiginosa a surpreendentemente suave.

Recupero o equilíbrio, respiro fundo de novo e sinto os lábios de Slade mais uma vez perto do meu ouvido.

— Olhe, Auren.

Meus olhos se abrem para a escuridão.

E eu vejo...

O chão está escuro. Não brilha em branco com a mistura de lua e neve. Não tem neve. Não há sequer um floco à vista. E só isso, só *isso*, é suficiente para fazer meus olhos se arregalarem. Mas então, meu olhar realmente processa o que estou vendo.

Existem rios por *toda* parte. Até onde meus olhos alcançam, riachos reluzem lá embaixo como raízes que se estendem de uma árvore antiga. São arcos, curvas e superfícies brilhantes refletindo as luzes que parecem costuradas em suas bainhas retorcidas.

Em meio à noite, só consigo distinguir os contornos sombreados dos edifícios e muros, mas as luzes estão espalhadas por toda a cidade, criando uma sensação de efervescência no meio da água cintilante.

Os outros timberwings descem para voar ao nosso lado, e Slade levanta um dedo, apontando para a frente. Acompanho a direção para a qual ele aponta, e meu queixo cai.

Há uma montanha enorme logo à frente, tão grande que não consigo realmente compreender sua extensão sem a luz do dia. Mas bem na base fica o castelo do Quarto Reino.

Está escuro, mesmo com as janelas que se acendem com a luz interna, e os demais focos de iluminação que se espalham pelos pináculos e parapeitos. Existem torres pontiagudas no topo e entalhes de ranhuras verticais nas paredes altas e lisas. No entanto, em vez de muralhas ou muros defensivos no perímetro externo, vejo um enorme fosso cercando tudo. Com o fosso nas laterais e na frente, além da montanha nas costas, aquilo parece mais uma fortaleza do que um castelo.

Um dos outros timberwings solta um grito e os demais respondem, como se comemorassem nossa chegada. Quase tenho vontade de gritar junto a eles, e ouço Judd fazer exatamente isso.

Mas mesmo que eu esteja mais do que pronta para encerrar o voo, o Quarto Reino é realmente lindo daqui de cima. Com ar orvalhado, rios cintilantes e luzes atraentes salpicando a paisagem escura, é um espetáculo a ser visto. Enquanto Argo e os outros timberwings voam direto para lá, minha expectativa borbulha como espuma em um lago.

Atrás de mim, a boca de Slade roça minha orelha.

— Bem-vinda ao Colina da Fenda.



Escondida atrás das torres muito altas no fundo do Castelo Colina da Fenda, há uma cobertura plana aberta para as estrelas.

Um a um, os timberwings sobrevoam o local em uma espécie de dança sincronizada. Argo é o primeiro a pousar no centro, batendo com as garras no chão de pedra cinzenta. O terraço é impressionante, e de lá se pode ver a montanha atrás de nós e o céu. Isso me faz esquecer o quanto estou cansada da viagem.

— Que lindo.

A voz de Slade soa bem perto da minha orelha:

— É nossa entrada privativa quando voltamos ao castelo nos timberwings.

— Adorei.

Os outros pousam ao nosso lado, e Slade solta o cinto que nos prende à sela. Ele desmonta, bate os pés no chão por um segundo antes de me segurar pela cintura e me tirar de cima da sela. Assim que meus pés tocam o chão, as pernas formigam e eu deixo escapar um gemido de dor, depois de tanto tempo montada.

— Você se saiu muito bem em sua primeira viagem longa — Slade me conta. — Lamento por não termos conseguido fazer mais pausas.

— Chegar aqui mais rápido foi melhor, de qualquer maneira.

Judd pula do timberwing, alonga as costas e gira os ombros.

— Porra. Como é bom estar em casa e longe daquela maldita neve.

Lu sorri enquanto acaricia seu timberwing e o alimenta com o conteúdo de uma bolsinha que carrega presa à cintura.

— Se estava achando que era só um encolhimento por causa do frio, vai ficar muito desapontado.

Slade ri baixinho e Judd joga uma luva no rosto dela.

Ela pega, é claro.

— Majestade, bem-vindo de volta.

Quase pulo quando um guarda se afasta da parede lisa a fim de se curvar. Está inteiramente vestido de couro preto, muito parecido com os soldados do exército do Quarto, exceto pelo símbolo da árvore retorcida costurado com linha marrom na aba esquerda do colete, e pelas botas bem menos gastas por viagens. Observo a parede, que pensei estar vazia, e noto rapidamente que há três outros guardas escondidos nas sombras.

— Marcoul, você é um colírio para os olhos — Slade cumprimenta o homem de cabelo grisalho com um tapinha nas costas e um sorriso. — O enviado real chegou?

— Sim, senhor — o guarda responde. — A comitiva foi recebida, confirmada e instalada no terceiro andar.

Slade assente, trocando um olhar com Lu quando ela se aproxima.

— Ótimo. Mais alguma coisa que devemos saber?

— Nada a relatar.

— Obrigado, Marcoul.

O homem se curva e volta para seu posto, quase desaparece nas sombras. Percebo que as lanternas sobre o muro que circunda o terraço aberto têm um posicionamento muito preciso. São suficientes apenas para iluminar o caminho para os timberwings pousarem, mas permitem as sombras necessárias para manter os guardas escondidos, especialmente com as torres gêmeas atrás de nós.

Olho em volta à procura de Digby e noto imediatamente como está pálido, encurvado e com a testa coberta de suor.

Corro até ele.

— Você está bem?

— Sim — ele responde, com a voz rouca. — Alguém pode me mostrar meu quarto?

— E mandar chamar um reparador — acrescento, ignorando seu olhar furioso.

Judd aparece ao seu lado.

— Vamos, velhote — ele chama, com alegria. — Você fica com o melhor quarto da casa, aquele ao lado do meu.

Digby bufa, mas se afasta cambaleando ao lado de Judd. Eles passam pelo arco abobadado no centro da parede, por onde se chega a um lance de escadas que desce até o ventre do castelo. Enquanto eles se afastam alguns passos, me junto a Lu e Slade.

— Não se preocupe — Slade me tranquiliza. — Judd vai levar o reparador do castelo para cuidar dele agora mesmo.

Suspiro, aliviada.

— Obrigada.

— Precisa de alguma coisa? — Lu pergunta a Slade.

— Nada. Vá dormir um pouco.

A capitã assente, mas depois suspira e olha para os pés.

— Já estou com saudade das minhas pantufas.

— Por que não providencia um par aqui? — pergunto.

— Não seria a mesma coisa — ela diz, melancólica, depois se vira e segue o mesmo caminho percorrido por Judd e Digby.

Slade se aproxima de Argo e coça o pescoço dele.

— Vá buscar comida e descansar no seu poleiro preferido. — A fera grita como se entendesse perfeitamente, cutucando o braço dele com o focinho. Depois alça voo e os outros o seguem, desaparecem rumo à montanha logo atrás de nós.

Ao perceber meu olhar curioso, Slade explica:

— O poleiro deles foi construído dentro da montanha logo ali embaixo.

— São criaturas inteligentes.

— Muito — ele responde, e para ao meu lado. — Já é tarde, mas ainda posso te mostrar alguma coisa, se quiser esticar as pernas.

Estou prestes a aceitar a oferta, mas percebo as linhas de cansaço cortando seu rosto, mais fundas nos cantos dos olhos atentos.

— Não, vamos descansar. Você pode me levar para conhecer tudo amanhã.

Slade responde com um movimento de cabeça, coloca a mão nas minhas costas e me leva em direção ao arco. Damos três passos além dele e descemos uma escada em espiral com bordas de ferro. Minhas mãos enluvadas deslizam pelo corrimão curvo. Os degraus são levemente vertiginosos. Quando terminamos de descer, estamos em um corredor de pedras cinzentas e gastas,

com uma longa passadeira verde bem no centro. O caminho é iluminado por arandelas de ferro cujas luzes cintilam contra as paredes nuas.

O teto aqui é rebaixado, o caminho é estreito e parece um pouco claustrofóbico, mas Slade me leva para baixo por outro lance de escada, este largo e reto. Quando chegamos ao fim dos degraus, todo o castelo parece abrir-se à nossa volta. Seguro o corrimão e olho para baixo por cima dele, para mais três lances de escada, e avisto o grande salão lá embaixo.

Madeira escura e paredes brancas e lisas dominam o espaço. Os corredores abertos do nível superior são um pouco parecidos com os de Ranhold, já que consigo enxergar claramente do outro lado, com todas as escadas e corredores visíveis de dentro do quadrado central.

Mas aqui há elaborados entalhes na madeira ao longo das colunas que sustentam as escadas até o teto. A madeira espessa me lembra o interior de um instrumento musical, inclusive com cavidades curvas e as mais delicadas cordas de cobre que descem de pontas no meio do teto, estendendo-se como uma tapeçaria drapeada até as janelas em arco.

— Que incrível — digo, segurando com mais força a madeira lisa sob meus dedos.

À nossa frente e um andar abaixo, vislumbro os outros no momento em que se separam na ponta da escada. Lu continua a descer, enquanto Judd e Digby viram à direita e seguem pelo corredor do outro lado do castelo. Judd conduz Digby, que está mancando.

— Ele está mais ferido do que quer demonstrar — comento, preocupada.

Slade se aproxima de mim.

— São ferimentos bem extensos, mas Hojat é o melhor reparador que existe, e se ele realmente não aprovasse a viagem, teria sido firme ao vetá-la. Digby é forte, e tenho outro bom reparador aqui. Ele vai receber todos os cuidados.

— Digby foi meu guarda por muito tempo. O único em quem eu podia confiar. Sempre vi nele uma espécie de figura paterna. Não se limitou a me guardar. Ele me *protegeu*. Às vezes, até de outros guardas.

Sinto o olhar de Slade em mim.

— Midas sempre foi muito rígido quanto a me manter sob vigilância em Sinoalto, mas as ameaças que fazia não eram tão boas quanto ele pensava — explico. — Era comum alguns guardas se comportarem de maneira menos... cavalheiresca.

Vejo seus dedos apertarem o corrimão e, em seguida, com um tom perfeitamente sério, ele diz:

— Se você̂ me der os nomes, apodreço o cérebro deles.

Uma risada surpresa escapa de mim quando me viro para ele.

— Para começar, acho que muitos nem tinham um cérebro muito funcional, então vamos deixá-los apodrecer por conta própria e na hora certa.

— Tudo bem — ele concorda, e parece um pouco desapontado.

Rio de novo, mas a risada termina em um bocejo que quase desloca minha mandíbula.

Slade segura minha mão.

— Venha, vamos dormir de verdade, numa cama de verdade, com travesseiros e cobertores de verdade.

— Você̂ sabe ser convincente.

Rindo, Slade me conduz por mais um lance de escada, mas em vez de irmos para o mesmo lado dos outros, seguimos na direção oposta. Passamos por um guarda no caminho, que inclina a cabeça em saudação e olha curioso para mim enquanto avançamos.

As paredes do corredor neste nível são adornadas com faixas da mesma madeira entalhada e curva, o que faz o teto parecer mais alto. A cada poucos metros, uma janela recorta os entalhes na parede, vidraças protegidas por grades de ferro. Está muito escuro para ver qualquer coisa lá fora, e os reflexos são tudo que as janelas revelam por enquanto.

No final do corredor, Slade abre a porta e se afasta para o lado, estendendo a mão para mim. Assim que entro, sou tomada por uma sensação imediata de familiaridade, porque o cômodo tem o *jeito* de Slade. Há uma lareira contornada com um console preto esculpido. Na frente dela, estão um trio de sofás escuros e uma mesa de centro.

Na extremidade oposta tem uma porta, e Slade me leva até lá, onde encontro uma cama colocada em uma plataforma elevada com quatro pilares de pedra, um em cada canto, feitos da mesma pedra do chão. Isso a faz parecer ainda maior do que já é, e a roupa de cama preta e verde-escura parece tão luxuosa que mal posso esperar para me jogar ali.

— Precisa comer alguma coisa? — Slade pergunta, atrás de mim, enquanto tira meu casaco.

— Acho que estou cansada demais para comer agora.

Ele pega meu casaco e desaparece por outra porta, além da qual posso ver roupas e armas penduradas. Ouço o som revelador de botas caindo no chão, e ele volta sem o casaco, trazendo uma camisa para mim.

— Vamos comprar roupas adequadas para você amanhã, mas esta noite você pode usar minha camisa.

— Isso parece um pouco íntimo — provoco, mas aceito a peça de roupa.

Slade ri.

— Se acha que *isso* é íntimo, estou precisando muito fazer algumas coisas com você. — Ele estende um braço para trás e tira a camisa com um movimento suave que me deixa com água na boca, enquanto meus olhos passeiam por aquele abdômen. — Olhos aqui em cima.

Eles obedecem, e sinto o rosto esquentar.

— Não estava secando você — pontuo.

— Eu sei, acho que lembro que era com a minha bunda que você fazia isso.

Eu o encaro com os olhos apertados. Mesmo que esteja certo, nunca vou admitir.

— Não sei do que está falando.

— Hum. Venha para a cama, Pintassilgo.

Aponto um dedo para ele.

— Sem me atacar, Ravinger. Estamos cansados e você ainda está se recuperando de um esgotamento de energia. Precisamos dormir.

Seus olhos percorrem meu corpo como se fosse algo a ser saboreado, quando, na verdade, devo parecer um troll do vento com o cabelo emaranhado e roupas de três dias atrás.

— Tudo bem. Mas amanhã vou atacar. E, para estabelecer o cenário, vou usar calça justa.

Reviro os olhos, mas não consigo suprimir um sorriso.

— Boa sorte — respondo. — Posso usar o banheiro para me lavar?

— Claro — ele diz enquanto caminha até a cama. — E não precisa perguntar. Tudo neste castelo inteiro é seu. Pode ir aonde quiser e fazer o que quiser.

Ele puxa as cobertas enquanto o observo por um instante. Quando percebe que ainda estou ali, franze a testa.

— O quê?

Volto à realidade.

— Nada.

Viro-me com rapidez, atravesso a única outra porta do quarto e a fecho atrás de mim.

Pode ir aonde quiser e fazer o que quiser. Ele disse isso de forma muito casual. Como se fosse normal, como se eu já tivesse ouvido algo assim antes. Mas nunca ouvi.

Um sorriso brota no meu rosto e permanece lá enquanto estou no banheiro. Minha bexiga parece prestes a explodir, então tiro as luvas com agilidade, uso o vaso e depois lavo o rosto e as mãos. Tiro as roupas velhas e visto a camisa de Slade. Encontro um pente e tento desembaraçar o cabelo da melhor forma possível. Bocejo de novo e, quando me aproximo da porta, hesito. Devo colocar a calça e as meias de volta? Não. Não me visto por obrigação. Só faço o que quero.

Como para provar isso a mim mesma, pressiono os dedos contra o pente e invoco a magia, sorrindo ao ver o ouro escorrer por ele. Assim que o objeto fica completamente dourado, recolho a magia, pressionando os dedos contra a bancada de mármore para ter certeza de que nenhuma gota a mais escapa. É incrível como isso já se tornou mais fácil.

Saio do banheiro sorrindo, pronta para dizer a Slade que vou dormir só com a camisa dele. Mas paro quando percebo que ele já dormiu. Sua respiração é calma e ritmada, o rosto está relaxado, o corpo repousa na cama macia. Parece tão em paz dormindo que continuo ali por um momento, desejando que essa leveza o acompanhasse também quando acordado.

Descalça, vou para o outro lado da cama e deito em silêncio sob as cobertas, tentando não incomodar. Meu instinto me faz deixar algum espaço entre nós, porém, assim que me deito, ele parece sentir minha presença.

Seu braço me envolve pela cintura, me puxa como se eu não pesasse nada e cola meu corpo ao dele. Prendo a respiração, surpresa, mas Slade não acorda. Apenas solta um longo suspiro, como se pudesse relaxar ainda mais agora que estou ao seu lado.

Adormeço quase tão rápido quanto ele, com um sorriso e um suspiro escapando dos lábios.

46

SLADE

Acordo sobressaltado, os olhos focados na fresta de luz recortada pelas bordas das pesadas cortinas pretas. Depois olho para a cama ao meu lado — a cama *vazia*.

Sento-me, passo a mão no rosto e percebo que nem esperei Auren sair do banheiro ontem à noite antes de apagar. Não quis preocupá-la, mas o consumo de energia foi pior do que o normal. Eu me empolguei, me esgotei mais do que deveria, ainda mais considerando que tinha Auren para proteger na viagem para casa.

Suponho que voltar para a própria cama depois de meses ausente merece alguma observação. A noite passada foi a melhor que tive em meses. A única coisa de que sinto falta agora é acordar com Auren ao meu lado.

Talvez ainda esteja preocupada com ficar na cama depois do amanhecer. Posso entender que ela passou mais de uma década se condicionando a acordar antes de o dia nascer, a não comer, beber ou tocar em nada depois do nascer do sol. Mas ela não precisa mais de nada disso. Tem mais controle do que imagina, embora alguns hábitos possam ser difíceis de quebrar.

Levantando-me da cama, me dirijo ao banheiro, me lavo e depois vou me vestir no quarto de vestir. Quando estou pronto, saio do quarto, esperando encontrá-la na sala de estar, mas está vazia. Vou até a porta e, assim que chego ao corredor, um dos meus guardas está fazendo a ronda, andando na direção oposta.

Quando ele olha por cima do ombro e me vê, vira de costas contra a parede e acena com a cabeça.

— Majestade.

— Bom dia, Vaen. Você viu Lady Auren?

Ele balança a cabeça, negando.

— Não, senhor, mas acabamos de fazer a troca de turno. Quer que eu pergunte aos guardas anteriores?

Nego com um gesto de cabeça.

— Tudo bem, vou encontrá-la.

Ando até a escada, desço um andar e vou para a sala de café da manhã privativa, perto do quarto de Judd. Sempre fazemos refeições casuais lá, quase nunca usamos a sala de jantar formal, exceto quando necessário. Passo por outro guarda no caminho e entro no aposento.

Lu ergue os olhos da mesa no momento em que empurra os pés de Judd de cima dela.

— Ora, veja o que a podridão trouxe — ela cantarola. — Você dormiu demais.

Arqueio uma sobrancelha conforme me aproximo.

— Ser rei não tem vantagens?

— Não — ela e Judd respondem.

Observo ao redor.

— Onde está Auren? Ela já comeu?

— Pensamos que ela estivesse com você — Lu retruca.

— Sim, ainda não a vimos esta manhã.

O pavor me invade.

— Nenhum de vocês a viu? — Olho em volta novamente, notando que Digby também não está aqui. — Viram Digby esta manhã?

— Não, mas é cedo.

Concordo com um movimento de cabeça e me dirijo à porta.

— Ela provavelmente está com ele.

— Ou pode ter ido dar uma volta pelo andar principal? — Judd sugere.

Eu deveria ter feito um tour com Auren ontem à noite para que ela soubesse onde estava tudo, ou pelo menos onde tomar o café da manhã.

— Você colocou Digby no quarto prateado?

— Sim.

Volto ao corredor, caminho imediatamente para os aposentos onde Digby está hospedado e bato à porta. Não há resposta imediata, mas espero um momento e bato novamente, desta vez mais alto.

A preocupação cresce, e giro os ombros para trás. Vejo pelo canto do olho Judd e Lu se aproximando. Quando estou prestes a socar a porta, ouço a voz me mandando esperar. Depois um barulho de passos arrastados, e então a porta é aberta por Digby, que claramente acabou de sair da cama e ainda tem os olhos turvos, o cabelo grisalho em pé. Ele olha para mim e para os outros, que estão mais atrás.

— Sim?

— Presumo que Auren não esteja com você.

Ele franze a testa.

— Não.

Eu me viro, sentindo a preocupação como algo palpável que pressiona minhas costelas e restringe a respiração.

— Vou verificar as cozinhas e a sala de jantar — Lu avisa, dando meia-volta.

— A biblioteca também — grito, e ela acena por cima do ombro.

Então, me ocorre um pensamento que faz meu sangue gelar.

— Qual quarto foi reservado para Manu?

Judd levanta as sobrancelhas, como se ele também não tivesse pensado nisso.

— O quarto azul no terceiro andar. Você acha...

— Não sei. — Já estou me afastando, ainda com o peito apertado. — Mas se ele fez *alguma coisa* contra ela...

Judd me alcança, o rosto tenso.

— Alerte os guardas — ordeno. — Faça uma busca completa, mande-os...

— Ei!

Judd e eu paramos e olhamos para trás. Até Lu, que já está na escada leste, olha para cima e fica imóvel.

Digby está apoiado no batente da porta, olhando diretamente para mim.

— Você não sabe onde Auren está.

A impaciência faz meu pescoço formigar, mas mesmo assim respondo aquilo que não era uma pergunta:

— Não.

Ele manca em minha direção e, embora minha mente grite para eu ir logo procurá-la, eu o espero com impaciência.

Digby me fita por baixo das sobrancelhas espessas, os lábios franzidos em clara desaprovação, e para na minha frente como se eu estivesse prestes a

receber um sermão.

— Pensei que fosse inteligente.

Hesito por um instante.

— *Quê?*

Ele balança a cabeça e suspira.

— Milady não está na cozinha, nem na sala de jantar, nem na biblioteca.

Judd e eu trocamos um olhar, enquanto Lu se aproxima.

— Ok... então você a *viu* esta manhã?

— Não — ele diz. — Mas não preciso tê-la visto para saber onde ela está. Assim como *você* saberia, se tirasse a cabeça da bunda por um segundo.

Meu maxilar se contrai com tanta força que estou surpreso por meus dentes não quebrarem.

— Explique.

— Milady morou no norte do mundo durante *dez anos*. Foi uma década sem nada além de neve contemplada através das grades de gaiolas, janelas, cavernas e *restrições*. — Ele cruza os braços. — Se você a conhece, sabe exatamente onde encontrá-la. Então, onde *acha* que ela está agora, garoto?

Ele me estuda com atenção, e entendo o que quer dizer.

Digby assente, relutante.

— É bom ver que não é um caso perdido. — Depois se vira, manca de volta ao quarto e fecha a porta, e eu fico ali parado olhando para ele.

Judd assobia baixinho.

— Acho que você acabou de levar um esculacho, Degola.

— Nunca sei se devo ficar ofendido ou impressionado — admito.

— Vamos ficar com a segunda opção — Lu sugere. — Então... quer ajuda para ir procurá-la?

Nego com a cabeça e começo a me afastar.

— Digby estava certo. Acho que sei onde encontrá-la.



Subo as escadas de dois em dois degraus, volto pelo corredor estreito e continuo subindo até a cobertura pelo caminho em espiral.

Pensei em descer ao térreo e verificar os jardins, mas Auren não tinha roupas adequadas, então acho que teria preferido ir a algum lugar mais isolado.

Assim que chego ao terraço, noto os três guardas parados em volta do arco, todos olhando na mesma direção. Tenho a sensação de que sei o que estão olhando e por que estão ali, em busca de criar uma aparência de privacidade, em vez de estarem em seus postos normais na cobertura telhado.

Quando percebem minha presença, eles se curvam.

— Senhor.

Paro no meio do caminho quando a avisto. Auren não subiu apenas à cobertura. Não, também subiu em uma das torres. Está lá, deitada sobre as telhas inclinadas, a pele dourada brilhando contra a pedra negra que a rodeia.

Por um momento, tudo que posso fazer é admirar. Ela parece uma deusa iluminada pelo sol, cintilando na luz que lhe era proibida, absorvendo os raios como se o sol fosse abençoado por brilhar para ela.

— Há quanto tempo ela está lá em cima? — pergunto baixinho aos guardas.

— Desde o amanhecer.

Assinto e caminho na direção dela.

— Podem fazer um intervalo.

Não me viro para olhar, mas ouço os passos deles se afastando e descendo a escada em espiral, deixando-nos sozinhos. Vou até o outro extremo do terraço, mantendo os olhos fixos na silhueta dourada.

Fico nervoso de pensar que ela escalou a parede da torre, embora sejam apenas três metros de altura. Paro na base da torre e, usando os ganchos cravados nas laterais, subo. Em vez de entrar pela abertura na parede, de onde os guardas vigiam a partir da torre, continuo subindo até chegar ao telhado inclinado.

Quando me aproximo de Auren, vejo que está apoiada sobre os cotovelos, com as pernas nuas esticadas e cruzadas na altura dos tornozelos. O cabelo solto cai sobre as costas, o rosto está voltado para o céu.

Ela *relaxa,* sob o sol, e parece que a luz do dia foi criada para isso. Auren está tão deslumbrante ali, só com minha camisa, que tenho vontade de arrastar os guardas de volta e exigir que arranquem os próprios olhos por terem fitado o que é meu.

No entanto, os pensamentos possessivos desaparecem quando noto as marcas em suas bochechas.

A preocupação me faz ajoelhar ao lado dela.

— Pintassilgo — murmuro, baixinho para não a assustar. Mas não devo ter sido tão furtivo quanto pensei, porque ela nem sequer se surpreende. — Que foi? Por que está chorando?

Seus olhos se abrem, os cílios molhados por lágrimas douradas. Ela olha para mim, e meu coração para.

— Consegue ouvir? — ela sussurra.

Faço uma pausa e aguço os ouvidos, mas tudo que ouço são os sons fracos da cidade lá embaixo e o ruído constante da cachoeira na base da montanha.

— Ouvir o quê?

E ela sorri em meio às lágrimas secas em seu rosto, em meio ao brilho dos seus olhos. A imagem é tão linda que é difícil respirar.

— O sol — Auren responde baixinho, com um tom repleto de alegria inocente e hesitante. Como se temesse falar alto e interromper o momento. — Está cantando para mim.

A emoção bloqueia minha garganta quando a vejo inclinar a cabeça para trás novamente. Observo os olhos dela se fecharem. Passo o nó do dedo por sua face macia.

— E o que ele canta, Pintassilgo? — murmuro.

Seu sorriso é como a luz do sol acima de nós.

— A canção de casa — ela explica. — O sol está cantando a canção de casa.

Meu peito incha, e quando ela estende a mão e me puxa pelo braço, deito-me a seu lado e me ajeito até estarmos braço com braço, perna com perna.

— Escute — Auren sussurra.

E eu escuto. Entrelaço os dedos nos dela e escuto.

Mas a minha canção de casa não vem do sol. A minha canção vem dela.

47

AUREN

Não tenho ideia de quanto tempo Slade fica naquele telhado comigo, todavia, quando descemos, estou vibrando com raios de energia. Não importa que acordei antes do amanhecer, sinto-me revigorada. Restaurada. *Viva*.

— Quero sair hoje — informo a Slade durante o percurso até o arco onde estão os guardas.

— Olhem para cima, cavalheiros — Slade pede, e então percebo que ainda estou vestida apenas com a camisa dele e... nada mais.

A reação rápida dos guardas é cômica, e eles levantam tanto os olhos que é surpreendente que não vejam a parte de trás do próprio crânio.

— Acho que preciso de roupas, não? — comento.

— Seria preferível, para eu não ter vontade de enfiar adagas nos olhos dos meus guardas leais.

Um desses guardas tosse para disfarçar a reação chocada.

— Só para constar: faca no olho é algo que me incomoda um pouco.

— Anotado.

Paro um pouco antes de passarmos pela porta em arco e olho para trás, para o céu azul. Para o sol *desobstruído*. Fazia muito tempo que eu não via isso.

Eu tinha esquecido como era sentir esse calor.

O jeito como podia simplesmente fechar os olhos. Deixar a cabeça se inclinar para trás. Como a luz brilhava vermelha através das pálpebras e o calor parecia cobrir a pele, da cabeça aos pés. O jeito como penetrava meus poros e afugentava todas as lembranças do frio.

Tudo isso me chamava.

Mesmo antes de o sol se elevar no céu, eu ouvi. Saí da cama e subi a escada, deixando sua voz silenciosa me atrair até aqui, onde eu podia ficar em cima de um telhado ao lado de uma montanha e simplesmente... *sentir*.

Dez anos. Já se passaram *dez anos* desde que senti o sol assim no meu rosto. Sem nuvens para bloqueá-lo, sem nenhuma tempestade para apagá-lo.

Nem uma única vez, enquanto eu estava naquele telhado, minha magia tentou sair espontaneamente. Em vez disso, eu a deixei acumular na palma da mão, se aquecer à luz do sol matinal, se deliciar com o momento como eu me deliciava. Então, quando pedi para ela voltar para baixo da minha pele, ela atendeu. Com facilidade. Tão facilmente que foi quase sem esforço.

Acho que meu ouro também sentiu falta da luz do sol.

— Auren?

Dou as costas para a carícia do sol e me volto para Slade, que me observa com uma expressão que não consigo entender.

Sorrio para ele.

— Eu estava deitada aproveitando a luz do sol, e foi tão bom que nem cogitei conhecer de fato o seu reino.

Ele continua a me estudar, e me pergunto se falei algo errado. Mas então ele diz:

— O que acha de eu te apresentar o lugar hoje?

Meu coração dá um pulinho.

— Quer dizer... sair do castelo?

— Você gostaria? Quer ir ver a cidade?

— Se eu *gostaria*? — repito, sem fôlego. — Eu... — Minhas palavras desaparecem, como se eu estivesse emocionada demais para pronunciá-las. Com exceção da viagem de Sinoalto a Ranhold, nunca tive permissão para deixar a segurança dos castelos onde era mantida. — Andar pela cidade, simples assim? — pergunto.

Ele assente.

— Mas... — Olho para os guardas. — Mas eu sou *dourada* — pontuo.

Os lábios de Slade se curvam.

— Você é, sim.

Dou um passo na direção dele e baixo a voz:

— As pessoas vão me reconhecer como o *bichinho de estimação* dourado de Midas — digo com desprezo.

— Podem reconhecer, sim. Esta é a *sua* vida, Auren. Se quiser ficar longe de olhares curiosos, é o que faremos. Mas não precisa se esconder aqui. Você não é o bichinho de estimação de ninguém para ficar presa. A vida é sua e a escolha é sua.

A escolha é minha.

Tão sem precedentes. As escolhas nunca foram minhas, então não quero desperdiçar nenhuma.

— Não quero mais ficar dentro de casa. — A confissão sai apressada, como se as palavras temessem perder a oportunidade se não se manifestassem com a rapidez necessária.

Slade sorri, e eu o retribuo.

— É o seu primeiro dia longe da neve e do frio. Acho que isso é motivo para comemorar.

Meu sorriso se alarga tanto que as bochechas doem, mas então ele desaparece.

— Mas e Manu? Você não tem coisas para resolver, agora que estamos de volta?

— Manu e o reino podem esperar mais um dia. Você é mais importante.

Meu coração parece que incha e dá uma cambalhota ao mesmo tempo.

— Tem certeza?

Ele coloca a mão nas minhas costas, *bem* lá embaixo, as pontas dos dedos roçando a curva da minha bunda enquanto a voz se aproxima do meu ouvido.

— Vamos, Pintassilgo. Vamos sair por aí.

Sair por aí.

Não posso negar a emoção que tais palavras provocam. Sorrindo, corro em direção à escada e sinto uma corrente de ar quando a camisa sobe um pouco. Levo as mãos à curva inferior das nádegas, espiando por cima do ombro.

— Opa.

Slade está olhando para minha bunda.

— Ainda estão olhando para o alto? — ele grita por cima do ombro.

— Sim, senhor! — gritam três vozes em resposta. *Sem pestanejar.*

Com uma expressão meio exasperada e meio divertida, ele se aproxima de mim até eu sentir o calor de seu corpo nas minhas costas.

— Vamos, Lady Auren — ele praticamente ronrona. — Vamos providenciar roupas para você, antes que eu esqueça essa história de sair por aí e decida esvaziar o castelo para poder sair e entrar em *você*.

Paro de respirar por um segundo.

— Honestamente, essa é uma boa alternativa...

Slade ri atrás de mim, e sinto meu corpo todo formigar, justamente quando ele dá um tapinha na minha bunda.

— Ande.

Praticamente flutuo escada abaixo.



Acabo vestindo uma calça marrom e uma túnica preta, ambas macias e mais finas do que as que eu estava acostumada a usar no Sexto e Quinto Reinos. Slade também me dá um manto e, por hábito e precaução, estou de luvas.

Os outros decidem ir à cidade conosco, mas quando tento convencer Digby a ficar, ele apenas olha bem sério para mim e vai se arrumar.

Quando Slade me leva até o grande hall de entrada, todos já estão lá esperando. Lu veste o traje de couro do exército, ao passo que Judd usa uma túnica laranja que rivaliza com o tom mostarda de seu cabelo, deixando-o meio parecido com uma papoula.

Digby usa roupas emprestadas, como eu, e permanece carrancudo, como se estivesse pronto para enfrentar mais sermões sobre como deveria ficar aqui e descansar.

— Estou surpresa por vocês dois quererem ir — comento quando encontramos Lu e Judd na porta principal.

— Claro que queremos. Faz muito tempo que não fazemos nada divertido — Judd responde. — O Rei da Podridão está sempre nos arrastando pelo mundo e nos fazendo destruir seus inimigos.

Slade revira os olhos.

— Da última vez que verifiquei, *você* não destruiu ninguém nessa viagem.

— É verdade — Judd concorda, como se estivesse desapontado. — Não é à toa que estou tão entediado.

— É exatamente por isso que precisamos ir à cidade — Lu acrescenta.

— Sim. Vamos beber em um pub — Judd concorda, balançando as sobrancelhas. — Você não viveu até ir à Taverna do Gato Queimado.

Torço o nariz.

— Isso não é o nome de um prato do cardápio, é?

— Só às terças — Lu brinca. — Pronta?

Se estou pronta?

Não tenho certeza, porque faz muito tempo que não apareço em público desprotegida desse jeito.

— A escolha é sua, Auren — Slade murmura ao meu lado, e sei que, se eu mudasse de ideia agora, ele nos mandaria de volta e me deixaria ficar em seus aposentos sem questionar.

— Estou pronta.

Digby surge ao meu lado em um segundo para me escoltar castelo afora, como fez tantos meses atrás, quando deixei Sinoalto pela primeira vez. Esse foi o catalisador, o ponto de inflexão para todas as árvores cortadas iniciarem a queda. O momento que mudou o rumo da minha vida.

Assim que as portas pretas e entalhadas do Castelo Colina da Fenda se abrem, vislumbro em minha mente as portas douradas de Sinoalto. Mas, em vez de sair para uma noite congelada, atravesso a soleira e sou recebida pelo calor do dia.

A frente é calçada com paralelepípedos escuros e alinhados rente ao chão. As pedras circundam um impressionante obelisco lá na frente, um pilar de pedra ônix que se eleva em direção ao céu e cria as paredes perfeitas para as trepadeiras se envolverem.

Viro-me para fitar o castelo, e meus olhos sobem cada vez mais. Com paredes pretas estriadas, janelas em arco e telhados pontiagudos, o Colina da Fenda parece intimidante, imponente e bonito, tudo de uma vez só. A forma como se apoia na montanha o faz parecer maior do que é, e o fosso de água cintilante o cerca como um manto cristalino, com uma pontezinha escura e curva bem no meio. Slade aponta para os cavalos reunidos ali na frente e para a carruagem escura onde um cocheiro já está a postos, pronto.

— Podemos usar a carruagem para descer, se quiser. É uma ladeira bem íngreme a partir daqui, mas depois que passamos pela cachoeira, são poucos minutos até a cidade.

Olho para a carruagem e para os cavalos que não estão atrelados a ela, e os outros do nosso grupo se dirigem para os cavalos. Lu monta sobre um animal marrom-avermelhado, enquanto Judd conduz Digby a uma égua menor e malhada.

— Na verdade — começo, desviando o olhar —, prefiro cavalgar.

— Prefere? — Slade pergunta, e se mostra agradavelmente surpreso.

— Sim. Ainda me lembro de andar a cavalo quando era pequena. Depois montei bastante com Midas. Até chegarmos a Sinoalto, e então... — E então nunca mais montei por uma década. — Acho que não quero ficar presa entre as paredes de uma carruagem num dia tão bonito. Pelo menos por enquanto?

Ele assente como se entendesse completamente.

— Então vamos andar a cavalo.

— Não sei se Digby deveria montar...

Meu guarda me ouve e responde com tom seco:

— Estou bem.

Quando olho para Slade, ele apenas dá de ombros.

— Sabe que ele é teimoso demais para ficar para trás.

Deixo escapar um suspiro.

— É.

Em pouco tempo, os criados de Slade trazem mais dois cavalos selados. O garanhão monstruoso de Slade é escultural e parece um pouco cruel, com aquele pelo preto brilhante e mais de um metro e oitenta de altura.

Enquanto isso, recebo um lindo cavalo de pele dourada e crina preta, que parece muito mais simpático. Eu me aproximo para dar uma boa olhada no animal.

— Uma mistura das nossas cores, não acha? — pergunto a Slade.

Ele sorri quando se aproxima para me ajudar a montar.

— O nome dela é Mel. Ela é um amor, embora seja conhecida pelo temperamento forte.

Afago o pescoço dela.

— Então vamos nos dar muito bem. — Continuo a acariciá-la por um segundo, passando as mãos na crina escura, porém, quando meu sorriso desaparece, Slade percebe.

— Que foi?

— Havia um cavalo que eu montava em Sinoalto. Crisp. Não sei o que aconteceu com ele depois dos Invasores Rubros, mas era um bom cavalo. — É claro, quando penso em Crisp, penso em Sail, e quando penso nele... — Não sei se algum dia processei de fato o que aconteceu naquela noite. Achei que você fosse o grande monstro — admito com uma risada sem humor. — Fui uma idiota. Se eu tivesse aprendido a usar minha magia depois do anoitecer na época, nunca teria permitido que o capitão...

— Permitido que o capitão fizesse *o quê*?

Olho para Slade.

— Nada.

Seu olhar escurece e ele dá um passo à frente, nos dando mais privacidade em meio aos empregados e aos outros, que montam em seus cavalos.

— Ele te machucou naquela noite?

Seu tom carrega uma ameaça de promessa sombria.

— Não a mim. Ele machucou Rissa. Eu a ajudei, mas era tarde demais. Quando o sol nasceu... — Paro e balanço a cabeça. — Ele é uma estátua dourada em algum lugar no meio das Estéreis, tomara que coberta por montanhas de neve, a esta altura.

O músculo no maxilar de Slade se contrai e sua postura fica tensa.

— Sinto muito por tocar nesse assunto — comento, e balanço a cabeça. — Não sei por que fiz isso. Vamos só... seguir em frente? Quero aproveitar o dia sem pensar *nisso*.

Slade parece se recompor, e sufoca a raiva em seus olhos.

— Tudo bem. Mas quero uma lista, Auren.

— Uma lista?

— De todos que já te machucaram.

Elevo as sobrancelhas.

— Para quê?

— Acho que você sabe — ele responde, e me atravessa com o olhar penetrante. — Vamos conversar sobre tudo isso muito em breve.

Engulo em seco, mas não posso negar a emoção que sinto, porque nunca tive isso antes de ele aparecer, essa proteção feroz.

Tive um falso protetor. Se soubesse como era um verdadeiro, provavelmente nunca teria sido enganada.

Tento acalmá-lo e deixar o clima mais leve outra vez.

— Bem. Ainda temos muitas coisas para conversar. Por exemplo: por que todo mundo aqui usa calça tão justa? — comento, mirando todos os guardas. — Não que eu esteja reclamando.

Slade ergue uma sobrancelha, mas o restante da raiva desaparece de seus olhos.

— A única bunda que quero ver você secando é a *minha*.

Dou de ombros preguiçosamente.

— Não posso prometer nada — respondo, com tranquilidade, antes de encaixar o pé no estribo e montar no cavalo. Quando puxo a outra perna, sinto

um beliscão forte na bunda. Surpresa, movo um pouco o cavalo enquanto olho incrédula para Slade por cima do ombro.

— Ai!

Ele dá de ombros, já se dirigindo ao próprio garanhão.

— Vamos falar sobre *isso* mais tarde também.

Sorrio e seguro as rédeas.

Assim que estamos todos montados, nós cinco e mais alguns atrás de nós nos locomovemos até a ponte adiante.

Digby permanece fielmente à minha direita e ligeiramente atrás de mim, enquanto Slade cavalga ao meu lado, à esquerda. Judd e Lu abrem caminho, e os guardas nos seguem. Mesmo com todas essas pessoas, o grupo é pequeno se comparado ao que seria um enclave real normal. Não creio que Midas alguma vez tenha viajado sem um bando de guardas, embora talvez tenha sido porque tudo o que possuía era dourado, e ele não tinha poder próprio para proteger sua riqueza roubada.

Slade é uma força por si só.

Atravessamos a ponte, ultrapassamos o longo trecho do fosso e chegamos ao topo da colina gramada, de onde é possível distinguir a cidade lá embaixo como uma imagem perfeita. Os rios estão por toda parte, serpenteando pela cidade, desaguando em lagos grandes e pequenos.

Há barcos por toda parte também, e posso ver diversas áreas de docas e pontes fluviais. As casas foram construídas tão perto da água que as pessoas têm cais no lugar de jardins e barcos no lugar de cavalos. Certos edifícios são sustentados por estacas dentro d'água. E o tempo todo, o chão é verde e o ar é quente e úmido, diferente de tudo que já experimentei antes.

À medida que começamos a descer, a grama abraça a linha sinuosa da estrada e as árvores salpicam as colinas, espalhadas o suficiente para respirar. À direita, longe o bastante para que não se consiga ouvir a água caindo, há cachoeiras que despencam pela encosta do topo da montanha, a pelo menos trinta metros de altura. A água cai em um véu de espuma branca, criando arco-íris fragmentados dentro da névoa cinzenta e densa.

Não consigo ver o fundo da cachoeira, porque as árvores impedem, mas a água chega até mim, um rio que se estende até cumprimentar a estrada. A meros passos de distância, ele serpenteia ao longo do caminho antes de se dividir em várias direções diferentes. Na base da colina, posso ver onde ele se

ramifica pela cidade, alimentando todos os enormes cursos de água abertos na terra.

— Acho que nunca vi tanto verde ou tanta água antes. — Eu me viro e olho para Digby por cima do ombro. — Está vendo, Dig?

— Estou vendo, milady.

Radiante, olho para Slade e descubro que ele já está me observando.

— Que vista linda.

— Que bom que gostou — ele diz.

Estar aqui, com o sol na cabeça e o ar fresco nos pulmões, é sublime.

Quando chegamos ao fim da encosta onde o terreno se nivela, estrada e rio se desviam em direção ao lago maior.

— Aquele é chamado de Lago Bússola — Slade me conta. — Vê como é circular, exceto por aquele ponto ali?

Meus olhos seguem a linha do lago, que parece se estender como um ponteiro indicando a direção do castelo, que fica logo atrás.

— O Bússola sempre aponta para nós o caminho de casa — Lu comenta.

Olho curiosa para Slade.

— É um lar para você? O Colina da Fenda?

Sua expressão fica pensativa por um momento.

— Acho que nenhum lugar em Orea jamais será um lar para mim.

Compreendo completamente, porque sempre senti a mesma coisa. Mas acho que *quase* consigo sentir um lar neste lugar. Pode ser suficientemente parecido com isso.

Embora nada jamais possa se comparar a Annwyn. Fui tirada de lá quando criança, posso ter esquecido quase tudo sobre o lugar, mas ainda me lembro da *sensação*. E talvez um lar seja isso. Um sentimento.

Quanto mais nos aproximamos do rio, mais gente vemos. No início, são só alguns cavalos e carroças passando por nós, mas chegamos rapidamente ao centro da atividade, onde a cidade fervilha.

Os pescadores puxam as redes nos longos píeres. Prédios comerciais se alinham bem próximos ao longo da rua, de costas para o lago, com fachadas feitas de pedra lisa cor creme e telhados inclinados na direção da água. Quase todos estão de portas abertas, provavelmente para deixar entrar a brisa fresca. Sem o vento suave advindo da água, o ar úmido e quente seria muito mais sufocante. Desse jeito, existe um equilíbrio perfeito entre quente e frio.

No momento em que as pessoas percebem que seu rei está entre elas, a cidade é dominada por um efeito concêntrico. Como uma onda, as pessoas começam a chamar, se curvar, aplaudir ou fazer fila. Não é apenas o Rei Ravinger que eles chamam. Ao que parece, Judd e Lu também são bem conhecidos, porque as pessoas parecem respeitá-los e reconhecê-los da mesma forma.

Mas eu percebo. O momento em que a empolgação de ver capitães do exército e seu rei se transforma em outra coisa. O momento em que me veem. Uma rigidez clara percorre a multidão, uma rigidez nos olhares e nas bocas que se movem, e ouço trechos daquelas palavras tensas à medida que avançamos pela rua da cidade.

É ela: a montaria dourada.

Ela matou o Rei Midas.

Ela roubou sua magia.

E se ela roubar a magia do nosso rei também?

Sofro um sobressalto tão forte que puxo as rédeas de Mel com força excessiva, e ela para de repente. Dois dos guardas aparecem instantaneamente ao lado de Slade e de mim, como se quisessem formar uma barreira entre nós e a multidão, que continua a se manifestar. Afrouxo as rédeas e Slade se aproxima, enquanto puxo o capuz do manto sobre a cabeça.

— O que eles querem dizer? — pergunto, e observo em volta. Mesmo com Judd e Lu na frente e os guardas ao nosso lado e atrás, ainda me sinto exposta a esse choque de julgamento implícito. — Por que estão falando que roubei magia?

Noto como Slade segura as rédeas com mais força e vejo sua hesitação no tique do músculo do maxilar.

— Essa é a história que se espalhou desde o Quinto Reino — ele revela. — A história que a Rainha Kaila ajudou a espalhar.

— E você não pensou em me contar? — praticamente sussurro por entre os dentes.

— Não pensei que o boato tivesse tanta credibilidade.

Olho em volta e encontro rostos desconfiados que se esforçam para me ver quando nossos cavalos passam.

— Pelo visto, essa versão é aceita sem ressalvas, Slade.

Ele não tem argumentos para me desmentir.

— Quer voltar? — pergunta.

Começo a mover a cabeça para dizer que sim, mas paro.

Sempre tive de fugir das multidões, sempre tive de me enquadrar na narrativa de Midas. E agora, mesmo morto, ele ainda determina minha reputação.

Durante dez anos, ele tomou meu poder e fingiu que era seu, e agora...

Ainda está tomando o que é meu. E é a mim que acusam de roubar.

Meu poder nunca foi meu e, pela primeira vez, quando enfim me orgulho dele, quando enfim o domino, descubro que Midas maculou isso também.

E criou a impressão de que eu tirei isso dele?

O pensamento faz meu sangue ferver tão quente que sinto a umidade queimar no fundo dos olhos.

— Não — anuncio, com firmeza, endurecendo a expressão. — Não sou ladra e não vou me esconder.

Não vou deixar Midas se beneficiar do meu toque de ouro depois de morto.

O orgulho ilumina o rosto de Slade quando empurro o capuz para trás e o deixo cair sobre os ombros.

— Não vou fugir como se fosse culpada — declaro, endireitando as costas. — Que olhem, se quiserem.

48

AUREN

— Você estava certo — digo, do outro lado da longa mesa. — O Gato Queimado é realmente o *melhor*.

Judd sorri para mim e levanta a caneca para um brinde.

— Eu te avisei. Eles têm o melhor vinho de Orea.

Balançando a cabeça para concordar com ele, bebo mais um gole, mas descubro que a caneca está vazia. Franzo a testa, olhando para o fundo da caneca de madeira como se os sulcos molhados ali dentro fossem produzir mais delícias. Fico muito desapontada quando isso não acontece.

— Acabou.

— Quer mais? — Slade pergunta, mas não sei como escuto a voz dele dentro de uma taverna tão barulhenta.

— Sim, por favor.

Judd conduziu o grupo até aqui, e o dono da taverna nos trouxe prontamente para esta área de mesas reservadas nos fundos. A iluminação é amena, uma brisa fresca entra pela janela atrás de mim, e nossa mesa redonda é cercada por pilhas de barris de vinho com um aroma incrível.

Tenho de admitir que o vinho melhorou meu humor.

Slade ergue a mão, e o dono da taverna chega, apressado. Ele é um homem baixo e corpulento chamado Barut, com cabelo ralo e lábios finos.

Barut limpa as mãos no avental manchado.

— De que precisa, senhor?

— Pode trazer outra jarra de vinho? E também queremos mais pão e queijo, Barut.

— É claro! — ele responde batendo palmas e abrindo para mim um sorriso torto, os dois dentes frontais encavalados como braços cruzados. — Como está todo o restante?

— Tudo perfeito, como sempre — Judd responde.

As bochechas do homem ficam vermelhas com um rubor tímido.

— Que bom ouvir isso, Sir Judd.

Quando Barut se afasta e somos só nós cinco de novo, contemplo minha caneca. Mantive o queixo erguido na rua, mas esse boato sobre eu ter roubado a magia de Midas é ao mesmo tempo irônico e enfurecedor. Nem preciso dizer que isso me desanimou muito. Os outros tentam manter um clima positivo, mas sei que também estão incomodados com os boatos. Digby, no entanto, não se diverte nem um pouco. A cada vez que ele ouvia alguém falar alguma coisa sobre mim lá fora, eu tinha a impressão de que ia pular do cavalo. Acho que só as costelas machucadas o impediram.

— Você está bem? — Slade pergunta, e apoia o braço no espaldar da minha cadeira.

Assinto.

— Estou bem. — Quando percebo como isso soou grosseiro, olho para ele. — Obrigada por me levar à loja de roupas. Aliás, não precisava comprar tudo aquilo para mim.

— Você precisa de roupas — ele retruca, dando de ombros. — Além disso, é puro egoísmo.

— Como assim?

Ele se aproxima.

— Posso tirar cada peça de você. É como escolher o papel para embrulhar o próprio presente.

Meu rosto fica vermelho, e olho em volta, mas Judd e Lu estão conversando e Digby está ocupado encarando a caneca, carrancudo.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — provoco. — Eu poderia roubar sua magia.

Slade olha diretamente para mim.

— Você precisa ignorar essa gente.

— Fica difícil, quando não se está preparada.

Ele passa a mão no rosto.

— Você está certa, me desculpe. Eu devia ter contado sobre os boatos. Só queria que você tivesse um bom dia aqui.

— Eu sei. — Solto um suspiro. — Só odeio descobrir que, de algum jeito, ele ainda consegue impedir que a magia seja realmente minha.

A boca de Slade se contrai.

— Se as pessoas querem mesmo acreditar nisso, é porque são idiotas.

Só então Barut volta e coloca uma bandeja com todos os pedidos na nossa frente.

— Aí está, Majestade. Bom proveito.

Slade agradece e depois me serve mais vinho.

Vibro com o primeiro gole.

O lado positivo? Vinho não faz fofoca.

Também dou uma mordida no queijo cremoso, mastigando os pensamentos junto à comida antes de perguntar:

— Isso não te incomoda? Que as pessoas pensem que estou te seduzindo por causa da sua magia?

— Não dou a mínima para o que as outras pessoas pensam.

— Isso é coisa de homem — respondo, revirando levemente os olhos enquanto dou outra mordida. — As mulheres precisam ser mais cuidadosas neste mundo. A maneira como as pessoas percebem a reputação de uma mulher pode ser caso de vida ou morte.

— É verdade — ele admite, observando enquanto tomo outro gole. — Reputação também pode significar poder.

— Disse o rei.

Slade se aproxima, os lábios quase roçando minha orelha.

— Disse o rei para a mulher feérica que o dominou completamente.

Lambo os lábios manchados de vinho.

— Não dominei ninguém.

— Pintassilgo, você poderia dominar o mundo inteiro com um único olhar, se abrisse os olhos.

— Este é um conselho perigoso, considerando o que aconteceu em Ranhold.

— Esta é a parte divertida, não acha?

Eu o encaro.

— Acho que estou descobrindo que você é tão maluco quanto afirmam alguns rumores oreanos.

Seu sorriso diabólico só aumenta.

— Ah, amor, eu sou pior.

O coração acelerado dá uma cambalhota quando ele me chama de *amor*.

— Você é melhor do que acredita. Você é bom. Para mim, para sua Cólera, para seu povo.

— Se soubesse o que estou pensando agora, a última coisa que diria é que sou *bom*.

Escondo o rubor na caneca e bebo mais um longo gole. O calor de suas palavras e seu olhar melhoraram significativamente meu humor. Ele está empatado com o vinho, no mínimo.

— Então, Douradinha, para onde quer ir agora?

A pergunta de Lu me faz fitá-la.

— Ah, hum... — Todos me encaram com expectativa. — Não sei.

— A gente pode levá-la para além do moinho d'água — Judd sugere. — Ou talvez à perfumaria. Muitas mulheres gostam de ir para lá. Ou ao chapeleiro.

Lu revira os olhos.

— Ela tem cara de quem quer um chapéu com babados?

— Poderíamos ir ao mercado nas docas — Judd sugere. — Mas vai ter muita gente lá embaixo.

Espio Slade, curiosa, enquanto termino de comer o queijo com um pedaço de pão.

— Tem muita gente?

— Estamos todos com você — ele diz. — Além disso, você mesma disse que não é uma ladra e, portanto, não vai se esconder. Eles que vejam como esses rumores são mentirosos.

Assinto e olho para Digby.

— Você está pronto para isso, Dig?

— Vou com você — ele responde, simplesmente, antes de esvaziar a caneca.

— Tudo bem, então. Vamos lá.

Slade se levanta e me oferece a mão, que seguro depois de um último gole de vinho.

Quando saímos da taverna pela porta dos fundos, agradeço-lhe pelo almoço.

— A comida aqui é muito melhor do que em Ranhold.

Lu faz um ruído de desgosto atrás de mim.

— Deveriam ter vergonha de si mesmos, encharcando tudo de calda. O sal é muito melhor do que o açúcar.

— Ah, então é por *isso* que você não é doce. Até mesmo seu paladar rejeita a doçura — Judd comenta à medida que andamos pela rua. Lu tenta derrubá-lo, mas ele é ágil o suficiente para pular por cima do pé da capitã.

Respiro fundo e encho os pulmões de ar fresco. O lago fica a poucos metros de distância, separado pelo cais de madeira e pelas grades. Há uma série de barquinhos amarrados nas docas, cada um deles balançando suavemente na água.

Slade caminha até os guardas que esperam perto da carruagem e entrega os pacotes de comida que Barut lhes preparou. Os homens acenam com a cabeça em sinal de gratidão, e fico impressionado ao ver como as coisas são diferentes aqui.

Midas nunca teria dado comida aos seus guardas. Isso nem teria passado pela cabeça dele. Não fazia diferença se estavam presos do lado de fora na neve horrível ou esperando por horas dentro de algum lugar. Ainda assim, conquistou a reputação de *Rei de Ouro*, enquanto Slade nada mais é do que podridão e ruína.

Depois que Slade me ajuda a montar em Mel, vamos todos ao mercado, contornando a taverna e voltando à rua movimentada. Felizmente, ela é larga o suficiente para o grupo, além dos cavalos e carruagens estacionados ao longo do caminho. Assim como no Castelo Colina da Fenda, as estradas são de paralelepípedos, pedras pretas arranhadas, e o piso das calçadas por onde as pessoas entram e saem das lojas é de tijolos.

Como antes, mantenho a cabeça ereta e o queixo erguido, e não levanto o capuz. Aqui no sol, meu cabelo e minha pele brilham, então fica bem evidente que não estou me escondendo, e todos olham para mim.

O ar agora é mais denso, e a umidade quente faz minhas palmas suarem, mesmo sem as luvas. Mas Judd nos leva ao mercado nas docas, e lá a brisa é fresca, um sopro constante e fresco que vem da superfície cintilante da água.

Os guardas desmontam primeiro, e um deles vem conduzir minha égua até uma estaca para amarrá-la. Quando terminamos de desmontar, todas as pessoas no mercado estão paradas observando.

Mais exclamações e gritos ecoam quando cumprimentam o rei e os capitães do exército, aclamados por quase todos os donos de barracas. Todos os compradores pararam para olhar também, mas saem do caminho quando nos colocamos em movimento. O mercado consiste em carrinhos de mão

posicionados ao longo da rua, ao passo que outros vendem produtos diretamente em seus barcos.

Judd e Lu vão dar uma olhada em uma barraca de armas, e Digby permanece comigo. Slade é abordado pelo povo, mas todos mantêm uma distância respeitosa diante do olhar atento dos guardas.

Meus olhos saltam de um lugar para outro, analisando tudo à venda ali. Xales e cobertores, botas e fivelas, joias e capas. Muitas lojas também atendem aos pescadores, oferecendo remos esculpidos, redes de pesca aperfeiçoadas e varas tão altas quanto os edifícios. É uma coleção de mercadorias, muitos itens para ver e muitas vozes para ouvir ao mesmo tempo.

Mas ouço uma. Uma que parece atravessar a multidão como uma flecha apontada diretamente para mim, atingindo o alvo com precisão mortal.

— Estão vendo quem é aquela? A dourada? Já ouviram falar dela! Ela é o bichinho de estimação dourado, a montaria favorita do Rei Midas. Aquela que roubou seu toque de ouro e o matou por ciúme.

Olho para a esquerda, onde vejo o grupo de homens junto da parede de uma barraca que vende rabos de peixe. Olhos castanhos colidem com os meus, um rosto de meia-idade me espia por baixo da aba marrom do chapéu.

— Lady Dourada! — Desvio o olhar dos homens e me deparo com uma mulher acenando para mim, apontando para o carrinho onde ela vende pulseiras. — Tenho pulseiras perfeitas para você, Lady Dourada!

Sorrio e me aproximo de sua barraca, mas as vozes masculinas parecem me seguir.

— Pensei que essa história de ser dourada fosse só boato — outro homem diz, e suas palavras são seguidas pelo sopro revelador de um cachimbo.

— Não, meu primo foi a Sinoalto uma vez. Disse que a viu através de uma janela numa das execuções públicas. É ela, sim.

— O que acha que ela está fazendo aqui?

A sorridente dona da barraca me mostra pulseiras e mais pulseiras, mas não vejo nenhuma delas, preocupada com as palavras dos homens.

— Midas morreu, não é? — o homem rebate. — Pelo jeito, ela já conseguiu um novo rei. Pulou rapidinho de um poderoso para o outro.

— Malditas mulheres — o outro comenta, com uma risada irônica. — Sempre cravando as garras na mais nova e melhor opção, não é mesmo? Pulando de um homem para outro. Isso é tudo que fazem.

— Sim, ouvi dizer que ela cortou a garganta de Midas e depois roubou sua magia. O toque de ouro do rei se descontrolou depois disso, dourou Ranhold inteiro, matou uma centena de pessoas lá dentro, mas ela escapou.

— É por isso que não confio em montarias — outro contribui, com a voz rouca, como se estivesse a uma sílaba de um ataque de tosse. — Se são pagas para foder, estão pouco se fodendo pra tudo.

Todos dão risada.

Quase pulo quando a mão de Slade toca minhas costas.

— Quer alguma coisa?

Pisco e tento me concentrar nas pulseiras espalhadas na minha frente, me sentindo culpada por perceber que, provavelmente, a mulher estava me mostrando coisas e conversando comigo, e não prestei atenção a nada.

— Não — respondo, e balanço a cabeça. — São lindas, mas não preciso de joias.

— Ninguém *precisa* de joias, milady — a mulher retruca. — Mas é bom ter algo bonito. — Ela mostra um bracelete simples com uma pedra preta no centro.

Meus dedos deslizam pelo metal prateado e liso.

— É muito bonito.

— Vamos levar — Slade declara, e entrega o dinheiro à mulher. O rosto dela se ilumina.

— Estão vendo isso? — Ouço o homem dizer. — Cravou as garras no nosso rei, não foi?

— Ela deve foder como uma deusa e gozar dourado.

Mais risadas debochadas. A voz rouca enfim termina em uma tosse convulsiva.

Cerro os punhos, e o ouro começa a espumar na palma da minha mão.

Atrás de mim, Digby fica parado por um segundo, rígido, depois avança. Seguro seu braço bem a tempo, sentindo o ouro que brota de minha mão coagular e penetrar na manga dele.

— Não — intervenho, balançando a cabeça.

— Milady — ele resmunga.

— Está tudo bem.

Seu rosto fica vermelho, mas pelo menos o restante dos hematomas desapareceu.

— *Não* está.

— O que aconteceu? — Slade pergunta ao se aproximar com a pulseira embrulhada, olhando para Digby e para mim.

Abaixo a mão e a guardo no bolso. Os olhos de Slade não deixam passar despercebida a leve marca de digitais na camisa de Digby.

— Nada — respondo, sorrindo, mas sei que é um sorriso trêmulo, porque sua expressão fica mais intensa e ele analisa ao redor, como se procurasse o motivo do meu aborrecimento.

Mas só preciso espiar por cima do ombro para notar que os homens se dispersaram como ratos de esgoto. O ouro na palma da minha mão endurece como um olhar furioso.

— Na verdade — digo —, acho que gostaria de voltar para o castelo agora.

— Sério? — Slade pergunta.

Confirmo com um movimento de cabeça, e ele me observa por mais um momento, antes de avisar os demais. Olho novamente para Digby e vejo que sua expressão está tensa, a testa franzida. Os olhos castanhos refletem desapontamento.

— Devia ter me deixado ir falar com eles.

As palavras resmungadas quase removem parte do peso que aperta meu peito.

— Você pode falar até perder o fôlego, não vai adiantar nada. As pessoas raramente mudam de opinião quando são refutadas. O mais comum é que só escutem aqueles com quem já concordam.

— Não é certo. Isso que estão dizendo sobre você.

Olho em volta e percebo mais olhares, uma atenção franca que me incomoda como dedos arranhando a pele.

— Ou talvez seja exatamente certo — replico, baixinho.

Digby crava os olhos em mim, mas Slade volta antes que ele possa dizer qualquer coisa.

— Acho que gostaria de voltar na carruagem, se não houver problema — declaro.

Slade para de repente, me encara como se quisesse mergulhar além da superfície e descobrir o que se esconde dentro de mim.

— O que aconteceu?

— Nada — repito, tentando exibir aquele sorriso falso.

Slade olha para trás, para os outros, já montando em seus cavalos.

— Podem ir na frente. Nós alcançamos vocês.

Fico surpresa, mas não me pronuncio. Digby olha para mim antes de seguir para onde Judd e Lu já esperam sobre os cavalos, e Slade me leva à carruagem. Vejo os guardas desamarrarem Mel e o cavalo de Slade, unindo suas rédeas às próprias montarias.

Durante esse tempo, mais olhares me buscam, mais vozes me alcançam.

— Aquela é o bichinho de estimação dourado. Ela matou Midas, sabe. Pegou o homem com outra amante e o esfaqueou num ataque de ciúme.

— Acha que aquilo é tinta na pele dela, ou será que é ouro de verdade?

— Quanto acha que vale uma mecha de cabelo dela? Deve ser bom passear por aí com riqueza crescendo no seu couro cabeludo.

— Ela não tem nada especial. Remova o ouro, e o que sobra? Uma montaria abandonada que esqueceu qual é o seu lugar.

— O que ela está fazendo aqui? Um rei não foi suficiente para ela? Precisava atrair o olhar do nosso rei também?

— Espero que ele enxergue além de seus encantos dourados e a apodreça onde está.

— Acha que uma garota dourada pode apodrecer?

Fecho os olhos, torcendo para que o ato feche também meus ouvidos. Mas as vozes continuam me alcançando como granizo que bate na janela, ameaçando quebrar.

O condutor da carruagem abre a porta para nós e eu entro primeiro, sento-me no luxuoso assento de veludo verde. É maior do que a carruagem em que tive de viajar quando não era mais que uma suposta prisioneira do exército do Quarto, e é mais requintada também. As paredes têm entalhes de madeira, formas geométricas que conduzem a atenção para os diamantes e círculos concêntricos que se sobrepõem ao longo do teto e das paredes.

Quando Slade entra depois de mim, a porta se fecha e a maior parte da luz e do barulho ficam do lado externo. A carruagem inteira sacoleja quando o cocheiro se senta, e ouço o estalo agudo do comando que põe os cavalos em movimento.

Slade está sentado na minha frente, com as pernas longas abertas, uma de cada lado das minhas. Parte da iluminação diurna entra pela janela acortinada ao nosso lado, embora seja filtrada pelo tecido verde translúcido.

Apesar dos sons do mercado, das vozes animadas quando as pessoas veem o emblema real na carruagem em que viajamos e do barulho dos cascos dos cavalos, a voz calma de Slade é o que reverbera mais alto em meus ouvidos.

— Agora, quero que me diga o que aconteceu, e sem mentiras, Pintassilgo. Vou saber, caso minta.

49

AUREN

De novo ele está com aquele olhar penetrante que eu nunca soube evitar. Ele me invade, atravessa minhas paredes e vai além do sorriso que mantenho no rosto.

As rachaduras se formam primeiro nas bochechas, fazendo meus lábios se curvarem para baixo, incapazes de sustentar a mentira.

— Assim é melhor — Slade comenta no momento em que meu sorriso desaparece. — Agora, fale o que aconteceu.

— Não é importante.

— Não banque a indiferente. Não mentimos um para o outro.

Deixo escapar um suspiro.

— Tenho certeza de que o alicerce inteiro da nossa relação estava repleto de mentiras.

— Talvez no começo, antes de sabermos que podíamos confiar um no outro, mas já superamos essa fase.

Slade se aproxima, segura minha mão, levantando a palma antes de eu perceber que deveria tentar escondê-la. Sinto seu olhar quando ele percebe as manchas douradas.

— Seu ouro sai com a raiva. — O polegar roça o metal pegajoso que seca em minha pele, esfregando-o em cada linha e sulco.

— Estavam falando de mim. Alguns homens do mercado. Mas acho que talvez estejam certos.

O polegar faz uma pausa, esfregando logo abaixo do meu dedo indicador.

— O que eles disseram?

Levanto a cabeça a fim de contemplar seu rosto enquanto falo. Para poder avaliar a reação dele.

— Disseram que pulei de um rei para outro.

A linha severa que marca sua testa se eleva ligeiramente quando ele olha para mim. Esperando. Assistindo.

— Não foi isso que eu fiz? — protesto, afastando minha mão da dele. — Fui de Zakir para Midas, depois para você. Deixei os homens cuidarem de mim. — Balanço a cabeça, chocada com as perspectivas externas. — Achei que estava fazendo mudanças, dando passos largos para ser independente, mas e se não for nada disso? E se eu estiver cometendo os mesmos erros outra vez?

Slade recua e encosta a coluna rígida na parede esculpida.

— Acha que nós dois somos um erro?

Levanto as mãos, irritada, porque quanto mais falo, mais frustrada fico.

— Não. Mas e se eu estiver pulando de um rei para outro? Acabei de sair de um relacionamento unilateral repleto de abusos. Enfim estou livre de tudo isso, livre para *viver*, e *nunca* tive isso antes. Nunca. Talvez tentar mostrar a cara hoje tenha sido um erro.

Meu peito arfa com as ondas do reconhecimento, enquanto o de Slade permanece imóvel como um ar sem brisa.

— Durante vinte anos, estive presa sob a vontade de outra pessoa. E se eu quiser simplesmente... ir embora? Fugir de tudo e ficar em uma casinha no meio da floresta, onde ninguém pode me encontrar? Ou se eu quiser viajar por toda a Orea sem nunca criar raízes, sem nunca ficar em lugar algum por tempo suficiente para deixar de ser bem-vinda? Eu poderia... aprender algo novo. Escalar uma montanha. Estudar música. Poderia conseguir um emprego em algum lugar. Construir algo. Ter um animalzinho. Eu poderia flertar em um bar. Nadar nua no mar. Ir dançar. Arrumar um amigo. Beijar um estranho. Talvez seja *isso* que eu quero.

Levanto o olhar nessa última parte e me preparo para a reação dele.

Slade fica quieto por muito tempo.

Balanço com o movimento da carruagem, ou talvez seja o *meu* movimento, me sacudindo de um lado para o outro com a força das emoções conflitantes, conforme espero sua resposta.

Não entendo como Slade pode ficar tão quieto. Não enquanto sou essa mistura de mudanças desenfreadas. Não quando as palavras ricocheteiam na minha cabeça com força suficiente para me causar um torcicolo.

— E aí? — questiono. — Não vai falar nada? — O ouro escorre por meu punho, brotando da dobra da mão. — Acabei de dizer que quero beijar alguém que não seja você. Estou surtando com a ideia de toda essa independência recém-descoberta talvez nem ser *real*, ao mesmo tempo que descubro que o povo está me chamando de ladra sedutora e volúvel, e você só fica aí sentado!

Meu rosto está quente; meu peito, apertado. Ele se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos e entrelaça as mãos erguidas diante do queixo.

— Quer que eu grite com você? Que fique furioso?

— Não... não sei — respondo, me sentindo cada vez mais insegura sobre essa loucura toda de que estou falando. Sobre o que estou sentindo.

Ele me tira do assento e me coloca em seu colo, me pegando completamente desprevenida. Pulo com a surpresa, mas suas mãos firmes me mantêm no lugar.

— O que está fazendo? — pergunto, olhando confusa para a janela da carruagem. Embora a cortina cubra o vidro, ainda existe uma leve transparência.

— Sua aura está bem errática — ele comenta, com tom coloquial. Como se fosse completamente natural eu estar no colo dele. Como se as dezenas de pessoas que ouvimos lá fora nem existissem. — Geralmente ela é calma, como o brilho ao redor do sol matinal surgindo logo acima do horizonte. — Ele mexe os quadris, e eu paro de respirar por um instante ao sentir a ereção embaixo de mim. — Mas quando está com raiva ou sobrecarregada, ela começa a pular e girar como uma tempestade brilhante, pronta para atrair e cegar.

— E daí?

Seus lábios se curvam com a força da resposta brusca, os dedos apertam minha cintura. De repente, me lembro de quanto essas roupas são finas. São poucas as camadas que separam a minha pele e a dele.

— Quer ser independente? Quer viver sua vida do jeito que achar melhor?

Levanto o queixo.

— Sim. Isso é um problema?

Seus olhos escuros são como sombras que tocam o solo de uma floresta.

— Acho que não fui muito claro. — Slade levanta a mão para envolver meu pescoço, não para machucar ou apertar, mas para segurar. Para inclinar. Minha cabeça está inclinada para a esquerda, e o pescoço exposto convida seus lábios à aproximação.

— Quer viajar pelo mundo? — murmura contra minha pele, que se arrepia como se quisesse subir para encontrar o toque. — Então serei sua escolta. — Os lábios me tocam, a princípio fechados, deixando escapar só uma leve insinuação de respiração. — Quer se esconder? Eu construo uma cabana para nós em qualquer floresta remota que você escolher. — Sua boca se abre, e uma onda de hálito quente se espalha por meu pescoço. Mas sinto esse calor descer cada vez mais, até se tornar um redemoinho de fogo acendendo meu estômago.

Estendo a mão e passo os dedos por seu cabelo grosso, agarrando os fios pretos. Puxo com força, inclinando a cabeça e expondo *seu* pescoço também. E ele me encara com um sorriso que faz aquele fogo aceso arder mais forte.

— Quem disse que você foi convidado? — eu o desafio, com uma provocação acanhada.

Ele ri. Aquela risada baixa e sensual que sempre vai acabar comigo. Sai de seu peito e faz o meu arquear a fim de encontrá-la, só para poder senti-la. Assim, sua risada pode viajar dele para mim, e tenho a sensação de me aquecer com um calor muito diferente da luz do sol. Derreto por dentro com esse calor sensual.

— Ah, Pintassilgo.

Ah, Pintassilgo.

Eu me arrepio. Minha cabeça vira tanto quanto a mão em meu pescoço permite.

— Não está prestando atenção. Não mesmo.

Respiro fundo ao ouvir suas palavras e sentir os dentes mordendo a pele abaixo da minha orelha. A mordidinha e a língua quente deslizando fazem meus olhos se fecharem e minha respiração acelerar.

Slade morde com mais força do que eu esperava — não o suficiente para romper a pele, mas o suficiente para me fazer abrir os olhos e me deixar ofegante. Lá fora, as rodas da carruagem percorrem a estrada acidentada, e nosso peso muda de lugar em uma curva suave. As vozes das pessoas são apenas uma cacofonia de fundo.

Seus dedos apertam, o polegar levanta meu queixo enquanto ele se inclina para trás com o intuito de me observar, e então muda a posição da mão e segura minha nuca.

— Isso não vai ser um encontro casual. Não vai ser temporário — ele ronrona, recitando as palavras que já disse. — Eu tenho sua alma.

Um beijo no meu rosto.

— Sua mente.

Outro na testa.

— Seu corpo.

Ele inclina meu corpo para trás, me fazendo arquear e descansar a cabeça em sua mão, enquanto deposita o terceiro beijo em meu peito. Os lábios se fecham em torno do botão logo abaixo da minha clavícula.

Não sei como ele faz isso, mas a boca desabotoa a blusa, faz o tecido se abrir alguns centímetros.

A porção de pele exposta é mínima, e mesmo assim todo o meu corpo formiga como se ele tivesse acabado de me despir.

— Entendo seu passado.

Outro botão.

— Seu presente.

Mais um centímetro.

Estou ofegante, e foram três botões desabotoados. Só a faixa estreita com o mais fino acabamento de renda preta e delicada cobre meus seios.

— Seu futuro.

A mão desliza do meu pescoço para as costas. Apoia minha coluna. Eu me arqueio um pouco mais. Sinto a solidez dele pressionando meu traseiro.

— Foi isso que você me prometeu, não foi, Pintassilgo?

Toda a parte superior do meu corpo está apoiada em sua mão, os joelhos estão dobrados, as coxas uma de cada lado de sua cintura. O calor de sua respiração pressiona a curva dos meus seios, os dentes afastam o tecido da faixa. O atrito me faz querer pegar fogo.

Quando não respondo, envolvida demais com o que ele está fazendo e com esse desejo por mais calor, ele morde de leve meu seio, o que me faz pular. A mão em minha cintura me mantém presa em seu colo, em cima da rigidez de seu membro.

— Não é? — ele insiste.

— *Sim*.

Slade acalma o local da mordida com um beijo e me inclina para trás.

— Isso mesmo — diz. — Agora levante a mão.

— O quê?

Ele aponta para cima com o queixo.

— Está vendo aquela argola de madeira aí? É uma aldrava para chamar o cocheiro, mas quero que você a segure.

Vejo a argola articulada logo acima da minha cabeça.

— Slade...

— Vai logo.

A ordem faz meu estômago se contrair com a excitação, e engulo em seco.

— Mandão.

— Rei — ele corrige lentamente.

Estendendo a mão, encontro a argola de madeira e a puxo para baixo, deixando os dedos a envolverem. Com os braços para cima, me sinto mais exposta e vulnerável.

Mais *excitada*.

— Feliz? — pergunto, com um tom atrevido.

Ele não responde. Em vez disso, desliza os dedos até os últimos botões fechados da minha camisa. Termina de desabotoá-la devagar.

— O que está fazendo?

Lá fora, as pessoas falam mais do que sou capaz de entender. Aqui, ele não diz nada. De alguma forma, isso é ainda mais ensurdecedor.

As duas mãos sobem, calejadas e quentes, afastando as duas partes da camisa como se abrissem páginas de um livro. Ele deixa o tecido repousar em ambos os lados do meu corpo, enquanto fico com a barriga exposta, os seios arfando dentro da faixa.

Minha pele estala, cada terminação nervosa espera sua próxima ação. Mas não espero que ele desça as mãos até o cordão da minha calça. Que o desamarre.

Abaixo uma das mãos e deslizo polegar e indicador no punho dele.

— O que está fazendo?

Ele faz uma pausa, arqueia a sobrancelha negra.

— Eu disse que você podia largar a argola?

Meu coração parece parar por um instante.

— Slade...

Sua outra mão dá um tapinha na minha bunda, um golpe tão rápido e afiado que me faz estremecer.

— Ei!

— Quero suas mãos levantadas segurando a argola.

Não sei o que isso diz a meu respeito, mas quando Slade olha para mim com aquela fome nos olhos, quando sua voz retumbante dá ordens sensuais, eu cedo. Fervo. *Queimo*.

Minha mão sobe para segurar a argola, meu peito se arqueia automaticamente. Projeta-se na direção dele.

Slade assente, satisfeito.

— Agora, onde estávamos... — Sua mão desliza até a cintura da minha calça, as pontas dos dedos ultrapassam a barreira e fazem a pele da minha barriga arrepiar. — Você quer escalar uma montanha? Estarei lá para garantir que não caia — ele continua, assim que o primeiro centímetro de seus dedos roça minha roupa íntima. — Quer construir alguma coisa? Eu te entrego as ferramentas.

Minha cabeça gira e meus nervos estalam, e quando a mão se molda ao meu corpo, quando sei que ele acabou de sentir a umidade acumulada ali, estremeço.

— Hum, você está molhada para mim, Pintassilgo.

Não consigo evitar a respiração arfante.

— Sim. — Mexo os quadris querendo que ele se mova, que me toque onde comecei a latejar.

Ele responde ao sinal silencioso. Os dedos alcançam meu clitóris, esfregando e circulando, arrancando um gemido da minha boca. Aperto a argola com mais força, e me equilibro para poder levantar os quadris e buscar seu toque.

— Quer flertar em um bar? — Slade pergunta, a boca descendo em direção aos meus seios, por cima da faixa fina e sobre o mamilo endurecido. Seus lábios se fecham em torno dele, a língua molha o tecido ao mesmo tempo que o dedo passa pela borda da roupa íntima e desliza para dentro de mim.

O suspiro que sai da minha garganta é um som ondulante que parece ecoar dentro deste espaço confinado.

— Pode flertar e brincar o quanto quiser — ele ronrona, me lambendo e passando para o outro mamilo, dando a mesma atenção aos dois na forma de calor úmido. — Pode fazer homens e mulheres te desejarem, *enlouquecerem* por você, e vou desejar junto a eles.

Meu coração se expande no peito, pressionando as costelas e me impedindo de recuperar o fôlego. Seu dedo começa a me penetrar, entrar e sair. Me afaga por dentro. O polegar lambe meu clitóris e o faz inchar. Alimenta minha *necessidade*.

— Slade...

A outra mão encontra meu rosto, exige minha boca, que entrego de boa vontade. Uma mordida forte, uma lambida que acalma, os lábios macios colados aos meus.

A dança perfeita.

— Quer um amigo? Vou ser *muito* amigável com você pelo resto de nossas vidas.

Ele olha para mim, e um polegar acaricia meu lábio inferior, enquanto o outro pressiona ainda mais forte o clitóris, aumentando a pressão, me fazendo me contorcer.

— Grande Divino...

Slade segura meu queixo e vira meu rosto.

— E você quer beijar um estranho? — ele acrescenta, e a carícia de sua respiração é um fogo sombrio. — Vá em frente. — Seu toque em meu cerne fica mais forte, e um segundo dedo entra em mim. O polegar se move mais rápido. Deliciosamente. Não consigo pensar e, ainda assim, tudo que consigo fazer é ouvi-lo. *Senti-lo*. São suas palavras, seu toque, e tudo dentro de mim quer queimar e explodir.

— Se precisa beijar, foder e brincar para se sentir livre, então é isso que vai fazer.

Eu me arqueio ainda mais, o corpo implorando, buscando... tudo isso enquanto a cabeça gira com suas palavras. Sua boca está colada em minha orelha, uma das mãos apoia minha cintura, a outra usa a fricção para me fazer pegar fogo.

— Mas lembre-se, Auren. Seu corpo, seu prazer, você os deu para *mim*. Então estarei lá, onde você decidir que precisa estar. Em um bar. No mar. Em uma cama. Estarei lá com você. Observando você. Me juntando a você. Você é minha, e eu sou seu, e qualquer prazer que procure, estarei lá para ver você encontrá-lo, e depois vou te dar o mesmo prazer multiplicado por dez, porque você é *minha*, e vou fazer de tudo para que tenha aquilo de que precisa.

Suas palavras. Suas palavras sacanas e deliciosas.

São um bálsamo contra as dúvidas turbulentas e me cobrem com uma certeza provocativa.

— Slade...

— Goza pra mim, Pintassilgo.

E eu gozo. Um espasmo tão quente que parece frio percorre meu corpo, me fazendo arquear. Grito com a onda de choque, com o prazer de seu toque, com

o que ele disse.

Isso me carrega com eletricidade pura, até que estou explodindo e retumbando, com o corpo todo cintilando de prazer ofuscante, o que me faz tremer da cabeça aos pés.

Demora vários segundos para eu enxergar nitidamente de novo, para os meus olhos enxergarem qualquer coisa além da felicidade que ainda pontilha meu campo de visão. Todo o meu corpo parece estar em carne viva, como o chão carbonizado que acabou de ser atingido por um raio, e praticamente caio em seus braços.

Mas ele ri.

E conheço essa risadinha.

— Não se acomode demais. Estamos só começando.



50

AUREN

O resíduo do meu prazer desaparece com lentidão, e levo um segundo para processar o que ele disse. O brilho travesso nos olhos de Slade faz meu estômago revirar.

Com as mãos escorregando da argola, eu me movo no colo dele.

— O quê?

— Estamos tendo uma conversa muito séria, e nós ainda não terminamos.

— Sério? Porque tenho certeza de que acabei de terminar — respondo, com um sorriso brincando nos lábios.

Um sorriso também se espalha pelo rosto de Slade, e vejo as sombras das linhas escuras dançando sob a pele de seu pescoço.

— Além disso, talvez eu queira experimentar beijar um daqueles estranhos de quem estávamos falando — provoco.

Para a minha surpresa, ele estende a mão e afasta um canto da cortina.

— Escolha um.

De imediato, pressiono o corpo contra o peito dele e, de olhos arregalados, espio as pessoas do lado de fora, na rua.

— *Slade* — sussurro, alarmada.

— Não se preocupe, eles não podem te ver. A menos que você queira.

Deve haver alguma coisa pervertida em mim, porque meu sangue começa a ferver.

Ele prende o canto inferior da cortina no entalhe da moldura, deixando uma fresta aberta.

— Vou te foder nesta carruagem, Pintassilgo.

Um arrepio percorre meu corpo, e minhas mãos apertam seus ombros.

— Tem gente lá fora — falo, ofegante, ainda me virando para olhar pela janela. — Nem era para eu ter deixado você fazer o que já fez. E se alguém nos vir? Ou ouvir?

— Verdade, e *se*?

Não imaginava que ele pudesse ser mais audacioso do que já era, mas Slade não faz nada pela metade. E quando se trata do fogo que queima entre nós? Ele sempre o alimenta, sempre me pega de surpresa, inundando minha mente com luxúria e desejo.

— Estamos na parte mais movimentada da cidade. Estas ruas são lotadas de gente. Mesmo assim, você está aqui se contorcendo no meu colo enquanto toco sua boceta encharcada.

Aperto seus músculos tensos.

— Slade.

Ele se inclina, e o membro rígido pressiona exatamente o ponto que me faz tremer. Só a ideia de ele me preencher faz meu coração disparar. A possibilidade de fazer tudo *isso* enquanto só uma fina parede da carruagem nos separa do mundo lá fora... Posso agora mesmo ouvir as vozes, os cascos, as rodas rangendo, portas se abrindo, pés pisando nas ruas.

Meu coração dispara.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele sorri.

— Você quer experimentar coisas, então vamos experimentar. Vamos começar vendo se sua boceta fica molhada com um pouco de exibicionismo.

Ele se esfrega em mim de novo, e solto um suspiro que brota do fundo do peito.

— E se quiser *experimentar* outra pessoa? É só falar. Eu te levo ao bordel mais próximo, e você pode escolher.

Seus dedos apertam minha cintura, e ele me arrasta para a frente e para trás em cima do pau. Para a frente. Para trás. De novo e *de novo*. Não importa que eu tenha acabado de chegar ao orgasmo, porque o jeito como me toca e conduz meu corpo nesse ritmo de luxúria me faz arder de novo, ficar molhada outra vez.

É como manter o rosto sobre uma vasilha fumegante que provoca em mim um brilho ruborizado.

— Como consegue dizer essas coisas assim? — pergunto, a voz trêmula com os movimentos.

— Não existe vergonha entre nós. Em especial quando se trata de sexo.

Para reforçar o argumento, ele me gira e faz a curva da minha bunda se encaixar com perfeição nele. Suas coxas se encaixam entre as minhas, *me* abrindo completamente. A cintura desamarrada da minha calça me expõe ainda mais, como um convite.

— Os feéricos são carnais. Sensuais. — Suas mãos descem de novo, escorregam de volta com facilidade para o lugar de onde tinham saído e retomam a fricção lenta e deliberada. — Seus desejos não devem ser reprimidos ou contidos. Não tenho medo de suas curiosidades, porque são naturais, e porque você̂ ficou reprimida por tempo demais. Eu nunca vou cortar suas asas, Pintassilgo.

As palavras me envolvem, e relaxo contra seu peito, deixando as costas se moverem no ritmo de sua respiração. Mas meus olhos ainda se voltam para a janela, para os corpos em movimento lá fora. Tudo que acontece lá torna o que ele está fazendo mais excitante. Slade vira meu rosto com a mão e olha nos meus olhos.

— Quando digo que você̂ é minha, não falo de posse barata. Não te vejo como um corpo para desfilar comigo ou um brinquedo que vou manter longe dos outros.

Esse era o único "minha" que eu já conheci.

— Então, o que quer dizer exatamente? — pergunto, ofegante.

— Quero dizer que é meu dever te satisfazer. Te dar *prazer*. — A determinação em seus olhos combina com o movimento da mão que pressiona meu clitóris pulsante e faz faíscas de luz dançarem atrás de meus olhos. — Você̂ é minha para proteger. Adorar. Escutar. Ver. Experimentar. *Amar*.

Sinto um nó na garganta.

— Você̂ é minha, Auren. Tão completamente quanto sou seu. Se tem alguma coisa que deseja muito, alguma liberdade que queira explorar, você̂ vai ter, e eu estarei do seu lado. Vou assistir enquanto você̂ devora seus desejos. E depois, vou devorar *você̂*.

Eu me viro um pouco mais para ver as linhas definidas de seu queixo e a sinceridade em seu olhar.

— Você̂ iria mesmo a qualquer lugar comigo? Faria qualquer coisa? Inclusive aceitar, se eu quisesse beijar outra pessoa?

— Não se engane. Vou assistir a tudo com fome e me banquetear com sua excitação. Mas quando estiver satisfeita, vou estar lá enfiando o pau na sua

boceta gostosa, te possuindo até apagar todos os vestígios de outras mãos no seu corpo. Até se lembrar de que sou *eu* quem você mais deseja. Quem sempre dá o que você precisa. Até você se lembrar que é minha novamente.

Grande Divino.

— E aí, o que vai ser, Pintassilgo? — ele ronrona em meu ouvido. — O que vai ser?

Palavras inocentes. Significado pervertido.

Meu peito arfa, meu corpo é percorrido por um milhão de arrepios. Meus pensamentos giram.

O que vai ser?

Eu me levanto devagar de seu colo e me viro. E, com o raio de luz entrando por aquela janela, eu me ajoelho. Bem ali, nas tábuas do espaço apertado do piso, entre suas coxas abertas.

Eu o encaro, olho no olho, verdade com verdade, e digo:

— Vai ser *você*.

Seus olhos brilham. As mãos se fecham ao lado do corpo, como se essa fosse a única maneira de não me tocar. Porque ele entende o que estou dizendo. E pela intensidade em sua expressão, também sabe que estou falando sério.

Sempre será ele.

Posicionada entre suas pernas, desamarro o cordão de sua calça e o tiro dos passantes. Eu o contemplo e, sentindo seu olhar me queimar, puxo. Ele levanta os quadris apenas o suficiente para eu puxar a calça para baixo, apenas o suficiente para eu ver um centímetro de pelos escuros.

Quando o encaro, ele assente.

— Vá em frente, Pintassilgo. Segura meu pau e pega o que é seu.

Estendo a mão e abaixo mais a frente de sua calça. Introduzo a mão na abertura, seguro seu membro e o puxo para fora.

Slade geme. Ergue com leveza os quadris na troca de posição mais sexy que já vi.

Ainda observando-o, seguro seu pau e afago, subo e desço a mão bem devagar. Uma vez. Duas. Três vezes.

— Saber que não se sente ameaçado por nenhuma dessas coisas que eu disse, que apoia qualquer decisão e desejo que eu tenha... Admito, é muito excitante — digo.

— É? — Slade pergunta, e se inclina para segurar meu queixo. — Me mostre.

Uma corrente elétrica percorre meu corpo de imediato, iluminando todos os caminhos para o meu centro. Quando está desse jeito, quando me mostra esse desejo implacável, ele se espalha por mim como um incêndio, e tudo que quero fazer é queimar.

E quero que ele queime comigo.

Abaixo a cabeça e toco com a língua a gota cintilante na ponta do membro. Minhas papilas gustativas reagem ao sabor de seu almíscar, a língua provoca dançando em volta da extremidade. Lambendo. Molhando. Provocando até ele saltar na minha mão.

— Hum, você quer brincar?

Em resposta, e talvez só para pegá-lo desprevenido, de repente abro a boca e chupo a cabeça de seu pau. Ele geme por entre os dentes, e eu abaixo a cabeça, tentando descer, tentando levá-lo o mais fundo que conseguir.

Mas ele é grosso. Comprido. E está muito duro. Meu maxilar se ajusta, relaxa enquanto movo a cabeça para cima e para baixo, tentando ir um pouco mais fundo a cada descida.

— Essa sua boca é perfeitamente indecente — ele comenta ao deslizar as mãos por meu cabelo e segurar minha trança. — Deixe-me ver — continua. — Boca aberta. Língua para fora.

Recuo um pouco e abro a boca para atender ao pedido. Estendo e abaixo a língua o máximo que posso. Sua mão desce e cobre a minha na base do seu pênis.

— Isso. Olha só — ele pontua, batendo com a cabeça do membro na minha língua. — Língua safada. Lábios macios. E você aqui, ajoelhada entre as minhas pernas e olhando para o meu pau. Você é uma garota bem safada.

A excitação provocada por suas palavras se acumula em meu ventre, uma abundância de desejo para eu consumir.

Ele remove a mão e me deixa segurá-lo de novo.

— Quero que dê um tapinha na minha coxa se for demais, ok?

— Não vai ser — respondo, depressa.

Slade sorri.

— Não me tente. É melhor não ultrapassar seus limites enquanto estivermos em uma carruagem em movimento.

Engulo em seco e me pergunto a que *limites* exatamente ele se refere.

Antes que eu possa perguntar, dedos agarram meu cabelo, e ele abaixa minha cabeça. Eu me deixo levar, sem oferecer resistência, abrindo a boca para devorá-lo novamente. Mas, desta vez, a mão dele está na minha cabeça, me guiando.

Ele começa devagar.

Espera eu me acostumar com sua espessura, feliz por me deixar lamber e deslizar a língua em torno da parte inferior do seu membro, subindo e descendo, ao passo que minha mão ainda segura a base do pênis.

Mas, quando subo e paro por muito tempo no topo, ele me empurra de volta para baixo.

— Mais fundo desta vez, Auren.

Relaxo o maxilar. Abaixo a cabeça. E ele me empurra cada vez mais até que começo a sufocar. Ele me mantém ali por um momento, e talvez seja um teste, mas não bato em sua coxa. Quero fazer isso por ele. Posso estar ajoelhada, mas há poder aqui nesta posição, com ele em minha boca, na minha mão. Muito poder.

Ele puxa minha cabeça para trás e me deixa respirar um pouco antes de colocar o pau de volta na minha boca.

— Relaxe a garganta, amor — murmura, com voz rouca. — Deixe eu te sentir me engolindo.

Supero a reação do corpo para sufocar ou engasgar, fazendo a garganta trabalhar em busca de tentar engolir como se morresse de sede.

E então a carruagem sacode, me joga para cima e me empurra para baixo com força, rapidez e violência, e o pênis chega ao fundo da minha garganta.

— Porra — ele murmura. Sua mão livre toca meu pescoço, e o polegar pressiona a garganta com suavidade e reverência. — Posso me sentir dentro de você, bem aqui.

Engulo novamente, as lágrimas escorrem dos olhos para o rosto, e a respiração interrompida estende meu peito.

Quando ele me puxa para cima, eu suspiro, respiro algumas vezes e não espero que ele me guie lentamente desta vez. Em vez disso, desço com vontade, chupando e me movendo tão depressa que um grunhido feroz brota de seu peito, e os dedos puxam meu cabelo com mais força.

E é então que ataco.

Com o punho fechado em volta da base, deixei meu ouro escorrer.

Ele verte em uma onda quente e derretida, metal líquido hedônico com que envolvo seu pau, espalho por todo o comprimento, cobrindo-o com um brilho escorregadio que faz Slade arquear as costas no banco.

— *Caralho...*

O ouro verte e o reveste como óleo, até que ele praticamente me arranca do chão. Eu me inclino sobre ele, observando a expressão selvagem e feroz em seu rosto, os olhos passando do verde ao preto.

— Essa foi uma maneira *muito* perversa de usar seu toque de ouro — ele comenta, e abaixa minha calça até que ela se amontoe em volta dos tornozelos. Depois segura minha mão ainda molhada de ouro e a empurra contra minha saliência. Não contenho uma exclamação sufocada de espanto.

Com a umidade que já se acumula ali, o líquido que verte da palma da minha mão me deixa tão escorregadia, que quase caio de volta no banco.

— É isso — ele canta. — Agora senta no meu pau. E quero você virada para fora. Quero que olhe pela janela. Quero que veja todas aquelas pessoas lá fora enquanto eu te fodo. Te faço minha.

Um gemido escapa dos meus lábios quando me viro. Slade agarra meu corpo trêmulo e me empurra para baixo. Dolorosamente devagar. A cabeça de seu pênis me abre, me estica, e ele avança centímetro por centímetro. Penetra cada vez mais fundo, tão lentamente que posso sentir cada pedacinho seu.

Slade afasta meus joelhos, me abre completamente, e então, pouco antes de se enterrar inteiro em mim, empurra com força aqueles centímetros finais, arrancando de mim um gemido de surpresa que ecoa nas paredes confinadas.

— Ai, Deusa...

Sua boca encosta no meu pescoço, aperta, respira, lambe. Uma das mãos sobe para agarrar um seio, mergulhar sob o tecido e torcer o mamilo, massageia a pele quente e pesada.

— Trepa comigo, Auren. Cavalga meu pau.

Apoio as mãos nos joelhos dele e começo a subir e descer, trêmula no início, com movimentos um pouco desajeitados. Mas ele segura minha cintura com firmeza, me ajuda a dar ritmo aos movimentos, e consigo estabelecer cadência. Inclino os quadris para que ele atinja aquele ponto dentro de mim.

O primeiro gemido escapa.

Olho para a janela. Para aquele raio de luz que entra pela fresta da cortina, para os corpos em movimento. Cabeças, pés, lojas, janelas.

Eles poderiam ver alguma coisa. Ouvir alguma coisa. Poderiam me ver fodendo com seu rei, ouvi-lo gemer meu nome enquanto eu me aproprio dele atrás dessas paredes finas como papel. Todos os rumores, todas as acusações de seduzi-lo por causa de sua magia parecem quase ridículos nesse momento.

Porque ele me seduziu completamente.

— Você está olhando, amor? — ele murmura. — Está vendo todas aquelas pessoas lá fora enquanto dá pra mim? Enquanto fazemos *toda* essa putaria bem aqui, onde todos podem ver? — Ele me penetra com força de baixo para cima, e juro, é como se um raio de prazer me atingisse.

Solto um gemido. Muito alto.

— *Slade...*

— Shh, Pintassilgo — ele diz, e cobre minha boca com a mão.

Arqueio as costas e mordo seu dedo.

Eu preciso. Preciso tão intensamente que meu corpo sobe, meus olhos observam. Minhas pernas se movem mais rápido para cima e para baixo, os movimentos ficam mais intensos, e persigo o pico que continua subindo cada vez mais.

— Não faça barulho — ele ronrona, embora pareça um desafio. Como se quisesse me ouvir *gritar*.

E deve querer, porque a outra mão desce até meu clitóris dolorido e começa a massagear, acompanhando o ritmo da nossa foda.

Estamos fazendo barulho. Muito barulho.

Sua cabeça bate na parede atrás de si. Meus gemidos ficam mais altos. Minha bunda bate em suas coxas com um barulho ardido de aplausos, e não me importo.

Não me importo se virem, se ouvirem.

Na verdade, *gosto* disso. Da adrenalina. Do *"e se"*. Da vulgaridade dessa trepada selvagem. Como se fosse um segredo pervertido prestes a ser revelado.

— Posso sentir sua boceta pulsando — ele sussurra. — Você quer gozar, amor?

Minha resposta é murmurada contra a palma de sua mão.

— *Sim...*

É uma resposta.

É um apelo.

— Quero que essa sua umidade molhe meu pau. Quero que sua boceta me aperte com tanta força que me faça gozar com você. E quero explodir dentro

de você até minha porra e seu ouro pingarem dessa boceta... — ele mete mais — ... quente... — e mais — ... e apertada.

Eu explodo.

Com seus quadris empurrando seu membro tão fundo dentro de mim que posso senti-lo em meu ventre, explodo em chamas e êxtase. Meu orgasmo é trêmulo e envolvente, um espasmo que domina o corpo todo e me faz gritar contra sua mão.

Sinto a penetração contraída, e então ouço um gemido erótico quando ele transborda dentro de mim, entregando sua promessa molhada.

Perfeição.

Pura perfeição em sua sedução pervertida.

Quando meu orgasmo perde a força, desabo contra seu peito, e ele me segura ali em seu colo. Ofegamos juntos.

E nesse momento percebo que aqueles homens no mercado... eles não estavam errados.

Pulei de um rei para outro — de um homem para outro. Mas a diferença?

Desta vez, realmente escolhi direito.

51

AUREN

Quando chegamos ao Colina da Fenda, descobrimos que os outros já voltaram, pois aparentemente Slade mandou o condutor nos levar pelo caminho mais longo.

Não é a primeira vez que ele faz isso comigo. Definitivamente, também me levou pelo percurso mais longo em nossa jornada para o Quinto Reino.

O lado positivo? Não precisei explicar por que estava toda desarrumada. Nem todo esforço para me pentear com os dedos ou agir com naturalidade disfarçaria meu cabelo desgrenhado ou o rubor brilhoso em meu rosto.

Tomei o banho mais demorado e quente que pude, e saí cheirando a jasmim e favos de mel. Depois, Slade me sentou na cadeira perto da janela e escovou meu cabelo com movimentos suaves e lânguidos.

Isso me fez querer deitar e ronronar.

Agora, com uma trança simples sobre as costas e mechas soltas emoldurando o rosto, escolho um dos vestidos que compramos na cidade. Pode não ter sido feito sob medida, mas cabe, e a cor me faz lembrar nuvens de tempestade.

Eu o visto pela cabeça. O decote quadrado exibe apenas uma insinuação de colo, e o tecido drapeado se estica sobre os seios. Logo abaixo, a saia de camadas cinzentas desce até os tornozelos, e as mangas são apenas dobras de tecido muito fino caindo dos ombros. É simples, mas bonito, e muito mais confortável do que qualquer coisa que eu tenha usado no Quinto Reino.

Slade sai do quarto de vestir fechando o botão no punho da camisa, preta como sempre, mas com grossos fios marrons pespontando as costuras dos

ombros e botões de metal adornando a frente. A camisa foi posta para dentro da calça preta que abraça *com perfeição* o membro e as coxas. Com botas e o casaco formal que veste, ele parece intimidante e sexy, com o cabelo ainda levemente úmido do banho.

Seu olhar desce a partir do meu rosto e sobe novamente, e ele passa um braço em volta da minha cintura e me puxa para perto. Os lábios tocam o topo da minha cabeça.

— Você está linda.

— Você também — respondo quando ele se afasta.

Slade põe a mão no bolso, pega a pulseira delicada que comprou no mercado e a coloca no meu punho.

— Você devia dourar isso assim que puder — sugere.

— Por quê? — pergunto, curiosa, dedilhando a pedra escura.

— Você não pode criar ouro novo durante a noite, mas ainda pode invocá-lo. E sempre quero que tenha um pouco dele com você para se proteger.

Eu sorrio.

— Bem pensado.

Ele enrola uma mecha do meu cabelo no dedo e puxa com delicadeza, mirando meus olhos.

— Está pronta para esse jantar?

Meus dedos se entrelaçam e contorcem. Na verdade, não, mas Slade e eu discutimos em detalhe sobre como lidar com Manu quando surgirem determinados assuntos. Ainda assim, é estressante, especialmente porque sei o que eles querem.

Em vez de expressar essas preocupações, declaro:

— Participei regularmente dos bastidores de muitas negociações políticas.

— Mas você não vai ser uma peça decorativa nem vai ficar em segundo plano. Vai estar ao meu lado.

Isso me intimida e encoraja ao mesmo tempo.

— O que acha que Manu vai dizer?

Slade dá de ombros.

— Ele é conselheiro da irmã. Tudo o que disser hoje à noite será um esforço político para fortalecer a posição de Kaila. Será interessante ver que ângulo eles escolhem para jogar.

— Estão me convocando para uma Assembleia. Eu diria que o ângulo escolhido é que me odeiam.

— Isso não tem nada a ver com ódio — Slade responde. — Quando os monarcas deste mundo jogam, e estou incluído nisso, tudo é questão de estratégia. Não há sentimentos envolvidos, trata-se apenas de poder. Como conquistá-lo, como mantê-lo, como conseguir mais. E, acima de tudo, garantir que outros não tenham mais poder do que eles.

— Como o boato sobre eu roubar a magia de Midas — resmungo.

— Isso.

— Esses esquemas políticos são exaustivos.

— Podem ser, sim — ele concorda. — Mas ser rei era a única maneira de garantir a proteção de Poçomorto, e assumir o Quinto Reino não era viável na época. Além disso, odeio o frio.

Dou risada.

— Vamos? — ele pergunta, e me oferece o braço.

Pego as luvas novas dos pés da cama e as calço, antes de apoiar a mão na curva de seu braço.

Juntos, saímos de seus aposentos e descemos a escada rumo ao andar de baixo. Uso a mão livre para segurar o corrimão curvo. As solas planas dos meus sapatos tocam silenciosamente o piso de cerâmica quando atravessamos o hall e nos dirigimos para a parte de trás do castelo, onde o espaço se estreita para um corredor. Lambris de madeira escura sobem até a metade das paredes, cada um esculpido em um quadrado perfeitamente simétrico e preso ao papel de parede verde-folha acima dele.

Slade me conduz além da escultura de ferro na parede à minha esquerda, uma árvore retorcida cujas raízes descem como se desaparecessem nos painéis de madeira.

— Senhor. — O guarda de plantão na porta acena com a cabeça para Slade quando nos aproximamos.

— O embaixador do Terceiro já desceu?

O guarda balança a cabeça.

— Ainda não, Majestade. Permanece em seus aposentos.

— Bom.

A porta é aberta rapidamente para nós, e noto que a sala de jantar tem os mesmos lambris, embora o papel de parede aqui seja verde-escuro, recortado por janelas altas e pontiagudas. Meus olhos se voltam no mesmo momento para o lustre de madeira pendurado no centro da sala. Tem pelo menos três metros de largura, e dá a impressão de que a copa de uma árvore foi cortada e

virada de cabeça para baixo. Um toco de árvore polido e suspenso no teto é a origem de ramos que se abrem como um dossel perfeito. Cada centímetro da madeira foi lixado, destituído há muito tempo de folhas e casca, deixando à vista a madeira bruta com seus anéis e nós. Pequenas lanternas do tamanho da minha mão pendem dos galhos, pelo menos quatro dúzias delas penduradas em alturas diferentes, lançando luz quente na mesa abaixo.

Há três pessoas sentadas à mesa de jantar, que baixam a voz quando entramos. Todavia, quando erguem a cabeça e identificam os recém-chegados, ficam em pé imediatamente e sorriem.

— Você está de volta — uma voz profunda de barítono cumprimenta.

Slade sorri quando um homem se aproxima para nos receber. Sua pele é marrom-escura, e os olhos de um rico tom sépia se enrugam nos cantos quando ele sorri. Há reflexos prateados em seu cabelo curto, e ele veste uma roupa semelhante à de Slade.

— Que bom ver você, Warken.

O homem dá um tapinha no ombro de Slade.

— Igualmente. Já estávamos pensando que tinha finalmente desistido e decidido pendurar a coroa para sempre.

— Não me tente — Slade responde, com um sorriso. — Vocês sabem que todos fariam um trabalho muito melhor do que eu.

— Para a política, sim, mas sua ameaça de podridão é eficaz — uma voz feminina comenta.

A mulher que estava sentada ao lado de Warken se aproxima, e sua pele retinta brilha lindamente à luz das lanternas. O vestido vermelho-rubi envolve a silhueta cheia e quase cobre os pés. O cabelo cacheado toca os ombros e misturam preto e prata.

— Ficamos sabendo que você já esteve na cidade antes mesmo de vir cumprimentar — ela observa, com um tom de reprimenda e carinho, pouco antes de dar um abraço em Slade.

— Queria adiar isto um pouco mais — ele responde.

A terceira pessoa da mesa também se aproxima, mas esta mulher é bem mais jovem, embora muito parecida com a mulher mais velha, seu rosto ainda suavizado pela juventude e iluminado por um vibrante brilho bronzeado. Ela é curvilínea e bonita, e exibe a mesma simpatia da outra mulher.

— Até que enfim — ela brinca ao se aproximar, justamente no momento em que seus olhos castanhos se voltam para mim com curiosidade.

Slade olha para mim.

— Pessoal, esta é Auren, como contei em minhas cartas. Auren, estes são Warken e Isalee Streah, e a filha deles, Cevada. Warken e Isalee são meus premiês. Estão sempre no comando do reino enquanto estou fora. Atuam como os únicos guardiões do Quarto e garantem que tudo seja resolvido na minha ausência... e na minha presença — ele acrescenta, com um sorriso malicioso. — São governantes muito melhores que eu. Eu me sento no trono, mas eles fazem todo o trabalho pesado.

— Só porque ele odeia — Warken completa, com uma risada. — Não tem jeito para a política e os procedimentos adequados. É aí que entramos.

Slade dá de ombros e não nega nada.

— É um prazer conhecer todos vocês — digo, com um sorriso.

— Grande Divino, você é ainda mais bonita do que ele descreveu — Isalee, a mulher mais velha, elogia ao se aproximar. Suas mãos delicadas seguram as minhas, e ela sorri para mim.

— Descreveu? — pergunto, fitando-o.

— Ele disse que tinha uma nova cor favorita, dourado — ela revela, com um sorriso. — E posso ver por quê.

Minhas bochechas esquentam.

— É bem melhor que marrom-podre e verde-mofo — Cevada brinca.

Dou risada, e Isalee se afasta para deixar Warken apertar minha mão.

— Se você enjoar dele, temos dois filhos — ele me diz, com um brilho debochado nos olhos.

— Pai. — Cevada revira os olhos. — Você não pode continuar tentando casar meus irmãos toda vez que conhece alguém.

Warken suspira.

— Vou estar morto e enterrado antes que qualquer um de vocês tenha filhos.

— Você só tem cinquenta anos. Você está bem — ela retruca. — Além disso, Des prefere homens na maior parte do tempo e está sempre ocupado na cervejaria.

Arregalo os olhos.

— Espera aí... — Olho para eles, e os pensamentos se encaixam conforme me lembro de uma coisa.

Minha família tem uma cervejaria no Quarto. Mas até que me dei bem. O nome do meu irmão mais velho é Destilado. Sujeito azarado. Mas temos inveja de nossa

irmã, Cevada. Ela ficou com o melhor nome.

— Vocês são parentes do Tonel! — deduzo, entusiasmada. Agora que entendi o cenário, consigo ver a familiaridade nos traços, embora ele seja mais parecido com o pai: posso ver nos olhos deles.

— Você conhece nosso filho? — Isalee pergunta, com tom carinhoso.

— Quando perguntei sobre o nome, ele disse que vocês eram donos de uma cervejaria. — Olho para a irmã de Tonel. — Ele disse que você ficou com o melhor nome dentre os três irmãos.

Todos riem, e Cevada sorri com uma pitada de satisfação.

— E é verdade.

— O pai deles escolheu os nomes — Isalee explica, revirando os olhos, mas sorrindo afetuosa para o marido.

Warken apenas permanece no lugar, completamente satisfeito consigo mesmo.

— Minha família é proprietária da cervejaria há gerações. Achei que seria apropriado.

— Você também é dono da maior parte das terras no Quarto. E administra o comércio de especiarias mais bem-sucedido. Além das casas de banho. E dos moinhos de água. Poderia ter nos dado o nome de qualquer uma dessas coisas — Cevada diz. — Não que eu esteja reclamando, porque fiquei *mesmo* com o melhor nome.

— A cervejaria é minha favorita. — Inclinando-se para mim, ele diz: — É *muito* lucrativa.

— Wark — a esposa interrompe. — Não é educado falar sobre dinheiro.

Meus lábios se curvam.

— Eu sou de ouro. Está tudo bem.

Warken ri.

— Ah, gosto de você — observa, apontando um dedo para mim. — Então, me diga, como está o nosso Tonel? Sabia que era para ele entrar na política com o restante da família?

— Sim, e se recusou. Era o mais esperto do grupo — Cevada opina.

Warken aponta o polegar para Slade.

— Em vez disso, ele se juntou ao exército *deste* homem e decidiu que, em vez de fazer jogos de poder e comandar delegações, preferia cozinhar.

— Bom... a gororoba que ele faz é muito boa — brinco. — É o melhor cozinheiro do exército, se quer saber minha opinião.

— Então vocês dois se conheceram bem? — Isalee pergunta.

Confirmo com um movimento de cabeça.

— Sim. Ele foi muito gentil comigo desde o início. E me alimentou, o que fez dele um favorito instantâneo.

— Bem, vamos alimentá-la também — ela responde, animada. — Temos petiscos para antes do jantar oficial. — Seus olhos escuros se voltam para Slade. — E precisamos conversar antes da chegada do conselheiro do Terceiro.

Todos se sentam à mesa, e Slade puxa uma cadeira para mim ao seu lado. Warken, Isalee e Cevada sentam-se à nossa frente, deixando vago o assento na cabeceira da mesa.

— Você não deveria estar sentado ali? — pergunto quando Slade se acomoda ao meu lado.

— Prefiro ficar perto de você — ele admite, com uma piscadinha.

— Ele também gosta de joguinhos mentais. — Warken ri. — Colocar Manu ali é uma artimanha para surpreendê-lo com um gesto inesperado e colocá-lo um pouco mais na berlinda.

A mesa é uma placa grossa de madeira tão escura que chega a ser quase preta, com bordas rústicas exibindo os veios e acabamento irregular. Já há pratinhos sobre ela, junto a talheres reluzentes e cálices de madeira, e Slade me serve um pouco de pão fresco e vinho antes de servir a si mesmo.

Assim que estamos todos acomodados e dei a primeira mordida, Slade os fita.

— Muito bem. Expliquem tudo.

Isalee repousa a caneca sobre a mesa e assente.

— Desde que você partiu com o exército na jornada para o Quinto, cuidamos dos reparos no posto avançado em Cliffhelm e rendemos os soldados que estavam lá. É claro que, quando a remessa de suprimentos não chegou, enviamos uma carga reserva que deve chegar lá em uma semana. E como sabe, temos novos recrutas no exército que estão no campo de treinamento em Farncroft.

— Ótimo — Slade replica. — E as minas?

É Warken quem responde:

— Encontraram outro bolsão muito produtivo há três semanas. Estamos trabalhando na região e renovando com frequência os trabalhadores no local. Isso mantém o moral elevado com aumentos salariais para os que trabalham na extração de petróleo das fendas.

— E as montanhas do norte?

— O cronograma está adiantado para os depósitos de minerais; aquele veio teve uma extração incrivelmente fácil. Estamos trabalhando depressa a fim de nos prepararmos para possíveis conflitos com os outros reinos — Warken explica, esfregando a mão no queixo, pensativo. — Então as reservas aumentaram. Temos fundos suficientes para cumprir o que precisa ser feito em relação a armas, novos arsenais e estoque de alimentos.

— Mas é aí que mora o problema — Cevada acrescenta, encarando Slade. — Acabamos de receber notícias de mais um dos nossos portos. As importações desaceleraram.

— De onde?

— Do Terceiro Reino.

Ao meu lado, o corpo de Slade fica tenso.

— Quantas remessas chegaram?

Cevada troca um olhar com a mãe antes de responder.

— Três.

Ele recua fisicamente.

— *Três*? — Seus olhos percorrem a mesa. — Como isso é possível? Sei que vocês enviaram uma mensagem sobre a remessa de suprimentos para Cliffhelm ter sido sabotada, aparentemente, mas isso...

— Até onde conseguimos dizer — Warken começa, com uma expressão sombria —, este não é mais um incidente isolado. Não é mais sabotagem de uma remessa. O Terceiro Reino parece ter desacelerado drasticamente as nossas importações.

Slade segura a faca de manteiga como se imaginasse esfaquear o olho de alguém com o utensílio.

— Então, esse é o jogo deles. Podemos extrair todas as rochas e pedras preciosas do mundo para pagar as importações de que nosso reino necessita, mas não vai adiantar nada se os acordos comerciais em vigor não forem honrados.

As notícias são preocupantes.

— Os três navios que *chegaram*... por que eles não os bloquearam? — pergunto.

— Os três fizeram viagens longas — Isalee explica. — Um deles quase naufragou em uma tempestade, ficou ancorado na fronteira do nosso território por um tempo enquanto os reparos eram feitos. Os outros dois estavam fora

havia semanas, carregando e descarregando ao longo da rota comercial. Acreditamos que os três navios só atracaram em nosso porto porque não foram encontrados nesse esforço para nos isolar.

— O que havia nos navios? — Slade pergunta.

— Um transportava grãos, o outro, carne salgada, e no terceiro havia tecidos.

O silêncio se prolonga por um momento, enquanto Slade absorve as informações, e a sensação desconfortável em meu estômago aumenta e se espalha.

— Então estão excluindo o Quarto — concluo, em voz baixa.

Warken assente, sério.

As linhas de poder se agitam sob a pele do pescoço de Slade e se escondem sob a barba.

— Desgraçados de merda.

— Eles estão jogando — Isalee comenta. — A Rainha Kaila é ardilosa e se move rápido. Sabíamos que a viagem dela para o Quinto era um jogo de poder. Ela teve de se adaptar. Agora, depois do que aconteceu com o Rei Midas e o Príncipe Niven, ela está promovendo a narrativa de que o Quarto está abrigando uma traidora.

Engulo em seco.

— Eu.

Isalee abaixa a cabeça.

— Só para fins de esclarecimento, não roubei a magia de Midas e não estou aqui para roubar a de Slade.

— Ah, você não precisa se preocupar — Warken me garante. — Slade não confia em muitas pessoas, então, quando confia, sabemos que são mesmo confiáveis. Isso inclui você.

O elogio aquece meu peito e faz um pouco da ansiedade desaparecer de cima dos meus ombros.

— Os outros reinos farão o possível para divulgar essa versão sobre você ao público, então precisamos fornecer uma diferente — Isalee sugere. — Por isso acho que foi bom você ir à cidade e ser vista.

— Exatamente — Cevada acrescenta. — Saia e mostre a eles que você não é uma mulher desonesta. *Você* é vítima do Rei Midas, não o contrário. Precisamos revelar a verdade às pessoas e lhes dar um motivo para te apoiar.

— Acha que isso vai funcionar? — pergunto, com cautela.

— Já começamos a divulgação. No mínimo, vai fazer as pessoas pararem para pensar, em vez de apenas aceitarem o que lhes é empurrado goela abaixo — Isalee avalia.

Olho para Slade e assinto.

— Enquanto isso — Isalee continua, encarando Slade —, a Rainha Kaila está pressionando o Quarto para... *incentivar* Lady Auren a comparecer à Assembleia.

— É uma jogada ousada, considerando que compartilhamos uma fronteira — Slade reflete. — Devo admitir, não esperava que ela interrompesse as importações. O Terceiro normalmente é muito apegado à riqueza que nossas minas proporcionam a eles. Suponho que já tenham interrompido nossas exportações para eles?

— Claro — Isalee diz, com um aceno de cabeça.

— Mas nossas reservas... estão cheias?

Cevada termina de beber um gole de sua caneca.

— Nossos estoques estão muito saudáveis. Estávamos nos preparando para uma guerra com o Quinto ou Sexto Reino. Com ajustes, podemos lidar com o Terceiro e a suspensão de suas remessas.

— Muito bem — Slade replica. — O exército deve chegar à capital em breve e, quando isso acontecer, vamos oferecer licença remunerada para aqueles que se voluntariarem para aumentar nossa própria produção de alimentos. — Seus olhos se movem entre eles. — Vocês são donos da maior parte das terras cultiváveis. Podem vender suas colheitas para o reino?

— Já vendemos — Warken responde. — E, se enviaremos mais trabalhadores, conseguiremos produzir a safra deste ano antes do esperado.

— Ótimo. Vamos mandar voluntários a todas as fronteiras do Quarto. Não temos muitas terras boas para cultivo, mas com certeza podemos pescar, tanto nos rios quanto nos oceanos.

Os três assentem.

— Está quase na hora do conselheiro chegar para o jantar — Isalee pontua. — E eu, pelo menos, estou muito interessada em ver como o Terceiro Reino planeja te influenciar.

A expressão de Slade endurece.

— Eles podem ir para o inferno. Não vou mandar Auren para a porra de uma Assembleia.

Sua resposta grunhida faz minha nuca arrepiar.

— É claro que não — a mulher responde, tranquila. — Vamos falar com ele. Estou certa de que existe uma via política de negociação para sairmos desta situação sem chegar à fome ou à guerra. Só precisamos encontrá-la.

— Esperamos que sim — Slade responde, sério, com as raízes se espalhando pelo dorso das mãos como teias se formando para enredá-las. — Para o bem *deles*.

52

AUREN

Quando a porta espessa é aberta, vejo Manu Ioana entrar na sala. Ele analisa ao redor antes de se voltar para um homem que deve ser seu guarda, dispensando-o. Assim que a porta se fecha atrás de si, Manu se aproxima e todos nos levantamos.

Seu cabelo preto está preso na nuca, as mangas da camisa azul-escura farfalham quando ele anda. O tecido é brilhante e, sob a iluminação, dá a impressão de que os primeiros raios fracos da luz do amanhecer atingem a superfície da água.

As batidas de suas botas combinam com as do meu coração, porque, por mais que eu tenha gostado de Manu quando o conheci em Ranhold, agora a irmã dele pensa que estou roubando magia e quer que eu enfrente algum tipo de julgamento formal.

— Rei Ravinger — Manu saúda quando para diante de nós. Slade não se pronuncia, apenas inclina a cabeça.

Seus penetrantes olhos castanhos estudam os outros presentes.

— Ah, vocês devem ser os Streah — ele os cumprimenta. — É um prazer associar rostos aos nomes que assinam a correspondência.

— Igualmente — Warken responde.

Slade aponta para a cabeceira da mesa.

— Por favor, sente-se.

Manu hesita ao perceber que pretendemos que ele ocupe a cabeceira da mesa, mas quando se dá conta de que observo seu dilema interior, ele lança uma piscadela para mim antes de se sentar na cadeira.

Acho que os criados do castelo estavam espiando pelas frestas da porta no fundo da sala, porque, assim que todos nos sentamos de novo, eles aparecem com pratos cheios de comida. Carne fumegante salpicada de ervas, uma espécie de purê com molho amanteigado e tubérculos são servidos com perfeita precisão nos pratos colocados diante de nós.

— Obrigada — digo à mulher que me serve.

Iniciamos a refeição, e os primeiros dez minutos do jantar são uma mentira.

É um período repleto de amenidades e assuntos triviais, enquanto empurro a comida pelo prato com o garfo e ouço Warken e Isalee instigarem a conversa com Manu com uma troca descontraída.

Slade, no entanto, mantém-se em silêncio. Atento. Isso torna sua presença muito mais intimidante, mas tenho a sensação de que essa é a intenção dele.

Estou prestes a levar um pedaço de carne à boca, quando a atenção de Manu se volta para mim.

— Lady Auren. Preciso confessar: ver você agora em comparação com aquele primeiro jantar é uma grande mudança. Para melhor, acredito.

Não sei exatamente como responder, então digo apenas:

— Sim.

— Não que eu não tenha gostado de ouvir você tocando harpa — ele acrescenta, com um sorriso.

— Abandonei esse instrumento, na verdade.

Manu me encara.

— Imagino que sim, Boneca, e não a condeno nem um pouco.

Meu coração dispara, e olho de soslaio para Slade, mas ele ainda observa Manu com atenção inabalável, a expressão fechada.

— O jantar está delicioso — ele elogia, molhando o pão em um pouco de molho. — Muito melhor que aquela cola açucarada que o Quinto Reino parece apreciar tanto.

— É verdade — Slade concorda, falando pela primeira vez. — E, ainda assim, sua irmã rainha decidiu romper nosso acordo comercial e desacelerar nossas importações. Isso não me agrada.

O silêncio guincha com a ponta do garfo de Manu raspando no prato.

Um segundo se passa. Dois, três, quatro.

A pausa é devoradora, consome o espaço entre todos nós e deixa o ar inchado e desconfortável.

Manu pousa os talheres. Depois, cessa a atitude simpática. No intervalo de um segundo, ele passa de convidado agradável a conselheiro real. E é muito diferente daquele primeiro jantar quando o conheci. As piadas descontraídas, a camaradagem quase contagiante. A Rainha Kaila é uma força, alguém com quem sempre se deve ter cuidado com as palavras. Mas me pergunto se todos, inclusive eu, subestimaram o irmão dela, e se é exatamente isso que ele quer.

— Muito bem, Rei Ravinger, vejo que chegamos à parte séria da discussão. Porém, agradeço por ter me deixado terminar de comer a maior parte do meu jantar primeiro.

— Talvez eu não devesse, considerando que seu reino não demonstra a mesma cortesia ao meu povo.

Merda.

Encaro Slade, quase congelando com a frieza de seu tom. Manu não parece nem um pouco perturbado. Porém, suponho que ser conselheiro de uma rainha significa que ele precise enfrentar muitas conversas difíceis e treinar para não reagir. Eu gostaria de ter a mesma habilidade para manter emoções e pensamentos longe de minhas feições.

Manu não morde a isca. Ele une os dedos diante de si e encara Slade com calma.

— Você não respondeu à mensagem da rainha. Ela está tentando chamar sua atenção.

— E que mensagem seria essa? — Slade responde, com um tom ameno. — Seriam as exigências ou as ameaças? Porque posso lhe dizer agora: não tolero nenhuma das duas.

É um desafio.

Uma sabatina.

Uma declaração contundente para atingir o Terceiro Reino.

Manu franze a testa.

— A verdade é que Vossa Majestade está abrigando uma traidora e assassina. — Manu não olha para mim ao dizê-lo.

— Suas alegações são de que Lady Auren matou o Rei Midas — Slade responde. — E, no entanto, você não estava na sala quando ele morreu.

Manu olha para mim e de novo para Slade.

— Temos testemunhas que afirmam que ela roubou a magia do rei. Ficou evidente para todos naquela sala que o ouro não estava sob controle do rei.

Ouço o eco da minha pulsação nos ouvidos.

— Repito: você viu Lady Auren matá-lo? — Slade pressiona.

— Se vi ou não é irrelevante, porque esse é o ponto principal da Assembleia. Ela está sendo chamada ao Segundo Reino para ser julgada, e lá todas as evidências e todos os depoimentos de testemunhas serão levados em consideração — Manu explica.

— De qualquer maneira — Isalee interrompe —, não houve apenas uma morte pública e muito violenta de um membro da realeza. Foram *duas* naquela noite. O que está sendo feito em relação à morte do Príncipe Niven?

Manu se volta para ela.

— Lady Auren também será investigada por sua morte.

Meus olhos se arregalam.

Um grunhido sai do peito de Slade.

— Você sabe tão bem quanto eu que ela não teve nada a ver com a morte de Niven. Na verdade, a pessoa que deveria ser julgada pela morte do príncipe também morreu logo depois.

— Então, está insinuando que o Rei Midas matou o príncipe? — Manu pergunta.

— É claro que estou. Assim como estou insinuando que ele teve participação na morte do Rei Fulke também. No entanto, nunca foi suspeito de nada.

— Sim, é bastante suspeito — Warken observa.

— É exatamente por isso que você deve levá-la à Assembleia — Manu responde. — Você estará lá para participar do conselho e responder a qualquer esclarecimento, e poderemos interrogá-la adequadamente.

Warken arqueia uma sobrancelha.

— De certo, você não pretende forçar o Rei Ravinger a comparecer à Assembleia com esse truque para que possam *interrogá-lo* também.

— Não tem truque nenhum. Mas o público acredita que Lady Auren seduziu o Rei Ravinger para convencê-lo a apodrecer o príncipe. — Manu olha para Slade. — Sua explicação detalhada pode ser útil para esclarecer a opinião pública.

Cevada começa a rir.

— Esse *público* acredita nisso porque a Rainha Kaila alimentou essa narrativa.

— Minha irmã fez o que podia para manter o Quinto estável depois de um acontecimento tão horrível.

— Sim, não há dúvida de que todos vocês se esforçaram para coroar o novo rei do Quinto — Isalee pontua.

Sua declaração é cortante.

Manu sorri para ela.

— A verdade é que temos dois monarcas mortos, e o povo exige respostas. *Temos* de convocar uma Assembleia. — Ele olha para Slade. — É por isso que estou aqui, para convidar formalmente você e Lady Auren a comparecerem.

Slade se inclina para a frente, e seu poder se contorce sob a pele.

— Nós *recusamos* o convite.

A primeira demonstração de emoção aparece nos lábios comprimidos de Manu, um sinal nítido de frustração.

— Tenho certeza de que gostaria de se negar a comparecer, Rei Ravinger, mas um rei está morto por causa do que aconteceu naquela noite em Ranhold. Sabe tão bem quanto eu que a situação exige isso.

— E, no entanto, como apontou minha premiê, não houve julgamento quando o Rei Fulke foi morto.

A expressão de Manu me indica que esta é a última coisa que ele queria que Slade mencionasse. Ele disfarça bem, com um sorriso sarcástico.

— A morte do Rei Fulke, embora também tenha sido trágica, foi completamente diferente. Ele foi traído pelo próprio povo. O homem que o matou já foi condenado à morte por seus crimes.

— Foi o que disse o rei que só tinha a ganhar com a morte de Fulke.

Manu ri.

— Francamente, Ravinger. O Rei Midas era um aliado de longa data do Rei Fulke.

Slade o encara, indiferente.

— Aliados se voltam uns contra os outros o tempo todo. Não é?

Outra pergunta incisiva.

Manu exibe um sorriso que, de alguma forma, é totalmente subtraído de qualquer coisa agradável.

— Posso ver que não teremos nenhum tipo de diálogo saudável esta noite, Majestade, então permita-me dizer isto sem rodeios. — Manu enfia a mão no bolso e pega um pergaminho, que entrega ao rei. Quando Slade não abre a mensagem, Manu completa: — Está tudo bem claro aí. O Primeiro e Segundo Reinos estão de acordo conosco. Lady Auren deve ser levada a julgamento.

— E eu já disse: recusamos o convite.

— Eu pensaria melhor a respeito, Rei Ravinger — ele responde, apontando o pergaminho. — Porque, dependendo da sua resposta, o Primeiro e o Segundo Reinos também estão prontos para bloquear o comércio que entra em seu reino. Ambos sabemos que sua região, repleta de zonas úmidas e podridão, não consegue produzir a comida de que o seu povo necessita. Seu reino não pode sobreviver sem nós. Portanto, a menos que concorde em enviá-la, todos os acordos comerciais serão oficialmente suspensos.

Antes pensei que o silêncio da sala fosse devorador, mas este é totalmente *insaciável*. Ele se empanturra de nós, engole cada palavra, cada movimento, até que somos detidos por suas mordidas vorazes.

Warken é o primeiro a romper esse silêncio.

— Entendo. E os seus reinos estão preparados para viver sem as exportações do Quarto? Da última vez que verifiquei, o Terceiro em particular estava *muito* interessado em comprar mais direitos sobre nossos suprimentos de petróleo. Sem muita madeira para queimar em sua região, eles dependem do nosso petróleo para garantir oitenta por cento do óleo para as lanternas.

— Os monarcas decidiram que a justiça é muito mais importante.

Slade se levanta vagarosamente. O movimento na garganta de Manu é o único sinal de apreensão que transparece quando o rei apoia as mãos na mesa.

— Diga à sua irmã que ela não é a única que pode fazer um reino morrer de fome — ele praticamente rosna. — Vou apodrecer a terra dela do pântano até a praia, sem deixar nada vivo. Ou talvez eu simplesmente apodreça *você* aqui e agora, e realmente mande uma mensagem.

Estremeço ante a ameaça, observando as linhas pulsarem sob a pele de seu pescoço.

Manu empurra a própria cadeira para trás, e o som estridente me faz arrepiar.

— Posso ver que encerramos a conversa esta noite — ele retruca, com frieza. — Vou ficar aqui por uma semana, Rei Ravinger, e então, no sétimo dia, ouvirei sua resposta final. — Seu olhar se volta para os outros. — Sugiro que aconselhem seu rei com cuidado, em especial sobre as ameaças de apodrecer reinos inteiros. Todos sabemos que seu exército é o mais forte de Orea, mas agora também sabemos que seu exército está cansado depois de viajar até o Quinto e voltar. Será que um exército cansado, mesmo sob a direção do perverso Comandante Degola, pode derrotar outros *quatro* reinos? — Ele emite um ruído baixinho ao fitar Slade, alisando a camisa com as mãos, puxando o

azul luminescente que incha e ondula como a maré. — Tudo que pedimos é um julgamento justo, como é direito de nossas alianças unidas. Não seja tão rápido em declarar guerra ao restante de Orea, Rei Ravinger, e se tornar responsável por centenas de milhares de mortes. E lembre-se: você e sua podridão não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Os olhos de Manu me estudam por uma fração de segundo antes de ele se virar e sair, fechando a porta como o impacto de um maremoto que ameaça nos engolir inteiros.



Quando Slade conta tudo para Lu, Judd e Digby, depara-se com uma comoção de raiva contundente e ameaças. Exceto Dig, cuja reação não é xingar, mas franzir a testa.

— A desgraçada da Rainha Kaila. — Lu balança a cabeça, exibindo com mais nitidez o desenho da adaga raspada em seu cabelo sob a luz quente projetada pela lareira.

Estamos em uma sala onde nunca estive antes, no último andar, a poucas portas dos aposentos pessoais de Slade. Não há muito aqui além de uma grande mesa no centro e um pequeno bar à esquerda, com garrafas e taças prontas para quem quiser se servir. Vários copos são deixados sobre a mesa, amparados por mãos ou esquecidos.

— Quanto tempo? — Judd pergunta.

Slade sorve um longo gole antes de responder.

— Warken e Cevada fizeram os cálculos. Se implementarmos de imediato o racionamento em todo o reino, podemos manter o povo alimentado só com as reservas por cerca de quatro semanas, sem nenhuma importação.

Só um mês?

Encaro Slade, que mantém o cotovelo apoiado sobre a mesa e a mão no queixo, pensativo. Estou presa nesse desconforto persistente, em busca de entender como os monarcas podem justificar a decisão de fazer pessoas inocentes morrerem de fome. Lembro-me da vez em que passei pela cidade de Sinoalto — e entrei nas áreas carentes dos barracos. As dificuldades entalhadas em cada construção degradada, os trapos leves cobrindo os corpos magros das

pessoas. Só me deparei aquela única vez com as dificuldades das pessoas, em tamanha carência de recursos.

— Quatro semanas? — Judd assobia. — Bem, isso não é o ideal.

— Pensei que estariam muito apegados ao nosso petróleo e às pedras preciosas para fazer algo tão ousado — Lu acrescenta.

Slade bebe o conteúdo restante no copo.

— O moral cairá com o racionamento. E isso significa inquietação e aumento da criminalidade. Vamos precisar de mais patrulhas. Não é um pedido fácil de se fazer a um exército que retorna de semanas de viagem pelas Estéreis congeladas. — Ele balança a cabeça. — Podemos suportar um cerco de outro reino. Nosso exército pode vencer qualquer um que o enfrente em batalha. Mas não podemos vencer *todos* eles de uma vez. Não com os suprimentos de comida suspensos. Não com o exército já cansado.

— Estão atacando em nosso momento mais vulnerável — Lu continua. — E cortar nossa comida... É uma punição severa demais por não aceitar levar Auren para esse julgamento idiota.

— Estão com medo dela — Digby avalia. Quando todos olham em sua direção, o guarda dá de ombros. — Se acreditam mesmo nesses rumores, então pensam que ela pode roubar seus poderes também. Eles não querem isso.

— O que eles realmente não querem é fazer de mim um inimigo — Slade praticamente rosna. — A fome é muito mais lenta que o apodrecimento.

O suor frio forma gotas na minha pele, a ameaça sombria de suas palavras é como uma névoa pesada que me impede de enxergar e de respirar. Ao meu lado, sinto a tensão de Slade como um cordão amarrado entre seu peito e o meu. A linha esticada vibra, tensa, me prendendo com a pressão aumentada.

Um reino inteiro. O Quarto inteiro só pode viver de suas reservas por um mês, ou correm o risco de morrer de fome. E esse é só o povo de Slade. Se ele retaliar contra os outros reinos, não será apenas o Quarto que sofrerá as consequências, mas todo mundo.

— Slade...

— Não — ele retruca. — Nem pense nisso.

— Mas talvez eu deva ir. Não quero que seu povo sofra. Ou qualquer pessoa inocente.

Olhos verdes e cheios de raiva se voltam para mim.

— Você *não* vai.

Abaixo a cabeça sob o peso da culpa que recai em meus ombros.

Lu estende o braço e dá um tapinha no dorso da minha mão.

— Slade está certo, Douradinha. Esse é o pior plano. Não podemos ceder a ameaças e chantagens. O Quarto é forte, e Degola também. Os outros têm medo demais dele para sustentar qualquer coisa por muito tempo. Enquanto isso, vamos resolver essa situação, e ele vai retaliar apenas o suficiente para fazê-los recuar.

É isso que me preocupa.

53

OSRIK

O exército está cansado.

Tenho exigido muito deles na tentativa de dar o fora do Quinto. O objetivo era chegar a Cliffhelm. Como o posto avançado fica junto da nossa fronteira, eu planejava deixar o exército estocar suprimentos, descansar por alguns dias e depois percorrer o restante do caminho através do Quarto Reino em um ritmo mais lento.

Mas tudo isso foi à merda.

A remessa nunca chegou a Cliffhelm, então, em vez de permitir a recuperação, fui forçado a conduzir os soldados mais depressa do que esperava, porque faltavam muitos suprimentos.

Felizmente, o terreno muda muito mais à medida que avançamos pelo Quarto. O último trecho de neve está nas cabeças calvas das montanhas de minério. A poeira sobe em torno de suas bases, formando um halo, evidência do nosso pessoal trabalhando nas minas e extraindo pedras preciosas e óleo.

Antes que entrássemos na melhor parte do Quarto, onde a paisagem enfim tem árvores, vida selvagem e essas merdas, precisamos passar pela área de podridão. Já não me incomoda mais tanto, estou muito acostumado. Há podridão cercando toda a fronteira do Quarto, então passei por plantas podres e afundei em solo decomposto e doentio muitas e muitas vezes.

Essa podridão não agride só os olhos. Como chove muito aqui, a terra rachada e devastada *fede*. Com o clima mais quente e a decomposição perpétua alimentando-se do solo úmido, o ar cheira a carne rançosa e frutas mofadas.

É o cheiro de casa.

Isso proporcionou um dia de viagem horrível, e todos amarraram um pedaço de tecido grosso no rosto. Mas a podridão é uma ótima barreira para os inimigos. Ninguém quer atravessar esta merda, nem mesmo o nosso exército.

Assim que passamos pelo último trecho de terreno mole e mofado, deixo o exército parar a fim de descansar. Felizmente, a brisa está a nosso favor e sopra o mau cheiro na direção do vento. Mas ninguém está com muito apetite hoje à noite, para grande aborrecimento de Tonel, embora isso seja bom para nossos suprimentos cada vez mais escassos.

O acampamento está mais silencioso que o normal. Os tenentes vêm tentando manter o ânimo de todos, então a conversa sobre caçar carne fresca amanhã à noite é o curativo de que precisamos para cicatrizar o moral ferido.

Deixamos para trás a neve e a podridão e voltamos ao nosso próprio reino. Agora só temos de chegar ao Colina da Fenda — o castelo e a capital — e os soldados poderão finalmente fazer uma pausa e ir para casa, para suas famílias, depois de terem passado tantos meses fora. Definitivamente, um impulso para o moral.

Estou sentado perto de uma das grandes fogueiras com um grupo de soldados, ouvindo os flancos direito e esquerdo falando merda um com o outro, sem nem tentar reprimir meu sorriso.

— Judd e Lu ficariam orgulhosos — Ryatt diz ao meu lado. — A rivalidade entre eles está ficando mais forte.

— Boa maneira de passar o tempo.

Ryatt assente e olha para o grupo tocando música à nossa esquerda, para Tonel bem ali no meio deles. Atrás de nós, os cavalos estão pastando, e um pequeno aglomerado de árvores oferece abrigo às nossas costas.

Ao tomar um gole do péssimo vinho que Himinn me trouxe, penso em Rissa.

Tenho feito muito isso ultimamente.

Ela me beijou, porra. Já faz semanas, mas, desde então, tenho me sentido um animal no cabresto. Senti seu cheiro, provei sua boca, e toda vez que estou perto dela, ou mesmo quando não estou, penso em agarrar sua bunda exuberante, empurrá-la contra a árvore mais próxima e meter nela até acabar com aquele temperamento horroroso.

Mas ela ainda não está pensando nisso, então não tento me aproximar.

Só que seu corpo dá sinais inegáveis. Não há como negar a maneira como seus olhos se dilatam ou como as bochechas ficam rosadas quando está perto

de mim. Mas respostas do corpo não equivalem a consentimento. Quero que seu temperamento feroz se transforme em um demônio desenfreado quando ela gozar no meu pau, arranhando minhas costas e fazendo exigências porque *quer*.

O fato de Rissa ter fugido como se a bunda estivesse em chamas depois de me beijar e o fato de ela não ter saído da barraca nos dois dias seguintes são indícios de que ela não estava pronta de verdade.

Falei sério: nunca tiraria vantagem de uma mulher. A gente tem química, sem dúvida, mas meus instintos me indicam que ela tenta lutar contra isso. Não vou mentir, uma mulher elegante como ela definitivamente não está acostumada a um soldado rude como eu. Sou muito rústico para alguém como ela, mas a quero mesmo assim.

É muito excitante quando Rissa me enfrenta. Todas as mulheres que tive no passado eram submissas, e eu gostava disso. Mas o fogo em Rissa aquece meu sangue como nada antes, me faz imaginar todas as maneiras como ela pegaria o que lhe dei e devolveria dez vezes mais. Discutir seria nossa preliminar.

Mas quando ela não saiu da tenda, tive a minha resposta. Por isso, tenho evitado encontrar com ela desde então. Não me permito andar ao lado de sua carruagem durante o dia, tento não a procurar toda vez que ando pelo acampamento e mantenho distância.

Ainda me certifico de que a frente de sua barraca seja limpa e que sua comida seja entregue, mas não sou eu quem faz as tarefas, mesmo que isso me incomode. Nunca vou entender como essa mulher entrou na minha cabeça tão depressa.

— É isso, vou me deitar — Ryatt avisa ao se levantar. — Estou cansado de usar essa porra de capacete.

— Eu prefiro. Significa que não preciso olhar para sua cara feia.

Mesmo que eu não consiga ver, posso sentir sua revirada de olhos.

— Tá, vai se foder.

— Só admita que sentiu minha falta — falo. — Sei que é por isso que voltou. Hojat foi só uma desculpa.

Dou risada quando Ryatt me mostra o dedo do meio e se afasta na direção de sua barraca. Os soldados em torno dele acenam com deferência e abrem passagem. A volta dele também foi um grande incentivo para o moral. Sem

sombra de dúvida, foi bom tê-lo aqui enquanto atravessávamos o restante da podridão.

Sei que também deveria ir me deitar logo, mas bebo outro gole de vinho, ouvindo Tonel e os outros tocarem seus instrumentos de corda e sopro. Mas quando estou limpando a bebida da barba, de repente sinto um leve perfume de flores.

É só pensar na megera e ela aparece.

Olho para cima quando a sombra de uma silhueta bloqueia a luz das chamas à minha frente. A criaturinha diabólica está ali com roupas emprestadas que nadam nela, praticamente escondendo suas formas sob minha camisa e casaco enormes. Eu poderia ter lhe dado o conjunto sobressalente de outra pessoa, como Himinn, que é muito mais próximo do tamanho dela, mas fico nervoso com a ideia de ela usar roupas de qualquer outro homem que não seja eu.

— Boa noite, Narciso Amarelo — falo, com lentidão.

Ela me encara com as mãos nos quadris, depois olha em volta para todos os soldados. Eu os encaro, e o grupo debanda imediatamente. Agora que temos um pouco de privacidade, Rissa se senta no tronco vazio onde os outros estavam e encolhe as pernas embaixo do corpo.

Atrevida, arranca a caneca da minha mão e toma um gole do meu vinho. Depois faz uma careta adorável, mas estou mais focado na maneira como a língua rosa desliza para fora e escorrega pelos lábios.

— Você tem me evitado — ela declara.

Levanto as sobrancelhas.

— Pensei que *quisesse* ser evitada por mim.

Rissa abre e fecha a boca como se não tivesse certeza de como responder. Descobri seus sinais desde que comecei a prestar atenção a ela. Em geral, a mulher sabe disfarçar bem. A maioria das pessoas provavelmente não notaria como ela dobra o dedo indicador e coça a coxa quando está ansiosa. Mas eu vejo.

— Você me beijou, depois foi embora. Pensei que isso significava que não queria repetir o erro — explico, com um sorriso, ao pegar a caneca de volta, tomando o cuidado de beber exatamente no mesmo lugar onde os lábios dela pousaram. A forma como seus olhos escurecem revela que ela tem plena consciência disso.

— Bem, foi *mesmo* um erro — ela responde, por fim.

— Ah, é? Tudo depende se você *quer* ou não cometer esses erros, Narciso.

A mulher me encara diretamente, o fogo iluminando um lado dela com uma luz alaranjada e dando ao cabelo a tonalidade de um pêssego amadurecido pelo sol.

— Por que eu haveria de querer?

— Você nunca teve seus anos de rebeldia quando jovem? — pergunto. — Sair escondida para beber quando sabia que não deveria? Provocar brigas mesmo sabendo que não venceria no quatro contra um, mas provocando mesmo assim, porque queria dar um soco em alguma coisa? Transar com alguém sabendo que se arrependeria, só porque estava a fim de dar uma? Alguns erros são simplesmente muito gratificantes.

Rissa ri e balança a cabeça, mas não me desmente.

— Por que não me surpreende que você tenha arranjado uma briga com quatro homens?

— Não me tornei capitão *fugindo* de briga. Ou do ato de matar.

— O que você fazia antes de ser capitão?

— Era mercenário no Primeiro Reino.

Ela arregala os olhos.

— Não faça perguntas, a menos que esteja pronta para ouvir as respostas — comento. — Eu matava por dinheiro e era bom nisso. Gostava, até. Isso te incomoda?

Observo enquanto ela processa minhas palavras, assisto aos pensamentos praticamente transbordarem de seus olhos azuis.

— Bem, há quem afirme que o sexo com montarias é um pecado tão grande quanto matar pessoas, então acho que nem tenho o direito de julgar.

— O mundo pode nos julgar o quanto quiser. Não significa que a gente precisa se importar.

— Que eloquente — ela retruca, com tom seco, embora os lábios se curvem em um quase sorriso, e a imagem é como um soco no estômago. Como ela seria se sorrisse *de verdade*?

Eu não deveria estar pensando nessas coisas. É exatamente por isso que preciso continuar evitando essa mulher.

— Nunca disse que era poeta.

Eu me ponho de pé e deixo a caneca no tronco antes de me endireitar.

— Aproveite a fogueira. — Começo a me afastar em direção à minha barraca, mas passos leves me seguem.

— Por que está indo embora? — ela pergunta assim que me alcança.

— Está ficando tarde. Preciso acordar antes do amanhecer para desmontar esta merda toda, como faço todas as manhãs.

Posso praticamente sentir Rissa pensando alto, mas é só quando chego à minha tenda e paro para encará-la que ela toma coragem para falar.

— Estive pensando. Sei que chegaremos à capital do Quarto em breve e... bem. Você sabe que tenho planos de ir embora, mas pensei...

Nunca a vi tão insegura antes, tropeçando nas palavras e olhando em volta nervosa.

— Você pensou... — eu a incentivo.

— Talvez você esteja certo. Sobre cometer bons erros.

Arqueio uma sobrancelha, mas não falo nada.

A irritação colore seu rosto.

— Vou ter de soletrar? Quero trepar.

Suas palavras grosseiras me fazem recuar, surpreso, e tenho uma ereção instantânea. Meu pau pressiona a calça de couro.

Cruzo os braços.

— Você não sabe o que quer.

Sua irritação se transforma em raiva.

— Como é que é? Não se atreva a falar como se soubesse o que estou pensando. Estou aqui, não estou? *Eu* me aproximei de *você*.

— É, mas *você* também *me* beijou, e isso não te impediu de se arrepender depois. Sou totalmente a favor de aproveitar muito alguns grandes erros, mas não estou interessado em arrependimentos. Isso é algo totalmente diferente, e nós dois sabemos que é exatamente isso que você sentiria.

Rissa nem consegue negar. Encontro a verdade estampada em seu rosto, e isso me deixa mal. Seu silêncio atordoado explica tudo.

— Era o que eu pensava — digo-lhe antes de soltar um suspiro. — Volte para a sua tenda, Narciso Amarelo. — Constrangimento e mágoa passam por suas feições, o que é como uma faca no meu estômago, mas me mantenho firme. — Você acha que sabe o que quer, mas não sabe. Ainda não. Então, venha me procurar quando descobrir.

Manchas vermelhas tingem suas bochechas, e ela solta uma risada amarga.

— Sabe de uma coisa? Tudo certo. Só pensei que podíamos fazer isso para passar o tempo, pôr para fora essa coisa que existe entre nós, seja lá o que for.

Mas você está louco, se acha que eu voltaria a te procurar *algum dia* depois disso. Conheço meu valor.

Eu a encaro, sério.

— Eu também.

Seus olhos se abrem um pouco mais, e vejo um nó se mover em sua garganta delicada. A culpa me destrói porque sei que a constrangi, sei que devo ter acabado de colocar o último prego no caixão desta coisa antes mesmo que ela pudesse desabrochar, mas também sei que, se eu a deixasse provocar isso agora, não seria certo. E *preciso* que seja certo — para nós dois. Porque acho que pode haver algo aqui, e não quero que seja arruinado na tentativa de *resolver logo a situação*. Nem fodendo.

— Você é o pior erro que estou feliz por nunca ter cometido — ela sibila.

— E você ainda é o melhor erro que mal posso esperar para cometer — retruco, com um sorrisinho. — Quando estiver pronta para admitir.

Ela solta um grunhido, dá meia-volta e se afasta. Assim que desaparece de vista, o sorriso some do meu rosto.

Merda.

Espero ter tomado a decisão certa. Porque, se eu estiver errado, simplesmente a afastei para sempre, e isso significa que sou *eu* quem vai se arrepender.

54

SLADE

Demoro dez minutos nas costas de Argo para chegar à base militar da cidade.

Na parte inferior da Montanha Listrada, dá para ver os vértices de alguns edifícios se estiver na torre oeste do castelo. É uma coleção de quadrados escondidos formando um xadrez entre as árvores da floresta, murados e destinados a abrigar milhares de soldados.

No momento, está prestes a abrigar muito mais do que isso.

Quando voo em direção ao complexo, avisto grupos de soldados marchando, e daqui de cima é como ver um rio de couro preto fluindo. A marcha descreve milhares de curvas e voltas à medida que homens e mulheres atravessam a paisagem, passando sobre as pontes maiores e pelo castelo, de frente para a montanha altiva.

Este é o último pelotão a chegar, o que significa que Osrik e Ryatt estão ali também. Demorou três dias para todos chegarem, e quando as últimas tropas passarem pela entrada no muro, a base vai ficar lotada. Normalmente, quando chamo a maior parte do exército para cá, eles permanecem na base só por um curto período. Mas na situação em que estamos, não posso dispensá-los rapidamente e mandá-los para casa.

A notícia não vai ser bem recebida.

Eles passaram muitos meses fora e têm viajado *muito*. No entanto, a chegada vai ser manchada pela notícia da guerra iminente e de que ainda não podem voltar para casa.

Com o rio do exército fluindo, faço Argo descer quando chegamos à muralha da base. Ouço os gritos e aplausos dos soldados que reconhecem Argo no céu.

Eu não mereço essa comemoração.

As asas de Argo cortam o ar e se encolhem junto ao corpo quando ele passa entre os galhos das árvores e desce ainda mais. Com um puxão nas rédeas, eu o conduzo para a direita, em direção à construção apoiada por vigas nos quatro lados, cujo telhado inclinado é feito de alcatrão de pinheiro, a textura escura das paredes de madeira se misturando com as árvores ao redor.

Quando Argo circula para anunciar o pouso, os soldados lá embaixo abrem espaço, e a fera pousa e crava as garras na grama.

Ao meu redor, os soldados baixam a cabeça enquanto desafivelo a correia da sela e desmonto. Depois de dar um tapinha nas costas de Argo para indicar que ele pode ir caçar, eu me viro e aceno para a multidão, antes de ir para a edificação.

Minhas botas sobem os três degraus que levam à porta e, assim que entro, quatro cabeça se viram em minha direção. Judd e Lu estão sentados à esquerda da mesa, Ryatt e Osrik à direita. A longa barba de Osrik está ainda mais rebelde que o normal, e o cabelo que cobre a cabeça está praticamente na mesma condição.

— Você está uma merda, Os — eu o cumprimento.

Ele grunhe e mantém os braços grossos cruzados.

— Desculpe, não tive tempo para me arrumar. Estive ocupado arrastando o *seu* exército através do continente no meio de uma neve de congelar o rabo.

Eu sorrio e me sento ao lado dele.

— Agradeço. Teve algum problema?

— Além das esperadas reclamações de vez em quando e de algumas brigas? Não.

— Que bom. — Olho para Ryatt. Seu capacete está sobre a mesa, mas o restante da armadura ainda cobre o corpo. — E você e Hojat, voltaram bem?

— Claro. Ainda bem, porque tivemos muitos casos bem sérios de congelamento nos acampamentos. Perdemos muitos dedos das mãos e dos pés — ele anuncia, com tom descontente.

— Hojat estava preocupado com isso.

Ryatt me encara.

— O que está acontecendo, Slade? — ele pergunta. — Por que não começamos a dispensar todos que não estão no exército permanente? Por que está segurando todo mundo aqui?

Encaro Ryatt e Osrik, e então coloco os dois a par de todos os acontecimentos, inclusive o jantar com Manu, três noites atrás. Osrik fala uma série de palavrões várias vezes durante minha exposição, mas Ryatt fica quieto. Conheço meu irmão. Quanto mais quieto ele fica, mais furioso está.

— Que porra — Os comenta quando termino. Ele massageia a nuca. — Isso não é nada bom.

— É o eufemismo do ano — Judd murmura ao cutucar a borda rústica da mesa de madeira.

— Sabíamos que eles fariam alguma coisa para tentar me pressionar, mas eu não esperava por isso. A Rainha Kaila e os outros estão pegando pesado.

Judd arranca uma lasca da borda, e a usa para cutucar os grãos da superfície da mesa.

— O que não entendo é por que eles estão se arriscando a irritar o Rei da Podridão.

— Alguém tem de ser responsabilizado por dois monarcas mortos em uma noite — Lu responde. — Escolheram Auren como alvo.

— Eles têm medo dela — Osrik pontua. — Essas merdas de boatos. Não é à toa que os outros governantes estão molhando as calças. Estão preocupados com a possibilidade de ela roubar mais magia.

— Os rumores e a propaganda se espalharam mais do que eu imaginava — admito. — A opinião pública está focada em levar Auren a julgamento. Nesse meio-tempo, Kaila tenta silenciosamente cravar as garras no Sexto.

Os olhos de Osrik ficam ainda mais atentos.

— *O quê?*

Assinto.

— O último relatório que recebi informava que ela fez uma viagem a Sinoalto. Fez um anúncio sobre ela e Midas terem ficado noivos pouco antes de ele ser morto. Organizou uma cerimônia idiota para homenagear a porra da vida de Midas. Ela está tentando conseguir apoio por lá.

Judd balança a cabeça.

— Tentando dominar mais territórios com o apoio do povo.

— As pessoas gostam dela — Lu interrompe. — Ela aperfeiçoou a arte de encantar o povo.

— Enquanto eles tentam nos matar de fome — Os diz. — Um maldito mês de reservas, e estaremos completamente exterminados.

Olho para todos eles, até mesmo para Ryatt, cujos olhos estão cravados na mesa.

— Preciso tirar voluntários do exército. Preciso de um grande esforço para produzir alimentos.

— Todos sabemos que o Quarto é composto principalmente de pântanos e mangues. Não são exatamente as melhores terras agrícolas, por isso sempre dependemos dos outros reinos. E será que as colheitas podem acontecer tão depressa? — Judd pergunta.

— Algumas, sim — Osrik responde. — Rabanetes, cebolinhas, espinafres, nabos: esses nós podemos colher em cerca de um mês.

Todo mundo se volta para ele.

Osrik dá de ombros quando percebe a movimentação.

— O que foi? Vocês sabem que eu era do Primeiro Reino.

— Sim, como mercenário — Judd responde com as sobrancelhas erguidas. — Como diabos aprendeu sobre agricultura?

Osrik se mexe na cadeira, e o volume do corpo faz a madeira ranger em protesto.

— Certa vez fui contratado para matar um fazendeiro que deixou de pagar imposto. Acabei ficando lá para ajudá-lo, assim ele pagava a dívida e eu não precisava assassinar o pobre coitado.

Lu sorri para ele.

— Ah, Os. Você tem um coração muito mole.

— Vá se foder — ele resmunga. — Meu coração é duro como pedra.

Os olhos de Judd praticamente se iluminam.

— Não, esse não é o seu coração, é o seu...

— Não vamos por aí — interrompo.

Judd dá risada.

— Tudo bem, então mandamos soldados para plantar sementes e essa merda toda, mas vamos precisar de trabalhadores rurais de verdade que saibam o que estão fazendo para supervisionar o trabalho, e precisamos de um lugar para fazer isso — Os anuncia.

— Sim. Vou falar com Cevada — respondo. — Ela conhece as terras do Quarto como a palma da própria mão. Se houver qualquer outra terra viável

ainda não explorada, ela a encontrará. E já pedi para Cevada e Warken elaborarem um plano para aumentar nossa produção de pesca e caça.

— Mas vai ser suficiente? — Lu pergunta.

Encontro seus olhos preocupados, porque a mesma preocupação transborda dos meus. É nisso que meus premiês e eu temos trabalhado noite e dia.

— Não sei. Isalee está calculando as quantidades. Mas, por ora, elaboramos um plano para fazer um acordo secreto com o Primeiro Reino. Eles querem mais óleo para lanternas, e nós vamos fornecer o produto em troca de suprimentos.

— O rei vai aceitar isso?

— Precisaremos encantá-lo o suficiente para impedir que ele recuse o acordo. — Olho diretamente para Judd.

Ele passa a mão no cabelo.

— Ai, merda. Vou ter de ir ao Primeiro Reino conversar com o Rei Thold, não é?

— Meus premiês estão ocupados demais para viajar e, de todos nós, você é o mais charmoso.

— Isso não significa muita coisa. Mas tudo bem, vou tentar convencê-lo a abrir mão de um pouco de comida em troca de petróleo e pedras preciosas.

— Obrigado.

— Mas e se ele recusar a proposta? — Judd pergunta.

Passo a mão no rosto. Às vezes eu realmente odeio ser rei.

— Então vamos tentar encontrar outra maneira de impedir que as pessoas morram de fome.

De soslaio, vejo Ryatt elevar a cabeça. Percebo um movimento lento de seus ombros enquanto endireita o pescoço, e seus olhos encontram os meus antes de meu irmão finalmente quebrar o silêncio.

— *Você tá de sacanagem comigo?*

A única razão para eu não recuar, surpreso, é porque estou me preparando para a reação dele desde que entrei.

Quando não me manifesto, ele olha para os outros e balança a cabeça.

— Sinceramente, vai ficar todo mundo aqui sentado e ninguém vai nem falar isso?

— Falar o quê? — Lu pergunta.

Ryatt abre os braços, frustrado.

— Ah, fala sério! É óbvio! Como pode todo mundo aceitar que existe uma boa chance de o reino inteiro morrer de *fome*? — Seu olhar feroz se volta para mim. — Auren tem de ir à Assembleia.

A fúria se aglutina sob minha pele. A sensação insiste, tentando me abrir e transbordar. Olho para o meu irmão e sinto essa fúria carregar o ar.

— Como pode sugerir isso? — Lu reage. — Todos nós sabemos que o julgamento é uma piada.

— É — Judd concorda. — Se ela aparecer, não vai ser bom.

Ryatt balança a cabeça.

— Não, eles só querem um espetáculo. Precisam fazer um show, dar um tapa na mão de Auren e mandá-la embora. Sabem que não podem exagerar na pressão e correr o risco de irritar Slade, porque ele vai apodrecer seus reinos inteiros. Tudo que ela precisa fazer é aparecer, deixar que entrem nessa viagem doida de poder e voltar. E aí não vai haver risco de guerra, não vai haver risco de fome...

— Escute bem o que vou dizer — rosno, adotando um tom grave e letal. — Não vou levar Auren para perto deles e, se sugerir isso de novo, você e eu vamos ter um problema *bem* sério.

Seu olhar para mim é tão penetrante que quase posso senti-lo perfurando a pele.

— Acho que você deveria pelo menos considerar a ideia. Com você lá, eles não podem fazer nada contra ela. Devia colocar o reino em primeiro lugar. Proteger seu povo.

Enxergo tudo vermelho na minha frente.

— Do que acha que estamos falando? — pergunto. — É exatamente isso que estou tentando fazer...

— Não — ele me interrompe. — Você está tentando proteger *Auren*. Está disposto a deixar seu povo morrer de *fome* por causa dela.

— Ninguém vai morrer de fome — rosno.

Ryatt solta uma risadinha sarcástica.

— Você não tem como saber. Todos no Quarto serão afetados. E o exército não merece isso. Acabaram de marchar através de um maldito reino congelado *sem motivo*. Você os arrastou através das Estéreis duas vezes, e agora que eles voltaram, vai obrigá-los a ficar aqui na base superlotada ou trabalhar como agricultores? É ridículo, Slade, e você sabe disso.

Lu olha para nós dois.

— Ei, acho que a gente devia tentar se acalmar...

— Que se foda — Ryatt a interrompe, e se levanta da cadeira como lava cuspida de um vulcão, uma explosão que faz os outros se levantarem, tensos, como se esperassem uma briga começar entre nós.

Ryatt aponta um dedo na minha direção, ignorando-os por completo.

— Suas prioridades já mudaram. Sua lealdade está no lugar errado. Seja a porra de um rei e cuide da porra do seu povo, como prometeu que faria!

— É o que estou fazendo. — Meu tom é suave na superfície, mas as notas cortantes e ferinas estão logo abaixo, impregnadas de uma raiva efervescente. — É por isso que você vai colocar seu capacete. Vai reunir o exército. E vai cumprir as ordens que dei.

— Vá se foder! — Ryatt explode, levantando um pé e chutando a cadeira para trás, fazendo-a voar pela sala e bater na parede.

Nem me mexo. Os outros assistem a tudo, aflitos.

Eu me levanto devagar.

Fico em pé a fim de apoiar as mãos no tampo da mesa. E assim estamos inclinados um para o outro, cabeça com cabeça, olhos furiosos nos olhos furiosos.

— Deve ser muito fácil para você, irmão — falo, baixinho, deixando a fúria agir como uma correnteza e conduzir minha voz irada. — Ter ataques de birra. Fazer seus julgamentos. É tudo muito *fácil*. Sabe por quê?

Seu rosto está vermelho, e ele fica em silêncio.

— Porque *nunca* teve que tomar decisões difíceis — continuo. — Sempre fui eu quem fez isso. Você se limita a ter suas explosões e seus ataques de raiva indignada, aponta o trabalho de merda que faço em todas as frentes, enquanto *nunca* precisou carregar o peso que carrego. E é *isso* que você não entende. Nunca vai entender.

Seus olhos brilham, mas sua raiva impaciente nunca vai vencer minha raiva duradoura.

— Não vou ceder à chantagem. Não vou mandar Auren para ser posta em cima de um palco e dilacerada para que um punhado de pessoas tenha ganhos políticos. Não sou um cachorro que pode ser adestrado, e você *nunca mais* vai questionar meus motivos na condução do meu reino, ou não vou hesitar em te colocar no seu lugar.

Seu peito arfa. Os olhos reluzem, os punhos cerrados permanecem junto do corpo, como se ele fosse pular sobre a mesa e dar o primeiro soco.

E espero que ele faça isso.

— Então, pode ficar aí e vomitar qualquer besteira que quiser como meu irmão. Mas, no fim das contas, também sou a porra do seu *rei*, e você vai cumprir minhas ordens.

O silêncio entre nós é uma espada.

Uma espada de duas lâminas apontando para ambos os lados entre nós. Ela paira no ar, pressiona minha pele, nos mantém presos sob as extremidades afiadas, pronta para nos perfurar.

Continuamos imóveis, à espera de ver qual de nós vai cair primeiro, qual de nós vai sangrar.

O relacionamento com meu irmão sempre foi complicado. Desde que ele passou de menino inocente a homem coberto por um manto de ressentimento.

E sempre aguentei tudo.

Sempre aturei sua raiva e as discussões. Porque mereço a maior parte disso. Destruí a mente da nossa mãe. Eu a aprisionei em um porão do qual ela nunca poderá sair. E tornei meu irmão inexistente, preso sob um capacete para atuar como meu sósia.

E meu pai matou o dele.

Mas, quando se trata disso, quando se trata *dela*, não vou aturar porra nenhuma.

Porque ele está certo. Minhas prioridades *mudaram*. E vou deixar o mundo se desfazer e desmoronar para protegê-la. Mas isso não significa que não vou fazer tudo que puder para proteger meu povo também.

Por vários momentos, ninguém na sala se move. Acho que Lu nem está respirando. Estamos todos esperando para ver se ele vai explodir, se vai finalmente usar aqueles punhos fechados para dar um soco na minha cara.

Mas meu irmão não faz nada disso.

Não sei quem fica mais surpreso.

Ryatt dá meia-volta e sai da sala, batendo a porta com um estrondo seco. No momento em que me deparo com a porta fechada, sinto os ombros tensos relaxarem e afasto as mãos da mesa.

— Bem — Judd comenta, quebrando o silêncio constrangedor. — Isso não foi muito bom.

Lu suspira.

— Você sabe como ele é. Ele protege o exército.

— Todos nós protegemos — Os responde. — E o restante do reino. Não significa que ele tem que agir como um merda por causa disso.

A capitã olha para a porta.

— Ele vai mudar de ideia.

Os grunhe alguma coisa.

— Então... mais alguém está se sentindo um pouco Colérico? — Judd pergunta, sorrindo. Reconheço o gesto e o esforço para amenizar a tensão. — Quando der sua resposta a Manu, eles provavelmente vão ter alguma retaliação planejada — pontua. — Isso significa que vamos ter de atacar os outros reinos?

— Pode apostar.

Seu sorriso se alarga.

— Eu esperava que você dissesse isso.

— Enquanto você vai ao Primeiro Reino para fazer o acordo, preciso que alguém seja meus olhos e ouvidos no Sexto. Quero saber o que a Rainha Kaila está fazendo.

— Posso ir — Lu se voluntaria.

Agradeço com um aceno de cabeça, antes de olhar para Osrik.

— Você pode levar alguns de nossos melhores soldados para vigiar as fronteiras?

— É claro.

— Ao primeiro sinal de alguém se aproximando, quero ser informado — aviso.

— Vai meter o Rei da Podridão no rabo deles? — Judd pergunta, e esfrega as mãos como se gostasse da ideia.

Confirmo, balançando a cabeça devagar.

— Se me pressionarem, é exatamente isso que vou fazer.

55

AUREN

Tenho praticado minha magia.

Hoje de manhã eu estava no quarto folheando as colunas, treinando para fazer o ouro se espalhar em espirais e depois voltar para dentro da minha pele. Estou ficando cada vez melhor na tarefa, e o orgulho que sinto é algo que nunca fui capaz de ter em relação à minha magia. É uma atividade tranquila, que impregna meu espírito e reforça as mudanças em que tenho me empenhado, assim como a confiança que tento construir.

Depois de algumas horas, decidi sair a fim de tomar um pouco de ar fresco. Tinha visto os jardins do terraço, e agora que estou aqui, acho que este pode ser meu novo lugar favorito. É uma área protegida por um muro alto no lado leste do castelo, por isso dá a sensação de privacidade, em especial com a montanha de guarda logo adiante.

Parece que só tem um guarda fazendo a ronda a cada trinta minutos. Mesmo assim, sou cuidadosa, e por isso gosto deste cantinho, onde fico quase sempre escondida pelos arbustos. Como os rumores sobre eu ter roubado o ouro de Midas são muito recentes e desenfreados, a última coisa que quero fazer é me mostrar ou dar motivos para alguém ter medo de mim.

Além disso, gosto de me exercitar ao sol.

Há peças decorativas de vidro e ferro na grama, como bolas de gude azuis e achatadas, maiores que meu pé e separadas por um passo. Seguem desde a porta, passam pela primeira fileira de flores, serpenteiam os arbustos e seguem além das muretas de vegetação até o centro do jardim, onde há uma fonte e um banco de ferro forjado.

Embora o trabalho de escultura em ferro seja bonito, o banco não é dos mais confortáveis, então decido me sentar na grama. Com as costas apoiadas na base da fonte de ônix, treino minha magia ao experimentar diferentes texturas com o ouro. Faço bolas como se fosse massa, enrolo-as na mão e depois liquefaço a esfera maleável.

Slade tem estado ocupado com os premiês, a Cólera e o exército, então tento ocupar todo o tempo livre treinando a magia. Além disso, Digby começou a me ajudar com a parte do treinamento físico, já que Judd anda ocupado e está se preparando para partir em uma missão para Slade. Digby não faz nada físico porque ainda está em recuperação, mas me instrui sobre posturas, me ajuda a executar exercícios de fortalecimento e já me ensinou alguns bloqueios.

Não fiquei sozinha com Slade por mais de alguns minutos desde o passeio na carruagem. Não compreendo de fato a quantidade de suas responsabilidades como rei, mas posso afirmar que ele lida com as coisas de um jeito bem diferente de Midas.

A maior diferença, para mim, é que ele me conta tudo que está fazendo. E me mantém envolvida. Responde minhas perguntas. Até as incentiva. É estranho para me habituar.

Mas amanhã ele vai ter de dar sua resposta final a Manu.

O racionamento de alimentos já foi implementado. Mesmo aqui no castelo, onde Digby e eu comemos juntos, as porções são menores e os ingredientes são mais simples. Mas mesmo com as porções reduzidas, meu estômago ainda se revolta de culpa, e tento comer menos para guardar mais.

Na última semana, acordei todas as noites suando frio, e os pesadelos voltaram. Às vezes, os sonhos são com os barracos e com a pobreza congelada guardada nos casebres tortos de Sinoalto.

Outras vezes, são com minhas fitas.

O som da espada descendo. A agonia da lâmina me cortando, membro sedoso por membro sedoso. Sonho que caio sem as fitas para me sustentar.

Mas ontem à noite, o pesadelo mudou. Não era Sinoalto que eu via, e sim Colina da Fenda. As mesmas ruas pelas quais andei com Slade, só que as pessoas choravam. Magras como esqueletos. Raivosas de fome. E a Rainha Kaila estava do outro lado da rua, envolta por minha voz, que pairava ao redor dela como uma brisa murmurante que só ela conseguia controlar.

Esse sonho permaneceu comigo durante todo o café da manhã, azedando meu estômago. Ele me acompanhou durante o treino com Digby, até ele cruzar os braços e dar o dia por encerrado porque eu estava muito distraída.

E o pesadelo ainda me segue agora, pedindo atenção de maneira persistente.

Sinto que preciso fazer algo, mas Slade não quer nem saber disso. Os poucos momentos que tive com ele foram ocupados pelas declarações persistentes de que tudo vai ficar bem. De que seus planos vão funcionar e o racionamento e a produção extra de alimentos serão eficientes.

Mas e se não forem?

Toco a pulseira que ele me deu. O objeto agora tem o brilho do ouro maciço, embora eu tenha mantido a pedra preta no centro e gravado uma corrente dourada em seu entorno.

Encostada na fonte, ouço o suave gotejar da água. É um conforto relaxante, como a sensação da grama fresca sob os meus pés descalços e o calor no couro cabeludo. Se eu pudesse, me despiria, só para sentir o calor do sol em cada centímetro de pele.

Mas isso provavelmente causaria desaprovação.

Arranco uma florzinha da grama e a giro entre os dedos. É uma flor roxa, com um miolo amarelo que me lembra a cor do cabelo de Judd. Verto um pouquinho de ouro para cobrir a planta, introduzindo-o com delicadeza nas nervuras das folhas.

Quando a solto, me inclino para trás e deixo os pés descalços afundarem ainda mais na grama. Sinto a magia pressionar os arcos e dedos, querendo sair. Deixo que se acumule lentamente, o calor do ouro em competição com o frescor da grama.

Ao arrastar os pés para trás a fim de espalhar o ouro, algo chama minha atenção entre eles, e eu paro. Inclino o corpo para a frente em busca de enxergar melhor e franzo a testa.

A princípio, penso ver um reflexo ou uma partícula de sujeira, mas não é isso. A imagem me faz pensar em um pedaço de um pão que ficou muito tempo no fogo, a crosta chamuscada pelas chamas. Há uma mancha em uma das bordas, uma região mais escura que as demais, como se estivesse carbonizada.

Intrigada, mergulho a ponta do dedo no ouro e vejo a mancha escura afundar, mas então ela se mistura com o restante e desaparece completamente.

Estranho.

Mudo de posição, flexiono as pernas embaixo do corpo e estendo a mão aberta sobre o local da grama dourada, chamando o ouro de volta. Esfrego as mãos e inclino a cabeça em direção ao sol com um suspiro de contentamento.

— Lady Auren?

Abro os olhos e vejo Manu se aproximando. Está vestido com um colete azul-petróleo sobre uma camisa de um azul mais suave e com uma gravata no mesmo tom, o longo cabelo negro solto sobre os ombros.

— É bom te ver em um ambiente tão... informal — ele diz, e olha para meus pés descalços com um sorriso que ilumina todo o seu rosto, me fazendo lembrar do Manu que conheci em Ranhold.

Pego meus sapatos rapidamente e os calço ao me levantar.

— Não esperava vê-lo aqui — declaro.

Manu olha em volta com uma expressão relaxada e franca.

— Encontrei este jardim no dia em que cheguei. É meu lugar favorito. Passo horas aqui, dia e noite — confessa. — O calor tem sido uma pausa agradável depois do Quinto Reino. Porém, não é tão quente quanto em casa, no Terceiro. Preciso confessar que sinto falta da praia.

Eu não, nem um pouco.

Manu pode estar transbordando simpatia agora, mas estou tensa. O emissário deve perceber pelo modo como me comporto, porque suspira.

— Olha, Boneca, esse assunto da Assembleia não é nada pessoal. Gosto de você. Mas os monarcas têm as próprias leis, e quando dois deles morrem numa noite...

— Você sabe que não tive nada a ver com a morte do Príncipe Niven — rebato. — Foi Midas. Ele queria assumir o Quinto. Ele mesmo me contou.

O rosto de Manu se torna pensativo quando ele arranca uma folha de um dos arbustos mais altos e a gira entre o indicador e o polegar.

— Então é exatamente isso que você vai dizer na Assembleia, se decidir ir.

— Slade... O Rei Ravinger — eu me corrijo rapidamente — nunca vai concordar com isso.

Manu inclina a cabeça.

— Você sabe o que é uma Assembleia?

Hesito por um momento, porque Slade não me explicou muito sobre o assunto.

— Sei que é algum tipo de tribunal que a realeza convoca em ocasiões especiais.

— Sim, mas se analisar ao longo da história, não é realmente um *julgamento*. É um espetáculo.

A afirmação me confunde.

— Como assim?

— Uma Assembleia é o tribunal que a realeza convoca para outro monarca, membros de uma família real ou uma pessoa de posição elevada. Em vez de seguirem as leis normais de Orea, as convocações de Assembleia são exceções. Acontecem porque os súditos de Orea *precisam* testemunhar que até mesmo as pessoas envolvidas na monarquia são submetidas a algum tipo de lei. Nesse caso, um bichinho de estimação com toque de ouro que, segundo boatos, roubou o poder de seu rei e ajudou a assassinar um príncipe — ele explica, sem rodeios.

Meu rosto fica quente.

— Por que está me contando isso?

O emissário joga a folha de lado, deixando-a cair no chão.

— Porque, como eu disse, gosto de você̂. Acho que o Rei Ravinger pode estar apodrecendo sua cabeça, porque Orea não é sua inimiga. *Eu* não sou seu inimigo. Deixe o Segundo Reino fazer o que faz, que é levá-la a interrogatório, explique sua inocência e aceite a reprimenda, o tapinha na mão.

Reviro os olhos.

— Ah, sei.

— É verdade — ele insiste, e dá de ombros. — A história das Assembleias é prova disso. Acho que a punição mais severa nos últimos cem anos foi uma multa de cem mil moedas de ouro.

— Mesmo que isso seja verdade, não se aplica a mim.

— Pense bem: ninguém quer enfrentar Ravinger de verdade. Sabemos o quanto é poderoso. Mas se deixarmos a morte do Rei Midas passar sem tomar uma atitude? O povo vai ficar indignado. Vai ter ideias perigosas. Seja a de matar outro membro da realeza sem qualquer consequência ou assumir a responsabilidade de julgar com as próprias mãos, situações que não desejamos. Isso certamente não seria seguro para você̂.

Sinto a ameaça subjacente em suas palavras como um corte de papel na pele.

Manu se aproxima e me fita com ar de súplica.

— Um conselho, Boneca: nunca deixe as pessoas inventarem a própria narrativa, porque raramente vai gostar do que dizem. Mas se assumir o controle disso agora, se der um depoimento, os monarcas serão capazes de dar o espetáculo que todos precisam assistir. Superamos as dificuldades e toda essa conversa de guerra pode ser deixada para trás.

Meus pensamentos viram um redemoinho. Não tenho ideia do que responder ou do que pensar.

Felizmente, a aproximação de um guarda me salva de ter de responder.

— Milady? — O homem para ao ver Manu e olha para nós, hesitante.

Forço um sorriso.

— Sim?

— Alguém a procura.

É minha vez de hesitar e demonstrar surpresa.

— Certo.

— Vou deixá-la cuidar de seus assuntos, Lady Auren — Manu diz enquanto se afasta. — Só... pense no que eu disse.

O guarda e eu o vemos se retirar, e solto um suspiro tenso antes de me virar.

— Tem mesmo alguém me procurando? — pergunto. — Ou você inventou isso?

— Fui informado de que alguém chegou pedindo para vê-la.

Franzo a testa.

— Quem?

— Não tenho certeza, milady. Só recebi ordens para vir buscá-la. — Ele olha em volta, nervoso. — Lamento que tenha estado aqui sozinha com o conselheiro do Terceiro Reino. Vou alertar os outros guardas e garantir que isso não se repita.

— Não foi culpa de ninguém — apaziguo, porque a última coisa que quero é que Slade fique bravo com seus guardas. — Vamos lá.

Ele assente e eu o sigo de volta ao interior do castelo, limpando as mãos no vestido marrom e torcendo para não ter folhas de grama grudadas em lugar nenhum.

Para minha surpresa, ele não me conduz ao andar de cima, mas em direção à porta da frente do castelo.

— Não permitiram a entrada dessa pessoa? — pergunto.

— Não, milady. Não sem a sua permissão.

Isso me surpreende. O que eles pensam? Que tenho algum tipo de autoridade aqui? É estranho até para mim.

Quando chegamos ao hall de entrada, há três guardas à espera na porta aberta e, a princípio, não consigo vislumbrar quem está do outro lado. No entanto, quando o som dos nossos passos ecoa no espaço amplo e aberto, os guardas se viram, e avisto com espanto as duas pessoas ali paradas.

Rissa e Polly.

Paro no meio do caminho, a boca ligeiramente aberta com a surpresa.

— Bem, vai ficar aí parada? — Rissa pergunta, arqueando uma sobrancelha loira. — Ou vai nos convidar para entrar?



Eu não sabia para onde levá-las, então me contento com a sala de estar no segundo andar. Nunca estive ali antes, mas há muitos lugares para sentar e uma bela vista do rio pela janela.

Sentada ao lado de Rissa, Polly me observa como se quisesse me matar. Seu vestido preto tem lama na bainha, como se ela tivesse caminhado pelos rios até a porta do Colina da Fenda. E o vestido é grande para ela, o que deixa suas curvas muito menos perceptíveis que antes. O cabelo loiro não tem brilho na trança emaranhada, mas o que mais me choca são as olheiras fundas. Isso e o estado dos lábios descascados e das cutículas. Como se tivesse arrancado a pele com as unhas, tirando-as tira por tira. Polly sempre foi linda, mas agora está degradada e com uma aparência quase doente.

— O que está encarando? — ela dispara, e desvio o olhar.

Volto-me para Rissa e, embora ela também pareça ter emagrecido um pouco e sofrido os efeitos da viagem, não está tão abatida.

— Eu não esperava ver vocês — digo a ela.

Rissa olha em volta e analisa por mais tempo o papel de parede listrado de verde.

— Pois é, quando saímos de Ranhold, eu estava decidida a pegar uma carroça e sair da cidade, mas Polly estava mal.

Polly estreita os olhos e vira a cabeça.

— Eu estava *bem*.

Rissa comprime os lábios.

— Você *não* estava bem.

— Bom, eu não *queria* ir! — ela rosna. — Você não tinha o direito...

— Tirei você daquele lugar antes que pudesse se matar com orvalho. Como sua amiga, eu tinha todo o direito.

Polly desvia o rosto vermelho de raiva. Observo essa troca com uma fascinação ansiosa. Durante anos, as duas foram grudadas como unha e carne, sempre rindo e conversando, sempre lindas e muito bem-arrumadas. É quase como se agora fossem duas pessoas completamente diferentes.

No entanto, consigo me identificar com elas. O período depois de nos libertarmos do controle de Midas não tem sido fácil para nenhuma de nós.

Tenho lembranças fragmentadas daquela noite com elas, de Rissa indo buscar Polly, e meu estômago se contrai.

— Esqueci — admito. — Esqueci de dizer para você ir procurar o exército. Como você sabia?

— Uma mulher com adagas raspadas no cabelo — Rissa me conta. — Ela também nos ajudou a sair do castelo.

O alívio me invade. Preciso me lembrar de agradecer a Lu na próxima vez que a vir.

— Então vocês ficaram com o exército do Quarto? — pergunto. — Eles não causaram nenhum problema?

Rissa aperta as mãos no colo.

— Nada que eu não pudesse resolver. O bruto gigante e peludo entrava e grunhia algumas palavras de vez em quando, mas de resto, tudo bem.

— Gigante pe... Espera, você está falando de *Osrik*?

Rissa funga.

— Sim.

Dou risada.

— Por favor, me fale que não disse isso na cara dele.

A loira crava os olhos de um azul cristalino em mim.

— Claro que sim. Ele quer se comportar como um selvagem desajeitado, então é assim que vou chamá-lo.

Cubro a boca com a mão, tentando reprimir mais gargalhadas.

— Posso imaginar como vocês dois se deram bem.

Por alguma razão, ela fica vermelha e abaixa a cabeça.

— Sim, bem. Acabamos de chegar e foi uma viagem *muito*, muito longa.

— Claro — concordo, e fico séria. — Você querem... descansar aqui?

Rissa diz que sim ao mesmo tempo que Polly se vira e diz que não. Olho para uma e outra.

Rissa deixa escapar um suspiro cansado.

— Polly...

— Não — ela determina, e fica em pé. — Estou farta. *Farta*, Rissa. Você me arrastou para fora do Quinto Reino, me fez atravessar as Estéreis, passar por pântanos nojentos e podres até este reino estúpido, e agora chega!

Seu peito se agita e a voz é estridente.

— Eu estava tentando te *ajudar*...

— Bom — Polly retruca, com os olhos brilhando. — Eu não *queria* sua ajuda.

Rissa parece abalada.

— Isso mesmo — Polly ataca, apontando para a amiga com o dedo descascado. — É isso que você não entende, que não entendeu durante toda essa viagem amaldiçoada pelo Divino. Você não me salvou. Eu era feliz lá.

— Você vivia chapada!

— E daí? Eu gostava. Gostava de como me sentia com aquilo. E a escolha era minha.

A raiva perpassa os olhos de Rissa.

— Eu não ia te deixar lá para se drogar até a morte!

— Eu não ia fazer isso — Polly responde. — Não que acredite em mim. Mas sabe a diferença entre você e eu? Todas aquelas vezes que você falou em comprar seu contrato? Você nunca percebeu que eu não queria isso. Achava que todas, inclusive eu, queriam sair tanto quanto você, mas estava errada.

— Do que está falando?

— *Gosto* de ser uma montaria, Rissa. Você foi a única que começou a odiar isso. Mas sabe de uma coisa? Podemos ser parecidas, mas não pensamos da mesma forma. Porque sou uma ótima montaria e quero continuar sendo. Gosto de ser desejada. Gosto do poder que o sexo me dá. Ser montaria real era o melhor trabalho que eu poderia esperar, e você me arrastou de lá sem meu consentimento. Então *chega*.

O silêncio tenso que vibra entre as duas faz meus olhos saltarem para a esquerda e para a direita. Sinto que não tenho direito algum de ouvir tudo isso, então me esforço ao máximo para não fazer barulho.

Depois de um momento, Rissa parece murchar, como se as palavras de Polly tivessem perfurado suas costas, deixando sair o ar retido nos pulmões.

— Desculpe, Polly — ela sussurra, com uma forte emoção na voz. — Eu não entendi. Não escutei.

— Tem razão. Não mesmo — ela retruca. — Sempre acha que estou sendo só a Polly idiota. A Polly imatura. A Polly chapada, irresponsável e mal-intencionada. E talvez eu seja tudo isso, mas também sou ótima montaria, e não me envergonho disso.

— *Claro* que não — Rissa concorda. — No começo eu era montaria por opção. Nunca tinha pensado em nada disso.

— Que bom. Porque você também era muito boa, e eu gostava de sermos uma equipe. Mas não podemos mais trabalhar juntas. Nosso rei está morto e agora estamos aqui, e queremos coisas diferentes.

Lágrimas surgem nos olhos de Rissa, e ela abaixa a cabeça ligeiramente. Nunca a vi tão intimidada.

— Você tem razão. Desculpe.

Polly assente, e então suas costas também parecem relaxar um pouco. Ela olha para a janela, cruza os braços e suspira.

— Bem, pelo menos este lugar não é tão frio — comenta.

Rissa parece interpretar a declaração como uma espécie de consolo e sorri.

— Sim. Chega de frio.

As duas mulheres se olham, e parte da hostilidade se dissipa.

E, é claro, Polly se vira para mim.

— Agora preciso de um banho para tirar semanas de viagem do meu corpo, e de um vestido novo para poder apresentar minha melhor versão. E depois quero algum dinheiro e uma carruagem para me levar até o melhor e mais caro bordel da cidade, porque estão prestes a conhecer sua melhor montaria. A menos, é claro, que o Rei da Podridão queira uma nova montaria real — anuncia, com um sorriso arrogante.

Ignoro essa parte e olho para Rissa.

— Algum dinheiro?

Ela dá de ombros.

— Eu disse a Polly que, já que você está aqui com o Rei da Podridão, certamente nos ajudaria. De montaria para montaria.

— Ela tentou me drogar — retruco, com tom seco.

— Por ordem de Midas — Polly rebate. — E o que eu deveria fazer? Não podia desobedecer. As mulheres têm de fazer o que têm de fazer.

Deixo escapar um suspiro, mas sinto a piedade brotar, mesmo que contra a vontade. Depois de tudo que aconteceu, não quero continuar me doando a pessoas como Polly e Mist. Mas ela está certa. As mulheres têm de fazer o que têm de fazer. Só acho que nossa interpretação dessa afirmação é muito diferente.

— Vou arrumar alguma coisa antes de você ir embora.

Acho que a surpresa passa por seus olhos por um momento, mas ela se recupera antes que eu possa ter certeza.

— Então — ela começa, olhando em volta e deslizando o dedo sobre uma das cadeiras almofadadas com encosto alto. — Você mudou de rei bem rápido.

Olho para ela com frieza.

— Pelo contrário. Demorei muito para mudar.

Ela não se pronuncia.

Fico em pé, diminuindo a distância entre nós.

— Se serve de alguma coisa, Polly, espero que possa ser feliz aqui no Quarto Reino.

Seus olhos se estreitam, como se não acreditasse em mim.

— Claro que vou ser feliz — Polly diz, na defensiva, como se quisesse provar que está certa, custe o que custar.

— E você? — pergunto a Rissa. — Está pensando em sair do reino? Porque vou logo avisando, não tenho certeza de qual é o melhor lugar em Orea para se estar neste momento.

— Na verdade, eu estava pensando em... ficar aqui.

Levanto as sobrancelhas.

— Ficar? — Eu não esperava por isso. Tudo o que Rissa dizia era sobre ir embora. Viajar. Afastar-se de tudo que lembrasse sua vida como montaria real. Talvez queira ficar para cuidar de Polly, entretanto, por algum motivo, acho que é mais do que isso.

— Sim — ela responde, ríspida, encerrando a discussão com essa única palavra ao se levantar. — Agora vou precisar de um banho e de um vestido, e também de um quarto onde eu possa dormir. Não consigo nem explicar quanto estou *cansada* de dormir em uma barraca e acabar na sombra daquele idiota peludo todas as noites.

É a segunda vez que ela o menciona.

— Aconteceu alguma coisa entre você e Osrik? — pergunto, cautelosa.

O brilho de irritação em seus olhos diminui o suficiente para me deixar curiosa.

— Eu e aquele idiota? Claro que não — ela responde, enfática.

Tão enfática que fica vermelha.

Interessante.

— Certo — respondo, devagar. — Vamos... providenciar esses banhos para vocês.

— Francamente — Rissa resmunga atrás de mim quando ela e Polly me seguem para fora da sala. — Eu e ele. Que ideia!

Que ideia, de fato.



56

AUREN

Parece que todos os meus nervos se condensaram na boca do estômago.

Esta noite, Slade precisa dar sua resposta oficial a Manu. A noite já desceu do céu e tocou a terra, apagando lentamente as últimas horas restantes.

Estou no terraço, com o cabelo solto sobre as costas e alguns fios fazendo cócegas em meu rosto. O céu está salpicado de nuvens que carregam o cheiro de chuva quente, mas, por ora, parecem se contentar em trazer apenas uma brisa fresca. Meus dedos descansam sobre a beirada do muro, e olho na direção do acampamento militar. Não consigo enxergar muito daqui, já que a montanha e as árvores bloqueiam a maior parte da paisagem e o próprio castelo esconde o restante. Mas posso ouvir.

Ouço o som de milhares de soldados lá embaixo, os mesmos ruídos que ouvia quando viajava com o grupo. Avisto fogueiras esparsas entre as árvores, cintilando como pequenos sóis alaranjados queimando em pontinhos isolados no chão.

A base militar está tão cheia que prédios rústicos foram erguidos para abrigar mais homens, ao passo que o restante do excedente foi alojado nas estalagens da cidade ou aqui mesmo, no próprio castelo. Dizer que está cheio é um eufemismo.

A Cólera também tem dormido na base todas as noites. Acho que os soldados se animam por vê-los lá embaixo, saber que seus capitães e comandantes não estão acomodados nos luxuosos aposentos do castelo. Percebi que Slade estava dividido, mas acabou ficando aqui comigo.

Um barulho acima de mim atrai meu olhar para o céu. Pulo de surpresa ao ver que uma enorme silhueta escura descreve círculos lá no alto, e grito quando Argo pousa bem ao meu lado.

Eu me volto para ele de cara feia.

— Seu idiota. Você me assustou.

O timberwing lambe o focinho, e a língua comprida roça os dentes em forma de adaga. Alguns parecem mais escuros que os outros, talvez do sangue de um animal que ele caçou. Quando Argo lambe a boca de novo e mastiga algo em seguida, torço o nariz.

— Que nojo. Será que pode enxaguar a boca antes de vir aqui limpar os bigodes em mim?

A fera inclina a cabeça, e seus olhos iridescentes reluzem. O tamanho ainda me deixa um pouco nervosa, embora precise admitir que me afeiçoei a ele.

Mas ainda me encolho quando Argo se aproxima de repente e empurra meu braço com o focinho.

Endireito as costas, e meu coração falha por uma fração de segundo.

— Você quer alguma coisa? — pergunto, nervosa.

Ouço passos se aproximando e me viro para o guarda que caminha em minha direção.

— Desculpe, milady, mas mimamos demais a fera de Sua Majestade. Ele vem aqui por isso. — O homem enfia a mão no bolso e me entrega um pedaço de alimento.

Eu o aceito e olho para minha mão. Noto que não se trata de carne-seca, como eu esperava, e sim de um biscoito grande ou coisa assim.

— Está me dizendo que timberwings gostam de doces?

O guarda dá de ombros com um sorriso tímido.

— Não sei se todos os timberwings gostam, mas este, sim, com certeza.

Rindo, me viro e dou de cara com Argo bem perto de mim, mirando com atenção o biscoito que tenho em mãos.

— Então é isto que você quer?

Ele faz um som sufocado no fundo da garganta e pisca para mim com ar inocente.

Eu brinco:

— Aham, boa tentativa com esse olhar de cachorrinho abandonado — comento, antes de adotar meu tom severo. — Se você arrancar minha mão com

uma mordida, vou ficar *muito* brava.

Estendo a mão com o biscoito e, assim que a abro, Argo se aproxima em busca de pegar a guloseima. Estremeço, fecho os olhos; porém, em vez de sentir seus dentes afiados me atacando, descubro que é surpreendentemente gentil. Tudo que sinto é o suave roçar dos lábios de cavalo antes que boca e guloseima desapareçam.

Quando abro os olhos, ele está engolindo tudo com alegria, parecendo muito satisfeito. Desta vez, quando lambe os dentes, está recolhendo as migalhas.

— Nada como um biscoito depois de uma caçada sangrenta, não é? — pergunto.

Argo emite um barulho que é como um chilreado rouco, e estendo a mão a fim de acariciá-lo.

Ao meu lado, ouço o guarda prender a respiração.

— Lady Auren, eu não...

Antes que ele conclua o aviso, meus dedos tocam as penas cor de casca de árvore no pescoço de Argo. Eu me preparo para ser atacada, mas, para minha surpresa, a fera vira a cabeça para o outro lado, como se me mostrasse onde afagar. Hesitante, coço seu pescoço e descubro que a pena é muito mais macia do que eu esperava.

O guarda suspira, aliviado.

— Uau. Ele nunca permite que ninguém o acaricie, só Sua Majestade.

Uma onda de satisfação me invade quando passo a mão nele de novo.

— Bom garoto — elogio. — Obrigada por não me mastigar até a morte.

Eu o acaricio por mais alguns segundos e, ao afastar a mão, Argo estala a língua para mim. É o único aviso que recebo antes de ele se inclinar e alçar voo, provocando um deslocamento de ar que é uma rajada de vento em nossa direção quando as asas o levam mais alto.

Afasto o cabelo que caiu em meu rosto, sorrindo para mim mesma ao observar sua silhueta sombria desaparecer. Olho para o guarda e digo:

— Obrigada pelo biscoito.

O homem inclina a cabeça.

— Disponha, milady.

Enquanto desço a escada, toda a satisfação que experimentei no terraço desaparece lentamente, passo a passo. Quando chego ao andar do quarto de Slade, a ansiedade comprime outra vez meu estômago, solidificada e pesada.

Respiro fundo antes de entrar e fechar a porta. Assim que entro no dormitório, percebo que a janela está aberta, deixando entrar o ar fresco da noite que agita com leveza as cortinas verdes.

— Aí está você — Slade diz. Ele se levanta da cadeira ao lado da lareira apagada, com uma pilha de papéis nas mãos. Joga os papéis na cadeira à medida que endireita as costas. Meus olhos descem por seu corpo, dão-se conta da calça preta enfiada nas botas e do colete de couro com amarrações na cintura. Slade também fez a barba, e agora a sombra escura que anuncia o nascimento de novos pelos reapareceu em seu rosto. O cabelo está penteado para trás.

— Você está linda — ele comenta quando me aproximo.

Seguro a saia do vestido e levanto o tecido vermelho-rubi.

— Você escolheu este.

Olhos escuros seguem a abertura do decote arredondado que termina na faixa logo abaixo dos seios.

— A cor combina com você.

— É bom não usar dourado o tempo todo. Também é bom não *ver* ouro em todos os lugares — admito, analisando em volta e contemplando as tábuas escuras do piso e a roupa de cama verde. Mesmo algo tão simples, como ser capaz de ver a verdadeira cor dos grãos de madeira ou dos fios de um lençol, ainda é meio anormal. Depois de tanto tempo cercada constantemente pelo dourado, por cada item transformado por minha mão em Sinoalto, é uma lufada de ar fresco me afastar dessa perspectiva singular.

Uma vida experimentada em tons de ouro projeta uma espécie de sombra própria.

As pontas de seus dedos roçam a pulseira dourada no meu braço.

— Mas dourado sempre será minha cor favorita.

Sorrio, mas a felicidade desaparece em meio aos pensamentos perturbados, enquanto o estômago revirado tenta agitar meus nervos tensos. Ponho a mão no bolso oculto do vestido e pego minha fita, enrolando-a no polegar por um momento antes de colocá-la sobre a mesa de cabeceira.

Então me viro para encará-lo.

— Podemos conversar?

— Claro.

Vou até a cama e me sento, apoiando as mãos dos dois lados do corpo para não me mexer, exceto o balançar leve dos pés.

— Não sei se recusar a proposta de Manu esta noite é a melhor decisão.

Um lampejo de decepção passa por suas feições.

— É — ele diz, decidido. — Estão tentando nos intimidar, nos encurralar.

— Mas o exército está cansado. E a escassez de comida...

— Você parece o Ryatt.

Faço uma pausa.

— Então ele concorda comigo?

Uma risada indiferente sai de seu peito.

— Quando se trata das minhas decisões, Ryatt costuma acreditar que eu deveria fazer o contrário.

Mordo o lábio.

— Só estou preocupada.

O rosto de Slade se suaviza, e ele se aproxima de mim, parando bem na frente dos meus joelhos. Sua mão toca meu queixo e inclina minha cabeça para cima, conforme ele se abaixa.

— Não quero que fique preocupada. O Quarto Reino é forte. *Eu* sou forte.

— Sei que você é, mas seu povo...

De repente ele dobra o joelho e o coloca entre minhas pernas sobre o colchão, prendendo o tecido da saia enquanto me imobiliza com seu peso.

— O que está fazendo? — pergunto, ofegante.

Ele se inclina, e eu vou para trás, fazendo-o sorrir.

— Não quero que se preocupe. Nós vamos ficar bem.

— Mas...

Ainda segurando meu queixo, Slade roça os lábios nos meus, fazendo minhas palavras morrerem na garganta e derreterem na respiração instável.

Não é nem um beijo completo, na verdade, mas só esse toque sutil faz meu corpo reagir, me faz derreter contra ele.

Ele se afasta, e vislumbro ondas de calor no fundo de seus olhos verdes.

— Você tem um bom coração, Auren — declara, afagando a ponta do meu queixo com o polegar. — Só quero que confie em mim. Acredite que posso manter você *e* meu reino seguros.

— Eu confio — respondo, com honestidade. — Mas você mesmo disse que, se insistirem nisso, se te pressionarem, vai retaliar.

Em vez de tentar negar, Slade coloca o outro joelho na cama também, este do lado externo da minha coxa direita. Pensei que a saia me imobilizava antes, mas agora restringe ainda mais os movimentos das pernas. Suas mãos se

apoiam no colchão dos dois lados dos meus quadris, e mesmo que eu me incline um pouco para trás, ele se inclina comigo.

— Vou retaliar — ele concorda, falando a poucos centímetros do meu rosto. — Não me esquivo de usar minha magia. Não sinto remorso por buscar vingança. Farei tudo o que for preciso, porque ninguém pode ameaçar meu reino ou tentar te machucar.

Engulo em seco, e não deveria estar excitada agora. Não quando o assunto é tão sério, não quando ele alega não sentir culpa por espalhar sua podridão à custa de vidas e terras.

Mas estou.

Há sempre essa atração pulsante entre nós, uma atração que reverbera no ar e só nós podemos sentir.

— Não quero que você tenha de matar por mim.

Um lado de sua boca se contrai e ele roça o rosto no meu, provocando um atrito quente com a aspereza da barba por fazer.

— É tarde demais para isso — ele ronrona, sério. — Meus instintos feéricos não vão descansar até que as ameaças contra você sejam neutralizadas, e o rei em mim não vai ficar sentado enquanto outros ameaçam meu povo. Não vou tolerar isso. Ninguém pode ameaçar o que é meu, porque não vou aceitar *passivamente*.

Ele se inclina mais para a frente, me empurrando com o movimento, e agora *eu* estou deitada. Sinto arrepios quando ouço a palavra *passivamente,* e a interpreto em um contexto completamente diferente. O fogo em seus olhos me revela que era isso mesmo que ele pretendia.

Os músculos de seus braços parecem maiores enquanto ele permanece ali debruçado sobre mim, os olhos mergulhando em meus seios, fazendo um calor líquido se acumular entre minhas pernas.

— Mas... isso é ruim — anuncio, sem muita convicção, enquanto meus quadris tentam se levantar. Tentam e falham, porque ele prende minha saia. O fato de estar completamente à sua mercê, mantida sob seu corpo, provoca um arrepio que percorre minhas costas.

Passivamente.

— Eu e você — ele continua, inclinando-se para a frente e tornando a atração mais potente, pulsante e magnética. — Não há vergonha no que somos.

Que pensamento perigoso.

Ele morde minha boca e lambe a linha entre os lábios. Não os afasto, e ele morde com mais força, provocando um pequeno ponto de dor que, de alguma forma, faz meu corpo se encher em antecipação. Deixo a língua sair e encontrar a gota de sangue, mas ele cola os lábios nos meus novamente, roubando o gosto.

— Somos poderosos — ele diz, deslizando uma das mãos da clavícula até a ponta do meu decote, uma trilha que acende um fogo e espalha esse desejo ardente.

Eu não deveria estar querendo me queimar. Deveria tentar afastá-lo, falar sobre essa decisão sem ser distraída por sua sedução. Mas não consigo. Não posso, porque cada vez que ele me toca, provoca um desejo incontrolável.

Então arqueio o corpo, um apelo silencioso para que me toque sob o tecido, agarre meus seios, me toque por inteiro. Eu me arqueio e ele se curva, e isso é tudo que existe.

— Repita. — Seus lábios descem até meu mamilo endurecido, chupam através do vestido. Gemo ante o contato e jogo a cabeça para trás. Slade se move de um para o outro, lambendo, chupando, *provocando*.

— Me toque — peço, em vez de obedecer.

Seus dentes me mordem com a mesma força com que morderam o lábio. Meu mamilo desperta com uma deliciosa onda de dor, e eu grito.

— *Repita*. — Meus quadris mais uma vez tentam se levantar. Falham. Tentam de novo. Estou empurrando o tecido apertado, e isso me dá a impressão de que meu corpo está preso e tenso. Eu me sinto totalmente dominada, e ainda mais excitada por isso.

Quero me esfregar nele, quero que pressione meu centro pulsante, que me mantenha aqui, presa embaixo dele, enquanto me fornece prazer em pequenas doses.

— Somos poderosos — repito, atendendo ao pedido com a respiração constrangedoramente acelerada.

— Isso mesmo — ele responde, fitando os meus olhos e me imobilizando com o olhar, tal como prende o restante do meu corpo. — Com ouro e podridão, vamos proteger o que é nosso. Seremos o nosso pior quando necessário e o nosso melhor juntos. E, no fim das contas, vamos destruir os inimigos. — Seus quadris descem, finalmente, *finalmente,* me dando aquela fricção de que preciso, e eu gemo, estremecendo por inteira. — E por quê, Auren? — Slade pergunta, com tom sedutor.

Seu membro duro se esfrega em mim, encontra o clitóris e me faz pegar fogo.

— Porque... — Arfo, contemplando-o diretamente ao alcançar o cordão de sua calça e puxar para soltá-lo.

Em vez de sentir medo do mundo, posso fazer o mundo inteiro ter medo de mim.

Enfio a mão em sua calça e agarro seu pau ao mesmo tempo que digo:

— Porque sim. Seremos vilões um pelo outro.

Ele sorri. Um sorriso lento, enfático, *promíscuo*.

— Isso mesmo.

57

AUREN

Há algo libertador e emocionante nessa confissão perversa que fazemos um ao outro. Talvez seja a feérica em mim. Talvez seja a podridão enraizada em minha alma. Contudo, seja o que for, se comunica com aquela fera que vive confinada em meu peito.

Aperto o pau de Slade com força, arrancando um gemido de seus lábios.

— Me faz gozar, Slade.

Seus olhos brilham. Sua boca estala.

— Você é minha semelhante. Minha fêmea. Minha parceira. Mas, quando o assunto é boceta, eu estou no comando.

Arqueio uma sobrancelha, apesar de sentir o estômago dar um pulo.

— E se eu quiser ficar no comando do seu pau?

Slade ri, uma risada baixa e sombria.

— Você quer, Pintassilgo?

Concordo, movendo a cabeça com lentidão, deslizando um dedo pela veia latejante que percorre toda a extensão do membro. Quando estou prestes a tocar a cabeça, afasto a mão e, mirando os olhos dele com toda a ousadia, lambo a palma da minha mão até deixá-la bem molhada. Ele fecha os olhos quando o agarro novamente e acaricio. Transfiro o toque para suas bolas e as massageio.

— *Caralho.*

Nem tento suprimir o sorriso, mas então o líquido pinga da ponta do pau e cai na minha barriga. De novo e de novo, mais gotas, e não sei por quê, mas ver seu pau *vazando*, tamanha a sua excitação por mim, me faz sentir ainda

mais poderosa, e de um modo totalmente diferente do que ele queria. O líquido continua a pingar, molha meu vestido e faz o tecido grudar na pele.

Desta vez, sou eu quem faz o *tsc*.

— Olhe a bagunça que você fez, Rei da Podridão — comento ao limpar com o dedo algumas gotas que ainda se acumulam na ponta. Seus olhos cintilam quando levo o dedo à boca e *chupo*. Seu sabor salgado explode na língua, e chupo com força, até puxar o dedo da boca com um estalo.

Slade fala um palavrão.

— Está tentando me matar?

Minha resposta é um sorriso enquanto aperto seu pau.

— Matar você? Considerando o que eu quero, isso não seria muito útil.

Ele dá uma risada.

— *Você* está sendo muito útil.

Dou uma risada, que é interrompida quando ele se inclina e pressiona a mão *bem* entre minhas pernas.

— Posso dar na mesma medida que recebo. Lembre-se disso, Pintassilgo.

Estremeço, perco a concentração, e a sequência de movimentos suaves da minha mão em seu pau se torna irregular. A mão dele, no entanto, continua circulando e pressionando sem perder o ritmo.

Não sei o que acontece com a saia me segurando, mas sinto a fricção persistente com muito mais intensidade. É como se eu estivesse mais consciente de cada pequena sensação. O tecido vermelho me prendendo. O calor na palma da mão. As manchas molhadas que ele deixou em minha barriga e as marcas da boca sobre meus mamilos.

Tudo isso se junta em mim, úmido e quente como o lento acúmulo de condensação. É algo que me reveste desde o rosto corado até as coxas contidas, passando pela mão que ainda massageia seu pau, onde outra gota daquele líquido lubrificante se acumula como uma gota de orvalho.

Eu gostaria de poder me inclinar o suficiente para lambê-lo.

— Não me provoque — advirto, tentando elevar os quadris novamente, tentando fazer a mão me esfregar com mais força. — Eu quero gozar.

— É mesmo? — ele diz, sem pressa, como sempre.

— É — tento responder, mas a voz é mais um gemido. É uma espécie de feitiço o modo como ele consegue me fazer sentir tão desesperada e com tamanha rapidez. Nunca estive tão delirantemente perdida em desejo como quando estou com ele. E então, como pura magia, sua mão se move mais

rápido, com mais força, me fazendo gemer, arquear, me fazendo *contrair e contrair e contrair e contrair e*... — Não!

Sua mão desaparece de repente, e meu orgasmo também.

Olho para ele, arfando como se eu tivesse acabado de subir cinco lances de escada.

— Por que parou? Eu estava quase gozando.

O macho irritante se levanta do colchão e, sem seu peso, o vestido afrouxa. Minhas pernas formigam com o alívio, eu me apoio sobre um cotovelo e deslizo instantaneamente a mão pela frente do corpo. Levanto a saia, abaixo os dedos, pronta para tocar e massagear meu clitóris dolorido...

Meu punho é agarrado por dedos fortes, a mão é imobilizada sob o vestido, bem quando estava *quase chegando* ao local onde preciso dela.

— Solte.

Ele me ignora, abaixa a calça com a outra mão e, em vez de me soltar, leva minha mão de volta ao seu pau.

Em vez de acariciar, eu *aperto*. Firme. Não de uma forma intensa e sensual. Não como costumo fazer com ele, mas cruel e furiosa, cheia de advertências. Mas o idiota nem sequer recua. Não, ele apenas *geme*. Como se fosse prazeroso o fato de eu apertá-lo como se eu quisesse extrair o suco de um limão.

— Hum, que agressiva — ele comenta, sério, empurrando os quadris para a frente como se pedisse mais. — Tentando me punir?

— Sim. — Desta vez, tento alcançar as bolas. Vamos ver se ele gosta do mesmo tratamento duro *nessa* parte do corpo.

Mas ele deve estar sintonizado com meus movimentos, porque agarra meu punho de novo e, em um piscar de olhos, estou deitada de costas e meus dois punhos estão presos acima da minha cabeça.

— Você perdeu o direito de usar as mãos, milady.

A excitação explode em mim e se espalha. Talvez a natureza feérica nos torne mais parecidos do que imagino, porque acho que também gosto quando ele é agressivo.

Mesmo assim, faço uma careta para ele.

— Se não vai me fazer gozar, eu mesma resolvo isso.

— Não. — Slade balança a cabeça. — Nem pense nisso. Enquanto eu estiver no quarto, sou eu quem te dá prazer. Sou eu quem decide quando você goza.

Levanto a cabeça ligeiramente.

— Então me dê prazer — eu o desafio.

Se meu corpo pudesse falar por mim, a frase teria saído como um apelo.

Ele me encara com um olhar intenso, analisando minha aparência desgrenhada.

— Mantenha as mãos acima da cabeça. Não as tire daí.

Engulo em seco e assinto, e ele solta meus punhos assim que concordo.

Debruçado sobre mim, ele deixa o dedo deslizar para baixo, acompanhando-o com o olhar.

— Olha pra isso — ele murmura, enquanto a outra mão roça a mancha de umidade na minha barriga. — Você deixou meu pau todo melado. Praticamente salivando para se banquetear na sua boceta.

Meus quadris se erguem em um convite silencioso.

Ele segura o pau, bombeia duas vezes bem devagar, e o movimento é tão sexy que me faz pegar fogo da cintura para baixo.

— Hum. Talvez eu deva te fazer só olhar. Posso derramar o resto da minha porra nesse vestido lindo. Ver você se contorcer e choramingar enquanto seguro esse pau que você tanto deseja.

Prendo a respiração.

— *Não* — digo, balançando a cabeça.

Mesmo com as arandelas acesas nas paredes, ainda está escuro aqui, e com ele parado em cima de mim, se acariciando, eu me sinto ainda mais carnal, como se a escuridão fosse a guardiã de todas as coisas lascivas e pervertidas.

Ele continua movendo a mão para a frente e para trás.

— Você nem sabe o que desbloqueou, deixando meu pau pingar nesse seu lindo vestido — diz, com movimentos lentos. Regulares. Como se não estivesse me torturando com essa provocação erótica. — Dá vontade de cravar os dentes no seu pescoço e deixar uma marca na pele. Dá vontade de te despir com a boca aberta, a língua de fora, e gozar no seu peito, na sua boceta, no seu rosto. Dá vontade de espalhar a porra nos seus seios, nos lábios, fazer você engolir essa parte enquanto esfrego o resto na sua boceta latejante.

Arregalo os olhos, e meu coração dispara.

— Grande Divino...

— Você ficaria tão coberta de mim que eu conseguiria sentir o cheiro — ele grunhe, como se já tivesse se apoderado da ideia e quisesse colocá-la em prática.

E quase quero que ele faça isso.

Então, sem aviso, Slade se inclina e levanta minha saia, me expondo. Ele rasga minha roupa íntima encharcada e se ajoelha, mergulha o rosto entre minhas pernas.

Todo o meu corpo estremece quando ele lambe a abertura com a língua plana e insistente, me lambendo como se eu fosse seu sabor favorito.

— Hum, molhada desse jeito só para mim.

Sua voz ressoa em mim, espalha vibrações que alimentam meu corpo como se eu fosse uma fera faminta, desesperada para ficar satisfeita.

Ele enfia a língua, me fode com ela, e eu choramingo e me contorço, tentando levantar os quadris e atrair sua atenção para os meus nervos latejantes, mas ele me prende de novo, amontoando a saia.

— Slade — eu grito. — Lambe meu clitóris.

Ele ergue a cabeça para olhar para mim de onde está, entre minhas pernas, com minha umidade cobrindo seu queixo.

— Minha mulher safada quer que eu lamba seu clitóris?

— Sim! Me faz gozar! — Estou praticamente chorando de tesão, me contorcendo e me arqueando descontroladamente de um lado para o outro, tentando me libertar de seu domínio, mas, ao mesmo tempo, amo o jeito como ele me controla.

— Hum, adoro quando você se contorce de vontade.

Ele abaixa a cabeça, e um raio de pura eletricidade me percorre quando a boca envolve meu clitóris inchado e chupa, morde, lambe com vontade.

Minhas mãos seguram sua cabeça, agarram o cabelo grosso. Empurro e seguro, forçando sua cabeça a ficar *onde está*, a língua a continuar me comendo como se ele estivesse se banqueteando com meu clitóris, porque eu vou...

Suas mãos agarram meus punhos, assim como sua boca aperta minha boceta.

Desta vez, deixo escapar um uivo constrangedor.

— Não, eu estava tão perto, seu desgraçado!

Suas mãos prendem as minhas contra a cama.

— Eu falei para não mover as mãos — ele diz, com uma severidade perversa. — É muito feio não seguir as instruções.

Parece que todo meu corpo lateja agora, tudo se concentra naquele feixe de nervos necessitados que ainda não me deram o que quero. Ele continua me levando ao pico e me fazendo esperar. Sinto que um movimento daquela língua poderia me fazer explodir.

— Você tem que terminar o que começou — imploro. Porque estou muito tensa. Muito carente. Ele me deixou assim, e agora sinto que, se não conseguir liberar toda a tensão que ele acumulou em mim, vou me sentir negligenciada, destroçada.

É por isso que ajo como um animal enlouquecido quando ele solta minhas mãos para me levantar, sorrindo para mim enquanto diz:

— Não.

Eu me surpreendo com a rapidez com que me movo.

Em um segundo, estou deitada na cama e, no outro, estou de pé, e o empurro com tanta força que ele cambaleia para trás. Não sei se usei força suficiente ou se o peguei de surpresa, mas, de qualquer forma, seus pés recuam vários passos.

Antes que ele possa se equilibrar, estou em cima dele, e um ruído animalesco sai da minha garganta.

— *Me come agora*. — É um rosnado exigente, e minha mão segura seu pau. — Se não me der o que eu quero, vou enfiar o joelho nas suas bolas com tanta força que todo aquele esperma que você quer espalhar no meu corpo vai ficar preso por uma semana.

Muitos homens provavelmente ficariam chocados e recuariam diante dessa ameaça.

Mas Slade?

Ele fica *maluco*.

Minha bunda está em suas mãos, o vestido está levantado na frente e minhas costas são empurradas contra a parede mais próxima. Mas nem sinto quando bato a cabeça nela, porque estou rindo, rindo por tê-lo empurrado daquele jeito, por tê-lo feito perder o controle.

— Eu ia te provocar mais um pouco. Continuar brincando com essa boceta até você gritar. Mas agora você passou dos limites. E vai ser fodida com muita força contra essa parede, Lady Auren.

Colo a boca na dele e mordo com força, fazendo-o gemer quando tiro sangue antes de recuar e sorrir.

— *Que bom*.

Ele me penetra com toda a força, com tanta força que acho que o mundo deve ter sido aberto ao meio.

Ou talvez seja só eu.

Grito seu nome, cravo as unhas no couro de sua camisa, me sentindo preenchida, invadida, totalmente dominada por seu pau e amando cada centímetro dele.

— Era disso que você precisava, Pintassilgo? — ele grunhe no meu ouvido.

— *Ai, Deusa, sim.* — Porque preciso. Preciso não pensar. Não me preocupar. Preciso de toda minha consciência reduzida a nada além de algo carnal, feroz e totalmente satisfatório.

Slade sai de mim uma vez bem devagar, e então começa a me foder ali mesmo, cada penetração forte e rápida fazendo a parede ranger e tremer enquanto ele me invade de novo e de novo.

E então ele levanta uma das mãos, introduz dois dedos na minha boca.

— Chupa.

Só isso, e eu gemo. Gemo e passo a língua em seus dedos, chupo com vontade e os levo para dentro da boca.

Aqueles dedos molhados descem e encontram meu clitóris, esfregam, contornam, beliscam, e eu vou entrar em combustão, vou...

Ele para. No momento em que a minha boceta estava prestes a se contrair, no momento em que eu estava prestes a explodir.

Um soluço furioso rasga meu peito.

— *Não...*

— Sim — ele ronrona em resposta, com o pau pulsando dentro de mim cada vez mais duro, mais grosso.

— Eu preciso — imploro.

— Você foi muito safada, não foi? Me empurrando daquele jeito, fazendo exigências. — Sua voz sombria faz minha pele quente explodir em arrepios. — Eu deveria te levar ao limite de novo e de novo. Deveria continuar batendo nessa boceta, esfregando esse grelo, te deixando louca de necessidade. Devia te levar até a beira de novo e de novo, sem nunca te deixar cair no precipício.

Já me sinto louca, e se ele continuar provocando, posso morrer.

— Não. *Por favor*.

Talvez seja o apelo rouco, mas Slade captura minha boca e começa a me beijar como se tivesse fome.

Não tem movimento lento de língua. Nenhuma pressão suave dos dentes. Isso é confuso, dominador e *sexy* demais. Ele é dono da minha boca, assim como é dono do resto do meu corpo, de maneira completa e possessiva, mas

com uma confiança tão completa entre nós que posso mergulhar de cabeça nessa sensação e devolvê-la multiplicada por dez.

Ele só se afasta quando viro a cabeça para recuperar o fôlego, e então me puxa da parede, me movendo com habilidade para cima e para baixo sem tirar o pau, como se meu peso não fizesse diferença para a capacidade de sua força. Como se já não me penetrasse fundo antes, agora ele está ainda mais dentro de mim.

Cada centímetro de mim o devora, prende o pau implacável que entra e sai do meu corpo enquanto ele me levanta e abaixa. É *felicidade*. É agonia. As duas coisas no mesmo pacote, me fazendo ver estrelas e o mundo girar.

Porque preciso disso.

Eu preciso, eu preciso, eu preciso

Minhas costas batem na cama com um tranco, e ele dobra meus joelhos até o peito, me fodendo como um homem possuído.

— Vou deixar você gozar desta vez — ele diz, e quase choro de alívio e necessidade, sentindo os seios pularem de um jeito obsceno com a intensidade das penetrações violentas. — E quando gozar, você vai jorrar no meu pau e gritar meu nome, e vai me agradecer por não ter te deixado gozar antes, porque você vai gozar como nunca gozou antes.

Imagino que seja um exagero.

Não é.

Sua mão desce até meu clitóris, mas, em vez de esfregá-lo, ele dá um tapa. Um tapa rápido nos nervos latejantes, e aquela dor aguda me submerge como se eu fosse jogada em uma banheira cheia de água, atordoando meus sentidos e me envolvendo em uma onda de choque. E então ele esfrega, transforma aquela pontada de dor em prazer enquanto rosna uma ordem.

— Goza.

O orgasmo explode, me estilhaça.

Eu gozo, gozo e *gozo*, e ele continua esfregando, esfregando e *metendo*.

Quando a explosão chega ao auge e recua, ele de alguma forma me empurra diretamente para outra, como se passasse da submersão em uma banheira para o mergulho em um rio, uma corrente perigosamente rápida que me arrasta antes que eu possa me agarrar a qualquer coisa.

E quando volto, ainda sacudida pelas ondas do fim do orgasmo, *ele continua*.

Ele continua, e não sei se vou morrer, desmaiar ou simplesmente me afogar em prazer.

Mas que boa maneira de morrer.

— Boa menina — ele diz, e meu prazer aumenta e se contorce só por isso. — Você é uma delícia de *putinha*.

Estou trêmula. Acho que posso estar chorando. Estou tão tensa, tão tremendamente sensível, tão amplificada que jogo a cabeça de um lado para o outro implorando, implorando.

Mas, de alguma forma, estou implorando por mais e, ao mesmo tempo, que ele acabe com essa agonia eufórica.

— Você gosta disso, não é, amor?

Não consigo nem dizer nada além de murmúrios e gemidos.

Seus lábios descem para beijar meu pescoço, a língua lambe a linha do maxilar antes de a boca capturar a minha.

— Você é tão linda. Gozando até jorrar enquanto eu te fodo. — E estou. Posso ouvir quanto estou molhada pelo som da minha pele batendo na dele, pelo jeito como seu pau está revestido da minha umidade. — Quero que essa sua boceta gostosa me aperte, Auren — ele ronrona. — Sufoque meu pau e me faça gozar com você.

Meu pedido murmurado é indecifrável, mas é claro que não posso fazer isso *de novo*.

— Mais um. Você pode me dar mais um, porque você é minha parceira perfeita de foda e adora quando te fodo com força, quando te faço ver estrelas. Você adora me provocar, apertar minhas bolas, deixar meu pau tão molhado que ele chora. Não é verdade, Pintassilgo? — Estou maluca de necessidade, sentindo uma exaustão gloriosa, em um pico que parece nunca acabar. — Então me dê mais um.

Meu corpo se curva, disponível ao seu pedido. Sinto as costas arquearem, sinto todo o corpo tremer. E dou a ele mais um.

O tormento me domina, e não sei como tenho fôlego suficiente para gritar seu nome, mas grito. Minha boceta aperta o pau dele, e Slade me penetra muito fundo, me inunda com jatos de esperma.

E meu corpo simplesmente se desmancha. A mente completamente desligada. Afundo no colchão com um suspiro trêmulo, em estado de tamanha felicidade, esgotamento e satisfação, que meus olhos escurecem e as pálpebras se fecham.

Porque esse “mais um” me arruinou da melhor maneira possível.

A última coisa de que me lembro é um pano quente limpando minhas coxas e uma mão afastando o cabelo do meu rosto. A transferência fácil do meu corpo quando sou movida na cama. Um travesseiro é posto sob minha cabeça, cobertas são estendidas sobre meu corpo, e sinto um beijo carinhoso na testa.

Depois apago.

58

AUREN

Acordo e abro os olhos com os dedos, como se tivessem sido colados. Sinto o corpo todo pesado como se tivesse acabado de tirar a melhor de *todas* as sonecas.

E então me lembro por quê.

Orgasmos.

Orgasmos e como o Rei Ravinger me *arruinou completamente*.

Vim aqui para conversar com ele sobre Manu, perguntar sobre a gravidade da ameaça ao seu reino. Sobre a Assembleia, e se é mesmo um tapinha na mão, ou se Manu estava fazendo uma cortina de fumaça para esconder o fogo.

Todavia, em vez de conversar, ele me seduziu.

Que cretino.

Analisando o quarto vazio, bato as mãos nas cobertas, pulo da cama e caminho em direção ao armário. Acho que só dormi por alguns minutos, então preciso descer para o jantar com Manu, mas certamente não posso ir com este vestido. Não com essas... manchas visíveis que agora secaram e endureceram.

Arranco o lindo vestido vermelho, grata por Slade não ter empregadas circulando neste quarto, porque não existe *nenhuma* possibilidade de eu deixar outra pessoa lavar isso. Eu mesma vou tirar as manchas no banheiro mais tarde.

Visto uma calça preta e uma camisa. Devia ter usado calça antes. Assim, talvez não tivesse me deixado seduzir e me distrair com tanta facilidade.

Estúpida.

É só... *aquele homem*.

Ele mostra um sorriso, uma risada e as linhas de poder no queixo coberto pela barba recente, fala umas palavras sacanas, e eu simplesmente derreto. Toda vez.

E também tem aquele pau. Que é mesmo muito bom.

Estudando o interior do quarto de vestir, invoco o ouro que enrolei nas colunas do quarto e, de imediato, ele flui para mim, vindo do outro cômodo. Assim que se aproxima, eu o dirijo com meus movimentos, batendo a mão em seu colete de couro favorito. Meu ouro o envolve no mesmo momento, deixando o material brilhante.

A visão me faz sentir instantaneamente melhor.

Em seguida, repito o procedimento com sua calça favorita. Não a *minha* favorita, aquela que abraça os glúteos dele perfeitamente e deixa a bunda *muito* linda, e sim a outra. Depois douro seu par de botas sobressalente. O casaco. Até as adagas que ele deixa penduradas nas paredes. Todas essas coisas que ele não vai poder mais usar, porque com certeza alguém vai ver.

Quando uso todo o ouro dos pilares, limpo as mãos e olho em volta, satisfeita.

São as pequenas coisas.

Particularmente, acho que ele merece. Teve a capacidade de transar comigo até me deixar inconsciente, só para poder dar sua resposta final a Manu no jantar, sem que eu começasse uma longa discussão sobre o assunto antes disso. Há muitas vidas em jogo aqui, não só a minha, e apesar de sua certeza sobre o assunto, é algo que vale a pena discutir.

Quando estou prestes a sair do quarto de vestir, me deparo com o casaco de penas. Aquele que usei depois de deixar os Invasores Rubros. Aquele que Slade mantinha em seu quarto em Ranhold. Mas isso não é tudo que ele conseguiu recuperar. No bolso do casaco, encontro um canto do livro feérico que levei para ele no Quinto. O livro sobre o qual nunca perguntei, porque, mais uma vez, ele me distraiu com sexo.

Pelo visto, é um padrão.

Acrescento mais um item à lista de coisas sobre as quais preciso conversar com ele e então vou ao banheiro. Depois de me lavar e pentear o cabelo emaranhado, faço uma trança e saio do quarto de Slade. Corro para chegar à sala de jantar a tempo.

Mas, quando chego lá, a sala está vazia. A mesa foi limpa. Paro na porta, olho para ela, e meu coração começa a bater cada vez mais rápido.

Quando avisto um criado entrando na sala pela porta do fundo, eu o chamo.

— Com licença? — O jovem para e arregala os olhos. — Por favor, quando terminou o jantar? Aquele com o conselheiro do Terceiro Reino?

— Há cerca de uma hora, Lady Auren.

Merda. Perdi o jantar.

Perdi, e Slade nem tentou me acordar.

Comprimo os lábios, formando uma linha dura.

— Sabe para onde foram o Rei Ravinger e o conselheiro do Terceiro?

— Sua Majestade foi para a base militar. Acredito que Sir Ioana deve partir em breve.

A frustração me invade.

— Obrigada.

O rapaz assente e sai apressado, desaparecendo como se tivesse receio de eu fazer mais perguntas. Ou talvez tenha medo de eu ser a ladra de magia que vai jogar ouro nele.

Observo a sala escura, sem saber o que fazer por um momento. Slade me deixou em êxtase pós-orgasmo, provavelmente roncando na cama, e depois veio *sozinho* anunciar mais uma vez que *eu recuso* a convocação para a Assembleia. Não me acordou nem para me avisar, antes de fugir no meio da noite a fim de fazer uma visita à base militar.

Eu devia ter dourado mais coisas dele.

Estou furiosa. Estou preocupada. Estou com muito medo de como tudo isso vai se desenvolver. E agora que a resposta foi dada, as consequências vão se acumular com agilidade. Tudo aconteceu muito rápido, uma situação que escorreu por entre meus dedos antes que eu pudesse entendê-la de verdade.

Dou meia-volta e saio dali, ponderando se vou conseguir encontrar Manu antes de sua partida. Caminho em direção ao quarto dele, atravessando o corredor com passos silenciosos. Se eu puder falar com ele de novo, talvez consiga convencê-lo a pedir à irmã que não interrompa as importações do Quarto e não estimule a necessidade de retaliação de Slade.

Porém, quando encontro outra criada e pergunto onde ficam os aposentos de Manu, ela me informa que ele já foi embora. Ele e seus guardas foram vistos há poucos minutos saindo dos aposentos.

Meu coração fica apertado.

Por um momento, cogito ir à base militar e falar com Slade, mas estou muito confusa para fazer isso no momento. Em vez disso, decido ir ao jardim. O guarda abre a porta para mim.

— Vai respirar um pouco de ar fresco, Lady Auren?

— Sim, obrigada.

Apesar dos pensamentos perturbadores, o ar fresco ajuda. Assim que saio, respiro fundo e me acalmo um pouco. E preciso de calma, porque meu estômago ferve e minhas emoções estão agitadas. Manu agora deve estar a caminho de um encontro com a irmã.

O Quarto Reino pode morrer de fome por minha causa.

Não importa que tipo de impressão positiva estamos tentando transmitir ao público sobre mim, assim que perceberem que sou a razão para passarem fome, as pessoas vão se voltar contra mim mais do que já estão. O guarda me acompanha em silêncio, e sigo imersa em pensamentos. No entanto, só consigo percorrer alguns metros antes de notar a presença de alguém no banco perto da fileira de roseiras.

— Rissa?

Ela ergue a cabeça loira, e o vestido branco praticamente brilha ao luar. Eu me aproximo quando ela se coloca em pé.

— Não tenho te visto muito desde que chegou — comento ao parar diante dela.

— É porque tenho relutado em sair da cama — ela responde, prendendo uma mecha solta do cabelo. — Depois de viajar por tanto tempo e dormir em uma barraca, precisei me familiarizar novamente com um colchão de penas e com não sentir que meus dedos dos pés iam congelar.

— Lamento que tenha tido uma jornada tão longa e difícil.

— Fazer o quê? Nem todas nós podemos conquistar reis e atravessar as Estéreis voando nas costas de timberwings, não é?

Rio baixinho e contemplo o jardim. Exceto pelas lanternas acesas ao longo do muro de pedras externo, está escuro, porém tranquilo aqui fora, com a lua projetando tantas sombras quanto luz.

— Quer caminhar? — pergunto a ela.

Rissa assente, e começamos a andar em direção às sebes com passos lentos, enquanto o guarda nos segue, respeitoso, a alguns metros de distância para nos dar privacidade.

— Como está Polly? Espero que tenha recebido as moedas que mandei.

— Recebeu. E foi direto para o bordel.

Seu tom de voz é suficiente para eu saber que isso a incomoda.

— Sei que você não quer isso para ela, mas tive a impressão de que é o que ela quer para si mesma — comento, em voz baixa, respirando o perfume de jasmim à medida que passamos por uma trepadeira subindo por uma treliça.

— Sei que é — Rissa concorda, me espiando rapidamente pelo canto do olho. — Agora eu sei — ela se corrige. — É que... vou sentir falta dela.

Fico surpresa com o raro momento de vulnerabilidade, e é aí que percebo o quanto ela parece triste. Rissa é sempre dura como aço. Sedutora. Inteligente. Contundente. Mas triste? Nunca.

Olho para trás, para o guarda, e aceno para ele ficar onde está, enquanto Rissa e eu paramos logo após a primeira fileira de cercas-vivas.

— Sei que Polly manifestou um pouco de... raiva de você por tirá-la de Ranhold — começo, cuidadosa. — Mas acho que, no fundo, Polly sabe que você salvou a vida dela. Mesmo que se recuse a admitir, ela provavelmente teria morrido por causa do orvalho.

— E é melhor ela nunca mais experimentar nada parecido — Rissa responde, ao fitar as folhas do arbusto como se a estivessem ofendendo pessoalmente. — Porque, da próxima vez, ela vai morrer, e não vou estar perto para salvá-la. Não vou estar ao lado dela durante *semanas* de abstinência.

Estremeço só de imaginar como deve ter sido. Não faço ideia de como um corpo pode reagir ao ser privado de orvalho, mas com base na aparência abatida de Polly, e no fato de ter passado por isso enquanto viajava com o exército por um deserto congelado, a experiência não deve ter sido boa. Posso imaginar o que Rissa teve de suportar para superar tudo isso.

Melhor ela do que eu.

— Polly vai voltar — garanto, e seguro a mão de Rissa. Ela se assusta, e espero que se afaste. Mas, para minha surpresa, ela afaga minha mão.

Ela a solta quase de imediato, mas ainda é surpreendente.

Quando vê o sorriso surgir em meu rosto, faz uma careta para mim.

— Não.

— Não o quê? — indago, ainda sorrindo.

— Sei que está pensando que agora somos grandes amigas. Foi um gesto de conforto, nada mais.

— Não sei — retruco, e dou de ombros. — Parecia um gesto de amizade.

Ela ri e começa a se afastar.

— Não era pra você estar por aí com seu rei, fazendo alguma coisa romântica?

— Não estou me sentindo muito romântica no momento — confesso. — Além disso, ele está na base militar de novo.

— Eles gostam de passar o tempo todo lá, não é? — ela responde, e parece aborrecida. — Capitão Oaf ainda está lá embaixo também.

Elevo uma sobrancelha quando chegamos à fonte e ao banco onde eu treinava meu ouro no outro dia.

— E isso... te incomoda? Osrik passar muito tempo na base? — tento perguntar com a maior indiferença possível, mas acho que não consegui, porque Rissa fica tensa.

— Por que me incomodaria? — ela pergunta, na defensiva, cruzando os braços ao parar diante da fonte. — Ele é um grosseirão, um rufião. Uma base militar é o lugar perfeito para ele.

— Aham.

A loira se vira para mim, estreita os olhos e abre a boca para responder.

No entanto, o que quer que pretendesse dizer é interrompido de repente por um barulho atrás de nós. Viro bem a tempo de ver meu guarda cair de joelhos, bruscamente. Corro, imaginando que está sufocado ou desmaiado, mas então vejo a segunda silhueta atrás dele. Alguém empunhando uma faca.

De olhos arregalados, assisto enquanto o guarda cai de cara no chão com um barulho gorgolejante que revira meu estômago. O medo percorre minhas veias, e então ouço:

— Auren, cuidado...

Giro ao ouvir o alerta de Rissa e fico paralisada. Um homem que não reconheço cobre sua boca com uma das mãos e, com a outra, aponta uma adaga para o coração dela. Seus olhos azuis estão bem abertos e cheios de terror, e a cor desapareceu de seu rosto.

Assim que me aproximo dela, alguma coisa bate em minha cabeça. Não com a força necessária para me fazer desmaiar, mas o suficiente para causar uma onda de dor e tontura que me faz cambalear e cair.

Invoco meu ouro, mas, como é noite, tudo que tenho à disposição é minha pulseira. Ela derrete em meu punho, escorre pela mão e se acumula na palma. É uma quantia minúscula, muito pequena, mas é tudo que tenho. Se conseguir lançá-lo contra o homem que acabou de me bater, se der ao metal o formato de uma agulha afiada e furar seu olho, talvez possa...

Um pano com um odor horrível de repente cobre meu nariz e a boca. Sufoco e tusso ao inalar a substância forte, amarga e tóxica. Aquilo cobre minha língua, gruda na garganta, queima os olhos e inflama o peito.

Não, não, não!

O pânico é um grito em minha cabeça, retumbando nos ouvidos, martelando nas veias. Mas com a pancada na cabeça e a droga atordoante no pano que cobre meu rosto, caio imediatamente, incapaz de sustentar meu peso ou fazer qualquer coisa.

Não consigo mover as pernas. Não consigo controlar os braços. Minha mão fechada tenta, mas não consegue invocar a ajuda do ouro. Ele para de escorrer e coagula na palma da minha mão como lama em um pântano, grosso e pegajoso demais para ser movido.

Alguém me segura antes que eu desabe, e tudo o que posso fazer é manter a cabeça erguida. Tudo o que posso fazer é manter os olhos abertos. É como olhar através de um vórtice, tudo está em movimento, tudo violento e turvo. O pano é fino o bastante para me deixar inspirar e expirar, mas a pressão é sufocante e faz meu coração disparar.

A mente, no entanto, parece desacelerar. Assim como minhas piscadas. Tento ficar acordada e entender o que está acontecendo. O ouro pinga da minha mão como tinta secando, tão drogado e paralisado quanto eu, e cai dos dedos como uma garoa inútil na grama exuberante.

Rissa luta, grita contra o pano sem desviar os olhos aterrorizados dos meus. E não tenho nada. Não tenho mais ouro por perto para nos ajudar, minha magia está muito contaminada por esse veneno para ser usada, mesmo que houvesse ouro e meu corpo não estivesse incapacitado.

E então duas pessoas avançam. Uma é um homem desconhecido vestindo uma longa túnica branca. Um manto — e um grande colar pendurado com o emblema do Segundo Reino. Meu coração se parte de medo, mas então meus olhos reconhecem a segunda pessoa saindo das sombras.

Manu.

— Não é nada pessoal, Boneca — ele justifica, baixinho, vestido com um azul tão escuro que é quase preto, com os braços nus e o cabelo bem preso para trás. — Mas sou leal à minha irmã.

— E à lei do Divino — o homem de túnica complementa.

Manu assente, tenso.

— Vamos. Não podemos nos dar ao luxo de estar aqui quando Ravinger voltar.

Tento gritar contra o pano, mas tudo o que sai da garganta é uma respiração mais forte.

— E esta aqui? — alguém pergunta. O homem que segura Rissa. — Ela é apenas uma montaria.

Está ficando muito difícil manter os olhos abertos. A cabeça erguida. Mas Rissa não desvia o olhar de mim. E eu também não desvio o olhar dela.

— Basta nocauteá-la e deixá-la aqui — Manu orienta.

Sinto o alívio me inundar, embora a droga tenha afetado essa reação, tornando-a turva como um eco gorgolejante.

Mas o homem da túnica nega com a cabeça, e todo o meu corpo se contrai.

— Não. Não podemos nos dar ao luxo de deixar pontas soltas. Mate-a.

Meu estômago revira. Parece que meus pulmões derretem no peito, absorvendo o ar poluído, mas a língua amarga ficou pesada demais para soltar um grito de protesto.

Quando vejo o homem que a segura começar a enfiar a adaga em seu peito, o tempo acelera. Como se tentasse acabar com isso, como se meu corpo e minha mente estivessem lentos demais para o acontecimento em curso.

Tento gritar, mas tudo que consigo produzir é um leve gemido, e minha visão começa a escurecer, minha cabeça lateja.

Vejo os olhos de Rissa espelharem dor e choque quando ela é esfaqueada.

Rápido. Rápido demais para eu conseguir impedir. Tão rápido que não consigo fazer *nada*.

A lâmina penetra seu corpo com a mesma facilidade com que alguém espetaria um pedaço de carne. Sua boca se abre com o choque, o olhar permanece fixo em mim, e então o choque se transforma em outra coisa.

Algo finito e fatal.

Ela desaba, e eu caio com ela.

Seu corpo é jogado na grama do jardim sem nenhum cuidado. Uma mancha de sangue floresce entre as flores bem ali em seu vestido branco, com a lâmina ainda cravada em seu peito.

E parece que uma lâmina atravessa meu coração, enquanto um grito silencioso explode em minha cabeça.

Depois, tudo fica escuro.

59

SLADE

Em apenas uma semana, toda a base ficou saturada com cheiro de merda e couro. O encanamento subterrâneo entupiu devido ao uso excessivo, por isso novas latrinas tiveram de ser escavadas. Regular o racionamento também tem sido um pesadelo. Ainda há soldados dormindo em barracas, mesmo com a base sendo ampliada com a construção de novos edifícios o mais rápido possível, e há quase duzentos soldados sob os cuidados de Hojat e os outros reparadores do exército, todos com ferimentos e doenças contraídas na viagem.

O moral não tem estado dos melhores. Não com a alimentação reduzida. Não com os alojamentos apertados e o fato de ninguém ser dispensado para voltar para casa tão cedo.

A Rainha Kaila e os outros monarcas querem dificultar. Querem espalhar a narrativa sobre Auren ser uma vilã. Sobre eu abrigar uma traidora. Querem transformar Midas em uma espécie de mártir.

É tudo barulho.

Mas eles podem espalhar seus ruídos o quanto quiserem. A rainha pode ser uma mestra com as palavras, mas sou especialista em ignorar o clamor. Não sou o tipo de homem que se deixa influenciar por comoções sensacionalistas destinadas a influenciar uma população.

A podridão é silenciosa.

Então eles podem vociferar o quanto quiserem, porque, no final das contas, eu os destruirei silenciosamente, se necessário.

À minha frente, Ryatt termina seus relatórios. As coisas têm estado tensas entre nós, mas, apesar de todo o seu ressentimento, ele tem cumprido todas as ordens. Parece arrasado, com os olhos vermelhos pela falta de sono, a testa mais franzida que o normal. Seu cabelo ainda está suado depois de ter usado o capacete ao ar livre, enquanto recebia atualizações da lista de voluntários que concordaram em deixar o Colina da Fenda a fim de produzir mais alimentos.

Ryatt pode não concordar com minha decisão, mas faz o que precisa ser feito. Quando chega a hora, ele sempre o faz.

Além dele, Osrik é o único outro que participa desta reunião. Judd e Lu partiram há uma semana. Lu voou rumo ao Sexto Reino para me dar uma ideia melhor do que está acontecendo lá, e Judd foi para o Primeiro Reino.

— ... e temos mais quarenta indo para a área sugerida por Cevada — Ryatt conclui.

— Em quanto tempo chegarão?

— Autorizei o rodízio de timberwings para transportá-los. Estão partindo em grupos de dez, metade do nosso Poleiro, sem contar os nossos animais particulares. Assim que voltarem, eles descansam e mandamos os próximos dez, e assim por diante, o que vai permitir que os animais descansem bastante entre uma viagem e outra.

— Ótimo.

— Mas não é suficiente — Ryatt alerta.

Assinto, porque é verdade. Ou seria, exceto que...

— O Primeiro Reino aceitou o acordo.

Ele arregala os olhos.

— Aceitou?

— Acabei de receber a resposta de Judd — anuncio, dando um tapinha na mensagem no meu bolso. — O Rei do Primeiro aceitou redirecionar seus navios que iriam para o porto do Segundo e mandá-los para o nosso. Quando os navios chegarem, teremos suprimentos de comida, e eles terão uma tonelada de petróleo por um preço *muito* bom.

Ryatt solta um suspiro pesado.

— Bem, finalmente uma boa notícia.

Confirmo com um movimento de cabeça e digo:

— Precisávamos disso.

— Certamente vai colaborar para melhorar nosso abastecimento, mas ainda temos problemas — ele adverte. — O exército está reclamando mais que

o normal. Temos sorte de tê-los treinado sempre para enfrentar condições adversas, mas até eles estão sofrendo o impacto moral de toda essa merda.

— Eu sei.

Ryatt olha para Osrik diante de si, antes de me encarar de novo.

— Eles merecem coisa melhor que isso — pontua, inclinando-se para a frente até a placa metálica do peitoral fazer barulho em contato com a mesa. — Foram arrastados pela porra do continente para impressionar, depois arrastados de volta, e agora têm de se preparar para *mais uma* guerra que você pode provocar.

— Não estou provocando nada disso.

— Você sabe o que quero dizer — ele insiste, e acena com desdém. — Eles são leais. Você sabe que são. E são o exército mais forte, feroz e temido de Orea. Mas estão perdendo a fé em sua liderança.

— Também sei disso — respondo, antes de Os e eu trocarmos um olhar. — É por isso que vou nomear *você* oficialmente como novo comandante do Exército do Quarto.

Meu irmão recua, chocado.

— *O quê?*

Assinto.

— Já está feito. Preenchi a papelada e Os entregou aos tenentes. Pode preparar um discurso de posse.

Ryatt parece perplexo.

— Você não pode estar falando sério.

— Você está pronto — insisto. — E, se quer saber, já está pronto há um tempo. É hora de eu passar o comando oficialmente.

— Você vai desistir mesmo? Vai confiar em mim para liderá-los? Nós discutimos o tempo todo, porra.

— Confio em você.

Ryatt olha para mim, desconfiado, como se não acreditasse em mim.

— Tenho certeza de que vamos discordar sobre algumas coisas de vez em quando, mas também tenho certeza de que você tem em mente o que é melhor para este exército, assim como para todo o Quarto Reino — declaro.

Ele não morde a isca do elogio, mas parece um pouco animado.

— Achei que gostasse muito mais de ser comandante do que de ser rei.

— E gosto. Mas esse exército não precisa mais de mim.

— E quanto ao Degola? Metade do medo que nosso exército provoca se deve aos notórios rumores sobre você.

Dou de ombros.

— Vou garantir que Degola apareça o bastante para exibir uma frente unida aos soldados, e vou lutar quando for preciso; no entanto, para todos os fins e propósitos, o Comandante Degola está se aposentando para podermos trazer sangue novo para os dias vindouros. Quanto à notoriedade... tenho certeza de que você vai fazer seu nome.

Ele bufa e balança a cabeça, porém não expressa mais dúvida alguma.

— E Drollard?

— A frequência das visitas vai depender de você. Mas como comandante de verdade, você terá mais responsabilidades, e isso significa que não poderá ir lá com tanta frequência.

— Tudo bem — ele diz, apressado e ansioso. Isso é tudo de que preciso para ter certeza de que tomei a decisão certa, de que meu irmão está pronto para isso. Ryatt aponta para Osrik. — Como Os ou um dos outros filhos da mãe não ficaram com essa posição, em vez de mim?

— Acha que algum de nós quer isso? Nem fodendo. — Os dá risada. — É muito melhor continuarmos como seus capitães e avisarmos quando você estiver ferrando com tudo.

— Obrigado — ele diz, sarcástico.

— Então aceita? Oficialmente? — pergunto.

Ele se levanta, e eu também fico em pé, e para minha surpresa ele estende a mão para selarmos o acordo. Tudo muito diferente da última vez em que estivemos nesta mesa.

— Obrigado.

Aceno com a cabeça quando ele abaixa a mão e dou um tapinha em seu ombro.

— Não estrague tudo.

Ryatt revira os olhos, mas não expressa a rispidez habitual.

— Vou ficar na sua cola sobre qualquer decisão que afete o exército, você sabe — ele me avisa.

— Ah, estou ciente — respondo, com um sorriso malicioso.

Outra razão pela qual sei que estou fazendo a escolha certa. Ryatt precisa disso — precisa da própria identidade, de um propósito seu, e Auren me mostrou isso. É algo que eu devia ter dado a ele há muito tempo. Nesse

momento, alguém bate à porta, e Os vai verificar quem é. Vejo um dos corredores entregar um recipiente lacrado e bater continência para Osrik ao ser dispensado.

— O que é isso? — Ryatt pergunta.

Os remove a tampa e tira o pergaminho do recipiente para entregá-lo a mim.

Eu o pego, desenrolo rapidamente, leio a mensagem e sinto o estômago embrulhar.

— Puta que pariu.

— O que é? — Osrik pergunta, com voz rouca.

— Uma das minas *desabou*, caralho.

Ele e Ryatt ficam tensos.

— Qual delas?

Ergo os olhos do papel, e quase não consigo conter o impulso de amassar o pergaminho.

— A de petróleo.

Os resmunga um palavrão.

— Bem conveniente.

— Conveniente demais para ser coincidência — Ryatt murmura, olhando para mim. — O que acontece com o acordo com o Primeiro Reino?

— Fracassa, se não houver petróleo no porto quando os navios deles atracarem — respondo, com uma espécie de grunhido.

— Podemos provar que foi sabotagem? — Os pergunta.

— O supervisor da mina está investigando.

— Isso é ruim — Ryatt conclui, passando a mão no rosto. — Qual é a porra do problema dela? A Rainha Kaila nunca te pressionou desse jeito.

Minha podridão cutuca e se contorce sob minha pele, as raízes pressionam o maxilar e ameaçam afundar mais nos braços.

— Ela descobriu uma chance de nos enfraquecer e decidiu agarrá-la.

Enfio a mensagem no bolso e caminho para a porta. Ryatt põe o capacete de volta, e ele e Osrik me seguem. Assim que saímos, o barulho da base é amplificado, o cheiro de fumaça das fogueiras invade meu nariz.

Em vez da carne fresca que deveria estar assando sobre as chamas, sei que provavelmente estão comendo algum tipo de mingau de campanha. Tenho sorte de os soldados serem tão leais a mim e a seus capitães, ou poderia ter

mais brigas e reclamações nas mãos. A maneira como vão proceder daqui em diante vai ser um verdadeiro teste de fidelidade.

Os soldados que andam por ali preferem passar longe de nós, mas recebemos mais cumprimentos respeitosos do que olhares de contrariedade disfarçados. É provável que isso se deva ao aumento salarial que dei a todos. No entanto, se as minas do outro lado também foram sabotadas e desabarem...

Um problema de cada vez.

Assim que chegamos ao galpão onde alguns cavalos são mantidos, outro cavalo galopa em nossa direção, levantando terra sob os cascos. O cavaleiro para com um puxão nas rédeas, praticamente pulando de cima do animal quando nos vê. Entro em alerta no mesmo instante, e paro entre Os e Ryatt enquanto o homem se aproxima correndo. Pelo uniforme, posso ver de cara que é um dos guardas do castelo.

— Senhor — ele diz, correndo, com o rosto vermelho. — Há um problema.

A tensão endurece meus ombros.

— O que foi?

— Uma mulher foi atacada nos jardins.

Tudo em mim se torna caos. O barulho explode em meus ouvidos, alguma coisa salta em meu peito, até minha visão parece se intensificar.

— Lady Auren? — Um milhão de coisas passam por minha cabeça, mas o guarda nega.

— Não, senhor. Lady Rissa.

Osrik levanta a cabeça bruscamente.

— *O quê?* — ele rosna. — Que porra é essa? Como assim "ela foi *atacada*"?

A maioria das pessoas ficaria um pouco intimidada ao ser alvo de toda a fúria de Osrik, mas este homem se mantém firme.

— Ela foi esfaqueada, senhor. Os guardas que faziam a patrulha a encontraram caída perto de outro guarda, ambos com ferimentos fatais.

Osrik passa pelo guarda e monta em seu cavalo antes que eu consiga terminar de processar as palavras do homem.

Ryatt e eu corremos até nossos cavalos, tentando alcançá-los na corrida de volta ao castelo. Nós três voltamos em tempo recorde e paramos os cavalos no pátio da frente. Quando jogamos as rédeas para os tratadores, Osrik já está passando pela porta lateral, percorrendo o caminho mais curto para os jardins.

Assim que entramos, sentimos uma agitação evidente na energia do castelo. Os criados cochicham em grupos, afastando-se com rapidez quando

nos veem chegando.

Uma vez lá, o jardim está mais iluminado do que o normal, com tochas extras cravadas no chão e dezenas de guardas ocupando a área.

— Onde ela está? — Osrik rosna para o primeiro guarda que encontra.

— Aqui, Os! — Ele se vira ao ouvir a voz de Warken, e nós três atravessamos as fileiras de arbustos, passando por cima de flores e grama pisoteadas até chegarmos ao centro do jardim, onde a fonte jorra.

Warken, Isalee e Cevada estão ali, e até Tonel está com eles, todos parados ao lado da fonte com expressões taciturnas. Temos de passar por um grupo de soldados ao lado do corpo de um colega.

Ajoelho-me ao seu lado. Um dos reparadores do castelo está debruçado sobre ele, inspecionando o corte na garganta do rapaz. O homem que verifica o ferimento tem sangue nas mãos, e encontro mais sangue na grama. Ouço Ryatt xingar baixinho.

— Onde está... — A pergunta de Os é interrompida quando algumas pessoas se movem e ele vê o corpo no chão logo atrás da fonte.

Tudo o que consigo ver é a bainha de uma saia branca e um pé descalço, um sapato caído a trinta centímetros de distância.

Os corre até ela e cai de joelhos no chão.

— *Puta que pariu!*

Contorno a fonte e me deparo com Hojat inclinado sobre o corpo de Rissa. Tem uma mancha de sangue em seu peito, cercando uma adaga de prata ainda cravada nele.

Já vi Osrik perder a cabeça muitas vezes.

Eu o vi rosnar e gritar, punir e matar. Já o vi massacrar sem remorso, insultar sem pestanejar, fazer ameaças e permanecer indiferente.

Mas *nunca* o vi assim.

É como se seus olhos tentassem se ajustar à visão da lâmina cravada nela, como se ele não conseguisse correlacionar o sangue encharcado em seu vestido.

Seu olhar sobe até o rosto incolor e os olhos fechados, e ele a segura pelos ombros.

— Rissa. — Sua voz está tensa. Entrecortada. Como se o nome dela fosse arrancado de sua garganta e chicoteado pelo vento.

Imóvel, ele a sacode suavemente.

— Rissa!

— Sir Osrik — Hojat o repreende, com gentileza, estendendo a mão para remover as dele. Vejo as mãos de Osrik a apertarem por uma fração de segundo antes de se deixarem afastar por Hojat.

— Não. *Porra, não!* — Os rosna bem na cara dela, dividido entre negação e fúria. — Você vai acordar, mulher teimosa. Não pode estar morta. Está me ouvindo, Narciso Amarelo? Você não pode estar morta porque temos erros para cometer.

Osrik quase sufoca, e fico em estado de choque quando ele de repente dobra o corpo enorme sobre o dela, esbelto e delicado, encosta a testa na dela e fecha os olhos em agonia.

Ryatt e eu ficamos paralisados diante da demonstração, enquanto os olhos de Isalee brilham úmidos e um fio de lágrima escorre pelo rosto de Cevada.

Como vou contar para Auren?

— Sir Osrik? — Hojat fala, com gentileza. — Lady Rissa não está morta.

O choque toma conta de mim, e Osrik levanta a cabeça tão rápido que ele quase dá uma cabeçada em nosso reparador. A incredulidade passa por sua expressão quando ele fita a mulher.

— A adaga errou por pouco seu coração, e como foi deixada em seu corpo, ela não sangrou demais — Hojat explica. — Mas vou ter de levá-la para a enfermaria do castelo a fim de realizar a cirurgia agora mesmo. Estou apenas esperando uma prancha de transporte. — Nesse momento, dois ajudantes de reparos com faixas vermelhas em volta dos bíceps se aproximam correndo pelo jardim, carregando a prancha.

— Eu a carrego — Osrik grunhe enquanto se levanta.

Hojat hesita.

— Não sei se...

— Eu disse que *eu a carrego*.

— Os... — Dou um passo à frente, mas Hojat me afasta.

— Está tudo bem, Majestade — ele diz, antes de se voltar para Osrik. — Carregue-a com *muito* cuidado. Use movimentos lentos, apoie o pescoço e tente não pressionar o peito. Ela está viva, mas o momento é delicado. Não sei se vai sobreviver quando eu remover a adaga. Você precisa se preparar, caso o pior aconteça.

Com um aceno de cabeça tenso e rangendo os dentes com tanta força que quase quebra a mandíbula, Osrik se inclina e a pega nos braços. É a coisa mais

gentil que já o vi fazer. Como se pegasse o painel de vidro mais fino e um movimento errado fosse capaz de quebrá-lo.

Com Hojat seguindo na frente, o capitão carrega Rissa para fora do jardim e para dentro do castelo, onde eles desaparecem.

— Que porra aconteceu? — pergunto assim que ele sai. Tem uma mancha de sangue em torno da impressão do corpo de Rissa na grama. Meu olhar percebe o brilho de algo mais distante, mas um criado passa por cima disso antes de colocar um balde no chão ao lado do sangue e começar a lavá-lo. Tento aguçar a visão no escuro, mas o que tinha visto antes desapareceu.

Warken observa os reparadores que levantam o corpo do guarda morto e o carregam para dentro, e só depois responde.

— A patrulha que passou pelo jardim me alertou. Quando saímos, encontramos o guarda e a mulher. Mandei alguém buscá-lo imediatamente.

— A tese atual é de que o guarda a seguiu até aqui. Talvez estivesse com ciúme, ou ele fosse possessivo, e suspeitam de que ele a matou antes de cortar a própria garganta — Isalee conta.

— Não seria a primeira vez que algo assim acontece com uma mulher. Especialmente uma tão linda — Cevada comenta.

— Sim, mas aqui? — Tonel duvida, balançando a cabeça. Sei que ele tem passado um tempo com a família desde que voltou com o restante dos soldados, e aposto que não esperava lidar com violência como essa *fora* do exército.

— Vocês conheciam o guarda pessoalmente? — pergunto aos meus premiês.

Isalee balança a cabeça.

— Apenas o básico. Vamos examinar seu histórico, mas você sabe, ninguém pode servir se tiver histórico de ataques violentos ou comportamento agressivo.

— A mulher não chegou há muito tempo — Ryatt comenta. — Como o guarda pôde se apaixonar por ela tão rapidamente?

— Acontece — Tonel diz. — Meu irmão e eu precisamos enquadrar vários homens que não aceitaram a recusa de Cevada.

Um guarda próximo se manifesta.

— Holman não teria feito isso! — ele exclama, com o rosto marcado pela emoção. É jovem, não deve ter mais que vinte anos, e a maneira como funga e esfrega o nariz na manga revela que conhecia o guarda pessoalmente.

— Como você conheceu Holman? — Isalee pergunta.

— Era meu melhor amigo — o rapaz responde, com outra fungada. — Estou dizendo, sei o que parece, mas não foi ele. Ele não teria feito isso. Ele gostava de algumas mulheres daqui, claro, mas nunca disse nada sobre essa senhora. Ele teria me contado.

Concordo com a cabeça e observo Marcoul, meu chefe da guarda, se aproximar e levar o jovem.

— O que vocês acham? — pergunto a Isalee e Warken, em voz baixa. — Querem ajuda para a investigação?

— Não, nós cuidamos disso — Isalee responde.

Concordo com um movimento de cabeça e digo:

— Preciso contar para Auren. Eu a deixei dormindo mais cedo. Ela vai querer estar na ala do reparador enquanto Hojat cuida de Rissa.

Ryatt me acompanha de volta ao interior do castelo, e franzo a testa quando subimos a escada.

— Você não acha que foi o guarda, acha? — ele pergunta, baixinho, para nenhum dos funcionários ouvir.

— Não, não acho.

Não sei por quê, mas tenho um mau pressentimento.

— Eu também não. Tem alguma coisa estranha nisso. — Subimos em silêncio até o andar de Ryatt. — Vou passar no meu quarto para me livrar do Falso Degola — meu irmão avisa quando nos separamos. — Encontro você na ala do reparador.

Com um aceno de cabeça, sigo em frente e subo outro lance de escadas, depois atravesso o corredor até meus aposentos, onde entro. Todavia, ao entrar no quarto, encontro a cama vazia. Com uma sensação vibrante de desconforto, pego a fita cortada da mesa de cabeceira e a coloco no bolso.

No quarto de vestir, encontro o vestido vermelho e amarrotado que ela usava antes. Vejo minhas roupas pretas e marrons agora douradas e brilhantes.

E eu sei.

Ali mesmo. A sensação de fervura no estômago me domina e provoca náuseas. O brilho das roupas me faz pensar de imediato naquele brilho que pensei ter visto na grama dos jardins. Um pensamento que descartei rápido demais.

Meu coração se expande como se fosse explodir, cheio de medo e fúria.

Vou até o banheiro. A sala de estar da frente. A sala privada onde fazemos as refeições. A biblioteca. As cozinhas. A cobertura. E quando estou lá em

cima, com o vento batendo em meu rosto, sinto que estou ofegante, com o coração disparado e em *pânico*. Porque ela não está aqui. Ela *não está aqui*, porra.

— Senhor?

Eu me viro e vejo Marcoul atrás de mim junto a vários outros guardas, incluindo Ryatt.

— O que está acontecendo? — meu irmão pergunta enquanto avança.

— Ela desapareceu.

A fricção dessas duas palavras irrita minha boca, provocando um pânico tão feroz que queima a garganta como ácido.

O que aconteceu no jardim não teve nada a ver com o guarda. Ele não era um assassino. Foi uma vítima, assim como Rissa.

Meus olhos ardem, a pele ondula, os espinhos tentam brotar nos meus braços e nas costas, as gengivas doem com a pressão das presas.

Eu me viro, e a expressão em meu rosto faz meu irmão arregalar os olhos.

— Eles levaram Auren. Eles *a levaram*, porra!

Enfio dois dedos na boca, e o assobio que emito é tão alto e estridente que faz os guardas estremecerem. Mas Argo está caçando a esta hora da noite. Pode estar a quilômetros de distância, longe demais para me ouvir. Lady Rissa e o guarda Holman ficaram caídos por pelo menos meia hora, antes de serem encontrados, e demorou ainda mais para o guarda ir me buscar, para eu chegar aqui...

— O que você quer que a gente faça? — Ryatt pergunta, parado ao meu lado.

— Acho que seu desejo se realizou — rosno, com amargura. — Acho que aquele cretino de merda sequestrou Auren para levá-la à Assembleia.

Ryatt empalidece.

Eu me viro e começo a correr, porque preciso de um timberwing. Vou usar o de Ryatt, se for preciso, é o segundo mais rápido, e se eu tiver de arrancar a fera do Poleiro, então...

Um grito alto ecoa no ar e, um segundo depois, ouço a aterrissagem marcada pelo barulho das garras afiadas no telhado. Argo ameaça atacar os guardas e estala a boca para eles, fazendo-os recuar, antes de seus olhos iridescentes piscarem para mim.

Não perco tempo. Estou sobre as costas dele em um piscar de olhos, e na piscada seguinte ele sobe para o céu da noite.

— Espere! — A voz de Ryatt é trazida pelo vento quando seguro as rédeas, aumentando o ângulo da subida.

Não me importo, caralho.

Não vou esperar.

Porque eles a levaram.

E isso é algo que não vou tolerar. Não interessa quanto tempo vou levar para alcançá-los. Voarei dia e noite até chegar ao Segundo Reino, se necessário.

E, quando eu chegar lá, *todos* vão se arrepender do momento em que a levaram.



60

AUREN

Abro os olhos como se estivesse removendo uma camada de pele. Minhas pálpebras grudam, não querem se separar, até que as puxo com um pouco mais de força, provocando um ardor.

Assim que observo ao redor, me arrependo de não ter deixado os olhos fechados.

De imediato, sei que não estou mais no Castelo Colina da Fenda. Não só pelo quarto onde estou, mas porque posso sentir a diferença no ar. O Quarto Reino é quente e abafado, como se o calor dançasse com a umidade dos rios. Mas aqui não sinto umidade no ar. Parece rarefeito. Distendido por um calor vazio e árido que faria qualquer chuva evaporar antes de cair no chão.

Tenho fragmentos de lembranças, como ser mantida contra o corpo de alguém enquanto viajávamos pelo ar. Lembro-me daquele pano imundo pressionado contra a boca e o nariz várias vezes, em meio aos breves intervalos nos quais caldo e água eram derramados em minha garganta.

Mas agora estou aqui, finalmente saí do abismo da inconsciência e sei onde estou sem sequer perscrutar pela janela gradeada. Este cômodo é cor de areia, a textura das paredes foi raspada com uma ferramenta qualquer de raspar gesso. Sento-me na cama de solteiro em que estou deitada, e meus pés com chinelos batem no chão de ladrilhos cor de ferrugem.

Há uma mesinha no canto da sala, com um cantil de formato estranho e um pouco de comida. Não sei há quanto tempo isso está aqui. Mas minha boca está com um gosto horrível, então arrisco beber um gole. Hesitante, tomo o primeiro gole, mas quando a água não parece misturada com nada que eu

possa perceber, bebo todo o conteúdo do cantil, e assim que as gotas atingem minha língua, percebo como estou desidratada.

Tento invocar um pouco de ouro, entretanto, apesar de ver a luz do dia entrando pela janela, sinto o corpo esgotado. Como uma árvore que mal consegue verter uma única gota de seiva. Ainda sinto os efeitos da droga percorrendo meu corpo, me deixando enjoada e distante.

Então, embora desconfie da comida e meu estômago não se interesse por ela, me obrigo a engolir o pão e as frutas. Espero que pôr alguma coisa no estômago ajude a processar os resquícios da droga que ainda podem estar no organismo. Minha cabeça dói, tenho a sensação de que alguém enfiou a mão no meu estômago e o virou do avesso, e estou coberta por uma camada de areia.

Faz sentido, já que fui sequestrada e levada para o deserto do Segundo Reino.

Minha certeza de onde estou e do que aconteceu me cerca como uma multidão que de repente se aproxima de mim por todos os lados. As recordações se impõem, enquanto medo e fúria recuam.

Manu e alguém do Segundo Reino fizeram isso. Eles me drogaram, me sequestraram e me jogaram neste lugar e...

Minha mão cobre a boca.

Rissa.

— Grande Divino... — Um soluço seco me rasga por dentro como a casca solta de um milho ressecado. Eles a mataram. Eles a mataram bem na minha frente, como se ela não passasse de um inconveniente, uma vida com a qual não deveriam se preocupar.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e *dói*. Como se a adaga tivesse perfurado o *meu* peito. Poderiam ter usado a mesma droga para nocauteá-la. Poderiam tê-la poupado. Em vez disso, esfaquearam-na e a deixaram no chão.

Rissa e eu tivemos um relacionamento complicado, resultado de anos de ressentimento. Mas... eu a entendia. Ela usou a inteligência, aprimorou seduções, aprendeu a progredir em um mundo dominado por homens, e depois quis abrir um novo caminho, fazendo o necessário para se proteger e conseguir o que queria.

Respeito isso. E, quando se trata de montarias, respeito é a última coisa que elas recebem da sociedade.

As montarias atendem às necessidades de homens e mulheres, trabalham para satisfazer desejos sensuais. Representam e agradam, realizam desejos, e

com isso conquistam um sentimento de poder e constroem sua riqueza.

E o que acontece? As pessoas odeiam isso. Chamam de pecado, de vício. Batem nelas. Alegam que as montarias são deploráveis e sujas, a escória da sociedade, gente sem importância e baixa. Contudo, por trás de portas fechadas, essas mesmas pessoas esperam ter seus desejos satisfeitos. Esperam ter prazer, ser saciadas e ter aplacadas suas necessidades mais básicas.

Mesmo assim, uma montaria não vale nem uma vida.

Ela é só uma montaria.

Como se isso a tornasse menor. Como se estivesse tão abaixo deles que sua morte não tivesse importância.

Mas tem. Isso é importante para mim. *Ela* era importante.

Gostaria de ter dito isso a Rissa. Naquele jardim, quando ela afagou minha mão em uma rara demonstração de afeto, queria ter apertado a dela com mais força. Porque ela era forte e inteligente e merecia a nova vida que desejava. A vida pela qual trabalhou *tanto* e que agora nunca terá. Tudo por minha causa. Tudo porque a convidei para dar um passeio.

Lágrimas escorrem aos montes por meu rosto, como se a tristeza fosse pesada. Sinto-a pesada, oprimindo meu coração, e não sei por quanto tempo choro por ela, mas espero não ser a única. Porque Rissa não era *apenas uma montaria*. Era uma montaria e muitas outras coisas, e nenhuma característica significava que ela não merecia viver.

Quando as lágrimas cessam, me sinto seca. Não sei se é só o luto ou se ainda sofro com os efeitos colaterais decorrentes da droga que usaram em mim, mas meu corpo inteiro está lento. Devem ter me mantido inconsciente durante dias até chegarmos ao Segundo Reino. A ideia de que estive vulnerável a eles dessa maneira me faz estremecer.

Não vinha a este lugar há mais de uma década, mas me lembro desse calor. Também me lembro da areia que parece tomar conta de tudo, de viajar pelas dunas, de estar coberta pelo vento granuloso e queimada pelo sol.

É engraçado como, quando cheguei aqui, as fitas estavam apenas começando a brotar nas minhas costas.

Tão doloroso quando nasceram.

Tão doloroso quando foram retiradas.

Eu as odiava na época, mas daria qualquer coisa para tê-las de volta.

Distraída, levo os dedos às costas, aos lugares vazios onde agora resta apenas a pele lisa.

Cada uma delas se foi.

Minhas fitas e eu tínhamos muitas semelhanças que nunca apreciei antes. É como se toda a minha jornada fosse descrita por meio da presença delas.

Meu novo começo aqui no Segundo Reino também marcou o começo do crescimento delas em minhas costas. Depois disso, mantive-as escondidas, da mesma forma que me escondia. Eu me ressenti delas como me ressenti de mim mesma. Então, quando finalmente estava saindo da concha, elas também saíram. Só de pensar na maneira como me envolveram, flertaram com Slade, se enrolaram em seu tornozelo...

Nunca mais terei isso.

Quando eu estava começando a me desenvolver, elas também estavam.

Mas fui cortada em meu âmago e, a cada golpe, elas também foram amputadas.

Aquela noite marcou meu fim *e* o das minhas fitas. No entanto, era um fim de que eu precisava muito. Eu precisava ser forçada a ficar em pé sem nada que me sustentasse. Eu só queria que elas pudessem ter sido poupadas dessa jornada. Mas eu precisava ser cortada para finalmente me erguer sozinha, como uma fênix ressurge das cinzas.

Queria que minhas fitas fizessem a mesma coisa.

Mas não tem fênix nenhuma, e a única coisa parecida com cinzas está nas Dunas de Cinzas localizadas em algum lugar deste reino amaldiçoado pelo Divino.

Um ruído interrompe meus pensamentos, e eu abaixo a mão e me viro bem a tempo de ver a porta se abrir e uma mulher entrar. Ela usa uma touca de tecido branco, espesso e perfeitamente vincado dos dois lados da cabeça. A touca, que lembra uma coifa medieval, cobre o cabelo dela por completo, e tudo que se vê é seu rosto emoldurado por uma abertura quadrada cujos limites são suas bochechas e o meio da testa.

O robe sem formas é praticamente a mesma coisa, com drapeados semelhantes no tecido branco e engomado, cobrindo-a do queixo aos pés. Uma leve cauda drapeada a segue, e as mangas são longas e largas nas pontas, engolindo as mãos de modo que nem mesmo essa parte dela fique à mostra.

A mulher tem um queixo pontudo e não dá para ver suas sobrancelhas, como se as tivesse raspado, enquanto os cílios são tão finos e claros que quase nem aparecem. Os olhos chamam minha atenção. As íris marrons têm fendas nas laterais externas, divididas por um verde-claro. Os olhos direito e esquerdo

compõem uma imagem espelhada, e o verde dá ao olhar uma qualidade sinistra.

— Bem-vinda ao Castelo Montemuro — ela saúda, com voz serena e temperada por um leve sotaque, mirando-me com um sorriso agradável. — A Assembleia vai começar em breve. Vim prepará-la.

— Não, obrigada — respondo, e encosto na parede.

Seu sorriso agradável persiste, mas ela vira a cabeça a fim de olhar por cima do ombro, e é aí que vejo dois homens grandes na porta. Eles também usam uma touca, mas a deles é cinza, o tecido mais curto e mais fino, e o formato é o mesmo dos capuzes de malha metálica usados pelos soldados. Vestem túnicas cor de creme, diferentes do branco puro que a mulher está vestindo, e calças cinza largas, com as extremidades ajustadas e enfiadas em botas de cano alto.

Os dois são jovens, um de pele marrom e o outro branco e coberto de sardas, e ambos olham para mim sem nenhuma emoção enquanto avançam. Pressiono as costas contra a parede, e a raiva revira meu estômago. Tenho uma fração de segundo para decidir se é mais importante esconder minha magia ou sair daqui.

Escolho cair fora.

Cerro as mãos e invoco o ouro. Quando sinto que ele se acumula em maior quantidade nas palmas dessa vez, meu coração dá um pulo. Deixo-o acumular até começar a pingar por entre os dedos. É lento, mas é alguma coisa.

A primeira gota que cai no chão faz o homem sardento arregalar os olhos. Estendo os braços para a frente e abro as mãos, deixando o ouro cair. Em um piscar de olhos, projeto o ouro na direção deles e o faço envolver seus pés como serpentes finas, enrosco o líquido pegajoso em suas pernas, o estico e endureço em volta delas. Invoco mais ouro para as palmas, e esse pequeno riacho corre em direção à mulher...

E de repente sinto a dor.

É diferente de tudo que já senti antes. Não me atinge como um raio, não queima como fogo. Não me atravessa nem parece que um membro é cortado.

É como ser *beliscada*. Como se mãos invisíveis tivessem entrado em mim pelo umbigo e agarrado meus órgãos. Como se dedos fantasmas agarrassem as veias, apertando-as com tanta força que meu sangue para.

O coração, o estômago, os pulmões, os músculos, a garganta — esses dedos apertam tudo dentro de mim e fazem com que congele. Essa dor horrível e

intensa me rasga, e caio sobre as mãos e os joelhos, interrompendo o riacho de ouro, que é esmagado entre meus dedos e encharca minha calça.

Não consigo respirar, não consigo me mover com essas contrações horríveis que apertam cada pedaço de mim com força cada vez maior e...

De repente para. Como se todos os pontos comprimidos fossem liberados ao mesmo tempo. Estou tremendo, coberta de suor, sufocando com uma tosse áspera.

Com os olhos embaçados, olho para cima e vejo a mulher deslizando para a frente, parando pouco antes de o ouro líquido manchar suas vestes imaculadas.

— Pronto, nada disso — ela pontua, e seu tom calmo é totalmente inadequado para a situação.

Furiosa, olho para ela e tento invocar meu ouro novamente, embora o eco dos hematomas dentro do meu corpo torne isso muito mais difícil. Mal consegui formar um novo fio nas palmas quando a vejo levantar as mãos, as mangas caindo para trás apenas o suficiente para exibir o dedo indicador e o polegar juntos.

Como antes, aquela dor aguda irrompe dentro de mim.

Desta vez, caio no chão instantaneamente, sufocando com a garganta bloqueada, enquanto tudo dentro de mim se contrai em agonia, tudo espremido como se meus órgãos fossem estourar e sangrar.

— Pare... — murmuro, me contorcendo no chão.

— Chega de tentar usar essa magia, Lady Trapaça — ela diz. — Isso vai acontecer toda vez que tentar usar o que não é seu.

O beliscão cessa, e me contorço no chão, me sentindo como se tivesse um milhão de hematomas internos. Demoro um momento para me recuperar antes mesmo de perceber o que ela disse.

— Do que você me chamou? — ofego.

— Lady Trapaça — ela repete, com sua voz serena. — A montaria dourada que trapaceou para conquistar o coração *e* o poder do Rei de Ouro, antes de roubar dele as duas coisas e depois sua vida. Você é uma traidora e uma mulher desonrada, e este é o melhor lugar para você.

Tudo que posso fazer é fitá-la, boquiaberta.

Ela me observa como se esperasse uma resposta. Quando não digo nada, ela pergunta:

— Então? Você enganou, roubou e matou, ou não, Lady Trapaça?

— Acho que foi por isso que fui drogada e sequestrada, certo? Para ser levada a julgamento e ouvir essa mesma pergunta?

Seus olhos fragmentados brilham.

— De fato.

Eu me esforço, fico de cócoras, os músculos trêmulos quase cedem quando tento obrigar meu corpo a ficar em pé. Respingos de ouro mancham a sala, as poças rasas já começam a secar. Deixei manchas na calça e nas botas dos homens, mas nenhum pedaço de ouro responde, tão mole e esgotado quanto me sinto, caído no chão em tiras inúteis.

— Venha comigo agora. Ou vai tentar usar sua magia roubada novamente? — ela pergunta, com tom amigável, e seus lábios pálidos me fazem lembrar das areias brancas da costa deste reino. — Oreanos que se entregam à Assembleia são proibidos de usar poder.

Com uma careta de dor, eu me sento um pouco mais ereta.

— Bem, não me entreguei, então você pode ir se foder junto a essa regra, e não vou a lugar algum.

Desta vez, quando ela junta os dedos, parece que meu crânio está sendo achatado. Eu grito, caio com as mãos na cabeça, meus olhos parecem prestes a estourar como uvas. A agonia cresce até eu ter certeza de que meu crânio vai explodir e meu cérebro vai virar uma pasta.

A dor só para quando sinto sangue escorrendo do nariz. Encostada na parede, olho para essa mulher com tanto ódio que fico surpresa por ela não pegar fogo. Sinto meu corpo destruído, como se tivesse sido empurrada em uma sala cada vez menor, cujas paredes se fecham à minha volta e me esmagam em seu espaço claustrofóbico.

Mas sangro ouro. Choro ouro. E uso minhas lágrimas e meu sangue, tento movê-los, tento reduzi-los a estiletes para poder furar os dedos dessa mulher horrível e perfurar sua garganta, mas ela junta polegar e indicador novamente, me interrompendo antes que eu possa fazer qualquer coisa com isso também.

— Posso fazer isso o dia todo, Lady Trapaça.

Eu a encaro com os olhos cheios de lágrimas de dor.

— Então faça — eu a desafio. — Porque não me entrego à Assembleia. Chupe meu ouro e vá para o inferno.

Pela primeira vez desde que chegou aqui, o sorriso falso da mulher vacila. Os homens atrás dela mexem os pés. Quando ela posiciona as mãos na frente

do peito, estremeço, pensando que está prestes a usar sua magia terrível em mim novamente, mas em vez disso ela entrelaça os dedos e baixa a cabeça.

— Deuses do grande Divino, imploro que purguem essas palavras blasfemas de nossos ouvidos e redimam a luz de nossos espíritos.

Em uníssono, os guardas atrás dela murmuram:

— Purguem o mundo das trevas.

— E iluminem o nosso eu mais puro — ela conclui. Um arrepio percorre minhas costas.

— Então, você pode torturar alguém com poder de dor, mas acha que é pecado dizer a palavra "inferno"? — debocho.

Ela abaixa os braços e me observa com um brilho duro nos olhos fragmentados.

— Não cabe a você falar sobre a vida após a morte. Agora tenho prova visível de que você realmente roubou a magia do Rei de Ouro.

— Eu *nunca* roubei magia — rosno. — Essa magia sempre foi minha. Ele me usou. *Ele* era o ladrão, e estou feliz por ele estar morto.

Ela inspira pela boca.

— Podemos acrescentar "mentirosa" ao seu nome também. Ladrões e trapaceiros não têm o direito de fazer referência ao pós-vida de um espírito, e mentirosos e assassinos também não, certamente.

— Mas você tem o direito de me torturar e me manter em cativeiro? — retruco.

A mulher endireita os ombros e olha para mim de nariz em pé.

— Eu sou Isolte Merewen, Rainha do Segundo Reino e Primeira Matrona da Congregação da Temperança. Os deuses me concederam esse poder de causar dor para que eu pudesse punir almas imorais. Isto não é pecado, milady. É meu dever como padroeira da santidade.

Meus lábios formam uma linha fina. Todos em Orea sabem que o Segundo Reino abriga facções religiosas muito rígidas. A ramificação mais famosa, entretanto, é a dos Deificados. Eles vivem em silêncio no Saara Espelhado, pois têm a língua cortada da boca e descartada tal qual um tumor removido de um membro, como se a fala fosse uma infecção com abscesso sacrificada para os deuses. Também ouvi falar da Temperança, mas pouco. Por certo não sabia que esta mulher simples era a rainha, líder de todo o reino e dessa seita de doutrina puritana.

— Você vai agora para a Purificação.

Levanto o queixo.

— Não vou, não.

Eu me preparo para a dor, mas desta vez ela apenas acena para os homens. Chuto quando vêm em minha direção, mas meus movimentos são lentos e ineficazes. Como um gatinho se debatendo inutilmente. Os dois se colocam um de cada lado e me puxam quarto afora, deixando manchas de ouro por onde meus chinelos passam. A rainha vai na frente, como se me considerasse tão inofensiva que não tem medo de me dar as costas.

Tento fazer o ouro fluir das palmas das mãos, mas o que surge é uma gelatina apática, pesada e densa que gruda na pele e não pinga. Não se move.

A Rainha Isolte olha para mim por cima do ombro e diz:

— A dor é uma pirâmide, milady. Ela se acumula e constrói camadas. Você acha que pode suportar, pensa que pode continuar escalando essa parede, mas está errada. Posso garantir que você não vai querer que a dor se acumule a ponto de chegar ao auge, porque não vai sobreviver a isso. Garanto.

Estou fervendo por dentro. Minha raiva fermenta entre ossos machucados e órgãos esmagados.

Sou levada para fora do pequeno quarto e para um corredor estreito. Em vez de janelas, há claraboias enfeitando o teto arenoso, lançando pilares de luz a cada poucos metros.

Os homens me puxam por uma pequena escada de degraus largos, e então entramos em uma sala ampla e abobadada cheia de arcos, todos abertos para o exterior. Vislumbro palmeiras ao nosso redor, as folhas grossas balançando com a brisa. Uma camada de areia cobre o chão de ladrilhos brancos, com um sol amarelo brilhante pintado no centro, raios intensos cercados por um céu azul-celeste, como as velas do navio em que viajei quando fugi de Derfort Harbor.

Passamos por ele a caminho de um arco à esquerda. Sou levada por pedras queimadas pelo sol, e sinto a parte da frente dos meus tornozelos gritando por estarem estendidas por tanto tempo, desde que começaram a me arrastar. Ao denso conjunto de palmeiras juntam-se cactos e oliveiras, e o ar exala um aroma cítrico à medida que passamos por laranjeiras carregadas de frutos pesados e maduros.

Seguindo pelo breve caminho ao ar livre, os homens me levam para outra parte deste amplo edifício. Depois de percorrer mais um corredor estreito,

finalmente sou jogada em um quarto escuro, e minhas pernas se dobram assim que caio.

Apoio as mãos trêmulas sob o corpo para me sentar, e meus olhos se adaptam à luminosidade fraca. A sala tem a forma de um círculo e nenhuma janela, a única luz que entra é proveniente do arco e do fogo aceso em um recipiente no fundo do quarto. O azulejo é cor de ferrugem, as paredes e o teto também; apesar do calor abafado, sinto um arrepio nas costas, porque esta sala tem uma mesa de madeira com algemas de ferro acorrentadas a ela. Parte da parede é coberta por chicotes pendurados, e há objetos mais sinistros que não consigo ver, porque uma parede de mulheres bloqueia minha visão.

Estão todas reunidas como um coro mórbido prestes a cantar. Vestem-se como a rainha, mas, em vez do branco puro, as vestes do grupo têm faixas cinzentas costuradas nelas. Algumas têm muitas tiras que descem até a bainha, enquanto outras só têm uma na cintura. Assim como a Rainha Isolte, também mantêm os cabelos cobertos por toucas brancas e as mãos escondidas nas mangas largas.

— Vocês podem ir — a rainha dispensa os homens, e os vejo sair. Tenho a sensação de que seria melhor ficar com eles.

Quando olho para a Rainha Isolte, a expressão em seu rosto me informa que provavelmente estou certa. Ela olha para as mulheres.

— Senhoras da Congregação da Temperança, é hora de realizar uma Purificação.

61

AUREN

Aprendi que as faixas em suas vestes representam a quantidade de pecados que as Matronas da Temperança ainda têm para expulsar de suas almas.

Para um bando de carolas, elas falam bastante, não param de tagarelar comigo sobre sua ordem virtuosa, sobre como tantas delas pecaram até serem trazidas e conduzidas à luz. Contam-me sobre quanto sou abençoada por estar aqui e como isso é um chamado do Divino, dizem que minha alma mortal está em perigo e só elas podem me ajudar.

Elas têm uma opinião muito elevada sobre si mesmas.

— Estamos felizes por você estar aqui — uma delas diz. — Realizar a Purificação é um favor dos deuses, e eles nos consideram dignas da tarefa. É um presente que também colabora para a nossa purificação interna.

Quando começam a se aproximar de mim, eu me apoio nos calcanhares e nas mãos e recuo até as costas baterem na parede.

— Não toquem em mim.

A que está mais próxima arregala os olhos azuis.

— Ah, milady, não podemos macular nossa pele dessa maneira — explica, com uma expressão de pena e de falsa ternura no rosto. — As mangas de nossas vestes nos manterão puras. Nossa pele não tocará a sua.

Pisco, e essa fração de segundo de distração é tudo de que precisam para me agarrar e arrastar para o outro lado da sala. Embora estejam me carregando, a mulher estava certa: não me tocam com as mãos nuas.

Não sei se devo me sentir ofendida ou não.

Meu corpo ainda parece ter sido esmagado de dentro para fora, mas tento lutar contra elas mesmo assim, tento me livrar delas. Mas é como um passarinho tentando deter um falcão, e tudo que consigo é ficar zonza com os ecos de dor.

Elas me empurram para dentro de uma banheira estreita, tão pequena que não consigo apoiar as duas pernas. Tenho de posicionar uma perna sobre a outra e, como a banheira também não é longa o suficiente, sou forçada a dobrar os joelhos. A parte de trás da banheira também é estreita, o que me obriga a inclinar o tronco, e só um ombro descansa contra os veios da madeira áspera.

Por mais que eu lute e me debata, elas têm mãos suficientes para me segurar. A água está morna, e a temperatura não muito quente me dá arrepios e me faz estremecer ali, presa.

Minhas roupas ficam encharcadas de imediato, a ponta da trança desalinhada gruda em meu peito. Como se já não bastasse ficar presa na banheira mais desconfortável já produzida, as Matronas começam a derramar jarras de água morna na minha cabeça. Três delas se revezam despejando uma jarra depois da outra, enquanto as outras começam a segurar meus membros cobertos pelas roupas e esfregar com escovas de cerdas dolorosamente firmes.

Eu grito, tento me desvencilhar, tento apelar para sua piedade religiosa diante dos fatos da minha captura, mas é inútil. Estou cercada de véus brancos e insanidade devota.

O lado positivo? Pelo menos são tão avessas ao toque físico que estão usando essas escovas horríveis *por cima* de minhas roupas. Acho que, de outra forma, estariam arrancando minha pele em tiras.

O sabonete usado tem um cheiro forte e adstringente, queima meu couro cabeludo e penetra nos poros. E, enquanto me maltratam, pregam sobre seus deuses. Aqueles que recompensam a pureza da carne e a obediência da mente. Aqueles que exigem autocontrole e sacrifício.

Não falam nada sobre as deusas. Sobre o amor maternal ou a força feminina.

Quando me tiram da banheira, sou jogada ao lado de uma enorme vasilha de chamas, e as roupas pingam até alguém me dar um cobertor áspero para absorver um pouco da água.

Alguém penteia meu cabelo com tanta delicadeza que faz o banho com escovas parecer ainda mais chocante. Mesmo assim, tento empurrar essa mão,

mas uma das outras matronas bate com uma pá no dorso da minha, me fazendo uivar de dor.

— Sentada, milady, e fique quieta. Use este tempo para se preparar para a oração.

— Vou usar esse tempo para me preparar para inundar esta sala com poder, mergulhar *todas* vocês e esfregar cada uma até deixar em carne viva — rosno de volta.

Se querem me transformar em vilã, é o que vou ser.

Ela emite um ruído de surpresa, e experimento uma pequena sensação de vitória por tê-la chocado. Depois de ser drogada e sequestrada, torturada e arrastada até aqui, sinto que perco o controle, agindo como um animal acuado. Não há nada que eu queira mais do que trazer à tona a natureza feérica, libertar a fera dentro de mim e derreter o mundo embaixo de uma caldeira de ouro, mas a magia da Rainha Isolte é absolutamente paralisante.

O que não me impede de querer tentar. Só preciso de um pouco mais de tempo para me recuperar. Só preciso esperar a hora certa e fingir que sou impotente. Não preciso de muito ouro. Tudo que preciso fazer é acabar com essa vadia disfarçada de rainha. Talvez eu faça meu ouro espremê-la em uma prensa metálica. Aposto que ela deixaria de ser tão arrogante.

Falando nisso...

— Lady Trapaça não vai fazer nada do tipo — a Rainha Isolte anuncia ao aparecer em minha linha de visão. Está de costas para o mural de um sacerdote todo vestido de branco e cercado por uma dúzia de matronas ajoelhadas a seus pés. As faixas cinzentas dos pecados em suas vestes representam o número de chicotadas nas costas de um suposto pecador preso a um poste. Uma luz brilha sobre o sacerdote e o chicote, como se ele fosse um presente dos deuses para o mundo e a punição aplicada fosse digna de reverência.

Meu estômago embrulha.

— Ela vai se submeter ao restante de sua Purificação com graça — a rainha continua. — Essas ameaças não têm nenhum efeito nesta sala, pois são feitas pela maldade dentro dela, da qual devemos ajudá-la a se livrar.

As outras Matronas murmuram em concordância.

Eu a encaro.

— E me diga: como você se livra da *sua* maldade, Rainha Isolte?

Sinto mais do que vejo as outras paralisarem. A matrona às minhas costas faz uma pausa na escovação.

— Meus pecados já foram absolvidos — a rainha responde, com tom ríspido. — Nós também passamos por um ritual de Purificação. Suportamos muitos, e também prestamos serviço ao Divino e aos nossos sacerdotes. É por isso que nenhuma faixa macula minhas vestes, porque superei as deficiências da minha alma. Fui escolhida para liderar os Guardiões da Temperança.

— Mas não lidera de verdade, não é? — pergunto, acenando com o queixo em direção ao mural. — Mulheres não podem ser sacerdotisas, não é mesmo? — questiono, testando o clima.

A mulher contrai o maxilar, e fico um pouco mais animada por conseguir irritá-la. Não me interessa se ela é a rainha. Não me importo se tem magia para beliscar meu corpo até a morte. Ela é uma fanática cruel que gosta de dominar os outros e chamar de *sagrados* seus atos de crueldade.

— As matronas desempenham papel fundamental na Temperança — ela responde, e o discurso é tão ensaiado que sei que já ouviu e pronunciou essa santa frase centenas de vezes antes.

Eu sorrio.

— É claro que sim.

Ela se vira para as outras.

— Testemunhem, irmãs. Sua atitude amarga é só a maldade se revoltando contra a Purificação.

— Não — retruco, enxugando a água do rosto. — Minha atitude é consequência apenas da maneira como você acha que pode me tratar. A puta dourada? Não foi assim que me chamou? — Não lhe dou chance de responder. — Não precisa seguir um ritual inventado e se preocupar com deuses que não dão a mínima para você. *Devia* estar preocupada *comigo*. Porque esta puta dourada pode te purificar muito mais depressa do que qualquer Purificação. E, acredite, você vai sair dessa dourada e brilhante.

A rainha me encara, e uma leve pressão comprime meu estômago, aperta, me faz querer vomitar. Mas não recuo. Eu me recuso a recuar.

Seu maxilar estala quando ela fala:

— Sabe o que seria realmente de ouro? *Seu silêncio*. — Apesar da dor, dou risada. Ela me solta um segundo depois. — Isso tudo é normal, Lady Trapaça. Você não é a primeira mulher a entrar nesta sala com a corrupção enraizada no espírito. O mal nunca quer ser expulso. Cabe a nós obrigá-lo.

Aponto para a parede de chicotes.

— É para isso que servem? É assim que você e suas matronas se absolvem e subjugam os outros? Com espancamentos? Sendo chicoteadas, purificadas, torturadas ou obrigadas a levar vidas desconfortáveis sem toque físico, em banheiras horríveis e cobertores desconfortáveis? Foi a isso que suas vidas foram reduzidas? Sinto pena de todas vocês — declaro, e olho em volta. Porque posso não conseguir usar minha magia, mas sou capaz de dizer palavras que podem semear a dúvida na cabeça delas.

Sua sobrancelha sem pelos se arqueia.

— Nós nos mantemos puras. A dor faz com que nos concentremos em erros internos, e sangrar é um jeito de expulsar esses erros. Não esperamos que uma mulher tão mundana entenda. Seu toque desonra, sua alma é perversa. Faremos o que pudermos para purificá-la antes que enfrente seus superiores e seus deuses, mas se não se render, então talvez os ensinamentos da Temperança a curem.

— Que a Temperança a salve — as outras matronas murmuram.

Eu me inclino para a frente, sem me importar com meu cabelo preso na mão da outra mulher e a dor causada pelo movimento.

— Não quero que a Temperança me salve.

Ela inclina a cabeça, e aquele sorriso estúpido e sereno ressurge em seu rosto.

— Então, por favor, me diga, o que acha que a salvará?

Eu sorrio. Mais dentes e mais impacto para acrescentar à resposta.

— Eu vou me salvar — determino, antes que meus olhos percorram os rostos assombrados das outras. — E, mesmo que eu não consiga, o Rei da Podridão me salvará.

Apesar de ter o rosto pálido, ela empalidece ainda mais, e um silêncio revelador toma conta da sala.

— Você se esqueceu dele? — deduzo, com um sorriso malicioso. — Porque quando ele chegar aqui, nem mesmo seus deuses vão poder te salvar.

Meu ataque resultou em outro beliscão doloroso que me fez perder os sentidos por minutos. Recobro a consciência quando óleo está sendo despejado em meus pés para “expurgar os instrumentos com os quais toco o solo sagrado”.

Depois, jogam peças de roupas sobre mim. Penso em resistir, não permitir que me troquem, mas é evidente que a rainha procura algum motivo para usar seu poder em mim. Não vou ter chance alguma de recuperação a menos que consiga jogar direito.

Então grogue, eu, tiro as roupas encharcadas para vestir as secas, e assim que minhas roupas velhas caem no chão com um baque alto, uma das Matronas corre para pegá-las e as joga no fogo, que chia e exala uma fumaça densa.

Tem um tecido parecido com gaze para enfaixar os seios, mas o ignoro. Também tem não uma, mas *três* camadas de tipos diferentes de roupas íntimas. Visto só uma, para grande tristeza delas. Depois ponho um vestido cinza-escuro com capuz que me cobre do pescoço ao tornozelo, com mangas que apertam os punhos de um jeito desagradável. Ao que parece, a cor representa a mácula do meu espírito.

Que adorável.

Eu deveria estar com mais medo, acho, mas sinto mais raiva que qualquer outra coisa. Estou bem cansada de monarcas me usando para construir as próprias narrativas, quando tudo que sempre quis foi ser deixada em paz.

Agora que estou vestida, as Matronas me cercam e começam a me levar para fora do quarto. A dor remanescente por todo o corpo me faz avançar curvada e trôpega. Não vou negar que a rainha me assustou. O poço da minha magia parece ter sido alongado e espremido, preso em um tubo muito estreito. No entanto, tenho de fazer alguma coisa. Tenho de esperar até me recuperar o suficiente para meu toque dourado funcionar. Talvez não devesse ter respondido com tanta veemência, mas não pude evitar.

Aconselho a mim mesma a não abrir a boca novamente. Para ganhar tempo e me recuperar. No entanto, assim que passo pelo arco rumo ao exterior, a magia da rainha me esmaga novamente.

Como se de alguma forma soubesse meus planos, ela ataca de repente. Seu poder me comprime como um espartilho muito apertado, me impede de respirar e me dá a sensação de que meu coração é contido pela mão cruel de alguém.

Suspiro e caio sobre as matronas à direita, sobre os corpos eretos e firmes cobertos por robes, e batidas de cotovelos e ombros me devolvem ao pequeno círculo entre elas. É surpreendente que eu ainda esteja em pé, arfante, o que me faz sentir como se fosse hiperventilar. É uma dor aguda o suficiente para

deixar o corpo em pânico, dificultar a concentração, mas também é sutil o bastante para não me deixar inconsciente.

A dor é uma pirâmide, ela disse. E ela a está fazendo crescer em mim tijolo por tijolo, como se visse meu sofrimento como um altar do seu poder.

O calor opressivo não ajuda. Deixa meu cabelo molhado mais pesado e meu corpo formigando, e os pés descalços queimam sobre o azulejo quando caminhamos ao ar livre. Não presto atenção para onde estou sendo levada. Simplesmente sigo o rebanho listrado de branco e cinza, tentando me concentrar em meio à dor.

Embora o calor seja quase opressivo, a luz do sol parece me *revigorar*. Como se atingisse algo mais profundo, penetrando minha pele e iluminando a fera dentro de mim.

Porque, para mim, o sol sempre foi poder.

E neste mundo, se você não tem poder, não sobrevive.

Fui mantida longe dele por dez anos. Isolada, guardada em um reino condenado à neve, onde o céu estava sempre carregado de nuvens opressivas. Antes disso, morei em um porto que despejava água da chuva e inundava as ruas. No entanto, aqui... foi aqui que minha magia surgiu. Foi aqui que meu ouro apareceu pela primeira vez e minhas fitas brotaram. Foi aqui que tudo começou. Então, mesmo que minha permanência no Segundo Reino tenha sido traumática, talvez houvesse uma razão para meu poder feérico despertar quando eu estava torrando sob seu sol.

Apesar da dor provocada pela rainha, me concentro na luz do sol. Penso apenas *nela*, nos raios me penetrando e me dando força. Então tento reunir ouro suficiente, tento entrar em contato com ele e ignoro todo o restante.

Para minha alegria, algumas gotas se acumulam nas pontas dos meus dedos, e eu rolo as contas grossas entre o polegar e os dedos, encontrando conforto em sua presença, mesmo que em pouca quantidade, mesmo que pareça grosso e grudento.

Toda a concentração está no ouro, nas gotas que se acumulam muito devagar. Espero que as matronas estejam me levando de volta para o quarto ou a algum outro lugar para continuarem com seus rituais horríveis, qualquer coisa que me dê mais tempo para me recompor e recuperar meu poder.

Mas, em vez disso, seguimos para outra área ainda mais externa, por um longo caminho de azulejos salpicado de sombras intermitentes oferecidas pelas plantas, à medida que uma cacofonia ininterrupta de cigarras vibra no ar. O

suor se acumula na minha nuca enquanto sou conduzida, e fios de cabelo úmido grudam na pele. As mangas apertadas nos punhos ficam molhadas de suor.

Meus pés estão pegando fogo. A única coisa que me alivia é a viscosidade do óleo ter feito a areia fina grudar neles, criando uma única camada de proteção. Agora, tento concentrar a magia na sola dos pés, incentivando o ouro a cobrir a parte de baixo. Não consigo formar uma camada espessa o suficiente para fazer muita coisa, mas espero estar deixando pegadas para manchar o caminho delas.

A rainha aparentemente fica entediada com meu sofrimento silencioso, porque afrouxa a pressão em meu coração e a transfere para minha coluna, criando a sensação de que alguma coisa cravou as unhas nela.

Desta vez, não tenho escolha a não ser choramingar com as costas ligeiramente arqueadas e os pés cambaleantes. Sou empurrada por trás, obrigada a seguir em frente sem parar, e cada passo faz minha coluna doer e arder.

Sei que a rainha está atrás de mim, observando cada movimento, provavelmente sentindo uma satisfação doentia com o barulho que fiz. Transfiro a pequena bola dourada da mão esquerda para a coleção que estou formando na direita e, embora ela tenha apenas o tamanho de um mirtilo, já é *alguma coisa*.

Mas, com toda a concentração focada em aguentar a dor e segurar meu pequeno aglomerado, percebo tarde demais que não estou mais andando sobre ladrilhos arenosos. Estou pisando em degraus de argila, e o barulho que ouço não é mais só das cigarras.

São pessoas.

Muitas pessoas.

Olho para trás e vejo o castelo térreo esparramado sobre as dunas de areia macia e misturado a uma abundância de vegetação em torno da água cintilante de um oásis.

Mas na minha frente, lá embaixo, no fim desta íngreme escada ao ar livre, há uma ampla metrópole. Ao longe, no horizonte, consigo distinguir apenas um pedaço do mar. É como uma faixa, separando a terra e o céu. E daqui até lá tem blocos de edifícios de telhados planos espalhados em uma coleção tão grande que nem consigo imaginar quantas pessoas devem viver aqui.

Os edifícios são da mesma cor da areia em seu entorno, mas com toques de tinta brilhante amarela e azul. As ruas parecem rios de cobre entrelaçados, e há bandeiras com o emblema do sol amarelo e com o símbolo oficial do Segundo Reino — dois círculos concêntricos, um dentro do outro, representando o grande Divino se sobrepondo a toda a vida.

Mas o edifício mais próximo de nós, aquele em que culmina este caminho, é cercado por um mar de gente reunida sob gigantescas lonas estendidas entre pilares. Bem na frente tem um edifício circular e, do meu ponto de vista aqui em cima, posso ver uma mureta que circunda tudo, uma arquitetura que lembra claramente o símbolo do reino.

Agora não consigo mais dar um só passo sem fazer uma careta e respirar fundo. O óleo e a areia não blindam o calor brutal dos azulejos aquecidos pelo sol. Não posso nem me apressar, porque as matronas ditam o ritmo. Ou não se importam com meus pés, ou tudo isso faz parte da minha ardente caminhada da vergonha.

Quando chego aos últimos degraus, nem me importo com as pessoas que olham e gritam palavras incompreensíveis. É como se camadas de pele tivessem sido escaldadas e removidas dos meus pés, deixando-os em carne viva e pura agonia, como se eu tivesse caminhado mais de um quilômetro sobre brasas ardentes.

E a dor da rainha continua. Estável. Punitiva. Tão constante que não consigo respirar fundo, meu coração parece que não consegue completar uma batida.

Estou suando muito. Tudo dentro de mim treme e reverbera com um eco de agonia que mina todas as minhas forças ao passo que sou conduzida por um caminho estreito. Os corpos das matronas se aproximam de mim conforme nos aproximamos do prédio. Posso avistar um mar de pessoas reunidas, gritando com as mãos erguidas como se isso fosse algum tipo de evento frenético.

Sou levada pelos degraus incandescentes do edifício abobadado. Quando chego ao topo, as mulheres se afastam como ondas, e percebo que estou em uma espécie de palco ao ar livre. O prédio fica às minhas costas e a praça da cidade, coberta por lonas, está na minha frente, tão apinhada de gente que nem consigo ver o fim da multidão. Eles não vão perder tempo. Não vai ter espera no meu quarto, nenhum outro ritual de Purificação.

É isso.

Sou empurrada para dentro de um círculo de pilares finos no palco e, em seguida, a magia da rainha é subitamente removida. Na pressa de me empurrar para dentro, me fazem bater o ombro e o braço nas colunas, e a bola dourada cai da minha mão. Não me atrevo a chamar atenção para isso.

Não posso aproveitar a libertação da dor aguda da rainha, porque estou presa. Presa e exposta, me recuperando da dor e me forçando a não desmaiar.

Tento sacudir os postes que me cercam, mas eles não se movem nem um pouco e, de qualquer maneira, estou muito fraca. Têm uns três metros de altura, pelo menos, e não são mais grossos que meu punho, separados por distâncias iguais. O espaço desenhado pelo arranjo é um pequeno círculo, e a mesma porta feita de pilares bate às minhas costas. O único alívio é que agora estou à sombra do toldo do prédio, então o piso de cerâmica do palco é fresco sob meus pés chamuscados.

Mas ergo a cabeça e me deparo com as sete cadeiras dispostas logo depois de mim, de frente para a multidão e para o meu cercado, todas ocupadas pelos monarcas de Orea.

Devem estar em ordem, do Primeiro ao Sexto Reino. A cadeira do Quarto está vazia.

Na ponta, na cadeira do Primeiro Reino, está o Rei Euden Thold, um homem de pele escura com uma coroa de serpente que brilha com pedras preciosas verdes e pretas. No momento em que o vejo, lembro-me de seu poder, porque está enrolado nele, domesticado sob seu controle. Tem uma víbora pendurada em seus ombros. Uma cobra envolvendo seu braço. Outra com um chocalho no tornozelo e uma verde e brilhante enrolada no colo.

Como se não se incomodasse nem um pouco com a presença das serpentes, a Rainha Isolte está sentada ao lado dele, enquanto um segundo homem — que deve ser seu marido, um sujeito bigodudo e com o rosto manchado — senta-se ao outro lado dela. Rei Neale Merewen.

E à direita *dele* está a Rainha Kaila.

Meu estômago revira como se eu o tivesse segurado com as duas mãos e torcido como um trapo. Ao lado dela está a cadeira vazia destinada a Slade, o que faz meu estômago revirar de um jeito totalmente diferente.

Onde ele está?

Na sequência, na cadeira destinada ao Quinto Reino, tem um homem que nunca vi antes. Ele parece muito jovem e nervoso demais para estar no

comando de um reino inteiro. Mas suponho que seja essa a ideia. Este é o recém-coroado Rei Hagan Fulke.

Uma das cobras do Rei Thold está no braço da cadeira do novo rei. Hagan tenta evitar uma careta mas não consegue, claramente desconfortável com a presença da serpente, mas nervoso demais para fazer qualquer coisa a respeito.

Talvez devesse ter feito, porque, em um piscar de olhos, a cobra afunda os dentes em sua mão com a rapidez de um raio, fazendo-o recuar. O Rei Thold ri e chama a cobra de volta, e apesar de eu esperar ver a mão do Rei Hagan perfurada e sangrando, não há nada nela. Ele pode ser uma pessoa tímida, mas aparentemente tem a pele imune a presas.

Ao lado do Rei Hagan, a última cadeira da fila, destinada ao Sexto Reino, está vazia. É a cadeira destinada a Midas. Só que ele não está aqui, e pelo menos posso sentir um pouco de satisfação com isso.

Mas as migalhas dessa escassa satisfação se desintegram quando o Rei Neale Merewen se levanta, e sua voz ecoa pela praça, reverberando na parede circular atrás dele e amplificando o discurso.

— Os monarcas de Orea se reúnem aqui para analisar a acusada e defender a integridade da Lei Oreana. — Ele se vira para mim com um olhar desaprovador, o cabelo liso preso para trás em mechas ralas. — Como Rei do Segundo Reino e defensor do decreto-real, declaro aberta a Assembleia dos reis.

62

SLADE

Estou voando há dias. Tantos que se misturaram em cada crepúsculo que escurece o céu.

Argo é rápido, mas precisa fazer pausas para dormir e caçar, e essa distância normalmente seria dividida com um novo timberwing no litoral, ou aliviada por vários e longos períodos de descanso.

Não tive essa vantagem.

Tivemos de lidar com tempestades que despejaram água sobre nós, ventos fortes e uma rota improvisada. No entanto, atravessar o mar de Weywick foi o pior. Fiz questão de atravessar a menor distância sobre a água e parar bem na ilha mais externa do Terceiro Reino, mas, mesmo assim, quase não conseguimos atravessar.

Quando Argo pousou na costa do Segundo Reino, desabou. Fiquei com ele no pequeno canal que desembocava no mar, e tive muita sorte por ele ter acordado e ter energia para pescar.

Cada segundo parado era uma pressão que eu sentia fisicamente. Cada segundo sem me mover significava que eu não estava me aproximando de Auren. Eu sabia que Manu devia ter trocado de timberwings duas vezes, no mínimo, enquanto eu exigia de Argo mais do que devia.

Mas não tive escolha.

Saí às pressas, o que significa que não levava nada além das roupas do corpo, a fita no bolso e a espada e a adaga no cinto. Vendi a adaga a um pescador por roupas novas e algumas rações de viagem. Quando viu as linhas

de poder se movendo em minhas mãos, ele empalideceu e fugiu, embora fosse sábio o suficiente para ficar com a adaga.

O calor opressivo do deserto do Segundo Reino já me fez suar na roupa de couro, e Argo leva um dia e uma noite inteiros para se recuperar. Mas é rápido. Mais rápido do que qualquer timberwing que já vi. Não fosse a pausa que teve de fazer, não tenho dúvidas de que os teríamos alcançado.

Devíamos tê-los alcançado na noite em que Auren foi levada, mas os filhos da mãe fugiram. Devem ter saído antes do que eu imaginava. Mesmo eu tendo motivado Argo a encontrar seu rastro, o caminho que percorriam mudava a todo momento, como se nos iludissem deliberadamente e escolhessem rotas mais improváveis. E devia ser isso mesmo.

Argo não tem muito mais o que oferecer. Suas asas estão cansadas. Sua velocidade caiu muito, é quase nada. É ainda pior do que naquela noite em que voamos para Poçomorto, porque o calor intenso mina suas forças restantes.

Quanto a mim, com o sol me castigando como punhos furiosos, com o mínimo de comida e água e meros momentos de descanso aqui e ali, sou movido pela raiva.

Raiva, e o inconfundível medo carregado de culpa.

Porque eles a levaram. Eles a levaram, e eu não estava lá. Sei que ela me disse que estava feliz por como as coisas aconteceram em Ranhold, por como ela *precisou* se salvar. Sei que ela é forte. Que é capaz de cuidar de si mesma e se salvar.

Mas eu devia ter estado lá na hora, e certamente devia estar lá agora.

Então, eu *vou* chegar aonde ela está, porra.

Sua fita praticamente queima dentro do meu bolso, um lembrete e uma repreensão pela dor que ela já enfrentou quando eu não estava lá.

Preciso estar lá desta vez.

Estou me aproximando. Devo chegar a Montemuro em um dia. Tudo depende de a terem levado para lá. Porque se a levaram para outro lugar... se me despistaram mais uma vez...

Não. Não vou pensar nisso.

Estamos talvez a poucas horas da capital agora, e uma nova onda de esperança toma conta de mim.

Estou quase chegando, Auren.

Acabe com eles até eu chegar aí, mas, quando eu chegar, esses filhos da puta são meus.

A esta distância, enquanto voamos sobre as dunas, meu poder se contorce e fortalece, as raízes estalam sob a pele, prontas para penetrar esta terra árida e apodrecê-la. Quando passamos por uma cidade menor perto da costa, sei que estamos quase lá, e isso aumenta ainda mais meu entusiasmo.

É quando acontece.

Bem nos arredores da cidade, quando Argo desce abaixo das nuvens. Se ele não estivesse tão esgotado, e se eu estivesse mais concentrado, talvez o pudéssemos ter evitado.

Mas o arpão veio do nada, só um assobio que ouvi uma fração de segundo antes de sua asa ser perfurada.

Ele solta o grito mais estridente que já ouvi. Seu sangue explode ao vento, me salpicando com manchas vermelhas. Argo começa a cair de lado, gritando, ainda tentando bater as asas e voar, mas sua persistência e habilidade não são páreo para o dardo de ferro preso nos músculos e ossos da asa.

Nós caímos.

Seguro as correias da sela, me inclino para a frente, me jogo sobre ele e dou total liberdade de movimentos para que se mova como for necessário. Não tenho como dirigi-lo nem como tentar incentivá-lo. Tudo que posso fazer é me apoiar em suas costas enquanto ele despenca. Mesmo com a dor e a descida violenta, ele ainda tenta retardar a queda, ainda tenta encontrar o melhor lugar possível para fazer um pouso forçado.

Posso afirmar, com absoluta certeza, que as dunas de areia parecem muito mais suaves do que realmente são.

Argo absorve o impacto da queda, dobra as pernas e a asa boa no último momento e dá uma guinada para o lado assim que toca o chão.

A areia sobe e explode ao nosso redor. Argo solta outro grito estridente que vibra em meu crânio e me atinge com a mesma força do impacto. Solto a correia de segurança e desmonto pelo lado que não foi ferido, afundando as botas na areia na corrida em torno dele para verificar a asa machucada. O arpão é grande e pesado; deve ter sido disparado assim que fomos vistos no céu da periferia da cidade. Caímos longe o suficiente para haver um bom quilômetro entre nós e a muralha da cidade, mas isso é pior, porque tudo que quero fazer agora é apodrecer o filho da puta que fez isso.

Avalio o dano na asa de Argo, e uma certeza sombria vai tomando conta de mim enquanto observo tudo de todos os ângulos, sem tocá-lo. A flecha de

ferro está cravada no centro da asa direita, manchando as penas de sangue. A ponta é grossa demais para que eu puxe sem causar mais danos e dor.

O único lado bom é que o metal é passível de corrosão.

Argo grita, desta vez um barulho mais parecido com um gemido, e ouvir esse lamento *acaba* comigo. A fera é uma criatura resiliente e resistente, e vê-lo arrasado desse jeito...

— Estou aqui — murmuro, e seus enormes olhos castanhos buscam os meus, como se houvesse um lampejo de compreensão do que estou prestes a fazer.

Tocando-o com o mínimo de contato possível, apodreço o metal lentamente. No início, parece que o ferro não reage, mas depois começa a enfraquecer aos poucos. A cor muda, se tinge de ferrugem e espalha manchas ao longo do arpão. Quando começa a se desfazer em tiras corroídas e o metal parece envelhecido, quebro a ponta.

Argo estremece, mostra os dentes para mim, mas me movo rapidamente e arranco o arpão, jogando-o para trás. Ele imediatamente curva a asa contra o corpo e começa a lamber o sangue, o que considero um bom sinal, já que consegue movê-la.

O timberwing está ofegante, com espuma acumulada no canto da boca, e quando me movo em volta dele em busca de examinar suas pernas, ele mostra os dentes novamente em sinal de alerta.

— Calma, fera — eu digo, mas se tivesse levado um tiro de arpão e caído daquela altura, também estaria atacando todo mundo.

Quando pressiono seu peito e me abaixo para verificar a condição das patas, meu estômago embrulha. A esquerda está dobrada em um ângulo estranho sob o corpo meio penso, e não preciso tocá-la para saber que está quebrada.

— Merda.

Uma perna quebrada e uma asa com um ferimento cuja extensão desconheço. Ele está completamente debilitado; não consegue se mover, muito menos voar.

Eu me levanto novamente, olhando em volta, mas não tem abrigo contra o sol nessa terra árida, nenhum lugar onde ele possa ficar escondido ou protegido dos elementos naturais.

Somos alvos fáceis e óbvios.

Quando Argo deita a face ofegante no chão abrasador, a areia se espalha com o ar que sai de suas narinas e explode na frente da boca. O timberwing emite um ruído derrotado, abatido, e isso gira a faca da culpa cravada em minha garganta.

Pego o cantil pendurado na cintura e começo a pingar o líquido em sua boca. Ele a abre imediatamente, e despejo água até quase esvaziar o cantil. Argo lambe os lábios, me fita por um instante e passa a língua áspera na minha mão como se agradecesse, depois fecha os olhos.

Bebo a água restante e me sento apoiado no lado bom dele, os joelhos dobrados, os olhos voltados para Montemuro.

A distância que ainda nos separa da capital parecia pequena há poucos minutos. Agora parece intransponível.

Tão perto.

Tão longe.

Argo não pode voar. Não pode andar. Vai morrer aqui por minha causa. Vou ter de caminhar até a cidade que o abateu, roubar um cavalo e cavalgar pelo deserto para alcançar Auren, e será tarde demais. Demorei muito, e agora, sem poder voar...

No momento em que eu partir rumo à cidade atrás de mim, estarei decretando a sentença de morte de Argo. Ranjo os dentes e cerro os punhos. Tenho de escolher entre deixá-lo aqui sozinho para morrer lentamente em consequência dos ferimentos e exposto às intempéries, ou apodrecê-lo onde está, pelo próprio toque em que ele aprendeu a confiar. Um toque que, neste momento, projeta linhas enfurecidas que percorrem toda a extensão das minhas mãos, desenhando espirais voláteis ao se estender além dos nós dos dedos. A raiva deteriorante penetra profundamente no chão e se espalha, como veias que se estendem em uma caçada para assolar a terra em punição antes que eu a recolha.

Eu não ficaria surpreso se o alcance da minha fúria chegasse até Montemuro. E me sinto tentado a permitir que ela tente. Que engula a cidade atrás de nós também, fazendo cada pessoa apodrecer e mofar.

Argo tem sido minha fera fiel há anos, e este é o agradecimento que lhe dou. Um túmulo no deserto onde está ferido, com calor e vulnerável. Minha mão se eleva para acariciar as penas macias de seu pescoço e, quando ele ronrona quase silencioso, a emoção aumenta em meu peito.

— Desculpe — sussurro.

Para ele.
Para ela.
Sinto muito mesmo.

63

AUREN

Em vez de aplausos ao anúncio do rei, a praça fica silenciosa e ansiosa. Como se todos esperassem para ouvir o que será dito a seguir. Bem na frente do palco, sobre uma plataforma ligeiramente elevada, há dezenas de pessoas sentadas.

Todas estão bem-vestidas, com roupas próprias da nobreza, mas meus olhos encontram imediatamente um rosto em particular na multidão, sentado ao lado do marido.

Manu.

Ele me encara rapidamente antes de desviar o olhar, e talvez eu esteja errada, mas juro que vejo uma pequena centelha de culpa passar por sua expressão. Ele tentou me convencer de que a Assembleia não seria mais que um tapinha na mão, mas isso certamente não parece uma reprimenda inconsequente.

Não é nada pessoal, Boneca.

Mas foi.

É.

Eu me viro, mas minha atenção é atraída por um garoto sentado bem na minha frente. Está vestido com um manto branco quase idêntico ao de Isolte, exceto pela cabeça descoberta exibindo cabelo loiro-escuro. É jovem, deve ter cerca de dez anos e, a julgar pelos guardas atrás dele, meu palpite é que seja o herdeiro do Segundo Reino.

Eu me pergunto quantas Assembleias ele testemunhou.

— Vamos relatar as alegações contra a acusada.

Olho para o Rei Merewen.

Parado diante de sua cadeira, ele contempla a multidão ali reunida. Os fios de seu longo bigode grisalho são levemente enrolados, as pontas parecem ter sido mergulhadas em gema de ovo, amareladas pelo tempo.

— A acusada está aqui porque testemunhas afirmam ter visto Lady Auren matar o Rei Midas.

A multidão não reage, não faz barulho; em vez disso, as pessoas ficam ainda mais silenciosas. É quase estranho sentir essa atenção silenciosa em mim, centenas de olhos circulando por meu corpo.

Respirando fundo, absorvo ar suficiente para ser capaz de pensar além dos últimos ecos da dor que Isolte me causou. Não acredito em matar sem pensar. Mas ela? Eu ficaria feliz em dourar aquela bunda fodida, só pelo abuso de poder. Porque se fez isso comigo, quem sabe quantas outras pessoas não submeteu ao mesmo tratamento?

É meu dever como padroeira da santidade.

Que monte de merda de cavalo. Olho para ela através das grades da ga...

Não. Minha mente ergue muralhas de proteção. Não vou usar esse nome para isso. Não estou em uma gaiola. Estou apenas em um círculo formado por pilares. É onde ficam todos que são convocados para uma Assembleia. É só pedra. Meu ouro derrubaria isso em um piscar de olhos.

A bolinha de ouro que deixei cair rolou, mas, felizmente, uma das colunas de pedra a impediu de escapar do meu alcance. Tentando não ser óbvia, estendo o pé até tocá-la com a ponta do dedinho. Uma coisa boa deste robe é que ele esconde a bola. Eu pisaria nela se pudesse, mas a sola dos meus pés está doendo demais. Não sei se estou enfraquecida demais pelo abuso de Isolte para invocar ouro novo, então, se eu conseguir controlar a bola, fazê-la subir pela perna e voltar à minha mão, talvez...

Mas no momento em que *cogito* canalizar meu poder, o ouro se acumula abruptamente na ponta dos dedos. Sou pega de surpresa pelo líquido que começa a se acumular e seguro as colunas na minha frente, deixando-o penetrar na pedra e escondendo-o sob as mãos. Está acumulando mais rápido do que antes, mesmo com o desgaste físico, como se eu nem precisasse tentar. E alguma coisa nisso é... *estranha*.

Mas preciso trabalhar rápido. Antes que a Rainha Isolte use seu poder em mim novamente. Antes que me ponha de joelhos e neutralize minha magia.

Então, deixo o ouro acumular, tentando não ser óbvia, e no início, quanto mais produzo, mais me sinto fortalecida.

Até perceber que não consigo parar.

É como se eu tivesse me tornado uma torneira com vazamento, as gotas incontroláveis vertem da minha pele e se acumulam mais e mais. Tento fechar as mãos, tento esconder quando as gotas escorrem por meus braços, para não alertar Isolte, mas aquilo não cessa.

Não só não consigo interromper o ouro, como também não consigo *direcioná-lo*. Não tenho controle algum. Como uma nuvem de chuva que de repente decide despejar a água, ele se tornou uma força irreprimível.

Tem algo errado.

Mantenho as mãos bem fechadas, sem ousar movê-las. Felizmente, o que escorre delas para os braços fica escondido sob as mangas do vestido. Mas uma parte é absorvida pelo tecido, que fica manchado. E mais ouro pinga pela lateral das mãos. Quando a primeira gota cai no chão, meu olhar acompanha a descida. E é aí que percebo o símbolo gravado no piso sob meus pés queimados.

O que é aquilo?

Estou tão distraída com os estranhos padrões circulares gravados no chão que não percebo a aproximação do Rei Merewen, até que a proximidade de sua voz me faz levantar a cabeça. Considerando as rugas na pele marrom e as mechas grisalhas no cabelo liso, deduzo que ele deve ser algumas décadas mais velho que a esposa. Procuro em meu cérebro a informação sobre seu poder, e então lembro que sua habilidade tem a ver com encontrar fontes de água. Para um reino deserto, é uma capacidade bem útil.

— A acusada está aqui porque testemunhas afirmam que Lady Auren é uma ladra de poder — ele declara, apontando em minha direção.

Todos os outros monarcas me encaram, fitam o meu rosto como se quisessem me perfurar com os olhos.

— Como você responde a esta acusação?

Engulo em seco, o suor pinga das pontas do meu cabelo, se acumula sob os seios e escorre pelas têmporas.

— Minha resposta é que ninguém aqui testemunhou como ele morreu. — Mais gotas de ouro caem das minhas mãos rumo ao chão. Mas não posso *fazer* nada com isso. Não posso direcionar o fluxo. Não é possível reunir o líquido, solidificá-lo ou sair deste espaço cercado.

Que diabos está acontecendo?

Aperto com mais força, tento dourar a coluna, mas não consigo. Por causa do movimento que faço, o rei olha para as palmas das minhas mãos escorregadias e abre a boca, surpreso. Isolte também me observa, e me pergunto se ela está prestes a me beliscar e torcer com os dedos escondidos nas mangas compridas.

Preciso do meu ouro. Ele está aqui, continua a pingar, e começo a tremer com a mistura de concentração e pânico, na tentativa de colocá-lo em movimento e usar a única vantagem que tenho, mas *não consigo*.

O olhar do Rei Merewen passa dos meus dedos crispados para o meu rosto tenso, e ele *sorri*.

— Ah, entendo. Vou te contar uma história, garota — ele fala, baixinho. — Meu bisavô tinha o poder das runas. E essa sobre a qual você está? Ela drena a magia da pessoa como se espremesse um tubo, mas você não vai conseguir usá-la enquanto estiver aí. A magia é revelada, só isso.

Arregalo os olhos.

Com um olhar satisfeito, ele se volta para os outros monarcas e anuncia:

— Então, a interrogada alegou que não houve testemunhas. Rainha Kaila, como única monarca viva presente em Ranhold naquela noite, qual é sua declaração sobre isso?

Eu a observo ficar em pé, vejo o vestido sem mangas descer e tocar o chão como uma onda de água, a coroa colocada sobre o cabelo grosso e ondulado.

— Quero apresentar à Assembleia as palavras que realmente foram ditas naquela noite e captadas por minha magia — ela anuncia, e meu sangue gela quando ela se vira respeitosa para o rei. — Com a aprovação dos monarcas aqui reunidos, é claro.

Todas as mãos se levantam discretamente, dando permissão.

O Rei Merewen acena com a cabeça.

— Prossiga, Rainha Kaila.

Mesmo que eu esteja preparada para ouvir isso, não é menos chocante quando minhas palavras, minha *voz* é transmitida de seus lábios como um riacho de vapor.

A magia vibra no ar, e sou levada de volta àquela noite, minhas palavras ecoam pela praça e preenchem os espaços e os ouvidos de todos ali reunidos.

— *Não toquem nele.*

Minha voz grita com fúria, fazendo com que várias pessoas na multidão recuem e olhem em volta como se tentassem ver quem falou.

— *O que está fazendo, Auren? Afaste-se dele agora e venha para cá.*

Ouvir a voz de Midas me faz estremecer. Faz meus dedos apertarem as colunas com mais força.

Ele está morto, digo a mim mesma. *Ele se foi*. Mas ouvi-lo novamente, tão *real*, ouvir a voz engarrafada e depois derramada sobre meus ouvidos me faz querer vomitar.

— *Venha para cá* — sua voz ordena.

Então ouço minha resposta. Furiosa e cortante.

— *Nunca*.

A multidão estava em silêncio e imóvel antes, mas a exibição de vozes repletas de emoção e sem corpo deixa o ar carregado.

— *Abaixem as espadas na presença de minha favorita!* — grita a voz de Midas. Isso o faz parecer protetor. Como se estivesse me protegendo.

— *Não sou sua favorita*. — Minha resposta soa descontrolada. Esmagada entre um ranger de dentes.

— *Esvaziem o salão!* — o grito de Midas retumba.

Ela omitiu deliberadamente o que eu disse antes de ele dar essa ordem. Quando anunciei diante de todos que foi ele quem matou o Príncipe Niven, não Slade.

Kaila continua usando a magia. E transmite mais palavras.

Mas desta vez é a minha voz e a voz da Lu, em uma noite totalmente diferente.

— *Obrigada por me ajudar a entrar e sair sorrateiramente. Foi bom passar um tempo com Ravinger.*

Eu disse "Degola" naquela noite. Não "Ravinger". O que significa que o poder da Rainha Kaila permite não apenas que ela armazene palavras, mas também que as manipule. Que as recorte e cole de acordo com sua conveniência. Meu estômago revira e azeda, e a saliva inunda minha boca.

— *Tenho certeza disso. Melhor companhia do que o idiota de ouro, não é mesmo?* — a voz de Lu ecoa.

— *Muito melhor.*

Agora a multidão não consegue ficar quieta. Há um ruído crescente entre os grupos, se acumulando, se aglutinando, emitindo julgamentos.

— *Era ele?* — A acusação de Midas agora o faz parecer o amante desprezado.

— *Nós vamos embora.*

As pessoas olham para mim, ameaçadoras, seus olhares revoltados.

Outro sopro e, desta vez, é a voz da própria Rainha Kaila naquela noite.

— *É evidente que a lealdade dela pertence ao Quarto Reino. Deixe-a perder seu favorecimento. É o que ela merece.*

Depois a voz suplicante de Midas.

— *Auren, venha aqui agora.*

— *Nunca.*

Outra palavra fora de contexto, usada em benefício de sua narrativa.

— *Quer ir embora? Para se tornar a puta do Rei da Podridão?* — a voz de Midas dispara.

— *Melhor ser puta do homem que está atrás de mim do que ser sua favorita* — respondo. — *E você deveria ir também, seria mais sensato.*

A maneira como ela reorganizou as palavras sugere que minha intenção foi fazer uma ameaça.

— *Você quer ir embora, Auren? Então vá. Que a poluição de Ravinger saia deste reino.*

O pobre rei rejeitado abrindo mão de sua favorita.

Kaila não divulga o que realmente aconteceu a seguir, não deixa claro que *tentamos* ir embora. Não. Em vez disso, ela faz parecer que Midas era esse rei rejeitado e traído que me deixava partir.

E isso não é verdade, é claro.

A Rainha Kaila faz uma pausa e contempla a multidão.

— Lady Auren se recusou a sair. Ela atacou Midas bem na minha frente, e quando ele tentou usar seu ouro a fim de se proteger, não conseguiu. — A rainha balança a cabeça e choraminga, conquistando cada vez mais a simpatia dos rostos atentos. — Lady Auren estava com ciúme por ele ter anunciado seu noivado comigo. Furiosa, na ânsia de se vingar dele, ela seduziu o Rei Ravinger e então atacou.

Ranjo os dentes. Meu coração bate tão forte que ecoa no crânio. Não sei o que é maior: raiva, medo ou exaustão.

— A próxima parte é violenta — ela continua. — Aconselho quem está com crianças pequenas ou pessoas de temperamentos sensíveis a tampar seus ouvidos.

E ela sopra o ar mais uma vez.

Desta vez, não são vozes que ecoam, e sim *gritos*. Atravessam a praça, batem nas paredes, fazem as pessoas hesitarem, se encolherem e olharem para mim, horrorizadas. Os ruídos reverberam em meus ouvidos, as lembranças se alinham com cada um deles. Posso ver os guardas engolidos pelo ouro, derretidos, cortados, esmagados e sufocados.

Eu fiz isso.

Assim como fui responsável pela carnificina em Carnith.

Depois, a voz de Midas. A nota de súplica.

— *Auren*.

Posso sentir como a multidão se volta contra mim. A pena que sentem do Rei Midas. Já sou a vilã aos olhos deles. Mas se tem uma coisa que aprendi é que ser a vilã nem sempre é uma coisa ruim.

— Obrigada, Rainha Kaila — o rei agradece. — Mas preciso perguntar: você *estava* no salão quando o Rei Midas foi morto? Foi testemunha ocular?

Kaila faz uma pausa antes de responder:

— Não, Rei Merewen. Tive que fugir.

— Fugir? Por quê?

— Porque Lady Auren não apenas enganou e matou o rei — Kaila afirma. — Ela também detém um poder sombrio que nenhum de nós conhecia.

— Que poder?

Ela olha para a frente, como uma artista apresentando suas falas perfeitas ao público.

— Testemunhei Lady Auren roubando o toque de ouro de Midas. E ela o matou com isso, assim como tentou me matar.

A multidão irrompe em suspiros e sussurros.

O Rei Merewen olha para mim.

— Como responde a acusada?

— Eu não roubei nada — digo, com raiva.

Não confio nesses monarcas. E se quiserem me manter aqui e me forçar a dourar as coisas como Midas? Eles têm um objetivo em mente para essa Assembleia; caso contrário, não teriam feito tanto esforço para me sequestrar. Se eu me defender, usarão minhas palavras contra mim?

— Não?

— Não — respondo por entre os dentes. — Eu não roubei a magia de Midas.

No pior momento imaginável, todo o ouro que se acumulou em minhas mãos começa a escorrer pelos pilares em fios grossos.

A multidão irrompe em exclamações, dedos apontados, olhos arregalados.

— *É verdade!*

— Ela tem o poder do Rei Midas!

Olho para aquela gente e tento gritar de volta.

— Não é o poder dele! Nunca foi! — Minha voz não produz nenhum efeito. É sufocada por um mar que a submerge.

— *Ela é uma ladra, uma trapaceira!*

— *Culpada! Culpada!*

Afasto as mãos dos pilares finos, mas isso só serve para garantir que a gravidade não esteja do meu lado. Agora o ouro não pinga mais lentamente das minhas mãos. Ele flui da pele, escorre dos dedos até formar uma poça no chão. Encharca a sola dos meus pés queimados, mancha a barra do vestido, se acumula, mas é contido por alguma barreira invisível que não permite que ele passe pelos pilares.

— *Culpada!*

É como cortar os punhos e me ver sangrar. Não consigo interromper o fluxo, mas posso sentir o dilúvio saindo de mim, me enfraquecendo ainda mais.

É quando noto fios pretos surgindo no dourado.

No início, é só uma linha que escorre em uma gota pesada e densa que cai aos meus pés. Depois tem mais, até que se espalhem por cada fio, como se alguém tivesse jogado tinta preta em tudo.

O que é aquilo?

O ouro agora está *jorrando* de mim, e sei que os monarcas estão falando, sei que a multidão grita, mas meus ouvidos estão zumbindo, meu coração bate forte, porque essas linhas escuras... elas parecem...

— Grande Divino.

Levanto a cabeça ao ouvir a voz da Rainha Kaila, vejo como ela aponta para mim, e o choque em seu rosto é tão evidente que aposto que quase todo mundo na multidão pode vê-lo.

— Ela também roubou o poder do Rei da Podridão!

Ela grita isso.

E a multidão grita com ela.

Mas estou em choque, incapaz de dizer qualquer coisa, porque ela está certa. Esses *são* os mesmos fios que Slade espalha pelo chão, as mesmas veias que se contorcem sob sua pele.

Em uma reviravolta doentia do destino, estas linhas de podridão se espalham, penetram, escorrem com meu ouro como raízes se retorcendo para produzir uma infinidade de ervas daninhas purulentas bem aqui, para todos verem. Podridão brotando daquela única partícula que Slade deixou dentro de mim, a semente que pensávamos estar adormecida.

— *Ela roubou o toque de ouro! Agora roubou a podridão! Ela pode roubar mais!*

— *Culpada! Culpada! Culpada!*

Meu mundo sai do eixo. Cambaleio para trás contra os pilares, pisando no metal líquido acumulado. Preciso interromper a força que atrai minha magia, preciso fazer isso parar, mas não consigo.

Fiquei drogada por dias e estou desidratada. Com calor. Esgotada. Meus pés estão queimados. Cada lugar onde a Rainha Isolte me torturou é como uma ferida devastadora. Minha magia jorra de mim com uma força mortal e imparável, e estou presa.

Estou presa.

Meu corpo todo começa a tremer, os olhos se movem de um jeito incontrolável e transtornado, o coração parece grande demais para caber no peito, batendo mais forte do que as artérias podem suportar.

— Monarcas, deem seu voto!

Cada um deles se junta às vozes da multidão.

Culpada, culpada, culpada.

O Rei Merewen se vira para seu povo.

— A Assembleia real determina que ela é culpada!

As vozes da multidão explodem em milhares de gritos.

— O veredicto é execução imediata.

E tudo ao meu redor se *estilhaça*.

Culpada, culpada, culpada.

64

AUREN

Há uma reação de atrofia no cérebro quando algo muito chocante acontece. Algo tão violentamente angustiante que os pensamentos desbotam e se retraem. Como se a mente se tornasse uma mãe protetora, protegendo os olhos do filho e abafando os ruídos assustadores enquanto o massacre ocorre, a mãe sabe que eles serão os próximos. Subjugar os receptores, entorpecer mentalmente o desfecho — essa é a última coisa que o cérebro pode fazer para oferecer proteção.

A última coisa que pode fazer para suavizar o golpe iminente.

Ouço a multidão entoando seu canto.

Culpada.

Observo os rostos que gritam, a movimentação dos monarcas, o ouro derramado.

No entanto, tudo isso é entorpecido. Suave. Monótono. Lento como se fosse um sonho.

Como se fosse só um pesadelo e minha mente quisesse me lembrar de manter a calma.

Mas sei que não é um sonho. As piores situações sempre aconteceram na minha vida enquanto eu estava acordada. Isto não é diferente.

Onde você estava?

Fiz essa pergunta a Slade em Poçomorto, dentro da caverna protegida. Parece que foi há muito tempo. O que eu disse a ele naquela ocasião sempre será verdade para mim. Fiquei feliz por eu mesma ter me salvado.

Mas, desta vez, pensei que ele estaria aqui.

Achei que ele viria.

Onde você está?

Eu sou forte. Percorri um longo caminho com minha magia e meu controle. Com emoções e pensamentos. Até meu corpo físico ficou mais forte com o treinamento intermitente. No entanto, nada disso vai me ajudar a sair daqui.

Desta vez, preciso de ajuda.

E não a tenho.

Não sei onde ele está ou por que não veio, mas, seja o que for, deve ser algo terrível, porque não tenho dúvida de que ele faria tudo que pudesse para estar aqui. Para me rastrear e me salvar. No entanto, ele não está aqui, e só posso pensar o pior.

Aconteceu alguma coisa com Slade.

Será que a Rainha Kaila teve participação nisso? Fizeram algo com Slade? Devem ter feito, ou ele já teria chegado. Nem teria permitido que me tirassem do Quarto Reino.

A percepção chega como uma pedra caindo no oceano. Me penetra até o fundo, faz tremer o chão sob meus pés, agita o lodo e turva minha visão.

— A execução da Assembleia deve ser realizada imediatamente.

Meus olhos se voltam para o rei.

— Você foi julgada culpada por seus crimes de matar o Rei Midas e roubar não um poder, mas dois.

— Eu não roubei nada — grito. — O toque de ouro é *meu*.

Ninguém acredita em mim. Ninguém nem me ouve. Estudo os outros monarcas, mas eles olham para mim como se eu fosse uma parasita que precisam queimar, como se não me quisessem perto deles, porque poderia roubar sua magia também. Os espectadores na praça também não têm simpatia por mim; o que encontro naqueles rostos é puro ódio.

Para eles, não sou mais que uma montaria mentirosa, assassina e ladra que merece essa sentença.

— Por favor!

Minhas mãos agarram os pilares de novo, molhados com um ouro que não endurece. A poça no chão agora é muito mais profunda, alcança a metade das minhas canelas. Raízes pretas e líquidas se retorcem dentro dela, se estendem para todos os lados no espaço delimitado pelas colunas como se tentassem cavar uma abertura, sem sucesso.

Não posso sair.

Não consigo controlar minha magia.

Minhas costas estão vazias.

E ele não vem.

Meu soluço silencioso é o que rompe a névoa da mente, me trazendo de volta à plena consciência. Sem a proteção do escudo mental, caio no caos da condenação.

Agora os monarcas estão todos em pé e há guardas cercando meu espaço. Guardas que nem vi se aproximando. Não usam armadura, mas uniformes brancos com faixas cinza que testemunham os pecados cometidos por suas lâminas.

— Exército! — o Rei Merewen ordena.

Cada guarda puxa sua espada. São seis: três na minha frente, três atrás, e todos cercam meu pequeno círculo.

O fato de serem seis parece uma ironia cruel.

— Por favor! — grito de novo, mas ninguém se importa em ouvir meu apelo.

Meu coração bate forte como se tentasse abrir um buraco no peito e escapar, mas nenhuma parte de mim escapa deste recinto.

É isso mesmo? Depois de tudo. Depois da porra *toda*, é esse o meu fim? Condenada à morte por causa de *Midas*?

Outra ironia cruel eu ser executada por acharem que roubei *dele* o toque de ouro.

— Levantar!

Os guardas levantam suas espadas. Seis lâminas encaixadas entre os pilares, as pontas afiadas apontadas para mim com intenção letal.

Este recinto é tão pequeno que, no momento em que empurrarem as espadas, serei atravessada por todos os lados. Não há como escapar disso.

Não tem saída.

Lágrimas escorrem por meu rosto, gotas inúteis que mal revelam o terror e o pânico que me inundam.

Eu me viro, tento empurrar a porta de grades, mas ela nem se move.

— *Por favor!*

Depois de tudo que fiz para ser livre, vou morrer atrás das grades do mesmo jeito, trancada em uma gaiola da qual não consigo escapar. A vida é cruel.

É quase como se eu pudesse sentir Midas rindo por cima do meu ombro.

Mergulho dentro de mim mesma, tento atrair para fora a fera feérica, tento ir além das runas aos meus pés, afastar as colunas que me cercam.

Nada funciona.

Minha fera está encolhida, com as penas atrofiadas pela exaustão. Meu ouro não pode fazer nada além de escorrer da pele. A estrutura que me rodeia parece se aproximar.

Estou presa.

O Rei Merewen fita meus olhos por cima da cabeça dos guardas.

— Lady Auren, agora eu a condeno à morte.

As lâminas se aproximam.

E meus olhos se fecham.



Sinto as primeiras pontadas como uma agulha de costura furando o dedo. Afiadas. Pequenas. Só a extremidade ferindo a pele.

Então respiro. Uma única frase presa nesse sopro de ar, unida à tristeza do meu coração.

Encontre-me em outra vida.

Encontre-me em todas elas.

E não há mais espaço para palavras. Nenhum pensamento coerente, porque a primeira espada penetra mais fundo, e a dor apaga todo o restante.

Meu corpo se prepara. A mente esvazia.

Mas então... o mundo entra em erupção.

Por um momento, não entendo nada. Quando o chão treme. Quando os gritos explodem. Não consigo entender que as lâminas pressionadas contra meu corpo não são mais prementes ou afiadas. A mente entorpecida só registra que alguma coisa está errada quando elas se afastam de mim.

Abro os olhos e me deparo com uma poeira espessa como neblina se aglutinando no ar. Olho para baixo e percebo que as espadas não são mais brilhantes e prateadas, mas enferrujadas, da cor de pedras âmbar e tangerinas, e de repente se desintegram por completo. Posso senti-las explodindo e virando pó onde afundaram em meu corpo.

E os guardas...

Vejo o corpo do homem na minha frente sofrer uma metamorfose. Olhos aterrorizados perdem o brilho e afundam nas órbitas. A boca se abre como se os músculos não conseguissem mais sustentá-la. Os lábios descamam, expondo uma fileira de dentes cada vez mais escuros. As veias infeccionam e explodem, feridas se abrem em seu pescoço. Ele tenta agarrar um pilar, mas as mãos descarnam e atrofiam até serem só ossos.

Quando ele cai, seu corpo incha e se contorce, estufa e cresce de maneira impressionante, depois é como se tudo fosse sugado para dentro, encolhendo e murchando até que ele se torne apenas uma carcaça de ossos e pó.

Analiso o entorno, atraída pelos baques e estalos ao meu redor, e vejo que todos os guardas tiveram o mesmo destino.

Levanto a cabeça e meus olhos buscam, o coração palpita...

E então o encontro.

Não sei se um dia já senti uma euforia tão verdadeira quanto neste momento. É visceral, me envolve como o calor do corpo dele, e um soluço brota do fundo do meu peito.

Ele veio.

Ele veio me buscar.

Um timberwing pousa bem no meio da praça com um rugido feroz, e a multidão grita e corre, mas não com rapidez suficiente.

No momento em que Slade salta da fera, no mesmo instante em que suas botas tocam as pedras, a podridão se espalha em todas as direções. Consome a multidão de espectadores, raízes contaminadas crescendo e se espalhando, infestando tudo em seu caminho. As pessoas caem uma após a outra, corpos definham no chão e apodrecem, e os guardas que cercam a plateia sucumbem ao mesmo destino.

Agarro-me ao pilar adiante, na tentativa de me manter em pé enquanto gritos se formam no fundo da garganta e escapam pelos lábios. Nossos olhares se cruzam, meu coração fica preso ao dele.

Sinto a fúria que jorra dele em ondas e a quantidade de energia que pulsa no ar, mas nada disso me faz enjoar, nada disso provoca náusea.

Ele caminha em minha direção com passos selvagens que fazem o chão esfarelar, esmagando a praça sob um silêncio pesado enquanto apodrece todos em seu caminho e deixa as botas transformarem os corpos putrefatos em pó. Até que não haja mais gritos. Não haja mais correria. Até que só exista a morte silenciosa seguindo seus passos.

Eu serei o vilão por você.

Ele é a imagem da morte e da vingança. A personificação da raiva.

Slade destrói tudo e todos ao seu redor sem olhar ou pensar duas vezes, e em meio ao caos, em meio ao massacre, eu *celebro* tudo isso.

Talvez seja a podridão dentro de mim. Talvez seja a natureza feérica.

Mas talvez seja simplesmente saber que a pessoa que amo está disposta a destruir o mundo para me proteger. E que *este* tipo de poder não pode ser detido nem mesmo por este cercado que me aprisiona.

Enquanto estivermos juntos, vai estar tudo bem. Porque vou lutar por Slade, e ele vai matar por mim, e se tivermos de ser os vilões, que seja.

Slade avança com a morte nos olhos, enquanto as raízes de seu poder se contorcem e enrolam ao longo dos antebraços e do pescoço, refletindo a podridão que se espalha pelo chão. Quando está a apenas três metros de distância do palco, seu olhar se divide entre os monarcas e alguns nobres e guardas.

Estão encolhidos juntos no palco, e me pergunto por um momento se a Rainha Isolte está tentando reprimir o poder de Slade com o dela. Se estiver, seu fracasso é evidente.

Ela não tem força para enfrentá-lo. Ninguém tem.

Por isso me surpreende que nenhum deles tente usar estes últimos segundos para tentar fugir. Em vez disso, estão gritando com o Rei Merewen, exigindo que se apresse. Não entendo, mas então vejo o garoto, aquele que deve ser o príncipe do Segundo Reino, e o pai o segurando pelos ombros, colocando-o na frente deles.

Sinto a indignação como um soco. Acham mesmo que, ao usarem uma criança inocente como escudo, Slade não os destruirá?

A ideia é desprezível, mas deveriam saber que Slade é preciso com sua magia. Poderia apodrecer todos eles sem deixar uma gota de podridão respingar no garoto, assim como destruiu os guardas que me cercavam.

Mas então o Rei Merewen diz alguma coisa para o filho. O menino assente e enfia a mão no bolso da túnica, de onde tira um rolo de barbante. Em um piscar de olhos, estica o cordão entre os dedos e fecha os olhos em intensa concentração, puxando o fio em uma linha tensa. A magia ganha vida no ar como se alguém tivesse acabado de derramar óleo sobre uma chama.

Slade está a apenas um metro do palco, correndo degraus acima, quando a magia do garoto entra em ação.

Se eu não estivesse segurando os pilares, teria caído. O ouro acumulado forma ondas violentas contra minhas pernas. No entanto, meus olhos estão fixos no palco, agora coberto por uma espécie de véu da mesma cor do fio nas mãos do menino. Também sou contida por uma segunda camada que me separa deles, um véu um pouco mais grosso que envolve meu cercado.

A estrutura toda balança e ondula como uma roupa pendurada no varal e soprada pela brisa. Estende-se sobre nós como uma cúpula, e o tecido, que não é completamente sólido, torna-se translúcido à medida que se move, cintilando à luz do sol.

Slade se choca contra ele, e o tecido se curva à sua volta, depois se estica e o joga para trás.

— Você não pode passar — o Rei Merewen grita, vitorioso e arrogante, ainda segurando os ombros do filho. O menino continua de olhos fechados, segurando o cordão entre os dedinhos.

Slade levanta as duas mãos e empurra a barreira. Pés plantados, músculos contraídos, raízes brotando do ponto de contato com força lívida, e assisto enquanto as veias se projetam ao redor do tecido abobadado para espalhar a podridão.

No entanto, em vez de deteriorar o escudo ondulante, as veias corrosivas não fazem absolutamente nada. Slade rosna, empurra com mais força, um poder tão denso que parece formigar na minha pele.

Mas isso não afeta em nada a proteção do tecido inflado.

A energia é interrompida, e meus olhos embaçam quando Slade começa a ofegar, o cabelo pingando suor, a raiva evidente no maxilar contraído.

— Rei Ravinger, como eu disse antes, você não pode passar. O véu do meu filho é impenetrável. Mas vamos conversar — o Rei Merewen diz, estendendo os braços como se fosse um homem benevolente e esclarecido. — Não somos seus inimigos.

Slade mostra os dentes e o encara de um jeito que faz até o meu sangue gelar.

— Qualquer um que machuque Auren é meu inimigo.

— Mas é justamente isso, Rei Ravinger. *Ela* é a inimiga — a Rainha Isolte se pronuncia.

A Rainha Kaila assente e passa pelo irmão.

— Exatamente. Acabamos de provar isso aqui, na Assembleia, e por isso era tão imperativo que a tirássemos de perto de você. Ela é perigosa. Engana

reis e rouba o poder deles. Não queríamos esperar e permitir que isso acontecesse com você também.

A fúria faz derreter o ouro que ainda escorre de minhas mãos. Ele pinga em gotas fumegantes que chiam ao cair.

— As garras dela precisavam ser arrancadas da sua mente. Veja você mesmo — o Rei Merewen anuncia, apontando para mim. — Ela roubou o toque de ouro, mas agora também roubou sua podridão. Você devia tê-la entregado antes.

Slade olha para mim, para o ouro que agora alcança minhas coxas e para as raízes que nadam nele. Tudo isso enquanto o ouro escorre das minhas mãos com uma força que não é natural. Meus olhos pesam. Meu coração desacelera.

— Ela não roubou nada — ele grunhe. — Soltem Auren. Agora.

— Receio que não seja possível — Merewen diz. — Você conhece a lei. Quando um acusado é considerado culpado, a sentença deve ser executada.

A força da fúria faz Slade praticamente tremer.

— Se *tocarem* nela, apodreço cada um de vocês aqui e agora.

O Rei Thold se mexe, e as cobras levantam a cabeça, agitadas.

— Merewen, talvez devêssemos discutir isso...

— Não — ele retruca, e as manchas em suas bochechas ficam mais vermelhas. — O julgamento foi feito. Você quer que ela roube *seu* poder também? — ele pergunta, antes de olhar para o novo rei do Quinto. — E você? Gostaria de que ela o seduzisse e roubasse o seu poder?

Os dois homens não respondem.

— Ela matou um rei. Não podemos ficar parados e não fazer nada — a Rainha Isolte declara. — É uma mulher maculada que precisa enfrentar seu destino.

Slade os fita, tão imóvel que chega a ser sinistro. Como se piscar fosse o suficiente para destroçá-los.

— Abaixe essa barreira e deixe-a sair. *Agora*. Ou o que fiz hoje nesta praça não vai ser *nada* se comparado ao que vou fazer. — Ele faz a ameaça com palavras tão baixas e contidas que preciso me esforçar para ouvir. — Você pode se esconder atrás desse escudo enquanto seu filho tiver forças para mantê-lo, mas garanto, eu espero o tempo que for preciso. No momento em que isso cair, vou descamar sua pele e atrofiar seus ossos. Vou te decompor lentamente, de dentro para fora, até você não ser mais que um cadáver agonizante

apodrecendo ao sol. Depois vou destruir até a última pessoa de seus reinos, e não vou descansar até que toda a Orea esfarele e deixe de existir.

Os outros monarcas empalidecem.

A Rainha Isolte balança a cabeça, incrédula.

— Rei Ravinger, estamos tentando *ajudar*...

— Abaixe o escudo *agora*. Não vou pedir de novo.

— Mas...

— Abaixe — o rei Merewen cede, interrompendo a esposa.

Ela reage, chocada.

— A decisão da Assembleia é *sagrada*.

— Cale a boca, mulher — ele dispara, furioso. Então se dirige ao filho. — Abaixe a barreira, garoto.

Mas o menino não abre os olhos. Não faz barulho.

O pai insiste, irritado.

— Você ouviu? Eu disse para abaixar! — O rei se aproxima para sacudi-lo, mas, assim que toca seu ombro, o menino cai no chão e começa a ter convulsões.

— Hamus! — A Rainha Isolte corre para o filho e cai de joelhos ao seu lado. Segura seu rosto e tenta interromper os espasmos violentos, mas não consegue. Ela se volta contra o marido. — Isso é culpa sua, você exigiu muita magia dele!

Eu estremeço.

Mesmo que isso não seja nada comparado às quantidades de ouro que verti antes, esse consumo de energia é muito contínuo e forçado.

— Auren?

Preciso piscar várias vezes para recuperar o foco e enxergar Slade.

— Eu...

O que ele enxerga em minha expressão ou ouve em minhas palavras sufocadas é suficiente para roubar a cor de seu rosto. Ele se vira e olha para os outros.

— Tirem-na daí!

— Merewen, derrube a barreira, ou ele vai nos matar, porra! — Rei Thold sibila tanto quanto suas cobras.

A Rainha Kaila parece dividida entre querer me ver morta e querer salvar o próprio pescoço.

Mas o príncipe não recupera os sentidos, continua se debatendo com o fio emaranhado entre as mãos. O pai dele resmunga um palavrão, corre e tenta arrancar o fio. Isolte grita. Mas nem isso adianta.

E eu... caio para trás.

Meus ombros batem nos pilares. Contemplo o ouro que agora ondula em volta do meu peito, parte dele atingindo as marcas de perfuração das espadas. Vê-las desperta a dor que me cerca por todos os lados, meu sangue se mistura com todo o restante.

— Slade... — Minha voz é só um sussurro, mas ele me ouve.

Ele sempre me ouve, mesmo quando não digo nada.

Com uma fúria animalesca em sua expressão, Slade arranca a espada do cinto, a levanta e *ataca* o tecido. Não deveria haver nenhuma esperança contra a espada de Slade, mas os fios absorvem o golpe, imunes à lâmina afiada.

Ele ataca de novo e de novo e de novo.

Projeta toda a sua força bruta sobre a espada, tentando jogar o corpo através do tecido, cortá-lo, e derrama tanta podridão na barreira que as veias nocivas se espalham completamente, quase me impedindo de vê-lo.

— Aguente, Auren! Aguente!

Mas meus joelhos tremem e minhas pernas cedem. Só não afundo no ouro porque as raízes negras e líquidas parecem me sustentar e me manter flutuando.

O pânico domina seu rosto, e é aí que percebo que não há esperança. Ele não consegue me alcançar.

A pura tortura em seus olhos faz minha alma se *partir*.

Meu lábio inferior treme. Meu amor por ele verte tanto quanto meu poder, se acumula à minha volta, deseja poder alcançá-lo.

Mas não pode.

Eu não posso.

Ele veio atrás de mim, mas não consegue chegar até mim.

Lágrimas quentes desenham linhas em meu rosto. Mas tento contê-las. Tento sorrir para ele.

— Me encontre em outra vida.

— *Não*! — A angústia que sai de sua garganta parece cair bem aos meus pés.

Pisco, apoio a cabeça nas colunas, e vejo quando ele levanta as duas mãos de repente. E então sinto os cabelos na minha nuca se arrepiarem.

No momento seguinte, a magia se projeta com tanta força que rouba o ar do meu peito e o segura nas mãos.

Magia pura explode de seu corpo e encharca a barreira.

Assim que o contato acontece, toda a cúpula começa a vibrar. Vários monarcas seguram a cabeça, recuam, enquanto o príncipe desmaia e seu corpo fica imóvel.

O poder de Slade domina o ar.

Ele o direciona por completo rumo ao escudo de dupla camada na minha frente, derramando toda a sua energia na área ao redor do meu cercado. Minha pele se arrepia, os ouvidos apitam e até o ouro podre ao meu redor age de maneira errática. Um vento anormal sopra do local onde ele tenta romper a barreira, e fico presa na tempestade de sua ferocidade elétrica.

Seu corpo treme, as veias se contraem e se expandem em uma pulsação macabra. Posso ver os músculos de seu maxilar trabalhando, vejo a determinação feroz em seus olhos enquanto espinhos explodem dos braços, enquanto fico cada vez mais fraca.

— Aguente firme!

Quero dizer que estou tentando, mas não consigo pronunciar as palavras.

— Aguente!

As palavras irrompem de sua garganta ao mesmo tempo que o ar é rasgado de repente.

Deparo-me com o rompimento do tecido diante de mim, como se alguém o tivesse agarrado e rasgado ao meio. Uma rajada de vento perfumado sopra meu cabelo, e olho para a fenda de três metros. É um espaço aberto entre os pilares, uma abertura que se estende até o chão, fazendo um pouco do meu ouro escorrer ali para dentro.

O corte aberto é repleto de nuvens turbulentas em preto e branco que se agitam em suas profundezas estreladas e eletrificadas. Parece infinito, etéreo, e assim que sinto o cheiro no ar, a fera dentro de mim *canta*.

Porque ele traz a brisa de casa.

Sinto-me soltar o ar que mantive preso no peito por vinte anos. Com esse longo suspiro, a pele esquenta e meu ouro *brilha*.

Eu era o solzinho dos meus pais. E com o mundo degolado, com o fragmento de *casa* dentro daquele abismo, eu me *sinto* como um. Como se eu pudesse simplesmente cair naquele céu aberto e brilhar para sempre.

Mas quando desvio o olhar da fenda bem na minha frente, do ar espelhado e manchado dentro dela, vejo a expressão no rosto exausto de Slade.

Vejo a compreensão horrorizada em seus olhos escuros.

O brilho, o calor, a luz, tudo se apaga. Tudo fica preso em minha garganta e me sufoca.

— Auren...

No momento que ele profere meu nome, eu entendo.

Slade engole em seco e balança a cabeça.

— Eu estava tentando romper a barreira para chegar até você̂, mas...

Mas ele abriu uma fenda para Annwyn.

— Auren. Você̂ precisa entrar nela.

Arregalo os olhos, o ouro líquido se agita em ondas ao redor dos meus ombros. Se as runas que me forçam a drenar minha energia não me matarem, vou me afogar em ouro.

— Auren.

Olho do rasgo para ele e sinto muito medo, mas sei que é o único jeito, porque ele tentou de tudo, e é o meu *lar*. Annwyn é meu lar e...

Mas então percebo.

Então eu realmente vejo.

— A fenda... você̂ não consegue chegar à fenda.

Seus lábios se comprimem em uma linha fina, os olhos transbordam uma agonia muda.

— Você̂ tem de vir comigo — digo, em pânico, apavorada, desesperada.

Slade balança a cabeça, e sinto minha base tremer.

— Não posso. Você̂ precisa ir, amor. *Você̂ precisa ir*. Não consigo chegar aí, e você̂ não pode ficar. Está desvanecendo.

Minha cabeça treme e lágrimas escorrem dos meus olhos.

— Não posso. Não posso. Não sem você̂. — imploro. Resisto. *Uivo*.

— Olhe para mim — ele ordena, mesmo com o peito arfando. — Você̂ tem de entrar. Você̂ é forte. Use a raiva para alimentar sua coragem e se salvar novamente.

Soluços rasgam minha alma, a angústia me sufoca.

— Mas...

— Eu *vou* te encontrar. Vou te encontrar nesta vida. Prometo. Mas você̂ tem de ir. — Duas lágrimas molhadas escorrem por seu rosto, e a imagem faz a

angústia cortar minha alma. — *Por favor, amor*. — A súplica sangra nas falhas da voz dele. Apunhala meu coração.

— *Slade...*

Ele assente. Tenta me dar força. Os olhos escuros e aura ainda mais sombria penetram em mim, me cercam.

— Vou te encontrar, Pintassilgo. Juro. Agora *voe*.

Então, com um soluço sufocando a garganta, fecho os olhos. Levanto os braços. Inspiro o ar que queria que estivesse carregado com seu perfume. E mergulho naquele desconhecido insondável e familiar.

Através da fenda entre os mundos, com o coração rasgado, deixo Orea para trás e mergulho nas profundezas tempestuosas de Annwyn.

Sozinha.

65

SLADE

Eu a vejo cair.

Vejo Auren se jogar no céu agitado e tempestuoso da passagem rasgada até Annwyn. Vejo quando desaparece na abertura que criei.

Preciso controlar as extremidades irregulares e desfiadas o máximo que puder. Dar a ela todo o tempo possível. Seguro com tanta força que não consigo sentir os dedos. O poder que vaza de mim é rápido e abundante demais para eu poder sustentá-lo. Mas ainda espero, tremendo, me esgotando, com os espinhos perfurando as costas e as presas rasgando o interior da boca.

Ainda não.

Sinto os nós dos dedos estalarem, sinto as pernas ameaçarem ceder. Mesmo assim, mantenho o rasgo aberto, conto cada segundo, porque não sei se a fenda precisa permanecer aberta para garantir a segurança dela, para que chegue a Annwyn. Mas se for assim, preciso aguentar.

Então aguento.

Quando meus joelhos se chocam contra o chão rachado e deteriorado, eu aguento. Quando minha cabeça se inclina e as mãos tremem, eu aguento.

Quando o ar sai de mim em sopros dolorosos, o queixo estala, as costas arqueiam e o coração parece que vai explodir minhas veias purulentas, eu aguento.

Aguento por muito mais tempo do que meu corpo quer, gasto mais poder do que disponho. Aguento até meu corpo não fornecer mais esse poder bruto e exposto. Poder que eu nem deveria ser capaz de usar, e certamente não para degolar o mundo.

Quando entrego minha última gota de poder, o rasgo se fecha. O barulho é quase ensurdecedor quando o ar volta ao lugar.

Meu poder sente o impacto do colapso e estala como um pedaço de montanha desmoronando. Sua forma irregular despenca em um mar que o engole inteiro, sem deixar vestígios dele. É como se a fenda nunca tivesse existido.

Eu desabo no chão.

O mundo gira, sinto meu peito vazio, e não acho que conseguiria invocar um único fragmento de poder, podre ou bruto, nem que minha vida dependesse disso. Eu me sinto morto, pronto para rolar direto para uma cova.

Mas fiz uma promessa a Auren.

Então, em vez de me permitir sucumbir à escuridão que quer me engolir, eu me viro. Faço um esforço e me levanto.

Caio de joelhos novamente. Balanço como uma árvore ao vento, caio contra a barreira de tecido ainda de pé. Grito comigo em pensamento, tento ameaçar minhas pernas para obrigá-las a me sustentar, embora não estejam ouvindo porra nenhuma.

Quando me preocupo com a possibilidade de realmente mergulhar na inconsciência, duas mãos aparecem, mãos fortes que me levantam e me mantêm em pé. Eu giro, quase caio de novo, mas as mãos me estabilizam e me amparam.

— Relaxe! Sou eu.

Pisco confuso e vejo Ryatt cada vez mais nítido.

— Porra. Você parece... — Ryatt se cala, como se não conseguisse traduzir com palavras meu estado desastroso. — Você acabou de fazer o que eu acho que fez?

— Rasgar a garganta do mundo de novo para salvar Auren? Sim.

— Porra — Ryatt comenta. — Eu nunca deveria ter dito o que disse... que Auren devia vir para cá. Eu estava errado.

Se eu não me sentisse quase morto, talvez até ficasse chocado.

— Acho que nunca ouvi você admitir que estava errado.

— Venha, preciso tirar você daqui — ele diz, com uma expressão sombria. — Não está em condições de se defender neste estado. Quando essa barreira cair, esses filhos da puta podem tentar te atacar.

Olho por cima do ombro para os monarcas, os nobres e o punhado de guardas.

Eles têm muita *sorte* por eu estar fraco demais para usar mais poder, por estarem atrás de um escudo que me impede de apodrecer todo mundo. Porque se as coisas fossem diferentes, se eu não estivesse tão arrasado, estariam mortos. E, a julgar pela cara deles, todos sabem disso.

A Rainha Kaila parece nervosa. O Rei Merewen está completamente aterrorizado. Acho que o novo rei do Quinto pode ter cagado na calça.

Isso só me dá uma pequena dose de satisfação.

Eu encaro todos eles, e eles sabem. Na próxima vez que os vir, vou matá-los.

O garoto permanece caído no chão, mas já recobra a consciência. Engasga e tosse, os primeiros sinais de que está acordando, e assim que acorda, sua barreira começa a ondular como um cobertor sacudido pelo vento.

— Hora de ir — Ryatt insiste. Depois joga meu braço sobre os ombros e quase me arrasta em direção a um timberwing. — Consegue voar sozinho? Vamos chegar mais depressa, se puder viajar na sua sela.

— Eu posso montar.

— Tem certeza? — ele pergunta, inseguro.

— Já falei que posso voar — respondo.

— Tudo bem, tudo bem, babaca. Vamos.

— Como veio parar aqui? — pergunto, cambaleando em direção à fera. Odeio admitir que não teria sido capaz de percorrer essa distância curta sem o apoio de Ryatt. — De quem é esse timberwing? Cadê o Argo?

— Nossos soldados me alcançaram, exatamente como eu disse que aconteceria, quando te encontrei naquele deserto. Argo está voltando para o Quarto. Provavelmente, já está em um navio. Está em boas mãos, garanto. Um deles é um reparador de animais.

O alívio enche meu peito.

Com um movimento vigoroso, Ryatt me empurra para cima da sela do timberwing agachado e me prende rapidamente com a correia.

— Podemos alcançar os outros e embarcar no mesmo navio. Duvido que algum desses filhos da puta tente alguma coisa quando estivermos dentro das nossas fronteiras.

Mas balanço a cabeça, estendendo a mão para segurar seu punho.

— Eu não vou para o Quarto.

Ryatt para e olha para trás, para o escudo que começa a se romper e esgarçar.

— De que porra você está falando?

— Vou para Poçomorto.

Ele franze a testa, abre a boca para dizer alguma coisa, mas então compreende.

— Você vai para a degola.

Assinto.

— Tenho de encontrá-la, e não vou ter forças para usar mais poder bruto. Não posso abrir outra fenda agora.

Ryatt balança a cabeça.

— Poçomorto fica muito longe daqui. Vamos precisar trocar os timberwings.

— Você vem comigo? — pergunto, surpreso.

— Sou seu irmão. Claro que vou com você, porra.

Estudo seu rosto e vejo a determinação e a lealdade estampadas nele. E assinto. Porque no fim das contas, por mais difíceis que sejam as coisas entre nós, por mais discussões que tenhamos, somos irmãos. Ele me dá cobertura, eu faço o mesmo por ele, e isso é tudo.

— Só não vá cair daí — Ryatt ordena antes de correr e montar no outro timberwing, o dele, que peguei emprestado para vir até aqui.

Se ele e seu grupo não tivessem me encontrado no deserto, se eu não tivesse aparecido aqui naquele momento, Auren estaria morta. Pensar em como ela esteve perto de morrer faz meu sangue gelar.

Batemos de leve os calcanhares nas feras, que decolam juntas no mesmo momento em que a barreira cai como uma camisa que é arrancada de um prendedor de roupas e carregada pelo vento. Os outros monarcas observam a decolagem e se espalham como formigas, com medo de que eu voe de volta e os pegue.

É bom que tenham medo. Espero que se sobressaltem a cada sombra. Que se contorçam com cada linha escura que surgir em um olhar de relance. Espero que vivam olhando por cima dos ombros, observando, esperando que eu esteja lá, caçando-os.

O timberwing em que estou montado solta um rugido, e os monarcas estremecem, arrancando de mim um sorriso cruel. Então ultrapassamos a barreira das nuvens e não os vejo mais.

E começamos a corrida em direção a Poçomorto.



A viagem é longa, e sinto cada momento com intensidade, assim como na jornada desde o Quarto para ir atrás de Auren. Felizmente, consegui permanecer na sela, embora não tenha estado consciente durante a maior parte da viagem do primeiro dia e da primeira noite. Estava fraco demais para fazer qualquer coisa, então Ryatt indicou o caminho, fez os planos e nos manteve em movimento.

Eu dormia quando era hora de pousar, comia quando ele punha a comida na minha mão e segurava as rédeas com vigor exagerado, enquanto minhas forças esgotadas voltavam lentamente.

Mas algo estava diferente.

Consegui usar minha magia normal outra vez no terceiro dia, fazendo a grama murchar e apodrecer sob meus pés. Porém, dois dias depois, quando minha podridão voltou ao normal, tentei ver se conseguia usar poder bruto e abrir outro rasgo sem ter que usar o de Poçomorto.

E não consegui.

Não produzi mais que um leve tremor, quase um soluço. Não, eu não conseguia invocar *nada* da magia bruta.

Tem um buraco dentro de mim, onde antes costumava ficar o poço de energia bruta, e agora está *vazio*.

Como se eu realmente o tivesse secado, como se agora só restasse terra ressecada e decomposição indomada.

Não contei a Ryatt. Não reconheci nada disso. Pelo contrário, repeti para mim mesmo que só precisava de mais tempo. Calei o medo ao alimentar a determinação dos meus pensamentos. Acalmei as dúvidas tocando a fita de Auren no meu bolso. Auren precisa de mim, e vou encontrá-la, simples assim.

E daí se meu poder bruto está estéril no momento? Ele voltará. Tem de voltar, porque não quero pensar no que acontecerá aos aldeões e à minha mãe, se isso não acontecer.

Tirei Auren de lá, e é isso que importa. Só preciso chegar a Poçomorto para segui-la.

Enquanto viajamos, sou devorado por incertezas. Não sei se Auren se machucou quando caiu na fenda. Não sei onde está ou se está segura. Até poder vê-la com meus próprios olhos e senti-la sob as mãos, não vou descansar.

Quando enfim chegamos a Poçomorto e ao coração de Drollard Village, sinto-me prestes a explodir. Muitos dias se passaram.

Preciso encontrá-la. Preciso estar do lado certo das estrelas e no mesmo mundo onde ela existe.

Minhas botas esmagam a neve quando corro pela vila pacata. Estou tão focado em chegar à fenda, em ir até ela, que nem percebo *como* tudo está silencioso. Não percebo que não tem ninguém fora de casa, mesmo no meio do dia.

Ryatt grita meu nome quando corro rumo à caverna, mas não diminuo a velocidade e continuo subindo a colina inclinada, escorregando na neve a cada passo. Chego à caverna, passo pela casa da minha mãe, meus passos ecoam nas cavidades iluminadas de azul.

Quase lá.

E quando viro a esquina, justamente quando chego à caverna aberta e deveria sentir alívio, paro de repente.

Pisco. De novo e de novo. Olho em volta, à esquerda e à direita. Porque certamente, certamente não estou enxergando direito. Ou errei uma curva em algum ponto do caminho. Ou... não. Não, porque conheço esta caverna, sei o lugar exato e...

— Slade — Ryatt me chama ofegante quando me alcança, quase me atropelando, e nós dois falamos ao mesmo tempo.

— Todo mundo... — ele começa.

E:

— A fenda... — eu começo.

— *Desapareceu.*

Pronunciamos as palavras ao mesmo tempo, e o eco é como um soco no meu estômago.

A degola desapareceu.

As pessoas desapareceram.

Auren desapareceu.

E a porra do meu poder para ir atrás dela...

Desapareceu.

EPÍLOGO
RAINHA MALINA

— Está na hora.

Desvio lentamente o olhar da janela e vejo os gêmeos ali parados. Não sei bem há quanto tempo estou sentada aqui, contemplando a névoa rodopiante. Às vezes, acho que quase consigo espiar o que está além dela, mas é muito densa para eu enxergar qualquer coisa. No entanto, agora a escuridão é completa, e sei que a noite caiu há muito tempo.

Sorrio e fico em pé, olho para o vestido branco e azul que cobre meu corpo. Não me lembro de tê-lo colocado, mas é grosso e pesado, provavelmente adequado para o ritual desta noite.

Sigo os irmãos, e parece que em pouco tempo já estamos do lado de fora. Como em um sonho, quando você vai de um lugar a outro em um instante, sem tempo nem esforço.

A noite está tão escura que eu teria de me mover às cegas, não fosse pela fileira de tochas cravadas no chão gelado. Elas dão a impressão de que a neve está pegando fogo, e me afasto das chamas, sentindo uma gota de suor escorrer pela nuca.

Fassa e Friano me levam para trás do castelo e em direção ao fim do mundo.

Com os pés posicionados na beirada, espio lá embaixo. Apenas escuridão e névoa cinzenta, infinitamente. Terra e depois nada.

— Por aqui, Majestade.

Viro-me e sigo a voz deles até encontrar Pruinn parado ao lado de uma espécie de pilar bem na beirada da terra.

Não, não é um pilar, aquilo quase parece...

— Está pronta, minha rainha? — Pruinn pergunta, com uma expressão cheia de alegria, cravando em mim os olhos prateados.

Respiro o ar fresco e frio.

— Estou.

A música suave que ecoa em minha cabeça desde que cheguei aqui parece aumentar em volume. Eu a escuto nos ouvidos e sinto que reverbera nos ossos. A luz das tochas também se intensifica, embora eu não goste do calor.

Queria poder me sentar na neve e deixá-la encharcar meu vestido para me refrescar.

Mas não consigo me sentar, porque Fassa e Friano seguram minhas mãos, e então Pruinn tira do bolso uma pequena lâmina. A música é muito alta, a luz do fogo é muito quente...

Na palma das minhas mãos, a adaga traça um risco que se estende de uma das mãos para a outra, cortando as linhas e marcando-as com o vermelho do meu sangue.

— Repita comigo, Majestade.

E repito.

— *Eu sou a Rainha Malina Colier, da linhagem real Colier, e de bom grado dou meu sangue para restaurar o que foi perdido e ganhar o que é novo.*

Não tenho certeza de como é sentir a magia.

Nunca senti nada com Midas e, além de me sentir observada, não senti o assassino.

No entanto, agora sinto a magia.

Fassa e Friano batem as palmas das mãos contra as minhas, entrelaçando os dedos nos meus, viram minhas mãos para que meu sangue cubra a pele deles e pingue na neve.

E a magia *ruge*.

Como se tivéssemos acordado uma fera adormecida do ventre da terra, e ela tentasse abrir caminho e sair de lá. Cada gota de sangue que parece pintar o chão desperta alguma coisa no centro das minhas entranhas.

O mundo gira.

A magia uiva como um lobo para o céu sem lua.

Depois vêm o vento e os tremores.

A terra começa a tremer com tanta força que realizo meu desejo anterior e caio no chão. Meus joelhos batem no gelo, e pingos de sangue mancham a neve

onde respingam.

Tudo treme tão violentamente que o lobo agora parece roer os ossos de sua presa, arranhando e quebrando. Não tenho ideia de onde estão os gêmeos ou Pruinn. Tem muito barulho para eu tentar chamá-los, e o mundo balança como um navio em águas turbulentas, por isso meus olhos também não podem procurá-los.

Cravo os dedos no chão como se fosse uma rede de segurança, e a malha de neve se dissolve entre eles. Sou jogada para o lado, rolo até as costas baterem no pilar que notei antes. O poste de pedra está esburacado, mas ainda de pé.

A dor se espalha por minhas costas e ombros, mas depois revela um novo sofrimento. Uma dor que não é consequência da pancada, mas que está em minhas veias. Como se percorresse meu sangue dos tornozelos às têmporas, congelando-o no lugar.

Meu coração amolece e a pulsação fica lenta.

E o calor das tochas não me incomoda mais, porque felizmente estou com muito frio. Como se o gelo agora fosse bombeado por meu coração e congelasse nas veias.

Não tenho certeza de quando o chão para de tremer. Quando a dor diminui. Mas me levanto, seguro o pilar em busca de apoio e, quando paro de cambalear, eu me viro para olhar a terra.

Mas... o Sétimo Reino não foi restaurado.

A terra nevada não foi recomposta, as fendas não fecharam, as lacunas não foram preenchidas. Pelo que posso enxergar à luz das centenas de tochas, tudo parece exatamente como antes.

— Funcionou.

Eu me viro ao ouvir a voz dos gêmeos e vejo os dois e Pruinn parados ao meu lado. No entanto, em vez de olharem para a terra, encaram o abismo infinito lá atrás.

Percebo, neste momento, que o que estou segurando não é um pilar quebrado. É um *corrimão*. E agora tem outro idêntico, ambos presos entre uma faixa de terra cinza e infinita que se estende como uma ponte. Contemplo sua extensão até onde a visão alcança, até onde a névoa agora parece grudar nas cordas que delimitam as laterais do caminho inclinado que se estende através do abismo eterno.

Clareza incisiva e fria invade minha mente.

Como se eu estivesse dormindo e, de repente, jogada no meio de um lago gelado, acordasse.

Acorde e pare de cheirar as flores, Rainha Fria, antes que seja tarde demais.

O reino não foi restaurado à sua antiga glória. A luz das tochas me mostra que está tão destruído e arruinado quanto estava quando o encontrei. E não há perfume de flores em meu nariz ou música em meus ouvidos.

Há sangue e alguma coisa que parece retumbar na ponte.

Como o pulso de uma fera.

Ao segurar o corrimão, o gelo se espalha sob a ponta dos meus dedos e pelo pilar de pedra restaurado. Afasto as mãos e miro os fragmentos de gelo presos nas palmas.

E aquele som continua pulsando no chão.

Fito os gêmeos com o medo congelando meu coração.

— O que vocês fizeram? — sussurro.

Eles se voltam para mim e, de alguma forma, parecem mais assustadores. Os ângulos de seus rostos são mais duros, e os olhos não demonstram gentileza alguma.

Até o olhar de Pruinn, que sempre me atraiu, agora parece me afastar, de alguma forma, em especial quando é acompanhado por um sorriso que revela caninos afiados presos nas gengivas.

— Quer saber o que *nós* fizemos? — Eles e suas vozes misturadas soam como uma navalha deslizando no vidro. Mas são as orelhas. Suas *orelhas*...

— Com seu sangue e nossa magia, restauramos o que estava quebrado.

Observo a ponte. Olho na direção daquele retumbar que percorre toda sua extensão como uma batida constante. Porque conheço a história dessa ponte.

Todo oreano a conhece. Essa é a ponte de Lemúria.

Minha boca fica seca. Olho de novo para os rostos angulosos, para a ponta de suas orelhas.

— Vocês são feéricos.

O terror toma conta de mim e eu cambaleio, mas eles apenas me observam com indiferença. Como se eu fosse um coelhinho capturado em sua armadilha, e eles tivessem me distraído tanto que nem percebi.

— Falei que ela tinha sangue real puro — Pruinn comenta. — Eu senti.

— Muito bem — os gêmeos elogiam.

— O que vocês fizeram? — pergunto novamente, e minha voz treme tanto quanto o chão. — Não foi com isso que concordei.

— Foi, sim. Você fez um acordo, Majestade. Precisávamos do sangue puro de um membro da realeza oreana para aceitar a restauração da ponte, e você deu o seu.

Aquelas batidas na ponte ficam mais altas, mas percebo tarde demais que não são tambores. Parecem... *passos*. Como mil pés marchando pela pista. Todo o meu corpo treme com o pulsar sinistro.

— O que é isso? Quem se aproxima?

Não gosto de como os sorrisos deles se tornam cruéis. Mas é a resposta unificada que faz o terror invadir meu coração.

— Os feéricos estão voltando. E, desta vez, Orea será nossa.



Três rainhas

Parte um

Era uma vez três rainhas,
todas muito diferentes.
Uma era uma belezura, outra muito pura, a última era uma cura.

Uma rainha que nasceu, e uma rainha que foi feita.
E uma videira dourada que à sombra crescia perfeita.

Uma era noite, e a segunda o anoitecer caindo.
Duas muito diferentes, as duas na desconfiança submergindo.
A terceira era outro desencontro (esta era o amanhecer).
Mas uma coisa que tinham em comum? Todas elas...
acabaram por desaparecer.

A anoitecer desapareceu em uma ponte,
A noite estava destinada a ser assassinada.
E por uma fenda no ar,
A amanhecer teve que ser empurrada.

Assim seguia o Destino,
enquanto as deusas se aproximavam.

Da eclosão de estrelas,
o destino delas desabrochava.

Mas sortes podem mudar e resultados podem falhar.
E cada tipo de rainha precisa aprender a acessar
— seu poder (pois nem todo poder é mágico),
ou seu futuro seria apenas trágico.

Era uma vez três rainhas,
todas muito diferentes.
(Elas precisavam aprender como ser confiantes.)

Uma era muito fria, a segunda era corajosa.
Claro, a terceira, era sempre a generosa.
Todas elas — cada uma — deixavam desejos em polvorosa.

E o desejo é um perigo
num mundo de muita ganância.
Portanto, ainda não era certo
que o plantio brotaria em abundância.

Mas todas elas plantaram,
cada rainha sua raiz enterrou.
Nos mundos,
seu fruto regado com sangue brotou.

Pois cada uma cruzou uma ponte que conseguiu criar,
cada uma tinha o mundo que queria conquistar.

Mas sangue, coração e ouro não devem temer,
pois somente elas podiam decidir o que o Destino faria acontecer.

CONTINUA...

AGRADECIMENTOS

Esta é a parte em que explico como escrevi este livro e a quem tenho a sorte de agradecer — e tem muita gente que tornou isso possível.

Mas se eu fosse reconhecer, com toda a honestidade, como este livro foi feito, não seriam apenas palavras. Seriam minutos passados em pânico. Seria contar os nós que contorceram meu estômago quando me convenci de que não estava fazendo algo bom o bastante. Seriam as lágrimas toda vez que soube que estava falhando. Seria um acúmulo de ansiedade silenciosa que fermentava no fundo da minha consciência. Seria o peso das expectativas em minhas mãos, a pressão que sentia toda vez que levantava um dedo para digitar uma letra. Seriam as noites em que acordei suando frio. Seriam horas e horas de mensagens de voz de brainstorming. Seria um suspiro de alívio cada vez que eu cruzava a linha de chegada de um capítulo. Seria a coleção de frases escritas em uma problemática sala de sprint. Seria ouvir as vozes dos personagens na minha cabeça, as cenas de cada capítulo parecendo um filme. Seriam meus olhos no calendário, vendo o prazo cada vez mais perto. Seria a quantidade de abas que abri para sinônimos, antônimos, definições, imagens pesquisadas, termos para descobrir como algo funciona ou qual aparência tem. Seria a culpa toda vez que me sentava e não trabalhava. Seriam as melodias de músicas sem palavras e o som de chuva que toquei ao fundo. Seriam as dezenas de embalagens deixadas na minha mesa de cabeceira para o lanche da meia-noite, quando eu ficava acordada até tarde para trabalhar depois que minha filha ia para a cama. Seriam as dezenas de milhares de passos que dei quando tentei descobrir as jornadas desses personagens.

Foram todas essas coisas que realmente constituíram a realidade de escrever este livro. E, apesar de tudo, foram as pessoas da minha vida que

estiveram lá para me ajudar a ficar firme, para me lembrar por que amo esta história e o que estou tentando contar. Foram as pessoas que me amam e me apoiam de modo incondicional, e sou absolutamente sincera quando digo que não teria conseguido sem elas.

Meu marido e minha filha, vocês são minha felicidade diária e eu amo vocês demais. Meus pais e minha irmã, eu nunca teria começado a escrever sem o apoio de vocês, então foi por causa de vocês que não desisti do meu sonho.

No mundo dos livros, as coisas podem ser muito competitivas e isoladas, mas tenho sorte de ter encontrado um grupo de pessoas incrivelmente inteligentes e solidárias. Sarah A. Parker, obrigada por me ajudar em cada capítulo, por me fazer concentrar na sala de sprint e pelas inúmeras vezes em que me deixou andar de um lado para o outro e falar sobre meu brainstorming. Ivy Asher e Ann Denton, fico sempre muito nervosa quando vocês leem, mas sei, sem dúvida, que vão me ajudar a melhorar cada livro, e com *Glow* não foi diferente. Vocês me devolveram a confiança e sempre entenderam o que estou tentando dizer ao longo da jornada de Auren.

CR Jane e Candice, sou muito grata por sua visão e por terem reservado um tempo para ler isso tão rapidamente enquanto meu prazo me atropelava.

A Helayna, obrigada por limpar minhas bagunças e fazer este livro brilhar.

Amy e Bex, obrigada pelos toques extras no livro para tornar cada edição especial. Aubrey, sou muito grata por seu olhar lindo e criativo. Sempre sei que vou adorar tudo que você cria para esta série.

Minha agente, Kim Whalen, você se arriscou com uma autora independente cujos livros já tinham sido publicados e, desde então, levou esta série a outro nível, e sou muito grata por todo o trabalho que está fazendo.

Rebecca Hilsdon e Jorgie Bain da Penguin Random House Reino Unido, seu entusiasmo pela série significa tudo para mim, e estou muito animada para ver o que vai acontecer a seguir!

Mas, principalmente, quero agradecer aos leitores. Esta série não seria nada sem vocês. Continuo impressionada com seu apoio veemente e seu entusiasmo sem fim. Para todos os booktokers e bookstagrammers que divulgaram a série, vocês trazem constantemente um sorriso ao meu rosto ou lágrimas aos meus olhos. As coisas que criam, as palavras autênticas que dizem... isso me deixa sem palavras.

Então, obrigada a todos por confiarem em mim para conduzir a jornada de Auren. Sou extremamente grata a cada um de vocês. Obrigada por cada vídeo,

cada postagem, cada crítica e cada recomendação. Todas as coisas boas que aconteceram nesta série são por sua causa.

— R.K.



SOBRE A AUTORA

Raven Kennedy é autora best-seller, e seu amor por livros a incentivou a criar seus próprios mundos. A série **A Prisioneira Dourada**, uma romantasia dark, já foi vendida para mais de quinze países, se tornou *best-seller* do *The New York Times*, *USA Today, Sunday Times* e *Spiegel*, atingiu o primeiro lugar dos mais vendidos da Amazon e já vendeu mais de quatro milhões de exemplares no mundo.

A série **A Prisioneira Dourada** ganhará uma adaptação para a televisão pela produtora Mandalay Television, de Peter Guber.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
CAPÍTULO 64
CAPÍTULO 65
EPÍLOGO
TRÊS RAINHAS
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA